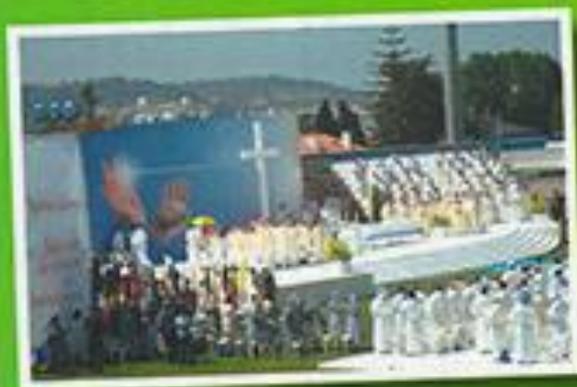


# Sereis o meu Povo



# Um Deus que caminha com os homens

## 1º BLOCO

(do início da catequese até ao Natal)

Ao longo deste ano vamos percorrer a história da salvação e deter-nos em alguns momentos fundamentais dessa história de amor que Deus quis escrever e viver connosco.

Nesta primeira fase – desde o início da catequese até ao Natal – vamos apresentar às crianças o Deus criador, origem do mundo e da vida, que tem um plano de salvação para oferecer aos homens e mulheres que criou; e vamos sublinhar o empenho de Deus em vir ao encontro dos homens, em revelar-lhes o seu rosto, em apontar-lhes caminhos de Vida. Esse encontro entre Deus e os homens começa com a revelação a Abraão, mas atinge o seu ponto culminante com o nascimento de Jesus Cristo, o Filho que veio revelar-nos o rosto do Pai.

### **Este bloco:**

Começa por pôr em destaque a ação de Deus na criação do mundo – essa “casa” bela e cheia de harmonia onde a humanidade vai habitar; sublinha o lugar do homem e da mulher – criados à “imagem e semelhança de Deus” – no plano divino; procura mostrar que, desde o início, o projeto de Deus é fazer com que todos os seus filhos e filhas tenham Vida em abundância.

Garante que o mal que desfeia o mundo e que traz dor e sofrimento à humanidade não é uma criação de Deus, mas o resultado das escolhas erradas do homem (contra as propostas e as indicações de Deus).

Mostra que o plano salvador de Deus se concretiza sempre num cenário e num enquadramento comunitário: Deus escolheu e chamou uma família – a de Abraão – para com ela começar uma história de comunhão e de encontro e para, através dela, se revelar à humanidade inteira.

Apresenta algumas figuras de homens e de mulheres que, pela sua fé, pela sua confiança em Deus, pela sua doação e entrega aos outros, pela forma como aceitaram o projeto de Deus, poderão tornar-se referências e modelos de vida para todo o Povo de Deus.

Em contexto de "advento", destaca a figura de Maria, a mulher que, com o seu "sim" a Deus e ao seu projeto, tornou possível o encontro de Deus com a humanidade;

Finalmente, já em ambiente de Natal, propõe a história do nascimento de Jesus: o Filho de Deus veio ao encontro dos homens para lhes revelar o rosto e o ser de Deus, e para lhes mostrar, com palavras e com gestos, o caminho que conduz à vida e à felicidade.

**A catequese deste bloco deve levar a criança a:**

- Descobrir que Deus tem um projeto de Vida e de Salvação para todos os homens e mulheres e que toda a história humana é, desde o início, a concretização desse projeto;
- Perceber a presença e o amor de Deus em todas as coisas criadas;
- Compreender que os homens e as mulheres têm, no plano salvador de Deus, um papel especial e que o seu estatuto de "imagem e semelhança de Deus" lhes confere uma suprema dignidade no contexto de todos os seres criados;
- Reconhecer que todos os seres humanos são chamados a colaborar com Deus na criação;
- Constatar que o mal não é uma criação de Deus, mas o resultado das escolhas erradas (contra Deus) que o homem e a mulher fazem;
- Verificar que o "não" a Deus e às suas propostas tem como resultado a infelicidade dos homens.
- Escutar o chamamento de Deus, a querer caminhar com Deus e a querer integrar a comunidade do Povo de Deus;
- Descobrir, como referências e modelos, algumas pessoas que abriram o coração a Deus e acolheram o seu projeto;
- Aprender, com Maria de Nazaré, a dizer um "sim" incondicional a esse Deus que nos chama e nos convida a acolhê-lo na nossa vida e na nossa história;
- Celebrar, no Natal, esse Deus que veio ao encontro da humanidade, que se fez criança e nasceu no meio de nós para nos mostrar, com palavras e com gestos, o caminho que nos conduz à Vida.

## Deus tem um projeto para a humanidade

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Deus caminha connosco

Quem somos? Para onde caminhamos? Qual o sentido da nossa vida? Temos um rumo, um objetivo, uma meta? Somos apenas insignificantes grãos de areia flutuando ao acaso no meio de uma imensidão de galáxias? Caminhamos sozinhos e sem rumo, abandonados à nossa sorte, procurando inutilmente uma felicidade e uma realização que sempre nos escapam? Ou há alguém que preside à nossa história, que quer o nosso bem e a nossa realização, que nos indica caminhos, que cuida de nós e que nos ajuda a dar sentido ao nosso caminhar?

Desde sempre a humanidade colocou a si própria estas perguntas ou outras semelhantes... E, ao longo dos séculos, muitos homens e mulheres, de todas as raças e culturas, a partir da contemplação da história e da sua própria experiência pessoal, têm chegado a esta conclusão fundamental: há alguém – um Deus – que está na origem daquilo que somos, que faz caminho connosco pela história, que nos aponta a direção a seguir, que cuida de nós, que quer ver-nos felizes e plenamente realizados, e que espera por nós no final do caminho que percorremos nesta terra para nos oferecer a Vida verdadeira e eterna.

Para aqueles que acreditam em Deus, a história da humanidade não é um suceder-se de acasos mais ou menos fortuitos, um avançar sem rumo nem rede para uma queda inevitável, um caminho feito entre abismos e riscos em direção ao nada; mas é um caminho com um rumo definido, um caminho onde Deus está presente e onde Ele continuamente vem ao encontro da humanidade para estabelecer com os seres humanos uma história de relação, de diálogo,

de amizade, de amor, de "aliança". Nesse "caminho", esse Deus que esteve na origem do Universo, do mundo, do homem e de todos os outros seres da criação, continua a cada passo a recriar o mundo e a vida; revela-se como salvador e libertador, ajudando a humanidade a encontrar as armas adequadas para vencer o egoísmo e o mal que desfeiam o mundo; estende a mão aos seres humanos, mostra-lhes o seu amor, liberta-os das cadeias que os escravizam, oferece-lhes em cada dia a possibilidade de caminharem, livres e felizes, ao encontro da Vida verdadeira e da sua plena realização.

## **2. Deus tem um projeto para a humanidade**

A esta "história" onde Deus "está", a este caminho que a humanidade percorre de mãos dadas com o Deus salvador e libertador, os teólogos chamam "história da salvação". Por detrás deste conceito está a certeza de que Deus tem um projeto para a humanidade e que esse projeto passa pela "salvação" do homem. Dizer que Deus quer a "salvação" do homem, é dizer que Ele quer a nossa felicidade, quer que crescamos até sermos pessoas plenamente realizadas. Ele acompanha a par e passo a história dos seres humanos – desde que a vida apareceu na terra, até ao último suspiro da história da humanidade – e nunca desiste de nos apontar os caminhos que nos conduzem à felicidade verdadeira e plena.

Os cristãos têm um livro – a Bíblia – onde a ação de Deus ao longo da "história da salvação" é apresentada. Ao longo dos escritos que o compõem, os autores sagrados vão mostrando a ação salvadora e libertadora de Deus nas várias fases da história dos homens.

De acordo com os catequistas bíblicos, a ação de Deus concretizou-se, numa primeira fase, na história e na vida de um Povo – o Povo de Israel. Nos acontecimentos históricos vividos por esse Povo, nas descobertas e experiências feitas pelos membros do Povo de Deus, nas palavras e nos gestos de pessoas pertencentes a esse Povo mas que Deus escolheu e chamou para serem sinais e testemunhas do seu amor e da sua bondade, foi aparecendo e foi-se revelando o plano de salvação que Deus tinha para a humanidade inteira.

## **3. Jesus Cristo revela plenamente o projeto de Deus**

É, contudo, numa outra fase que a "história da salvação" atinge o seu ponto mais alto... Na altura prevista no Seu plano de salvação, Deus quis dar mais um passo e enviou ao mundo o Seu filho, Jesus. Jesus é o Deus que veio ao nosso encontro, que se fez uma pessoa como nós, que nos olhou nos olhos,

que falou a nossa linguagem e nos disse palavras concretas, que realizou gestos de bondade e de misericórdia que mostraram o amor de Deus por todos os homens e mulheres, particularmente pelos pobres, pelos pequenos, pelos mais humildes e marginalizados. Com Jesus – com a Sua ação, com as Suas palavras, com os Seus gestos de bondade e de amor – ficou claro que Deus quer oferecer a Vida plena, a vida verdadeira a todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, de todos os tempos e lugares, sem exceção.

Jesus, terminado o Seu caminho nesta terra, voltou para junto de Deus, Seu Pai. Contudo, esse projeto de salvação que Ele nos desvelou completamente não ficou suspenso... Ele continua a acontecer e a cumprir-se, na história dos homens, através da ação dos discípulos de Jesus, através da comunidade de Jesus. A Igreja – a comunidade dos discípulos reunidos à volta do Senhor Jesus, animada pelo Espírito de Jesus – é chamada a continuar a tarefa do próprio Jesus e a ser no mundo e no meio dos homens o rosto da bondade e do amor de Deus. É através dos discípulos de Jesus que Deus continua a oferecer a salvação aos homens e mulheres do nosso tempo.

É nesta maravilhosa “gesta”, é nesta incrível história de amor (de amor incomensurável de Deus pelos Seus filhos e filhas) que iremos “mergulhar” ao longo deste ano de catequese. Não tanto para ficarmos a saber mais coisas sobre Deus... Mas, sobretudo, para percebermos que somos convidados a integrar essa ou esta família dos filhos de Deus, essa ou esta comunidade de homens e mulheres a quem Deus oferece a salvação e a Vida plena. Esta será, também, a proposta que os catequistas vão apresentar às crianças, testemunhando perante elas a sua própria experiência de filhos e filhas de Deus, como um convite: **somos chamados a viver o projeto de Deus.**

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que Deus tem um projeto para todos os homens e mulheres e que esse/este projeto consiste em oferecer-nos a possibilidade de sermos felizes, de nos realizarmos totalmente, de termos Vida plena e eterna... A esse/este desígnio de Deus nós chamamos “salvação”.
- Descobrir que a vida tem um sentido e que podemos avançar pela vida com a certeza de que Deus vai connosco, nos ama e cuida de nós.
- Ficar feliz por fazer parte do projeto de Deus e sentir vontade de escutar esse/este Deus que nos indica caminhos de felicidade e de Vida.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Este primeiro encontro de catequese é de grande importância, devendo-se ter uma especial atenção para o facto de algumas das crianças se estarem a reencontrar depois do longo período de férias. Assim, durante o acolhimento dos pais e/ou acompanhantes, os catequistas devem estar atentos a tudo o que se passou durante este período de descanso e interrupção da catequese, proporcionando a partilha entre todos. Esta partilha deve ter como ponto de partida o uso que as crianças e os catequistas fizeram da **Agenda** "A Palavra de Deus pela minha vida fora".
- 2.** Caso haja novas crianças no grupo, os catequistas devem procurar a sua integração, ajudando-as a participar nas atividades durante o encontro, em especial no trabalho de grupos para a descoberta do que é um projeto.
- 3.** A apresentação da **Barra Cronológica**, porque o elemento condutor de todo o percurso catequético do ano, deve ser feita de forma cuidada e clara. Assim, as crianças podem perceber a sua importância e tê-la-ão sempre presente nos encontros de catequese.

## **MATERIAIS**

- Catecismos e Barras Cronológicas;
- Cópias dos documentos para entregar às crianças de acordo com a alternativa da experiência humana escolhida;
- Papel de cenário para escrever as conclusões das alternativas da experiência humana;
- Marcadores grossos, para escrever no papel de cenário;
- Autocolantes em duas cores diferentes, perfazendo o total dos grupos a formar;
- Duas velas e estante para colocar a Bíblia;
- Bíblia grande para ficar em exposição;
- Canetas ou lápis para as crianças escreverem na Barra Cronológica;
- Dísticos "Projeto", "de Deus", "Ez 34, 11 - 16", " Ex 2,23-25; 3, 7-8a", "Ex 15,1-3", "2 Sam 22,1-4", "Is 12,1-6";
- Cartão-marcador com a Oração, um para cada criança e o catequista.

## **MÚSICAS**

- "É bom estarmos juntos" (cancioneiro dos catecismos 2 e 4);
- "Confiarei nessa voz que não se impõe!".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### **Preparação da sala:**

- Colocar na parede ou sobre o **placar** uma folha de papel de cenário ou de papel de projeto.
- Sobre a **mesa** está: ao centro, a Bíblia, fechada, ladeada por duas velas, uma decorada com um número 4 (catecismo 4) e outra com o número 5 (catecismo 5). A agenda do catequista está também sobre a mesa, assim como os novos catecismos das crianças e as respectivas Barras Cronológicas, preparados para serem entregues (caso o catequista opte por usar as BC já preparadas).

### **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

- 1.** *É muito importante que o catequista prepare previamente o **acolhimento** às crianças e aos pais e/ou acompanhantes. No caso de não existir um acolhimento global preparado para todos os grupos de catequese, deverá, pelo menos, ser feito este acolhimento personalizado num tempo antes deste primeiro encontro de catequese, se possível numa sala diferente daquela em que vai decorrer o encontro com as crianças, de modo a que elas sejam levadas a perceber a importância da sua sala de catequese. Esta vai ser um local de encontro muito especial, pelo que devem entrar nela sempre de forma ordeira e em silêncio (ao longo dos encontros, o catequista deve ajudar as crianças a garantir que assim é).*

*O catequista aproveita a presença das famílias para referir a Agenda e o trabalho de leitura da Bíblia que, através das indicações desta, foi feita ao longo das férias, aproveitando para convidar as famílias a juntar-se às crianças na descoberta da Bíblia que, este ano, vai continuar a ter lugar na catequese, explicando que esta abordagem da Palavra continuará a ser feita numa perspectiva de encontro com Jesus e de aprendizagem do discipulado, isto é, aprender a viver como um discípulo, um verdadeiro seguidor do Cristo. Depois, crianças e catequistas deslocam-se para a sala de catequese, cantando (cântico n.3 do cancionero do catecismo 4):*

**“É bom estarmos juntos”**

2. Já na sua sala de catequese, o catequista, a partir da letra do cântico, sublinha a alegria do reencontro mas tendo sempre em atenção o facto de haver crianças que não se conhecem umas às outras ou que ele mesmo não conhece: parte do grupo ou todo o grupo. Neste caso, deve fazer-se uma breve apresentação, começando o catequista por dizer o seu nome, profissão, lugar onde mora, motivo porque é catequista e deixando um tempo seguinte para que as crianças refiram o nome, onde moram, onde estudam, por exemplo.

Depois, se todas as crianças tiverem trazido as suas Agendas, a catequese começa com a apreciação das mesmas e um diálogo sobre como a catequese, afinal, esteve presente nas suas férias. Caso as crianças não as tenham trazido, o catequista pede-as para o próximo encontro e este começa com a recuperação da experiência da Agenda «A Palavra de Deus pela minha vida fora». Esta introdução pode concluir-se com o cântico:

**“É bom estarmos juntos”**

De seguida, o catequista entrega às crianças os catecismos e as respetivas Barras Cronológicas, para que todos possam acompanhar devidamente o desenrolar da catequese. Explica brevemente o que é uma Barra Cronológica: A Barra Cronológica é um instrumento que usam os historiadores para nos explicarem como determinados acontecimentos importantes para a História tiveram lugar ao longo de um período de tempo, indicando a sua ordem e também o intervalo de tempo que houve entre eles. Nós este ano vamos usar a nossa Barra Cronológica para compreender melhor a História da Salvação ou, podemos dizer de outra maneira, a História do Povo de Deus, mas também para ir registando a história que nós, aqui na catequese, vamos “escrevendo”, vamos vivendo semana após semana, e por isso a nossa Barra Cronológica tem 30 partes, 30 folhas, uma por cada catequese: é a nossa história da Salvação.

3. O catequista segue com o encontro, referindo: **Provavelmente já ouvistes falar de “projetos”. Sabes o que é um “projeto”?** (Pede a uma criança para afixar no placar o dístico “projeto” e continua:.) Pode ser “um desígnio”, uma “intenção decidida de realizar um determinado ato”. Assim, eu posso dizer, por exemplo, que “tenho o projeto” de este ano estudar muito e passar de ano ou de nunca faltar à catequese e de me empenhar a fundo nas atividades. Mas um “projeto” também pode ser um “esquema”, um “plano”,

um “programa” onde estão já desenhados ou explicados os passos a dar para chegar a determinado objetivo.

**4. São capazes de pensar nalgum projeto? Lembra-se de terem feito algum projeto? Onde e com quem?** (deixar as crianças exprimir-se: é provável que falem, pelo menos, de alguns dos seus projetos escolares) Para percebermos melhor o que é um projeto, vamos fazer da seguinte forma:

1ª

**Alternativa**

1. *O catequista dá a cada criança um exemplar do documento 1 e uma caneta e, em função do tamanho do grupo, divide-o, em, pelo menos, dois grupos mais pequenos de 3 ou 4 crianças. Escolhe uma criança para ser o secretário do grupo, isto é, quem vai relatar e registar na folha de papel de cenário as conclusões do pequeno grupo, no plenário de partilha (pode colocar um auto-colante na roupa dessas crianças, para as identificar; os auto-colantes devem ser preparados em duas cores diferentes, conforme as duas tarefas a realizar pelos grupos). Apresenta, então, as ideias relativas àquilo que se pretende partilhar nos pequenos grupos, explicando previamente que devem guardar o documento até terem ouvido a explicação:*

Antes de começar a construir uma casa, por exemplo, um arquiteto faz um “projeto” – isto é, um desenho onde são definidas as linhas dessa casa, as suas medidas, a sua forma, o lugar onde ficarão as diversas divisões da casa, os materiais que irão ser usados na sua construção... Assim, mesmo antes de a casa estar construída, nós olhamos para o “projeto” e sabemos imediatamente qual vai ser o resultado final. Percebemos as várias fases por que a construção vai ter de passar e sabemos que passos dar e que trabalhos fazer para que o objetivo final – aquela casa segura, bem feita, bonita – possa concretizar-se.

Assim, vamos no(s) nosso(s) grupo(s) procurar preparar a construção de uma casa. No(s) grupo(s) (*designar os grupos por uma cor ou pelo nome das crianças*) vamos ter de elaborar uma lista dos materiais que teremos de adquirir. No(s) grupo(s) (*Nome*) vai(vão) pensar nas pessoas que vão ter de se juntar para que no final a casa fique como a projetámos.

*Após algum tempo de trabalho nos pequenos grupos, cerca de 10 minutos, o catequista chama as crianças para a realização de um breve plenário, colocando-as em redor do papel de cenário.*

Com o resultado das vossas respostas vamos agora escrever neste papel de cenário as conclusões a que chegámos. Quem ficou designado para vir escrevê-las? **Qual a lista de materiais que conseguimos? E qual a lista de profissões que vão estar a trabalhar neste nosso projeto de casa?** *(dá oportunidade a que todos os grupos registem as suas conclusões e ainda pergunta:)* **Alguém se lembra de mais algum material? Ou de um profissional que ainda seja preciso ter para que o projeto de casa chegue até ao fim?**

2ª  
Alternativa

2. Proponho-vos começar a preparar um projeto. Sabem como se vai chamar? “Um dia de passeio pelo campo”. Vamos dar esse nome ao nosso projeto porque é mesmo isso que queremos preparar: um passeio no campo. Este é o nosso objetivo.

*O catequista, em função do tamanho do grupo, divide-o em grupos de 3 ou 4 crianças e dá a cada uma um exemplar do documento 2.*

**Ora, para pudermos realizar este nosso projeto, o que temos de preparar?** Há um conjunto de perguntas que precisam de respostas ou arriscamo-nos a começar este projeto sem saber para onde ir, o que fazer, o que levar...Para isso, cada um(a), no seu pequeno grupo, deve procurar encontrar estas respostas. A mais importante é decidirem em conjunto o local que querem explorar neste passeio. Não se esqueçam de que todos têm de participar. **Como vão fazer para conseguir isso?**

*O catequista pode sugerir que cada criança fique com uma pergunta ou que cada um responda a todas e depois haja um secretário no grupo que vai compilando as respostas para chegarem a uma única proposta por grupo. Após algum tempo de trabalho no pequeno grupo, até 10 minutos, o catequista prepara um plenário com todos os grupos, procurando chegar à determinação de um local e dia para a realização do passeio. Proceda do seguinte modo:*

Vamos, então, começar por escrever todos os locais que pensaram como destino do passeio a realizar. Vamos começar com este grupo ... e agora vamos ouvir este ... (*escutar todas as crianças ou os secretários e prosseguir*) Temos, agora, de decidir qual o sítio que nos parece mais interessante e possível de efetuar o nosso passeio. (*Depois de chegarem a um consenso sobre o local, devem explicar como lá chegarão ... assim, vão passando para outros pontos a ter em conta para o projeto do passeio*). **E quando nos vamos encontrar? Onde? O que levar? Será que conseguimos realizar este nosso projeto?** Temos de ver se o concretizamos e não nos esquecemos de nada para que corra tudo bem.

*Para as duas alternativas:*

- 3. Conseguimos começar a delinear um projeto aqui no grupo, a traçar um objetivo que, de alguma forma, esperamos vir a realizar um dia. Mas já ouvistes alguma vez dizer que Deus também tem um "projeto" para a humanidade?** (*apontar para o respetivo dístico e deixar que as crianças se exprimam*). Se Deus tem um "projeto" para nós, isso significa que Ele tem um "desígnio", uma "intenção", um "propósito", um "sonho" para nós, homens e mulheres... Mas significa, também, que Ele tem um "esquema" já desenhado, um "programa" bem definido para nos fazer chegar a determinado objetivo, isto é, Ele já terá preparado (*escolher em função da alternativa 1 ou 2, anteriormente usada*) o desenho "da casa" (ou) o "local de passeio". Aqui, parece que nós somos a casa a construir (ou) o local onde passeamos, não é?... Nós somos quem vai ter um projeto... oferecido por Deus. Mas é muito melhor porque o "desígnio" de Deus para nós, o "sonho" de Deus, não está apenas no papel (*apontar a folha de cenário*), nem é apenas um desenho feito a lápis e que depois é arrumado num canto e nunca chega a ser uma casa; o "projeto" de Deus há muito tempo que está a realizar-se, que está a acontecer, que está a construir-se, que está a tornar-se realidade na história de todos os dias, na vida dos homens e das mulheres, das pessoas como nós. Nós este ano, na catequese, vamos descobrir muitas coisas importantes e interessantes sobre esse projeto de Deus para nós: vai ser o nosso trabalho deste ano, aqui na catequese.
- 4. Sabem como se realiza este projeto de Deus?** (*deixar as crianças exprimirem-se*) Deus não se limitou a fazer um desenho muito bonito no papel; Deus tem vindo a concretizar aquilo que Ele sonhou para nós, aquilo que Ele planeou

para nós. E Ele está muito, muito interessado em que esse projeto se cumpra... E o mais maravilhoso é que nós somos chamados a responder e a esse projeto. Deus não o quer fazer sem nós. **Nós temos um papel no projeto de Deus!** (afixar sob o dístico "Projeto" o dístico "de Deus") Acham que devemos ficar "parados" neste projeto ou agir, atuar? (*deixar as crianças exprimir-se, ajudando-as a perceber a importância de responder ao Projeto de Deus*). Se não atuarmos, se não agirmos, acabamos por perder a chamada de Deus, não ouvimos a voz de Deus e não encontramos o nosso caminho, ficamos perdidos. É isso que, agora, vamos descobrir, escutando a Palavra de Deus.

## II. PALAVRA

### 1. Sabem quando é que começou este projeto de Deus? (*apontar o dístico*)

Desde o início da humanidade! Só que as pessoas só foram percebendo que Deus tinha um projeto, para todas elas, a pouco e pouco. Por exemplo, há mais de dois mil e trezentos anos, um crente, uma pessoa de fé, que já se tinha apercebido de que Deus tinha um projeto para a humanidade, dizia:

*«O plano do Senhor permanece para sempre,  
e os desígnios do seu coração por todas as idades» (Sl 33,11).*

Este é um texto do Salmo 33, versículo 11, e vocês já conhecem o Livro dos Salmos: aprenderam sobre esse belo livro no ano passado, nas Catequeses 14 e 15. Depois, logo, em casa, podem ir lê-lo na vossa Bíblia (*o catequista pode pedir às crianças para registarem esta leitura no espaço da Barra Cronológica da catequese 1*).

### 2. Mas, afinal, qual é o plano de Deus? Qual é esse "desígnio" que Deus procura realizar em todos os tempos, em "todas as idades"? Que é que Deus quer fazer connosco? O que é que Ele tem para nos oferecer?

Há quase 2.600 anos, um profeta chamado Ezequiel usava uma imagem muito bonita para mostrar o que é que Deus queria oferecer-nos, qual era o seu plano: ele comparava Deus a um pastor muito bom, cuja grande preocupação era cuidar do seu "rebanho" (o seu Povo), ajudando-o a encontrar sempre Vida e felicidade sem fim. Também já aprenderam sobre isso, não é? A catequese 8 do vosso Catecismo 4 tem esse título, diz-nos "Eis o Cordeiro de Deus". E vocês viram uma bela pintura de Jesus como Cordeiro de Deus (p.39 do Catecismo 4).

- 3.** Estão lembrados do que são os profetas? (*deixar as crianças exprimir-se*)  
Muito bem: O profeta Ezequiel era um sacerdote de Israel que acompanhou o seu povo durante o exílio da Babilónia e que descobriu que no meio da provação Deus está sempre presente e guia o seu povo, o seu "rebanho".
- 4.** Por isso, vamos ler alguns versículos do livro deste profeta. Já temos a mesa preparada para que a Bíblia fique em lugar de destaque enquanto a Palavra de Deus é proclamada.

*O catequista abre a Bíblia em **Ez 34, 11-16** e acende as duas velas, explicando que uma delas representa o caminho que fizeram com o catecismo 4 e a outra o caminho que vão fazer com o catecismo 5: Com a Bíblia aqui em lugar de destaque, cada um vai abrir a sua e procurar o livro de Ezequiel, capítulo 34, versículos 11 a 16 (o catequista pode afixar no placar o dístico "Ez 34, 11 - 16").*

*O catequista convida uma criança a fazer a leitura de pé, voltada para o grupo, de modo que todos possam acompanhar nas suas Bíblias.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Ezequiel.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Assim fala o Senhor Deus:**

**«Eis que eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas.**

**Como o pastor se preocupa com o seu rebanho quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu.**

**Reconduzi-lo-ei de todas as partes por onde tenha sido disperso, num dia de nuvens e de trevas.**

**Arrancá-los-ei de entre os povos e os reunirei dos vários países, a fim de os reconduzir à sua própria terra**

**e os apascentar nos montes de Israel,  
nos vales e todos os lugares habitados da região.  
Eu os apascentarei em boas pastagens;  
o seu pasto será nas montanhas elevadas de Israel;  
estarão tranquilos em bons pastos;  
comerão em férteis prados, nos montes de Israel.  
Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas,  
sou Eu que as fará descansar – oráculo do Senhor.  
Procurarei aquela que se tinha perdido,  
reconduzirei a que se tinha tresmalhado;  
cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente.  
Vigiarei sobre a que está gorda e forte.  
A todas apascentarei com justiça».**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 5. Catequista, depois de uns momentos de silêncio:** Sim, na verdade é este “projeto” que Deus tem vindo a pôr em prática desde o início do mundo, desde o aparecimento dos primeiros homens e das primeiras mulheres.
- 6. Afinal que projeto é esse?** Levar a humanidade a encontrar Vida em abundância. Se olharem para o livro que nos conta a história da relação entre Deus e a humanidade – a Bíblia – veem continuamente em ação este **Deus que olha para o seu Povo com amor; que cuida dele; que o ajuda a vencer a escravidão, a opressão, a injustiça, o egoísmo, as divisões** (as “nuvens” e as “trevas” de que falava o texto do profeta Ezequiel); que **lhe ensina os caminhos que conduzem à liberdade;** que pega no seu Povo ao colo quando ele já não tem forças para caminhar pelo deserto, que **o alimenta e lhe dá forças;** que convida este Povo para uma “aliança” e estabelece com ele laços familiares: lembram-se de termos aprendido sobre isso no ano passado? (*Catequese 20 do Catecismo 4*) Aprendemos que uma “aliança” é uma promessa de fidelidade e de amor, aquela que Deus, ao longo da história, fez com o seu Povo, **oferecendo-lhe continuamente a possibilidade de encontrar a felicidade** e de descobrir Vida em abundância.

**7. Então, qual é o “sonho” de Deus?** O plano de Deus, o projeto de Deus para nós, para o seu Povo, é que nós sejamos felizes e tenhamos Vida verdadeira, Vida para sempre, Vida sem fim. E o que será uma vida sem fim? É uma Vida, a nossa Vida, de amor a Deus e ao próximo, de procura do bem, de esforço constante para sermos bons e, se algumas vezes não formos capazes, de conseguirmos arrepender-nos dos nossos pecados e pedirmos perdão a Deus e a quem nós ofendemos, nós magoámos. E Deus não desiste – nunca desistiu, nem nunca desistirá – de ir ao nosso lado, na nossa vida e nesses caminhos que a humanidade vai percorrendo todos os dias, a fim de nos dizer para onde é que nós devemos ir e o que devemos fazer para encontrar essa felicidade que Ele nos quer oferecer.

**8. Ao longo deste ano de catequese, como vamos descobrir este projeto de Deus?** Vamos olhar para a história da humanidade, das pessoas, que anda à procura de Deus, como nós, e vamos ver na Bíblia – o livro que nos conta essa história – como é que Deus se tem relacionado connosco. Vamos olhar para factos, para histórias, para pessoas –algumas que viveram há muitos séculos – e vamos descobrir que Deus tem estado sempre ao nosso lado, que Ele tem sido um “Bom Pastor” que cuida de todos nós e nos aponta os caminhos onde nós podemos encontrar a felicidade, onde nós podemos descobrir a salvação, onde nós podemos achar a Vida verdadeira e eterna. Podem ver em casa, durante esta semana, outros textos bíblicos onde Deus não se esquece de nós.

*O catequista deve afixar no placar as referências bíblicas que pretende que leiam ou entregar-lhes uma folhinha com estas. Depois, pede às crianças que recordem um pouco o conteúdo dos livros, conforme o que aprenderam anteriormente. Se tiverem dificuldades em contar, o catequista explica cada livro das referências apresentadas.*

**Ex 2,23-25; 3, 7-8a**

*O catequista refere que o livro do Êxodo faz parte do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia e que formam um conjunto a que os judeus denominam de Torá. O livro do Êxodo relata a vida do Povo de Israel submetido à escravidão no Egito e a sua libertação pela intervenção de Deus. Nestes versículos Deus ouve o clamor do seu povo e vem em seu auxílio (Catequese 12 do Catecismo 4).*

### **Ex 15,1-3**

*O povo de Israel saboreia a libertação da escravidão e canta de alegria a Deus que é a sua força.*

### **2 Sam 22,1-4**

*O povo de Israel viveu por volta de 1010 A.C. um período de monarquia em que um dos reis foi David. Recebeu a unção de Deus e, apesar das suas fraquezas, foi sempre recordado como um rei muito crente. Segundo a tradição compôs vários salmos e cânticos, um deles o que aqui é lembrado (Catequese 15 do Catecismo 4).*

### **Is 12,1-6**

*O povo de Deus que tinha prometido deixar-se guiar sempre por Ele, por vezes afasta-se e esquece-se da Aliança que fez. Assim, é muito importante a ação dos profetas, os arautos de Deus, os que despertam as consciências e apontam o caminho para Deus. Entre os grandes profetas Isaías tem uma participação muito ativa na vida de Israel, chamando todos continuamente à fidelidade a Deus, Todo-poderoso (Catequese 14 do Catecismo 4).*

- 9.** Como podem ver a história do Povo de Deus ao longo da história foi cheia de acontecimentos. Vamos aprofundar e conhecer alguns desses acontecimentos ao longo deste ano de catequese, como já vos referi. E, por causa disso, vamos precisar de um material especial para nos ajudar a compreender bem como é essa história maravilhosa! Trata-se de uma barra cronológica. Quem sabe o que é? (*deixar as crianças exprimir-se*) A nossa vai ter esta forma de caderno (*mostrar*) que vamos construindo e que vai ser como que uma linha do tempo, onde iremos assinalar os momentos desta história do Povo de Deus que, de uma forma mais marcada, iremos refletir.

*O catequista pede a cada criança para pegar na sua Barra Cronológica e para escrever nela o seu nome, no espaço dedicado à Catequese 1.*

- 10.** Como veem começamos por nos identificar, pois cada um terá o seu caderno. Escrevam o vosso nome na primeira página. O caminho de cada barra cronológica é um percurso que se propõe seguir cada um. **Certamente queremos compromete-nos e percorrê-lo ao longo deste ano de catequese! Estamos aqui na catequese porque aceitamos o desafio que Deus nos faz, tal como fez ao Seu Povo!** É que Deus vai-nos conduzir

no caminho em direção a Ele, porque quer para nós a verdadeira felicidade, aquela que nos enche completamente: ser fiel a Deus e amar como Ele nos ensinou.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1. Estamos interessados em ser felizes, em ter uma Vida que valha a pena ser vivida, não estamos?** As pequenas e grandes decisões da nossa vida, as coisas que nós decidimos fazer, devem orientar-se nesse sentido – a felicidade. Deus pede-nos para escolher o bem, para amar, para sermos bons e justos. Deus sabe disso, pois conhece-nos como ninguém. Por isto mesmo, a união de Deus com o homem é tão perfeita!
- 2. E nós fazemos, todos, parte do “projeto” de Deus!** Sim, a ação de Deus, que é um “Bom Pastor”, realiza-se em nós, em nosso favor. Também de nós Ele cuida, também a nós ele ama, também a nós Ele aponta os caminhos que nós devemos percorrer para ter Vida. Também a nós Ele quer ensinar o que devemos fazer e como devemos viver para sermos pessoas boas, felizes, realizadas, também a nós Ele quer “salvar”.
- 3. O que é que nós achamos que devemos fazer para que Deus possa chegar até nós e oferecer-nos essa Vida verdadeira, Vida a sério, Vida plena, que Ele quer dar a todos os seus filhos e filhas?** Talvez precisemos de alguma ajuda Sua para responder. Para isso, vamos fazer um momento de silêncio, ... estar em silêncio ... abrir o nosso coração para que Deus chegue até cada um de nós.

*O catequista, com calma e paciência, deve levar as crianças a viver um breve momento de verdadeiro silêncio. Procurará criar condições para que cada criança interiorize as descobertas que fez neste encontro de catequese. Depois, canta-se o cântico proposto e reza-se a oração indicada, primeiro em silêncio – a oração deve ser entregue, num pequeno cartão-marcador, a cada criança - e depois em coro. A. No futuro o marcador servirá para auxiliar as crianças na procura das leituras da Bíblia que vão sendo indicadas.*

*Depois desse momento de silêncio o catequista indica: Agora, vamos cantar a nossa alegria por Deus ter um projeto de vida e de felicidade para nós!*

Vamos colocar-nos de pé e cantar (*com a ajuda da gravação ou após um pequeno ensaio*):

**“Confiarei nessa voz”.**

*Após o cântico, o catequista entrega o marcador com a oração às crianças e prossegue: Vamos começar por ler a nossa Oração em silêncio... para descobrir as palavras... para sermos capazes de as entender muito bem... (após a leitura individual e silenciosa, o catequista coloca-se entre as crianças e indica que as que ficam à sua esquerda serão o grupo 1 e as que estão à sua direita, o grupo dois; depois explica brevemente:)* O grupo 1 vai ler a primeira frase da oração, o grupo 2 vai ler a segunda frase e eu lerei a terceira frase. No final, todos juntos, damos as mãos e dizemos «Amen».

*Grupo de crianças 1:*

**Ó Senhor Deus,**

**Eu sei que Tu tens um projeto de felicidade  
para todos os homens e mulheres.**

*Grupo de crianças 2:*

**E sei, também, que Tu és um Pai muito bom, que se preocupa comigo,  
que gosta de mim e que tem um projeto de felicidade para mim.**

*Catequista:*

**Ajuda-me a ouvir, em cada momento da minha vida,  
aquilo que Tu me queres dizer;  
ajuda-me a aceitar percorrer os caminhos que Tu me indicas;  
ajuda-me a perceber as indicações que Tu me dás;  
ajuda-me a fazer, não aquilo que me apetece, ou que eu gosto,  
mas aquilo que eu devo fazer para ser verdadeiramente feliz,  
para ser uma pessoa plenamente realizada,  
para viver uma vida que valha a pena ser vivida.**

*Todos:*

**Amen.**

**4. Compromisso:** Ao longo desta semana rezemos esta oração todos os dias para não esquecermos como Deus nos ama, como Ele é para nós o “Bom Pastor” que nos guia e que quer que nós sejamos verdadeiramente felizes.

Cantemos, de novo, com alegria:

**“Confiarei nessa voz”.**

*Antes de saírem, o catequista recorda às crianças que devem sempre trazer para a catequese a Bíblia e a Barra Cronológica; esta última, irá sendo completada ao longo do ano, registrando o percurso que se vai percorrer catequese a catequese.*

*Os catequistas que tiverem escolhido a 2ª alternativa da Experiência Humana podem organizar-se de modo a realizarem o projeto de passeio que planejaram em conjunto.*

***Para guardar na memória e no coração***

Deus tem um projeto para cada um de nós. Esse projeto é que nós sejamos felizes e tenhamos Vida verdadeira, Vida para sempre, Vida sem fim.

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1

##### **Para a 1ª alternativa da experiência humana: indicações para a tarefa de grupo**

Vamos construir uma casa:

*(Desenhar uma casa, a planta da casa, etc.)*

Quem vamos precisar de chamar e contratar para nos ajudar a construir a casa? *(ex. Serão precisos pedreiros, canalizadores, eletricitas...)*

- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

Que materiais vamos ter de comprar para conseguir construir a casa? *(ex. Vamos precisar de tijolos, cimento, areia, gesso...)*

- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

## DOCUMENTO 2

### **Para a 2ª alternativa da experiência humana: indicações para a tarefa de grupo:**

Vamos organizar um passeio:

*(Desenhar o local do passeio; roteiro do passeio; mapa)*

- Este passeio vai ser aonde? \_\_\_\_\_
- Onde nos vamos encontrar? \_\_\_\_\_
- A que horas? \_\_\_\_\_
- O que temos de levar? \_\_\_\_\_
- Quem pode ir? \_\_\_\_\_
- Quem não pode ir? Porquê? \_\_\_\_\_
- O que temos de fazer para que mais possam ir? \_\_\_\_\_

## DOCUMENTO 3

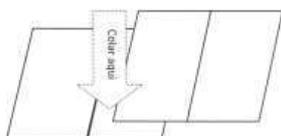
### Construção da Barra Cronológica

Esta barra pode ser constituída por um conjunto de 10 folhas A4 dobradas ao meio no sentido do comprimento formando duas folhas A5 e que serão coladas umas às outras de modo a fazer uma tira de papel. Neste caso, pode optar por construir com as crianças a toda a Barra ou ir colando cada nova folha conforme as necessidades, por exemplo, no início da catequese.

Esta Barra Cronológica também pode ser adquirida tal como editada pelo SNEC. Nesse caso, a BC já contém diversos elementos pedagógicos que facilitam o registo das atividades e a aprendizagem das crianças.

Nesta faixa serão registados - ao longo do ano - os momentos mais marcantes das catequese e o catequizando será convidado a colocar na página correspondente uma frase chave, um desenho, uma colagem que recorde esse encontro, ajudando-o a elaborar um percurso no decorrer do ano catequético.

Colar aqui



Folhas A4 dobradas

## DEUS CRIOU PARA NÓS UM MUNDO BOM E BONITO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Qual a origem do Universo?

De que mãos saiu esse cosmos impressionante, cujos espaços e fronteiras ainda não conseguimos vislumbrar completamente? Quem pintou o céu com as suas cores deslumbrantes e distribuiu pela terra os oceanos? Quem criou essa ordem admirável que podemos perceber na criação? Quem modelou, com cuidados de artista, esta terra tão bela onde a humanidade caminha e cumpre a sua história?

Desde os tempos mais recuados, homens e mulheres de todas as culturas – egípcia, suméria, assíria, babilónica – ligaram a origem do universo e da vida a Deus. Recorrendo à linguagem dos “mitos” (uma linguagem extremamente sugestiva para falar de realidades que ultrapassam a simples lógica humana), todos disseram – de forma mais clara ou mais velada, mais erudita ou mais vulgar – a sua convicção profunda de que Deus era o responsável pela criação do universo e da vida.

O Povo bíblico também chegou à mesma conclusão. Os “catequistas” de Israel, em épocas diferentes e até em lugares diferentes, desenvolveram reflexões muito belas onde expressaram a sua fé no Deus criador do universo, do mundo e da vida. Por vezes, tomaram imagens e expressões retirados dos “mitos” de origem de outros povos – por exemplo, de certos poemas mesopotâmios ou babilónicos que descreviam, utilizando a linguagem mitológica própria da época, a intervenção dos deuses no processo da criação; mas souberam adaptar essas imagens e expressões para que elas explicitassem a própria fé de Israel num Deus único, criador e salvador, que fez este mundo

bom e bonito por amor e que o ofereceu aos seres humanos para que eles pudessem realizar-se e ser felizes.

No primeiro livro da Bíblia – o Génesis – temos duas catequeses sobre a criação. A mais antiga apareceu, muito provavelmente, no séc. X a.C., e é conhecida como o “relato jahwista sobre as origens”. Podemos encontrar esse texto em Gn 2,4b-25.

Este relato apresenta-se num estilo exuberante, colorido, pitoresco e é, muito provavelmente, obra de um catequista popular que ensina recorrendo a imagens muito sugestivas e fortes. Fundamentalmente, ensina que Deus criou um mundo bom e bonito para o oferecer ao homem a fim de que o homem pudesse ser feliz. O homem e a mulher são iguais, feitos da mesma “carne”. Eles são o centro de toda a criação e é à volta deles que tudo se articula e ordena – as árvores “agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer”, os rios que asseguram a vida e a fertilidade, “os animais dos campos e todas as aves do céu”.

A outra catequese (cf. Gn 1,1-2,4a) é bem mais recente. É conhecida como “relato sacerdotal das origens”. Composta, muito provavelmente, na Babilónia, quando os habitantes de Judá estiveram exilados nessa terra estrangeira e lidavam, todos os dias, com as liturgias babilónicas que celebravam e exaltavam a ação dos deuses locais no processo criador, pretende afirmar a fé de Israel, contrapondo aos mitos de origem dos babilónios a fé num Deus único, autor do mundo e da vida. Recorrendo à linguagem poética, os “catequistas da “escola sacerdotal” ensinam que foi Deus quem fez aparecer o céu, a lua, as estrelas, os mares, a terra firme, as plantas, os animais e, por fim, o homem e a mulher, como corolário de toda a criação. Toda a criação de Deus é “muito boa”: além de bela e útil, nela não existiam tensões nem conflitos a quebrar a harmonia do plano de Deus. A criação foi confiada por Deus à responsabilidade do homem e da mulher para que eles pudessem, pelo tempo fora, continuar o processo criador, como “cúmplices” de Deus na obra criadora. É claro que este poema não é um tratado científico ou uma reportagem jornalística sobre a forma como o mundo apareceu; mas é um magnífico hino onde um crente de há muitos séculos, recorrendo à linguagem da época e a expressões literárias próprias da sua cultura, plasma o seu louvor a esse Deus que, de acordo com a catequese de Israel, está na origem do universo, do mundo e da vida. Provavelmente, era um hino usado nas liturgias em que, no sétimo dia da semana – o sábado –, os crentes israelitas reunidos em assembleia louvavam o Deus criador.

## **2. Do amor de Deus nasce um mundo bom e bonito, dado a todos nós.**

A criação do universo e deste mundo magnífico, que é a casa de todos os seres humanos, é o primeiro passo de Deus na concretização desse projeto de salvação que Ele tem para nós. A incrível beleza das coisas criadas, a espantosa harmonia das leis que regem o cosmos, as infinitas possibilidades que este mundo tão bonito nos oferece, falam-nos do imenso amor de Deus por todos os seres humanos – a quem toda a criação foi confiada – e da sua aposta incondicional em proporcionar-nos uma vida feliz e plenamente realizada. É impossível contemplar a criação “com olhos de ver” sem nos sentirmos submersos pela grandeza do amor de Deus, que preparou para nós coisas tão belas e as colocou gratuitamente nas nossas mãos. É impossível contemplar a criação sem que da nossa boca brote, espontaneamente, o louvor a esse Deus que nos preparou uma casa tão aprazível. A grandeza, a beleza e a magnificência do universo criado constituem, sem dúvida, a primeira indicação da preocupação de Deus em proporcionar aos seus filhos e filhas uma vida feliz, uma vida cheia e plena.

## **3. É claro que esta constatação nos coloca diante de algumas responsabilidades:**

A primeira é, talvez, a de respondermos com a gratidão e o louvor a essa iniciativa do Deus criador. A iniciativa de Deus é fruto do Seu imenso amor pelos Seus filhos e filhas e tem de encontrar no coração de cada homem e de cada mulher uma resposta de louvor e de ação de graças que seja expressão do nosso reconhecimento.

A segunda responsabilidade é a de cuidarmos bem dessa “casa” que Deus construiu e nos ofereceu. Tudo o que signifique explorar egoisticamente os recursos que Deus ofereceu a todos, é um crime contra a criação; a busca desenfreada das riquezas da terra, sem respeito pelas leis e equilíbrios que gerem a criação, introduz desarmonias que alteram o plano de Deus e destroem a vida; a poluição, a destruição das florestas e o envenenamento dos mares, a acumulação incontrolada dos lixos e excedentes da civilização, são atentados contra o projeto do Deus criador e têm, como resultado final, a destruição da qualidade de vida dos próprios seres humanos. Ora, nós devíamos colaborar com Deus na contínua recriação do mundo, não na sua destruição.

A criação não terminou há alguns milhões de anos atrás... Pelos séculos fora, Deus tem continuado a recriar o mundo, de acordo com o seu plano original. Compete-nos a nós, hoje, colaborar com Deus e fazer o que estiver ao nosso

alcance para que o plano de Deus para o mundo se realize. A tarefa dos homens não é destruir o mundo "bom" do "sonho" de Deus, mas completar a atividade criadora de Deus. Nessa atividade criadora colabora, de modo tão especial, cada catequista.

### **OBJETIVOS**

- Compreender que Deus é a fonte e a origem de todas as coisas criadas pois a criação é fruto do imenso amor de Deus, que quis proporcionar aos seus filhos e filhas a possibilidade de habitarem uma "casa" onde tenham todas as condições para encontrarem vida e para serem felizes;
- Desenvolver um sentimento de gratidão para com Deus pela sua obra maravilhosa em nosso favor e sentir a responsabilidade de O louvar por isso;
- Aprender a respeitar a obra de Deus evitando tudo aquilo que possa destruir a harmonia e a beleza desse "mundo bom" que Deus preparou para nós.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. O catequista deverá, de forma muito breve, recordar o quanto é importante para nós, seres humanos, Deus ter um plano, um projeto para a nossa vida. Deve sublinhar que cada um de nós faz parte deste projeto divino, isto é, que temos responsabilidades relativamente aquilo que é a nossa própria vida.
2. Do ponto de vista do processo de conversão das crianças, é importante que estas compreendam que todo o Projeto de uma vida boa e plena nasce do Amor de Deus e que este Amor é condição essencial da nossa realização e felicidade.
3. Chama-se a atenção do catequista para estar preparado para a possibilidade de algumas crianças se sentirem mais animadas para o debate "vivo" das questões que envolvem a problemática do tema "criação" e da "origem do mundo". Naturalmente, as crianças, nesta faixa etária, têm já algumas ideias sobre estes assuntos, já as questionaram, já procuraram as respostas junto dos pais, amigos, livros, internet, etc. Ajudá-las a estruturarem as suas questões e respostas, compreendendo que há um domínio de reflexão científica e outro de reflexão no domínio da fé, deverá ser um dos contributos desta sessão de catequese. Dever-se-á ter uma especial cautela no sentido de não rejeitar de forma depreciativa as opiniões que as crianças apresentarem, certamente ainda pouco estruturadas e compreendidas mas que estas consideram válidas. Sugere-se que o catequista oriente as intervenções, positivamente, para o sentido da descoberta e do percurso que poderão,

todos juntos, fazer, mas ter presente que a catequese não é uma aula de ciências ou de filosofia. Na catequese o que importa é o sentido teológico e propriamente religioso das várias realidades com que a criança se confronta habitualmente ou com que o catequista a confrontará no sentido do seu crescimento na fé.

4. Por outro lado, o catequista também deve evitar dar respostas não refletidas às crianças. Se ocasionalmente as crianças colocarem questões para as quais não se sente preparado, sugere-se que o catequista registre essas questões e consulte alguém com maior conhecimento teológico que o ajude a responder-lhes de forma equilibrada. Uma possibilidade será a de consultar algum dos sacerdotes da paróquia que pode, mesmo, deslocar-se ao grupo para lhes responder, no próximo encontro. Mas, sobretudo, o importante é que o catequista tenha presente os **objetivos desta catequese**: compreender Deus como Criador de todas as coisas, louvá-lo por isso e colaborar na obra da criança dentro das suas possibilidades, respeitando a natureza não só pelo que esta significa para a vida das pessoas – sobrevivência, conforto, beleza, alegria, bem-estar, ... - mas como verdadeira obra de Deus criador, tal como confessamos no Credo. A propósito da catequese sobre a criação refere o Catecismo da Igreja Católica: *«...não se trata de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, nem de quando apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem: se foi determinado pelo acaso, pelo destino cego ou uma fatalidade anónima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus»* (CIC, 284).
5. Pretende-se, pois, nesta sessão de catequese, que a criança consiga entender a obra da criação do ponto de vista da fé:
  - em sete dias, sinal de obra projetada, cuidada e amada por Deus;
  - como uma obra “Boa e Bonita”;
  - com um destinatário especial: todos os seres humanos;
  - como uma responsabilidade de cada um de nós: agradecermos a Deus, sermos felizes com Ele, cuidando e amando desta oferta que nos deu.
6. O catequista deverá, ainda, ajudar a criança a entender o quanto ela é participante, única e imprescindível, nesta obra de Deus, com os seus dons, com a sua ação, com o seu empenho em amar, estimar e ajudar no desenvolvimento desta obra da criação. Por esse motivo se sugerem dinâmicas que procurem suscitar nas crianças a sua imensa capacidade de maravilhamento

perante a natureza e a beleza das coisas, conduzindo-as, depois, a compreender que é de Deus que provém essa maravilha e a nossa capacidade de a sentir e apreciar.

## **MATERIAIS**

### **1. Para a sala no seu geral:**

- Gravador;
- CD ou cassete com música clássica adequada ao tema;
- Folhas com cópias do poema bíblico (só a primeira leitura será feita a partir da Bíblia) e da oração final, uma para cada criança.

### **2. Para a alternativa 1:**

- Cartolina, de cor azul ou verde, em formato redondo;
- Cola;
- Folha transparente enrolada, da mesma dimensão da cartolina redonda, onde está escrito o nome "DEUS";
- Tira de cartolina, dividida em 7 colunas, registando em cada coluna os sete Dias: 1º Dia, 2º Dia, ... Dimensões sugeridas: 1,30 cm (comprimento) x 25 cm (largura) – uma tira para cada criança;
- Marcadores ou lápis de cor ou de cera em número suficiente para serem usados por todas as crianças;
- Elementos figurativos da narração do poema bíblico, recortados ou desenhados pelo catequista, em número suficiente para as crianças do grupo, em papel:
  - 1) pequeno papel amachucado, de cor castanho escuro;
  - 2) papel amarelo claro (luz) e papel preto (trevas);
  - 4) céu;
  - 5) mar e terra;
  - 6) ervas, sementes, árvores;
  - 7) sol, lua, estrelas;
  - 8) aves, animais marítimos;
  - 9) animais domésticos e selvagens;
  - 10) homem e mulher;
  - 11) dístico "Universo".

### **3. Para alternativa 2:**

- Fio para divisão da sala em 7 espaços;
- Dísticos: "Luz"; "Trevas"; "Mar"; "Terra"; "Dia"; "Noite"; "Universo"; "1º Dia"; "2º Dia"; "3º Dia"; "4º Dia"; "5º Dia"; "6º Dia"; "7º Dia"

- Novelos de lã castanha escura, cinza e preta;
- Mãos do catequista;
- Vela grande e fósforos ou isqueiro
- Novelo lã preta;
- 1 tira de pano azul celeste;
- Tiras de pano azul e verde;
- Tira de pano branco;
- Tiras de pano em tons de castanho;
- Plantas, sementes, árvores de fruto;
- Sol, desenhada e recortada em cartolina;
- Lua, desenhada e recortada em cartolina;
- Estrelas, desenhadas e recortadas em cartolina;
- Vários animais que vivem nas águas (peixes, baleias, tubarões, algas, etc.) e aves, desenhados e recortados em cartolina ou recortados de revistas;
- Vários animais, terrestres, marítimos, domésticos, selvagens..., desenhados e recortados em cartolina ou recortados de revistas;
- No caso de não serem as crianças a rerepresentarem o Homem e Mulher: uma figura de Homem e outra de Mulher desenhados ou, em alternativa, recortes de revistas com seres humanos de várias raças e culturas.

**Nota:** o material proposto em lã poderá ser substituído por tiras de pano ou papel crepe.

#### **4. Para a expressão de fé**

- Marcador de livro, em branco.

#### **MÚSICA**

- "Louvado sejas"

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

#### **Preparação da sala:**

- **Sobre a estante ou mesa** está: a Bíblia aberta no livro do Génesis: *Gen 1, 1-2, 4a*.
- Colocar o gravador com o CD/cassete perto da cadeira do catequista e os marcadores perto do gravador, assim como as cópias do poema bíblico e da oração final;

- Se o catequista optar pela **alternativa 1**, deve ter em atenção a necessidade de ter, sobre mesas ou no chão, espaço suficiente para as crianças trabalharem na tira da Semana da Criação;
- Se o catequista optar pela **alternativa 2**, deverá dividir o chão da sala, com linha, em 7 espaços e ter preparados, por ordem e junto de si os materiais sugeridos para a atividade.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1.** *Depois de as crianças estarem sentadas em círculo, diante da mesa ou estante onde está a Bíblia e após o devido acolhimento:*

Certamente já ouviste falar, na escola, na televisão, na beleza e complexidade do universo, cheio de estrelas e de planetas, alguns tão distantes e tão longínquos que não poderíamos atingi-los se viajássemos toda a nossa vida a velocidades astronómicas...

Decerto, já alguma vez ficaste espantado, no final de uma tarde de verão, com a perfeição de um pôr do sol sobre o mar... *(deixar as crianças exprimir-se)* Provavelmente, já ficaste algum tempo a olhar para uma flor, fascinado com as suas cores e com os "materiais" delicados que a compõem... E nunca te sentiste intimidado pela grandeza e pela força de um leão, impressionado pela majestade de uma girafa ou pela graça de uma gazela, espantado pela diligência de uma abelha ou pelo trabalho de uma formiga? *(deixar as crianças exprimir-se)* Nunca ficaste de boca aberta ao olhar um céu cheio de estrelas numa noite escura, ou maravilhado diante da beleza da lua cheia? Nunca aconteceu ficares esquecido e maravilhado a contemplar as formas que as nuvens desenham no céu azul?

**O que vos impressiona mais no nosso universo ou no meio que vos rodeia?** *(deixar as crianças exprimir-se e prosseguir:)*

- 2.** Vamos todos partilhar alguns destes elementos naturais que mais nos fascinam, nos espantam e nos deixam com vontade de ficar a contemplá-los...

**Decerto que cada um de vós é capaz de identificar pelo menos dois elementos da natureza de que gosta muito...**

*O catequista tem à sua frente uma cartolina, de cor azul, verde ou branca, em formato redondo, onde convida cada criança a escrever os nomes de dois elementos da natureza que lhe despertam sentimentos de alegria, espanto... Depois de concluída a tarefa, afixa a cartolina no placar.*

3. É verdade ...Estamos rodeada de coisas bonitas, perfeitas, que nos espantam, que nos fascinam, que nos cativam.

4. **De onde vem tudo isso?** *(em cada questão, deixar as crianças exprimir-se)* **Quem foi o artista que pintou certas paisagens que nos deixam sem respiração? De onde vem este quadro maravilhoso que é o universo e o mundo onde nós vivemos? Quem fez essa "casa" tão bela que é a habitação dos seres humanos?** *(o catequista aceitará duas a três respostas, não gastando muito tempo com a atividade).*

*O catequista coloca sobre a cartolina, onde as crianças acabaram de escrever os nomes dos elementos da natureza que mais as fascinam, uma folha transparente enrolada, da mesma dimensão da cartolina, onde está escrito o nome "DEUS".*

5. Desde o início do mundo, muitos homens e mulheres como nós, confrontados com estas questões, têm encontrado a mesma resposta: todas estas coisas maravilhosas foram **criadas por Deus**, toda a beleza e harmonia que nós observamos na natureza têm origem em Deus, toda a vida – das plantas, dos animais, dos seres humanos – vem de Deus.

*O catequista desenrola a folha transparente, sobre a cartolina, ao mesmo tempo que vai afirmando que Deus é o autor de toda a criação.*

Deus é o autor de tudo aquilo que vemos quando olhamos à nossa volta, de todas essas obras maravilhosas que nos espantam, que nos ultrapassam e que nos parecem tão bonitas, tão boas e tão necessárias. Necessárias, sim, porque toda esta beleza é ainda mais bela porque é dela que as pessoas tiram o seu sustento, o seu alimento.

6. Agora, queria que me ouvissem bem e pensassem um pouco em cada uma das questões que vos vou colocar mas que guardassem a resposta por um bocadinho *(o catequista pode afixar as questões no placar, sob o dístico "Deus", pois deverá voltar a elas após a leitura da Palavra):*

- **Porque é que Deus criou tudo isto?**
- **O que é que o levou a preparar e a executar um projeto tão belo e grandioso?**
- **Qual a intenção, a vontade, de Deus neste processo?**

## II. PALAVRA

1. Após ter dado às crianças tempo para pensar e, em caso disso, registrar as suas respostas, o catequista coloca no placar o dístico "**Gen 1, 1-2, 4a** e depois pega na sua Bíblia, aberta sobre a estante ou mesa e pede-lhes que, sempre em silêncio, também se prepararem para abrir as suas Bíblias. Depois, refere: Há cerca de 2.560 anos, um homem, cujo nome nem conhecemos, escreveu um poema muito bonito para nos ensinar que o Universo, o mundo, a natureza, os seres vivos, têm origem em Deus. Este poema, encontramos-lo no primeiro Livro da Bíblia, em Génesis 1 (Gn 1, 1-2,4a). É um texto muito bonito, mas longo, pelo que vão acompanhar na vossa Bíblia a sua leitura esforçando-se para estar com muita atenção. Podem ficar sentados.

*O catequista procurará fazer uma leitura pausada, que ajude as crianças a perceber e sentir o texto. Faz-se um intervalo de silêncio entre cada episódio.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**“No princípio, quando Deus criou os céus e a terra,  
a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo  
e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.**

**Deus disse: «Faça-se a luz». E a luz foi feita.**

**Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas.**

**Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite.**

**Assim surgiu a tarde e, em seguida a manhã: foi o primeiro dia.**

**Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas,  
para as manter separadas umas das outras». E assim aconteceu.**

**Deus fez o firmamento**

**e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento.**

**Deus chamou céus ao firmamento.**

**Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o segundo dia.**

**Deus disse:**

**«Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca». E assim aconteceu.**

**Deus chamou terra à parte sólida, e mar ao conjunto das águas.**

**E Deus viu que isto era bom.**

**Deus disse:**

**«Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que deem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente».**

**E assim aconteceu.**

**A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respetiva semente.**

**Deus viu que isto era bom.**

**Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o terceiro dia.**

**Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a terra».**

**E assim aconteceu.**

**Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir ao dia, e o menor para presidir à noite; fez também as estrelas.**

**Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas.**

**E Deus viu que isto era bom.**

**Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quarto dia.**

**Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus».**

**Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos**

**e todos os seres vivos que se movem nas águas,  
e todas as aves com asas, segundo as suas espécies.**

**E Deus viu que isto era bom.**

**Deus abençoou-os, dizendo:**

**«Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar  
e multipliquem-se as aves sobre a terra».**

**Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia.**

**Deus disse:**

**«Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies,  
animais domésticos, répteis e animais ferozes,  
segundo as suas espécies».**

**E assim aconteceu.**

**Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies,  
os animais domésticos, segundo as suas espécies,  
e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies.**

**E Deus viu que isto era bom.**

**Depois, Deus disse:**

**«Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança,  
para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu,  
sobre os animais domésticos  
e sobre todos os répteis que rastejam pela terra».**

**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus;  
Ele os criou homem e mulher.**

**Abençoando-os, Deus disse-lhes:**

**«Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.  
Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu  
e sobre todos os animais que se movem na terra».**

**Deus disse:**

**«Também vos dou todas as ervas  
com sementes que existem à superfície da terra,  
assim como todas as árvores de fruto com semente,  
para que vos sirvam de alimento.**

**E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu  
e a todos os seres vivos que se movem sobre a terra,  
igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir».**

**E assim aconteceu.**

**Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.**

**Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.**

**Foram assim terminados o céu e a terra e todo o seu conjunto.**

**Concluída, no sétimo dia, toda a obra que tinha feito,**

**Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.**

**Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação.**

**Esta é a origem da criação dos céus e da terra”.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Fazendo sinal às crianças para que se mantenham atentas e concentradas, o catequista diz: Convido-vos, hoje, a participarem nesta narração da criação, como se fizéssemos, com Deus, a recriação da Sua Obra de Amor.*

*O catequista começa por ensaiar o cântico "Louvado sejas, ó meu Senhor", que será cantado no final de qualquer das duas dinâmicas propostas em alternativa;*

1ª

**Alternativa**

### **A Semana da Criação**

*No caso de o catequista estar perante um grupo pequeno de crianças ou no caso de preferir uma dinâmica mais simples procede assim:*

- *Depois, o catequista oferece a cada criança a tira de cartolina branca "Semana da Criação", dividida em 7 espaços brancos, tal como explicado anteriormente;*
- *Cada criança preencherá, o espaço branco, correspondente a cada dia da semana, com os elementos correspondentes à narração do poema bíblico;*

- *O preenchimento do cartaz da Semana da Criação decorre ao ritmo da leitura do texto, feito pelo narrador, que neste caso continuará a ser o catequista.*
- *No final, cada criança deverá contemplar a sua faixa, totalmente preenchida. O catequista poderá expor estas faixas, elaboradas pelas crianças, no placar ou no chão, reunindo o grupo todo à volta desta exposição;*
- *No final, o catequista refere: Não estão lindas as vossas **Semanas da Criação**? Pois estão! Hoje vão levá-las para casa e mostrá-las a todos quantos habitam convosco e aos vossos amigos, explicando-lhes como devemos estar agradecidos a Deus por todas as maravilhas que criou para nós. E, como quando Alguém é assim tão bom para nós, devemos aprender a ter um coração agradecido, que reconhece esse bem que nos é dado, vamos já aprender a agradecer a Deus, cantando em seu louvor:*

**“Louvado sejas, ó meu Senhor”**

2ª

**Alternativa**

### **Encenação da Obra da Criação**

*No caso de o catequista estar perante um grupo grande (mais de 7 crianças) ou no caso de preferir uma dinâmica mais cénica, mais teatral e pedagogicamente mais completa:*

- *O **catequista** marca sete espaços, no chão, com um fio ou giz, sinalizando os sete dias da semana;*
- *Uma das crianças será o **narrador** do poema bíblico, que todos acabaram de ouvir, ou na falta de crianças, o narrador será o próprio catequista; ao narrador é entregue o texto do poema, com as necessárias divisões, segundo cada passo da encenação;*
- *Há 12 papéis para as demais crianças;*
- *Para cada **papel**, relativos aos **vários elementos da criação**, será escolhida uma criança (no caso de não chegarem a ser doze, cada criança pode fazer dois papéis) à qual serão entregues os **matérias simbólicos**, necessários para realizar a encenação, conforme o explicado em III – Documentos – 2ª Alternativa, **Esquema da encenação da Obra da Criação (Gn 1,1-2,4a)**.*

- Cada criança dirigirá-se à para o seu espaço no chão, conforme os ritmos da narração do poema bíblico, e tal como o catequista lhes for indicando discretamente;
- O catequista decidirá, em função da maturidade e capacidade de concentração das crianças, se é necessário proceder a um rápido ensaio dos movimentos, sem que, desta vez, seja necessário proceder à leitura do texto;
- Com a devida calma e recolhimento, dá-se início à encenação, que pode ser acompanhada por uma peça de música clássica que se adapte bem ao sentido do texto, como seja a «primavera» das «Quatro Estações» de Vivaldi.

No final, todas as crianças, juntamente com o catequista, se reunirão em volta da obra de arte que foi construída no chão da sala de catequese. Desta forma, estarão posicionados para o momento de "Expressão de fé".

Para as duas alternativas:

## 2. O mundo foi criado exatamente em seis dias, como diz este poema?

**Que vos parece?** (Deixar, por breves momentos, que todos digam a sua opinião, de forma muito breve)

3. Claro que não. Sabeis que os poetas usam por vezes, uma linguagem especial, que não é exatamente a linguagem que nós usamos todos os dias. A poesia utiliza imagens e comparações que nos "tocam", que nos impressionam, mas que não devem ser interpretadas "à letra", isto é, quando um poeta fala, com a sua maneira própria de dizer as coisas, nós devemos "interpretar" o que ele diz, isto é, devemos tentar perceber o que está por detrás daquelas palavras, qual é a mensagem que ele quer, realmente, transmitir-nos... Ele usa, com as palavras, "imagens" que nós precisamos de explorar para interpretar. **Olhem, é como quando nós escrevemos mensagens no telemóvel, não é?** Usamos uns sinais para dizer coisas mais longas, ou mais complicadas, ou mais bonitas: por exemplo, pomos dois pontos e um sinal de parêntesis para significar um sorriso... (o catequista afixa o dístico ":)") ou estrelinhas para significar que mandamos beijos... e mesmo esse sorriso que pomos na mensagem, quer dizer «Agora estou a mandar-te um sorriso» ou quer mostrar, significar um sentimento? Que sentimento será? Como é que vocês fazem? (Deixar as crianças exprimirem-se) ... pois é: gosto de ti,

fazes-me sorrir porque és meu amigo... tudo isso nós dizemos apenas com dois sinais de escrita, colocados de uma maneira especial... Mas, quem não sabe o que quer dizer (*aponta para ":"*) não percebe que alguém lhe manda um sorriso ... (*aponta para ":"*) é uma imagem, uma linguagem simbólica, como se diz ... Também é isso que os poetas fazem, escrevem usando imagens... é muito bonito e explica coisas complicadas e profundas com beleza.

4. Neste texto que nós estivemos a trabalhar, também é isso que se passa. O poeta que escreveu este texto queria dizer-nos, antes de mais, que Deus é o autor de tudo o que existe – o sol, a lua, as estrelas, a terra, os mares, as montanhas, os rios, as árvores e as plantas, os animais, o homem e a mulher. Queria dizer-nos, também, que Deus criou para nós, que nos ofereceu, um mundo bom e bonito, onde nós, seres humanos, temos todas as possibilidades de nos realizarmos e de sermos felizes. Queria dizer-nos, ainda, que o homem e a mulher foram encarregados por Deus de cuidar da natureza e dos outros seres criados, foram incumbidos de continuar a desenvolver a obra boa de Deus no respeito por todas as coisas e por todos os seres. Queria, finalmente, convidar-nos a adorar esse Deus bom que nos ofereceu tantas coisas bonitas, e que nos pediu para reservarmos pelo menos um dia da semana para O louvarmos e para Lhe agradecermos todas as coisas boas que Ele colocou à nossa disposição. Por isso mesmo, proponho que, agora mesmo, O louvemos cantando:

**"Louvado sejas."**

5. **Agora, será que já percebeis melhor porque é que Deus se deu ao trabalho de criar todas essas coisas para nós? Lembrem-se das nossas perguntas?**

- **Porque é que Deus criou tudo isto?**
- **O que é que O levou a preparar e a executar um projeto tão belo e grandioso?**
- **Qual a intenção, a vontade, de Deus neste processo?**

6. *Deixar as crianças exprimirem-se com alguma calma; o catequista ajudas a encaminhar a sua reflexão no sentido de descobrirem que: Deus amamos muito – como modelo perfeito que é um bom pai ou uma boa mãe, que ama o seu filho ou a sua filha – e, por isso, Ele preparou-nos essa "casa" tão bonita que é o universo, em toda a sua beleza, com todas as suas cores,*

com todo o seu esplendor, em toda a sua harmonia, tal como vós haveis descoberto naquilo que vos parece tão bonito.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Quando olhamos para esse mundo tão bonito que nos rodeia e para todas essas coisas boas que Deus criou para nós e que nos ofereceu (gratuitamente, sem nos exigir nada em troca), percebemos logo que Ele nos ama muito... Diante de dons tão grandes, percebemos logo que a grande preocupação de Deus é que nós sejamos felizes, que tenhamos tudo o que é necessário para que a nossa vida seja bem vivida, seja completa e faça sentido... Ao recebermos de Deus tais "presentes", percebemos logo que Ele tem um plano de "salvação" para nós e que o Seu grande interesse é a nossa felicidade. **E quando alguém nos oferece um presente, o que devemos fazer? O que é que nos apetece logo fazer?** *(Conduzir a resposta para a dimensão da gratidão genuína, do "Obrigado" que é dito com sentido, para além da, necessária, boa educação.)*

2. Então, a nossa resposta ao amor de Deus passa por agradecendo-lhe tudo o que Ele nos oferece, agradecendo-lhe a sua solicitude, dizendo-lhe "**obrigado**" por tudo o que Ele nos dá... Podemos dizer-lhe a nossa alegria por O termos ao nosso lado a cuidar de nós e a oferecer-nos, todos os dias, prendas tão belas e tão necessárias.

*O catequista entrega a cada uma das crianças a folha com a cópia da Oração e explica: Há muitos séculos, um crente que percebeu a grandeza do amor de Deus por todos os seus filhos e filhas rezava esta oração, que está registada no vosso catecismo e que ficou guardada no Livro dos Salmos (**Sl 136,1-9**). Nós vamos agora lê-la, pensando muito bem naquilo que estamos a dizer e agradecendo a Deus, com o nosso coração e a nossa inteligência, todas as oportunidades de felicidade que Ele preparou para nós *(a oração é feita pelas crianças, em que cada uma delas lê um verso)*.*

**"Louvai o Senhor porque Ele é bom,  
porque o seu amor é eterno!**

**Louvai o Deus dos deuses,  
porque o seu amor é eterno!**

**Louvai o Senhor dos senhores,  
porque o seu amor é eterno!**

**Só ele faz grandes maravilhas,  
Porque o seu amor é eterno!**

**Fez os céus com sabedoria,  
Porque o seu amor é eterno!**

**Estendeu a terra sobre as águas,  
Porque o seu amor é eterno!**

**Criou os grandes luzeiros,  
Porque o seu amor é eterno!**

**O sol para presidir ao dia,  
Porque o seu amor é eterno!**

**A lua e as estrelas para presidirem à noite,  
Porque o seu amor é eterno!"**

**3. Compromisso:** Sabem, nós podemos continuar este "salmo", este hino de louvor e de agradecimento a Deus que nos ama e nos dá tantas coisas... Vamos então, no nosso coração e na nossa vida, continuar a escrever esta "lista" de coisas pelas quais achas que devemos agradecer a Deus! Vamos continuar este "salmo", acrescentando os motivos pelos quais achas que devemos dizer a Deus "obrigado".

*O catequista pode fazer diversas sugestões ao grupo de crianças:* Durante esta semana, vamos, pois, fazer assim:

a) Enviar por SMS, correio ou e-mail uma frase (ou mais), construída por nós, com algo que seja uma bonita continuação do salmo "..., **porque é grande o seu amor**" para uma pessoa de quem nós gostamos muito;  
E ainda:

b) *(O catequista entrega a cada criança um marcador de livro, em branco, mas divididos em sete espaços, conforme o modelo em anexo;).* Em cada dia da semana, vamos registar aqui uma frase de continuação do

salmo. Vamos pensar nalgo de bom e de belo que vimos ou vivemos, e transformá-lo numa oração! Depois, colam a vossa oração no espaço da Catequese 2 da vossa **Barra Cronológica**.

*Como alternativa, a b), um compromisso mais profundo:*

- c) Mas, antes de sair, quero dizer-vos que há uma outra coisa que não deveis esquecer, nunca... Se a criação é um dom de Deus para todos os homens e mulheres, de todos os tempos, nenhum de nós tem o direito de destruir esta "casa", de estragar a criação de Deus, de tornar o mundo mais feio e mais sujo... Por exemplo, não gostam de encontrar a nossa sala de catequese suja nem desarrumada, pois não? Aquilo que está estragado faz-nos sentir mal, tristes e infelizes; por isso, temos de respeitar a natureza, toda a criação, todos os seres vivos, e continuar a construir esse mundo bom e bonito que Deus sonhou e preparou para nós. Assim, esta semana, também vão tentar contribuir para a criação e ajudar o mundo a ser belo e bonito. Cada dia, vão ajudar alguém a limpar e a arrumar: na escola, em casa, ... *(se houver condições para isso, o catequista pode organizar o passeio enunciado na Catequese 1 e dirigi-lo para a limpeza de um espaço público, como um campo ou jardim; também pode convocar as crianças para umas horas de trabalho de limpeza no espaço paroquial, interior e/ou exterior)*. Depois, desenham na folha 2 da vossa **Barra Cronológica** como foi essa experiência, e decoram-na com a frase "OBRIGADO, BOM DEUS!" (os rapazes), "OBRIGADA, BOM DEUS!" (as raparigas).

### *Para guardar na memória e no coração*

Toda a criação é um dom Deus, um dom dado a todos os homens e mulheres, de todos os tempos, fruto do grande amor que Deus tem por nós. Por isso devemos amá-la, contribuir para ela, cuidando-a, e bendizer o nosso Criador.

### III – DOCUMENTOS

#### 1. Modelo do marcador para o Compromisso:

<i>Louvai o Senhor porque Ele é bom, porque o seu amor é eterno! Louvai o Senhor porque...</i>
<b>1º dia</b>
<b>2º dia</b>
<b>3º dia</b>
<b>4º dia</b>
<b>5º dia</b>
<b>6º dia</b>
<b>7º dia</b>
<i>Só ele faz grandes maravilhas, Porque o seu amor é eterno! Eu _____ Agradeço ao Senhor tudo o que Ele me ofereceu!</i>

#### 2. Para a 1ª alternativa da Experiência Humana:

Desenhar o número de tiras correspondente a cada criança. Para uma leitura final mais clara, propõe-se as seguintes dimensões: 1,30 cm (comprimento) x 25 cm (altura)

1º dia	2º dia	3º dia	4º dia	5º dia	6º dia	7º dia
--------	--------	--------	--------	--------	--------	--------

### 3. Para a 2ª alternativa da Experiência Humana:

Esquema da encenação da Obra da Criação (Gn 1,1-2,4a):

Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<i>No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas.</i>	Narrador	Coloca um novelo de lã escura, misturada, no chão, em forma de monte (sem forma).  Coloca as mãos sobre o volume de lã (simboliza o "Espírito de Deus").	Novelos de lã castanha escura, cinza e preta  Mãos do catequista
<b>1º Dia</b>			
<i>Deus disse: «<b>Faça-se a luz</b>». E a luz foi feita.</i>	Narrador <b>Criança Luz</b>	Leva uma vela acesa (simboliza a Luz) e coloca-a no chão, no espaço do 1º dia.	Um novelo de lã preta, desenhado e anotado:  Fósforos ou isqueiro  Vela  Dísticos: "Luz" "Trevas" "1º Dia"
<i>Deus viu que a luz era boa e separou a luz das <b>trevas</b>. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite.</i>	<b>Criança Trevas</b>	Coloca o monte de lã preta, (simboliza as Trevas), no chão, no espaço do 1º dia.	
<i>Assim surgiu a tarde e, em seguida a manhã: foi o <b>primeiro dia</b>.</i>	Narrador	Coloca o dístico "1º Dia" no chão, no chão, no espaço do <b>1º dia</b> .	

<b>2º Dia</b>			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<i>Deus disse: «Haja um firmamento entre as águas, para as manter separadas umas das outras». E assim aconteceu. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das que estavam por cima do firmamento. Deus chamou céus ao <b>firmamento</b>.</i>	Narrador  <b>Criança Firmamento</b>	Coloca no chão uma tira de pano azul (simboliza o Firmamento), no espaço do 2º dia.	Dísticos: "Céus" "2º Dia"
<i>Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o <b>segundo dia</b>.</i>	Narrador	Coloca o dístico "2º Dia", no chão, no espaço do <b>2º dia</b> .	

3ºDia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca». <b>E assim aconteceu.</b></p> <p>Deus chamou terra à parte sólida, e mar ao conjunto das águas. <b>E Deus viu que isto era bom.</b></p> <p>Deus disse: «Que a terra produza verdura, erva com semente, árvores frutíferas que dêem fruto sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo semente». <b>E assim aconteceu.</b></p> <p>A terra produziu verdura, erva com semente, segundo a sua espécie, e árvores de fruto, segundo as suas espécies, com a respectiva semente. Deus viu que isto era bom.</p> <p>Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o <b>terceiro dia.</b></p>	<p>Narrador</p> <p><b>Criança Mar</b></p> <p><b>Criança Terra</b></p> <p><b>Criança Flora</b></p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca panos azul ou esverdeado e branco (simboliza o mar), no chão, no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca panos em tons castanhos, (simboliza a terra), no chão, no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca plantas, sementes, árvores de fruto no chão (simboliza a Flora), no espaço do 3º dia.</p> <p>Coloca o dístico "3º Dia", no chão, no espaço do <b>3º dia.</b></p>	<p>Tiras de pano azul e/ou esverdeado:</p> <p>"3º Dia"</p> <p>"Terra"</p> <p>"Mar"</p> <p>Dísticos:</p>

4º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Haja luzeiros no firmamento dos céus, para separar o dia da noite e servirem de sinais, determinando as estações, os dias e os anos; servirão também de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminarem a terra». <b>E assim aconteceu.</b></p> <p>Deus fez dois grandes luzeiros: o maior para presidir <b>ao dia</b>,</p> <p>e o menor para presidir à <b>noite</b>; fez também as estrelas.</p> <p>Deus colocou-os no firmamento dos céus para iluminarem a terra, para presidirem ao dia e à noite, e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isto era bom. Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o <b>quarto dia.</b></p>	<p><b>Criança Sol</b></p> <p><b>Criança Lua e Estrelas</b></p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca no chão o Sol, no espaço do 4º dia.</p> <p>Coloca no chão a Lua e as Estrelas, no espaço do 4º dia.</p> <p>Coloca o dístico "4º Dia", no chão, no espaço do <b>4º dia.</b></p>	<p>Sol, em cartolina; Lua, em cartolina; Estrelas, em cartolina</p> <p>"4º Dia"; "Noite" "Dia"</p> <p>Dísticos:</p>

5º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que por cima da terra voem aves, sob o firmamento dos céus». Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e <b>todos os seres vivos</b> que se movem nas águas, e todas as aves com asas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.</p> <p>PAUSA</p> <p>Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra». Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o <b>quinto dia</b>.</p>	<p><b>Criança</b> <b>Fauna</b> <b>Selvagem</b></p> <p>Narrador</p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca várias imagens de animais selvagens, aquáticos e aves, no chão, no espaço do 5º dia.</p> <p>Depois de estarem espalhados no chão os animais todos, continua.</p> <p>Coloca o dístico "5º Dia", no chão, no espaço do <b>5º dia</b>.</p>	<p>Vários Imagens de animais que vivem nas águas (peixes, baleias, tubarões, etc.) e aves, em cartolina, recortados de revistas ou, ainda, desenhados.</p> <p>Dístico: "5º Dia"</p>

6º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, <b>animais domésticos</b>, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies». E assim aconteceu. Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom. Depois, Deus disse: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra». Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou <b>homem e mulher</b>.</p> <p>PAUSA</p> <p>Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra». Deus disse: «Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres vivos que se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir». E assim aconteceu. Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o <b>sexto dia</b>.</p>	<p><b>Criança Animais Domésticos e Répteis</b></p> <p><b>Criança Homem Criança Mulher</b></p> <p>Narrador</p>	<p>Coloca várias imagens de animais domésticos e de répteis, no chão, no espaço do 6º dia.</p> <p>Colocam-se no espaço do 6º dia e permanecem de pé.</p> <p>Retoma a leitura.</p> <p>Coloca o dístico "6º Dia", no chão, no espaço do <b>6º dia</b>.</p>	<p>Vários imagens de animais domésticos e répteis, em cartolina, recortados de revistas ou ainda, desenhados.</p> <p>Dístico: "6º Dia"</p> <p>No caso de não serem as crianças a representarem o <b>Homem e Mulher</b>: figura de Homem e outra de Mulher desenhadas ou, em alternativa, recortes de seres humanos de várias raças e culturas</p>

7º Dia			
Texto Narrador	Figuras	Acção	Material
<p>Foram assim terminados o céu e a terra e todo o seu conjunto.</p> <p>Concluída, no <b>sétimo dia</b>, toda a obra que tinha feito, Deus repousou, no sétimo dia, de todo o trabalho por Ele realizado.</p> <p>Deus abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Ele repousou de toda a obra da criação. Esta é a origem da criação dos céus e da terra".</p>	<p>Narrador</p>	<p>Com música de fundo, leitura da parte final do texto.</p> <p>Coloca os dísticos "UNIVERSO" e "7º Dia" no chão.</p> <p>Coloca as mãos sobre dísticos, simbolizando a bênção e santificação do <b>7º Dia</b>.</p>	<p>CD/cassete com música instrumental calma, de fundo;</p> <p>Gravador; CD com música de fundo.</p> <p>Dísticos: "7º Dia" "Universo"</p> <p>Cântico</p>
<p>Em redor da montagem, todo o grupo faz dois 2 minutos de silêncio;</p> <p>Contemplam a imagem de toda a criação e cantam</p> <p>LOUVADO SEJAS, Ó MEU SENHOR.</p> <p>LOUVADO SEJAS, Ó MEU SENHOR. (BIS)</p>			

## «Homem e mulher os criou» Cf. Gn 1, 28

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O destino do ser humano

Algumas das perguntas mais fascinantes, mais inquietantes, mais desafiadoras e também mais dramáticas que têm sido inventadas dizem respeito ao próprio ser humano, à sua vida, ao seu destino... Quem são, de onde vêm e para onde vão os seres humanos que caminham pela terra? Qual o sentido da sua vida e da sua peregrinação? Como se articula a relação do homem com Deus? Qual a relação entre o homem e os outros seres criados? Que têm os seres humanos de tão essencial, de tão original que os faz diferentes de todas as outras criaturas que Deus colocou sobre a terra?

O homem é uma realidade paradoxal, feita de luz e de sombra... A sua complexidade desconcerta-nos e assusta-nos; mas, em compensação, o seu mistério encanta-nos e não cessa de nos espantar.

Os seres humanos são capazes das mais extraordinárias realizações... É o homem, com a sua inteligência, que é o grande responsável pelas extraordinárias conquistas da ciência e da técnica que têm revolucionado o mundo, que nos têm proporcionado um substancial aumento da duração e da qualidade de vida, que têm permitido vencer muitas das doenças e dores que desfiguram a humanidade, que nos têm ensinado a organizar em moldes mais racionais as sociedades; é a tenacidade e o empenho do espírito humano que nos têm permitido superar as crises e as fases de sombra de uma história humana nem sempre linear, nem sempre coerente, nem sempre racional, nem sempre feita à medida do homem e da sua plena realização; é o entusiasmo e a coragem de tantos homens e mulheres comprometidos com as causas da justiça, da paz, do desenvolvimento, do respeito pelos direitos, pela dignidade

e pela igualdade fundamental de todos os seres humanos que têm criado no coração de tantos homens e mulheres dinamismos novos de esperança; é a capacidade de amar, de se doar, de servir de tantos homens e mulheres, muitas vezes anónimos, que têm dado ao nosso mundo um pouco mais de calor, de amor, de humanidade...

A este lado luminoso dos seres humanos contrapõe-se, frequentemente, um lado sombrio... Muitas vezes os homens investem as suas melhores capacidades na criação de mecanismos de exploração, de injustiça, de violência, de destruição, que geram sofrimentos inenarráveis em milhões de homens e mulheres; muitas vezes os seres humanos optam por trilhar caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência, que destroem a criação "boa" de Deus e põem em causa o plano de Deus para o mundo e para a humanidade.

## **2. O que é o homem no plano de Deus?**

Ao criar os seres humanos, o que é que Deus quis fazer? Na perspetiva do **projeto de Deus**, qual é o lugar e o papel que os seres humanos são chamados a viver e a desempenhar sobre a terra?

Os catequistas de Israel preocuparam-se em responder a estas questões... Há 3.000 anos, no "relato jahwista sobre as origens" (Gen 2,4b-25), eles diziam que o homem era um ser "modelado" por Deus do barro da terra, mas que tinha também uma dimensão divina, um "espírito de vida" de Deus que o tornava diferente de todas as outras criaturas. Para esses catequistas, o homem era o centro da criação e tudo – árvores, rios, animais – tinha sido colocado por Deus sob a autoridade do homem. O fim de todos os outros seres criados era ajudarem o homem a ser feliz e a realizar-se plenamente. Os seres humanos – diziam, ainda, os catequistas de Israel – foram criados para o amor, para a comunhão, para a relação, e só dessa forma se realizam plenamente; por isso, Deus fê-los homem e mulher, da mesma "carne", da mesma substância, e "deu-os" um ao outro para se completarem e amarem.

Outros catequistas de Israel – os tais que nos deixaram o "relato sacerdotal sobre as origens" (Gen 1,1-2,4a) – apresentavam o homem e mulher criados "à imagem e semelhança de Deus", como o ponto mais alto do projeto criador de Deus. Na perspetiva desses catequistas, Deus quis que os seres humanos crescessem e se multiplicassem, enchessem e dominassem a terra (cf. Gen 1,28-30). Naturalmente, falar neste contexto no "domínio da terra" não significa a exploração egoísta da natureza, como se o homem tivesse ficado com direitos absolutos sobre a criação; mas é uma forma de sublinhar que Deus colocou toda a criação nas mãos dos seres humanos para que eles,

sempre de olhos postos no plano de Deus, pudessem continuar essa tarefa colossal de continuar, pelos séculos fora, a construir o mundo.

Os dois relatos, embora diferentes quanto à linguagem e quanto às imagens, estão de acordo quanto ao essencial... Antes de mais, quanto à afirmação da dignidade do ser humano, que se distingue de todos os outros seres criados pois nele brilha uma centelha divina: é animado pelo sopro de vida do próprio Deus. No projeto de Deus, o homem e a mulher são seres dotados de uma suprema dignidade, contra a qual ninguém pode atentar; e, qualquer crime que ponha em causa a vida, os direitos ou a dignidade de um ser humano, é um crime contra o projeto de Deus.

### **3. O ser humano como o centro de todo o universo que Deus fez aparecer**

A reflexão dos catequistas bíblicos está de acordo, também, nesta questão: tudo é criado para o homem e para a mulher, e tudo lhes é entregue por Deus. Subjacente à perspectiva dos autores bíblicos, está a ideia de que Deus tem em vista o bem e a felicidade do homem quando pensa e concretiza essa extraordinária obra que é a criação. Tal não significa, contudo, que o homem se apresente como um dominador egoísta, que utiliza a seu bel-prazer a criação, alterando a harmonia e o equilíbrio que Deus quis imprimir na sua obra... Se os seres humanos se relacionarem com o resto da criação de uma forma agressiva e prepotente, irão alterar a ordem "boa" que Deus introduziu no seu projeto e a própria criação revoltar-se-á, destruindo a felicidade do homem.

Os catequistas de Israel estão, ainda, de acordo em definir o ser humano como um ser com uma vocação relacional, um ser-para-os outros, que só se realiza plenamente através do amor.. Por isso, dizem os catequistas bíblicos, ninguém se realiza sozinho, ninguém é autossuficiente, ninguém se basta a si próprio ("não é bom que o homem esteja só"). De acordo com o plano de Deus, os seres humanos são criados para viver o amor, para partilhar a vida, para embarcar em dinamismos de comunhão. Por isso, Deus fez os seres humanos homem e mulher, dois seres diferentes mas da mesma proveniência e com a mesma dignidade, que se completam através do amor. É dessa forma que os seres humanos encontram a alegria, a felicidade, a plena realização, o sentido pleno para as suas vidas.

Finalmente, os autores bíblicos ensinam que os seres humanos foram eleitos por Deus para colaborarem com Ele na obra da criação. O homem e a mulher são, diante dos outros seres criados, os mandatários do Deus-criador; e, pela história fora, eles têm como missão continuar a recriar o mundo de

acordo com o projeto original de Deus. Trata-se, para os seres humanos, de uma extraordinária responsabilidade mas, também, de um imenso desafio: fazer com que o "sonho" de Deus se concretize, sem extravios nem adulterações. É preciso, ainda, dizer que a revelação plena do projeto de Deus para o ser humano aparece incarnada em Jesus – o Deus que se fez uma pessoa como nós, que assumiu o risco da fragilidade inerente à nossa condição humana, que veio ao nosso encontro e construiu a sua casa no meio de nós para nos apresentar, na sua pessoa, aquilo que nós devemos ser, a nossa vocação fundamental, a realidade para a qual nós devemos tender.. Cristo é o Homem na sua máxima perfeição, a meta para onde devemos caminhar. É esta Pessoa e o modo de nós sermos pessoa que nos ensinou que o catequista deve comunicar, como alguém que, a partir da sua experiência de Cristo, convoca e educa discípulos de Jesus.

### **OBJETIVOS**

- Descobrir que Deus criou os seres humanos "à sua imagem e semelhança" e que neles palpita a vida do próprio Deus, o que os faz diferentes de todos os outros seres criados;
- Entender que o homem e a mulher têm, por isso, uma suprema dignidade, contra a qual ninguém poderá atentar sem pôr em causa o projeto de Deus;
- Perceber que os seres humanos foram criados para a relação, para a comunhão e que a sua vocação é o amor: por isso, Deus criou-os homem e mulher e entregou-os um ao outro para desenvolverem essa vocação à comunhão e ao amor.
- Reconhecer que os seres humanos têm como missão colaborar com Deus na contínua recriação do mundo, fazendo com que o "sonho" de Deus para o mundo se realize.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** A criança, nesta idade, está disponível para alargar os seus conhecimentos em relação a si mesma, ao Mundo, ao Universo e à intervenção do Homem e da Mulher no Mundo. Esta catequese apresenta-lhe a Pessoa Humana como chamada por Deus a dominar todos os outros seres criados por Ele. Contribui, também, para a sua formação na responsabilidade e dignidade.
- 2.** A expressão "*Criado à Sua imagem e semelhança*", para uma criança de 10 ou 11 anos não será muito clara. Devemos, portanto, apresentá-la recorrendo a diversas possibilidades de similitude, para além das físicas, que são aquelas

que mais facilmente as crianças invocam. A sua introdução – mais complexa e analítica – ajudará a criança a uma crescente interiorização do que é o projeto de Deus para a humanidade, já inserido na catequese anterior.

### **MATERIAIS**

- Gravador / leitor de CD;
- CD ou cassete com música instrumental calma;
- Fotos de várias paisagens da terra: campo, deserto, montanha, mar, rio;
- Fotos de paisagens do espaço;
- Fotos de animais domésticos e selvagens;
- Fotos de plantas;
- Fotos com pessoas a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade, pais e filhos em interação;
- Marcador e folha de papel, cartolina ou pedaço de papel de cenário com um tamanho adequado para registrar no placar as ideias das crianças sobre o ser humano;
- Poster composto por uma montagem de fotos de pessoas em atividades artísticas e exemplos de obras de arte, algumas das quais possam ser facilmente reconhecidas pelas crianças;
- Fotos de pessoas a rezar;
- Alguns ou algum objeto que invoque a natureza: vaso com planta verde ou flores, aquário com um peixe, gaiola com um pássaro;
- Dísticos "Gn 2, 4b-24"; "Gn 1, 26-29"; " todos os seres vêm de Deus".

### **MÚSICA**

- "Cada um de nós é imagem de Deus".

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

- **No placar:** fotografias que nos recordem as maravilhas criadas por Deus (como referidas nas catequese anteriores): fotos de paisagens do espaço; fotos de animais domésticos e selvagens; fotos de plantas; e, ainda, fotos/ gravuras com pessoas - a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade; com pais e filhos em interação - mas tapadas com papel crepe nas cores usadas na catequese anterior: azuis, verdes, castanhos;

- **Sobre a mesa**, a Bíblia em **Gn 2, 4b-24** e rodeada, de forma cuidada e harmoniosa, das fotos e gravuras de seres vivos (animais e plantas) a apresentar; as fotos com pessoas a trabalhar, pensar, rezar, manifestar amizade, pais e filhos em interação) podem ser montadas sobre a mesa em torno de alguns elementos naturais: uma planta verde ou ramo de flores envasados, um pequeno aquário com um peixe, uma gaiola com um pássaro ou outro pequeno animal de estimação<sup>1</sup>.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista convida as crianças a observarem e admirarem as fotos/gravuras que já estão colocadas no placar, com diversos elementos naturais, tal como referidos no Poema da Criação, das catequeses anteriores, por ex. imagens da terra, imagens do espaço, o mar, os rios, o deserto ... e comenta:)*
2. Alguns destes elementos da natureza já são vossos conhecidos de anteriores catequeses. As gravuras mostram-nos muitos aspetos da natureza. Mostram-nos o quê? *(deixar as crianças exprimir-se)* Mostram-nos belas imagens de seres vivos.
3. **Já alguma vez pensaram na quantidade e variedade de seres vivos que existem?** *(é natural que as crianças refiram algumas aprendizagens feitas na escola, numa etapa da vida em que aprendem e mostram grande interesse sobre a natureza)* **Algum de vós sabe mais ou menos, o número de diferentes espécies que habitam no nosso UNIVERSO?**  
*O catequista aceita quatro ou cinco respostas e de seguida esclarece: Acalmem a vossa curiosidade! Já vamos saber... (O catequista fala um pouco da Maravilha que é o mundo que DEUS nos confiou:)*

Alguns especialistas estimam que existam entre cinco e trinta milhões de espécies de seres vivos na Terra; contudo, apenas cerca de um milhão e quatrocentas mil espécies são conhecidas neste início de século XXI. Trata-se, em qualquer caso, de uma grande variedade de espécies, cada uma delas com as suas características próprias.

---

<sup>1</sup> Como as crianças apreciam muito os animais, o catequista deve prever que se gastará algum tempo a apreciar o animal que for apresentado e ter presente as necessárias regras de higiene e segurança.

**4. (N...) que espécies de animais, de plantas conheces? E (N...), que nos podes contar sobre isso?** *(deixar as crianças exprimir-se durante alguns breves minutos sobretudo para que se apercebam da riqueza, variedade e beleza da natureza criada por Deus)* Veem como conhecem tantas espécies de seres vivos? Agora, vamos pensar um pouco:

Quando contemplamos tudo isto, vemos tanta beleza, tanta perfeição... em que é que nos faz pensar? *(deixar as crianças exprimirem-se)* Pois é, pensamos como foi possível fazer existir tudo isto?.. E de onde virá tanta beleza... De onde vem a vida de todos estes seres vivos?

*Quando as crianças, ajudadas ou não, chegarem à resposta – **criado por Deus** - o catequista conclui:*

Exato, todas estas maravilhas foram criadas por Deus.

**5. O catequista mostra as fotos do placar que estavam tapadas:** E já reparastes que nós podemos encontrar, também, neste imenso universo de seres vivos? ... Muito bem! Os seres humanos! Os seres humanos que são ... que somos ... uma espécie absolutamente especial... Temos características que nos distinguem, que os tornam especiais, no meio de todos os outros seres criados por Deus. Nós, os seres humanos, somos, por isso, um caso à parte no projeto de Deus.

Vamos voltar novamente a observar o nosso placar: *(o catequista mostra as fotos/gravuras com pessoas a trabalhar, pensar, rezar...e coloca sobre estas fotos – deixando à vista apenas as fotos de seres humanos – uma folha de papel suficientemente grande para registar as ideias das crianças).*

**Conseguem descobrir algumas características que nos mostram que os seres humanos são seres especiais?**

*O catequista proporciona um momento de diálogo, procurando, se possível, que todas as crianças se pronunciem e ajudando-as a retirar conclusões a partir das próprias fotos e das suas ideias pessoais. Vai registando no placar as características que mais se adequam ao tema: as pessoas retratadas estão a falar, a rezar, a pensar, a mostrar carinho e amor...*

Vejamos, então, as suas capacidades de inteligência, de comunicação, de organização, de trabalho, de compromisso, fazem com que a espécie humana

tenha um papel único na construção do mundo... De algum modo, os animais também trabalham e comunicam e mostram afeto, mas de uma forma muito mais limitada do que o ser humano.

**Ora vejamos:**

São os seres humanos que cultivam os campos para produzir muitos tipos diferentes de alimentos; que trabalham nas fábricas onde são produzidos bens essenciais à nossa civilização, como as roupas, os transportes, os eletrodomésticos e muitas outras máquinas; que criam escolas e universidades para, através do ensino, transmitirem uns aos outros os conhecimentos adquiridos; que fazem descobertas destinadas a tornar mais fácil a nossa vida e a dar qualidade à nossa existência, como os medicamentos, os produtos de higiene; que inventam novas formas de comunicar com os outros homens e mulheres do mundo inteiro, como os jornais, as televisões, os telemóveis; e, como se não bastasse criar todas as coisas que nos vão fazendo falta e que nos tornam a vida mais fácil, o ser humano ainda tem a capacidade de que criar obras de arte (*o catequista coloca no placar o poster composto por uma montagem de fotos de pessoas em atividades artísticas e exemplos de obras de arte, algumas das quais devem ser facilmente reconhecidas pelas crianças, conforme se refere a seguir*) – como a música, a pintura e a escultura, a dança, o cinema, a literatura... apreciadas por muitas gerações, que escrevem em livros os sonhos e as esperanças da humanidade... E, especialmente, são os seres humanos que reconhecem a existência de um Deus que os criou, que lhe rezam, que o adoram, que nele confiam e esperam, que o amam (*sobre as outras fotos, o catequista coloca a imagem das pessoas a rezar e prossegue:*)

6. Mas, quando nós observamos todas estas capacidades dos seres humanos, e nos maravilhamos com elas, acabamos por nos interrogar sobre a origem dos seres humanos e a sua finalidade aqui na terra. Eu explico-vos de um modo mais simples: De onde vimos nós, os seres humanos? Para onde vamos? Provavelmente já alguma vez pensaram nisso... eu penso!
- E sabem onde vamos poder encontrar algumas respostas para estas perguntas? (*o catequista aponta a Bíblia*) Na **Bíblia!** Logo ao princípio, no Livro do Génesis. Capítulo 1, encontramos escrito, de forma muito bela (o catequista afixa o dístico e lê:) “ **todos os seres vêm de Deus**”.
- E ainda há mais! Na Palavra que nós lemos e interiorizámos na catequese passada, havia uma frase que se repetia depois de cada coisa ser criada.

Qual era? ... Muito bem! :**“E Deus viu que isto era bom”**, que tudo era bom!  
...E, de todas essas obras, boas e belas, qual é a obra mais importante?  
(*deixar as crianças pronunciar-se e sublinhar:*) **O homem e a mulher ... os seres humanos.**

**O que é que nós temos de tão especial que nos torna diferentes de todas as outras espécies, de todos os outros seres criados?** Somos a mais importante obra de Deus!

Será que isso não nos exige alguma coisa em troca? Qual será o nosso papel? Qual será a nossa missão na vida?

## II. PALAVRA

1. Vamos ver se encontramos as respostas necessárias para estas nossas perguntas e, para isso, nada melhor do que ir procurá-las na Bíblia, num livro que já conheceis e que faz parte do Pentateuco: o Livro do Génesis, que já lemos na catequese anterior, e que continua a falar-nos da Criação.

Mas, antes de abrirmos a Bíblia, vamos recordar o que já ouviste falar nas catequese anteriores. **Quem se recorda do que falámos sobre criação nas duas anteriores catequese?**

*O catequista conduz o diálogo e completa a comunicação se disso houver necessidade:*

Lembram-se que os textos bíblicos estão escritos com linguagem própria, com expressões típicas da sua época e da sua cultura... Recorreram, muitas vezes, a imagens – muito bonitas, muito expressivas, dentro da sua cultura própria – que hoje são para nós, pessoas de outra cultura e de outra época, um pouco difíceis de entender. Contudo, vale a pena fazermos um esforço por entrar dentro da linguagem que eles usaram e tentar perceber o que eles nos quiseram dizer...

Refletimos sobre estas questões e encontramos respostas que nos foram transmitidas pelos catequistas bíblicos que nos ensinaram que os seres humanos foram criados por Deus e eleitos para colaborarem com Ele na sua Obra.

*O catequista chama novamente a atenção para as gravuras de pessoas e das suas obras, que se devem manter no placar, e que ajudam a reflexão.*

*Seguidamente, o catequista convida as crianças a abrirem as suas bíblias sobre as mesas.*

- 2.** *O catequista mostra o **dístico "Gen 2, 4b-24"** e pede às crianças para abrirem na página correta. Acompanhando o trabalho das crianças, prossegue: Este texto foi escrito por um catequista de Israel, há cerca de 3.000 anos. Parece-vos estranho, não é? Pois, mas desde sempre que as pessoas sentiam necessidade de se encontrar, de descobrir Deus. No Povo de Deus, ao longo da história, muitas pessoas se dedicaram a ensinar e a ajudar as outras a fazerem essa descoberta, tal como eu faço convosco. Bom, para hoje podermos aprender melhor, primeiro, cada um lê para si os versículos indicados no dístico.*

*O Catequista pode colocar uma música instrumental de fundo enquanto as crianças leem para si.*

*Depois de todas as crianças terem feito a leitura silenciosa, o catequista convida três crianças a fazerem a leitura para o grupo, tendo o cuidado de lhes marcar no texto, com um post-it, o início e o fim dos versículos que cada uma deve ler na sua Bíblia. A leitura será concluída pelo catequista de modo a que a necessária ênfase seja dada aos últimos versículos.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança 1:*

**Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus,  
e ainda não havia arbusto algum pelos campos,  
nem sequer uma planta germinara ainda  
porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra,  
e não havia homem para a cultivar,  
e da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície,**

**então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra  
e insuflou-lhe pelas narinas o sopro de vida,  
e o homem transformou-se num ser vivo.  
Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente,  
e nele colocou o homem que tinha formado.**

*Criança 2:*

**O Senhor Deus fez brotar da terra  
toda a espécie de árvores agradáveis à vista  
e de saborosos frutos para comer,  
a árvore das vida estava no meio do jardim,  
assim como a árvore do conhecimento do bem e do mal.  
Um rio nascia no Éden para regar o jardim,  
dividindo-se a seguir, em quatro braços.  
O nome do primeiro é Pichon, rio que rodeia toda a região de Havilá,  
onde se encontra ouro, ouro puro, sem misturas,  
e também se encontra lá bdélio e ónix.  
O nome do segundo rio é Guion, o qual rodeia toda a terra de Cush.  
O nome do terceiro é Tigre, e corre ao oriente da Assíria.  
O quarto rio é o Eufrates.**

*Criança 3:*

**O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden,  
para o cultivar e, também, para o guardar.  
E o Senhor Deus deu esta ordem ao homem:  
«Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim,  
mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal,  
porque no dia em que o comeres, certamente morrerás».  
O Senhor Deus disse:  
«Não é conveniente que o homem esteja só;  
vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele».**

*Criança 3:*

**Então, o Senhor Deus,  
após ter formado da terra todos os animais dos campos  
e todas as aves dos céus,  
conduziu-os até junto do homem,  
a fim de verificar como ele os chamaria,**

**para que todos os seres vivos fossem conhecidos  
pelos nomes que o homem lhes desse.**

**O homem designou com nomes todos os animais domésticos,  
Todas as aves do céu e todos os animais ferozes;  
Contudo não encontrou auxiliar semelhante a ele.**

*Catequista:*

**Então, o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo;  
E, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas,  
cujo lugar preencheu de carne.**

**Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher  
e conduziu-a até ao homem.**

**Então, o homem exclamou:**

**«Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne.**

**Chamar-se-á mulher, visto ter sido retirada do homem!».**

**Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua  
mulher,  
e os dois serão uma só carne.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Procurando que as crianças se mantenham sossegadas, o catequista garante uns momentos de silêncio. E prossegue: Vamos, agora, com muita atenção, refletir em conjunto sobre este texto, um bocadinho longo e difícil. Vamos continuar com a nossa Bíblia aberta, para podermos reler o texto, se precisarmos. Olhem, uma coisa muito interessante que o texto nos conta é como Deus foi generoso para com o ser humano, que no texto está escrito com a palavra «Homem», com maiúsculas, para significar toda a humanidade: o catequista que escreveu este texto queria explicar alguma coisa em especial aos seus ouvintes, ora oiçam: Deus fizera nascer **«toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer.»** Não eram apenas árvores nascidas para dar alimento, mas árvores bonitas! Não se tratava apenas de vegetais saudáveis ou de fruta com muitas vitaminas, mas de **«saborosos frutos»!** Quanta generosidade de Deus! E podemos*

continuar a verificar qual a intenção de Deus, que nos é explicada no texto, quando o autor fala de muitos rios... rios que regavam jardins. Ou seja, água, que é imprescindível à vida, para bebermos, para regarmos as plantas de que nos alimentamos e darmos de beber aos animais, mas também água que é bela – não é bela uma paisagem com um rio? – que produz um som bonito ao correr, que rega jardins, talvez das obras mais bonitas que o ser humano é capaz de produzir em conjunto com a natureza. E, para finalizar, o texto ainda diz, sobre os animais, que tanta falta nos fazem e de quem nós gostamos tanto, que Deus «**conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria**». Olhem, não sei se algum de vós já recebeu um animalzinho de presente... mas quando isso acontece, a primeira coisa que nós gostamos de fazer é saber o nome dele ou, de preferência, dar-lhe um nome... Pois foi isso que Deus fez: quando ele espera que o Homem dê um nome aos animais, Ele espera que os faça seus, eles são um presente de Deus para o ser humano... Porque a inteligência e os sentimentos do Homem lhe permitem tomar conta da natureza, dos animais, e retirar deles um bom uso, que garanta aos animais umas condições de vida adequadas e enquanto dão um contributo importante à felicidade da pessoa humana. Deste modo, este texto também mostra como os seres humanos, criados por Deus, são diferentes de todos os outros seres criados, pois têm umas qualidades e umas capacidades mais importantes do que os outros seres da criação.

- 3.** Colocando o **dístico "Gen 1, 26-29"** no seguimento do anterior, o catequista explica, indicando às crianças para acompanharem na Bíblia: Vou ler-vos um outro texto que mais tarde, há cerca de 2.600 anos, um outro catequista de Israel escrevia assim sobre a mesma mensagem, mas explicando o papel especial do ser humano na criação de um outro modo. Ora escutem com atenção:

*Catequista:*

**Deus disse:**

**«Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra».**

**Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher.**

**Abençoando-os, Deus disse-lhes:**

**«Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra».**

**Deus disse:**

**«Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento».**

De acordo com aquilo que nós estávamos a tentar perceber sobre a ideia de Deus acerca dos seres humanos, podemos ver como este catequista antigo o explica dizendo que **Deus fez o ser humano à sua imagem e semelhança, para dominar, governar, toda a natureza**. E, para tal ser possível, disse ao Homem para crescer em número, para constituir muitas famílias, afim de se poder trabalhar a natureza.

Agora, temos de ter em atenção, quando lemos estes textos, belos mas muito antigos, que os catequistas de há muitos séculos não estão a dizer-nos exatamente, “como” é que as coisas aconteceram; mas estão a usar imagens poéticas, de beleza e profundidade, para nos transmitir uma mensagem especial. É como se eu, para vos dizer que gostei muito das minhas férias, desenhasse uma praia com muitos meninos e meninas a brincar: não interessa se realmente estive, ou não, na praia, mas uso a mensagem da praia, que é um sítio agradável, que é bonito, onde se brinca e descansa, para vos dizer, com um desenho, uma imagem, que foram umas férias muito boas, muito felizes. Quando lemos estes textos, o que nos interessa verdadeiramente é tentar perceber a mensagem que eles estão a tentar transmitir-nos, como um jogo de imagens que o autor fez para nós.

#### **4. Sendo assim, o que é que os catequistas de Israel estão a procurar dizer-nos com estas imagens?**

a) Antes de mais, estão a dizer-nos que os seres humanos foram criados por Deus e são diferentes de todos os outros seres criados.

Quando o autor de um desses textos diz, por exemplo, que Deus **“insuflou nas narinas do homem um sopro de vida” (Gen 2,7)**, está a usar uma imagem para fazer-nos perceber que os seres humanos são animados pela vida (a respiração) do próprio Deus. Eles têm em si a vida do próprio Deus, têm em si algo de Deus. Por isso, são seres muito importantes, muito

dignos, muito nobres, muito belos, que devem ser respeitados, estimados e honrados, mais do que todos os outros seres criados.

- b) Ninguém deve desprezar, humilhar, magoar, destruir um ser humano, pois ele tem em si algo de Deus. Um dos catequistas de Israel até diz que os homens e as mulheres foram feitos **“à imagem e semelhança de Deus” (Gen 1,26)** – isto é, que eles são parecidos com Deus e que quem os contempla é como se contemplasse o próprio Deus.
- c) Estão a dizer-nos, também, que Deus criou o homem e a mulher para serem felizes sobre a terra e que lhes deu todas as condições para que eles se sentissem bem nessa **“casa”** que Deus construiu para eles. Um dos textos sugere isto, lembram-se, dizendo que Deus colocou o homem num **“jardim”** muito bonito, cheio de água, de árvores com frutos saborosos, e até de pedras preciosas (**cf. Gen 2,8-14**) ... Num sítio assim bonito, sentimo-nos bem; num lugar onde temos tudo o que precisamos, podemos ser felizes... É verdade: Deus criou um mundo onde **“tudo era bom”** e bonito, a fim de que o homem e a mulher pudessem realizar-se plenamente, ser felizes. Deus não criou os seres humanos para que eles sofram e chorem, mas para que vivam uma vida de grande felicidade.

*Se alguma criança perguntar «então, porque que é que as pessoas sofrem e choram?» - que é a questão do sofrimento e do mal, que tantas vezes abala a fé, mesmo dos adultos – o catequista pode explicar que o sofrimento vem, muitas vezes, do mal que as pessoas fazem, ao serem egoístas, vem do pecado, porque Deus criou as pessoas livres de escolher o seu caminho, o bem ou o mal, mas as pessoas cometem erros e fazem coisas erradas. Não necessita adiantar-se mais, mas explicará que esse problema vai ser desenvolvido na próxima catequese.*

- d) Estão a dizer-nos, ainda, que Deus quis que o homem e a mulher experimentassem o amor, se comprometessem com o amor e vivessem um para o outro, completando-se um ao outro, ajudando-se um ao outro, amando-se um ao outro. Os dois são iguais (por isso o nosso autor diz que eles são feitos **“da mesma carne” – cf. Gen 2,21-24**) e devem, por isso respeitar-se um ao outro. O homem não é feliz sozinho, se não tiver o seu amor para com ele partilhar a sua vida; a mulher não é feliz sozinha, se não tiver o seu amor para partilhar com ele a sua vida... Nós, seres humanos, fomos criados por Deus para nos relacionarmos, para nos amarmos, para nos darmos. O amor que completa o homem e a mulher faz parte do plano

de Deus... Só quando amamos e encontramos alguém que nos completa, alguém a quem nos damos totalmente, alguém com quem partilhamos tudo, somos verdadeiramente felizes. Pode não ser um marido ou uma esposa, mas um amigo, um companheiro que trabalha connosco numa tarefa importante...

- e) Estão a dizer-nos, finalmente, que **Deus entregou toda a criação** – os animais, as plantas, todas as coisas criadas – **nas mãos do homem e da mulher, tornando-os responsáveis pela criação** (cf. **Gen 1,26-29; 2,19-20**). A missão dos seres humanos é “guardar” esse “jardim” que Deus criou (e que é o mundo), cuidando dele, cuidando dos outros seres vivos que o enchem. Compete-nos velar para que essa “casa” que Deus deu aos seres humanos, aos animais e às plantas seja preservada e cuidada para que todos possam continuar a viver felizes na terra, de acordo com o plano de Deus; compete-nos conservar bem bonita, bem cuidada, bem limpa e bem tratada essa “prenda” que Deus deu a todos os seres criados – o universo inteiro; compete-nos continuar, com o nosso trabalho, com a nossa inteligência, com o nosso esforço – a construir todos os dias esse mundo “bom” que Deus um dia sonhou, preparou e entregou aos seres humanos.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Há muitos séculos, depois de se interrogar sobre a importância e a dignidade dos seres humanos, sobre o seu lugar no plano de Deus, sobre as diferenças entre os seres humanos e os outros seres criados por Deus, um homem crente rezava ao Deus criador (**Sal 8,5-10**) de um modo muito bonito, que nós podemos fazer nosso.

*O catequista explica como se vai rezar, dividindo o grupo em quatro pequenos coros e pede às crianças para abrirem as suas Bíblias no Sal 8, 5-10. Depois, ensaiam o cântico que será cantado acompanhando a leitura do Salmo:*

**“Cada um de nós é imagem de Deus”.**

*Para a oração procede-se intercalando a leitura dos versículos, tal como a seguir se indica, com o cântico (total ou por estrofes).*

Então, colocamo-nos de pé, perante estas imagens (do placar) que mostram com que amor Deus nos quis e nos criou, rezamos com amor, colocando o nosso coração naquilo que vamos ler e cantar:

*"Que é o homem para te lembrares dele,  
o filho do homem para com ele te preocupares?"*

**"Cada um de nós é imagem de Deus".**

*Quase fizeste dele um ser divino;  
de glória e de honra o coroaste.*

**"Cada um de nós é imagem de Deus".**

*Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos,  
tudo submeteste a seus pés:  
rebanhos e gado, sem exceção,  
e até mesmo os animais bravios;  
as aves do céu e os peixes do mar,  
tudo o que percorre os caminhos do oceano.*

**"Cada um de nós é imagem de Deus".**

*Ó Senhor, nosso Deus,  
como é admirável o teu nome em toda a terra!"*

**"Cada um de nós é imagem de Deus".**

2. Ainda antes de se sentarem, gostava de vos mostrar como, noutra momento da história, um outro crente, que se admirava sinceramente com essa obra admirável de Deus, que é o ser humano – cada ser humano, diferente, especial, obra única e maravilhosa de Deus – rezava. É o **Salmo 139, versículos 13-18**, que eu vou ler em vossa honra, pelo amor, cuidado, imaginação e beleza com que Deus fez cada um de vós (*o catequista diz o nome de cada criança e, no final, lê lentamente*):

**"Tu modelaste as entranhas do meu ser,  
e formaste-me no seio de minha mãe.  
Dou-te graças por tão espantosas maravilhas;  
admiráveis são as tuas obras.  
Quando os meus ossos estavam a ser formados,  
e eu, em segredo, me desenvolvia,  
tecido nas profundezas da terra,  
nada disso te era oculto.  
Os teus olhos viram-me em embrião.  
Tudo isso estava escrito no teu livro.**

**Todos os meus dias estavam modelados,  
ainda antes que um só deles existisse.  
Como são insondáveis, ó Deus, os teus pensamentos!  
Como é incalculável o seu número!  
Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia;  
e se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo”.**

- 3.** Vós sois, nós somos, um desses seres humanos que Deus criou tão maravilhosamente, fazendo-nos especial entre todos os outros seres da criação: a (N...), o (N...) (*referir os nomes das crianças e repetir: foi maravilhosamente criado por Deus, à sua semelhança*).

Nós e a todos os outros seres humanos como nós, Deus ofereceu este mundo tão bonito, que tem coisas tão belas para que possamos ser felizes.

**Temos em nós a vida de Deus e, por isso, somos especiais!**

Por isso, também Deus tem uma missão muito importante para nós: cuidarmos deste mundo, desta casa que Ele construiu e que entregou nas tuas mãos...

Vamos agradecer a Deus, dizer-lhe obrigado por tudo isto!

Vamos dizer-lhe que aceitamos colaborar com Ele, todos os dias, na construção deste mundo tão bom e tão bonito que Ele ofereceu a todos os homens e mulheres!

- 4.** Servimo-nos das nossas qualidades e capacidades de seres humanos criados à imagem e semelhança de Deus para criar uma mensagem com a qual agradecemos ao nosso Criador por assim nos ter feito.: é a «**Mensagem para Deus que me criou**».

*O catequista explica que essa mensagem – com três ou quatro linhas - será registada no terceiro espaço da **Barra Cronológica**, a lápis. Cada criança é desafiada a escrever a sua mensagem, individualmente. Quando todos tiverem terminado, incluindo o Catequista, em ambiente de oração, com música instrumental de fundo, todos são convidados a partilhar o seu texto. No fim, termina-se com o cântico:*

**“Cada um de nós é imagem de Deus”.**

- 5. Compromisso:** As crianças são convidadas a, em casa, passar a sua «**Mensagem para Deus que me criou**» a caneta e a decorá-la com desenhos ou colagens alusivas a elementos da natureza que apreciem particularmente. Se possível, esse trabalho deve ser partilhado com a família

e a **Barra Cronológica** ficará exposta durante a semana, ao longo da qual o texto **Sal 139, 13-18** será rezado por todos num momento a combinar por cada família. Para tal, o catequista dita a referência devida que as crianças registam na Barra Cronológica.

*Para guardar na memória e no coração*

Somos parecidos com Deus, porque fomos criados à sua imagem e semelhança.

Deus criou o homem e a mulher para serem felizes sobre a Terra e deu-lhes todas as condições para que se sentissem bem nesta casa criada por Ele.



## Deus não criou o mal

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. De onde vem o mal?

O problema do mal é, talvez, o maior mistério que se coloca à humanidade e o desafio mais sério que os seres humanos têm de enfrentar. Trata-se de uma realidade que todos os dias nos submerge e afoga, e que se traduz num imenso cortejo de misérias de toda a espécie, de tragédias colossais, de dores inumeráveis, de lágrimas sem fim... De onde vem esse "mal" que desfeia o mundo e que enche de sofrimento a vida dos homens e das mulheres? Deus não criou um mundo "bom" e bonito? O projeto de Deus não era que os seus filhos e filhas fossem felizes e encontrassem a Vida plena? Então, porque é que estamos "condenados" a conviver com o mal e a ver as nossas vidas e a nossa história indelevelmente marcadas por essa realidade?

Ao longo dos séculos estas questões nunca deixaram de inquietar os seres humanos... Trata-se de um problema que, continuamente, nos desafia e atrapalha e para o qual ninguém descobriu, ainda, respostas claras, inequívocas, universais, decisivas. Por mais engenhosas e coerentes que forem as respostas encontradas, o mal continuará, sempre, a ameaçar-nos, a desafiar-nos, a questionar-nos, a pintar com cores sombrias as nossas vidas... pelo menos enquanto caminharmos nesta terra e a nossa existência for marcada pela debilidade e finitude, que são os traços distintivos da nossa humanidade.

##### 2. O mal para o povo de Israel

Como não podia deixar de ser, os catequistas de Israel também se debateram com o problema da existência do mal e, como nós, também procuraram respostas para esse incompreensível mistério... As respostas que eles deram

a este problema humano estão marcadas pela sua fé e refletem a sua profunda experiência religiosa... São reflexões sábias, coerentes, com uma grande dose de verdade. Não explicam e não resolvem definitivamente o problema do mal; mas constituem uma ajuda indispensável para aprendermos a vencer o mal e para conseguirmos impedi-lo de tomar conta da nossa existência.

A primeira certeza definida pelos catequistas de Israel é que não foi Deus quem criou o mal... Deus criou um mundo onde tudo está bem (cf. Gen 1), um mundo harmonioso e belo, um mundo sem tensões nem conflitos, um mundo de comunhão e de concórdia entre todos os seres criados, um mundo onde os seres humanos teriam todas as condições para realizarem e concretizarem plenamente a sua vocação à felicidade.

Mais: além de criar um mundo com todas as potencialidades para que os seres humanos pudessem gozar de uma felicidade sem fim, Deus quis indicarnos a forma de nós construirmos as nossas vidas e a nossa história sem que o mal deteriorasse essa criação "boa" de Deus. Apontou-nos, desde os primeiros passos dos seres humanos sobre a terra, os caminhos que devíamos escolher para que pudéssemos encontrar a vida e a felicidade; avisou-nos que a escolha de caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência introduziriam na nossa história e na nossa vida desequilíbrios graves, capazes de alterar o projeto "bom" de Deus e de criar sofrimento e morte.

Apesar disso, os seres humanos – sempre na perspectiva dos nossos catequistas bíblicos – escolheram muitas vezes ignorar as indicações de Deus, julgando que dessa forma seriam mais livres e mais felizes. Deram ouvidos a outros "deuses", deixaram-se seduzir por outras vozes que não estavam exatamente interessadas na nossa felicidade e na nossa realização, recusaram acolher as propostas que, com amor, Deus lhes apontava (cf. Gen 3,1-13). A essa recusa de Deus e das suas indicações, a esse buscar a felicidade por meios próprios, à margem de Deus ou mesmo contra Deus, chama-se "pecado". E o pecado tem consequências dramáticas: não porque Deus "castigue" o homem por causa das suas escolhas erradas, mas porque o egoísmo e o orgulho humano geram situações de injustiça, de exploração, de violência responsáveis por muitos desequilíbrios, por muitas tensões, por muito sofrimento, por muitas lágrimas. O pecado – as escolhas egoístas do homem que recusa Deus e as suas propostas – acaba por deteriorar esse "paraíso" que Deus preparou para nós (cf. Gen 3,14-24), acaba por criar conflitos entre os seres que partilham esta "casa" que todos habitamos, acaba por destruir a comunhão entre os seres humanos, acaba por trazer à vida dos homens e das mulheres dor, cansaço, desilusão, frustração, sofrimento e morte. Para os catequistas

bíblicos, o "mal" (ou, pelos menos, parte do mal que desfeia o mundo) é o resultado de um mau exercício desse belo dom que Deus fez ao homem: a liberdade. Quando o homem escolhe ignorar Deus e as suas propostas, acaba, inevitavelmente, por se deixar dominar pelo orgulho, o ciúme, a inveja, e acaba por se tornar, para os seus irmãos, fonte de violência, de injustiça e de morte (história de Caim e Abel: Gen 4,1-16).

### **3. O caminho que escolhemos**

Deus podia ter-nos impedido de fazer escolhas erradas, que podem conduzir a humanidade a uma espiral incontrollável de morte e de desgraça? Podia, se quisesse... Mas Deus preferiu respeitar a nossa liberdade, aceitar as nossas escolhas, e deixar-nos descobrir, através da nossa própria experiência, o sem-sentido de algumas das nossas opções. Esta pedagogia de Deus não é reflexo do seu alheamento da nossa vida e da nossa felicidade; mas reflete, de forma admirável, o seu amor incondicional, a sua bondade sem limites, o seu respeito pela dignidade e pela liberdade dos seus filhos e filhas...

Está assim resolvido, definitivamente, o mistério desse "mal" que assola o mundo e que transtorna a vida e a história dos seres humanos? Só em parte... Há, apesar de tudo, manifestações do "mal" que não são o resultado direto das escolhas erradas dos homens... Para esse "mal", teríamos de procurar outras respostas. Contudo, as achegas dos catequistas bíblicos constituem uma importante contribuição para a compreensão do drama do "mal".

Porque é que, no que nos diz respeito, não evitamos as tais escolhas erradas que são responsáveis por tantas formas de dor e de sofrimento – para nós e para aqueles que caminham ao nosso lado? Porque, por vezes, o nosso orgulho, a nossa vaidade, a nossa autossuficiência falam mais alto, e convencemo-nos de que não precisamos de Deus nem das suas indicações... Ou porque a nossa fragilidade e debilidade não nos deixa fazer o bem que queremos, nem evitar o mal que não queremos (cf. Rom 7,19). Estaremos, então, condenados a um futuro sem saída, tapado por um mal que irá aumentando até a história humana não ser mais viável? Não. O nosso Deus não desiste – nunca desistiu, ao longo da história da humanidade – de vir ao nosso encontro, de abraçar os filhos pródigos, de os acolher na sua casa e de lhes apontar caminhos novos de redenção, de graça e de esperança. Temos sorte: em cada instante, o nosso Deus dá-nos a oportunidade de começar tudo de novo e de construir uma história nova, uma história onde o mal não domine nem condicione as nossas vidas.

## **OBJETIVOS**

- Constatar que o mal é uma realidade que está presente no caminho que, todos os dias, os homens e mulheres percorrem, levando as crianças a interrogar-se livremente sobre a origem dessa realidade.
- Descobrir que, em boa parte, o mal resulta das escolhas erradas que fazemos: quando nos recusamos a ouvir as indicações de Deus e escolhemos os caminhos que mais nos agradam, estamos, muitas vezes, a magoar os outros e a preparar, para nós próprios, situações sem saída, que não nos ajudam a crescer.
- Perceber que as propostas de Deus nos ajudam a evitar o mal e nos indicam caminhos de Vida e de felicidade, despertando nas crianças a vontade de conhecer “as palavras” que Deus nos diz e a conhecer os caminhos “bons” que Deus nos aponta.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Nesta catequese deve-se ter uma especial atenção para a partilha das crianças durante a experiência humana, deixando-as exprimir de forma muito livre o que sentem quando vivem ou observam situações de mal. Desta forma serão conduzidas até à pergunta sobre a origem desta realidade. Como o próprio Catecismo da Igreja Católica nos recorda, o problema do mal aflige a pessoa humana e põe à prova a sua fé (CIC 272, 309), por isso é tão importante que o crente compreenda que Deus, na sua infinita sabedoria, quis criar um mundo «em estado de caminho» para a perfeição (CIC 310), *na qual os seres humanos colaboram voluntariamente, por livre escolha e amor preferencial, como criaturas inteligentes e livres* (CIC 311). É esta ideia que deve, fundamentalmente, desenvolver-se na criança durante esta catequese, ajudando-a a aceitar, no seu coração, que tudo o que Deus quer para ela própria e para aqueles que ela ama, é só o bem. Mesmo quando a vida concreta das pessoas é dura e difícil, pode encontrar sentido e felicidade na fé e no imenso amor de Deus.
- 2.** Assim, as crianças, ao terem já interiorizado nas catequese anteriores que Deus quer a felicidade de todos, serão naturalmente confrontadas com a questão de se foi, ou não, Deus quem criou o mal. Para ajudar a encontrar a resposta é muito importante a explicação das leituras bíblicas propostas, que o catequista deve preparar com grande cuidado e sentido da responsabilidade, tendo presente como, quantas vezes, a vida das crianças que lhe estão confiadas é, inexplicavelmente dura.

3. Pela oração as crianças são chamadas a exprimir a sua adesão às escolhas que Deus lhes apresenta, procurando-se que compreendam como cada um é responsável pela sua felicidade e pela felicidade dos outros.

### **MATERIAIS**

- Duas velas, que foram inicialmente iguais, mas está nova e a outra já está muito gasta e desfeita;
- Fósforos;
- Poster com frase "O projeto de Deus";
- Imagens com situações representativas do mal no mundo e na vida das pessoas, em geral: violência e guerra, fome, catástrofes naturais, delinquência, alguém precisado de auxílio mas que não é socorrido, ...
- Imagens com situações de conflito na vida familiar e escolar: crianças a desobedecer aos adultos, alunos que não trabalham na escola, crianças que se agredem, adultos que se mostram indiferentes perante as crianças, ...
- Dísticos: "mal"; "Gen 3,1-19.23"; "Gen 4,1-16"; "culpa"; " não seguir as propostas de Deus"; " ESCUTAR A PALAVRA DE DEUS";
- Dísticos "Homem", "Mulher", "Serpente", "Deus", dotados de um fio que lhes permita ser pendurados do pescoço;
- Folha de papel recortada em forma de puzzle e com as inscrições necessárias, tal como explicado no **Documento 1**.

### **MÚSICA**

- "Perdoa, Senhor, o nosso dia".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### **Preparação da sala:**

- O **placar** está vazio.
- Sobre a **mesa**, colocada à frente do placar (e, se possível, ambos colocados centralmente às cadeiras das crianças, de modo que estas se sentem em semi-circulo, tendo-os na sua frente) está: ao centro, a Bíblia, aberta em e ladeada de duas velas, apagadas, que foram inicialmente iguais, mas a da direita é nova e a da esquerda já muito gasta e desfeita. Os fósforos estão preparados para ser usados.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista dá início à sessão como habitualmente, criando um ambiente de recolhimento e concentração, após o que questiona as crianças sobre a sessão passada:*

**Quem se recorda da coisa mais importante que aprendemos no último encontro?**

*O catequista deve conduzir o diálogo de modo a que se recordem do essencial:*

Muito bem, aprendemos que fomos criados à imagem e semelhança de Deus! Olhem, vamos acender esta vela nova e bonita, que está aqui sobre a mesa e que, com a sua luz, nos lembra que fomos criados por Deus à sua imagem, pois a luz é beleza e a chama dá-nos calor, duas formas de celebrarmos esta experiência! *(o catequista acende a vela nova)* Mas, que **significa ser criado à imagem e semelhança de Deus?**

Significa que somos parecidos com Deus:

- Deus criou o **homem e a mulher para serem felizes** sobre a Terra e deu-lhes todas as condições para que se sentissem bem nesta casa criada por Ele;
- Os seres humanos têm como **missão colaborar com Deus** na contínua recriação do mundo, fazendo com que o "sonho" de Deus para o mundo se realize;
- Este é o grande projeto de Deus.

2. *De seguida o catequista coloca o cartaz com a frase "**O projeto de Deus**" no placar e alinhado com a Bíblia que está sobre a mesa. Depois, de forma progressiva, o catequista mostra e coloca sobre o cartaz, uma a uma, imagem com situações representativas do mal no mundo, que vão tapando a inscrição. Vai desafiando as crianças a exprimirem a sua opinião sobre o que estão a ver e a dizerem o que sentem.*

### 3. **Que acham que está a acontecer?**

*Motivar as crianças para a partilha do que sentem.*

Já se deram conta de que nem tudo o que os seres humanos fazem está de acordo com o plano de Deus. Em vez de felicidade, vemos tristeza e infelicidade.

*Neste momento o catequista pode fazer memória das coisas que as crianças ouvem e vêem através das notícias, etc., que causam sofrimento a muita gente.*

Todos os dias nos chegam notícias – através de conversas com os nossos pais, amigos, professores; através dos telejornais transmitidos pela televisão; através da informação que encontramos na internet – de **acontecimentos que fazem sofrer as pessoas**: catástrofes, guerras, violências, roubos, assassinios; todos os dias ouvimos falar de pessoas que fizeram coisas que magoaram outras pessoas; que não respeitaram os seus direitos; que as fizeram sofrer; todos os dias nós somos colocados diante de situações que nos trazem tristeza; que nos ferem e que nos fazem chorar..

*Nesta etapa da Experiência Humana o catequista já cobriu uma grande parte do cartaz do projeto de Deus com imagens que ilustram os males do mundo.*

- 4. O que está a acontecer com o projeto de Deus?** *(deixar as crianças tirarem as suas conclusões, ajudando, se necessário)* É como se ficasse destruído, como esta vela, estragada (aponta para a vela estragada, sobre a mesa), que já nem se pode acender. Ou escondido, como estas palavras ficaram tapadas pelas fotos... Alguém conseguiria ler e entender qual é o projeto de Deus para a humanidade se o visse assim, todo tapado com as más ações das pessoas?

*Depois desta conversa o catequista desafia as crianças a irem um pouco mais longe: apresenta as imagens sobre a vida familiar e escolar, seguindo a mesma metodologia, até cobrir o cartaz completamente.*

*O catequista conduz a partilha de modo que as crianças sintam que também estão implicadas nestes problemas, que elas mesmas são capazes de errar e de ter um comportamento contrário ao que Deus lhes pede, contrário ao seu projeto para cada uma delas. E prossegue:*

Já repararam que às vezes somos nós próprios que temos gestos e atitudes que deixam os outros – os pais, os amigos ou amigas, os professores – tristes, magoados, desiludidos connosco? Este “mal” *(o catequista coloca o **dístico “mal”** no placar, no centro das imagens que o representam)* que vemos acontecer – e que, às vezes, nós próprios construímos, não é bom para nenhuma pessoa; cria sempre mal-estar, provoca sofrimento, rouba-nos a paz. O “mal”, nas suas diversas formas, torna este mundo mais feio e

mais triste; o "mal" é sempre uma realidade que nos impede de sorrir, de sermos felizes.

- 5. Mas, o que é certo, é que às vezes temos dificuldade em reconhecer o mal que praticamos, não temos?** *(deixar as crianças pronunciar-se)* É-nos sempre difícil entender porque é que se pratica o mal. Colocamos muitas perguntas: De onde vem este "mal" que aflige e entristece tantas pessoas? Não será possível evitá-lo? Porque é que tantas pessoas têm atitudes que magoam os outros? Será possível construirmos um mundo diferente? Como? *Deixar as crianças exprimirem o seu sentir sobre estas questões.*

## II. PALAVRA

- 1.** Os catequistas bíblicos que nós já conhecemos dos encontros de catequese das últimas semanas, também procuraram encontrar respostas para estas perguntas. É que, no tempo deles, já existia este problema do "mal" (é um problema com que a humanidade sempre teve que lidar); já existiam pessoas que magoavam os outros, que criavam guerras e conflitos, que eram injustas, violentas e egoístas.
- Como nós, agora, já sabemos que esses catequistas de há muitos, muitos anos atrás, tinham uma forma diferente da nossa de falar das coisas, percebemos que eles usavam uma linguagem com... *(aponta as imagens colocadas no placar)* ...imagens ou comparações, para dizer certas coisas... E nós, quando lemos o que eles escreveram, temos de procurar perceber qual a ideia, qual a mensagem que estava escondida por detrás dessa linguagem cheia de imagens, que é, também, muito rica e muito bonita.
- 2.** Então, o que é que será que os catequistas bíblicos escreveram, sobre o problema do mal? Vamos descobrir!
- Há cerca de 3.000 anos, um deles contava, na linguagem própria dessa época, uma história sobre a origem do mal *(o catequista afixa no placar o dístico "Gen 3,1-19.23" sobre as imagens que ilustram o problema do mal)* tão extraordinária que ficou sempre na memória das pessoas que a escutaram e das que a leram. Para nós também a conhecermos e a recordarmos, vamos fazer assim *(o catequista pede às crianças para abrirem a sua Bíblia no texto indicado e distribui por quatro delas um dístico que se pode colocar ao pescoço, com um fio, com o nome das seguintes personagens do texto: Homem, Mulher, Serpente, Deus).* O catequista prepara o ambiente e as

*crianças para a escuta da palavra de Deus e depois de todos fazerem uma leitura silenciosa, o catequista inicia a apresentação da Palavra, estando todos de pé, junto da mesa e do placar:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a vós, Senhor.**

*Catequista (narrador):*

**A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera; e disse à mulher:**

*Criança (serpente):*

**«É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?»**

*Catequista (narrador):*

**A mulher respondeu-lhe:**

*Criança (mulher):*

**«Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim Deus disse: 'Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis'».**

*Catequista (narrador):*

**A serpente retorquiu à mulher:**

*Criança (serpente):*

**«Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes,**

**abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus,  
ficareis a conhecer o bem e o mal».**

*Catequista (narrador):*

**Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer,  
pois era de atraente aspeto  
e precioso para esclarecer a inteligência,  
agarrou o fruto, comeu,  
deu dele também ao seu marido, que estava junto dela,  
e ele também comeu.  
Então, abriram-se os olhos aos dois e,  
reconhecendo que estavam nus,  
coseram folhas de figueira umas às outras  
e colocaram-nas, como se fossem cinturas, à volta dos rins.  
Ouviram, então,  
a voz do Senhor Deus que percorria o jardim pela brisa da tarde,  
e o homem e a sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus,  
por entre o arvoredo do jardim.  
Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe:**

*Criança (Deus):*

**«Onde estás?»**

*Catequista (narrador):*

**Ele respondeu:**

*Criança (homem):*

**«Ouvi a tua voz no jardim e, cheio de medo,  
escondi-me porque estou nu».**

*Catequista (narrador):*

**O Senhor Deus perguntou:**

*Criança (Deus):*

**«Quem te disse que estás nu?  
Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?»**

*Catequista (narrador):*

**O homem respondeu:**

*Criança (homem):*

**«Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi».**

*Catequista (narrador):*

**O Senhor Deus perguntou à mulher:  
«Porque fizeste isso?»**

*Catequista (narrador):*

**A mulher respondeu:**

*Criança (mulher):*

**«A serpente enganou-me e eu comi».**

*Catequista (narrador):*

**Então, o Senhor Deus disse à serpente:**

*Criança (Deus):*

**«Por teres feito isto,  
serás maldita entre todos os animais domésticos  
e entre todos os animais selvagens.  
Rastejarás sobre o teu ventre,  
alimentar-te-ás da terra todos os dias da tua vida.  
Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher,  
entre a tua descendência e a dela.  
Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar».**

*Catequista (narrador):*

**Depois, disse à mulher:**

*Criança (Deus):*

**«Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez,  
entre dores darás à luz os filhos.  
Procurarás apaixonadamente o teu marido, mas ele te dominará».**

*Catequista (narrador):*

**A seguir, disse ao homem:**

*Criança (Deus):*

**«Porque atendeste à voz da tua mulher e comeste o fruto da árvore, a respeito da qual eu te tinha ordenado: 'não comas dela', maldita seja a terra por tua causa.**

**E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida.**

**Produzir-te-á espinhos e abrolhos, e comerás a erva dos campos.**

**Comerás o pão com o suor do teu rosto até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás».**

*Catequista (narrador):*

**O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden, a fim de cultivar a terra, da qual fora tirado.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 3. Agora já se podem sentar. Então, que é que o catequista bíblico nos quis dizer e ensinar com esta história?**

*O catequista deve ter o cuidado de deixar claro que toda esta forma de explicar as coisas é uma comparação. As perguntas que se seguem ajudam a eliminar qualquer tipo de dúvida sobre esta questão.*

Acham que havia antigamente uma árvore especial, cujos frutos estavam proibidos ao homem e à mulher? Ou que antigamente as serpentes falavam? Ou que Deus é mau e castiga os seres humanos quando eles fazem disparates? Não, claro que não é isso que este catequista quer ensinar-nos.

- 4. Depois deste diálogo inicial, o catequista deve conduzir as crianças à compreensão e significado dos pontos fortes da narrativa, com as perguntas e explicações que se seguem:**

**Então, afinal, o que é que ele quer dizer com esta história?**

Antes de mais, **quer dizer que Deus se preocupou, desde o início, em mostrar ao homem o que é que lhe fazia bem e o que é que lhe fazia mal**, o que é que o ajudava a ser feliz e o que é que lhe trazia sofrimento e

infelicidade, o que é que lhe proporcionava vida e o que é que lhe trazia sofrimento e morte. **É isso que significa dizer que Deus pediu aos seres humanos que não comessem de todas as árvores do jardim.** Mostra que Deus quis ensinar as pessoas a viver bem e a serem felizes.

**5. Os homens e as mulheres seguiram sempre as indicações de Deus?**

Nem sempre. Muitas vezes acharam que sabiam mais do que Deus, ignoraram aquilo que Deus lhes dizia e passaram a dar ouvidos a outras “vozes” – quer dizer, a outras propostas, que nesta história são representadas pela serpente que fala.

**6. Qual foi o resultado?** Ao escolher aquilo que lhes interessava, que mais lhes agradava – sem darem ouvidos a Deus, que só quer o bem e a felicidade de cada ser humano – estragaram o mundo e arruinaram as suas vidas. Fizeram disparates, fizeram escolhas egoístas que foram responsáveis por muito sofrimento e muita dor; pensaram que estavam a construir a sua felicidade, mas as suas escolhas erradas destruíram a natureza, por exemplo. Ou criaram desequilíbrios, dificuldades graves nas relações entre as pessoas... por exemplo, se numa família só uma pessoa tem de fazer todas as tarefas, sem a ajuda de ninguém, fica tão cansada que acaba por se zangar. Ou se na escola só um aluno quer ter toda a atenção dos professores ou quer obrigar os colegas a fazer asneiras, os amigos ficam indignados com ele. Ou, na sociedade, se só algumas pessoas ganham dinheiro e as outras vivem na pobreza, sem que ninguém as ajude ou lhes pague pelo seu trabalho, acabam por ficar violentas, por se revoltar. Isto é, aconteceram muitas coisas injustiças, erradas, que multiplicaram o “mal” no mundo.

**7. Isto é verdade?** Claro que é (*recordar a experiência feita no início da sessão com o cartaz; é possível que algumas crianças desejem exprimir as suas próprias experiências de sofrimento, expressão que o catequista deve permitir, procurando introduzir também um olhar de esperança e de apoio*). Se olharmos à nossa volta, vemos que muitas das coisas que fazem sofrer tantos homens e tantas mulheres, tantas crianças, são o resultado do egoísmo, do orgulho, da vaidade de pessoas que acham que sabem tudo e que não precisam de dar ouvidos a mais ninguém, nem sequer a Deus. Vocês sabem isso: quando o professor diz que todos, na aula, devem poder falar, devem ser ouvidos e respeitados, mas há um aluno que não ouve o professor, que não liga e, depois, interrompe toda a gente, atropela, fala na vez dos

outros. E, assim, não se consegue ter uma aula boa nem aprender: só porque um aluno não ouve o que o professor quer ensinar.

**8.** Quando nós constatamos isto, percebemos como é **importante ouvirmos Deus**, conhecermos os caminhos que Ele nos indica, vivermos de acordo com aquilo que Ele nos propõe... Deus não nos dá indicações para nos aborrecer, para nos controlar, ou para roubar a nossa liberdade; mas as indicações de Deus – **os seus mandamentos** – são propostas de amor, de grande cuidado e preocupação para com o ser humano, a criatura mais especial da sua Criação. São pedidos amorosos que Ele nos apresenta para nós podermos ser felizes, para nos podermos realiza plenamente. No ano passado, no Catecismo 4, aprendemos quais eram esses mandamentos: eram todos maneiras de amar a Deus e amar o próximo, porque é isso que é importante na vida das pessoas. É isso que Deus nos pede: que O amemos e que amemos o nosso próximo.

**9.** *O catequista, depois de verificar que todos compreenderam a narrativa apresentada, explica que na Bíblia existem muitas outras histórias que querem dizer, com palavras diferentes, a mesma coisa.*

Numa outra catequese mais ou menos da mesma época e que, na Bíblia, aparece logo a seguir, dizem-nos que, **quando os seres humanos deixam de ouvir as indicações de Deus e fazem aquilo que lhes apetece, acabam por fazer mal aos seus "irmãos"**, acabam por criar sofrimento e morte na vida de outros homens e mulheres.

**10.** Vamos conhecer essa outra história! (*O catequista motiva as crianças para a importância da narrativa que se segue*) Vamos escutá-la porque nos ajuda a compreender melhor o problema do mal. (*O catequista coloca no placar o **dístico "Gen 4,1-16"**, sob o dístico da leitura anterior e pede às crianças que encontrem, nas suas Bíblias, o texto indicado. Depois, sempre num ambiente de silêncio, lê o texto*):

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis:**

**Eva deu à luz Caim, e disse:**

**«Gerei um homem com o auxílio do Senhor».**

**Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim.**

**Abel foi pastor, e Caim lavrador.  
Ao fim de algum tempo,  
Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra.  
Por seu lado,  
Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as suas gorduras.  
O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta,  
mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta.  
Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido.  
O Senhor disse a Caim:  
«Porque estás zangado e de rosto abatido?  
Se procederes bem,  
certamente voltarás a erguer o rosto;  
se procederes mal,  
o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te.  
Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti,  
mas deves dominá-lo».**

**Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: «Vamos ao campo».**  
**Porém, logo que chegaram ao campo,  
Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o.**

**O Senhor disse a Caim:  
«Onde está o teu irmão Abel?»  
Caim respondeu:  
«Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?»  
O Senhor replicou:  
«Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim.  
De futuro, serás amaldiçoado pela terra, que, por causa de ti,  
abriu a boca apara beber o sangue do teu irmão.  
Quando a cultivares, não voltará a dar-te os seus frutos.  
Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra».**

**Caim disse ao Senhor:  
«A minha culpa é excessivamente grande para ser suportada.  
Expulsas-me hoje desta terra;  
obrigado a ocultar-me longe da tua face,  
terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra,  
e o primeiro a encontrar-me matar-me-á».**

**O Senhor respondeu:  
«Não! Se alguém matar Caim, será castigado sete vezes mais».**  
**E o Senhor marcou-o com um sinal,**

**a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar.  
Caim afastou-se da presença do Senhor  
e foi residir na região de Nod, ao oriente do Éden.**

- 11.** *Depois de escutado o texto, o catequista ajuda as crianças a interpretá-lo corretamente: Parece uma história um bocadinho estranha, não é, de há muito tempo ... Na verdade, vamos agora descobrir como é uma história de hoje e de sempre... Talvez nós conheçamos alguma situação semelhante... (o catequista vai orientando a interpretação que as crianças farão do texto através de perguntas sobre o mesmo).*

**Quem é este "Abel"?**

É um homem bom, que procura escutar Deus e de quem Deus gosta muito...

**Quem é este "Caim"?**

Caim representa aqui um homem interesseiro e egoísta, que tem ciúmes dos outros e que fica com inveja dos gestos bons dos outros... Quando Abel ofereceu os frutos da terra ele... muito bem! Foi logo oferecer o rebanho... e as suas gorduras! Mas Deus percebe a sua intenção e não fica... contente! O texto diz que «não olhou com agrado para Caim nem a sua oferta». Então Deus, vendo-o zangado por causa disso... falou com ele. E que lhe disse? Vejam lá as palavras tão interessantes que usa o autor do texto ... (*deixar as crianças pronunciarem-se; repetir a leitura:*) **"Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andarás a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo"**. Deus avisa Caim para ele se emendar, para evitar a tentação do mal...

Mas, como o autor nos diz, **"Caim" é o exemplo de um homem que não escuta as indicações de Deus** e que faz o que lhe interessa ou o que lhe apetece. E continua a sua vida, cada vez mais zangado e invejoso do irmão. **Quando alguém procede assim, acaba por magoar os outros, por ser injusto e violento**, por roubar aos outros homens e mulheres a possibilidade de serem felizes, por criar à sua volta sofrimento e morte... Caim, cheio de irritação e violência, descontrolado, fere o irmão, causa-lhe a morte.

- 12.** E, nesta história, **não foi só o homem bom – Abel – que sofreu, pois não?** O egoísmo, o orgulho, os gestos maus e violentos do Caim também lhe trouxeram a ele próprio, sofrimento e desespero... É verdade, quando fazemos coisas más, elas não atingem e magoam apenas as outras pessoas... Quase

sempre o mal que provocámos **também nos faz sofrer a nós**, também nos **rouba a nós a possibilidade de sermos felizes e de termos paz**. A esse sentimento, de ficar se paz por termos praticado o mal, chamamos culpa (*o catequista coloca no placar o **dístico "culpa"** sob o dístico "mal"*).

**13.** *Nesta altura é muito importante clarificar as ideias das crianças sobre as questões do mal no mundo de hoje, fazendo memória de tudo o que se falou no início do encontro.*

**De onde vem, então, muito do "mal" que nós encontramos no mundo?**

De onde resulta muito do sofrimento que nós vemos acontecer à nossa volta? Já vamos chegar à resposta, conforme a fomos descobrindo: vem do facto de os homens e as mulheres não quererem seguir os caminhos que Deus indica, **não quererem escutar as propostas de Deus** (*o catequista coloca o **dístico "não seguir as propostas de Deus"** do lado direito do dístico "mal"*).

**14.** *O catequista termina esta etapa do encontro sublinhando, com calma e precisão, os pontos a seguir enunciados, de modo que as crianças compreendam com clareza e empenho qual o modo de agir que se deve ter: conhecer a palavra de Deus, escutá-la e praticá-la.*

**Agora, já percebemos ainda melhor porque é tão importante conhecer as palavras de Deus e esforçarmo-nos por construir a nossa vida de acordo com as indicações de Deus!** (*o catequista coloca o **dístico "escutar a Palavra de Deus"** no placar, de modo a cobrir os dísticos "mal", "culpa" e "não seguir as propostas de Deus"*). Se escutarmos a Palavra de Deus, aquilo que Ele nos ensina, «apagamos» a nossa tendência para fazer mal, não o praticamos. De facto, se todos levássemos a sério os mandamentos de Deus, não haveria tanto mal, não existiria tanto sofrimento neste mundo. Se as palavras e propostas de Deus fossem escutadas e acolhidas por toda a gente, este mundo seria um lugar mais bonito e mais feliz, não é verdade? (*deixar as crianças exprimirem-se*).

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

**1.** *O catequista deve conduzir as crianças à consciência de que todos (elas também) somos responsáveis pelo mal, sempre que seguimos um caminho diferente do que Deus quer. Tudo acontece no dia a dia, onde nos encontramos.*

Pensai um pouco, cada um de vós, e eu também, na forma como viveu e se comportou nos últimos dias, em casa e na escola, no trabalho... Talvez tenhamos feito muitas coisas boas e belas mas, se calhar, também fizemos algumas coisas ou dissemos algumas palavras que magoaram os pais, ou fizeram sofrer os irmãos, ou os filhos ... ou deixaram tristes os colegas, ou aborreceram os professores... Se isso aconteceu, quer dizer que **não escutámos as indicações de Deus** e fizemos o que nos apeteceu, egoistamente, caprichosamente... E assim demos lugar a situações que trouxeram sofrimento, algum tipo de mal à nossa vida e à vida dessas pessoas que conviveram connosco.

## **2. Como é que nós podemos vencer esse mal?**

Antes de mais, temos de sentir que o mal não é um caminho que nos leva à felicidade. O mal destrói-nos e faz-nos sofrer – a nós e a todas as pessoas à nossa volta.

Em segundo lugar, **precisamos de pedir perdão pelas nossas atitudes erradas**. Quando somos perdoados, sentimos uma grande paz e uma grande vontade de fazermos bem as coisas, de sermos melhores... **E Deus, que é um Pai cheio de bondade, de ternura e de amor, lá estará ao nosso lado, sempre disposto a perdoar-nos e a abraçar-nos.**

**3.** *O catequista começa, neste momento a preparar as crianças para o sentido da oração, que vai ler, pausadamente, para que as crianças possam entender com clareza as belas palavras do salmo: Uma das formas mais bonitas de escutamos a voz de Deus é pela oração. Com a oração, nós vamos-lhe dizendo as ideias que são importantes para nós e isso ajuda-nos a abrir o nosso coração àquilo que Ele tem para nos dizer.*

Há muitos séculos, um homem que tinha feito algumas coisas más, mas que estava arrependido e queria que Deus lhe perdoasse, rezava assim (**SI 51,3-6a.9.11**):

*Catequista:*

**“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.  
Lava-me de toda a iniquidade;  
purifica-me dos meus delitos.  
Reconheço as minhas culpas  
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.**

**Contra ti pequei, só contra ti,  
e fiz o mal diante dos teus olhos.  
Purifica-me com o hissope<sup>1</sup> e ficarei puro,  
lava-me e ficarei mais branco do que a neve.  
Desvia o teu rosto dos meus pecados  
e apaga todas as minhas culpas”.**

E, depois de pedir a Deus que lhe perdoasse as coisas más que tinha feito, o mesmo homem continuava (SI 51,12-14):

**“Cria em mim, ó Deus, um coração puro;  
renova e dá firmeza ao meu espírito.  
Não me afastes da tua presença,  
nem me prives do teu santo espírito!  
Dá-me de novo a alegria da tua salvação  
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

**4. O catequista continua:** Ou seja: este homem sentia a **necessidade de pedir perdão** a Deus pelas suas faltas; mas também **sabia que era frágil** e que, mais cedo ou mais tarde, poderia voltar a afastar-se de Deus e a fazer coisas erradas... Por isso, **pedia a Deus que lhe mudasse o coração** ou, ainda melhor, que lhe desse um coração novo e melhor, mais capaz de amar Deus e as outras pessoas, que lhe desse força, **que lhe desse um espírito generoso e bom, para poder escutar as indicações de Deus** e para evitar o mal.

**5. Agora, vamos nós, também, preparar o nosso coração e a nossa inteligência para rezarmos muito bem.** *(O catequista distribui pelas crianças uma parte de uma grande folha de papel, anteriormente recortada como um puzzle em tantas frações quantos somarem as crianças e o próprio catequista, assim como uma caneta ou lápis; em cada fração, que não deve ultrapassar o tamanho 10x7 cm, está inscrito um versículo do salmo anteriormente lido e o versículo final, que se regista em todas as frações de papel, conforme o Documento 1, podendo haver, se necessário, crianças que recebem o mesmo versículo.)* **Vamos fazer assim:**

---

<sup>1</sup> Hissope: instrumento de metal ou de madeira com que se asperge a água benta.

Vamos começar por ensaiar o cântico que vamos cantar durante a nossa oração:

**"Perdoa, Senhor, o nosso dia".**

*Depois de ensaiar as crianças, o catequista prossegue: Cada um para si, em silêncio, vai ler com muita atenção o primeiro versículo do salmo que está escrito na nossa folha. Depois, vai escrever, para Deus, o seu próprio versículo, aquilo que quer dizer-lhe, depois da nossa reflexão de hoje.*

*Cada criança é desafiada a escrever a sua oração e ajudada, se necessário. Depois de todos terminarem, em ambiente de oração - se for oportuno pode utilizar-se música - todos são convidados a partilhar da seguinte maneira: Agora, sentamo-nos todos em redor da mesa que tem a nossa Bíblia. Eu vou começar, para verem como devem fazer.*

*O catequista levanta-se, lê a sua oração – versículo do salmo, o versículo que escreveu e o versículo final do salmo – e coloca no chão, entre a mesa e as crianças, a sua peça do puzzle. Convida cada uma das crianças a fazer o mesmo e a colocar a sua peça do puzzle no conjunto das orações feitas. Termina-se com o cântico:*

**"Perdoa, Senhor, o nosso dia".**

**6. Quando todo o puzzle estiver completo, o catequista sublinha:**

Com esta nossa oração, com as palavras do salmo e as nossas palavras, pedimos desculpa a Deus pelas coisas erradas que fizemos e por não termos sabido escutar as indicações que Deus nos deu. Fizemo-lo em conjunto porque o erro que mais cometemos é o de não sabermos amar o próximo e, assim, pela nossa união, aqui representada pelo grande puzzle que fizemos, nos recordámos que devemos amar a Deus e ao nosso próximo, também aqui na catequese, no nosso grupo de catequese: devemos ser unidos e muito amigos uns dos outros.

*Se possível, o catequista fotografa o puzzle para, depois, enviar às crianças, por e-mail, a respetiva foto, fazendo dela o símbolo de unidade deste grupo. Também pode usar a(s) fotografia(s) na reunião de pais deste grupo da catequese, apresentando-as aos pais num power-point ou oferecendo-as impressas.*

**7. Compromisso:** Durante esta semana vamos pedir a Deus que mude o nosso coração, para termos sempre a força e a generosidade de escolher o bem e de fazer o bem. Para isso:

- Vamos colar a oração que escrevemos na nossa **Barra Cronológica** e comprometer-nos a rezá-la todos os dias;
- Vamos fazer um grande esforço para, durante a semana, ajudarmos uma pessoa a ser feliz e depois, antes de voltarmos à catequese, vamos escrever junto da oração quem é essa pessoa e o que é que nós fizemos para a ajudar, para sentirmos no nosso coração «**a alegria da salvação**» (na página 24 do catecismo).
- Se tiver fotografado o puzzle enquanto ainda esteve montado, ou através da troca de mensagens de e-mail ou sms com as crianças, o catequista reconstrói a oração composta pelos versículos do salmo e os versículos escritos pelo grupo e envia para todos ou prepara um cartão de 10x15 cm para oferecer a cada uma das crianças na próxima catequese; um outro exemplar pode ser oferecido ou enviado às famílias e a alguns membros da comunidade paroquial que as crianças conhecem e, se as crianças estiverem de acordo, às pessoas que elas pretendem ajudar a ser felizes.

*Antes de saírem, canta-se de novo:*

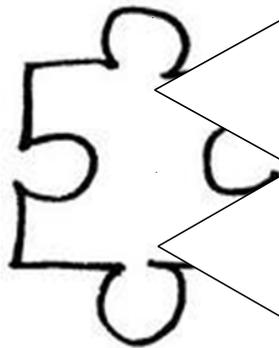
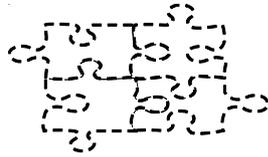
**"Perdoa, Senhor, o nosso dia".**

***Para guardar na memória e no coração***

São as propostas de Deus que nos ajudam a evitar o mal e nos indicam caminhos de Vida e de felicidade. Por isso, cada um deve conhecer "as palavras" de Deus que nos ensinam os caminhos "bons" que Deus nos aponta.

### III – DOCUMENTOS

#### DOCUMENTO 1



“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.”

**“Dá-me de novo a alegria da tua salvação  
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

“Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.”

“Lava-me de toda a iniquidade;  
purifica-me dos meus delitos.”

“Reconheço as minhas culpas  
e tenho sempre diante de mim os meus pecados.”

“Contra ti pequei, só contra ti,  
e fiz o mal diante dos teus olhos.”

“Desvia o teu rosto dos meus pecados  
e apaga todas as minhas culpas”.

“Cria em mim, ó Deus, um coração puro;  
renova e dá firmeza ao meu espírito.”

**“Dá-me de novo a alegria da tua salvação  
e sustenta-me com um espírito generoso”.**

## Deus chama-nos a fazer parte do seu Povo

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A história da salvação é história de comunhão

Já sabemos que, na perspectiva do projeto de Deus, os seres humanos não foram criados para viverem isolados... Eles foram criados para a comunhão, para o diálogo, para a partilha, para o amor... O isolamento fecha-nos numa dinâmica de egoísmo estéril e vazio; a comunhão abre-nos à riqueza da partilha, coloca-nos desafios que nos ajudam a crescer, faz desabrochar em nós um dinamismo que nos conduz ao encontro da nossa plena realização. A vocação dos seres humanos – essa vocação inscrita e gravada por Deus no coração de cada homem e de cada mulher – é uma vocação de comunhão. Tendo isto presente, compreendemos que a história da salvação – essa história da intervenção salvadora e libertadora de Deus no caminho dos seres humanos – não podia desenhar-se senão num cenário “comunitário”, onde a descoberta do rosto de Deus pudesse ser continuamente enriquecida e temperada pela partilha de experiências e de perspectivas que a comunidade possibilita... Por isso, a história da salvação vai concretizar-se como história de um Povo que caminha em conjunto, que em conjunto se interroga e se questiona, que em conjunto enfrenta o desafio de procurar o rosto de Deus. Trata-se, certamente, de uma história que inclui todos os povos, que envolve todos os homens e mulheres de todas as raças e de todos os tempos... Não tem como destinatário um grupo específico, em detrimento dos outros; não privilegia uma comunidade em prejuízo de outras... O plano de Deus abraça a humanidade inteira: todos os homens e mulheres têm origem em Deus; a todos Deus oferece essa “casa” comum, boa para habitar; a todos Deus convida para integrar a sua “família”; a todos Deus indica caminhos de Vida, de felicidade, de realização plena, pois todos, sem exceção, são seus filhos

e filhas... Contudo, é convicção dos catequistas bíblicos que, num determinado momento da história, a pedagogia de Deus levou-o a escolher um Povo particular, uma determinada comunidade humana, para aí centrar essa revelação que Ele queria depois oferecer à humanidade inteira. Não se tratou de um privilégio atribuído por Deus a um Povo especial; mas tratou-se de um método – o método que Deus elegeu – para entrar na história humana e para caminhar, na história, com os homens... Ele apareceu no caminho histórico de um determinado grupo humano, revelou-lhe o seu rosto, deu-lhe a conhecer as suas propostas, para a partir desse Povo chegar aos homens e mulheres de toda a terra. Essa comunidade humana a quem foi entregue o tesouro da revelação de Deus e a quem foi confiada a missão de testemunhar diante de todos os povos da terra, é o Povo de Israel.

## **2. A relação especial de Deus com o povo de Israel**

Desde muito cedo, Israel teve a oportunidade de entrever o “rosto” de Deus e de estabelecer com Deus uma relação especial. Ao olhar para os textos bíblicos, podemos perceber que este Povo toma definitivamente consciência da presença de Deus na sua história quando é confrontado com a dramática experiência da escravidão, no Egito. Nessa altura, Israel ainda não é uma nação, mas um grupo de tribos dispersas, com algum parentesco étnico, mas sem uma consciência forte de identidade. Humilhadas e tiranizadas pelos seus opressores egípcios, condenadas à morte, aparentemente sem futuro e sem saída, essas tribos nómadas descobriram que Deus – a quem chamaram Jahwéh – estava apostado em libertá-las e salvá-las... E, de facto, contra toda a lógica humana, os escravos hebreus conseguiram iludir uma noite os seus carcereiros e partir ao encontro da liberdade. Ao longo do caminho, esse grupo humano pôde fazer uma forte experiência da presença de Deus – um Deus que lhes dava alimento e vida, que lhes indicava os caminhos a percorrer, que não os deixava soçobrar nas mãos dos inimigos. Convidado a estabelecer com Deus uma relação de comunhão – ou, como eles diziam, de “aliança” – este povo aceitou esse convite e comprometeu-se a caminhar sempre pelos caminhos de Deus. Assim nasceu um Povo que se intitulava “o Povo de Deus”.

O que é que distinguia esta comunidade humana de tantas outras comunidades humanas que, na mesma época e nos mesmos cenários, caminhavam pela história? Israel era um Povo como os outros, ligado por laços étnicos, culturais ou políticos?

Existia, naturalmente, uma certa proximidade étnica entre essas diversas famílias de nómadas que fizeram no Egito uma experiência de escravidão e

que, com Moisés, fugiram para a liberdade; mas, na história do Povo bíblico, não foi o fator étnico o elemento decisivo no aparecimento de uma consciência nacional. O “cimento” que juntou e ligou estas tribos dispersas foi a extraordinária experiência da libertação e o encontro com o Deus libertador e salvador. Tratou-se de uma experiência tão marcante, tão aglutinadora, tão decisiva, que Israel passou a identificar-se como “o Povo que Deus libertou e salvou”. A comunidade israelita nasceu a partir daqui: construiu-se à volta de Deus, dispôs-se à volta de Deus e não se via a caminhar na história em direção ao futuro sem Deus. Enquanto os outros povos estavam ligados por laços étnicos e culturais, Israel privilegiava, como fator potenciador da sua identidade, a mesma experiência de fé, o mesmo Deus.

A catequese de Israel vai, mais tarde, cristalizar esta consciência de que são um povo “à parte” no meio dos outros povos da terra, falando da eleição e da vocação de Israel... Se Israel existe – dizem os seus catequistas – é porque Deus o escolheu “para ser um Povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra” (Dt 7,6; cf. Is 41,8) e o chamou (cf. Is 48,12). Essa escolha e esse chamamento não vieram do facto de Israel ser um povo forte, numeroso ou cheio de méritos (cf. Dt 7,7; 8,17; 9,4); mas foi o resultado de um amor sem explicação, que ultrapassa a simples lógica humana (cf. Dt 7,8; Os 11,1). Por isso, Deus distinguiu Israel no meio dos outros povos, libertou-o e salvou-o (cf. Dt 6,12; 7,8; 8,14; 9,26). De certo modo, Deus “criou” este Povo, formou-o como uma criança no seio da mãe (cf. Is 44,2.24). Assim, Israel passou a considerar-se o “Povo de Deus”, o Povo criado por Deus, o Povo que pertence a Deus e que caminha com Deus, o Povo que tem como missão testemunhar Deus diante de todos os outros povos. Utilizando imagens fortes e sugestivas para definir esta realidade, os catequistas bíblicos vão dizer que Israel é o povo santo, consagrado a Jahwéh, posto “à parte” para Ele (Dt 7,6; 14,2), a sua herança (Dt 9,26), o seu rebanho (Sal 80,2; 94,7), a sua vinha (Is 5,1; Sal 80,9), o seu filho (Ex 4,22; Os 11,1), a sua esposa (Os 2,4; Jer 2,2; Ez 16,8). Mais: Israel é definido como um povo de sacerdotes (Ex 19,6), no qual Deus reina sobre súbditos consagrados ao seu serviço. A função deste “povo sacerdotal” é ser, no meio das outras nações, a testemunha do Deus único (cf. Is 44,8), o povo mediador pelo qual se reatará a comunhão entre Deus e o conjunto da humanidade, de modo que se eleve a Deus o louvor da terra inteira (Is 45,14s.23s) e todas as nações participem da bênção de Deus (Gen 12,3; Jer 4,2). Israel aparece, assim, como uma comunidade (‘edah), uma assembleia (qahal) reunida à volta de Deus para lhe prestar culto. Em grego, dir-se-á que Israel é uma “synagogê” ou uma “ekklesia”, o que nos coloca no mesmo âmbito.

### 3. As respostas de Israel ao chamamento de Deus

Contudo, apesar de se definir como o "Povo de Deus", nem sempre Israel soube lidar bem com esta missão a que Deus o chamou. Depois de instalado na Terra Prometida, Israel terá a tendência de se acomodar e sentirá a tentação de imitar os outros povos que o rodeiam. Em certos momentos da sua história, Israel irá abandonar Jahwéh e as suas indicações e irá atrás de outras propostas de felicidade, pensando que assim poderia construir um futuro "mais moderno" e mais livre. Esquecerá, então, a sua especificidade como "Povo de Deus", chamado por Deus e consagrado a Deus.

Por outro lado, Israel não conseguirá ignorar a tentação de se construir à volta das estruturas temporais de uma nação particular e, em certos momentos da sua caminhada, irá insistir na sua condição de nação construída à volta de instituições concretas, de leis concretas e de uma história nacional. Acentuar-se-á uma perspetiva nacionalista, em detrimento da perspetiva universalista que é a sua vocação inicial. Ora, essa perspetiva nacionalista corria o risco de obrigar a proposta salvadora de Deus a ficar refém de um povo específico, o que contrariava o projeto de Deus... Seria, portanto, necessário que essa perspetiva fosse ultrapassada.

Por isso, os profetas de Israel anunciaram o aparecimento, no futuro, de um novo Povo de Deus, um Povo perfeito e universal, cujo esboço e gérmen era o antigo Israel, mas que iria bem além das fronteiras físicas e nacionais de Israel. Seria, na perspetiva profética, um Povo que teria uma nova lei, inscrita nos corações e não em tábuas de pedra, exteriores ao homem (cf. Jer 31,33; Ez 36,27); seria um Povo universal, onde caberiam pessoas de todas as raças e culturas, sem qualquer exceção.

O **novo Povo de Deus**, anunciado pelos profetas, começa com Jesus Cristo. Ele, o Deus que veio ao mundo e que "construiu a sua tenda no meio de nós" (Jo 1,14), tinha como objetivo apresentar-nos uma proposta de vida e de salvação destinada a todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, sem qualquer exceção. Foi essa proposta que os seus discípulos levaram a toda a terra, ignorando as fronteiras e barreiras que dividiam os povos e as nações. A partir de então, o que é decisivo não é a raça, nem a cultura, nem o ter nascido dentro de determinadas fronteiras físicas, mas o acolhimento da proposta de Jesus, do seu "evangelho". O novo Povo de Deus é constituído por todos aqueles que escutam a Palavra de Jesus e que aceitam o convite para O seguir nesse caminho de amor radical, de entrega total, de serviço simples e humilde a Deus e aos irmãos. Dessa "resposta" positiva à proposta que Deus apresenta em Jesus Cristo, nasce uma

“comunidade de salvação”, uma “Igreja” (do grego “ekklesia”), uma família de irmãos e de irmãs que têm como missão ser sinal e anúncio da salvação de Deus no meio do mundo. Essa comunidade vive no tempo e peregrina na história; mas caminha para Deus e anuncia esse novo céu e essa nova terra que Deus quer oferecer a todos os seus filhos e filhas. É esse mesmo caminho que o catequista experimenta e propõe na catequese.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que o projeto salvador de Deus é um projeto vivido em comunidade.
- Descobrir uma realidade que se chama “o Povo de Deus”: uma comunidade de pessoas, sem fronteiras de raça ou de cultura, que escutam o chamamento de Deus e que querem viver as suas propostas e desafios pois sabem que é nesse caminho que encontrarão a vida, a felicidade, a plena realização.
- Experimentar, com vontade e com gosto, o que é integrar a comunidade do Povo de Deus, partilhando com outros irmãos e irmãs o percurso ao encontro de Deus.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** O catequista deve, em função do conhecimento do grupo, ter uma especial atenção na escolha da alternativa da Experiência Humana, sabendo que há grupos mais motivados para tarefas em sala e outros para jogos exteriores.
- 2.** Nesta catequese vão ser proclamados vários textos bíblicos, oferecendo às crianças uma «viagem» no tempo que marca e que mostra a relação que Deus vai propondo ao seu Povo. Esta leitura deve ser feita cuidadosamente, compreendendo o catequista que é demorada e, de algum modo, mais complexa, mas o acréscimo de trabalho não deve retirar nada da solenidade e respeito com que, na catequese, se deve escutar a Palavra de Deus. O catequista pode optar por os ler ou por ir convidando as crianças a fazê-lo, mas tendo o cuidado de assegurar que o leitor as proclamará de pé e de forma clara. Como se trata de um conjunto de textos, o catequista deve colocar marcadores na sua Bíblia e segurá-la para o leitor, de modo a facilitar a leitura deste, evitando grandes interrupções entre textos. Também necessita de dar tempo suficiente às crianças para encontrarem nas suas Bíblias os mesmos, afixando no placar a respetiva referência. O Evangelho será proclamado com uma leitura dialogada.
- 3.** Para a Expressão de Fé propõe-se uma breve encenação do cântico “**Também sou teu Povo, Senhor**”, mostrando e fazendo experimentar às crianças

como é relevante nas suas vidas fazer parte do Povo de Deus, ser batizado. Mas, importa que o catequista perceba o ambiente geral do grupo nesse momento e, se necessário, para criar espaço de silêncio e recolhimento, deve escolher fazê-la de forma mais pausada, sem encenação e usando um cântico de melodia propícia ao recolhimento.

## **MATERIAIS**

### **1ª alternativa da Experiência Humana:**

- Cópia do documento para entregar às crianças;
- Corda longa;

### **2ª alternativa da Experiência Humana:**

- Três lenços para vendar os olhos, outros três para tapar as bocas e três cachecóis ou cordas curtas para prender as pernas;
- Três cestos ou tabuleiros contendo, cada um, objetos bonitos (por exemplo, pequenas velas coloridas) ou alguns doces, sempre que a soma de todos os objetos seja igual ao número de crianças do grupo e mais o catequista;
- Dísticos: "Ex 19,5-6", "Jer 7,23", "Is 41,8-10", "Lc 14, 16-23";
- Túnicas para as crianças que vão representar o povo de Deus durante a oração.

## **MÚSICAS**

- "Também sou teu Povo, Senhor."

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

- O **placar** está vazio.
- Sobre a **mesa** está a Bíblia, preparada com os marcadores de papel que sinalizam as várias leituras que irão ser feitas.
- Junto do catequista estão os materiais adequados à alternativa da Experiência Humana escolhida.

## **I . EXPERIÊNCIA HUMANA**

Eis que nos encontramos de novo. **Como foi a vossa semana? Lembraram-se do que falámos no nosso último encontro? Pediram a Deus para mudar os vossos corações, para terem a força e a generosidade de escolher**

**sempre o bem e de fazerem sempre o bem?** Pois é, sabem que sozinhos nem sempre conseguimos ter a força necessária para seguir em frente com as propostas de Deus. Facilmente nos deixamos distrair com o que nos rodeia e esquecemos que Ele nos chama continuamente e que quer estar ao nosso lado. **Será que vamos ultrapassar as dificuldades para responder com um “sim” a Deus? Como vamos conseguir?**

1ª

**Alternativa**

1. *Caso o grupo de catequese já tenha alguma vez feito um passeio em conjunto, essa experiência pode servir de base à proposta de partilha dois a dois que o catequista vai apresentar nesta alternativa.*

Com certeza que se lembram de algum passeio em grupo que tenham feito. Vamos partilhar a bela experiência que tivemos. Fazemos essa partilha de uma forma muito simples... Agora vão escutar, depois começamos quando eu disser: Cada um vai, agora, virar-se para o amigo que está ao seu lado direito, ... muito bem! Para partilhar vão contar um ao outro sobre o passeio: com quem foram; o que foi que se passou no passeio; como se sentiram; e, mais importante, qual foi o melhor momento desse passeio. Para vos ajudar aqui está uma folha com algumas perguntas.

*O catequista distribui cópias do documento 1 a cada par e indica: Agora, podem começar a trabalhar, mas sem fazerem muito barulho. O catequista dá alguns minutos para que cada pequeno grupo possa exprimir e falar sobre a experiência vivida e depois continua:*

**Já partilharam uns com os outros? Querem dizer a todos o que descobriram? Vamos começar aqui por este grupo: N..., qual foi melhor momento vivido no vosso passeio?** *O catequista prossegue, até ter escutado todas as crianças. O catequista pode, após a partilha das crianças, fala também de alguma experiência pessoal significativa para partilhar com as crianças, ou segue expondo a vivência seguinte:*

Tenho um amigo que há algumas semanas, num sábado, foi, com um grupo de amigos, fazer uma caminhada na zona do Cabo Espichel. O grupo – eram cerca de 30 pessoas, de várias idades – andou perto de 15 quilómetros,

sempre junto do mar. Foi uma caminhada cansativa, que durou várias horas, mas muito bonita. À frente ia o Zé Manel, que conhece bem aquela zona e que dizia por onde é que se devia ir. Ele também avisava sobre os perigos e as dificuldades que se ía encontrar e fazia reparar em certos pormenores da paisagem que, de outra forma, nos passariam despercebidos.

No grupo havia pessoas de diversas áreas de formação, e cada uma delas procurava ajudar os outros a perceber algumas das coisas que se íam vendo... O Diogo estava sempre a chamar a atenção para as rochas que apareciam e explicava a sua formação; a Leonor, que gosta de observar as migrações das aves, dava explicações sobre as aves que se viam a voar; a Margarida, que se interessa por biologia vegetal, falava das plantas e das árvores que se íam encontrando no caminho; a Madalena, que estuda Entomologia (estudo dos insetos), estava sempre a parar e a chamar à atenção para alguns insetos estanhos que iam aparecendo (e dos quais alguns até tinham medo) ... Assim, foi uma caminhada muito instrutiva, durante a qual todos aprenderam coisas muito interessantes.

No grupo havia algumas crianças pequenas que, a partir de uma certa altura, começaram a ficar cansadas... No entanto, os mais crescidos pegaram nos mais novos ao colo ou às cavalitas e assim, com essas ajudas, todos puderam continuar. Houve uma altura em que se teve que atravessar uma extensão de água... Alguns tiveram medo de escorregar e cair; mas os mais desenvoltos deram as mãos aos que estavam com maiores dificuldades e ninguém molhou os pés... Conversando e rindo uns com os outros, nem pensavam no cansaço nem na fome...

Foi um passeio muito instrutivo e muito alegre... De entre as muitas coisas que se descobriu, nesse dia, a mais importante foi que, **quando se caminha com os outros, tudo é mais alegre e mais fácil**. Podemos ajudar-nos quando estamos cansados e desanimados, podemos trocar informações e aprender uns com os outros; podemos sentir, ao nosso lado, os nossos amigos a incentivar-nos e a ajudar-nos a caminhar.

2ª

**Alternativa**

**1.** *Para grupos com doze ou mais crianças.*

*Para esta alternativa o catequista deve procurar um espaço amplo ou mesmo uma zona no exterior, de modo a que o grupo se possa movimentar mais livremente.*

*O catequista explica:* Vamos fazer agora um jogo. Não é complicado, mas têm de estar atentos para perceber bem como se ele se desenrola. Começamos por fazer três grupos de três. *Rapidamente o catequista forma grupos de três crianças.*

Agora, cada um destes subgrupos vai ter um elemento que não vê, outro que não pode falar e outro que não pode caminhar. *O catequista dá algum tempo às crianças para se organizarem, garantindo que em cada grupo se distribuem os papéis como é necessário à realização da atividade. Se o catequista prevê que o grupo de crianças se mostre desorganizado, para poupar tempo e o centrar rapidamente na atividade, distribui a cada elemento de cada grupo uma folhinha de papel de cor em que as folhas verdes indicam que a criança que não pode ver, as folhas vermelhas a criança que não pode falar e as amarelas a criança que não pode andar.*

#### **Já verificaram/escolheram o que vai ser cada um?**

Aqui estão lenços para vendarem os olhos do que não pode ver; estas cordas (ou cachecóis) para atarem as duas pernas, bem juntas, ao que não pode caminhar e um lenço para a boca daqueles que não podem falar.

*O catequista coloca os subgrupos dentro de uma corda grande que outras três crianças devem manter esticada em forma de triângulo, ou seja, cada subgrupo fica numa direção diferente. As crianças de cada subgrupo devem estar sempre em contacto físico.*

Agora que cada subgrupo está pronto e no seu lugar, é preciso todos darem muita atenção, pois vou explicar como se vai jogar. Toda a gente tem de estar em silêncio.

*O catequista pega nos três cestos, para em frente a cada subgrupo e diz: "Olhem todos, este é o vosso objetivo" e coloca o objeto que mostrou na frente do grupo, mas longe das crianças, de modo a que tenham de se deslocar até ele. Faz assim com todos os três subgrupos, repetindo sempre a mesma frase e distribuindo os três cestos. Quando estiver tudo disposto, diz aos catequizandos participantes nos subgrupos que, quando der o sinal, deverão alcançar os seus objetivos, mas só terminam quando todo o subgrupo estiver junto do seu objetivo.*

E agora: um, dois, três, alcancem o vosso objetivo.

*Se o grupo de crianças for muito grande pode ser feita ainda uma nova volta com outros três subgrupos.*

*Depois de todas as crianças terminarem o jogo, retiram, com ordem, as cordas e lenços e voltam aos seus lugares. O catequista pede a uma criança de cada grupo que distribua os «prêmios» que os grupos alcançaram e prossegue:*

**O que é que acharam deste jogo? O que é que foi mais difícil? O que é que foi mais engraçado?** *(dar oportunidade às crianças de se exprimirem).* Certamente que quem não podia ver não sabia onde estava o objetivo. **Como é que lá chegou?** E o que não podia andar livremente também teve de ser engenhoso. **O que é que sentiram?**

## **2. Para as duas alternativas:**

*Reforçando a ideia de que a cooperação entre os membros de um grupo facilita a possibilidade de se alcançar um objetivo difícil:*

**Repararam que quando estamos em grupo conseguimos muito mais do que quando estamos sozinhos? Porque será?** *(dar oportunidade às crianças de se exprimirem)* É isso mesmo: cada um de nós é diferente, cheio de talentos e riqueza para partilhar. Também temos as nossas fragilidades – como ter as pernas atadas ou os olhos tapados! Precisamos de ... de ajuda! Isso mesmo! Cada grupo, com a participação de todos, com a ajuda e talento de todos, fica cheio, mais forte e até podemos afirmar que “o todo é maior do que a soma das partes”. Cada um ao participar com os seus dons, enriquece e torna mais vivo e belo o grupo.

Sim, caminhar em grupo torna tudo mais fácil e mais bonito do que caminhar sozinho. Esta pequena experiência que ouvimos/vivemos agora aqui, na catequese, é uma experiência comum nas nossas vidas e nas vidas das pessoas, em geral. Mas, por vezes, também faz parte de uma experiência mais importante e mais grandiosa. Para aprendermos sobre isso, vamos preparar-nos para escutar a Palavra de Deus e descobrir uma grande viagem, feita em grupo, e que é nada mais, nada menos, do que a caminhada da humanidade...

## **II - PALAVRA**

### **1. A caminhada da humanidade**

Há muitos séculos, a humanidade começou uma caminhada especial... Uma caminhada que, de acordo com o projeto de Deus, devia conduzir-nos ao encontro da vida e da felicidade sem fim. Deus tem estado sempre presente nessa caminhada, mostrando-nos os caminhos a percorrer, dizendo-nos como é que nós podemos encontrar essa Vida e essa felicidade que procuramos. É

Ele que nos chama a fazer essa caminhada; é Ele o nosso guia, o nosso Pastor, aquele que conduz os homens e as mulheres pelos difíceis caminhos da vida.

## 2. O que Deus queria

Deus queria, no entanto, que essa caminhada não fosse feita por cada pessoa, individualmente. **Sabem porquê?** É que o isolamento torna muito mais difícil e cansativo o caminho. Quando partilhamos com outras pessoas as dificuldades da caminhada, tudo se torna mais fácil e mais bonito... Também porque, quando estamos sozinhos muito tempo, acabamos por ficar tristes... sentimos a falta das outras pessoas! E há imensas coisas que não podemos fazer sozinhos... *(deixar as crianças dar exemplos de coisas que não se pode fazer sozinho mas sem se desconcentrarem).*

**O que acontece quando estamos em grupo?** Em grupo, ajudamo-nos uns aos outros; em grupo, dialogamos e encontramos mais facilmente o caminho certo; em grupo, aprendemos mais sobre as coisas que nos vão aparecendo; em grupo, temos mais coragem e mais força para enfrentar e vencer as dificuldades que o caminho apresenta...

É por tudo isto que Deus, que queria propor um caminho – o caminho da felicidade – a cada pessoa, convidou um grupo humano – um Povo – a fazer com Ele essa caminhada. **Sabeis que Povo foi esse?** Foi o Povo de Israel.

## 3. A caminhada do Povo de Deus

Nós hoje vamos acompanhar um pouco essa viagem... vamos contar a história dessa viagem, recorrendo a autores bíblicos diversos, que a foram registando para nós. Começamos assim:

Há mais de 3.000 anos, junto de uma montanha da península do Sinai onde os israelitas acamparam, Deus pediu a Moisés que lhes transmitisse uma mensagem, que está registada no Livro do Êxodo. É um texto que já conhecem da catequese 20 do ano passado, mas *(o catequista afixa o **dístico "Ex 19,5-6"** no placar e prossegue)* é tão importante que vou ler-vos (ou que vou pedir a N... para nos ler):

*Catequista/criança:*

**"Se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque minha é a terra inteira.**

**Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa".**

Vocês já sabem o que é uma aliança! No catecismo 4 aprenderam que é uma promessa que as pessoas fazem umas às outras de ficarem juntas e de se cuidarem mutuamente. Por exemplo, os casais usam os anéis a que chamamos alianças para se recordarem de cumprir essa promessa de cuidado e companhia, que fizeram no dia do seu casamento.

Uma aliança é algo tão relevante, tão essencial, na relação entre as pessoas que, depois, alguns séculos mais tarde - por volta 600 a.C.- e pela voz do profeta Jeremias, Deus voltou a dirigir-se a Israel (*o catequista afixa o **dístico "Jer 7,23"** no placar e prossegue:*) Já sabem, também, que os profetas são pessoas escolhidas por Deus para falar por Ele. Vamos escutar com muita atenção o que o profeta Jeremias disse:

*Catequista/criança:*

**"Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo; Segui sempre o caminho que vos indico, a fim de que sejais felizes".**

E, ainda mais tarde (por volta de 550 a. C.), Deus voltava a explicar ao Povo que o tinha escolhido, desta vez, por intermédio de outro profeta, que já escutaram muitas vezes (*o catequista afixa o **dístico "Is 41,8-10"** no placar e prossegue:*), o profeta Isaías:

*Catequista/criança:*

**"Quanto a ti, Israel, meu servo, Jacob, meu eleito,  
linhagem de Abraão, meu amigo,  
fui buscar-te aos confins da terra,  
chamei-te das regiões remotas.  
Eu disse-te: «tu é que és o meu servo.  
Foi a ti que eu escolhi e não te rejeitarei.  
Nada temas, porque Eu estou contigo;  
não te angusties, porque eu sou o teu Deus.  
Eu fortaleço-te e auxílio-te  
e amparo-te com a minha mão direita e vitoriosa"**

**Sabem como se veio a chamar esse Povo?** Chamaram-lhe "Povo de Deus"... **Percebem porquê, não é?** Era o Povo que Deus escolheu e chamou; era o Povo que aceitou percorrer os caminhos da história segundo as indicações de Deus; era o Povo que aceitou estabelecer laços de comunhão com Deus, fazer com Ele uma Aliança.

#### **4. Porque é que Deus escolheu um Povo para caminhar com Ele? Porque**

**Deus só gostava desse Povo e não queria saber dos outros?** Não, claro que não. Deus ama todos os homens e mulheres da mesma maneira e quer que todos encontrem a Vida e a felicidade. Mas Deus começou a caminhar com um Povo porque assim era mais fácil mostrar ao mundo inteiro o projeto de Vida e de felicidade que Ele tinha para todos os homens e mulheres... Os outros povos, vendo o "Povo de Deus" a caminhar, iriam perceber como essa caminhada era bonita; iriam sentir vontade de se integrar nesse grupo, de escutar Deus e as suas indicações e de caminhar pela história ao ritmo de Deus.

#### **5. Jesus Cristo veio revelar como se pode pertencer ao Povo de Deus.**

Alguns séculos mais tarde o Filho de Deus – Jesus Cristo – veio ao mundo dizer-nos que todos podiam fazer parte desse Povo que caminhava com Deus, desse "Povo de Deus". Para Deus, não havia estrangeiros ou marginais, não havia gente má ou indigna... Em cada homem e em cada mulher Deus via um filho muito amado, e a todos Deus convidava a integrar a sua "família", o seu Povo. O que era necessário era que escutassem as indicações de Deus e aceitassem percorrer os caminhos que Deus indicava.

**E assim, como ficou o "Povo de Deus"?** Passou a ser uma imensa multidão de homens e mulheres de todas as raças e culturas, que seguem os caminhos que Deus aponta, que aceitam as orientações e as propostas de Deus, que querem integrar a família de Deus. Nós, hoje, fazemos parte desse Povo. Um dia, Jesus contou uma "parábola" para mostrar que todos os homens e mulheres têm lugar no Povo de Deus... *o catequista afixa o **dístico "Lc 14, 16-23"** no placar e prossegue.* Usou, na história que contou, a imagem de um banquete, de uma festa... E disse que só os que não aceitam o convite de Deus é que não têm lugar nessa "festa"... Todos os outros, mesmo aqueles que ninguém se lembraria de convidar – os pobres, os miseráveis, os marginais – podem, se o quiserem, sentar-se à mesa de Deus e integrar o Povo de Deus.

*Catequista:*

**O Senhor esteja conosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas:**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/criança (narrador):*

**“Disse-lhes Jesus:**

**«Certo homem ia dar um grande banquete e fez muitos convites.**

**À hora do banquete, mandou o seu servo dizer aos convidados:**

*Criança (servo):*

**“Vinde, já está tudo pronto”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**Mas todos, unanimemente, começaram a esquivar-se.**

**O primeiro disse:**

*Criança (primeiro convidado):*

**“Comprei um terreno e preciso de ir vê-lo;**

**peço-te que me dispenses”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**Outro disse:**

*Criança (segundo convidado):*

**“Comprei cinco juntas de bois e tenho de ir experimentá-las;**

**peço-te que me dispenses”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**E outro disse:**

*Criança (terceiro convidado):*

**“Casei-me e, por isso, não posso ir”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**O servo regressou e comunicou isto ao senhor.**

**Então, o dono da casa, irritado, disse ao servo:**

*Criança (dono da casa):*

**“Sai imediatamente às praças e às ruas da cidade**

**e traz para aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**O servo voltou e disse-lhe:**

*Criança (servo):*

**“Senhor, está feito o que determinaste, e ainda há lugar”.**

*Catequista/criança (narrador):*

**E o senhor disse ao servo:**

*Criança (dono da casa):*

**“Sai pelos caminhos e azinhagas e obriga-os a entrar, para que a minha casa fique cheia”.»**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue:* No “Povo de Deus” que caminha pelo mundo há pessoas muito diferentes... Todos nós, e nós somos muito diferentes uns dos outros, não é? Mas todos fazemos parte de uma mesma comunidade. **O que devemos fazer para fazer parte desta comunidade?** Ser como irmãos e irmãs, sermos uma única família.

Nesta comunidade do “Povo de Deus” todos se ajudam uns aos outros, na caminhada; falam uns com os outros e partilham as suas experiências e as suas descobertas; ajudam-se mutuamente a perceber aquilo que vão encontrando no caminho; dão a mão uns aos outros quando alguém está cansado e desanimado e já não consegue andar sozinho; reúnem-se para louvar a Deus, para escutar as palavras de Deus e para receber de Deus o pão que alimenta na caminhada. Assim, ajudando-se e animando-se uns aos outros, todos podem continuar a caminhar, sem desanimar nem desistir, ao encontro da felicidade e da Vida verdadeira.

Pertencer a este “Povo de Deus”, a esta comunidade de irmãos e de irmãs que caminha pelo mundo e pela vida seguindo as orientações de Deus, é uma experiência muito bonita. É como fazer parte de uma família de muitos irmãos

e irmãs, espalhados pelo mundo inteiro, mas que se amam, se ajudam e se preocupam uns com os outros. Todos podem fazer parte deste Povo.

**Nós fazemos parte deste Povo, não é verdade?** Claro que sim: por isso vimos à catequese, para podermos fazer parte do Povo de Deus ainda de um modo mais perfeito e mais ativo! Mas, cada um de nós ... N... N... e N... (*o catequista refere o nome de cada criança*) fazeis parte deste Povo, desde o dia do vosso Batismo. Isso é um motivo tão grande de felicidade e de alegria – saber que vivemos a nossa vida com Deus e com todos os nossos irmãos na fé – que...

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

... vamos agora agradecer a Deus porque nos deu tantos irmãos e irmãs para caminharem connosco e nos ajudarem a segui-Lo. Dêmos as mãos e cantemos a alegria de:

#### **“Também sou teu Povo, Senhor”**

Como é muito importante sabermos agradecer a Deus a graça de sermos batizados, vamos fazer assim... (*O catequista pode preparar uma pequena encenação que será representada durante o cântico. Várias crianças vestem umas túnicas para representarem os membros do Povo de Deus.*)

O Povo de Deus no deserto andava, mas à sua frente alguém caminhava.  
O Povo de Deus era rico de nada; só tinha esperança e o pó da estrada.

*(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras de forma cabisbaixa, de olhos no chão, desanimados...)*

**Também sou teu Povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Somente a tua graça  
me basta e mais nada (2 vezes)**

O Povo de Deus, também vacilava,  
às vezes custava a crer no amor.  
O Povo de Deus, chorando rezava,  
pedia perdão, e recomeçava.

*(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras chorando, pondo as mãos como que a pedir perdão)*

**Também sou teu Povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Perdoa se às vezes,  
não creio em mais nada (2 vezes).**

O Povo de Deus também teve fome,  
e Tu lhe mandaste o pão lá do céu.  
O Povo de Deus, cantando deu graças,  
provou teu amor, teu amor que não passa.

*(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras levantam as mãos para o céu como que a pedir e depois a louvar, mostrando grande alegria)*

**Também sou teu Povo, Senhor,  
e estou nesta estrada.  
Tu és alimento  
na longa jornada (2 vezes).**

O Povo de Deus ao longe avistou,  
a terra querida que o amor preparou.  
O Povo de Deus, corria e cantava  
e nos seus louvores, teu poder proclamava.

*(As crianças, representantes do Povo de Deus, caminham no meio das outras continuam a mostrar sinais de grande alegria)*

**Também sou teu Povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Cada dia mais perto  
da terra esperada (2 vezes).**

**Compromisso:** Durante esta semana vamos na nossa **“Barra Cronológica”** preencher mais uma etapa no nosso caminho. Veem qual é? No espaço da catequese de hoje está desenhada a comunidade do Povo de Deus, mas há um espaço em branco, pois falta uma pessoa no desenho. Quem será essa pessoa? Quereis ser vós? E podeis desenhar também todos os elementos deste nosso grupo! Pois nós somos, aqui, um bocadinho do Povo de Deus... Depois, cada dia, vão rezar, a cantar, a alegria de ser Povo de Deus. Encontram no vosso catecismo na página 131 o cântico que cantámos hoje:

**Também sou teu Povo, Senhor,  
e estou nessa estrada.  
Cada dia mais perto  
da terra esperada (2 vezes).**

Vamos só repetir esta parte, para não se esquecerem da música. *(O catequista termina a reunião cantando com as crianças a estrofe que deverá ser cantada em casa).*

*Para guardar na memória e no coração*

Deus chama-nos a fazer parte do Povo de Deus. Pertencer ao Povo de Deus é viver a alegria de caminhar em comunidade ao encontro da Vida plena que Deus nos oferece.

“Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo;  
Segui sempre o caminho que vos indico, a fim de que sejais felizes”.  
(Jer 7,23).

### III – DOCUMENTOS

#### **DOCUMENTO 1**

Para a 1ª alternativa da experiência humana

#### **Como eu vivi o meu passeio**

1. Aonde fui eu neste passeio?
2. Quem estava comigo?
3. Como participou cada pessoa do grupo no passeio?
4. Qual o momento de que me recordo melhor? Porquê?
5. Qual foi o melhor momento que vivi neste passeio?



## ABRAÃO, O PAI DO POVO DE DEUS

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

**1. A Bíblia faz começar a história do Povo de Deus com um homem chamado Abraão.** Trata-se de uma das figuras mais importantes das chamadas "tradições patriarcais" (Gen 12-36). Quem é este Abraão?

No início do segundo milénio a.C., a história universal regista um forte movimento migratório entre a Mesopotâmia e o Egito, passando pela terra de Canaan. São povos deslocados das suas terras pela invasão amorrita (final do terceiro milénio a.C.) e grupos nómadas amorreus que não conseguiram, após a invasão, fixar-se no sul da Mesopotâmia e procuraram noutras paragens um espaço disponível para se instalarem e sedentarizarem.

Ora, o nome Abraão é um nome amorreu (o mesmo se passa, aliás, com os nomes de outros patriarcas bíblicos, como Isaac ou Jacob). Segundo o Livro do Génesis, ele seria originário da cidade de Ur, uma cidade do sul da Mesopotâmia (no atual Iraque), e teria passado por Haran (norte da Mesopotâmia) antes de se internar na terra de Canaan (cf. Gen 11,31-32). Este percurso situa-nos, perfeitamente, no cenário e no enquadramento desse movimento migratório que a terra de Canaan conheceu no início do segundo milénio a.C.

Podemos aceitar que os patriarcas bíblicos – nomeadamente Abraão – são, com toda a probabilidade, pastores nómadas amorreus de gado miúdo que vieram do sul da Mesopotâmia no início do segundo milénio a.C. e que entraram pacificamente na Palestina em meados do séc. XIX a.C.

**2. Como seria a religião destes pastores nómadas, o meio religioso de Abraão?** Como é que eles se relacionavam com o mundo de Deus? Do pouco que conhecemos sobre o universo religioso destes grupos, podemos dizer

que os seus deuses estavam ligados a nomes de homens, mais precisamente ao nome do patriarca do grupo. Fala-se, assim, no deus de Abraão e no deus de Isaac (ou no "Parente de Isaac" - Gen 31,42), no deus de Jacob (ou no "Poderoso de Jacob" - Gen 49,24), no deus de Israel (ou na "Rocha" e "Pastor de Israel" - Gen 49,24). Segundo parece, o "deus" de cada um desses grupos nómadas era o deus dos seus antepassados, o "deus do pai"; tratava-se, sempre, de um deus nómada, peregrino, que acompanhava a tribo nas suas deslocações e a protegia dos conflitos, que lhe dava pastagens e água para os rebanhos, que concedia à tribo vida, bênção e descendência. No entanto, quando se estabeleciam num determinado lugar, estes grupos nómadas tomavam contacto com uma realidade religiosa diferente... Em geral, os deuses dos povos sedentários estavam ligados a santuários fixos, situados em "lugares altos" (montanhas...). Aí, nesses locais sagrados marcados por um "monumento" (um santuário, um altar, uma pedra, uma árvore), adorava-se uma divindade local (em Canaan, quase sempre o deus El, o deus mais importante do panteão dos cananeus); aí contava-se a "lenda cultural" daquele lugar: uma história qualquer que mostrava como o deus aí adorado, em tempos muito antigos, tinha aparecido ao patriarca do grupo aí instalado e lhe tinha feito promessas de vida e de salvação...

Quando chegavam a um local e aí se instalavam, os clãs nómadas – como o de Abraão – conheciam esses locais sagrados e tinham tendência em assimilar o seu deus pessoal – o deus do seu antepassado, o deus nómada que o tinha acompanhado pelos caminhos – ao deus adorado naquele local. Com o passar do tempo, cada clã foi identificando o "deus do pai" com "El" (o tal deus principal do panteão cananeu, adorado em quase todos os lugares sagrados da Palestina de então). Assim, "El", adorado nesse lugar com determinado nome, tornou-se o deus de cada um dos clãs dos patriarcas. Mais: quando os patriarcas bíblicos se tornaram os novos "donos" daquele lugar, as lendas culturais dos santuários passaram a ser relacionadas com o seu nome... Assim, já não se dizia que o deus El tinha aparecido naquele lugar a um cananeu qualquer, mas passou a dizer-se que El apareceu e falou a Abraão (ou a Isaac, ou a Jacob) naquele lugar. As "tradições patriarcais" do Livro do Génesis fazem eco desta realidade e deixam entrever, nas entrelinhas, este enquadramento.

De resto, a vida do nómada Abraão foi uma vida muito parecida com a dos outros nómadas que circulavam na zona do Crescente Fértil, no início do segundo milénio a.C.: deambulações contínuas de uma terra para outra, ao sabor das necessidades de água e de comida para as pessoas e para os

rebanhos (cf. Gen 12,1-9); conflitos com os povos sedentários que ocupavam as terras atravessadas; alterações com grupos locais ou com outros pastores nômadas por causa dos poços de água ou das pastagens (cf. Gen 21,22-34); problemas com os pequenos senhores locais, mais ou menos poderosos, que viam nestes nômadas sem defesa uma presa fácil e que procuravam apropriar-se dos seus rebanhos ou até das pessoas mais "apetecíveis" da tribo (cf. 12,10-20; 20,1-18); alianças com alguns senhores locais para defesa de interesses comuns (cf. Gen 14,1-16); sonho, muitas vezes adiado e nem sempre concretizado, de encontrar uma terra onde se estabelecer, escapando assim aos perigos e incomodidades da vida nômada (cf. Gen 15,7-21); desejo de uma numerosa descendência que assegurasse a força daquela tribo e o futuro daquela família (cf. Gen 17,1-27; 18,9-15). Podemos dizer que Abraão – assim como os outros patriarcas bíblicos – foram homens do seu tempo. Nada de especial os distinguia de outros homens e mulheres que se moviam no mesmo cenário geográfico, social e político... Em relação aos homens do seu tempo, eles não tinham uma religião diferente ou uma forma diferente de encarar o mundo de Deus. Não eram melhores, nem piores, do que os outros homens... Eram homens como todos os outros, que peregrinavam pela vida e que, nessa peregrinação, iam descobrindo, aos poucos e com muita dificuldade, esse Deus único que se revela aos homens e que tem um projeto de Vida e de felicidade para a humanidade inteira.

### **3. Abraão, Homem de Fé, Pai dos Crentes**

Os textos bíblicos falam-nos de Abraão – da sua fé, da sua confiança, da sua obediência incondicional a Deus – com grande elevação e devoção, como se Abraão tivesse sido, desde sempre, um modelo excepcional de crente. Porquê? Como explicar isso, se Abraão foi um "apenas" um homem do seu tempo, um homem à procura de Deus, sim, mas com os limites, as debilidades e as particularidades de um homem do séc. XIX a.C.?

As histórias do Livro do Génesis sobre os patriarcas, foram escritas muitos séculos depois de Abraão por "catequistas" que não estavam muito preocupados em traçar o retrato histórico de Abraão, mas que estavam vivamente interessados em dizer aos seus leitores e catequizandos como devia ser o "crente ideal", o crente por excelência, o crente verdadeiro. Pegaram, naturalmente, em algumas histórias antigas que falavam sobre Abraão e contaram-nas com uma finalidade catequética... O nômada Abraão, que emigrou do sul da Mesopotâmia para a terra de Canaan para tentar encontrar um pedaço de terra onde se fixar, escapando assim aos perigos e

incomodidades da vida nómada (cf. Gen 12,1-9), passou a ser, para os catequistas de Israel, o homem a quem Deus chamou, a quem Deus mandou sair da sua terra e ir para uma terra estrangeira, e que obedeceu sem hesitar a todas as estranhas e incompreensíveis ordens de Deus (porque o crente verdadeiro é aquele que escuta as indicações de Deus e lhe obedece sem discutir ou sem duvidar); o nómada que acolhe na sua tenda os viajantes que passam e lhes dá hospitalidade (cf. Gen 18,1-15) passou a ser, para os catequistas de Israel, o homem que acolhe Deus na sua casa e que, por isso, é magnificamente recompensado pela divindade; o nómada que se estabeleceu num lugar sagrado onde se contava uma lenda sobre o misterioso salvamento de uma criança destinada a ser sacrificada aos deuses (cf. Gen 22,1-19), passou a ser, para os catequistas de Israel, o crente de fé inquebrantável que, submetido por Deus a uma prova duríssima (oferecer o seu filho único em sacrifício), não hesita em escutar as ordens de Deus e em sacrificar os seus sonhos pessoais e até os sonhos da sua família aos insondáveis projetos de Deus.

Interessa-nos o Abraão histórico – o nómada que deambula pelas franjas das terras ocupadas pelos povos sedentários à procura de melhores condições de vida, arrastando consigo o deus dos seus antepassados, esse deus peregrino que o protege e que lhe garante a realização dos seus sonhos humanos? Para nós, crentes, o Abraão que nos interessa – aquele que nos provoca, que nos interpela, que nos questiona, que nos desafia, que é um modelo para cada crente – é o Abraão que nos é apresentado pela catequese de Israel... Interessa-nos esse Abraão que é o “pai dos crentes”, quer dizer, o primeiro, o modelo, o paradigma do homem que procura Deus, que o encontra, que o escuta, que adere às suas propostas e que o ama...

A catequese de Israel propõe-nos esse Abraão que nos ensina a estar sempre disponível para acolher o Deus que vem ao nosso encontro, que nos pede atitudes, que nos indica os caminhos a percorrer, que nos convida a romper com um passado velho e estéril para nos aventurarmos à conquista da novidade fecunda de Deus... É assim que deve ser o verdadeiro crente.

A catequese de Israel apresenta-nos o Abraão que nos ensina a recusar a instalação, o comodismo, o conformismo, e que nos desafia a ir pelas estradas do mundo para aí encontrar os caminhos e os projetos de Deus... É assim que se define o verdadeiro crente.

A catequese de Israel propõe-nos o Abraão que nos mostra a importância de viver em diálogo com Deus, de aceitar a comunhão com Deus, de viver “em aliança” com Deus, de eleger Deus como a prioridade da nossa vida e das

nossas opções... É dessa forma que o verdadeiro crente se situa diante de Deus.

A catequese de Israel interessa-se pelo Abraão que nos ensina a ter um coração magnânimo, a respeitar a liberdade e a dignidade dos outros, a buscar a justiça, a preferir a verdade, a sinceridade, a lealdade... É assim que o verdadeiro crente se situa face aos outros homens e mulheres com quem se cruza nos caminhos da vida.

A catequese de Israel oferece-nos um Abraão que nos ensina a acolher esses irmãos que passam à nossa porta cansados e esfomeados, e nos ensina a partilhar tudo o que temos com os homens e mulheres que conosco se cruzam nos caminhos da vida... É esse o comportamento que Deus espera de um verdadeiro crente.

A catequese de Israel propõe-nos o Abraão que nos convida a colocar em segundo lugar os nossos projetos e sonhos pessoais e a dar uma prioridade absoluta aos projetos e aos sonhos de Deus... É essa a atitude que define o verdadeiro crente.

A catequese de Israel desafia-nos a ter como modelo de vida esse Abraão que nos convida a confiar plenamente em Deus, a não resistir às indicações de Deus, a obedecer radical e incondicionalmente aos apelos e propostas de Deus. O verdadeiro crente é aquele que, como Abraão, possui uma fé inquebrantável, é capaz de uma obediência incondicional a Deus e que, com total confiança, ousa saltar às escuras para os braços de Deus.

A imagem de Abraão que a catequese de Israel traça é uma imagem muito bela, muito interpelante, que nos desafia continuamente a ir mais além na adesão a Deus e às suas propostas. Neste quadro, Abraão é, verdadeiramente, o "patriarca", o primeiro, o modelo, o paradigma do homem e da mulher que querem integrar o Povo de Deus, que querem viver na escuta e no acolhimento das propostas de Deus. Quem quer fazer verdadeiramente parte do Povo de Deus, tem de ter continuamente diante dos olhos o exemplo de Abraão. Este é, também, um grande e profundo modelo para os catequistas, que assumem, no seu serviço às crianças, uma atitude sãmente paternal/maternal.

## **OBJETIVOS**

- Contactar com a figura de Abraão, conhecê-la e situá-la no início da caminhada do Povo de Deus.
- Descobrir que há "qualidades" – as mesmas que a catequese de Israel atribui a Abraão – que são imprescindíveis para uma pessoa integrar essa comunidade que é o Povo de Deus: a capacidade de escutar Deus, de aceitar o seu

chamamento, de acolher as suas indicações, de percorrer os caminhos que Ele propõe.

- Experimentar a felicidade de fazer parte desse Povo que começou com Abraão e que é chamado a viver uma relação de comunhão, de proximidade e de familiaridade com Deus.

### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Esta é uma catequese que ressalta o papel da paternidade e a sua importância no contexto das famílias e sociedades. O catequista deverá ter presente a possibilidade de existirem crianças que não conhecem o pai e/ou não estabelecem uma relação regular com o seu pai ou, ainda, que na relação com ele viveram uma experiência de dificuldade ou trauma. Requer-se, pois, tato, sensibilidade e sensatez na forma como se introduz a experiência de se ser filho de um pai que é humano e, por isso, capaz de pecar. Essa experiência não deve, nem pode, ser evitada, pois, mesmo quando a história individual é, até à data, trágica, - como, infelizmente, acontece com tantas crianças - a importância da paternidade na história humana e na sua relação com Deus é determinante para/e na nossa humanidade imperfeita mas capaz de amar.
2. O esquema deste encontro apresenta muitos elementos pedagógicos que despertarão facilmente o interesse da criança, pela possibilidade de exploração da vida do personagem Abraão através do uso de mapas. O catequista deverá aproveitar este natural interesse da criança.
3. Desde que nas paróquias haja meios para isso, sugere-se a utilização de mapas retirados da internet, pela diversidade de possibilidades que oferecem e a facilidade de inter-relação que os meios digitais proporcionam na utilização destes. Esta é uma exploração mais ambiciosa do que o uso de mapas em papel e com maior poder para surpreender as crianças.
4. Na eventualidade de não ser possível utilizar, por parte do catequista, este recurso, deverá, alternativamente, recorrer aos mapas que poderá encontrar na Pasta de Material Auxiliar do Catecismo 5, edição do SNEC. Pretende-se que estes possam elucidar a criança quanto às terras que mais se ligam à vida de Abraão, fornecendo-lhe algum conhecimento sobre este importante personagem bíblico.

5. Nesta sessão de catequese, o catequista deverá ajudar a criança a situar Abraão na História do Povo de Deus, a região que habitou, as suas qualidades e sua importância, ainda hoje, para todos os cristãos.

### **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Barra Cronológica de Abraão – Documento 1;
- Mapa 1: O Crescente Fértil - Documento 2;
- Mapa 2: A Mesopotâmia - Documento 3;
- Mapa-Mundo, ou um globo;
- Dísticos “Abraão”, “dispôs-se a cumprir as indicações de Deus”, “aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava”, “O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS”, “CONFIANÇA”, “Deus vem ao nosso encontro”, “abriu o seu coração para acolher o outro”, “HOMEM BOM”, “Devemos ser assim!”, “AMAR O PRÓXIMO”;
- Postal: «As qualidades de Abraão» - Documento 3, um para cada criança;
- Ficha “As famílias migrantes”, uma para cada criança.

### **Para a oração:**

- Bíblia;
- Vela bonita e vistosa; fósforos;
- Cajado (ou pau imitando um cajado);
- Capa;
- Cópia da oração final.

### **MÚSICA**

- “Parte da tua terra”.

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

As crianças sentam-se em círculo, junto do catequista.

O **placar** está vazio; na **mesa** já estão preparados a Bíblia, a vela (com os fósforos), a capa e o cajado e as cópias com a oração final.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1. Na escola já começastes a estudar a história de Portugal... Sei que sabem muitas coisas sobre o nosso país! Lembram-se quando é que Portugal começou a existir como um país independente? Alguém quer dizer?** *Deixar as crianças apontar duas a três datas ou outras informações.*

Certo! Portugal é um país que começou a existir no séc. XII (pelo Tratado de Zamora, em 1143, Portugal é reconhecido pelo rei de Castela como nação independente) e que, desde então até ao nosso tempo, tem percorrido um longo caminho...

- 2. A nossa história foi só vitórias, sucessos, êxitos...?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se.) Também houve derrotas, momentos difíceis. Lembram-se de algum em especial?* *Deixar as crianças apontarem um a dois acontecimentos.*

Pois é, a história do nosso Portugal foi um caminho às vezes bem colorido, cheio de glórias, de triunfos, de descobertas; mas outras vezes um caminho mais sombrio, marcado por crises, por grandes dramas, por sofrimentos e dificuldades de toda a espécie. É assim: é esse o caminho normal que os Povos percorrem pela história.

- 3. Na origem de Portugal como nação independente está o sonho de um rei e de alguns homens que partilhavam esse sonho. Sabem o nome dele?**

*Deixar as crianças dizerem o nome do rei. O catequista pode mostrar a fotografia da estátua de D. Afonso Henriques, que está na página 65 do catecismo, mas não é necessário que as crianças recorram ao seu catecismo.*

D. Afonso Henriques, claro! O primeiro rei de Portugal e o homem que ousou desafiar o rei de Castela no sentido de fazer de Portugal uma nação independente.

- 4. É sempre assim, sabem?** Na origem de um Povo, no início do caminho de qualquer grupo humano, está sempre uma pessoa ou um grupo de pessoas com um projeto diferente. Essa pessoa – a sua força, as suas qualidades, os seus feitos, os seus grandes gestos, o seu sonho, o seu projeto – fica na memória das pessoas que constituem esse Povo. Ela é considerada “o fundador” e, muitas vezes, é apresentada como modelo para toda a nação.

Isso não quer dizer que essa pessoa foi perfeita, que nunca fez disparates; o que quer dizer é que essa pessoa é uma referência para todos, é uma pessoa para quem, pelos séculos foram, todos olham e que todos admiram. Por vezes, até, toda a comunidade se sente devedora dessa pessoa e, em momentos mais solenes, presta-lhe homenagem, ou agradece-lhe aquilo que ela fez em favor de toda a nação.

**5. Vamos, agora, por instantes, viajar até à anterior sessão de catequese. Fechem os olhos, apertem os cintos...Prontos para a viagem? Aguardar breves segundos. Então de que falámos nós? Deixar alguém dizer o que se lembra. Boa! Falámos do Povo de Deus... Podem abrir os olhos e despertar os cintos...**

Falamos do Povo de Deus, um Povo que não tem fronteiras geográficas ou políticas, mas de uma comunidade de pessoas que escutam o chamamento de Deus para serem felizes e terem Vida, e querem viver conforme Deus lhes indica.

**Este Povo também teve um "fundador", um "pai" (no sentido que está nele a origem de todo esse Povo), um "patriarca". Sabem como se chamava?**

Chamava-se **Abraão** (o catequista coloca o *dístico* "Abraão" no placar) e viveu há cerca de 3.850 anos. Os membros do Povo de Deus sempre olharam para esse homem e viram nele uma referência, uma pessoa a quem devemos conhecer bem, a quem devemos admirar e, até, que devemos imitar em muitas coisas.

## II. PALAVRA

**1. Abraão viveu no séc. XIX a.C. Vamos todos olhar para esta régua do tempo, para termos a ideia de há quantos séculos atrás viveu Abraão.**

a) O catequista coloca à frente de todos uma régua (ver Documento 1), onde estão as referências temporais do nosso tempo até ao século 2000 a. C. Certo de que todos têm acesso, em termos visuais à régua, assinala nela, as datas mais importantes, para esta sessão, partindo do nosso século até ao século de Abraão.

b) Depois, de assinalar as datas mais importantes, o catequista coloca os mapas indicados (Documentos 2 e 3: mapas do Crescente Fértil e da

Mesopotâmia) para ajudar as crianças a entenderem melhor de que terras estamos a falar. Também é importante mostrar um mapa-mundo atual (ou globo terrestre, que o catequista deverá levar), destacando esta região. O catequista poderá fazer esta ilustração informaticamente, caso tenha a possibilidade de ter acesso a um computador ligado à internet e o adequado projetor.

c) O catequista deverá assinalar as terras enquanto vai explicando:

*Abraão era originário de uma cidade chamada Ur, situada na Mesopotâmia (no atual Iraque). Contudo, um dia a sua família deixou essa cidade e dirigiu-se para o norte da Mesopotâmia. Viveram aí algum tempo, numa cidade chamada Haran... Mas, passados alguns anos, Abraão voltou ao caminho que caminho?: cruzou toda a terra de Canaan e chegou mesmo a descer até ao Egito. Abraão era casado com uma mulher chamada Sara. Tinha rebanhos de gado miúdo (ovelhas e cabras) e vivia em tendas. O seu trabalho era procurar pastagens onde os seus rebanhos se pudessem alimentar e poços de água onde pudessem matar a sede.*

**2. A Bíblia diz-nos que Abraão era um homem que se preocupava sempre em escutar Deus e em fazer aquilo que Deus lhe indicava.** Vamos descobrir o que, um dia, Deus disse a Abraão e que está escrito no capítulo 12 do Livro do Génesis (**Gen 12,1-9**). Nós vamos ler os versículos 1 a 9. Ora escutem com muita atenção:

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista (narrador):*

**"O Senhor disse a Abraão:**

*Criança (Senhor):*

«Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai,  
e vai para a terra que Eu te indicar.  
Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei,  
engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.  
Abençoarei aqueles que te abençoarem,  
e amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem.  
E todas as famílias da terra serão em ti abençoadas».

*Catequista (narrador):*

Abrão partiu, como o Senhor lhe dissera, levando consigo Lot.  
Quando saiu de Haran, Abrão tinha setenta e cinco anos.  
Tomou Sarai, sua mulher, e Lot, filho de seu irmão,  
assim como todos os bens que tinham adquirido em Haran,  
e partiram todos para a terra de Canaan,  
e chegaram à terra de Canaan.  
Abrão percorreu-a até ao lugar de Siquém,  
até aos carvalhos de Moré.  
Os cananeus viviam, então, naquela terra.  
O Senhor apareceu a Abrão e disse-lhe:

*Criança (Senhor):*

«Darei esta terra à tua descendência».

*Catequista (narrador):*

E Abrão construiu ali um altar ao Senhor, que lhe tinha aparecido.  
Deixando esta região,  
proseguiu até ao monte situado ao oriente de Betel,  
e montou ali as suas tendas,  
ficando Betel ao ocidente e Hai ao oriente.  
Construiu também um altar ao Senhor e invocou o seu nome.  
Abrão continuou a sua viagem,  
acampando aqui e ali, em direção ao Négueb”.

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

3. Neste texto, o que é que lhes pareceu mais interessante? E mais estranho? Deixar as crianças falarem um pouco sobre o que mais as sensibilizou, fazendo uma síntese (não esquecer de integrar os dados que as crianças partilharam):

**Então, podemos dizer que:**

- a) Abraão foi um homem a quem Deus chamou... E Abraão ouviu Deus que lhe falava... Não estava demasiado ocupado com os seus problemas, com os seus negócios, com os seus rebanhos, com os seus sonhos ou com os seus medos... Teve tempo, teve espaço, teve disponibilidade para escutar esse Deus que o chamava e que lhe falava.
- b) Abraão aceitou fazer o que Deus lhe pedia. Ele não disse a Deus que era difícil deixar a sua família, a sua terra, os seus amigos; ele não disse a Deus que não conhecia essas terras para onde Deus o enviava; ele não disse a Deus que tinha medo dos povos – violentos e agressivos – que habitavam essas terras; ele não disse a Deus que dava muito trabalho andar todos os dias pelos caminhos ou montar e desmontar todos os dias as tendas, e que era mais fácil e agradável ficar na sua casa a descansar... **Ele dispôs-se a cumprir as indicações de Deus, sem discutir ou sem protestar** (o catequista coloca no lado esquerdo do placard o **dístico** “**Abraão dispôs-se a cumprir as indicações de Deus**”; os **dísticos** seguintes serão colocados uns sob os outros, formando uma coluna); Abraão aceitou correr riscos, pois quem viajava assim, naquele tempo, corria frequentemente riscos de vida, para fazer o que Deus lhe propunha; ele aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava, mesmo que eles fossem incómodos, cansativos, cheios de pó ou de perigos (o catequista coloca no placard o **dístico** “**aceitou percorrer os caminhos que Deus lhe indicava**”).
- c) Assim, nós percebemos que, para Abraão, o mais importante era ouvir a voz de Deus e obedecer a Deus e às suas indicações. Tudo o resto – a sua família, a sua comodidade, os seus projetos – não eram o mais importante. Para ele, o mais importante era obedecer a Deus e às suas palavras (o catequista coloca no placard o **dístico** “**O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS**”).

**Há, ainda, uma outra coisa que impressiona, nesta história... Sabeis qual é?**

d) É a confiança total que Abraão tem em Deus (*o catequista coloca no placard o **dístico** "CONFIANÇA"*). Na altura em que Deus o chamou, ele ainda não tinha filhos; mas, quando Deus lhe disse que dele ia nascer um grande povo, Abraão acreditou... Quando chegou à terra que o Senhor lhe indicava, os povos cananeus ocupavam toda aquela terra; mas Abraão acreditou plenamente quando Deus disse que lhe ia dar essa terra. Nunca duvidou; mas, em resposta aos dons de Deus, construiu altares para honrar a Deus... Abraão é o homem que confia completamente em Deus, é o homem que sabe que Deus não mente nem falha, é o homem que coloca toda a sua esperança e toda a sua segurança em Deus

1. **Sabem que há uma outra história muito bonita, relacionada com Abraão e o nosso Deus? Ela foi escrita pelos catequistas de Israel. Vamos descobri-la, detrás de um dos nossos mapas...**
2. *Sendo uma segunda história, o catequista deverá alimentar a curiosidade, o interesse e a concentração das crianças, para que estas possam reter os elementos importantes da narração. Assim, por detrás de um dos mapas, o catequista colará previamente um cartão com o resumo da história que lerá, ou dará a uma criança para ler:*

*Leitor:*

**Num dia de calor, Abraão estava sentado à porta da sua tenda e viu passar três viajantes que ele não conhecia. Abraão convidou-os a entrar na sua tenda – fugindo assim ao calor e ao ardor do sol – e a descansar; tratou-os com todo o respeito e toda a delicadeza; ao perceber que eles estavam com fome, Abraão correu a preparar um banquete de pão, carne, manteiga e leite e ofereceu tudo aos três viajantes, para que eles matassem a fome. Diz essa história que esses viajantes eram enviados de Deus e que no final, para recompensarem a bondade de Abraão, lhe anunciaram o nascimento, daí a um ano, do seu filho Isaac (cf. Gen 18,1-15).**

*O catequista prossegue: É uma história muito bonita! E tem um sentido muito especial, para nos ensinar muitas coisas, que vos vou explicar:*

- a) **Esta história serve**, antes de mais, para mostrar que, muitas vezes, Deus vem ao nosso encontro (*o catequista coloca no placard o **dístico***

**"Deus vem ao nosso encontro"**, ao lado do *dístico* "Abraão dispôs-se a cumprir as indicações de Deus") nas pessoas que passam à nossa porta, nas pessoas que nós encontramos todos os dias na escola, em casa ou na rua...

**b) Serve, também,** para nos mostrar como é que deve ser aquele que pertence ao Povo de Deus: deve ser, como Abraão, uma pessoa que acolhe os outros, que vê as necessidades dos outros, que reparte com os outros aquilo que tem, que está sempre atento para ver quem necessita da sua ajuda. Abraão não era um homem egoísta, que só se preocupava consigo e que não queria saber dos outros... Abraão era um homem que tinha sempre aberta a porta da sua vida e do seu coração para acolher e para ajudar todos aqueles que dele necessitavam (*o catequista coloca o **dístico** "abriu o seu coração para acolher o outro" ao lado do **dístico** "O MAIS IMPORTANTE ERA OUVIR A VOZ DE DEUS E OBEDECER A DEUS"*).

**Há, ainda, outras histórias muito bonitas que os catequistas do Povo de Deus contavam sobre Abraão. O mais importante de todas elas, é o que estas histórias nos mostram:**

- Elas mostram a **admiração** que todos sentiam por esse **homem bom** (*o catequista coloca o **dístico** "HOMEM BOM" ao lado do **dístico** "CONFIANÇA"*) que esteve na origem do Povo de Deus. Abraão ficou a ser, assim, um exemplo para todos e um modelo de vida para aqueles que, no futuro, pretendessem fazer parte do Povo de Deus...
- Ele diz-nos, com a sua maneira de escutar Deus, com a sua obediência a Deus, com a sua confiança em Deus, como é que devem ser os membros do Povo de Deus (*o catequista coloca sob as duas colunas de **dísticos**, centrado, o **dístico** "Devemos ser assim!" elaborado com letras coloridas e expressivas*).
- Ele diz-nos, ainda, com a sua atenção às necessidades dos outros homens e mulheres, com a sua vontade de repartir o que tem por aqueles que necessitam, com a sua bondade e misericórdia, que quem quiser fazer parte do Povo de Deus deve pensar nos outros, ajudar os outros, amar os outros (*o catequista coloca sob o **dístico** "Devemos ser assim!" o **dístico** "AMAR O PRÓXIMO", escrito em verde*). Olhando, agora, para o nosso placar completo, vemos o quanto podemos aprender com Abraão!

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

**1. Aceitam um desafio, depois de ouvirem falar deste homem tão maravilhoso, Abraão – o primeiro membro do Povo de Deus, o “pai” desse Povo a que nós também pertencemos? O desafio é só para pessoas corajosas! Quem o aceitar vai ter de ser fiel ao compromisso! (O catequista deve deixar as crianças aderirem, com determinação, ao desafio).**

**2. Então aqui vai ele!**

No cartão-postal, que vou entregar a cada um de vós, deverão colocar, à frente de cada estrela, uma qualidade que Abraão tinha. Poderão acrescentar mais estrelas, se quiserem, para poderem referir mais qualidades. Levam para casa este cartão e deverão apresentá-lo à vossa família e aos vossos amigos que poderão passar lá por casa. Também podem levá-lo para a escola, mas com muito cuidado! A cada amigo ou familiar a quem o mostrarem, pedem-lhe um autógrafo, que fica registado na parte de trás do cartão. É uma maneira de desafiar essas pessoas a imitar e viver de acordo com as qualidades – tão grandes e tão importantes – de Abraão. O nosso placar pode ajudar-vos nessa tarefa.

*O catequista distribui a cada criança uma cópia, de preferência em cartão grosso, do desenho (Documento 4), para que possam registar as qualidades de Abraão, enquanto escutam uma música de fundo.*

**3. Penso que o nosso querido Deus vai querer ouvir, também, algo de nós. Façamos uma roda, sentados no chão, como era habitual naquele tempo, como símbolo de um grande grupo ao qual pertencemos e falemos com o Bom Deus.**

*O catequista coloca no centro da roda uma Bíblia, uma vela, um cajado (ou um pau, imitando um cajado), umas sandálias, uma capa, como símbolos de um caminho que todos temos de percorrer à semelhança de Abraão.*

Podemos pedir-lhe que nos ajude a sermos uma pessoa boa, como Abraão... Podemos, por exemplo, rezar assim... começamos por cantar o cântico:

**“Parte da tua terra”.**

*O catequista procede a um breve ensaio do cântico e explica que lerá as intenções (ou pede a N... para as ler) às quais as crianças respondem "Amen".*

*Catequista/criança:*

**- "Ó meu Deus, ajuda-me a escutar sempre as tuas palavras e a fazer o que tu me pedes, como fez Abraão".**

*Crianças:*

Amen.

*Catequista/criança:*

**- "Ó meu Deus, faz com que eu esteja sempre atento às outras pessoas e possa ajudá-las quando elas precisarem de mim".**

*Crianças:*

Amen.

*No final, o (a) catequista pode concluir com a seguinte oração que, registada numa folha, pode ir passando de mão em mão, para que cada criança leia um verso (se for necessário repete-se uma parte da oração ou algumas crianças leem duas vezes):*

*Catequista:*

**"Senhor Deus,  
nós queremos fazer parte do teu Povo,**

*Crianças:*

- nós queremos fazer parte dessa grande família de homens e mulheres**
- que te procuram, que te escutam, que te obedecem e que te amam.**
- Faz que este homem que hoje conhecemos, Abraão, que começou este Povo do qual nós também fazemos parte,**
- seja o nosso professor e nos ensine a ouvir-te quando nos chamas,**
- a obedecer-te quando tu nos indicas caminhos,**
- a confiar em ti quando estamos confusos e não sabemos para onde ir.**

*Catequista:*

**Faz que nós aprendamos, com Abraão,**

*Crianças:*

- a reparar nas pessoas que passam ao nosso lado
- e que precisam da nossa ajuda,
- a repartir com quem nada tem aquilo que nós temos a mais,
- a ajudar e a servir as pessoas que encontramos todos os dias
- os nossos pais,
- os nossos irmãos,
- os nossos amigos,
- os nossos professores.

*Catequista:*

**Senhor Deus, vem ao nosso encontro  
e acompanha-nos sempre nos caminhos da nossa vida,  
como fizeste com o nosso pai Abraão.**

*Todos:*

**Amen.**

Por fim, cantam de novo:

**“Parte da tua terra”.**

**Nota:** Com o objetivo de preparar a próxima catequese – *Experiência Humana* – o catequista deve explicar às crianças que vão conversar sobre as viagens (processos migratórios) que as famílias fazem, na linha daquilo que acabaram de cantar: as pessoas partem da sua terra e vão para outro sítio. Para que as crianças possam participar bem na atividade que vai ser proposta, o catequista entrega a cada um uma folha de papel conforme o modelo apresentado no Documento 5, explicando que devem procurar preencher os espaços indicados, registando, com a ajuda dos familiares, os «caminhos» da sua família.

**4. Compromisso:** O catequista poderá dar a indicação às crianças de colorirem o cartão-postal ao seu gosto e de, no final da semana, o oferecerem a alguém:

Vamos oferecer o postal a uma pessoa que nos parece que é capaz de viver como Abraão mostrou. Alguém com quem nós gostaríamos de caminhar. Para nos recordar essa pessoa e a oferta que lhe fizemos, desenhamos no espaço relativo a esta catequese da **Barra Cronológica** um caminho, que representa

a nossa vida – e que vamos decorar de uma forma muito bonita, com lápis de cor, recortes, fotos,... - e um cajado, que representa Abraão, tudo isto em redor do texto: **“Como o nosso Pai na Fé, Abraão, eu quero escutar sempre Deus, obedecer-Lhe, n’Ele confiar, aprender a estar atento às outras pessoas, amando-as, como Deus me pede”**

Depois, registamos o nome da pessoa a quem fizemos a oferta. À noite, antes de dormir, rezamos com esta oração.

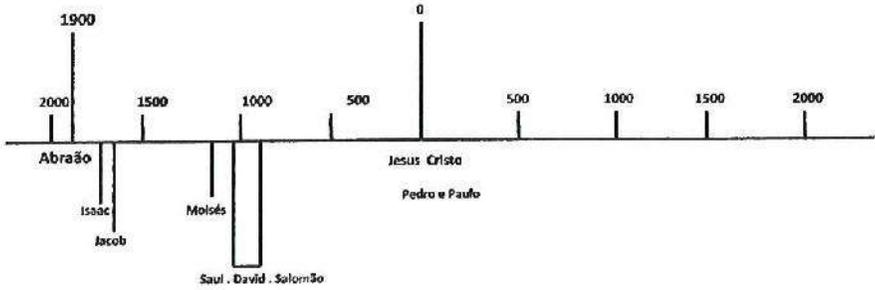
### *Para guardar na memória e no coração*

Abraão ensina-nos que o mais importante de tudo é escutar o que Deus quer de nós, dizer “SIM” ao projeto que Ele tem para cada um de nós, sem recuar, confiando Nele, obedecendo e estarmos sempre atentos aos que connosco caminham.

### III – DOCUMENTOS

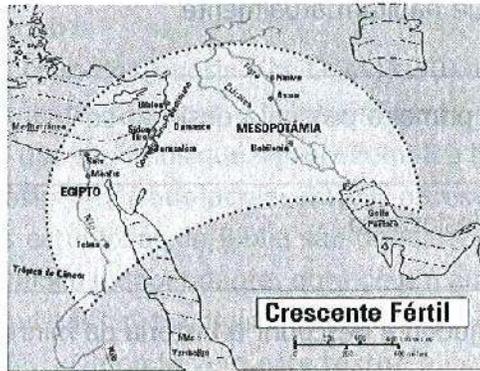
#### DOCUMENTO 1

##### Régua do Tempo ABRAÃO



#### DOCUMENTO 2

##### Mapa 1 – O Crescente Fértil



In: <http://www.galeon.com>

#### DOCUMENTO 3

##### Mapa 2 – A Mesopotâmia



In: <http://www.coladaweb.com/historia/Mesopotamia>

## DOCUMENTO 4

Modelo de POSTAL-AS QUALIDADES DE ABRAÃO: na página 32 do catecismo 5.

## DOCUMENTO 5

### Famílias Migrantes

<p><b>Família:</b> _____</p> <p>Terra/país de origem da família</p> <p>_____</p> <p>Terra em que habitam atualmente</p> <p>_____</p> <p>Quem foi a primeira pessoa a deslocar-se</p> <p>_____</p> <p>Motivo da deslocação</p> <p>_____</p> <p>Quem me ajudou a descobrir a história da minha família</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>Assinaturas: _____</p> <p>_____</p>
---

## DEUS CONDUZ A HISTÓRIA DE CADA PESSOA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. José, o filho de Jacob

Na última parte do “Livro do Génesis” (cf. Gen 37-50) aparece-nos um relato que é significativamente diferente – tanto em termos literários, como em termos temáticos – dos capítulos que o precedem. É a história de um homem chamado José (“Yosip” = “Deus acrescenta”), apresentado como filho do Patriarca Jacob. Os estudiosos da Bíblia são unânimes em considerar estes capítulos como um bloco independente, obra de um autor que não tem nada a ver com os “catequistas” que redigiram as histórias sobre Abraão, Isaac ou Jacob (cf. Gen 12-36). De onde vem este texto?

Provavelmente, a “história de José” era, inicialmente, uma novela, ou mesmo um romance histórico, redigido por volta do séc. X a.C., no sul do país, talvez no ambiente da corte do rei Salomão. José – o herói destes capítulos – é apresentado como o filho mais novo de Jacob, de quem os seus irmãos têm ciúmes por causa da preferência que o pai tem por ele. Aproveitando a presença de José numa altura em que estão longe de casa e da vigilância do pai, eles capturam esse irmão e lançam-no numa cisterna. Na sequência, José é vendido a uns mercadores que vão a caminho do Egito. No Egito, o escravo José é comprado por um alto personagem da corte. A integridade e a honestidade de José atiram-no para a prisão; mas, a capacidade de José para interpretar sonhos fá-lo cair nas boas graças do Faraó... A sua sabedoria e providência levam-no a ser encarregado pelo Faraó da governação do Egito. Nessa qualidade, José recebe os seus irmãos, que vão ao Egito comprar mantimentos, mas não reconhecem naquele príncipe egípcio o irmão que venderam como escravo. Finalmente, José dá-se a conhecer, perdoa aos

irmãos, acolhe-os no Egito com Jacob, seu pai, e “salva” a sua família da fome e da miséria.

Como é que esta “novela” – tecida com terríveis intrigas, com desconcertantes traições, com violentas paixões e com intensas emoções – entra no texto bíblico? Porque é que alguém achou oportuno colocá-la neste enquadramento?

## **2. José prepara o caminho para o nascimento do povo eleito**

As tradições sobre os patriarcas (que aparecem nos capítulos 12-36 do Livro do Génesis) situam-nos no cenário geográfico da terra de Canaan; as “tradições sobre a libertação” (que aparecem na sequência, na primeira parte do Livro do Êxodo) situam-nos na terra do Egito. Como é que esse Povo de Deus nascido com Abraão passou de uma terra para a outra? Para preencher esse fosso, esse “buraco” da história, os autores lançaram mão de um romance escrito na época de Salomão por um escritor anónimo e que narrava como um semita chamado José tinha ido para o Egito, tinha ascendido a um ponto importante na administração egípcia e tinha, depois, instalado a sua família na generosa terra do Egito.

A “história de José”, não deve ser vista como o relato fiel e exato de acontecimentos históricos sobre um dos filhos do patriarca Jacob... Aliás, o texto não se preocupa em apresentar referências históricas claras e seguras (não identifica, sequer, o faraó que reinava no Egito e que José teria servido: tudo é nebuloso e incerto, sem referências concretas e definidas). Por outro lado, não há nenhum documento egípcio, seja de que época for, que faça referência a um governante do Egito com o nome de José, de origem semita. A “história de José” será, então, pura ficção literária? Também não. É possível que tenha existido um personagem chamado José que desceu ao Egito, seguido pela sua família; e é possível que esse personagem, depois de várias peripécias, tenha chegado a desempenhar um cargo de relativa importância no aparelho administrativo egípcio. Tal seria o núcleo histórico que deu origem à “história de José”. Aliás, o autor deste “romance” mostra conhecer bem o Egito – o ambiente, as “cores” locais e mesmo os costumes do país...

De resto, os conhecimentos que possuímos sobre esse período dizem-nos que a entrada de grupos beduínos no Egito e o seu estabelecimento nessa terra era relativamente vulgar. Um escrito que apareceu na época do faraó Merikare, no final do terceiro milénio a.C. – intitulado “Instrução ao faraó Merikare” – recomenda ao rei do Egito que desconfie dos asiáticos que, periodicamente, entram no Egito; e o faraó Armenemnés I irá construir, na zona do atual Suez, uma muralha contra as invasões destes asiáticos.

No séc. XVIII/XVII a.C., o Egito chega a ser militarmente invadido pelos Hicsos, um povo que atravessa o corredor sírio-palestinense para se instalar no delta do Nilo. É possível que seja nesta altura que certos grupos ligados aos clãs de Abraão, Isaac e Jacob se estabelecem no Egito. Os Hicsos acabam por ser expulsos do Egito no séc. XVI a.C.; e, com eles, são expulsos alguns clãs seus aliados, parecidos com os clãs patriarcais. Outros grupos semitas, no entanto, continuaram no Egito (nomeadamente o grupo que, alguns séculos mais tarde, sairá com Moisés).

O "romance histórico" (romance construído à volta de figuras históricas, cujos feitos são exagerados e romanceados) de José, não tem apenas a finalidade de distrair os leitores; mas pretende, também, deixar lições de vida. É um romance "com mensagem", que pretende "formar" os seus leitores. Qual a sua mensagem fundamental?

Em primeiro lugar, o autor deste belo romance sugere claramente que Deus está por detrás de toda a história humana, que Deus está sempre presente nesse caminho que, todos os dias, os seres humanos vão percorrendo. No texto não se fala muito de Deus; mas percebe-se que Ele está sempre presente, como Senhor da história e da vida dos homens... É Ele que, discretamente, conduz toda a trama, até ao final feliz; é Ele que guia os passos do protagonista, que o protege no meio das adversidades que a vida lhe reserva; é Ele que, aproveitando até os erros e os passos mal dados dos homens e das mulheres, refaz a história dos seres humanos no sentido de lhes proporcionar a vida e a salvação; é Ele que transforma um dinamismo de injustiça e de morte num desígnio de vida e de felicidade para aqueles que nele acreditam. O Deus em que o autor deste romance acredita e apresenta é, verdadeiramente, o Deus que cuida dos seus filhos, que os acompanha no seu caminho histórico, que salva e liberta os homens e as mulheres mesmo que para isso tenha de "escrever direito por linhas tortas".

### **3. José, o instrumento de Deus**

Em segundo lugar, o autor pretende apresentar aos seus leitores, na pessoa de José, a figura e o modelo do homem bom, do homem que Deus ama. José, o protagonista, é o protótipo do homem íntegro, honesto, puro, sábio, que não se deixa enredar pelas seduções da corte e pelas solicitações do mal, que é capaz de esquecer as ofensas e tratar os "irmãos" com misericórdia e amor, mesmo quando tem razões de queixa contra eles... É o homem que não esquece as suas raízes nem os valores tradicionais, conduzindo sempre a sua vida de acordo com os valores que recebeu da sua família... É o homem

que “teme a Deus”, que coloca os valores de Deus antes de quaisquer outros valores ou propostas, que nunca se afasta dos caminhos de Deus, mesmo que isso lhe custe o descrédito, a prisão, o sofrimento... É o homem que confia em Deus e que tem a certeza de que Deus não o desiludirá nem o deixará afundar-se. É este “homem” que é proposto, como modelo, aos israelitas do séc. X a.C.

Para que os crentes tenham um motivo mais para acolher este “modelo”, o autor não se esquece, por fim, de acenar aos resultados dessa vida de integridade e de fidelidade: Deus – diz ele – recompensa quem assim procede; e a recompensa que Deus concede ao justo pelos seus méritos, acaba por se tornar uma fonte de bênção para toda a “família”, para toda a comunidade, para toda a nação.

O caminho que o Povo de Deus percorre pela história, não é sempre um caminho fácil, agradável, linear, isento de riscos e de dramas... É um caminho onde nos deparamos frequentemente com injustiças, com decepções, com incompreensões, e mesmo com perseguição e morte. Convém que esse Povo de Deus que caminha não esqueça, nunca, que Deus está sempre presente e que é Ele que preside à história e à vida dos homens e do mundo. E convém que, mesmo quando não somos entendidos ou aplaudidos, conservemos a coerência e a fidelidade a Deus e aos seus caminhos. Quando conseguimos conduzir dessa forma a nossa vida, o que nos espera no final do caminho não é o fracasso e a morte, mas a Vida plena, a felicidade verdadeira... E a nossa integridade, o nosso compromisso, a nossa constância serão uma fonte de vida e de bênção para o mundo e para todos os outros seres humanos: é este «segredo» que o catequista vai ajudar as crianças a descobrir.

## **OBJETIVOS**

- Constatar que Deus está sempre presente no caminho que o seu Povo percorre pela história e que Ele é, até, capaz de aproveitar os nossos erros, as nossas fragilidades, as coisas más que nos acontecem para, a partir daí, preparar dinamismos que nos trazem vida, felicidade, libertação.
- Descobrir que a nossa felicidade não está nas cedências à facilidade, aos projetos egoístas, às modas passageiras, aos aplausos das maiorias ou dos “fazedores” de opinião, mas está na fidelidade aos caminhos, às propostas, aos valores de Deus.
- Potenciar a vontade de ser bom, de ser verdadeiro, de ser honesto, de ser misericordioso, de ser capaz de perdoar as ofensas, para se tornar um sinal de Deus no meio do mundo e uma fonte de bênção para todas as pessoas que vivem à nossa volta.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** O catequista deve ter presente que esta catequese tem como principal objetivo levar as crianças a descobrir que os caminhos que ao longo da nossa vida percorremos têm Deus por detrás, Deus presente na História e na nossa história pessoal. Para isso, vão descobrir que são, também, caminhos preparados pelos caminhos de outros: apesar da nossa liberdade de escolha e de ação, somos muitas vezes guiados, orientados por outros, mais capazes, mais experientes, com maiores responsabilidades ou, simplesmente, porque cada um de nós vive uma vida em relação com a vida e a pessoa do outro, dos outros. A ajuda, a orientação, vinda de outras pessoas, é um dos meios que Deus usa para nos acompanhar: oferece-nos modelos, guias, muitas ajudas quotidianas.
- 2.** O catequista deve aproveitar este tema para explorar um pouco a espontaneidade de cada criança na comunicação das suas experiências, salientando que, nas histórias de migração ou emigração das famílias, nos seus diversos percursos de vida – que vamos usar como ponto de partida para a reflexão e metáfora dos caminhos que cada um de nós percorre – houve sempre um precursor, alguém que veio preparar o caminho para os demais, que saiu à frente, que é um modelo. Terá em atenção que a Experiência Humana que se propõe é muito rica, permitindo, até, que as crianças aprendam a conhecer-se melhor e a valorizar-se mais, o que é sempre um importante objetivo da catequese, mas que é extensa. Assim, o catequista deve planeá-la de acordo com a composição e tamanho do grupo (se este for grande, divide-o em dois e o primeiro participa ativamente na 1ª parte e o segundo, participa na 2ª parte) e evitar que ocupe mais do que a terça parte do tempo total da catequese.
- 3.** O catequista deve valorizar a coragem que os migrantes tiveram/têm – e que provavelmente também encontramos entre os seus familiares – demonstrada no valor necessário para abandonar uma vida, um espaço, conhecidos e partirem à procura de novos caminhos, novos projetos, novas oportunidades, para facultarem meios de realização e felicidade aos que amam. Esta reflexão preparará as crianças para compreender a história de José que aqui é agora trazida.
- 4.** Se no grupo não houver crianças com origens longe da terra em que habitam, o catequista deve valorizar a vida complicada que leva muitas vezes as

famílias a ter de deixar as suas terras, amigos e família para ir procurar novas ajudas que, algumas vezes são muito complicadas de se alcançar, contando uma história ou convidando um adulto ou jovem que tenha feito essa experiência e que possa partilhá-la adequadamente. Para isso, segue o mesmo esquema de exploração da experiência que se propõe para o trabalho feito a partir das histórias das crianças do grupo.

5. Por fim, e como principal objetivo desta catequese, o catequista deverá, ajudar as crianças a descobrir que, também, cada uma delas, pode começar a preparar os seus próprios projetos e a encontrar linhas de orientação para o seu próprio caminho, aquele que a vai levar a atingir os valores que Deus lhe propõe como meios para viver bem e ser feliz, sublinhando que Deus nunca abandona os seus filhos e as suas filhas, em momento nenhum das suas vidas, muito menos nas alturas de dificuldade. Disso é exemplo José que, vítima de injustiças e de intrigas terríveis, teve de recomeçar a sua vida mas respondeu sempre aos desafios que lhe eram colocados com bondade e uma profunda atitude de perdão. Para que este objetivo seja atingido, o catequista deve procurar valorizar adequadamente a escuta da Palavra e favorecer o reconhecimento e interiorização dos valores, atitudes de vida, que são propostos.

## **MATERIAIS**

- A Bíblia;
- Folha de papel de cenário ou cartolinas que cubram o placar;
- Marcadores grossos para usar nessas folhas;
- Pionés ou fita-cola para prender o papel/cartolina ao placar;
- Duas bandeirinhas com o nome de família de cada criança, preparadas com uma tira de papel que é colada a um alfinete;
- Folhas «Famílias Migrantes», entregues na catequese anterior, e preenchidas pelas crianças;
- Um rolo de fio ou linha grossa, de cor forte;
- Mapa de Portugal;
- Mapa Mundo;
- Recortes de revistas em que se vejam imagens de hábitos ou objetos culturais que se encontrem em Portugal, mas que se tenham integrado na nossa cultura por via da imigração, procurando que representem os países de origem/ as regiões do país das crianças : alimentos, formas de confeccionar refeições, músicos e músicas, roupas, formas de expressão plástica popular – por exemplo, crucifixos ou presépios de várias proveniências;

- Régua do Tempo – Abraão (usada na catequese 6);
- Mapas «A Mesopotâmia» e «O Crescente Fértil», usados na catequese 6;
- Dísticos “Deus”, “filhos e filhas”, “Gen 37, 23-25.28; Gen 39,2-5; Gen 39,21-23; Gen 50,15-21”, “nunca abandona”.

## MÚSICA

- “Nada temo”.

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### Preparação da sala:

- O **placar** está coberto com uma folha branca de papel ou cartolina; numa mesa auxiliar estão preparados para ser usados os marcadores, os mapas, as bandeirinhas de sinalização e os recortes de revistas que vão ser usados na Experiência Humana.
- A Bíblia está colocada numa estante. Se necessárias, junto desta estão colocadas as folhas impressas com as várias leituras que se irão fazer.

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O Catequista inicia a sessão convidando as crianças a falar um pouco delas, das suas origens (terra ou país onde nasceram) e da terra natal dos seus pais, ou outros familiares, que pode não ser esta onde estão agora a viver, a partir dos registos que as crianças fizeram em casa, com a ajuda dos familiares (Documento 5, catequese 6).*

*Deixa falar ordeiramente as crianças e anota no placar (ou quadro) os nomes dos locais (terras, cidades, países) de onde as famílias partiram. Se o catequista conhece bem as crianças do grupo deve dar oportunidade de falar aquelas que têm um caminho familiar migratório mais distante, pois irá ajudar a perceber melhor a mensagem da catequese de hoje.*

*O grupo é convidado a verificar que as origens de alguns dos meninos não são da terra onde estão a viver:*

*Como estão a ver, as nossas histórias mostram que as famílias, por vezes, fazem longos caminhos para se estabelecer noutras terras em que haja mais oportunidades para se ter uma vida melhor.. (o catequista registada no*

*placar, por exemplo, «Família Lopes veio de Espanha para Portugal», «Família Silva: o avô vivia em... e deslocou-se para...»*

*Depois, colocando os mapas sugeridos nos Materiais – de Portugal e do Mundo – lado a lado, procura localizar a origem da viagem e o ponto de chegada de cada família, aplicando uma bandeirinha com o seu nome de família na origem da viagem e outra no ponto de chegada. Para ajudar as crianças a perceber os percursos, pode ligar os pontos de partida e de chegada das famílias que maiores percursos realizaram, uma em Portugal e outra no mundo, unindo os pontos com um fio colorido. Depois questiona as crianças sobre as razões que estiveram na origem desses processos migratórios: Porque será que as pessoas, os vossos familiares, viajaram e foram viver tão longe do que era o local da sua casa? Podem ler o que registaram na vossa folhinha (o catequista vai interrogando as crianças uma a uma, e regista no placar, de forma sumária, as diversas motivações – emprego, estudos, parentes, ...- enquanto refere: necessidade de emprego, estudos, reunir-se com outros parentes, ... Depois explica: Sabem que as migrações são muito importantes para cada família que faz essa viagem, pois se as pessoas precisam de emprego, ou de estudar, ou de cuidados médicos, ou não têm boas condições, condições dignas, de viver, nas suas terras, (se for o caso, salientar as situações em que a migração foi provocada pela necessidade de liberdade, de justiça, ou provocada pela necessidade de condições para a prática religiosa) há alguém que percebe que é necessário partir, que vai à frente, para criar condições, para encontrar uma vida melhor e, depois, todos poderem viver dignamente, de acordo com os seus valores. Muitas vezes são os pais, não é? Pois, o avô...também. Alguém que parte para cuidar bem dos seus... (O catequista reforça a ideia de que alguém está por detrás desta procura de uma vida melhor para, mais adiante, as crianças concluírem que é Deus).*

Mas essas pessoas são também muito importantes para quem já cá está. Ora vejam: (o catequista mostra os recortes de revista com objetos provenientes das regiões do país ou países de onde as crianças são originárias) todas essas pessoas, as vossas famílias, se calhar, até mesmo cada um de vocês, trouxeram novos hábitos, novos objetos, novas culturas, novos costumes, outros valores, para as terras para onde imigraram e ali criaram uma nova vida para si, para a sua família, mas que acabou por influenciar positivamente quem já lá vivia. (O catequista ajuda as crianças a perceber que, apesar das suas dificuldades, cada pessoa pode influenciar positivamente a vida das outras pessoas).

Sabem, e certamente os vossos familiares vos falaram disso na conversa que tiveram com eles sobre as vossas famílias, mudar de terra e mudar de vida, num sítio que não se conhece, é muito difícil, exige coragem e esforço. Mas, quem se muda também acaba por conhecer outras pessoas (*no caso de no grupo haver crianças que imigraram mais recentemente, o catequista pode instá-las a partilhar a sua história*). Por exemplo, o N... (nome), que veio há pouco tempo de ... e foi para uma escola nova, conta-nos quem conheceu logo... na escola... aqui na catequese... Muito bem! E que fizeram essas pessoas? (*as crianças são ajudadas pelo catequista a referir-se aos habituais mecanismos de integração*) Exatamente, a aprender a falar português, ... a ter amigos... a conhecer outras pessoas... a ir à escola ... Sim, porque há pessoas que acompanham quem se desloca, pessoas que estão presentes, que ajudam cada um naqueles momentos mais preocupantes, mais difíceis, de ir para uma escola nova, de encontrar emprego... (*O catequista aproveita estas experiências para levar as crianças a refletir sobre as dificuldades da vida, os seus obstáculos e a forma como as pessoas os interpretam e lhes respondem:*)

## **2. Talvez nunca tenham pensado mas para algumas pessoas, a vida é muito complicada.**

Por esta ou por aquela razão, acontecem-lhes muitas coisas difíceis, que as fazem sofrer e que, por vezes, parecem não ter solução. Umhas vezes acontecem-lhes desgraças que ninguém entende; outras, são as pessoas à sua volta que as magoam e ferem... Diz-se, por vezes, que essas pessoas "têm azar": parece que não há mal que não lhes aconteça, o que é tão difícil de perceber, impedindo-as de serem felizes. E, ainda mais difícil do que isso, tantas vezes, as pessoas que sofrem essas contrariedades não são pessoas más, que causam mal a outros ou vivem a sua vida de forma negligente, pouco responsável, mas são inocentes, como as crianças, às vezes tão pequeninas, que ficam doentes, ou cuja casa desaparece num desastre natural, ou perdem os pais ... portanto, as dificuldades acontecem a todas as pessoas, pessoas boas, honestas, justas, verdadeiras, que não criam problemas a ninguém e que até se preocupam com os outros e gostam de ajudar os outros. (*E prossegue:*) Agora, pensem lá, como se sentem as pessoas quando enfrentam grandes desafios, grandes dificuldades... Olhem, estávamos a falar dos imigrantes: como será partir para outro país sem ter uma casa para morar, sem amigos e, depois, não encontrar logo emprego? Ou (*se for o caso*) como aconteceu com alguns de vocês: como foi chegar a Portugal, ir para a escola e não saber falar português?

*O catequista dá espaço ao grupo para relatar situações que conheça, em que as pessoas tenham sentido desânimo. Prossegue, pondo em evidência o problema acrescido que resulta da incompreensão do outro: Pois, mesmo que nunca tenham experimentado estas situações, todos podem compreender o que é chegar à escola e não falar a língua das outras pessoas... precisar de ir à casa-de-banho e não ter como perguntar onde fica... não saber como fazer para ir almoçar ou achar que a comida é estranha... Pois, o que quero sublinhar é que todas as dificuldades por que passamos aumentam imenso quando ninguém nos ajuda, quando sentimos que ninguém nos compreende... Ficamos mesmo desanimados, zangados, até.*

*O catequista dá oportunidade, breve, para as crianças se pronunciarem, considerando que algumas poderão sentir-se desafiadas e responder, por bravata, que «nada disso faz falta», que «dão conta do recado sozinhas» ou, então, que «cada um deve tratar de si». Mas continua:*

O pior de tudo é que, quando acontecem desgraças ou se sente o desamparo, corremos o risco de pensar, de dizer, que a situação é tão difícil, que estamos tão sozinhos que o próprio Deus nos abandonou... que Deus, afinal, não quer saber dos homens e mulheres que criou e que nos deixou neste mundo tristes e perdidos, entregues à nossa sorte ou ao nosso azar... Será mesmo assim?

*Com cuidado, o catequista convida o grupo a fazer um breve momento de reflexão em silêncio, para depois partilhar as suas ideias. Terminado este pequenino tempo de reflexão o catequista deve estar atento ao facto de alguma das crianças querer dar a sua opinião. Não provocar diálogo se ele não surgir espontaneamente. Se o houver, ter a preocupação de o direccionar para a mensagem **"Deus nunca abandona os seus filhos, prepara-lhes os caminhos que os levam à felicidade"**.*

**Será que Deus abandonou as pessoas, as pessoas em dificuldade, e não cuida delas?**

**Será que nós, homens e mulheres, caminhamos pela vida sem que esse Deus que nos criou e nos chamou a fazer parte do seu Povo se interesse por nós?**

**Porque é que, nestes caminhos, que percorremos todos os dias, Deus deixa que certas coisas nos atinjam e nos magoem?**

*O catequista coloca no placar os dísticos "Deus" e "filhos e filhas" deixando um intervalo entre eles e continua:*

Queria, ainda, comentar convosco, a forma como essas pessoas que sofrem, a quem acontecem desgraças, reagem a tudo isso... Um<sup>s</sup> revoltam-se, zangam-se e desistem de tudo; sentem-se derrotadas, sem forças, e não têm a coragem de enfrentar as lutas que a vida lhes traz... É como se uma aluno da escola nunca mais lá quisesse voltar porque teve uma má nota... merecida ou não.

Outras mudam a sua vida para não sofrer mais, para não serem incomodadas, para não terem problemas nem aborrecimentos. Renunciam àquilo que pensam, à sua maneira de ser, deixam de lado os seus valores e convicções e passam a fazer o que os outros querem ou esperam, mesmo que sejam disparates... É o caso daqueles nossos amigos, que eram bem comportados e educados e que, a dada altura, se juntam ao grupo dos mais mal comportados só para ninguém gozar com eles...

Outros, ainda, mantêm-se firmes, continuam a viver a sua vida como acham bem, fiéis aos seus valores e àquilo em que acreditam, sabendo que, apesar dos problemas e das perseguições, do gozo, das dificuldades, Deus há de cuidar delas e há de ajudá-las... e serão felizes.

**Para nos ajudar a perceber a atitude mais correta, mais apropriada, mais certa, aquela que Deus deseja para nós, vamos escutar a sua Palavra, com muita atenção.**

## II. PALAVRA

1. *O catequista coloca no placar a Régua do Tempo - Abraão e os mapas «A Mesopotâmia» e «O Crescente Fértil» e chama a atenção das crianças para os mesmos, explicando que a história que vão ouvir tem origem na descendência da família de Abraão: Como agora já sabemos, foi com Abraão que tudo começou, que teve início o povo de Deus, este seu projeto, como descobrimos nas catequeses anteriores.*

*O catequista relembra o que as crianças escutaram na catequese 6 e continua:*

2. Hoje, vamos ouvir a história de um homem chamado José... Esta é uma história que é escrita com a ideia principal de nos ajudar a entender que há

uma maneira de viver e de compreender a vida (a que chamamos valores) que são importantes e corretas para todas as gerações. No nosso caso, que estamos, aqui na catequese, a fazer um caminho com o Povo de Deus e como Povo de Deus, é uma história que nos preparara para a apresentação do projeto que Deus tinha para o seu povo, portanto, para nós. É por isso que o nosso catecismo se chama... «Sereis o meu povo», isto é, tem um título em que Deus nos interpela diretamente, a cada um de nós, como vimos na catequese 5.

Assim, esta é a história de uma pessoa, José, a quem a vida começa a correr mal e a quem vão sucedendo uma série de desgraças inexplicáveis. A Bíblia diz que ele era descendente de Abraão. Este José é, também, um membro daquele Povo de Deus que começou com Abraão.

De acordo com o que a Bíblia relata, José era filho de um homem chamado Jacob, neto de Abraão. Jacob tinha, nessa altura, vários filhos; mas o seu preferido era José, o mais novo. Por essa razão, os irmãos tinham grandes ciúmes e não gostavam muito de José.

Um dia, estando os irmãos de José longe de casa, a apascentar os rebanhos da família, o pai enviou José ao encontro dos irmãos para ver se tudo estava a correr bem. Mas os irmãos, quando o viram ao longe, pensaram em vingarse por ele ser o preferido do pai. Vamos escutar a sua história. Para tal, vamos proceder assim:

3. *O catequista pode optar por fazer, o próprio, a leitura dos vários textos propostos (Gen 37, 23-25.28; 39,2-5; 39,21-23; 50,15-21), que contam a história de José. Fá-lo diretamente da Bíblia, que está na estante. Em alternativa, pode copiá-los para quatro folhas, uma com cada um dos textos, que entregará a quatro crianças, para que os leiam. De qualquer modo, o catequista deve cuidar para que se faça um silêncio respeitoso, pois vai-se escutar a Palavra de Deus, que deve ser proclamada solenemente, de pé e orientar adequadamente o grupo para que as crianças possam seguir a leitura nas suas próprias bíblias, afixando um **dístico** com os versículos a ler.*

*Catequista:* Os irmãos de José, com os ciúmes, chegaram a pensar matá-lo; mas, finalmente, mudaram de ideias. Vamos ouvir a sua história.

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Leitor 1 (Gen 37,23-25.28):*

**Quando José chegou junto dos seus irmãos,  
estes despojaram-no da túnica comprida que usava e, agarrando-o,  
lançaram-no numa cisterna.  
Esta estava vazia e sem água. Depois, sentaram-se para comer.**

**Passaram por ali alguns comerciantes madianitas,  
que conseguiram tirar José da cisterna;  
e venderam-nos a um grupo de ismaelitas por vinte moedas de prata.  
Estes levaram José para o Egito.**

4. *Finda esta primeira leitura, o catequista explica:* A vida de José não estava a ser dura e difícil por causa da inveja dos próprios irmãos, como acabamos de ouvir. Mas, apesar de toda a desgraça, que aqui é contada com o episódio do poço, **o Senhor estava com José**. Vamos descobrir como... José, o nosso herói, foi vendido no Egito, como escravo e ficou ao serviço de um homem muito importante. Vamos continuar a ouvir o que nos é relatado em **Gen 39, 2-5** e escutar bem as palavras do autor, que são muito claras... :

*Leitor 2 (Gen 39, 2-5):*

**O Senhor estava com José, que veio a ser um homem afortunado,  
sendo admitido na casa do seu senhor egípcio.  
O seu senhor viu que o Senhor estava com ele  
e que fazia prosperar todas as obras das suas mãos.  
José obteve a sua benevolência, tornando-se seu servidor;  
e esse senhor pô-lo à frente da sua casa e confiou-lhe tudo o que possuía.**

**A partir do momento em que o pôs à frente da sua casa e de todos os seus negócios, o Senhor abençoou a casa do egípcio, por causa de José; e a bênção divina estendeu-se sobre todos os seus bens, tanto em casa como nos campos.**

*Terminada esta etapa da leitura o catequista dá oportunidade às crianças para refletirem sobre a sorte de José: Numa folha, colocada entre os dísticos "Deus" e "filhos e filhas", regista as impressões das crianças relativamente à fortuna de José e à ação do Senhor na sua vida... : "O Senhor estava com José". "o Senhor abençoou a casa do egípcio, por causa de José". Depois, prossegue:*

Mas, algum tempo depois, José – que sempre fora bom e que fazia o seu trabalho de forma exemplar – foi injustamente acusado de ter cometido um crime. José nada de mal fizera mas acabou por ser preso e ficou algum tempo na prisão.

Mesmo na prisão, José era um exemplo para todos. Era bom, honesto, responsável, de tal forma que lhe eram confiadas tarefas e responsabilidades muito grandes.

5. *O catequista chama de novo a atenção das crianças, assinalando a passagem bíblica **Gen 39,21-23**.*

*Leitor 3 (Gen 39, 21-23):*

**O Senhor Deus estava com José, tornou-o estimado e fê-lo obter as boas graças do governador da prisão.**

**O governador confiou-lhe todos os prisioneiros, que estavam na prisão, e tudo o que ali se fazia era dirigido por ele.**

**O governador não examinava coisa alguma do que lhe confiara, porque o Senhor estava com ele;**

**e o Senhor fazia com que fosse bem sucedido em tudo o que empreendia.**

*O catequista pede às crianças para retirarem do texto o seu sentido principal ("o Senhor fazia com que fosse bem sucedido em tudo o que empreendia"), regista na folha do placar e explica:*

Um dia, o faraó (era esse o título com que era designado o rei do Egito) teve um sonho muito estranho. Ninguém sabia dizer o que esse sonho significava. Mas um servidor do Faraó, que tinha conhecido José na prisão, falou-lhe dele e o Faraó mandou-o chamar, na tentativa de ver se se conseguia interpretar o sonho. A forma como José explicou esse sonho agradou tanto ao Faraó, que este fez dele governador de todo o Egito, dando-lhe um grande poder. E José governou o Egito com grande sabedoria.

**6.** *De novo o catequista reforça a mensagem que esta catequese nos quer dar a conhecer:*

**O Senhor vai usar mais uma vez a figura de José para nos mostrar que o perdão e a misericórdia fazem parte do seu projeto.** É preciso saber aceitar com humildade os caminhos que Ele prepara para o seu Povo. E o catequista continua a narração de bondade e perdão que José revelou, do que José vivem ao reencontrar-se com os seus irmãos e o espírito.

Alguns anos mais tarde, os irmãos de José – que continuavam a viver na terra de Canaan – foram ao Egito comprar alimentos, pois na sua terra havia uma grande fome. José reconheceu os irmãos, mas estes não o reconheceram a ele. José falou com eles e disse-lhes que, na próxima vez que voltassem ao Egito, eles deviam levar o irmão mais novo – chamado Benjamim, já nascido depois de José ter sido levado para o Egito. Algum tempo depois eles voltaram ao Egito para comprar mais alimentos, levando Benjamim... José viu pela primeira vez o seu irmão mais novo e emocionou-se. Chegou mesmo a experimentar os seus irmãos, para ver se eles vendiam Benjamim, como anos antes o tinham feito com José... Mas, finalmente, deu-se a conhecer aos irmãos, que ficaram muito felizes. José pediu-lhes que voltassem à terra de Canaan, que tomassem consigo o velho pai de todos eles – Jacob – e que se estabelecessem no Egito, onde teriam sempre comida em abundância. E assim aconteceu. E todos viveram felizes no Egito por longos anos.

Para refletirmos, vamos ouvir uma nova passagem bíblica, **Gen 50,15-21**:

*Leitor 4 (Gen 50, 15-21):*

**Depois da morte de seu pai, os irmãos de José disseram uns aos outros:**

**«E se José nos guarda rancor?**

**Se vai vingar-se de todo o mal que lhe fizemos sofrer?»**

**Então, mandaram dizer a José o seguinte:**

«Teu pai ordenou-nos antes da sua morte: 'Falai assim a José: Perdoa, por favor, a ofensa dos teus irmãos, a sua falta e o mal que te fizeram!' Perdoa, pois, o seu erro aos servos do Deus do teu pai!».

E José chorou quando lhe falaram assim.

Depois, os seus irmãos vieram e caíram aos seus pés, dizendo:

«Estamos prontos a tornar-nos teus escravos».

José respondeu-lhes:

«Não temais. Estou eu no lugar de Deus?

Premeditastes contra mim o mal.

Mas Deus aproveitou-o para o bem,

a fim de que acontecesse o que hoje aconteceu,

e um povo numeroso foi salvo.

Nada receeis, então! Eu cuidarei de vós e das vossas famílias».

E assim tranquilizou-os e falou-lhes ao coração.

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

Então, que foi que José fez? Perdoou, cuidou deles, que lhe tinham feito mal, tranquilizou-os. E ainda lhes explicou – como, agora, a nós – uma coisa importantíssima, que ainda vamos registar aqui no nosso placar... (*O catequista vai recontando o texto e registando as palavras ou expressões que vão sendo valorizadas ...*) **que Deus até aproveitou o mal para o bem**, pois com as desgraças de José muito foi o bem que foi feito.

7. A vida de José ensina-nos algo de muito valioso e importante nas nossas vidas: uma pessoa, a quem aconteceram tantas desgraças, que enfrentou tantas dificuldades, **nunca foi abandonado por Deus...** Os homens – os seus próprios irmãos – levados pela inveja e pelo ciúme, cometeram contra José muitas injustiças e maldades, chegando a abandoná-lo num poço, longe de casa, onde ele foi encontrado por mercadores estrangeiros; mas **Deus acompanhou sempre** José em cada passo, protegeu-o, ajudou-o nas dificuldades, fê-lo vencer as adversidades e transformou todo aquele mal e sofrimento em bem, tanto para José como para toda a sua família. Isto mostra-nos que **Deus** (*aponta o dístico respetivo*), tal como nós registámos

aqui (aponta a folha com o registo das ideias das crianças; depois, coloca, entre os dísticos já pegados ao placar, o dístico "**nunca abandona**" e refere:) **nunca abandona os seus filhos e filhas...** Por vezes há coisas que nos fazem sofrer e que nós não entendemos; mas, mesmo que não consigamos perceber bem o que nos está a acontecer, Deus está ao nosso lado, a conduzir a nossa vida e a cuidar de nós. Ele é o pai de cada um de nós, que vai à frente, em busca de uma vida melhor para nós... de facto, Deus faz do nosso pai, da nossa mãe, do nosso professor, amigo... um instrumento de vida para nós, de felicidade, como José foi para os seus irmãos.

8. *O catequista prossegue:* A história de José diz-nos, igualmente, que devemos **ser sempre bons, justos, verdadeiros e honestos**, sê-lo mesmo quando as coisas nos correm mal, mesmo quando os outros nos maltratam, mesmo quando parece que não compensa fazer o bem.

José podia ter "alinhado" com aqueles que o convidavam a fazer coisas erradas, mas achou sempre que era preferível **seguir o caminho do bem e da verdade**. José poderia ter-se vingado dos irmãos que o abandonaram, mas **preferiu perdoar-lhes, e recebeu-os de braços abertos quando os reencontrou**.

José também poderia ter ficado zangado com Deus, que permitiu que lhe acontecessem tantas desgraças, mas preferiu ver nos acontecimentos dolorosos da sua vida **um plano de Deus para salvar**, salvar a sua família da fome e da miséria, salvá-lo a si mesmo. José foi traído pelos seus irmãos, mas nunca aceitou trair ninguém. José foi vítima de uma cadeia de mentiras e de ciúmes, mas nunca quis mentir ou enganar fosse quem fosse. **José foi vítima de injustiças e de intrigas, mas respondeu sempre com a bondade e o perdão**. Ele foi, verdadeiramente, um instrumento da vontade salvadora de Deus.

**Ele é um exemplo** – mais um – **para todos aqueles que descendem do Patriarca Abraão e querem fazer parte da comunidade do Povo de Deus**.

Reparai como os sacrifícios de José, os seus esforços para fazer o que está certo, a sua renúncia a responder ao mal com o mal, a sua coragem em enfrentar as injustiças e as traições, resultaram em bem, para ele e para muitas outras pessoas...

Sabem, esta é mais uma das muitas histórias que os catequistas do Povo de Deus nos deixaram para nos mostrarem que Deus nunca abandona os seus filhos (*o catequista aponta para o placar*). Fazer o bem, ter gestos de bondade, de amor e de perdão, não é algo inútil; mas é algo que traz felicidade à própria pessoa e a todos quantos se cruzam com ela.

Quem consegue, como José, fazer o bem, é uma bênção de Deus no meio do mundo e ajuda a construir um mundo mais bonito e mais feliz. Como aquele colega que esteve convosco na vossa escola nova, quando vos sentíeis perdidos ... ou que vos consolou por causa de uma má nota ...

É assim que cada um de nós quer viver, não é? N... (nome), é assim que queres viver? E tu, N... ?(*o catequista interroga cada criança e, depois, prossegue:*)

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Catequista pede a cada criança que registe no espaço da sua **Barra Cronológica** para esta catequese as **atitudes de vida** que JOSÉ nos quis transmitir quando foi confrontado com tantas injustiças e calúnias, logo depois das palavras "Quero ser sempre... (possibilidades expressões a registar):*

- **bom,**
- **justo,**
- **verdadeiro,**
- **honesto,**
- **capaz de seguir o caminho do bem,**
- **capaz de falar verdade,**
- **bondoso,**
- **capaz de oferecer o perdão.**

*De seguida o catequista convida cada criança a referir uma das atitudes que registou, completando, com algum reforço, o seu compromisso de agir como José.*

2. *Depois, prossegue:* Penso que neste momento de reflexão, Deus Pai está muito contente com todos nós, pois a nossa vida, tal como as nossas Barras Cronológicas, vão ficar muito mais ricas. Os nossos corações estão cheios de vontade de praticar o bem, de seguir o exemplo de José.

É muito importante perceber que Deus está presente na nossa vida e acompanha-nos, ainda que não o consigamos ver...

Deus preocupa-se com cada homem, com cada mulher, com cada criança e quer acompanhar-nos em todos os instantes, particularmente nos momentos mais difíceis, mais assustadores ou mais decepcionantes...

Agora, depois de hoje termos vivido esta experiência de perceber que, nalguns momentos da nossa vida, somos chamados a procurar uma vida melhor, a partir para reconstruir a nossa vida, e que, embora com medo, podemos ser bem sucedidos – como em todas essas histórias de imigração, de que hoje falámos, e que nos trouxeram até aqui – porque Alguém nos acompanha, nos guia... Que nós, também, através da nossa vida, mesmo em momentos de grande fragilidade e fraqueza, podemos dar coisas boas e importantes aos outros – como todos os imigrantes que trouxeram até nós a sua cultura e nos ofereceram experiências novas e boas, apesar das suas dificuldades... ainda podemos conhecer José, que tanto andou de um lado para o outro, com grandes dificuldades... se ele até esteve preso... mas nunca deixou de fazer o seu caminho e de praticar, continuamente, o bem: tudo, porque o Senhor estava com ele, tal como está connosco, seus filhos e filhas.

3. Para agradecer ao Senhor a sua presença na nossa vida, a sua inspiração para procurarmos o nosso caminho do bem, a sua força para vencermos as dificuldades, vamos dar as mãos e dizer-lhe que estamos muito felizes por fazer parte deste Povo por Ele muito amado, cantando.

*Pode, preferencialmente, cantar-se, ou rezar-se, o seguinte cântico:*

**"Nada temo"**

Se me envolve a noite escura  
e caminho sobre abismos de amargura,  
**Nada temo, porque a LUZ está comigo. (bis)**

Se me colhe a tempestade  
e o mar vai engolir a minha barca,  
**Nada temo, porque a PAZ está comigo.**

Se me perco no deserto  
e de sede me consumo e desfaleço,  
**Nada temo, porque a FONTE está comigo.**

Se os amigos me deixarem  
em caminhos de miséria e orfandade,  
**Nada temo, porque o PAI está comigo.**

Se mais nada me restar,  
e no mundo só achar **desilusões,**  
**Nada temo, porque o CÉU está comigo.**

- 4. Compromisso:** *O catequista pede às crianças que, para o próximo encontro, procurem, com a ajuda dos familiares, fotografias de membros da sua família que sejam uma referência importante pela sua maneira de ser e de agir, mas que já tenham falecido e com os quais nunca tenham contactado em vida. Pedem, também, a alguém da família para lhes contar um pouco da história e personalidade dessa pessoa.*

*Depois, o catequista finaliza o encontro, pedindo: Agora que registaram, com a ajuda de José, essas Atitudes de Vida que orientam a nossa vida como a vida de um verdadeiro filho ou filha de Deus, um verdadeiro membro do seu Povo, desafio-vos a vivê-las. Durante esta semana vão tê-las presente, anotando, cada dia, antes de dormir, com um sinal escolhido por vós, na Barra Cronológica, se foram capazes de viver de acordo com este compromisso de verdade, de bondade e de perdão. Depois, podem cantar o cântico com que, hoje, rezámos, aqui, na catequese.*

***Para guardar na memória e no coração***

Deus preocupa-se com cada pessoa e está SEMPRE presente na sua vida, principalmente na dor, no sofrimento, no medo, na decepção.  
Deus está comigo e eu sou \_\_\_\_\_.

## DEUS ESCOLHE COLABORADORES

### 1 – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Pessoas extraordinárias

Em todas as famílias – ou povos – há pessoas que a memória coletiva conserva como referência e que marcam positivamente o caminho que esse grupo humano todos os dias faz. A consciência comunitária olha com admiração para os gestos excepcionais que essas pessoas foram capazes de fazer, para a sua dedicação aos interesses e projetos do grupo, para a sua capacidade de amar e de se dar, para a sua sabedoria e equilíbrio, para o seu testemunho de vida, para a grandeza da sua fé, para a exigência dos seus valores, e vê em tudo isso uma interpelação que, na história e no tempo, permanentemente desafia todos os elementos que constituem o grupo.

Na história do Povo de Deus houve, sempre, pessoas extraordinárias, cujo exemplo desafiou os seus irmãos e irmãs de todas as épocas e de todos os lugares. Não se tratava de super-homens ou de super-mulheres; tratava-se, simplesmente, de pessoas normais, com defeitos (por vezes, muitos e graves defeitos) e qualidades, mas que se esforçaram por escutar os apelos de Deus e levar a sério a missão e o papel que Deus lhes confiara. Os membros do Povo de Deus têm essas pessoas como referência e têm uma veneração especial por elas.

Vamos, neste encontro, olhar para algumas figuras – apresentadas no Antigo Testamento – que marcaram o caminho histórico do Povo de Deus e que deixaram um testemunho capaz de, ainda hoje, nos desafiar, interpelar e questionar.

## 2. O livro dos Juízes

A primeira figura (ou, neste caso, "figuras", pois trata-se de uma designação coletiva) é a dos "Juízes". Esta designação agrupa um conjunto de personagens que atuou numa certa época e que teve um papel decisivo na vida do Povo de Deus. Podemos encontrar informação sobre esses personagens – a sua vida, o seu exemplo, o seu testemunho – no "Livro dos Juízes". Quem foram esses "Juízes"?

Depois de ter atravessado o deserto e de se ter instalado na Terra Prometida, o Povo de Deus viveu um período histórico difícil, caracterizado pela falta de unidade, pela confusão e pela fragmentação: cada grupo seguia o seu caminho histórico à revelia dos outros grupos, ou então ao sabor de alianças ocasionais e isoladas; não existia uma organização e uma liderança forte, capaz de congregar esses grupos isolados à volta de um projeto forte e motivador; e essas tribos, sem unidade, continuamente divididas, eram presas fáceis dos povos cananeus que, de tempos a tempos, submetiam parcelas do Povo de Deus ao seu domínio.

É neste cenário que surgem os "juízes". Era assim que se chamava a alguns homens – ou mulheres, como no caso de Débora (cf. Jz 4-5) – que apareciam com uma missão bem definida: restabelecer a justiça e o direito. Ao contrário do que o nome sugere, não se trata de "juristas", no sentido estrito do termo. A palavra hebraica "shofetim" ("juízes"), aqui utilizada, traduz a função desses homens: "shâfat", isto é, governar exercendo a justiça, fazendo triunfar o direito que foi violado, operando a libertação dos oprimidos. O "juiz" é o homem forte que restabelece o direito quando pessoas ou comunidades vivem na opressão e na injustiça. Esses "juízes" são, invariavelmente, apresentados como pessoas que Deus chamou e a quem Deus deu um mandato para se tornarem agentes da libertação daquele grupo humano oprimido.

No "Livro dos Juízes" descrevem-se os feitos extraordinários de alguns destes heróis: Ehud (cf. Jz 3,12-30); Débora e Barac (cf. Jz 4-5); Gedeão (cf. Jz 6-8); Abimelek (cf. Jz 9); Jefté (cf. Jz 10,6-12,6); Sansão (cf. Jz 13-16). Todos eles são apresentados como pessoas com gravíssimas falhas e limitações... Mas Deus chama-os e envia-os, apesar de tudo; e é precisamente através de pessoas assim, que Deus vem ao encontro do mundo e realiza a salvação do seu Povo. O que é aqui decisivo – e admirável – é a capacidade que essas pessoas manifestam de escutar os apelos de Deus, de assumir uma missão e de ir ao encontro do mundo para serem sinais e testemunhas da "salvação" que Deus quer oferecer ao seu Povo.

### 3. O livro de Rute

Uma outra personagem que será interessante ter diante dos olhos é Rute, uma mulher que viveu na época dos "Juízes". Rute era estrangeira – pertencia ao povo de Moab – mas casou com um homem da tribo de Judá (cujo pai, por causa da fome, tinha abandonado Belém de Judá e tinha ido à procura de melhores condições de vida na terra dos moabitas). Quando o marido de Rute morreu, ela não quis deixar sozinha a sua sogra, Noemi, que era, também viúva. Apesar de Noemi lhe ter sugerido a possibilidade de voltar para a sua família e aí refazer a sua vida, Rute recusou abandonar a pobre Noemi e veio com ela para a terra de Judá. Ficar com Noemi não parecia ser uma solução de futuro, nem assegurava a Rute uma vida tranquila e feliz; mas ela preferiu renunciar à sua segurança a abandonar uma pobre viúva que não tinha quem a ajudasse ou quem dela cuidasse. Em Judá, Rute trabalhou duramente nos campos de Belém, a fim de poder alimentar-se a si e à sua sogra. Finalmente, veio a casar com um rico parente de Noemi, assegurando assim à sogra uma velhice confortável e tranquila. Segundo o "Livro de Rute", desse casamento nasceu Obed, o avô do grande rei David.

Rute é a imagem da mulher solidária, que se preocupa com a sorte dos pobres e abandonados, que tem um coração cheio de bondade e de misericórdia, que é capaz de sacrificar a sua segurança, o seu futuro, os seus interesses pessoais, os seus projetos para ficar com alguém que nada tem (no Antigo Testamento, as viúvas e os órfãos eram o protótipo dos marginalizados, dos esquecidos, dos que não tinham voz nem vez, por não terem quem os defendesse nem deles cuidasse). Ela pode ser, para a família do Povo de Deus, um modelo de amor desinteressado aos mais pobres, aos mais pequenos, aos mais desfavorecidos, aos mais abandonados.

### 4. O livro de Ester

Olhemos, ainda, para Ester, a jovem e bela rainha de origem judaica que salvou o Povo de Deus das maquinações do ímpio Haman. A história desta mulher é-nos contada no bíblico "Livro de Ester". É pouco provável que os factos descritos sejam rigorosamente históricos; é possível que a história tenha nascido para adaptar à religião judaica uma qualquer festa pagã, possivelmente uma festa babilónica com a qual os judeus "contactaram" quando do Exílio na Babilónia.

A história situa-nos em Susa, em plena corte do rei persa Xerxes. Trata-se, provavelmente, de Xerxes I, que reinou entre 486 e 465 a. C. ou, então, de Artaxerxes, que reinou entre 465 e 423 a.C. (o nome Assuero – que vem nas

edições das nossas Bíblias correntes, é a transcrição latina do nome Xerxes, que aparece no original hebraico). Ester, uma jovem judia exilada na Babilônia em plena época persa, tornou-se esposa do rei, depois de a anterior rainha ter caído em desgraça. Entretanto um judeu chamado Mardoqueu, parente e tutor de Ester, descobriu uma conspiração contra os judeus, organizada por Haman, ministro e conselheiro de Xerxes. Mardoqueu pôs Ester ao corrente do que Haman preparava e pediu-lhe que interviesse junto de Xerxes. Xerxes, impressionado pela beleza e pela graça de Ester, mal soube do projeto de Haman, castigou-o com a mesma sorte que ele preparava para os judeus: condenou-o à morte. E assim, com a sua intervenção, a rainha Ester salvou o seu Povo.

Esta história sugere que nenhuma força – nem o poder dos Estados imperialistas e absolutos, nem os projetos maquiavélicos dos indivíduos particulares – conseguirão destruir o Povo de Deus que caminha pela história. O Povo de Deus está totalmente nas mãos de Deus; e esse Deus salvador e libertador, que cuida do seu Povo como um pai cuida dos seus filhos, encontrará sempre formas de oferecer a salvação ao seu Povo. Muitas vezes, essa intervenção de Deus na história do seu Povo é feita através de pessoas frágeis e delicadas, como uma mulher. Ester foi um instrumento de Deus na salvação do seu Povo: a força libertadora e salvadora de Deus torna-se presente na história do mundo através dessas mulheres e desses homens que Deus chama para serem seus sinais e testemunhas.

## **5. O Segundo livro dos Macabeus**

Tomemos, ainda, uma outra história: a de uma mulher viúva e os seus sete filhos, que enfrentaram corajosamente o rei ímpio Antíoco IV Epífanes. O episódio é contado no "Segundo Livro dos Macabeus" (cf. 2 Mac 7,1-41). Estamos em plena época de domínio helénico sobre a Palestina (que começou quando, no ano 333 a.C., Alexandre da Macedônia venceu o rei persa Dario III na batalha de Issos, apossando-se da Palestina e do Egito). Os reis helénicos alternam períodos de alguma tolerância com períodos em que procuram, com toda a determinação, impor a cultura helénica aos diversos povos conquistados. Um dos que ficou tristemente famoso pela sua intransigência e crueldade na imposição dos usos e costumes helénicos foi Antíoco IV Epífanes... Este rei subiu ao poder em 175 a.C. e procurou, desde o início, impor aos judeus a cultura, religião, e costumes gregos. Uma parte da sociedade judaica, fascinada por esse "mundo novo" que a civilização grega oferecia, aceitou tranquilamente a nova realidade; mas outra parte

resistiu às imposições de Antíoco IV Epífanes, recusando-se a abandonar a religião dos pais, os valores tradicionais, a identidade nacional. A resistência à invasão da cultura grega foi, em muitos casos, afogada em sangue... A viúva e os sete irmãos da nossa história foram alguns dos mártires que essa resistência produziu.

Diz o segundo "Livro dos Macabeus" que, a certa altura, foram presos sete irmãos mais a sua mãe viúva, por se recusarem a cumprir os decretos helenizantes de Antíoco IV Epífanes. Não se diz onde aconteceu este drama, nem o nome destes heróis. Mas descreve-se, em pormenor, como os sete irmãos foram mortos, um a um, por não cederem às pretensões do rei e por se recusarem a acolher os valores da cultura helénica. Apesar da crueldade dos seus algozes, todos eles morreram a afirmar a sua inabalável fidelidade à religião dos seus pais.

Estes heróis anónimos deixaram uma profunda impressão no Povo de Deus. Eles são o protótipo dos crentes que não cedem ao oportunismo, à força dos *lobbys* ou às exigências de uma moda... Eles disseram, com o seu sangue, que os valores da própria fé não são negociáveis e que mais vale perder a própria vida do que renunciar aos valores verdadeiramente importantes.

## **6. Aceitar os desafios de Deus**

Estas diversas figuras do Povo de Deus encham-nos de orgulho e determinação. Ensinam-nos a importância de estarmos atentos aos desafios desse Deus que necessita dos homens e das mulheres para intervir na história do mundo e para salvar o seu Povo da escravidão e da morte; ensinam-nos que Deus vem ao encontro do mundo para o recriar e transformar através de pessoas frágeis e indignas, através das quais o poder e o amor de Deus se manifestam na história humana; ensinam-nos a olhar à volta para os nossos irmãos e irmãs abandonados e esquecidos, a estender-lhes a mão e a cuidar deles, numa solidariedade efetiva e afetiva com todos, mesmo que isso arruine os nossos projetos pessoais ou os nossos interesses; ensinam-nos a não ceder às pressões das modas, dos interesses instalados, do "politicamente correto" quando estão em jogo as nossas convicções mais profundas e os valores fundamentais que alimentam a nossa fé... Ensinam-nos, sobretudo, que Deus conta com homens e mulheres – e conosco também – para continuar a propor ao mundo o seu projeto de salvação.

## **OBJETIVOS**

- Conhecer modelos de vida, de fé, de confiança em Deus, de compromisso com Deus, de doação aos outros, com quem nos podemos identificar.
- Perceber que Deus chama homens e mulheres "normais" (frágeis, com defeitos e qualidades) para colaborar com Ele no seu projeto e conta com todos os membros do seu Povo para oferecer ao mundo e à humanidade a sua vida e a sua salvação.
- Aprender valores e comportamentos que devem estar sempre no horizonte dos membros do povo de Deus: a escuta atenta dos apelos de Deus; a luta contra a injustiça; a solidariedade para com os pobres e abandonados; a fidelidade à própria fé e aos valores em que se acredita.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Com esta catequese, pretende-se ajudar as crianças a descobrir como Deus atua na história humana, como é o seu providente condutor, escolhendo homens e mulheres a quem confia uma missão relevante para o seu povo. Como as crianças desta idade ainda têm pouco conhecimento histórico e pouco entendimento global do que é a história, propõe-se que se parta de uma experiência próxima e conhecida das crianças: como, em todas as famílias, há antepassados que, pela sua liderança e virtude, foram determinantes para a «história» daquela família, tendo-a influenciado e inspirado de forma positiva. Tenha-se em atenção que se segue um raciocínio semelhante ao da catequese anterior, quando se introduz na Experiência Humana as histórias de migração e os episódios de dificuldade por que as famílias passaram, por um lado, beneficiando da coragem e determinação daquele que vai à frente, por outro, reconhecendo que se recebeu ajuda de outras pessoas e que, através destas, Deus está presente na nossa vida.
2. A utilização das imagens sugeridas, através de uma certa encenação, favorecerá a concentração das crianças e a memorização do que se pretende ensinar nesta sessão. Como são muitas as figuras a apresentar, deve fazer-se a narrativa com beleza e focando apenas o essencial dos conteúdos narrativos, para não confundir as crianças nem prolongar, em demasia, o encontro.
3. Do mesmo modo, excepcionalmente, os textos, pela sua extensão, não serão proclamados como é habitual. As crianças contactarão com eles através das indicações contidas no catecismo. De qualquer modo, se houver a possibilidade

de prolongar o encontro por mais 20 minutos do que é habitual, sugere-se que se faça uma leitura teatralizada da história dos irmãos Macabeus.

4. De resto, quer se proceda, ou não, à leitura completa do texto indicado, é muito importante levar as crianças a aceitar o desafio de ler, em casa, as histórias que são apresentadas. Cada criança deverá escolher um dos personagens, aprofundar o seu conhecimento do mesmo e, sobretudo, ter a oportunidade séria dele/dela retirar um exemplo vivo para o seu quotidiano (Compromisso).

#### **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Álbum de fotos, para servir de suporte à Bíblia;
- Duas Cartolinas ou folha de papel de cenário dividida em dois grandes pedaços;
- Fotos de familiares, que as crianças trouxeram ou, em alternativa, da família do próprio catequista;
- Posters com as figuras bíblicas a conhecer (reproduções de pintura clássica, como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese);
- Cartões coloridos, um para cada personagem, com o seu nome e a respetiva referência bíblica;
- Pequenos cartões (do tamanho de um envelope para correio normal), para registar os nomes das personagens exemplares referidas pelas crianças;
- Pequenos cartões coloridos, com a oração;
- Pedacos de bostik para fixar as várias fotografias e imagens;
- Leitor de CD e música clássica, para criar ambiente;
- Folhas com o texto 2 Mac 7, 1-42, conforme se indica no Documento 1, caso se faça a sua leitura.
- Cartão para preparação do Compromisso de Natal, a entregar às crianças no final da catequese, e em função da preparação da Celebração de Natal.

#### **MÚSICAS**

- "Deus precisa de ti";
- Música clássica, ambiente (opcional).

### Preparação da sala:

- O **placar** está vazio;
- Colocar **as fotografias** - que as crianças ou o catequista trouxeram - sobre uma cartolina ou papel de cenário para que fiquem bem organizadas e, se possível, legendadas com o nome da pessoa e da família (pode utilizar-se bostik para as fixar).
- Colocar, sobre uma mesa/estante o álbum de fotos e, sobre este, a **Bíblia**, preparada para a leitura dos textos.
- Sentar as crianças (em cadeiras baixas ou no chão) fazendo um círculo no centro da sala; em alternativa, sentá-las à mesa, também em círculo.

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de preparar o ambiente e de dar as boas vindas aos elementos do grupo, é muito importante recordar a sessão da semana anterior:*

**Quem se recorda das coisas mais importantes que aprendemos na semana passada?**

*O Catequista ajuda e orienta o diálogo, sempre que necessário, para que se recordem dos pontos principais da sessão anterior:*

- Deus acompanha sempre o seu povo, mesmo quando as pessoas cometem erros, para as conduzir à felicidade e à libertação;
- É preciso ser fiel à vontade de Deus para alcançar a felicidade que ele propõe;
- É preciso ter vontade de ser bom, de ser verdadeiro, de ser honesto, de ser misericordioso, de ser capaz de perdoar as ofensas, para se tornar um sinal de Deus no meio do mundo.

*O catequista aproveita este último ponto da revisão para, brevemente, avaliar o cumprimento do Compromisso, que deve estar registado na Barra Cronológica das crianças: E, então, como é que nós procurámos viver de acordo com as Atitudes de Vida que Deus nos propõe através de José? Vamos lá ver o que cada um/uma foi capaz de cumprir...*

**Deus quer a nossa felicidade, não é? Mas como será que Deus Pai nos conduz à felicidade? Será que conseguimos chegar à felicidade de Deus, cada um por si?**

*O catequista deixa que as crianças, de forma ordenada, expressem o que pensam. Partindo da Experiência Humana da catequese anterior, orienta o*

*diálogo para a conclusão de que sozinhos, não somos capazes de ser felizes:* Lembram-se de termos verificado como é difícil partir para um país novo, como é assustador começar a estudar numa escola nova, quando não se conhece ninguém nem se fala a língua daquele país? Pois é, sofreremos com esse medo e, ainda mais, porque nos sentimos ... sós! *Podem evocar-se outras situações de solidão experimentadas por eles:* E, como resolver os problemas que sentimos? ... Muito bem, perguntando... mas se não sabes falar aquela língua, ficas sem almoço? Não! Alguém virá para ajudar! Uma ajuda é sempre bem vinda, a ajuda dos pais, dos professores, dos amigos... Viver sem contar com a ajuda de outras pessoas é terrível. É muito triste e complicado. *Deve concluir-se, dizendo:* Deus Pai, porque nos ama tanto, não quis que caminhássemos sozinhos, por isso, enviou-nos mensageiros, e muitas outras pessoas, para nos ajudarem a descobrir melhor o caminho. Do mesmo modo que envia um pai, um avô, uma mãe, à nossa frente, para procurarem uma vida melhor para nós, como vimos nas nossas histórias do último encontro, ao longo da história também escolheu algumas pessoas, a quem deu uma tarefa importante para o caminho do seu Povo, para a sua felicidade e salvação.

**De facto, nas nossas famílias acontece algo de parecido.**

*O catequista deve gerir muito bem o tempo para não prolongar demasiado esta experiência; inicia a dinâmica a partir das fotografias:*

**a) Se as crianças trouxeram as fotografias pedidas**

*Colocar no centro da sala, no chão, a cartolina ou papel de cenário com o arranjo das fotografias;*

**b) Se as crianças não trouxeram fotografias**

*Neste caso o catequista deverá ter preparadas fotografias e uma pequena conversa a partir da sua própria família (utilizar a mesma metodologia da alínea anterior).*

É muito importante que todos os que trouxeram as fotografias possam partilhar alguma experiência de ligação com os seus antepassados. Vamos lá ouvir as suas histórias...

*Durante a conversa, o catequista deve procurar reforçar os valores da reflexão que se segue no ponto 2, adaptando o diálogo:*

2. É possível que na nossa casa – ou, se calhar, na casa dos nossos avós – haja, nas paredes, em cima de um qualquer móvel, ou então num daqueles

álbuns velhos e pesados, fotografias de pessoas da nossa família que não conhecemos porque viveram antes de nós termos nascido. E, quando perguntamos sobre quem são essas pessoas, falam-nos de alguém que é **recordado** por todos com **amor e saudade**, de alguém que **fez coisas boas e de quem a família se orgulha**. É mesmo assim: as famílias gostam de conservar a memória das pessoas, sobretudo das pessoas que deixaram uma marca positiva na vida dos outros...

*Deixar as crianças exprimir-se brevemente sobre os seus antepassados e aproveitar os seus contributos para reforçar a mensagem:*

Em qualquer família há pessoas – algumas que viveram há muitos anos – que foram um **exemplo para os outros pela sua coragem, pela sua bondade, pela sua inteligência, pela sua fé em Deus**, ou até por qualquer gesto heroico que ficou na memória de todos e que honrou aquela família (*aproveitar os exemplos dados pelas crianças*).

**As coisas bonitas que essas pessoas fizeram** constituem uma espécie de herança de que a família se orgulha; e as **atitudes louváveis dessa pessoa constituem um exemplo** para todos os membros da família, mesmo para aqueles que não conheceram essa pessoa mas que, no futuro, irão ter a oportunidade de conhecer a sua história. Por isso guardamos as suas fotografias, e as nossas, num álbum (*o catequista mostra o álbum de fotografias*), para termos presente na memória as pessoas importantes para nós. (*O catequista coloca o álbum sobre a estante/ mesa, que entretanto aproximou de si*).

**3. Depois de concluir a dinâmica, o catequista prossegue com o diálogo que se segue:**

Isto também acontece nessa família de que temos vindo a falar nos nossos encontros de catequese – **o Povo de Deus**. Ao longo dos séculos apareceram, nessa família, pessoas que fizeram coisas boas, que se esforçaram por escutar as indicações de Deus, por ajudar os outros, por construir um mundo melhor e mais bonito. Nós até já conhecemos algumas... Abraão, José, muito bem!

*O catequista coloca a bíblia sobre o álbum de fotos, próximo do cartaz inicial.*

**Na Bíblia** – o livro que conta a história dessa família – **aparecem algumas “fotografias” de pessoas assim**. São pessoas que nós apreciamos e de quem nós, membros do Povo de Deus, nos orgulhamos; são pessoas que, com a sua maneira de viver, nos deixaram um exemplo; são pessoas para

quem **nós podemos olhar para aprendermos como é que deve ser uma pessoa que faz parte da família do Povo de Deus.**

No encontro de catequese de hoje, **vamos conhecer algumas dessas pessoas cuja "fotografia" aparece na Bíblia, o livro da nossa família.**

## II. PALAVRA

1. *Depois de criado o ambiente de expectativa para a descoberta das "fotografias" da Bíblia, o catequista coloca no centro da sala novo retângulo de papel de cenário ou cartolina de grande formato, onde irá colocar as imagens – posters – com cada uma das figuras bíblicas. Em alternativa, pode sentar as crianças à volta da mesa e pedir-lhes para abrirem o catecismo na página 37.*

*Antes de iniciar a dinâmica, o catequista pede às crianças para abrirem a sua **Barra Cronológica** no espaço da catequese 8, onde encontrarão os nomes dos personagens a descobrir, a referência dos textos a ler e um espaço onde podem ir registando a mensagem fundamental de cada personagem.*

**A primeira "fotografia" que vos quero apresentar é a de um homem chamado Sansão.** Podemos ler a sua história no "Livro dos Juízes" (cf. **Jz 13-16**).

*O catequista mostra a imagem de Sansão e coloca-a no papel de cenário juntamente com uma tira de cartão com a indicação do seu nome e da respetiva referência bíblica, motivando para a leitura (que também está indicada no catecismo, p. 38) e conta a sua história:*

**Ele viveu num tempo de muita violência, em que, com frequência, os mais fortes oprimiam e maltratavam os mais fracos.** O Povo de Deus também conheceu este cenário... Em certas alturas, algumas nações poderosas atacaram o Povo de Deus, oprimiram-no e maltrataram-no; e o Povo, em resposta a essas dificuldades, às vezes muito difíceis de suportar, voltava-se para Deus e pedia-lhe ajuda. É claro que Deus não gostava de ver como alguns grupos ou os seus chefes criavam situações de sofrimento para outros homens e mulheres, pois Ele quer a felicidade de todos os seus filhos e filhas. Então, o que acontecia? É o que vamos aprender hoje: invariavelmente, Deus encarregava alguém – um homem ou uma mulher – de libertar essas pessoas que eram maltratadas, de lhes devolver uma vida boa e justa.

**Sansão foi um desses homens que Deus chamou para salvar o seu Povo escravizado.** Escolhido por Deus para essa missão ainda antes de

nascer, Sansão foi “consagrado” a Deus – quer dizer, foi escolhido para dedicar toda a sua vida ao serviço de Deus. Quando cresceu, ele percebeu que Deus o chamava a libertar os seus irmãos, oprimidos pelos filisteus (um outro povo, que ocupava uma parte da terra de Canaan). E Sansão, que era um homem muito forte, lutou toda a sua vida contra os filisteus, realizando grandes feitos para ajudar o povo de Deus a ser livre. Sansão não era perfeito e, de vez em quando, fazia alguns disparates (não há pessoas perfeitas, não é verdade?).

Aquilo que nós devemos registrar (*observar no catecismo, p. 38 e/ou registrar na Barra Cronológica*) e aprender para a nossa vida é que **Sansão foi um homem que ouviu o chamamento de Deus e que se tornou um instrumento de Deus para salvar o seu Povo**. É assim... Deus, para transformar o mundo, precisa de pessoas a quem Ele chama e que Ele envia ao encontro dos homens, com uma determinada missão, sempre de justiça e de liberdade.

2. *Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem, colocando-a sobre o papel de cenário e apresenta a seguinte explicação:*

Uma **outra “fotografia” que vos quero apresentar** é a de uma mulher chamada **Rute**. Podeis ler a sua história na Bíblia, no “Livro de Rute”.

*Neste momento o catequista mostra o livro de Rute utilizando a Bíblia e coloca o cartão com o nome e referência bíblica (Rt 1, 14-17) e explica a história de Rute:*

Rute era uma mulher estrangeira (pertencia aos moabitas, um povo que habitava a terra de Moab), mas casou com um homem da tribo de Judá, que fazia parte do Povo de Deus, mas que tinha imigrado para a terra dos moabitas. Algum tempo depois, esse homem morreu e Rute ficou viúva. Ela podia, segundo as leis da época, voltar para a casa dos seus pais e refazer a sua vida, talvez casando de novo com um rapaz moabita... Mas **ela não quis abandonar a sua sogra**, chamada Noemi, que não tinha mais ninguém que cuidasse dela. Assim, Rute ficou com Noemi, **trabalhou duramente para lhe dar de comer, cuidou da sua sogra com muito amor**. Não pensou em si, não se preocupou com o seu futuro ou com os seus projetos. Antes de mais, ficou ao lado dessa pobre velha que ficara sozinha e que não tinha mais ninguém que a ajudasse e que dela cuidasse.

Aprendemos pelo exemplo de **Rute como atua uma pessoa bondosa, com um coração generoso, que se preocupa com os outros, que não vira as costas a quem precisa da sua ajuda...** (*indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem de Rute – na página 38 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica*) Assim, Rute pode ser, também, um exemplo para os membros do povo de Deus de qualquer época e de qualquer lugar.

**3. Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem de Ester, colocando-a no papel de cenário, acrescenta o cartão com o nome e referência bíblica (Est C, 12-18) e apresenta a respetiva narrativa:**

Agora convidamos-vos a olhar para a **"fotografia" de outra mulher do Povo de Deus...** Ela chamava-se **Ester** e podeis encontrar a sua história na Bíblia, no "Livro de Ester".

Ester era uma jovem muito bonita, que casou com um rei da Pérsia chamado Xerxes (ou Assuero, como aparece na tua Bíblia). Nessa altura (séc. V a.C.), o Povo de Deus já estava espalhado por várias nações e havia diversas comunidades espalhadas ao longo do império persa.

Um dia, um ministro do rei Xerxes, chamado Haman, resolveu preparar uma lei que ordenava a morte de todos os membros do Povo de Deus que viviam nas várias cidades desse império. Ester foi informada e **foi pedir ao seu marido, o rei Xerxes, que não permitisse que essa lei fosse publicada.**

O rei, que gostava muito da sua mulher judia, ouviu o pedido que ela lhe fez e mandou suspender essa lei. Assim, Ester salvou os membros do Povo de Deus.

Ao apresentar esta mulher e a sua ação em favor do seu Povo, quem escreveu esta história queria dizer, mais uma vez, uma coisa que já sabeis: que **Deus está sempre atento ao sofrimento dos seus filhos e filhas e que, muitas vezes, chama pessoas – pessoas de carne e osso, pessoas como nós – para salvar esses filhos e filhas que Ele ama.**

Como é que uma rapariga muito jovem, muito frágil, que não sabia combater, consegue salvar um Povo que os maus – que têm as suas leis, o seu exército, o seu poder – querem condenar à morte? A resposta só pode ser esta: **Deus serve-se de pessoas frágeis, de pessoas "normais", para salvar o mundo e os homens.** (*indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem de Ester – na página 39 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica.*) O que interessa nem é se as pessoas que Deus escolhe são fortes e corajosas; o que interessa é que

essas pessoas sejam **capazes de escutar as indicações de Deus e aceitem ser instrumentos de Deus na construção do mundo**. Deus chama e envia pessoas como nós para salvar o mundo, para construir um mundo de liberdade e de paz.

4. *Seguindo a mesma metodologia, o catequista mostra a imagem dos irmãos Macabeus e a respectiva referência bíblica (2 Mac 7,1-42) e, colocando-a no papel de cenário, apresenta a sua história:*

Finalmente, quero apresentar-vos a **"fotografia" de uma família...** É uma família constituída por **sete irmãos e a sua mãe**, viúva. Podeis encontrar a história desta família no segundo "Livro dos Macabeus" (cf. 2 Mac 7,1-42). Esta família viveu no séc. II a.C., no tempo em que o Povo de Deus estava sob a autoridade de um rei de origem grega chamado Antíoco IV Epífanes. **Este rei quis obrigar todas as pessoas que ele governava a deixarem a sua religião**, os seus costumes, a sua cultura, para viverem segundo a religião, os costumes e a cultura grega. Quem recusasse seguir as instruções do rei, seria morto. Vamos ver o que aconteceu a esta família.

Ora, estes sete irmãos, mais a sua mãe, foram presos por se recusarem a cumprir as ordens do rei. O rei tentou convencê-los a mudar de ideias. Ameaçou-os com torturas e com a morte e prometeu-lhes, também, muitas prendas e muitas honras... Mas eles **nunca aceitaram as propostas do rei**. Disseram, até, que preferiam morrer a abandonar a sua fé. **Foram todos mortos, os sete jovens e a sua mãe, mas mantiveram-se fiéis àquilo em que acreditavam**.

*(indicar às crianças que devem proceder à leitura silenciosa da mensagem dos irmãos Macabeus – na página 39 do catecismo e/ou indicar que a devem registar na Barra Cronológica:)* Eles são, para o Povo de Deus, **um exemplo de como se deve ser fiel a Deus e às suas indicações, mesmo que os outros, à volta, não concordem ou critiquem**; eles são exemplo de como devemos manter as nossas convicções e sermos fiéis àquilo em que acreditamos, mesmo que os outros não gostem ou não estejam de acordo connosco.

5. *Depois desta apresentação o catequista conclui, em diálogo com as crianças, reforçando os elementos mais importantes dos "retratos".*

Aqui tendes, então, algumas "fotografias" de pessoas da nossa família – desta família da qual todos fazemos parte. **São pessoas que fizeram coisas**

**boas no mundo**, são pessoas que nos honram, são pessoas que são um exemplo para nós e que nós devemos imitar.

**Ensinam-nos a estarmos atentos a esse Deus que nos chama e que nos envia** para mudar o mundo e para libertar os nossos irmãos e irmãs; **ensinam-nos a olhar à nossa volta e a estendermos as mãos a quem está só e abandonado**, a quem é marginalizado, a quem necessita da nossa ajuda, da nossa alegria, da nossa força; **ensinam-nos que, mesmo quando somos pequenos, frágeis**, ou não termos armas poderosas, **podemos ajudar Deus a mudar o mundo; ensinam-nos que devemos ser fiéis a Deus e às suas propostas**, mesmo que muitas pessoas à nossa volta não nos entendam ou não concordem connosco.

*O catequista conclui esta síntese com o exemplo que se segue e prepara as crianças para a expressão da fé, para um momento de oração.*

Todos sentimos orgulho em fazer parte de um Povo que tem pessoas como estas de que hoje falámos.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista deve procurar enquadrar as histórias da Bíblia com pessoas de quem já ouviram falar e que sejam exemplo daqueles que escutam Deus e fazem o que Ele lhes pede. Se pode fazer-se ligação com a dinâmica do início da catequese aproveitando os dois cartazes produzidos durante a sessão.*

**Já percebeste que Deus**, para oferecer aos seus filhos e filhas que caminham no mundo a sua vida e a sua salvação, **serve-se de homens e mulheres a quem Ele chama e a quem confia uma missão**. Foi assim com Sansão, com Rute, com Ester e com tantas outras pessoas, ao longo da “história da salvação”.

Além destas pessoas cujas “fotografias” tu viste no nosso encontro de hoje, **há muitas outras pessoas** – se calhar, alguma da tua família, ou alguém que tu conheces – **que também “escutaram” Deus e que fizeram no mundo coisas bonitas, coisas de Deus**; que foram **sinais de Deus para os outros**; que tiveram **gestos de bondade, de generosidade, de partilha, de perdão**; que ajudaram outras pessoas a vencer o sofrimento, a doença, a solidão, o medo... **Será que tu podes apresentar ao teu grupo de catequese a “fotografia” de uma dessas pessoas que tu conheces, de quem tu ouviste falar e que foram, no mundo, sinais da vida e da salvação de Deus?**

2. Partindo desta pergunta, permitir a participação das crianças, fazendo memória de pessoas que são referências importantes para elas, focando sempre os valores e atitudes principais da sessão: escutar Deus; ser sinal para os outros; ter gestos de bondade, generosidade, partilha e perdão; ajuda aos que necessitam.

Se não se recordarem de ninguém, o catequista pode sempre lembrar figuras de santos que marcaram e marcam o nosso tempo com estes valores e atitudes (ex. Madre Teresa de Calcutá, João Paulo II).

Se possível, o catequista regista em pequenos cartões, os nomes que forem recordados, para utilizar no momento da oração.

3. A partir deste momento do encontro, o catequista prepara o ambiente para um momento de oração. É importante motivar para o louvor e o agradecimento a Deus Pai que, por nos amar tanto, nos envia pessoas que nos ajudam e que, ao mesmo tempo, nos chama a todos para ajudarmos os que necessitam de atenção, de apoio, de auxílio ...

O catequista explica como decorrerá a oração:

1º momento de oração espontânea;

2º momento todos recitam a oração indicada;

3º cântico.

Com os cartazes da sessão no centro do grupo e os cartões com os nomes das pessoas «que nos honram e a quem devemos imitar» de que se recordaram, de preferência com música ambiente, desafiar as crianças a fazerem uma oração espontânea de agradecimento a Deus Pai pelas pessoas que Deus nos envia.

Depois de cada um fazer a sua oração, após um breve silêncio o catequista distribui às crianças um cartão com a Oração, explicando que lerá, sozinho, a primeira parte e que, depois, as crianças lerão a segunda:

O catequista lê, com muita calma, propicia à interiorização:

**"Ó Deus,**

**tu que és o Pai que nos acompanha**

**ao longo do caminho da nossa vida,**

**continua a chamar pessoas**

**que estejam dispostas a ajudar os outros,**

**que aceitem levar a tua paz,  
a tua vida e a tua liberdade  
aos outros homens e mulheres,  
que mostrem, nos seus gestos, o teu amor e a tua bondade.**

*O catequista faz sinal às crianças para lerem e acompanha-as:*

**Ó Deus,**

**eu também estou disponível para ser um sinal de Ti  
no meio das outras pessoas:**

**junto dos meus pais,**

**dos meus irmãos,**

**dos meus amigos,**

**dos meus colegas.**

**Eu quero levar às outras pessoas a tua vida,  
para que elas sejam mais livres e mais felizes.**

**4. Compromisso:** *O catequista sugere às crianças que coleem o cartão da oração no espaço da Barra Cronológica para esta catequese e indica-lhes: Durante esta semana queria que lessem os textos referentes aos personagens que vos referi, pelo menos um deles, que cada um escolherá. Como já são crescidos, podem ler o texto na totalidade, um bocadinho cada dia. (O catequista pede às crianças para registarem no catecismo, página 40, junto do espaço para desenho ou foto as indicações:)*

- Sansão: Jz 13 – 16;
- Rute: Livro de Rute;
- Ester: Livro de Ester;
- irmãos Macabeus: 2 Mac 7,1-42;

Depois, no fim de cada leitura, leem a oração que hoje, aqui fizemos, e que ficará na vossa **Barra Cronológica**, para se lembrarem do que o Senhor vos pede: que O ajudeis a mudar o mundo! Para vos ajudar a ter isso presente, vamos aprender um *cântico*:

**“Deus precisa de ti”**

*O encontro termina com o ensaio do cântico, procurando-se que as crianças o aprendam bem.*

### *Para guardar na memória e no coração*

Deus acompanha sempre o seu Povo, mesmo quando as pessoas cometem erros, para as conduzir à felicidade e à libertação.

Deus chama pessoas como nós, para ajudar o seu Povo a encontrar o caminho da felicidade.

É muito importante estar atento para escutar o seu chamamento e ter coragem para fazer a sua vontade.

## DOCUMENTO 1

### Leitura encenada de 2 Mac 7, 1-42

**Nota:** A leitura pode ser feita colocando as crianças em círculo, com o texto nas mãos. Ou então, para uma encenação mais perfeita, podem ser marcados os lugares iniciais de cada um, desenhando uma cruz com giz no chão, e indicando às crianças que devem retirar-se quando o Narrador relata a morte daquele personagem. Neste caso, deve colocar-se junto do Catequista/Narrador o personagem Rei, que não tem falas mas a quem os demais personagens se dirigem.

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Segundo Livro dos Macabeus.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**Catequista/Narrador:**

Aconteceu também que um dia foram presos sete irmãos com a mãe, aos quais o rei, por meio de golpes de azorrague e de nervos de boi, quis obrigar a comer carnes de porco, proibidas pela lei. Um deles, tomou a palavra e falou assim:

**Leitor 1/ Irmão 1:**

«Que pretendes perguntar e saber de nós? Estamos prontos a antes morrer do que violar as leis dos nossos pais.»

**Catequista/Narrador:**

O rei, irritado, ordenou que aquecessem ao fogo sertãs e caldeirões. Logo que ficaram em brasa, ordenou que cortassem a língua ao que primeiro falara, lhe arrancassem a pele da cabeça e lhe cortassem também as extremidades das mãos e dos pés, na presença dos irmãos e da mãe. Mutilado de todos os seus membros, o rei mandou aproximá-lo do fogo e, vivo ainda, assá-lo na sertã.

Enquanto o cheiro da panela se espalhava ao longe, os outros, com a mãe, animavam-se a morrer corajosamente, dizendo:

**Coro de Leitores/Irmãos 2 a 7 e mãe:** «Deus, o Senhor, nos vê e, na verdade, Ele terá compaixão de nós, como diz claramente Moisés no seu cântico de admoestação: Ele terá piedade dos seus servidores.»

**Catequista/Narrador:**

Morto, deste modo, o primeiro, conduziram o segundo ao suplício. Arrancaram-lhe a pele da cabeça com os cabelos e perguntaram-lhe:

**Leitor 3:**

«Comes carne de porco, ou preferes que o teu corpo seja torturado, membro por membro?»

**Catequista/Narrador:**

Ele respondeu no idioma dos seus pais:

**Leitor 4/Irmão 2:**

«Não farei tal coisa!»

**Catequista/Narrador:**

E então padeceu os mesmos tormentos que o primeiro. Prestes a dar o último suspiro, disse:

**Leitor 4/Irmão 2:**

«Ó malvado, tu arrebatas-nos a vida presente, mas o rei do universo há de ressuscitar-nos para a vida eterna, se morrermos fiéis às suas leis.»

**Catequista/Narrador:**

Depois deste, torturaram o terceiro, o qual, mal lhe pediram a língua, deitou-a logo de fora e estendeu as mãos corajosamente. E disse, cheio de confiança:

**Leitor 5/Irmão 3:**

«Do Céu recebi estes membros, mas agora menosprezo-os por amor das leis de Deus, mas espero recebê-los dele, de novo, um dia.»

**Catequista/Narrador:**

O próprio rei e os que o rodeavam ficaram admirados com o heroísmo deste jovem, que nenhum caso fazia dos sofrimentos. Morto também este, aplicaram os mesmos suplícios ao quarto, o qual, prestes a expirar, disse:

**Leitor 6/Irmão 4:** «É uma felicidade perecer à mão dos homens, com a esperança de que Deus nos ressuscitará; mas a tua ressurreição não será para a vida.»

**Catequista/Narrador:**

Arrastaram, em seguida, o quinto e torturaram-no; mas ele, cravando os olhos no rei, disse-lhe:

**Leitor 7/Irmão 5:**

«Embora mortal, tens poder sobre os homens e fazes o que queres. Mas não penses que Deus abandonou o nosso povo! Espera, e verás a grandeza do seu poder e como Ele te castigará a ti e à tua descendência.»

**Catequista/Narrador:**

Depois deste, foi conduzido o sexto que, antes de morrer, disse:

**Leitor 8/Irmão 6:**

«Não te iludas, pois se nós mesmos merecemos estes sofrimentos, é porque pecámos contra o nosso Deus e por isso recebemos estes tormentos terríveis. Mas não julgues que ficarás impune, depois de teres ousado combater contra Deus.»

**Catequista/Narrador:**

Particularmente admirável e digna de grandes elogios foi a mãe que, num dia só, viu perecer os seus sete filhos e suportou essa dor com serenidade, porque punha a sua esperança no Senhor. Ela exortava cada um no seu idioma materno e, cheia de nobres sentimentos, juntava uma coragem varonil à ternura de mulher. Dizia-lhes:

**Leitora 9/Mãe:**

«Não sei como aparecestes nas minhas entranhas, porque não fui eu que vos dei a alma nem a vida, nem fui eu que formei os vossos membros. Mas o Criador do mundo, autor do nascimento do homem e origem de todas as coisas, restituir-vos-á, na sua misericórdia, tanto o espírito como a vida, se agora vos sacrificardes a vós mesmos por amor das suas leis.»

**Catequista/Narrador:**

Mas Antíoco, julgando que ela se ria dele e o insultava, começou a exortar o mais jovem, o que restava, e não só com palavras mas até com juramento, lhe prometia, se abandonasse as tradições dos seus antepassados, torná-lo rico e feliz, tratá-lo como amigo e confiar-lhe honrosos cargos. Como o jovem não lhe prestasse atenção, o rei mandou à mãe que se aproximasse e aconselhasse o filho a salvar a sua vida. E, depois de ter insistido com ela muito tempo, ela consentiu em persuadir o filho. Inclinou-se sobre ele e, zombando do cruel tirano, disse-lhe na língua materna:

**Leitora 9/Mãe:**

«Meu filho, tem compaixão de mim que te trouxe nove meses no seio, que te amamentei durante três anos, que te criei, eduquei e alimentei até agora. Suplico-te, meu filho, que contemples o céu e a terra. Reflete bem: o que vês, Deus o criou do nada, assim como a todos os homens. Não temas, portanto, este carrasco, mas sê digno dos teus irmãos e aceita a morte, para que, no dia da misericórdia, eu te encontre no meio deles.»

**Catequista/Narrador:**

Logo que ela acabou de falar, o jovem disse:

**Leitor 10/Irmão 6:** «Que esperais? Não obedecerei às ordens do rei, mas somente aos mandamentos da Lei, dada a nossos pais por intermédio de Moisés. Mas tu, que és o inventor desta perseguição contra os hebreus, não escaparás à mão de Deus. Quanto a nós, é por causa dos nossos pecados que padecemos. Mas, se para nos punir e corrigir, o Deus vivo e Senhor nosso se irou por um momento contra nós, Ele há de reconciliar-se de novo com os seus servos. Tu, porém, ímpio, o mais infame dos homens, não te exaltes sem razão com vãs esperanças, enfurecido na tua cólera contra os servos de Deus, porque ainda não escapaste ao julgamento do Deus onnipotente, que tudo vê! Os meus irmãos, após terem suportado um breve tormento, participam agora da vida eterna, em virtude do sinal da aliança, mas tu sofrerás o justo castigo do teu orgulho, pelo julgamento de Deus. A exemplo dos meus irmãos, entrego o meu corpo e a minha vida em defesa das leis dos nossos pais e peço a Deus que, quanto antes, se mostre propício ao seu povo, e que tu, no meio dos sofrimentos e das provações, tenhas de confessar que só Ele é o único Deus. Em mim e nos meus irmãos se aplacará a cólera do Onnipotente que se desencadeou justamente sobre toda a nossa raça.»

**Catequista/Narrador:**

Então o rei, furioso, descarregou sobre ele a sua ira com maior crueldade que sobre os outros, enraivecido por ter zombado dele. Morreu, pois, também ele, purificado de toda a mancha e inteiramente confiado no Senhor. Finalmente, depois dos filhos, foi também morta a mãe. Terminamos por aqui a nossa narração referente aos banquetes rituais e a estas horríveis crueldades.

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a vós, Senhor.**

## MARIA, A MULHER DO “SIM”

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Maria de Nazaré

Ao longo da história da salvação, Deus escolheu e chamou muitas pessoas – algumas das quais temos vindo a apresentar nas catequeses anteriores – para serem instrumentos da sua intervenção salvadora no mundo e na vida dos homens. Houve, contudo, uma pessoa – uma mulher – que desempenhou, nessa história, um papel absolutamente único e especial: Maria de Nazaré. Não sabemos muitos pormenores da vida desta mulher. Um texto apócrifo (“Protoevangelho de Tiago”, um documento do séc. II) diz que ela era filha única de Joaquim e Ana e que, ainda pequena, foi levada ao Templo de Jerusalém para ser consagrada ao Senhor. Contudo, os Evangelhos canónicos não dizem nada sobre a família e a infância de Maria... Para o *kerigma* (anúncio) cristão dos primeiros tempos, o que interessava era a pessoa e o mistério de Jesus.

O evangelista Lucas diz-nos que Maria começou a desempenhar um papel preponderante na história da salvação quando percebeu que Deus a convidava para ser a mãe de Jesus (cf. Lc 1,26-38). Ela vivia, então, em Nazaré, uma pequena aldeia situada nas montanhas da Galileia, nunca referenciada no Antigo Testamento e sem qualquer significado no contexto das vilas ou cidades ligadas aos grandes acontecimentos ou às grandes instituições religiosas de Israel. A jovem Maria estava, então, matrimonialmente comprometida com um homem chamado José, que descendia da família de David; no entanto, ainda não viviam em comum. O costume palestino previa que o compromisso dos noivos começasse com os esponsais, uma cerimónia em que se intercambiava o mútuo acordo dos noivos para casar-se e se pagava o “dote da noiva”. Só mais tarde o noivo levava a noiva para sua casa e consumava

o casamento. De acordo com o relato de Lucas, Maria estava noiva de José, mas ainda não vivia em casa dele. É nesse contexto que Lucas descreve a vinda de um mensageiro de Deus – o anjo Gabriel – que propõe a Maria ser a mãe do Messias.

## **2. A vocação de Maria**

A descrição que Lucas faz do encontro entre o enviado de Deus e Maria – que não é uma reportagem, mas uma catequese – está cheia de elementos tomados dos chamados “relatos de vocação” do Antigo Testamento – os relatos em que Deus aparece a chamar alguém para uma missão. Ao compor a sua narração com esses elementos, Lucas está a sugerir que Maria de Nazaré, como tantas outras pessoas na história do Povo de Deus, foi chamada por Deus a desempenhar uma determinada missão, uma missão que se insere no projeto que Deus tem para o mundo e para a humanidade.

A catequese de Lucas sobre o chamamento de Maria começa com a saudação do anjo. Na boca deste, são colocados termos e expressões com ressonância vétero-testamentária, ligados a contextos de eleição, de vocação e de missão. Assim, o termo grego “kaire” (“salvé”) com que o anjo se dirige a Maria, é mais do que uma banal saudação: é o eco dos anúncios de salvação à “filha de Sião” (cf. Sof 3,14-17; Zac 9,9) – uma figura fraca e delicada que personifica o Povo de Israel, mas em cuja fragilidade e debilidade se torna presente, no mundo e na história, a salvação oferecida por Deus e que o Povo de Deus deve testemunhar, com júbilo, diante dos outros povos. A expressão “cheia de graça”, colocada por Lucas na boca do anjo Gabriel, revela que Maria é objeto da predileção e do amor de Deus (afirmação que, no contexto bíblico, se costuma traduzir na entrega, a essa pessoa que Deus ama, de um carisma, de um dom especial de Deus que é sempre concedido em vista de uma missão). A frase “o Senhor está contigo”, é uma expressão que aparece com frequência ligada aos relatos de vocação no Antigo Testamento (cf. Ex 3,12 - vocação de Moisés; Jz 6,12 - vocação de Gedeão; Jer 1,8.19 - vocação de Jeremias) e que serve para assegurar ao que é “chamado” a assistência de Deus na missão que lhe é pedida.

Todo o enquadramento sugere, portanto, que estamos diante de um “relato de vocação”: a visita do anjo destina-se a apresentar à jovem de Nazaré uma proposta de Deus, um chamamento de Deus... Deus tem um projeto de salvação para oferecer à humanidade e quer contar com Maria para que esse projeto possa tornar-se efetivo e concreto. O compromisso de Maria com o plano de Deus comporta desafios, traz exigências que, inevitavelmente,

abalarão os esquemas sobre os quais Maria está a construir a sua vida e o seu futuro. Maria aceitará “correr riscos”, pôr em causa tudo o que está a construir com José para aceitar o desafio de Deus? Maria escolherá o caminho fácil do comodismo, ou preferirá entregar-se confiadamente nas mãos de Deus e assumir os desafios que Deus lhe coloca? O que é que terá mais peso na vida desta jovem: os seus projetos pessoais, ou os projetos de Deus?

### 3. O “sim” de Maria

A resposta de Maria não deixa qualquer dúvida: “Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”. Afirmar-se como “serva” significa, mais do que humildade, reconhecer que se é um eleito de Deus e aceitar essa eleição, com tudo o que ela implica – pois, no Antigo Testamento, ser “servo do Senhor” é um título de glória, reservado àqueles que Deus escolheu, que ele reservou para o seu serviço e que ele enviou ao mundo com uma missão (essa designação aparece, por exemplo, nos cânticos do Deutero-Isaías – cf. Is 42,1; 49,3; 50,10; 52,13; 53,2.11 – em referência à figura enigmática do chamado “servo de Jahwéh”). Ao assumir-se como “a serva”, Maria reconhece que Deus a escolheu, que a reservou para o seu serviço, que lhe confiou uma missão; aceita com disponibilidade essa escolha e manifesta a sua disposição de cumprir, com fidelidade, o projeto de Deus, a missão que lhe foi confiada. O “sim” que Maria dá a Deus é incondicional, total, radical, “a fundo perdido”: “eu sou a serva, estou disposta a entregar a minha vida nas mãos de Deus, a confiar nele de forma total e plena, a assumir a missão que ele quer confiar-me. Que ele faça o que é melhor para o seu plano e eu colaboro com ele, sem condições nem prevenções” – diz ela. Maria passa a Deus, autenticamente, um “cheque em branco”, aceitando que seja Deus a preenchê-lo da forma mais adequada aos seus planos.

Dizer que este é um “relato de vocação”, significa que Maria está a fazer aqui uma opção de vida: o que está em jogo não é algo que apenas comprometa por um momento, mas trata-se de uma proposta que vai condicionar e reprogramar toda a existência de Maria. Como tal, o “sim” dito por Maria nesta circunstância significa muito mais do que um “sim” ocasional: implica uma escolha definitiva ou, como costumamos dizer, uma opção fundamental. Maria aceita que a sua atitude fundamental, a sua opção de vida, a sua atitude de cada passo e de cada momento seja viver de acordo com o plano de Deus... Maria aceita fazer da sua vida um dom total, uma entrega total e radical a Deus e aos seus projetos.

#### **4. O papel de Maria na história da salvação**

A partir daqui, Maria terá um papel primordial na história da salvação... O seu "sim" fará com que o Filho de Deus venha ao encontro da humanidade para apresentar aos homens e mulheres de todas as raças e de todos os tempos uma proposta de Vida e de salvação. "Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher (...), a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gal 4,4-5). Com o seu "sim", Maria fez com que todos nós pudéssemos escutar o convite de Deus para integrar a sua família, pudéssemos tornar-nos "filhos" e "filhas" de Deus.

Não sabemos dizer, diante deste quadro, o que é mais impressionante: se o misterioso plano de um Deus que escolhe uma menina pobre, frágil e humilde nascida numa aldeia ignorada de um país desconhecido para, através dela, apresentar à humanidade uma proposta de Vida e de salvação; ou se a incrível capacidade dessa menina de entregar toda a sua vida ao projeto de Deus, passando para segundo plano os seus projetos e sonhos pessoais... Em qualquer caso, o "sim" de Maria foi o "sim" mais decisivo da história da humanidade: ele abriu o caminho para que Deus pudesse vir ao nosso encontro, caminhar connosco, olhar-nos nos olhos e apontar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para chegarmos à nossa realização plena.

#### **5. Maria leva o Salvador ao encontro do mundo**

O evangelista Lucas não quis terminar a sua catequese sem mostrar Maria a cumprir a missão que Deus lhe confiou e a levar o Salvador ao encontro do mundo... Depois de descrever o anúncio de Gabriel e o "sim" de Maria, Lucas conta que Maria "pôs-se a caminho e dirigiu-se a toda a pressa para a montanha, em direção a uma cidade de Judá" (Lc 1,39). No seu horizonte está o encontro com Isabel, a sua parenta que está para ser mãe. Maria aparece, assim, a levar Cristo pelos caminhos do mundo, ao encontro dos pequenos e dos pobres. A indicação "à pressa" indica o imperativo da missão, a vontade incontornável – que não pode ser escamoteada, nem sequer adiada – de levar a salvação de Deus ao encontro do mundo. O "sim" de Maria, a sua entrega total ao projeto de Deus, não é uma experiência intimista, pessoal, em circuito fechado, que a aproxima de Deus mas que se esgota depois numa piedade isolada e beata e não tem mais consequências. Quando alguém faz da sua vida um dom total a Deus, sente imediatamente ("a toda a pressa") a necessidade de sair de si próprio, de escutar os apelos do mundo e de partir ao encontro dos outros irmãos para lhes levar Jesus e a sua proposta de salvação, de libertação e de Vida nova.

Na descrição do encontro de Maria com a sua parenta Isabel (cf. Lc 1,39-45) podemos perceber o que acontece quando a salvação de Deus se encontra com os homens... Antes de mais, há uma reação de alegria irreprimível porque a salvação chegou: à saudação de Maria, o menino (João Baptista) saltou de alegria no seio de Isabel. Jesus é o Deus que vem ao encontro dos homens, e que traz uma mensagem de salvação/libertação que concretiza as promessas feitas por Deus aos antepassados; logo, a presença de Jesus provoca a alegria, o estremecimento gozoso de todos aqueles que esperam a concretização das promessas de Deus e que veem na chegada de Jesus a realização das promessas de um mundo de justiça, de amor, de paz e de vida sem fim. Depois, o Espírito de Deus – a vida de Deus – derrama-se sobre esses que se encontram com a libertação que Jesus traz (“Isabel ficou cheia do Espírito Santo” – Lc 1,41). É essa Vida de Deus que, uma vez acolhida, nos torna membros da família de Deus, filhos e filhas de Deus.

Na resposta de Isabel à saudação de Maria – “bendita és tu entre as mulheres” (Lc 1,42) – define-se claramente o papel de Maria na história da salvação. As palavras de Isabel retomam uma expressão do “cântico de Débora” (cf. Jz 5,24), utilizada para celebrar Jael – a mulher de Héber, o quenita –, que apesar da sua fragilidade, foi o instrumento de Deus para libertar Israel das mãos de Sísara, o tirano que oprimia o Povo de Deus. Maria é, assim, apresentada como o instrumento de Deus – um instrumento frágil, humilde, pobre, mas, mesmo assim, um instrumento de Deus – para concretizar a salvação/libertação da humanidade.

Se Maria tivesse recusado o desafio que Deus lhe fez, o plano de Deus para a salvação e a libertação da humanidade não se teria concretizado? Deus teria concretizado o seu plano de outra forma, certamente... Mas, a verdade é que Maria foi a mulher atenta a Deus e aos seus projetos, que teve a coragem de aceitar os desafios de Deus e de pôr toda a sua existência ao serviço do seu plano. E, dessa forma, Deus encontrou-se com a humanidade. Estamos, portanto, diante de um momento e de um passo decisivo na história da salvação.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que Maria de Nazaré, ao escutar as propostas de Deus e ao dizer-lhes “sim”, teve um papel decisivo na história da salvação.
- Descobrir a importância de dizer “sim” às propostas de Deus: é dessa forma que Deus se torna presente no mundo, que Deus “nasce” no mundo para o transformar e salvar.

- Sentir a importância de, a exemplo de Maria, levar Cristo ao encontro das outras pessoas através de gestos concretos de solidariedade, de partilha, de serviço, de doação.
- Perceber a importância de Maria de Nazaré e a admirá-la pelas razões certas (nota: por vezes, a piedade popular sublinha, em Maria, o acessório e esquece o essencial).

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Como as crianças, nesta idade, conhecem e têm uma ideia sobre Maria de Nazaré, é importante que o catequista as leve até à descoberta do que é essencial no exemplo de Nossa Senhora: a sua resposta positiva ao convite de Deus. Não deixar, no entanto, de ouvir o que cada criança pode partilhar no grupo sobre a sua percepção de Maria de Nazaré, de um modo particular se esta for vista como uma Mãe protetora e cheia de amor. Compete ao catequista purificar e estruturar as ideias das crianças.
2. A escolha da alternativa na experiência humana deve ter muito presente a realidade do grupo e se há grupos que têm uma maior capacidade de observação, podendo para eles estar indicada a primeira alternativa, há grupos onde a presença de crianças sensíveis e atentas aos outros, podem tornar mais aliciante a segunda alternativa. Se for possível, o catequista deve pedir às crianças que vão intervir para chegarem um pouco mais cedo, de modo a ter oportunidade de lhes explicar o que vão fazer ( e que é simples), antes de a catequese começar, e assim conseguir uma maior agilização das dinâmicas.
3. O momento de oração deve ser preparado tendo em conta critérios de beleza e simplicidade, à semelhança das atitudes de Maria. A escolha da imagem de Maria ou do altar onde se vai fazer a oração é, por isso, importante. Devem evitar-se altares muito decorados ou escuros, que podem distrair ou ensombrar a alegria do momento, sendo nesse caso preferível fazer a oração na sala, preparando um pequeno espaço com uma imagem simples de Maria, umas flores e um conjunto de velas bonitas, uma por cada criança e o catequista.

## **MATERIAIS**

- Papel de cenário e marcadores de várias cores, para a alternativa 1;
- Folha com o texto do poema «A Caridade», para a alternativa 2;

- Flores de papel, arranjadas num tabuleiro ou prato de papel dourado – uma para cada criança. As flores devem ter espaço para as crianças escreverem uma frase no meio. Podem ser de formas e cores diversas;
- Imagem ou ícone de Nossa Senhora, (mesmo no caso de haver perto do local da catequese um altar dedicado a Nossa Senhora, junto do qual se fará a oração);
- Uma toalha branca, bonita, para cobrir a mesa;
- Um ramo de flores frescas e bonitas, bem arranjado e num vaso adequado;
- Um «terço», se possível de contas de madeira coloridas, semelhante ao que está representado no catecismo (p. 43).

*Se a oração decorrer na sala:*

- Velas bonitas, de acordo com o número de elementos do grupo.

*Se houver condições para isso:*

- «Terços» ou «Dezenas» para oferecer às crianças.

## MÚSICA

- “Nossa Senhora do «sim».”

## Preparação da sala:

- O **placar** está vazio mas coberto com uma folha de cenário (1ª alternativa da Experiência Humana).
- Sobre a **mesa**, do lado esquerdo, a imagem ou ícone de Nossa Senhora. Do lado direito, a Bíblia, aberta no Evangelho de S.Lucas. Aos pés da mesa, de um lado, o vaso com as flores, do outro um cesto ou tabuleiro com as velas (caso a Oração tenha lugar na sala). O catequista senta-se do lado direito da mesa e coloca as crianças, sentadas em cadeiras, formando um círculo largo, em torno da mesa e da imagem de Nossa Senhora, deixando um espaço entre duas das crianças, para as crianças que vão participar mais ativamente na 1ª alternativa da Experiência Humana possam circular, tal como a criança que declamar a poesia da 2ª alternativa. Num caso e noutro, quando o grupo se preparar para a Palavra, estreita-se o círculo e as crianças/leitoras situam-se do lado direito da mesa, de frente para o grupo.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

### 1. Depois de saudar as crianças, o catequista introduz o tema:

Eis que nos encontramos de novo! Ao longo desta semana, **lembraram-se do que falámos no nosso último encontro? O que foi que recordaram?** (Deixar as crianças exprimirem-se e orientá-las para a avaliação do cumprimento do Compromisso: a leitura, a oração, o cântico).

Nos nossos encontros anteriores vimos diversas pessoas, tal como haveis referido – membros do Povo de Deus – que, ao longo da história da salvação, foram chamadas a ser sinais de Deus no mundo. Trata-se de pessoas “normais” (como nós, com as pessoas que se cruzam connosco todos os dias nas ruas da nossa cidade ou da nossa aldeia, nas escadas do nosso prédio ou no centro comercial onde vamos às compras), mas que aceitaram o desafio que Deus lhes fez e que se propuseram agir em nome de Deus, levando a justiça, a liberdade, a paz, a todos aqueles homens e mulheres a quem Deus queria oferecer a sua vida e a sua salvação.

1ª

**Alternativa**

### 2. Vou desafiar-vos para uma atividade que é uma mímica e quero que estejam muito atentos para depois falarmos sobre o que se passou aqui.

*O catequista escolhe duas crianças do grupo e, à parte, explica às duas que vão passar no meio do grupo, cada uma personificando uma de duas atitudes: a atitude positiva de quem está feliz e a atitude negativa de quem está “zangado com tudo e com todos”. Propõe ao que vai personificar a atitude positiva que passe no meio do grupo a sorrir, saltando de alegria e dando apertos de mãos ou beijos a uns e a outros. Depois explica ao que vai ter a atitude negativa para entrar com cara fechada, a olhar para o chão, de mãos nos bolsos e fazendo ar zangado para o grupo de catequese.*

*Se o grupo for muito grande e quiser ter mais crianças a participar pode convidar mais do que uma criança para representar cada uma das atitudes, por exemplo três crianças para a atitude positiva e três para a atitude negativa.*

Agora, como vos pedi, vamos prestar atenção ao que se vai passar com o nosso amigo N... *(o catequista diz o nome da criança que vai ter a atitude positiva)*.

*Quando o ambiente estiver calmo depois de terem todos participado da alegria transmitida pela criança que veio com a atitude positiva, o catequista chama a outra criança.*

Ainda não acabámos! Agora vou pedir a N... *(o catequista diz o nome da criança que vai ter a atitude negativa)* para vir até nós.

3. Vamos agora refletir sobre o que se passou aqui. O que experimentaram quando passou(aram) por aqui o(s) primeiro(s) menino(s)? Como é que eles se mostraram? Muito bem... alegres! E nós ficámos com vontade de os receber? *(Deixar as crianças exprimirem-se, levando-as a referir como se sentiram bem, felizes e acolhidas pelos colegas que fizeram a demonstração de alegria)*.

Vamos sintetizar estas ideias, aquilo de que falámos, nesta folha grande de papel de cenário. *O catequista convida uma criança para o fazer.*

E quando veio(ieram) o(s) outro(s) menino(s)? Eles mostraram-se como? Aborrecidos... tristes... E nós, o que sentimos? Não foi a mesma sensação que tivemos de início, ou foi? Não... Qual foi a atitude que acabámos de ter? *(Deixar as crianças exprimirem-se)*. Pois, sentimo-nos contrariados, aborrecidos, tristes.

Agora vamos escrever na segunda parte da folha as nossas conclusões. *O catequista ajuda a criança que está a escrever as conclusões levando-a a reportar no papel de cenário termos como tristeza, afastamento, solidão, rejeição.*

Olhemos para as conclusões a que chegámos: de um lado temos alegria, acolhimento, felicidade e do outro tristeza, afastamento e rejeição. **Viram bem como a atitude de uns e de outros nos levaram a responder de forma tão diversa?** Quando alguém tem para connosco uma atitude de abertura e está feliz, ficamos contagiados por isso e tudo parece mais alegre à nossa volta e sentimos que, se quisermos conseguimos chegar mais longe. A alegria dos outros, de outra pessoa, ajuda-nos a sentir alegria, a sentirmo-nos bem. E quando nos sentimos bem tudo parece... mais bonito, mais fácil, bom. **E na história do Povo de Deus, será que encontramos quem seja modelo desta atitude?**

2ª  
Alternativa

1. Hoje gostava de partilhar convosco algo de muito belo. **Quem de vocês costuma ler livros, histórias?** Muito bem! **E o que é que gostam de ler?** *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

Estou a ver que muitos gostam de ler livros de aventuras, histórias, descobertas da ciência... **e alguém lê poesia? O que é que já leram ou ouviram de poesia?** Tomem atenção, hoje, vou convidar-vos a escutar uma poesia de Machado de Assis. Sabem quem foi? Foi um poeta, contador de histórias, jornalista, romancista, crítico e ensaísta que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Orfão desde muito cedo, não teve hipótese de estudar, pois começou a trabalhar muito jovem. No entanto, gostava muito de aprender e quando, com 17 anos, conseguiu um emprego como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, começa a escrever durante o tempo livre. Publica seu primeiro livro de poesias em 1864, sob o título de «Crisálidas». É deste livro o poema que vos vou ler *(o catequista pode pedir a alguma criança que leia, tendo em atenção que é uma poesia e deve ser declamada).*

### A Caridade

Ela tinha no rosto uma expressão tão calma  
Como o sono inocente e primeiro de uma alma  
Donde não se afastou ainda o olhar de Deus;  
Uma serena graça, uma graça dos céus,  
Era-lhe o casto, o brando, o delicado andar,  
E nas asas da brisa iam-lhe a ondear  
Sobre o gracioso colo as delicadas tranças.

Levava pela mão duas gentis crianças.

Ia caminho. A um lado ouve magoado pranto.  
Parou. E na ansiedade ainda o mesmo encanto  
Descia-lhe às feições. Procurou. Na calçada  
À chuva, ao ar, ao sol, despida, abandonada  
A infância lacrimosa, a infância desvalida,  
Pedia leite e pão, amparo, amor, guarida.

E tu, ó Caridade, ó virgem do Senhor,  
No amoroso seio as crianças tomaste,  
E entre beijos – só teus – o pranto lhes secaste  
Dando-lhes leite e pão, guarida amparo, leite e amor.

**2. O que nos conta este poema?** (o catequista procura que as crianças vão interpretando o que ouvirem) Fala-nos em algumas pessoas. Quem são elas? ... Há uma senhora que segue calmamente pela rua com quantas crianças pela mão? Duas crianças. E o que ouve ela? Um choro (*magoadado pranto*) e o que faz ela? Passa adiante ou procura de onde vem o choro?

Depois quando encontra quem chora assim, e que eram crianças, finge que não vê ou faz alguma coisa? Acolhe-as no seu seio, enxuga-lhes as lágrimas e dá-lhes leite, pão, abrigo e acima de tudo, amor.

A este amor, que sentimos até pelas pessoas que ainda não conhecíamos – como é o caso da senhora de que aqui se fala - chamamos Caridade, o título do poema.

A caridade, quando está em nós, quando nós somos capazes de amar, permite-nos estar atentos, ouvirmos o que se passa à nossa volta: não nos deixar viver fechados sobre nós próprios. Viver a caridade é conseguirmos acolher os outros, fazer-lhes bem, como a senhora deste poema. **E será que na história do Povo de Deus encontramos quem tenha feito como ela?**

### **Para as duas alternativas:**

**3.** Pois, chegou agora a altura de apresentar uma pessoa especial – uma mulher – que foi chamada por Deus para desempenhar um papel único e especial na história da salvação... Esta mulher não se limitou a agir em nome de Deus, não se ficou por atitudes de abertura ou caridade, mas fez mais do que isso: por ela, o próprio Deus veio ao mundo e encontrou-se connosco. Estamos a falar de... (*deixar as crianças exprimir-se*) ... Maria de Nazaré, a Nossa Senhora, a mãe de Jesus.

Trata-se de uma pessoa que todos os crentes conhecem bem e que conquistou um lugar e um espaço especial na história, no coração, na oração e na vida do Povo de Deus. Se passearmos pelas aldeias da nossa terra, não há lugar onde não haja uma imagem de Nossa Senhora, ou um nicho onde ela é recordada e venerada. Nas nossas capelas e igrejas, todos os dias se reza o Rosário em louvor de Nossa Senhora...

**Quem é esta senhora que conquistou um lugar tão especial no coração e na devoção do Povo de Deus?** Provavelmente já ouvistes muitas vezes falar desta mulher, não é verdade? **O que sabeis sobre ela? Sabeis o que a torna diferente e especial nessa imensa lista de pessoas que, ao longo da história da salvação, foram chamadas para colaborar com Deus no projeto que Ele tinha para a humanidade?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

## II. PALAVRA

1. Vamos descobrir! O livro que apresenta a caminhada do Povo de Deus – a Bíblia – não nos dá muitas informações sobre a vida de Maria... Mas contamos que ela, ainda muito jovem, descobriu que Deus tinha um plano para a vida dela e queria confiar-lhe uma tarefa muito importante, uma missão fundamental para a humanidade.

O evangelista Lucas descreve o momento em que Maria sentiu o chamamento de Deus e percebeu o que Deus lhe pedia (cf. **Lc 1,26-38**):

2. *O catequista deve cuidar para que se faça um silêncio respeitoso, pois vão escutar a Palavra de Deus, que deve ser proclamada solenemente, de pé, por uma criança.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus**

**a uma cidade da Galileia chamada Nazaré,**

**a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David;**

**e o nome da virgem era Maria.**

**Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe:**

**«Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo».**

**Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação.**

**Disse-lhe o anjo:**

**«Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus.**

**Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus.**

**Será grande e vai chamar-se filho do Altíssimo.**

**O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David,**

**reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim».**

**Maria disse ao anjo:**

**«Como será isso, se eu não conheço homem?»**

**O anjo respondeu-lhe:**

**«O Espírito Santo virá sobre ti**

**e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra.**

**Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus.**

**Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice**

**e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus».**

**Maria disse, então:**

**«Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra».**

**E o anjo retirou-se de junto dela.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 3.** *Depois de um breve silêncio, o catequista prossegue:* Portanto, Maria era uma jovem igual às outras, que vivia numa pequena aldeia do norte da terra de Canaan, chamada Nazaré. Como nos conta o evangelista Lucas, ela estava noiva de um homem chamado José e devia ter os seus planos para o futuro. Mas, um dia, Maria percebeu que Deus lhe pedia algo muito especial: que ela aceitasse ser a mãe de Jesus, o Filho de Deus.

Nessa altura, Maria deve ter pensado em muitas coisas... Por exemplo, porque é que Deus lhe fazia a ela tal pedido e não a qualquer outra. Também deve

ter pensado que, se aceitasse tal tarefa, isso poderia trazer-lhe problemas e mesmo pôr em causa o seu futuro, o seu casamento com José.

Quando nós já pensamos no nosso futuro e já traçamos o nosso caminho, quando temos planos já feitos, é difícil, de repente, aceitarmos uma coisa que muda toda a nossa vida e todos os nossos planos... **Como é que Maria reagiu a este desafio que Deus lhe apresentou? Disse a Deus que não estava interessada, que tinha outros projetos para o seu futuro? Disse a Deus que estava com dúvidas e que teria de pensar melhor antes de tomar uma decisão?** (deixar as crianças exprimirem-se) É isso mesmo: não!

O que ela disse a Deus é estava disposta a pôr toda a sua vida ao serviço de Deus, a colaborar totalmente com Deus e com o plano que Ele tinha para a humanidade. O que ela disse a Deus, foi: "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra". **Sabeis o que isto significa?** Significa: "se precisas de mim, conta comigo, pois eu estarei sempre ao teu serviço e farei tudo aquilo que tu quiseres; se achas que eu posso fazer alguma coisa para que tu, ó Deus, possas vir ao encontro da humanidade e salvá-la diz-me o que é preciso que eu faça; aquilo que é a tua vontade, é o que eu farei, mesmo que isso me estrague os planos que eu já tinha feito".

4. Não é fácil alguém dizer uma coisa assim... Não é fácil pormo-nos completamente ao serviço de Deus... É que, por vezes, Deus pede-nos coisas difíceis, coisas exigentes, coisas que nos obrigam a sair do nosso egoísmo para nos colocarmos ao serviço do projeto de Deus. Mas Maria foi capaz de dizer "sim" a Deus – um "sim" completo, um "sim" total, um "sim" sem reservas. Essa foi a primeira grande lição que Maria deu aos outros membros do Povo de Deus.

Sabeis qual foi o resultado desse "sim" que levou Maria a aceitar o plano de Deus? Claro que sabeis... Foi o nascimento de Jesus. Ao aceitar colaborar com Deus, Maria tornou possível que o próprio Deus nascesse no mundo e dissesse aos homens e às mulheres como é que deviam viver para serem felizes e terem uma Vida com letra grande. Maria ajuda-nos a perceber como escutar Deus e aceitar fazer o que Ele nos pede pode ser tão importante, pode mudar a história do mundo, pode ajudar tantas pessoas a encontrarem a felicidade! É verdade: quando nós dizemos "sim" ao que Deus nos pede, estamos a fazer com que Ele venha ao encontro do mundo e traga a todos os homens e mulheres a sua vida e a sua salvação.

5. Há um outro episódio contado pelo evangelista Lucas (cf. **Lc 1,39-45**) que mostra como Maria, depois de dizer “sim” aos planos de Deus, foi ao encontro de outras pessoas para as ajudar e para lhes levar Jesus... (*Com o silêncio e recolhimento do grupo, uma outra criança lê o seguinte:*)

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Por aqueles dias,**

**Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha,  
a uma cidade da Judeia.**

**Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.**

**Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,  
o menino saltou-lhe de alegria no seio  
e Isabel ficou cheia do Espírito Santo.**

**Então, erguendo a voz, exclamou:**

**«Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre.  
E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor?  
Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação,  
o menino saltou de alegria no meu seio.**

**Feliz de ti que acreditaste,**

**porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor».**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a vós, Senhor.**

6. Percebeis o que o evangelista Lucas quis ensinar-nos ao contar esta história, não percebeis? Depois de dizer que aceitava o plano que Deus tinha para ela, Maria começou logo a «trabalhar», a agir, indo ao encontro da sua parente Isabel, que estava grávida, para a ajudar.. E, quando Maria chegou,

Isabel compreendeu, no seu coração, que ela trazia consigo o próprio Deus, para o levar ao encontro das pessoas, para o dar aos homens e mulheres do mundo inteiro... O próprio filho de Isabel – que ainda estava na barriga da mãe – saltou de alegria. **Porquê?** Porque pressentiu a chegada de Jesus ao mundo... Porque pressentiu a chegada dessa salvação de Deus que Jesus veio trazer à humanidade... Porque pressentiu que estava a chegar à terra aquele que iria mudar o mundo e propor aos homens uma nova forma de viver...

7. Maria acolheu Deus e levou-o ao encontro da humanidade. Em Maria e por Maria, o próprio Deus veio ao encontro de todos os homens e mulheres para lhes trazer a alegria, a paz, a libertação, a salvação. Com Maria começa o **tempo em que Deus veio habitar no meio de nós** para nos apontar os caminhos pelos quais devemos andar.

Percebeis agora como Maria é importante para todo o Povo de Deus?

**Percebeis, ao olhar para Maria, que quando aceitamos o que Deus nos pede e quando fazemos o que Ele nos indica estamos a tornar Deus presente no mundo? Percebeis que quando aceitamos cumprir o plano de Deus estamos a levar alegria e felicidade sem fim a muitos dos nossos irmãos e irmãs?**

*(Deixar as crianças exprimir-se e louvar Nossa Senhora e prosseguir).*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. **Para que a oração a Nossa Senhora** se revista, simultaneamente, da solenidade devida e da alegria que a todos o exemplo de Maria e a sua presença no grupo deve provocar, o catequista começa por ensaiar bem o cântico:

**“Nossa Senhora do «sim»”.**

Depois de sabido o cântico ou, pelo menos o refrão,

**Nossa Senhora do Sim,**

**maravilha: Virgem Mãe!**

**Cuida, Maria, de mim**

**e que eu diga sim também,**

e qualquer que seja o local escolhido para a oração, as crianças realizam a seguinte atividade:

Vou distribuir a cada um uma flor de papel e cada um vai escrever algo nela sobre Maria, algo que acha importante dizer a Maria.

*O catequista distribui as flores de papel e ajuda as crianças que tiverem dificuldades a encontrarem uma frase ou palavra, sobre Maria, ou a redigir alguma invocação que lhe queira dirigir.*

## **2. Depois:**

**Na sala:** pede às crianças para se levantarem e se colocarem, à volta da imagem de Nossa Senhora, como estão, mas um pouco mais próximas da imagem. Cantam o cântico:

**"Nossa Senhora do «sim»".**

**Se a oração tiver lugar noutro local** (oratório, capela, igreja): pede às crianças para se levantarem e formarem uma pequena procissão a pares; saem ordeiramente da sala mas de modo que:

- na frente, uma criança leva a imagem de Nossa Senhora e outra o vaso com as flores naturais;

- na segunda fila, uma criança leva a Bíblia e outra o tabuleiro com as flores de papel, trabalhadas pelas crianças; as demais seguem atrás.

Enquanto se deslocam para o local escolhido, vão sempre cantando o cântico:

**"Nossa Senhora do «sim»".**

Quando chegarem junto do altar, formam um semi-círculo defronte deste; a criança que leva a imagem fica do lado direito e a criança que leva as flores naturais, do lado esquerdo. A criança que leva o prato dourado com as flores de papel, fica ao centro-direita, e a criança que leva a Bíblia, ao centro-esquerda. O catequista passa pelas crianças, pedindo a cada uma para retirar a sua flor do prato dourado e a segurar na mão.

## **3. Em qualquer dos casos, prossegue a oração da seguinte forma:**

Agora cada um vai colocar a sua flor junto da imagem de Nossa Senhora, de modo que as flores possam formar um círculo à sua volta. (*Deixar as crianças proceder, sendo que as crianças que têm objetos na mão – imagem, vaso, bíblia – são auxiliados pelo catequista.*)

*O catequista prossegue:* Com estas flores, formamos uma grinalda (uma coroa de flores) à volta de Nossa Senhora. Oferecer-lhe flores, é honrá-la, é

mostrar que a admiramos, que apreciamos o que ela fez e nos ensinou a fazer – escutar Deus, aceitar as suas propostas, levar Deus ao encontro das pessoas...

Antigamente, a esta coroa de flores que se colocava à volta de Maria para a honrar, chamava-se “um rosário” (uma grinalda de rosas). Daí vem o costume de rezar o Rosário a Maria, saudando-a (“Ave Maria...”), como se estivéssemos a oferecer-lhe flores.

A oração do rosário é composta por 15 dezenas de Avé-Marias, rezando-se também um Pai-Nosso no início de cada dezena. Ao longo de cada dezena, vai-se meditando num episódio importante da vida de Jesus e na presença de Maria nesse acontecimento. Como o Rosário (15 dezenas de Avé-Marias) é uma oração um pouco longa, os amigos de Maria habituaram-se a rezar apenas uma terça parte, “**um terço**” (*O catequista mostra o terço às crianças.*), isto é, 5 dezenas de Avé-Marias. É uma oração que muitos cristãos rezam todos os dias, procurando dessa forma honrar e louvar Maria.

*O catequista convida depois, cada criança a referir o que escreveu na sua flor sobre Maria, intercalando com o seguinte refrão:*

**“Avé, Maria, cheia de graça, ensina-nos a dizer sim a Deus”.**

A oração termina com o *cântico*:

**“Nossa Senhora do «sim»”.**

#### **4. Compromisso:**

Esta semana, queria pedir-vos para rezarem todos os dias uma dezena de «Avé-Maria». No vosso catecismo (página 43 e página 44) está explicado como se reza bem o «Terço»; podeis procurar fazer como lá está indicado, isto é, meditando um dos momentos da vida de Jesus que se propõe para cada dia. Podeis pedir a ajuda de um adulto ou, melhor ainda, propor que em vossa casa se reze uma dezena todos os dias ou, uma vez na semana, um «Terço». Depois,

Registam essa experiência de amor a Nossa Senhora no espaço desta catequese 9, na vossa **Barra Cronológica**. Mas, hoje mesmo, registam também na Barra Cronológica a frase que dirigiram a Nossa Senhora, para nunca mais a esquecerem. Podem decorar a vossa folha, para ficar muito bonita.

**Nota:** Se houver condições para tal, sugere-se que o catequista:

- ofereça um «Terço» a cada uma das crianças, ou uma «Dezena», para as incentivar a rezar a Nossa Senhora deste belo modo tradicional;
- se na comunidade de fé em que tem lugar a catequese houver o hábito de rezar o «Terço», propor aos responsáveis por esse momento de oração que os catequistas do 5º catecismo a animem, num dia a combinar, e convidar as crianças para participar; repetir todos os meses e dar cada vez mais protagonismo às crianças na sua preparação, conforme se forem sentindo mais aptas para o fazer. Se não houver este hábito, criá-lo, com a ajuda das crianças e das famílias.

E, porque para a semana vamos ter a nossa **Celebração de Natal** (catequese 10), hoje levais:

- a) O convite para as vossas famílias estarem connosco (*entregue pelo catequista ou registado na página 44 do catecismo*);
- b) Um compromisso especial... (*o catequista entrega a cada criança o cartão com a promessa que as crianças vão fazer ao Menino, durante a Adoração prevista na Celebração de Natal, Documento 1*) sobre o qual cada um vai refletir e preparar – com a sua família – um verdadeiro compromisso de Natal.

*Antes de saírem o catequista dá as indicações necessárias à preparação da catequese 10, explicando os procedimentos, a colaboração de cada um e o que devem trazer. Para evitar dificuldades de última hora, deve combinar com as crianças reunir os materiais (exceto os alimentos do lanche) até à véspera da catequese, incluindo os cartões com o Compromisso registado. Também deve convocá-las para um ensaio dos cânticos e, se puder, reunir-se brevemente com os pais ou contactá-los pelo telefone ou e-mail, tudo no sentido de conseguir a sua presença e, tanto quanto possível, os envolver na preparação da Celebração.*

### **Para guardar na memória e no coração**

Jesus nasceu porque Maria respondeu “sim” à proposta de Deus. Como Maria vou responder “sim” a Deus e levar Jesus aos outros.

DOCUMENTO 1

IMAGEM DE UM PRESÉPIO

*Eu* \_\_\_\_\_

*Nós (apelido da família)*

\_\_\_\_\_

*Quero (queremos) acolher Jesus no  
meu/nosso coração.*

*Quero/queremos ouvir sempre a sua  
Mensagem e viver de acordo com o  
que *Ele* nos propõe com amor.*

*Assim, comprometo-me  
/comprometemo-nos a ...*

** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

*A nossa Celebração de Natal,*

*dia \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_*

*em*

\_\_\_\_\_.

## **“NASCEU-VOS UM SALVADOR”**

**(Lc 2, 11)**

### **Celebração de Natal**

II – INTRODUÇÃO

#### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

##### **1. O Natal como expressão do amor de Deus pela humanidade**

«Era uma vez um Deus que amava os homens com um amor sem limites...». Uma reflexão sobre o Natal podia perfeitamente começar desta forma... É inconcebível pensar no Natal – no nascimento de Jesus – sem o enquadrar no contexto da história da salvação e do cenário do amor infinito de Deus pelos homens.

Desde sempre – desde os primeiros instantes desse longo e lento caminho histórico que a humanidade vem percorrendo – Deus inventou formas de aproximar-se de nós com um desígnio de comunhão, de vencer as distâncias entre o céu e a terra, de dar-nos a conhecer o seu rosto e as suas propostas, de nos apontar os caminhos da felicidade e da Vida... O que é que levou Deus a esse movimento “descendente”, a esse esforço de aproximação à humanidade, a esse interesse pelos homens e mulheres que caminhavam na terra? Para esta questão, há apenas uma resposta óbvia: Deus interessa-se tanto por nós, porque nos ama; e, porque nos ama, quer a nossa felicidade, quer a nossa realização plena! A história da intervenção de Deus no caminho da humanidade é uma história de amor: de um amor total, sem medida, incondicional, eterno, absoluto.

A Encarnação de Jesus foi “apenas” o ponto mais alto dessa história de amor... Há algo de incrível, de inaudito – quase poderíamos dizer de “inaceitável” – neste movimento que leva Deus a “descer”, a correr riscos, a assumir a debilidade, a fragilidade e a precariedade da nossa natureza humana, para

se encontrar conosco no nosso ambiente – no cenário em que nos movemos todos os dias – a fim de nos olhar nos olhos e indicar-nos, com palavras humanas e com gestos de homem, caminhos de Vida e de salvação. Mas o amor, quando é autêntico, é capaz de gestos incríveis, inauditos, “inaceitáveis”. E o amor de Deus por nós é autêntico! Celebrar o Natal é, antes de mais, dar de caras com o amor infinito de Deus pelos seus filhos e filhas que caminham no mundo e na história.

## **2. “Nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2,11)**

Peguem na catequese que o evangelista Lucas nos apresenta sobre o nascimento de Jesus (cf. Lc 2,1-20). Diante de nós está esse Deus que veio ao encontro da humanidade e que nasceu em Belém, a cidade da família do grande rei David. A referência explícita a Belém sugere que este Jesus é o Messias, da descendência de David, anunciado pelos profetas (cf. Mi 5,1). Desta forma, a catequese cristã afirma que o nascimento de Jesus se integra no plano que Deus tem para instaurar o Reino messiânico (um Reino de justiça, de verdade, de liberdade, de paz e de vida sem fim) e para salvar definitivamente o seu Povo – plano que os profetas anunciaram e cuja realização o Povo de Deus aguardava ansiosamente.

Em Belém, contudo, não há lugar para acolher Maria e José, e o Menino acaba por nascer num abrigo nos campos dos arredores da cidade, sendo o seu primeiro leito no mundo uma manjedoura onde os animais se alimentavam... A simplicidade do quadro do nascimento – a manjedoura, a falta de lugar na hospedaria, os panos que envolvem a criança recém-nascida – grita bem alto a lógica do projeto de Deus: é na pobreza, na simplicidade, na fragilidade que Deus vem ao encontro dos homens para lhes apresentar a sua proposta de salvação e de vida nova. A proposta que Deus nos quer fazer não chega até nós legitimada pela força de um cetro, pelo poder das armas, pelo brilho dourado do dinheiro ou pelas apostas politicamente corretas dos fazedores de opinião; mas é uma proposta que Deus faz chegar ao coração dos homens através da simplicidade, da fraqueza e da ternura de um “menino”. É assim que Deus entra na nossa história; é assim a lógica de Deus.

Detenhamo-nos, ainda, na contemplação dessas figuras que, segundo o evangelista Lucas, foram as “testemunhas” do nascimento de Jesus: os pastores. Trata-se de gente considerada violenta e marginal, que invadia com os rebanhos as propriedades alheias e que tinha fama de se apropriar da lã, do leite e das crias dos rebanhos. Os pastores eram, com frequência, colocados ao lado dos publicanos e dos cobradores de impostos, todos

incapazes de reconhecer a quem tinham prejudicado e, portanto, incapazes de oferecer uma reparação. Pertenciam ao grupo daqueles que a catequese oficial considerava muito longe de Deus. Ora, Lucas coloca, precisamente, estes marginais como as "testemunhas" privilegiadas que acolhem a chegada de Jesus ao mundo. Para estes "pecadores", cuja opinião pública catalogava e marginalizava, a chegada de Jesus é uma "boa notícia", recebida com alegria: chegou a salvação/libertação; a partir de agora, através de Jesus, os pobres, os débeis, os marginalizados, os pecadores passam a ter acesso a Deus e são convidados a integrar essa comunidade dos filhos amados de Deus. Deus não rejeita nem marginaliza ninguém, nem sequer aqueles que a religião oficial considerava proscritos, malditos, violadores notórios da boa conduta e da moral pública... A todos os homens e mulheres, sem exceção, Deus quer apresentar – através desse Menino pequeno, frágil e pobre do presépio – uma proposta de salvação que os leve a integrar a comunidade da Nova Aliança, a comunidade do Reino. Eis a salvação de Deus a vir ao encontro dos homens e oferecer-lhes a possibilidade de uma vida nova, de uma vida plena, de uma vida onde a felicidade não é uma utopia irrealizável; eis Deus a convidar todos os homens, sem exceção, para se sentarem com Ele à mesa onde se realiza o banquete do Reino.

### **3. O que é celebrar o Natal?**

Celebrar o Natal é, antes de mais, contemplar o Menino do presépio e ver nele a expressão suprema do imenso amor de Deus pela humanidade... A admiração que esse amor incomensurável suscita, tem de converter-se, a cada instante e a cada passo, em louvor, em ação de graças, em adoração. Celebrar o Natal é, também, acolher esse Deus que vem até nós com uma proposta irrecusável de vida e de salvação e dar-lhe lugar no nosso coração e na nossa vida; é escutar atentamente essa proposta que Ele traz, acolhê-la no nosso coração e deixar que ela marque as nossas escolhas, os nossos passos, os nossos gestos, a nossa forma de olhar o mundo e os outros homens e mulheres que caminham ao nosso lado.

Celebrar o Natal é reconhecer nesse Menino do presépio uma luz que se acende na noite da história humana; é seguir a sua estrela pelos caminhos do mundo, seguir os seus passos, beber as suas palavras e os seus gestos, fazer dele a referência fundamental à volta da qual se constrói toda a existência, todos os projetos de vida, todos os planos.

Celebrar o Natal é, ainda, aprender essa lógica de Deus que a simplicidade do presépio de Belém maravilhosamente expressa e representa: é descobrir que

Deus vem até nós na pequenez, na simplicidade, na debilidade e que é precisamente aí que se manifesta esse dinamismo de Deus que transforma e renova o mundo; e é construir o mundo com essa lógica: não com a força das armas, não com a imposição violenta das ideias, não com a intolerância, mas com o amor que se faz serviço simples e humilde e que se torna dom incondicional.

Celebrar o Natal é acolher o convite de Deus para nos sentarmos à mesa de um banquete de onde ninguém é excluído e onde todos os filhos e filhas de Deus têm lugar; é perceber que cada homem é nosso irmão, que cada mulher é nossa irmã, mesmo que seja de outra raça, ou que tenha ideias diferentes, ou que se esconda atrás de muros onde eu ainda não consegui chegar.

Celebrar o Natal é ter consciência de que Deus não é, para a humanidade, um adversário que é preciso vencer, mas um dom que é preciso acolher; é ter consciência de que a humanidade só tem a ganhar se encontrar espaço para acolher esse Deus que quer construir connosco uma história de salvação, uma história em cujo horizonte final não está o fracasso, mas está a plena realização de todos esses filhos e filhas que Ele ama e quer ver felizes para sempre.

## OBJETIVOS

- Celebrar o Natal de Jesus.
- Enquadrar o nascimento de Jesus no cenário da história da salvação, aprendendo a ver nesse facto o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- Sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta celebração está construída em dois momentos essenciais:

- **Evocação da história da salvação** que as crianças têm descoberto e explorado nas catequeses anteriores, orientada para o objetivo pedagógico «Enquadrar o nascimento de Jesus no cenário da história da salvação, aprendendo a ver nesse facto o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira». Esta pode ser feita, preferencialmente, utilizando uma encenação semelhante à proposta para a catequese 2 e os materiais construídos, as fotos e posters usados nas catequeses seguintes. Uma criança ou adulto faz a leitura dos textos pares e outra criança ou outro adulto faz as

leituras ímpares. Para cada leitura uma ou duas crianças (conforme o tamanho do grupo e o espaço disponível, vai - pelo corredor central - para diante da assembleia, mostra as «imagens» dos temas invocados e depois coloca-as à frente da mesa do presépio, sobre um banco ou conjunto de caixas de papelão forradas, colocado junto da mesa, criando um mostruário.

- **Escuta da Palavra**, aprendendo a ver no nascimento de Cristo o passo supremo de Deus para vir ao nosso encontro e oferecer-nos uma proposta de salvação e de Vida verdadeira.
- **Adoração do Menino**, que procurará ajudar os participantes a sentir vontade de acolher Jesus e de aceitar a proposta de vida que Ele traz.

2. Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam nos cortejos e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos. Estes devem ser ensaiados com antecedência e, no dia, antes de a celebração começar. O cântico inicial, "**Adeste fidelis**", pode ser cantado na sua versão portuguesa "Jesus vem ao mundo".
3. Se as crianças trouxerem consigo convidados, tal qual foram sugeridos nas catequeses anteriores, faça-se, logo no princípio, uma referência a eles e louvem-se as crianças pelo resultado do seu empenho em viver com eles a sua experiência de participar na vida do Povo de Deus. Sendo possível, os convidados poderão ser chamados a participar, também, na preparação e partilha de um lanche, com que, de preferência, se finalizará a celebração, assim como nalgumas das Leituras.
4. Deve procurar-se viver um ambiente de grupo, de equipa, e de festa desde o início da preparação da celebração. Se houver tempo e meios para isso, o presépio deve ser montado com o maior contributo e participação possíveis das crianças, desde a preparação das figuras (trazidas de casa, feitas em papel, cartão, plasticina ou massa de argila, pelas próprias crianças), conforme combinado com estas, pelo catequista, até á sua distribuição no suporte e enfeite do espaço. O catequista garantirá que todas as crianças contribuem com algum objeto e participam nos arranjos. Algumas deverão ser preparadas previamente para as Leituras que farão.

## **MATERIAIS**

- Os necessários para a preparação do presépio;
- Um Menino Jesus de tamanho adequado à *Adoração*;
- Duas velas grandes e bonitas;
- Bíblia, de preferência, de formato litúrgico;
- Barras Cronológicas das crianças, para expor;
- Estante, para as leituras;
- Leitor de CD e CD com cânticos, se necessário;

### **Para a *Evocação da história da salvação*:**

- Os símbolos da criação usados na catequese 2;
- As imagens usadas na catequese 2;
- As fotos de paisagens e pessoas usadas na catequese 3;
- As imagens representativas do mal, do sofrimento e do conflito, usadas na catequese 4;
- A capa e o cajado usados na catequese 6 ou vestuário necessário para trajar uma criança «como» Abraão;
- Régua do tempo usada na catequese 7, ampliada sobre uma Barra Cronológica (da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 5);
- Os posters dos profetas usados na catequese 8;
- Fotos das figuras que as crianças escolheram como profetas de hoje.
- Cadeiras em número suficiente para todos os presentes;
- Recordação para oferecer a cada uma das crianças/famílias (um postal com o Menino Jesus ou o presépio, de preferência montado a partir de uma foto da imagem ou do presépio a usar na celebração<sup>1</sup>) e/ou o Terço referido na catequese 9;
- Tudo o que é necessário para preparar e apreciar o lanche que se segue à celebração.

## **MÚSICAS**

- "Adeste fidelis", que pode ser na sua versão portuguesa "Jesus vem ao mundo".
- "Aleluia", J, Berthier (Taizé) - refrão
- "Gloria in excelsis" (na versão portuguesa).

---

<sup>1</sup> Os catequistas podem montar o presépio de forma semelhante à que se espera obter com o contributo das crianças (se estas prepararem ou levarem as peças, que lhes sejam pedidas com alguns dias de antecedência) e fotografá-lo com uma câmara digital; a foto pode ser impressa em papel comum ou de fotografia e no verso ser-lhe colado ou registado à mão um pequeno texto preparado pelo catequista de cada grupo e em função de cada criança.

## PREPARAÇÃO DA SALA

- **Sobre a mesa** ou noutro suporte que lhe dê lugar de destaque, instalar o presépio, mas sem a figura do Menino Jesus.
- A **Bíblia**, sobre um suporte bonito e adequado, que pode ser uma caixa grande, forrada com papel de embrulho alusivo à época, ficará colocada junto ao presépio.
- Colocar as cadeiras em círculo, frente à mesa, mas deixando um corredor central. Se possível, as crianças sentam-se junto das suas famílias.
- Decorar as paredes com as **Barras Cronológicas** das crianças, instaladas com bostik, e colocadas de modo a poder observar-se os espaços que já estão trabalhados.

## III. DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

### I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

*Os convidados já estão nos seus lugares e levantam-se à entrada do cortejo:*

#### 1. Cortejo inicial

*À frente vão duas crianças com **velas acesas** nas mãos. Seguem-se as outras crianças, aos pares, que entram cantado e precedendo o Presidente da celebração que traz nas mãos uma **imagem do Menino Jesus**. Ergue-a ligeiramente para a mostrar à assembleia e coloca-a em lugar de destaque, central, do presépio, onde todos a possam ver. Depois do cântico de entrada, as velas são colocadas na mesa, uma de cada lado do presépio.*

#### 2. Cântico de entrada

**"Adeste fideles"** (John Reading)

#### 3. Saudação

*Presidente (depois de convidar as pessoas a sentarem-se):*

**A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,  
que se fez homem  
e veio habitar no meio de nós,  
esteja convosco.**

*Todos:*

**Bendito seja Deus  
que nos reuniu no amor de Cristo.**

#### 4. Acolhimento

*Presidente:*

Reconheceis a imagem que acabo de vos apresentar, não é verdade?

E sabeis porque é que hoje a colocamos em destaque, para todos a vermos...

Sim, estamos a celebrar o Natal, o nascimento de Jesus.

Estamos a celebrar esse momento em que Deus se fez uma pessoa como nós e veio ao nosso encontro para nos falar, para nos indicar os caminhos por onde devemos andar, para nos ensinar a construir um mundo de paz e de justiça, para nos dizer como é que nós devemos viver para sermos felizes.

Deixem-me lembrar-vos uma coisa que tendes vindo a ver ao longo encontros de catequese deste ano: Deus tem um "projeto", um desígnio, um plano para a humanidade, que é fazer com que nós, homens e mulheres, alcancemos a felicidade e a vida sem fim. E, desde o início do mundo, Deus está a realizar esse projeto e está a apontar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para encontrar essa felicidade e essa Vida... Por isso, Deus tem inventado formas de vir ao nosso encontro, de nos falar, de nos apontar caminhos.

Hoje, reunimo-nos para celebrar esse cuidado amoroso que Deus tem para connosco e juntaram-se a nós pais, irmãos, avós, padrinhos, amigos da escola, *(adaptar às circunstâncias e solicitar uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças)*...

Vamos sentar-nos e recordar algumas das iniciativas de Deus, ao longo da história, no sentido de nos propor o seu projeto.

#### 5. Evocação da história da salvação

*A leitura é efetuada a partir da estante, colocada do lado esquerdo da assembleia. Os leitores dirigem-se a esta pelo corredor central e voltam aos seus lugares pela lateral. As crianças que vão mostrar os diversos símbolos partem dos seus lugares logo que o leitor se levanta e fazem o mesmo percurso; apresentam os símbolos, depositam-nos junto da mesa do presépio e colocam-se por detrás do leitor até este ter terminado a sua leitura e todos responderem «Obrigado, Senhor, pelo teu amor»; depois de dada a resposta, regressam aos lugares.*

*Leitor 1* – Tudo começou no início quando, a partir da palavra criadora de Deus, surgiu o universo, com as estrelas, o sol, a lua, a terra e os oceanos. Deus criou um mundo cheio de beleza e de cor, onde tudo era bom, harmonioso, cheio de graça e de paz. *(As crianças vão mostrando os símbolos da criação usados na catequese 2).*

*Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.*

*Leitor 2 – Milhares de anos deslizaram no rio do tempo e Deus, num ato de amor, criou o homem e a mulher e neles depositou o seu Espírito. Deus ofereceu ao homem e à mulher – criados à sua imagem e semelhança – esse mundo bom que tinha criado e pediu-lhes que continuassem a obra que Ele tinha começado. Também lhes indicou os caminhos que conduziam à felicidade e os caminhos que conduziam ao sofrimento e à infelicidade, a fim de que os homens e mulheres pudessem fazer escolhas certas e terem vida de verdade. (As crianças vão mostrando as imagens usadas na catequese 2).*

*Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.*

*Leitor 3 – Contudo, os homens e as mulheres acharam que não precisavam de Deus, pois sabiam bem, por eles próprios, o que precisavam de fazer para serem felizes... (As crianças vão mostrando as fotos de paisagens e pessoas usadas na catequese 3) Então, esqueceram as indicações de Deus e escolheram o egoísmo, a violência, o conflito, a exploração dos outros homens e mulheres... E assim, esse mundo bom que Deus tinha criado transformou-se num lugar cheio de sofrimento e de morte. (As crianças vão mostrando as imagens representativas do mal, do sofrimento e do conflito, usadas na catequese 4.) Apesar de tudo, Deus continuava a amar os seus filhos e filhas e continuava a querer ensinar-lhes os caminhos da vida e da salvação.*

*Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.*

*Leitor 4 – Milhares de anos deslizaram no rio do tempo e Deus escolheu um homem – Abraão – (As crianças vão mostrando a capa e o cajado usados na catequese 6 ou uma criança vestida «como» Abraão surge junto do presépio) para começar com ele um Povo novo, um Povo que compreendesse a necessidade de escutar as indicações de Deus e de viver de acordo com as propostas de Deus. Deus queria que esse Povo, depois de descobrir Deus e de conhecer bem os seus caminhos, mostrasse a todos os outros povos como só os caminhos indicados por Deus conduzem ao encontro da felicidade e da Vida verdadeira.*

*Todos: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.*

*Leitor 5* – Mais alguns séculos deslizaram no rio do tempo... O Povo de Deus, no caminho que foi percorrendo pela história conheceu, algumas vezes, a opressão e a injustiça, o sofrimento e a morte; mas, sempre que parecia não haver esperança nem futuro, Deus chamava pessoas a quem confiava a missão de libertar e salvar o seu Povo (*Duas crianças mostram a régua do tempo usada na catequese 7*).

*Todos*: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

*Leitor 6* –Esses a quem Deus chamava e a quem confiava a missão de libertar o seu Povo, ou de o chamar à responsabilidade, ou de lhe indicar caminhos de Vida e de felicidade eram, no meio dos seus irmãos e irmãs, a voz de Deus, a Palavra de Deus, os sinais e as testemunhas do amor e da bondade de Deus, que nunca deixava de se preocupar com a felicidade dos seus filhos e filhas (*duas crianças mostram os posters dos profetas usados na catequese 8 assim como fotos das figuras que elas mesmas escolheram*).

*Todos*: Obrigado, Senhor, pelo teu amor.

## II. PALAVRA

### 1. Introdução

*Presidente*:

Há vinte séculos, um cristão cujo nome desconhecemos começava assim uma catequese que hoje faz parte da Bíblia, e que aparece num escrito que conheceis, chamado “Carta aos Hebreus” (Heb 1,1-2):

**“Muitas vezes e de muitos modos,  
falou Deus a nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas.  
Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do seu Filho,  
a quem constituiu herdeiro de todas as coisas,  
e por meio de quem fez o mundo”.**

Temos estado a recordar algumas das intervenções de Deus na história da humanidade e temos estado a agradecer a Deus pelo seu amor, pelo seu cuidado, pelo seu esforço em vir ao nosso encontro e em indicar-nos os caminhos que nós devemos percorrer para sermos felizes... Já sabemos que, ao longo da história dos homens, Deus escolheu e chamou pessoas – pessoas

como nós, com defeitos e qualidades, mas pessoas – e confiou-lhes “recados” para os homens. Essas pessoas foram a voz de Deus a fazer-se ouvir no nosso mundo... Mas, em dado momento, o próprio Deus quis, Ele próprio, vir ao nosso encontro, quis ser Ele a falar-nos e a mostrar-nos, com as suas palavras e com os seus gestos, como é que nós devíamos viver e que caminhos deveríamos percorrer para encontrar essa Vida e essa felicidade que Ele queria para todos os seus filhos e filhas.

Já sabemos como é que Deus fez: chamou uma jovem da aldeia de Nazaré e pediu-lhe que ela aceitasse ser a mãe do seu Filho, de Jesus... Essa mulher escutou o pedido de Deus e disse que aceitava fazer tudo o que pudesse para que Deus viesse ao encontro da humanidade dizer-lhe palavras de Vida e de salvação.

Foi assim que Jesus, o filho de Deus, nasceu no meio de nós.

## **2. Cântico: “Aleluia” (refrão).**

*Presidente:*

Cantemos em louvor de Deus, que nasceu no meio de nós.

*Todos:*

“Aleluia”.

## **3. Proclamação da Palavra (Lc 2,1-18)**

*Presidente:*

Vejamos como o evangelista Lucas na conta este momento tão importante da história da salvação:

*Depois de todos estarem de pé:*

*Presidente:*

**O Senhor esteja convosco.**

*Assembleia:*

**Ele está no meio de nós.**

*Presidente:*

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas**

*Assembleia:*

**Glória a vós, Senhor.**

*Presidente(ou um adulto):*

**Naqueles dias, saiu um édito da parte de César Augusto para ser recenseada toda a terra.**

**Este recenseamento foi o primeiro que se fez, sendo Quirino governador da Síria.**

**Todos iam recensear-se, cada qual à sua própria cidade.**

**Também José, deixando a cidade de Nazaré, na Galileia, subiu até à Judeia, à cidade de David, chamada Belém, por ser da linhagem de David,**

**a fim de se recensear com Maria, sua esposa, que se encontrava grávida.**

**E, quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de ela dar à luz,**

**e teve o seu filho primogénito,**

**que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria.**

**Na mesma região encontram-se uns pastores que pernoitavam nos campos,**

**guardando os seus rebanhos durante a noite.**

**Um anjo do Senhor apareceu-lhes,**

**e a glória do Senhor refulgiu em volta deles;**

**e tiveram muito medo.**

**O anjo disse-lhes:**

*1ª criança/leitor:*

**«Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria,**

**que o será para todo o Povo:**

**hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor.**

**Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura».**

*Presidente:*

**De repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus e dizendo:**

*2ª criança/3ª criança/leitores:*

**«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».**

*Presidente:*

**Quando os anjos se afastaram deles em direção ao céu,  
os pastores disseram uns aos outros:**

*4ª criança/leitor:*

**«Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a  
conhecer».**

*Presidente:*

**Foram apressadamente e encontraram Maria,  
José e o menino deitado na manjedoura.  
Depois de terem visto,  
começaram a divulgar o que lhes tinham dito a respeito do menino.  
Todos os que ouviram se admiravam do que lhes diziam os pastores.**

*Presidente:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

#### **4. Reflexão**

*Presidente (depois de todos se sentarem):*

Acham que Deus precisava de vir ao nosso encontro, de ter nascido numa gruta de animais, sem conforto, sem roupas quentinhas, sem um médico por perto? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de nascer numa terra cheia de pobreza e de sofrimento, e de ver as dores e as doenças das pessoas, as injustiças e as maldades que os poderosos cometiam contra os mais fracos? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de andar pelo nosso mundo a cansar-se, a passar frio e fome, a ser perseguido pelas autoridades do seu país? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*) Acham que Deus precisava de ser morto numa cruz, como se fosse um bandido? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*)

Não, como tão bem pensais e haveis partilhado, Deus não precisava de nada disso. Então, porque é que Ele quis vir ao mundo ter connosco, porque é que ele quis nascer no meio de nós? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente e convidar os adultos a pronunciarem-se*)

De facto, só há uma resposta para esta pergunta: Ele veio ter connosco porque gosta muito de nós e quer a nossa felicidade. Assim, quis, Ele próprio, mostrar-nos como é que devemos viver para ser felizes, para construir um mundo de felicidade, de justiça e de paz.

Ao olharmos para a imagem desse menino Jesus, cujo nascimento estamos a celebrar, esta é a primeira coisa que devemos saber: Deus veio ao nosso encontro e nasceu em Belém porque gostava muito de nós e queria dizer-nos como é que nós podemos ser felizes.

Quando ouvimos descrever o nascimento de Jesus, ficamos impressionados com o cenário de simplicidade e de pobreza que o acolheu... Então Jesus não era o Filho de Deus? E sendo o Filho de Deus, não podia ter nascido no palácio de um grande rei, rodeado de honras, de riquezas e de cuidados? Não podia, desde logo, vestir roupas caras, e ter à sua volta, a prestar-lhe homenagem, as pessoas mais importantes do mundo? Então, porque é que Ele escolheu nascer numa gruta de animais onde nem um berço havia, com o frio a entrar por todos os lados, e uns simples panos grosseiros a envolver o seu corpo de bebé? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Tendes razão, Ele escolheu a pobreza e a simplicidade para mostrar-nos que Deus não quer dominar os homens com poder, com autoridade, com a imposição de um caminho ou de leis que nos obriguem a fazer o que não queremos... Deus não quer "mandar" em nós, não quer obrigar-nos a nada, não quer exigir nada de nós... O que Deus quer é apresentar-nos uma proposta que nos toque o coração, que nos impressione, que nos traga amor e paz...

Por isso, Ele vem até nós sem nada de ameaçador nas mãos, sem poder, sem exigências, sem mostrar a sua força e autoridade; Ele vem até nós na figura de um bebé pequenino – não há nada mais doce e mais terno do que um bebé, muito pequenino, que não se impõe, que não tem força, que depende totalmente das pessoas crescidas – para nos sugerir, com ternura e amor, como é que nós devemos caminhar. E é dessa forma – com ternura, com amor, com humildade, como se nos pedisse desculpa – que Deus vem ao nosso encontro para nos propor caminhos de felicidade e de paz. Deus não é, para nós, um concorrente, um adversário; Deus é, para nós, alguém que

nos ama, que nos respeita, que aceita a nossa liberdade, que propõe mas nunca impõe. O menino do presépio de Belém é a imagem de um Deus que vem ter connosco, não para nos obrigar, mas para nos convidar, gentilmente, a escolher a Vida e a felicidade. E vós, quereis esta felicidade? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Muito bem! É certo que toda a pessoa humana procura a felicidade, mas às vezes, nem toda a gente consegue! Repararam nas primeiras pessoas que foram visitar Jesus, depois de ele nascer? Sim, foram uns pobres pastores, que dormiam nos campos com os seus rebanhos. Nessa altura, os pastores eram gente um tanto rude e grosseira, habituada a lutar contra animais selvagens para proteger os rebanhos e que se apresentavam de forma pouco cuidada. Por vezes roubavam para comer e lutavam com os donos dos campos e dos terrenos que as ovelhas e as cabras do rebanho tinham de atravessar... Por isso, muitas pessoas tinham medo deles... Desprezavam-nos e fugiam deles.

Ora, foi a esses que, em primeiro lugar, foi anunciada a "boa notícia" do nascimento de Jesus. Foram eles os primeiros que correram ao encontro de Jesus e o adoraram...

Sabem o que é que o evangelista Lucas nos quer dizer, com isto? Quer dizer que Jesus veio à terra trazer Vida e salvação a todos os homens e mulheres, mesmo àqueles que eram considerados maus e violentos, mesmo àqueles que os outros desprezavam e consideravam pecadores. Para esses, o nascimento de Jesus foi uma notícia que lhes trouxe muita alegria... Porque Jesus veio dizer-lhes que Deus não os condenava, que Deus não os marginalizava; veio dizer-lhes que Deus gostava deles e que eles também eram filhos e filhas amados de Deus.

Não é bom saber isto, não é bom saber que Deus gosta de todos e a todos ama, mesmo aqueles de quem as outras pessoas não gostam? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Já todos percebemos que Deus veio ao nosso encontro para nos ensinar coisas bonitas, coisas que nos ajudam a sermos felizes e a vivermos bem... Como é que nós devemos acolher Jesus, esse Deus que nos veio propor esse caminho para sermos felizes? Devemos fingir que não o conhecemos? Devemos fingir que não ouvimos o que Ele nos veio dizer? Devemos ignorar as propostas que Ele nos veio fazer? (*deixar as crianças exprimirem-se brevemente*).

Claro que não. Devemos acolher bem esse menino – esse Deus que nasceu no nosso mundo; devemos arranjar um lugar para Ele no nosso coração e na nossa vida; devemos escutar atentamente as propostas que Ele nos faz; devemos escutar as suas palavras e aprender com os seus gestos; devemos aprender com Ele a construir um mundo de amor, de bondade, de perdão, de justiça, de paz.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

#### 1. Adoração do Menino

*Cada criança (ou família) vai ajoelhar-se junto da imagem do menino, vai pôr a sua mão na do menino e fica assim uns instantes, em recolhimento. Depois, ao sinal do catequista, cada criança/família lê o seu Compromisso, preparado segundos as indicações dadas na **catequese 9**.*

*Como música de fundo pode colocar-se a gravação do cântico "Adeste fideles" ou, se houver condições para preparar um Coro, que este cante durante a Adoração.*

*Criança/família:*

Eu (N....)/Nós, família (apelido), quero (queremos) acolher Jesus no meu/nosso coração. Quero/queremos ouvir sempre a sua Mensagem e viver de acordo com o que Ele nos propõe com amor. Assim, comprometo-me/comprometemo-nos a ... *(cada criança/família acrescenta o seu compromisso de mudança, conforme preparado no cartão anteriormente entregue pelo catequista).*

*(Pode, quando a criança se levanta, distribuir-se uma pequena recordação... um cartão com o Menino Jesus ou com o presépio, ou o Terço, a que se aludiu na catequese anterior).*

*Presidente:*

N... (ou) família(apelido), peço-vos que sempre que olhardes esta recordação do nosso Natal da catequese vos lembreis de Jesus e que tenhais presente que Ele veio a este mundo mostrar-nos um caminho de vida e de felicidade.

*Presidente (para todos):* Só podemos ser felizes se reconhecermos o amor que Deus tem por nós – como agora fizemos – e se formos capazes de lhe

corresponder, amando a Deus criador pela docilidade do nosso coração à Sua palavra e pela prática constante e corajosa do bem em cada pessoa com que nos cruzamos: vivendo, pois, com verdade, com bondade e com justiça, tal como haveis agora referido no vosso compromisso.

#### IV. DESPEDIDA

##### 1. *Presidente:*

Vamos, pois, levar connosco esta lembrança, sinal da presença do Menino na nossa vida, onde vamos arranjar-Lhe o lugar principal. Vamos olhar para Ele todos os dias e lembrar-nos que Deus gosta muito de nós... Vamos lembrar-nos que Ele veio falar-nos e ensinar-nos a construir um mundo de paz, de justiça, de amor...

E vamos, como os pastores, dizer a toda a gente que encontramos Jesus e que Ele é o Deus que veio ao encontro dos homens e das mulheres do mundo inteiro.

O Senhor Jesus, que nasceu em Belém, esteja connosco!

*Assembleia:*

Ele está no meio de nós!

*Presidente:*

Abençoe-vos Deus todo poderoso...

##### 2. **Cântico final** (na versão portuguesa):

**"Gloria in excelsis"**

##### 3. **Convívio**

- *As crianças e suas famílias podem partilhar, junto com os catequistas, um lanche final; este lanche deve ser, tanto quanto possível, preparado com a colaboração das famílias e pode ter lugar na sala de catequese, num salão disponível em que se junte mais de um grupo ou, então, numa obra de solidariedade social previamente escolhida e contactada, onde o lanche será partilhado com um grupo dos seus utentes, colocando em prática o compromisso feito nesta catequese.*
- *Durante o convívio, o catequista ajude e incentive as famílias a colaborarem com as crianças no seu crescimento na fé, nomeadamente*

*na realização das tarefas do Compromisso e sugeridas na rubrica «Em Família» do catecismo.*

- *Acompanhando as famílias na observação da exposição das Barras Cronológicas, o catequista explique que as crianças estão a construir, verdadeiramente, um caminho de salvação, como membros ativos e conscientes do Povo de Deus.*

**Para guardar na memória e no coração**

O Senhor Jesus, que nasceu em Belém, esteja connosco!

## **“EU ESTAREI CONTIGO” (Ex 3, 12)**

### I – INTRODUÇÃO

#### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

##### **1. Contexto histórico**

Diversos documentos antigos fazem referência à contínua circulação de grupos nômadas ou semi-nômadas entre a terra de Canaan e o Egito durante o 2º milénio a.C.. O que é que provoca esse intenso movimento de populações nesta zona do mundo, durante essa época?

Antes de mais, a procura de melhores condições de vida... O Egito, terra fecunda e fértil, alimentada pelo Nilo, constituía uma miragem de vida e de abundância para os clãs habituados à secura e à dureza do deserto. Por isso, havia sempre famílias nômadas, vindas do Oriente, a caminhar em direção ao Egito, à procura de um espaço onde se fixar.

As diversas campanhas militares que a história desta época registou também contribuíram para a entrada no Egito de populações vindas do oriente... Nos finais do séc. XVIII a.C., os Hicsos invadiram o Egito. É possível que grupos aparentados com os clãs de Abraão, Isaac e Jacob – que circulavam pela terra de Canaan – tenham seguido os invasores e se tenham instalado no Egito. Por outro lado, as campanhas militares de Tutmosis III (1468-1436 a.C.), Amenófis II (1436-1412 a.C.), Seti I (1317-1301 a.C.) e Ramsés II (1301-1234 a.C.) na Síria e na Palestina, juntaram enormes colunas de prisioneiros, que foram levadas para o Egito e empregues nas grandes obras egípcias.

De acordo com o “Livro do Êxodo”, a história do Povo de Deus também passou pelo Egito. Não sabemos, exatamente, em que condições e em que circunstâncias os descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacob foram ter

ao Egito (o "Livro de José" – cf. Gn 37-50 – não é, como já vimos, um livro histórico, mas sim um romance escrito com uma finalidade didática); contudo, não há dúvida de que, em pleno séc. XIII a. C., alguns descendentes dos patriarcas bíblicos estavam instalados na zona oriental do delta do Nilo, na chamada "terra de Goshen" (Gn 46,28; 47,1.6).

## **2. Um projeto de morte: a opressão**

A invasão dos Hicsos aconteceu num período em que o poder central, no Egito, estava bastante fragilizado. Contudo, uma vez recomposto o poderio egípcio e expulsos os invasores, os clãs de semitas imigrados na terra do Egito viram piorar significativamente as suas condições de vida. O "Livro do Êxodo" – que, contudo, não é um livro histórico, mas um livro de catequese – apresenta os clãs patriarcais mergulhados num quadro de opressão e de sofrimento, referindo três aspetos: trabalhos forçados (cf. Ex 1,1ss.), eliminação das crianças do sexo masculino (cf. Ex 1,15-22) e degradação progressiva das condições de trabalho (cf. Ex 5,6-23).

## **3. Os trabalhos forçados**

O sistema social que vigorava no Egito supunha a obrigação de os camponeses executarem determinados tipos de trabalho em benefício do rei. O faraó era, oficialmente, o dono das terras cultivadas pelos camponeses; e a "renda" devia ser paga através da entrega de uma parte das colheitas, bem como da prestação de determinados serviços, como a colaboração na construção de pirâmides ou no reforço de um dique. É um esquema instituído, que faz parte da estrutura social do país e que obrigava tanto os naturais do país, como os estrangeiros residentes no Egito.

Contudo, ao falar dos trabalhos forçados a que estavam sujeitos os clãs patriarcais, o texto bíblico não parece referir-se a esse tipo de prestação de serviços. Os "trabalhos forçados" descritos no "Livro do Êxodo" parecem mais uma estratégia congeminada pelo Estado egípcio no sentido de atingir um determinado grupo humano, de manietá-lo, de controlá-lo, de escravizá-lo, de dominá-lo.

O cenário traçado pelo autor do "Livro do Êxodo" não é inverosímil: é bem possível que grupos proto-israelitas – uma multidão mista de origem asiática – tenham sido obrigados pela força a prestar trabalhos que ultrapassavam o contributo normal dos camponeses egípcios e que isso tenha provocado uma rebelião entre esses estrangeiros escravizados.

#### **4. A eliminação das crianças do sexo masculino**

O "Livro do Êxodo" refere, também uma ordem do faraó para matar todas as crianças do sexo masculino que nascessem entre os hebreus (cf. Ex 1,15-22) ... Será um dado histórico?

Não é impossível que, em certos momentos, os egípcios tenham tido a tentação de controlar, de algum modo, o crescimento e a força destes grupos de hebreus e que tenham tomado algumas medidas nesse sentido. Não parece, no entanto, muito provável que tenha existido, de forma continuada, uma política generalizada de eliminação de crianças do sexo masculino... Como é que a eventual eliminação de todos os meninos que nascessem se harmonizaria com a necessidade de trabalhadores para as obras faraónicas?

Muito provavelmente, o autor bíblico pretende, com este dado, mostrar que o Estado egípcio tem em marcha um projeto de opressão que se traduzirá, a curto prazo, na condenação de um Povo à morte... Esse projeto diabólico – dizer-nos os autores do "Livro do Êxodo – vai roubar a um Povo o seu direito ao futuro, à liberdade, à própria vida.

#### **5. A degradação das condições de trabalho**

Em Ex 5,6-23, o autor acrescenta mais um elemento a este quadro de opressão: exige-se aos escravos hebreus a fabricação do mesmo número diário de tijolos, mas sem que as autoridades competentes fornecessem a respetiva matéria-prima.

Também este dado não é improvável: é bem possível que, após uma rebelião – organizada ou espontânea – contra esse sistema de escravatura, as pressões dos opressores tenham aumentado e que as condições de trabalho tenham piorado. O autor vai fazer referência ao facto para sublinhar o intolerável da situação: é um povo condenado, sem saída, que nenhum poder humano consegue ajudar.

*Estamos, portanto, perante um autêntico projeto de morte, gizado por um poder imperialista e repressor contra um grupo de escravos desorganizados e incapazes de resistir. Dada a desproporção de forças em jogo, parece não haver qualquer esperança para os pobres escravos hebreus... Eles, com as suas frágeis forças, parecem absolutamente incapazes, por si sós, de quebrar esse círculo de opressão e de injustiça que os vai asfixiar e roubar-lhes o direito à existência.*

## 6. O projeto libertador de Deus

Constatado o dramatismo da situação e a incapacidade de os escravos hebreus superarem, pelas suas próprias forças, essa dinâmica de morte, os catequistas bíblicos vão introduzir no cenário um novo personagem: o Deus libertador e salvador, que não suporta nem aceita a opressão e a injustiça. Só Jahwéh tem a capacidade de frustrar esse plano de morte preparado pelos opressores egípcios contra o Povo de Deus.

A intervenção salvadora de Jahwéh começa a delinear-se quando se faz ouvir o clamor do povo oprimido: os gemidos dos escravos hebreus sobem ao céu e são escutados por Deus (cf. Ex 2,23-25). Dizer que Deus "ouviu" esses gemidos, é, na linguagem bíblica, o mesmo que dizer que Deus se prepara para intervir: para os "catequistas" que escreveram o "Livro do Êxodo", Jahwéh não é o Deus indiferente, que fica de braços cruzados diante do sofrimento do seu povo; mas é o Deus libertador dos oprimidos, dos injustiçados e dos pobres. Por isso, imediatamente Jahwéh põe em ação o seu plano de salvação (cf. Ex 3,7-12).

## 7. Moisés

O plano de libertação desenhado por Deus vai passar pela ação, no terreno, de um homem – um homem a quem Deus escolhe, a quem Deus chama, a quem Deus prepara e a quem Deus envia para salvar o seu Povo. Esse homem – que vai ser o instrumento de Deus na libertação dos escravos hebreus – chama-se Moisés.

O texto bíblico apresenta Moisés como um hebreu da tribo de Levi que, mal nasceu, foi colocado no rio Nilo numa cesta de junco (correspondendo às pretensas ordens do poder egípcio). Encontrado e adotado pela filha do faraó (cf. Ex 2,1-10), o menino Moisés viu a sua vida salva. Provavelmente, este quadro (de uma criança aparentemente condenada à morte, mas miraculosamente salva) não reproduz uma informação rigorosamente histórica; mas é um cliché literário a que a literatura da época recorria, com alguma frequência, para descrever a infância de certos heróis...

Moisés foi educado na corte, como parece sugerir o texto bíblico (cf. Ex 2,10)? É possível. Os documentos egípcios da época fazem referência a vários homens de origem asiática, educados na corte do faraó e destinados a ser escribas ou a desempenhar outros papéis de responsabilidade no aparelho administrativo egípcio. Moisés pode ter sido um destes: um jovem com notáveis qualidades de inteligência, admitido nas escolas egípcias que preparavam os futuros funcionários do império...

Se quisermos ler estas coisas numa perspectiva crente, podemos ver a história deste menino no contexto do plano de Deus: Jahwéh, prevendo o papel de libertador que ia confiar mais tarde a Moisés, quis que ele se preparasse (até do ponto de vista humano) para desempenhar essa missão. Desde criança, Moisés começou a ser preparado por Deus para ser o seu instrumento na libertação dos escravos hebreus.

O "Livro do Êxodo" acrescenta ainda, a este cenário, um outro dado: desde muito cedo, Moisés revelou um grande sentido de justiça e de não conformismo; apercebendo-se dos vexames que os escravos hebreus sofriam, teve uma reação violenta, em defesa dos explorados, e matou um dos opressores egípcios. Em consequência, teve de fugir do Egito... Seguiu o caminho de todos aqueles que se opunham à política dos faraós e fugiu para o deserto, em direção a oriente. Encontrou refúgio junto de uma tribo nómada que habitava a terra de Madiã. Aí encontrou de novo, a paz e a tranquilidade, refez a sua vida, casou e teve um filho (cf. Ex 2,11-22). Parecia que os dias turbulentos tinham passado e que Moisés tinha, finalmente, num oásis de paz e de tranquilidade, encontrado o seu lugar, e assegurado o seu futuro.

## **8. A Missão de Moisés**

Deus, no entanto, tinha outros planos para Moisés: contava com ele para libertar o seu Povo oprimido no Egito.

Temos dois relatos diversos do chamamento de Moisés por Deus... Um, mais antigo, aparece em Ex 2,23-4,18; outro, um pouco mais tardio, aparece em Ex 6,2-12 e 7,1-7. Ambos coincidem na indicação de que Deus foi ao encontro de Moisés no seu refúgio do deserto do Sinai, deu-lhe conta da situação intolerável em que estavam os hebreus do Egito e pediu-lhe que aceitasse ser o instrumento de Deus na condução do processo de libertação dos escravos. Moisés – dizem os dois relatos – ofereceu alguma resistência (como acontece, habitualmente, quando Deus nos pede coisas difíceis, coisas que nos desinstalam e que exigem um compromisso arriscado); mas acabou por aceitar o desafio de Deus e por voltar ao Egito para iniciar, em nome de Jahwéh, o processo de libertação do Povo de Deus.

Os textos sobre a vocação e o chamamento de Moisés, a que nos referimos acima, não são relatos fotográficos de acontecimentos ocorridos num determinado dia e numa determinada hora, algures no deserto do Sinai. São, antes, uma belíssima catequese sobre a vocação. Nessa catequese, o autor apresenta um Deus que intervém e age na história humana através de homens com coração disponível, que são chamados e enviados para transformar o mundo.

Deus falou a Moisés? Sim, sem dúvida: na imobilidade dos rochedos e no silêncio das ardentes areias do deserto, no rumor e na tranquilidade dos oásis, a voz de Deus não deixou de ecoar e de inquietar a consciência deste homem... Hora a hora, dia a dia, Deus questionou Moisés, interpelou-o, desinstalou-o, inquietou-o e fê-lo perceber que não podia ficar de braços cruzados frente à opressão e injustiça que atingiam um Povo indefeso e sem esperança, roubando-lhe a vida, os sonhos, o futuro. Após alguma resistência (a resistência que todos os seres humanos fazem quando Deus pede compromissos exigentes), Moisés resolveu ceder aos apelos de Deus, aceitou ser sujeito da história e desempenhar um papel ativo naquele processo libertador.

O processo que levou Moisés a empenhar-se e a comprometer-se na transformação do mundo e da história, não é um momento improvável e único: Deus serve-se de pessoas – pessoas como Moisés – para vir ao encontro dos homens, para mudar o mundo, para oferecer aos seus filhos e filhas oprimidos e escravizados a salvação e a libertação. O processo repete-se todos os dias na vida e na história do Povo de Deus.

## OBJETIVOS

- Descobrir um Deus que não se conforma com a maldade, a opressão e a injustiça e quer oferecer a todos os homens e mulheres a Vida, a liberdade, a salvação.
- Perceber, através da história de Moisés, que Deus chama pessoas para serem sinais e testemunhas do seu projeto de vida, de liberdade e de felicidade para todos os seus filhos e filhas.
- Sentir vontade de colaborar com Deus, através de atitudes e de gestos concretos, na construção de um mundo de justiça, de liberdade, de paz e de felicidade para todos os seres humanos.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O bloco de catequeses que agora se inicia põe em destaque o Amor Eterno de Deus pelo ser humano, ao qual Deus quer proteger e possibilitar uma vida de felicidade. Este **Projeto de Amor** será sempre feito com o próprio ser humano a quem Deus dá liberdade de pensar e agir. Nesta história de amor, Deus chama algumas pessoas para colaborarem com Ele no Seu projeto de Felicidade.

2. Este Projeto de Amor de Deus põe em contraponto as opções e ações de determinadas pessoas, que na história mundial, e no nosso meio mais próximo, são conhecidas pela sua maldade, opressão, injustiça, e pelo modo como provocaram, nos demais, sofrimento, angústia, morte... O catequista deverá ter presente que a existência destas pessoas, e o modo como persistiram tanto tempo nestas ações, nem sempre é passível de ser compreendida. Às vezes, o mal parece vencer o bem, como se fossem sempre as pessoas retas e de bom coração aquelas que têm de sofrer ou ser menos bafejadas pela sorte ou, como hoje se comenta muito, ser menos «desenrascadas» ... Muitas crianças poderão questionar esta complexa problemática do mal, a sorte dos inocentes e dos bons, a experiência – que nós, adultos, sabemos ser um fenómeno meramente aparente – de pessoas que se comportam mal mas parecem ser muito bem sucedidas, ter sorte ou nunca ser castigadas. Tornase, assim, fundamental clarificar que **Deus nunca se conforma com a maldade** e a Sua Presença é sempre Presença de Vida, Salvação e Liberdade – um Projeto de Felicidade. O mal nunca venceu, e não vencerá, pois Deus é Amor.
3. O catequista deverá ter particular atenção com as eventuais situações de injustiça ou maldade que algumas das crianças possam ter vivido ou estar a viver, quer seja no meio familiar, quer seja no meio escolar. Também alguma criança poderá mencionar casos de que tem conhecimento relativamente a outra criança, familiar ou pessoa conhecida, e o catequista deve proceder sempre com prudência, reserva, respeito e muito cuidado.
4. Esta catequese oferece **um amplo conjunto de estratégias e dinâmicas** que apoiam a mensagem central que se quer transmitir neste Bloco: *Deus oferece à humanidade um projeto de amor e, para isso, socorre-se de várias pessoas, a quem chama para uma determinada missão*. O catequista poderá não utilizar todas as estratégias, naturalmente, ou no caso de alguns materiais propostos, o próprio catequista poderá recorrer às suas próprias competências para potenciar a elaboração dos mesmos, utilizando outro tipo de material ou modelo. Nesta idade, e relativamente ao seu breve passado, as crianças não são tão imaginativas como já foram nem têm ainda grande capacidade de abstração, o que pode dificultar ou empobrecer a sua abordagem da Palavra. Também têm dificuldade em lidar com conteúdos de natureza histórica, que interpretam literalmente e muito de acordo com a cultura

atual, nomeadamente as mensagens passadas pela televisão ou o cinema<sup>1</sup>. Mas também são mais concentradas e muito colaborantes, industriosas, pelo que as dinâmicas encenadas não só funcionam bem e são facilmente montadas – dentro de uma estrita e oportuna simplicidade – como deixam nas crianças uma impressão muito mais duradoura e feliz do que a simples leitura de um texto. Se interiorizada, a mensagem do texto permanece disponível no pensamento e passível de novas e futuras interpretações, mais profundas e completas. Sempre que possível, o catequista pode optar por fazer um breve ensaio destas dinâmicas, antes de a catequese propriamente começar. Também pode ser útil contar com a ajuda de outro catequista, sobretudo se o grupo for grande ou integrar crianças mais imaturas.

5. Se a catequese começar com o ensaio do cântico proposto, “Deus quer a tua ajuda”, este poderá ser cantado ao longo da catequese. Se não for oportuno, o catequista usa a versão gravada para a Experiência Humana e o início da Expressão de Fé.
6. A dinâmica da Expressão de Fé deve ser feita com cuidado e plenamente realizada também porque está na base da Experiência Humana da próxima catequese.

## **MATERIAIS**

### **1. Experiência Humana**

#### **Primeira alternativa:**

- Preparar o convite a enviar a uma pessoa (leiga, seminarista ou sacerdote missionário) que tenha tido uma experiência de missão junto de outros povos ou a alguém que se dedique, na localidade ou região, a um trabalho em prol dos mais necessitados. Estabelecer o necessário contacto e trabalhar com essa pessoa as questões a tratar e os materiais que esta possui (registos diversos) e que poderá mostrar às crianças.
  - Providenciar o suporte adequado para esses documentos (placar, projetor, computador, ...)
- Caso seja impossível convocar uma pessoa com esta experiência, o catequista poderá recorrer a testemunhos gravados de programas

---

<sup>1</sup> Já no catecismo 4, a propósito da apresentação da figura de Moisés, fizemos referência ao filme «O Príncipe do Egito», uma animação criada pelos estúdios DreamWorks em 1998. O enredo trata da vida de Moisés desde o seu nascimento e sua infância como príncipe do Egito até a sua escolha como guia do povo hebreu na saída da terra do Egito e tem passado com regularidade nas televisões.

televisivos, de rádio, da internet, ou solicitar a uma casa missionária o envio de um testemunho (preferencialmente gravado em vídeo ou, pelo menos, em áudio); providenciar os equipamentos necessários à sua apresentação.

### **Segunda alternativa:**

- A história da Margarida, tal como é contada no texto deste Guia. Pode enriquecer a leitura com a técnica de sombras chinesas ou fantoches de dedos.
- Imagens (fotos) que registem experiências de pessoas em missão.

## **2. Palavra**

**Para a dramatização** – trajes que retratem a época do Povo de Deus, o Povo Egípcio e a personagem Moisés. Não havendo trajes já feitos, o catequista poderá utilizar túnicas, lençóis ou sacos, cordão e lenços. Para as roupas dos egípcios poderá colocar umas tiras de papel dourado sobre os panos, à volta do decote e da cintura, para os distinguir do Povo hebreu.

O catequista poderá empregar vários utensílios que ajudem a enriquecer os personagens como: sacos para colocar ao ombro (que poderão ser feitos em papel ou plástico), cântaros, sandálias, etc.

A personagem «Moisés» deverá usar um **cajado** (vara de Moisés, referida na Bíblia), para além do seu traje de caracterização e, se possível, umas sandálias.

**Para a leitura da Palavra de Deus** – Bíblia e folhas com os textos para as crianças que participam na leitura: a que faz de Moisés e a que lê as falas de Deus.

## **3. Expressão de Fé**

- Bíblia ;
- Vela e fósforos;
- Folhas (10X10 cm) de papel colorido com a inscrição «**Conta comigo, Senhor**», preparadas com um pedaço de plasticina ou massa de fixação no verso (uma para cada criança);
- Uma caneta por criança;

E ainda, caso seja necessário, leitor de CD e CD com o cântico:

## **MÚSICA**

- "Deus quer a tua ajuda".

### Preparação da sala:

- Nesta catequese não se usarão cadeiras, salvo para o convidado da Experiência Humana, se o houver, e as demais serão retiradas. Crianças e catequistas sentam-se no chão, quando tal for necessário.
- A sala, que deve ser razoavelmente ampla, deverá ser arranjada de modo a definir dois espaços:
  - a) um **espaço central** onde todos ouvirão a Palavra de Deus e onde estarão colocados, de preferência sobre uma manta ou tapete: a Bíblia do catequista (sobre uma almofada bonita), o poster da sarça ardente (armado nas costas de uma cadeira ou preso a uma estante, para se manter de pé), as bíblias das crianças, com um marcador a sinalizar a passagem a ler, os textos para as duas crianças que colaboram na leitura e a vela.
  - b) um **espaço anexo**, de preferência amplo, que deverá ser preparado para o desenrolar da dramatização, retirando móveis e outros objetos; numa parede próxima está colocado o *dístico* "Egito".
- Em caso de necessidade, os equipamentos ou objetos necessários para a apresentação da Experiência Humana serão preparados junto da zona central e reutilizados na altura da Expressão de Fé: o cajado de «Moisés» e alguns dos documentos apresentados pelo convidado-testemunha de missão.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

### Alternativa

1. *Para este encontro de catequese, o catequista poderá convidar um jovem ou adulto com experiência de missão: um leigo, seminarista ou sacerdote missionário. Pede-lhe, com a devida antecedência, que prepare para as crianças um testemunho vivo da sua missão, explicando-lhe quais os objetivos que se pretendem atingir com esta catequese.*

*Para não consumir demasiado tempo, a testemunha da missão deve partilhar a sua experiência de forma organizada e sequencial, apresentando os argumentos e os documentos necessários, embora deixando algum tempo final para as crianças colocarem perguntas (15 minutos + 5 minutos).*

*Este testemunho deve obrigatoriamente contemplar as seguintes questões:*

- a) Como aconteceu o chamamento para a missão;*
- b) Qual a formação recebida, antes da partida;*
- c) Qual a atividade desenvolvida, para quem, com quem e onde;*
- d) Como experimentou a presença de Deus na sua vida e missão;*
- e) Qual o valor desta missão, em termos comunitários (para quem recebe) e em termos individuais (o que recebeu o próprio).*

*O convidado deve preocupar-se em orientar o grupo para uma reflexão razoavelmente profunda e pode utilizar imagens – fotos, projeção de PowerPoint, ... - para ajudar as crianças a visualizar a sua experiência e a senti-la mais profundamente.*

*Nesta mesma dinâmica, e como alternativa, o catequista poderá fazer o convite, para um testemunho, a alguém da comunidade local ou regional, que se destaque pela sua ação em prol dos mais necessitados. Neste caso, deverá solicitar, a esta pessoa, um testemunho que toque alguns aspetos importantes, orientadores para esta catequese:*

- a) Como aconteceu este chamamento em prol dos mais necessitados;*
- b) Qual é a atividade desenvolvida, para quem, com quem e onde;*
- c) Como é a sua experiência quanto à presença de Deus nesta missão;*
- d) Como avalia o valor desta missão, em termos comunitários (de quem recebe) e em termos individuais (o que significa para o próprio).*

*As crianças devem ser levadas a oferecer ao convidado uma lembrança, que pode ser uma Barra Cronológica das que estão a usar na catequese, decorada por estas e enviada posteriormente ou entregue por um pequeno grupo.*

- 2.** *Caso o autor do testemunho tenha disponibilidade, poderá acompanhar a catequese 11 até ao fim, inclusivamente participando ativamente na leitura encenada da Palavra e na Expressão de Fé.*

*Na impossibilidade de ter alguém presente, pode-se usar o testemunho gravado, anteriormente pedido a uma congregação ou ordem religiosa missionária, a membros dos «Leigos para o Desenvolvimento» ou, ainda, a movimentos sediados próximo da paróquia ou na paróquia e que desenvolvam esta atividade missionária. Em último caso, registados em programas de televisão ou em sites da internet, credenciados, de onde é possível gravar tais documentos.*

1. *Não tendo recurso algum dos referidos, o catequista introduz esta catequese contando uma história:*

Todos nós já ouvimos muitas histórias; umas mais felizes do que outras, umas mais longas do que outras, umas assustadoras, outras de suspense, outras de encantar e outras de embalar... Hoje quero, contar-vos uma história, parecida, em muitos aspetos, com coisas que vos acontecem a vocês. Vamos chamar Margarida à menina da história, à sua heroína, mas podia ser um rapaz, podia ser qualquer um de vós.

*O catequista lê a história da forma mais intensa e realista de que for capaz; também pode usar sombras chinesas ou pequenos fantoches de dedos, feitos por si, com papel, figuras recortadas de revistas ou tecido, ou adquiridos em lojas especializadas em brinquedos e materiais pedagógicos.*

«A Margarida é uma menina de 11 anos, alegre, com olhos grandes espertos e que gosta muito de cantar. Ela tem uma voz muito bonita. Há algumas semanas, na preparação para a festa de Natal da sua escola, ela foi escolhida para cantar uma canção de Natal.

No início, ela ficou um pouco assustada, pois tinha medo de cantar diante de tantas pessoas; a Margarida é amorosa mas também é muito tímida! Mas a diretora de turma, que é muito amiga dos seus alunos e sabe bem o que cada um é capaz de fazer, insistiu com ela, conversou... explicou-lhe que sabia bem como os colegas gostavam de a ouvir e a Margarida resolveu aceitar o que lhe era pedido... Durante algum tempo, ela ensaiou a sua canção com o professor André, que é o professor de Educação Musical e toca guitarra muito bem. Mas uma coisa era cantar com o professor, outra coisa era cantar para os amigos... outra, ainda, era subir para o palco, ver o pano a abrir-se e, de repente, encarar aquela enorme sala de convívio cheia, cheiinha de gente... de alunos a fazer barulho... de professores desconhecidos... de pais, dos seus pais e toda a escola, ali à frente! Enfim, tudo isto afligia tanto a Margarida que ela nem era capaz de dormir bem de noite e a mãe dela esteve quase a telefonar à diretora de turma com ideias de lhe dizer que a Margarida não podia participar na festa ou, então, ainda ficava doente! Mas a Margarida prometeu-lhe ter juízo, acalmar-se e continuar a treinar, para ganhar confiança.

No dia da festa, a Margarida entrou no palco muito nervosa, aflita, mesmo. Enquanto o pano abria, aí! tão devagar que parecia uma eternidade, a Margarida sentia que não era capaz de se mexer, nem de abrir a boca, quanto mais soltar a voz! Mas, então, o professor André começou a dedilhar a viola, as notas ouviram-se na sala e uma voz lá atrás mandou calar toda a gente «porque a Margarida vai cantar!». Então, a Margarida sentiu a coragem a chegar e, embora com um certo sacrifício, e medo, e alguma vergonha, olhou para a sala e cantou, cantou muito bem, a sua canção, com uma voz doce e suave, tão linda e tão segura para uma menina tão pequena que toda a gente ficou de boca aberta. No final, quando a última nota ainda estava no ar, ouviu-se um grande silêncio e, depois, repentinamente, todos os presentes, alunos, pais, professores, funcionários da escola, aplaudiram com uma salva de palmas enorme!...

Quando a Margarida desceu do palco, viu os pais emocionados e os colegas da turma a gritar por ela. Toda a gente queria bis e o professor André foi buscá-la para repetirem a atuação. A Dona Maria, que está sempre no bar, ainda lhe deu um abraço antes de ela voltar para o palco e, desta vez, a Margarida cantou sem medo, mas com uma enorme alegria.

A diretora de turma, ao dar-lhe os parabéns, reconheceu como ela fora corajosa e insistiu que devia sempre cantar porque a sua música, o seu dom para a música, era tão bom e tão belo, que era o instrumento perfeito para ela ajudar as outras pessoas a serem mais felizes. Com o seu esforço, ela tinha ajudado a tornar mais bonita a festa de Natal. A Margarida ficou muito feliz; não tanto por ter cantado bem e ter sido muito aplaudida, mas sobretudo por ter feito uma coisa que ajudou os seus pais, colegas, amigos e professores a sentir e a viver melhor aquele momento de festa. Com esta experiência a Margarida, apesar de só ter 11 anos, percebeu que, muitas vezes, somos chamados a desempenhar tarefas que, embora exijam muito de nós, podem ajudar as outras pessoas a ser mais felizes.»

2. É bonita esta história, não é? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Sabem, esta história, para além de bonita, ensina-nos algo muito importante. Vamos todos pensar em conjunto.

Todos nós somos, por vezes, chamados a desempenhar certas tarefas. Por vezes, são coisas simples (como alguns trabalhos que o pai ou a mãe nos confiam lá em casa, ou até desempenhar um qualquer papel numa festa da nossa escola). Quem é que já cumpriu tarefas destas? *Deixar as crianças contarem a sua experiência.*

Mas, outras vezes, são tarefas de muita responsabilidade, porque são coisas que afetam a vida de muitas pessoas. Conhecem algum exemplo? Quem quer partilhar um caso. *(Tendo o cuidado de não gastar muito tempo, deixar uma a três crianças darem um exemplo.)*

É isso mesmo! Eu também conheço pessoas que aceitaram deixar a sua terra e a sua família para irem para países onde não há professores nem escolas, a fim de ensinar as crianças desses países a ler e a escrever; conheço outras pessoas que foram para lugares onde não havia médicos, nem enfermeiros, nem cuidados de saúde, porque queriam ajudar as pessoas doentes e fazer com que elas tivessem alguma assistência... *(mostrar às crianças algumas imagens de pessoas em missão, tanto em terras longínquas como localmente).*

Então, podemos afirmar que quando nós levamos a sério as tarefas que nos são confiadas e fazemos bem aquilo que nos é pedido, podemos estar a ajudar muitas pessoas a serem mais felizes, a serem mais livres, a terem mais vida; podemos estar a fazer coisas que tornam melhor e mais bonito este mundo...? *(Deixar as crianças opinarem, dando a sua resposta e até acrescentando algo mais que considerem importante sobre a nossa vida vivida como uma ação responsável a favor do bem do próximo.)*

Mas, se nós fugimos às nossas responsabilidades e recusamos fazer o que nos é pedido, estamos a perder uma oportunidade de ajudar os outros, de tornar os outros mais felizes; estamos a perder uma oportunidade de tornar este mundo melhor, que vos parece? *(Deixar as crianças opinarem, dando a sua resposta e até acrescentando algo mais que considerem importante sobre a vida que é vivida sem ter por objetivo uma ação responsável a favor do bem do próximo.)*

E, sabeis que, tal como a Margarida foi chamada pela sua diretora de turma a proporcionar momentos de alegria e felicidade através da música...

### **Para ambas as alternativas:**

3. Como pudemos testemunhar, o Deus chama muitas pessoas para missões de amor e de promoção da felicidade; confia-lhes tarefas, umas vezes mais simples, outras vezes, muito difíceis e complexas. É através das pessoas que

Deus vem ao nosso encontro e faz coisas boas e bonitas no nosso mundo e na vida do Povo de Deus.

Hoje tivemos, até, uma visita especial que nos ajudou a compreender esta ideia (*refere o testemunho presenciado ou a personagem da história contada*) e porque estamos gratos por esta experiência, vamos aproveitar para aprender já o *cântico* desta catequese:

**"Deus quer a tua ajuda."**

Vamos cantá-lo para exprimir a nossa alegria! (*faz o ensaio ou usa a gravação em CD*).

Bom, este ano, já falámos aqui de algumas dessas pessoas a quem Deus confiou missões especiais (*deixar as crianças enumerar*). Muito bem: como Sansão, como Rute, como Ester, como Maria de Nazaré, a mãe de Jesus ... Hoje vamos aprofundar o nosso conhecimento com uma outra pessoa a quem Deus também chamou e a quem confiou uma tarefa muito especial: ajudar o Povo de Deus a ser livre. Essa pessoa, que também já está no vosso catecismo 4, chama-se ... Moisés.

## II. PALAVRA

1. O catequista introduz a dinâmica através da qual as crianças vão voltar a contactar com Moisés, figura já conhecida do catecismo 4 (cujas páginas o catequista deve ler/reler, para ter uma noção do que as crianças já sabem). E quem foi Moisés? Vamos fazer o seu «retrato»!

*O catequista propõe ao grupo a representação da «vida» de Moisés. Entrega às crianças os fatos que caracterizarão os personagens, tal como descrito em **Materiais**.*

**Personagens:** *Uma das crianças fará de Moisés, outras crianças de povo escravizado, outras de povo egípcio, de modo que todas possam participar. A todas são entregues cópias da história; as crianças deverão fazer uma leitura inicial, silenciosa, já depois de trajadas, de forma a entenderem o que cada um tem de fazer, em termos de gestos, tal como é sugerido em seguida, e também para que se aquietem, depois da excitação que produz a posta em cena:*

*O narrador poderá ser o catequista ou uma criança que leia muito bem.*

Cena	Texto do Narrador	Personagens e Ação
<p>Povo + Moisés</p>	<p>Moisés viveu há muitos séculos (há cerca de 3.250 anos). Na época em que ele viveu, o Povo de Deus (aquele Povo que começou com Abraão e do qual já aqui falámos) tinha emigrado para uma terra estrangeira (o Egito) à procura de melhores condições de vida.</p> <p>(a) Aconteceu-lhes o mesmo que a muitas pessoas do nosso tempo, que têm de deixar a sua terra e ir para outro país para conseguir trabalho e pão...</p>	<p><i>Moisés:</i> Permanece de pé, olhando o povo de Deus;</p> <p><i>Povo de Deus:</i> Desloca-se para o lado da sala onde está uma placa a dizer Egito, acompanhando a leitura da secção (a) do texto.</p>
<p>Povo de Deus + Povo Egípcio</p>	<p>Nos primeiros anos, a vida com os egípcios correu bem...</p> <p>Havia abundância de trabalho e de comida e o Povo de Deus estava feliz no Egito...</p> <p>Mas, com o passar do tempo, os egípcios cansaram-se de ter no meio deles um Povo estrangeiro, que falava outra língua, que tinha outros costumes e outros deuses.</p> <p>Assim, começaram a maltratar os membros do Povo de Deus: obrigavam-nos a trabalhar duramente na construção das cidades e dos monumentos do Egito, batiam-lhes e obrigavam-nos a viver em condições muito difíceis.</p> <p>O Povo de Deus não conseguia defender-se e parecia estar condenado a morrer lentamente no meio de um grande sofrimento. Muitos perderam a esperança e desanimaram completamente; outros, sentindo que só Deus podia fazer alguma coisa, começaram a rezar e a pedir a Deus que viesse ajudá-los e que os libertasse da opressão em que viviam.</p>	<p><i>Povo de Deus:</i> o povo faz gestos de trabalho (na construção, na agricultura) de comer, dançar e, em seguida, de cansaço.</p> <p><i>Povo Egípcio:</i> <i>falam entre si (mímica) e movem-se com altivez; Reúnem-se em torno de uma imagem representando os deuses adorados pelos egípcios.</i></p> <p><i>«Egípcios» fazem gestos a «maltratar» o grupo do Povo de Deus: gritar, ameaçar...</i></p> <p><i>Povo de Deus:</i> <i>gestos prostração, cansaço, de oração.</i></p>
<p>Deus + Moisés</p>	<p>Então, o que é que Deus fez? Escolheu um homem, veio ao seu encontro enquanto ele andava, no deserto, com o seu rebanho, e disse-lhe que tinha uma tarefa para ele desempenhar... Já sabes que esse homem se chamava Moisés.</p>	<p><i>Moisés:</i> caminha por entre o grupo «Povo de Deus», dirigindo gestos de apoio, sempre com o seu cajado na mão.</p>

Moisés pára em frente do **poster** que representa a **sarça ardente**, colocado junto da zona da sala preparada para a Palavra, preso às costas de uma cadeira ou estante - e inclina-se, de olhos no chão, escutando.

*O catequista, com gesto suave e sem erguer a voz, pede às crianças que se sentem em redor da criança que representa Moisés, e em silêncio. Entrega o texto que deve ser lido pelas crianças que vão colaborar consigo na proclamação da Palavra (Moisés, pela criança que o representou e que deve procurar realizar os gestos que Deus propõe a Moisés; e Deus, uma criança que se coloca atrás da sarça) e as bíblias às demais e introduz:*

2. Já sabemos que num dos livros da Bíblia – o “Livro do Êxodo – se descreve o encontro que teve lugar entre Deus e Moisés (Ex 2,23-3,12. 4,10-12) e que agora, com uma atenção muito especial porque Deus nos vai falar, vamos escutar:

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Génesis.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/narrador:*

**E aconteceu que, decorrido muito tempo, morreu o rei do Egito.**

**Os filhos de Israel gemiam na servidão,**

**e ergueram até Deus o seu grito de socorro na sua servidão.**

**Deus ouviu os seus gemidos e recordou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacob.**

**Deus viu os filhos de Israel e reconheceu-os.**

**Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madian.**

**Conduziu o rebanho para além do deserto,**

**e chegou à montanha de Deus, ao Horeb.**

**O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça.**

**Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada.**

**Moisés disse:**

*Criança/Moisés:*

**«Vou aproximar-me para ver esta grande visão:**

**por que razão não se consome a sarça?»**

*Catequista:*

**O Senhor viu que ele se aproximava para ver;  
e Deus chamou-o do meio da sarça:**

*Criança/Deus:*

**«Moisés! Moisés!»**

*Catequista/narrador:*

**Ele disse:**

*Criança/ Moisés:*

**«Eis-me aqui».**

*Catequista/narrador:*

**Deus disse:**

*Criança/ Deus:*

**«Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés,  
porque o lugar em que estás é uma terra santa».**

*Catequista/narrador:*

**E continuou:**

*Criança/ Deus:*

**«Eu sou o Deus de teu pai,  
o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob».**

*Catequista/narrador:*

**Moisés escondeu o seu rosto, porque tinha medo de olhar para Deus.**

**O Senhor disse:**

*Criança/ Deus:*

**«Eu bem vi a opressão do meu Povo que está no Egito  
e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores;  
conheço, na verdade, os seus sofrimentos.  
Desci a fim de o libertar das mãos dos egípcios  
e de o fazer subir desta terra  
para uma terra boa e espaçosa, para uma terra onde corre leite e mel,  
terra do cananeu, do hitita, do amorreu,  
do perizeu, do heveu e do jebuseu.  
E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim,**

e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles.  
E agora, vai; Eu te envio ao faraó,  
e faz sair do Egito o meu Povo, os filhos de Israel».

*Catequista/narrador:*

**Moisés disse a Deus:**

*Criança/ Moisés:*

«Quem sou eu para ir ter com o faraó  
e fazer sair os filhos de Israel do Egito?»

*Catequista/narrador:*

**Deus disse:**

*Criança/ Deus:*

«Eu estarei contigo.  
Este é para ti o sinal de que Eu te envie:  
quando tiveres feito sair o Povo do Egito,  
servireis a Deus sobre esta montanha».

*Catequista/narrador:*

**Moisés disse ao Senhor:**

*Criança/ Moisés:*

«Mas Senhor, eu não sou um homem dotado para falar;  
e isto não é de ontem, nem de anteontem,  
nem desde que começaste a falar com o teu servo;  
na verdade, tenho a boca e a língua pesadas».

*Catequista/narrador:*

**O Senhor disse-lhe:**

*Criança/ Deus:*

«Quem deu ao homem uma boca? Quem torna alguém mudo ou surdo?  
Quem faz ver bem ou ser cego? Não sou eu, o Senhor?  
E agora, vai, que Eu estarei com a tua boca  
e te ensinarei o que deverás dizer».

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

3. *Todos devem tirar os seus trajes e guardar os objetos que utilizaram nesta dramatização. O catequista ajuda as crianças, para que não se alongue em demasia este momento. Depois, prossegue, com todos de novo sentados no chão/tapete:*
4. Mais uma vez (como aconteceu já com outros textos da Bíblia que nós lemos aqui há algum tempo), este texto foi escrito por um catequista que nos queria ensinar algumas coisas muito importantes...
5. Antes de mais, o que ele quis dizer-nos é que Deus não fica indiferente, não vira as costas como se não fosse nada com Ele, quando um Povo é escravizado e oprimido. Deus está atento a tudo o que se passa no mundo e na vida dos seres humanos; Ele não fica de braços cruzados enquanto os seus filhos e filhas sofrem, mas está sempre pronto para vir ao nosso encontro e para nos libertar de tudo aquilo que nos faz mal. A opressão, a injustiça, a maldade não cabem nesse mundo que Deus planeou e quis construir para os seus filhos e filhas. O nosso Deus é o Deus libertador e salvador, pois Ele está sempre disposto em vir ao encontro dos homens e mulheres que são escravizados, a fim de os libertar e salvar.

*Para ajudar as crianças a situar o relato de Moisés num contexto de vida que lhe seja progressivamente mais próximo, o catequista procurará integrar nas explicações os dados fornecidos pela testemunha que participou na Experiência Humana, mesmo que se trata da pequena Margarida e da festa da escola.*

**6. E como é que Deus intervém no nosso mundo para salvar e libertar os seus filhos oprimidos pelo sofrimento e pela injustiça?**

Vamos lá ver o que nos diz o texto da Bíblia que acabamos de ler. Encontramos algo que possa ser a resposta para esta pergunta? *(Deixar as crianças procurarem e assinalarem a frase que indique a resposta a esta questão).* É verdade, Deus não usa nenhuma varinha mágica para resolver os problemas e para mudar as coisas que estão mal... Mas **escolhe e chama pessoas a quem confia a tarefa de lutar contra a injustiça e a maldade** que estragam o mundo e fazem sofrer tantos homens e mulheres; Deus escolhe, chama e

envia pessoas para mudarem o mundo e ajudarem os filhos e filhas de Deus a serem livres e felizes.

Foi precisamente isso que aconteceu com Moisés: Deus veio ao seu encontro, falou-lhe e pediu-lhe que aceitasse ir ao Egito libertar aquele Povo que era explorado e oprimido pelos egípcios. Moisés bem tentou arranjar desculpas, dizendo que não era a pessoa indicada, e que não sabia falar muito bem... Mas Deus não aceitou essas desculpas e insistiu até Moisés aceitar essa tarefa que Deus queria confiar-lhe. Moisés tornou-se, assim, uma pessoa que aceitou colaborar com Deus na construção de um mundo mais livre, mais bonito e mais feliz.

7. Reparaste que Deus disse a Moisés para não se preocupar, pois Ele próprio lhe ensinaria o que deveria dizer e o que deveria fazer? **Quando Deus entrega a alguém uma determinada tarefa, essa pessoa não está sozinha:** Deus está sempre com ela, ajudando-a, dando-lhe força e coragem para cumprir bem essa tarefa. Essa pessoa recebe a força de Deus para transformar o mundo e a vida das pessoas.
8. Sabes, isto não é uma história que se passou há mais de 3.000 anos e que nunca mais voltou a acontecer... Mas é uma história que continua a acontecer hoje, a todos os momentos. Deus continua a chamar pessoas, como chamou Moisés; Deus continua a chamar homens e mulheres a quem confia tarefas, a quem pede que lutem contra a injustiça, a quem envia para libertar os que sofrem, ou que estão tristes e desanimados... Deus serve-se de pessoas para construir o mundo.
9. Conheceis alguma pessoa do nosso tempo que lutou contra a injustiça e que ajudou os seus irmãos e irmãs a serem livres e felizes? (*Deixar as crianças indicarem nomes*). Muito bem! Para termos presente esses exemplos de pessoas boas e corajosas, vamos tomar nota dos seus nomes nas nossas **Barras Cronológicas** no espaço da catequese 11 (*depois de as crianças tomarem nota dos nomes, prossegue*):

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Também a cada um de vós, e a mim, Deus chama. E também nos confia tarefas no mundo: por exemplo, a mim, confiou-me a tarefa de ser vosso(a)

catequista; ao nosso(a) amigo(a) (*indicar o nome do convidado*) Deus chamou para (*passar rapidamente a palavra ao convidado, para que seja este a referi-lo, caso ainda esteja com o grupo; pedir às crianças para registar o seu nome na lista de testemunhos, em elaboração*). E Deus conta convosco... e como? (*deixar as crianças pronunciarem-se com alguma calma – porque é ao entendimento pessoal deste chamamento que queremos chegar nesta catequese – e prosseguir*):

Deus conta connosco – como contou com Moisés – para ajudarmos os homens e as mulheres que sofrem e que são vítimas das injustiças e da maldade de outros; Deus conta connosco para colaborarmos com Ele na construção de um mundo de liberdade, de justiça e de paz. De um mundo feliz!

É verdade que Deus nos fala? Sim, é verdade. Talvez não ouçamos tão distintamente a sua voz como ouvimos a voz dos nossos pais, ou irmãos, ou amigos, quando chamam para fazerem os trabalhos de casa, ou ajudarem nalguma coisa; mas Deus fala ao nosso coração – numa voz que só nós ouvimos – e diz-nos o que quer de nós, qual a tarefa que quer que cada um de nós cumpras no mundo

2. Isto é muito importante, não acham? Deve mudar a nossa vida podermos compreender que Deus nos chama... É porque todos nós, pequenos ou grandes, somos muito importantes para Ele! Por isso, nós agora vamos responder-lhe, dizer a Deus que estamos agradecidos por Ele se preocupar com aqueles que sofrem injustiças e maldades, com aqueles que são prisioneiros, com aqueles que são maltratados e marginalizados... e por nos dar a oportunidade de partilhar as tarefas de construção da paz, da justiça, do bem, com todas as pessoas empenhadas na construção de um mundo feliz!

*Em círculo, na zona central da sala, é acesa a vela que está junto da Bíblia, e colocado o cajado de «Moisés» assim como alguns dos documentos apresentados pelo convidado-testemunha de missão (mesmo que na forma de projeção, que será feita na parede mais próxima); as crianças unem-se segurando uma corda cuja primeira ponta segura o convidado e a última envolve a Bíblia. O catequista explica:*

Esta corda é símbolo da unidade entre todos nós, que queremos aceitar o chamamento de Deus para participarmos na construção de um mundo de justiça, paz e bondade. Hoje também recebemos a graça de estar ligados ao

mundo e às suas necessidades de missão através deste(a) nosso(a) amigo(a), N..., que veio até nós mostrar-nos o que é uma vida de missão contada na primeira pessoa. Através do seu testemunho recebemos a força e a bênção de Deus, a quem queremos agradecer esta oportunidade maravilhosa que foi descobrir como é fazer o bem e amar o próximo, no mundo de hoje. Por ele(a), por aqueles e aquelas que lhe foram confiados, nós vamos rezar, cheios de alegria e gratidão.

*A oração deve estar registada numa folha, que vai circulando entre os leitores, ou pode ser projetada, caso se esteja a usar este sistema para apresentar os documentos do Convidado. Far-se-á intercalando o refrão do cântico "Deus quer a tua ajuda" (cantado ou escutando a gravação em CD), tal como se indica:*

*Todos:*

**Não te importes da raça nem da cor da pele  
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

*Catequista ou convidado:*

**Senhor Deus, nós te agradecemos**

*Criança 1:*

porque tu amas todos os teus filhos e filhas  
e não aceitas que alguns seres humanos  
escravizem e maltratem outros seres humanos.

*Todos:*

**Não te importes da raça nem da cor da pele  
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

*Catequista ou convidado:*

**Senhor Deus, nós te agradecemos**

*Criança 2:*

porque tu queres que todos os homens e mulheres vivam livres e felizes.

*Todos:*

**Não te importes da raça nem da cor da pele  
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

*Catequista ou convidado:*

**Senhor Deus, nós te agradecemos**

*Criança 3:*

porque escolhes, chamas e envias pessoas  
para lutar pela vida e pela liberdade de todos aqueles que, no mundo,  
são explorados, são oprimidos,  
ou não são respeitados na sua dignidade e nos seus direitos.

*Todos:*

**Não te importes da raça nem da cor da pele  
Ama a todos como irmãos e faz o bem (bis)**

*Todos:*

**Senhor Deus, tu és o Deus libertador e salvador!**

Terminam cantando o cântico:

**"Deus quer a tua ajuda".**

### **3. Compromisso**

*Depois de uns momentos de silêncio, o catequista prossegue:*

E agora vamos dizer a Deus que, quando nos chamar para uma tarefa – como chamou a Moisés – pode contar connosco... *(O catequista pede ao convidado ou a uma criança para segurar o cajado e refere:)* Este **cajado** representa muito do caminho que Moisés teve de fazer, à frente do seu Povo, em direção à liberdade. Através dele, o Senhor ajudou Moisés a cumprir a sua missão e vai, agora, ser símbolo do nosso compromisso. *(O catequista oferece a cada criança uma folha (10X10 cm) de papel colorido com a inscrição «Conta comigo, Senhor» - onde colocou anteriormente um pedaço de plasticina ou massa de fixação - e uma caneta, e explica:)*

Cada um vai escrever nesta folha o seu nome e o compromisso em favor da liberdade, da justiça, do bem, que vai assumir, já para esta semana. Mas, tomem muita atenção *(o catequista assegura que as crianças ouvem a sua explicação antes de começarem a tarefa):* há nas nossas vidas muita gente que necessita a nossa ajuda **mas**, tal como Moisés, nós somos fracos e precisamos de outra ajuda. Lembra-se do que ele disse a Deus? Exatamente... "tenho a boca e a língua pesadas"! E o que lhe respondeu o Senhor? É uma resposta muito bonita: «Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que

deverás dizer». Pois, o Senhor também nos diz isso e esta semana vamos comprometer-nos a vivê-lo. Como? Trabalhando muito bem: N..., que foi hoje nosso(a) convidado(a), no seu trabalho, na sua (*comunidade, família, ...*); eu, também no meu trabalho, que é ...(*o catequista explica a sua atividade profissional*) e na minha (*comunidade, família, ...*); e vós, na vossa família e na escola. É na escola que, também, o Senhor vos ensina o que devem dizer... porque a escola é, com a vossa família e a catequese, as experiências mais importantes para o vosso crescimento e a vossa formação. Tudo o que os professores lá vos ensinam é muito importante e todas as crianças devem ter uma atitude de esforço e compromisso com o trabalho da escola. O Senhor pede isso a cada um de vós. Além disso, na escola também está muita gente que precisa de vós, da vossa ajuda, do vosso amor. Assim, este é agora o vosso compromisso: cada um vai escrever que se compromete a trabalhar muito na escola, a esforçar-se por aprender; e, escreve, ainda, o nome de uma pessoa que precisa de ajuda e que vai mesmo ajudar, na escola (*depois do trabalho feito, a catequista divide o grupo em 4 pequenos grupos e prossegue:*)

Agora, os meninos e as meninas de cada um dos grupos, quando eu fizer sinal, vão aproximar-se da «vara de Moisés», que representa a ajuda que nós precisamos para nos comprometermos pelo bem, pela justiça e pela liberdade e, enquanto vos leio/vos lê o N... uma expressão desse compromisso, vão colocar a sua folha na vara. Depois, antes de voltarem para o lugar, dizem todos: «Conta comigo, Senhor».

*Catequista/convidado:*

Senhor Deus, eu sei que tu não aceitas que as pessoas sejam oprimidas e exploradas... Quando precisares de alguém para ajudar quem é maltratado,

*Crianças (colocando o seu compromisso na vara):*

Conta comigo, Senhor.

*Catequista/convidado:*

Senhor, eu sei que tu não queres que as pessoas sejam infelizes, abandonadas e marginalizadas... Quando precisares de alguém que vá ao encontro dos outros para os ajudar a sorrir e a ter esperança,

*Crianças (colocando o seu compromisso na vara):*

Conta comigo, Senhor.

*Catequista/convidado:*

Senhor, eu sei que tu não queres a guerra, a violência, as lutas; eu sei que tu queres que todos se amem e deem as mãos... Quando precisares de alguém para construir a paz, para ajudar as pessoas a serem amigas e irmãs,

*Crianças (colocando o seu compromisso na vara):* Conta comigo, Senhor.

*Catequista/convidado:* Senhor, eu sei que tu não queres que fiquemos de braços cruzados, sem nada fazer, quando tantas coisas más acontecem no mundo... Quando precisares de alguém que vá, em nome de ti, lutar contra as injustiças e as maldades que fazem sofrer tantas pessoas, nós **todos** te diremos:

*Todos:* Conta comigo, Senhor.

4. *Antes de as crianças saírem, o catequista pede:* Para não se esquecerem deste compromisso – aqui feito, mas para viver ao longo da semana – quando chegarem a casa vão registá-lo no vosso catecismo, na página 52 e, cada dia, antes de dormir, vão avaliar o seu cumprimento e rezar para que o Senhor vos ajude a manterem-se fiéis à vossa promessa e a aprenderem cada vez mais. Podem rezar uma dezena do Terço, se vos parecer bem. O Senhor, que conta convosco para mudar o mundo, quer que aproveiteis bem as vossas oportunidades de aprendizagem e crescimento, para serdes pessoas fortes e válidas, no mundo.

### *Para guardar na memória e no coração*

Conta comigo, Senhor, para mudar o mundo. Sei que Deus quer a minha ajuda para amar e fazer o bem. O meu "Sim!" a Deus é um Projeto de Felicidade.

## O DEUS LIBERTADOR

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

**1. Deus não ficou indiferente ao projeto de morte que ameaçava a vida e o futuro do seu Povo, no Egito...** Como vimos no nosso encontro anterior, para conduzir o processo de libertação que havia de devolver ao seu Povo a vida e o futuro, Deus escolheu um homem – Moisés – e enviou-o ao Egito. O “rosto” humano da libertação é Moisés; o “arquiteto” da libertação, o “condutor” de todo o processo é Deus.

O “Livro do Êxodo” apresenta as fases e vicissitudes desse projeto libertador que irá fazer sair o Povo de Deus da terra da escravidão, ao encontro da liberdade, do futuro, da vida. Convém, contudo, recordar, que o “Livro do Êxodo” não é o “diário” do processo revolucionário que conduz um povo à liberdade (como se se tratasse de uma reportagem objetiva de acontecimentos históricos), mas é um livro de catequese que pretende apenas apresentar uma experiência religiosa vital para o Povo de Deus: o Deus em que acreditamos não aceita a injustiça, a exploração, um mundo dominado por dinamismos de escravidão e de morte; o nosso Deus é o Deus que tem para nós um projeto de vida e que está sempre disposto a ir ao encontro do seu Povo para o libertar e salvar.

“Êxodo” significa “saída”: essa palavra passou a designar, no imaginário judaico, esse momento extraordinário em que o Povo de Deus “saiu” da escravidão, esse momento em que o projeto de morte do faraó foi vencido pelo projeto de vida de Deus.

#### **2. O regresso de Moisés ao Egito**

Dando sequência à missão que Deus lhe confiou, Moisés partiu para o Egito (cf. Ex 4,18-28) e apresentou aos hebreus as “credenciais” que o habilitavam para ser, em nome de Deus, o libertador dos filhos de Israel (cf. 4,19-31).

Depois de ser aceite pelos líderes dos hebreus, Moisés tenta a "via legal": apresenta-se diante do faraó do Egito (trata-se de algo impensável no Egito dos faraós e que, portanto, não é histórico) e exige, em nome de Deus, que os hebreus sejam autorizados a interromper os trabalhos por alguns dias para ir ao deserto adorar o Senhor (cf. Ex 5,1-5). A resposta do faraó traduz-se na intensificação da repressão e no aumento da carga de trabalhos (cf. Ex 5,6-19). Tal facto provoca a primeira crise no processo revolucionário: Moisés é acusado pelos líderes dos hebreus de estar a criar uma situação de rutura com a ordem instituída que irá apenas ter como consequência o tornar ainda mais difícil a situação real dos escravos hebreus. É um elemento que está sempre presente em situações deste tipo: uma boa parte dos explorados prefere acomodar-se ao risco conhecido do que arriscar tudo para ser livre. Ou, neste caso, os líderes da comunidade hebraica parecem mais dispostos a entregar a sua existência nas mãos de um poder humano opressor e injusto do que confiar em Deus.

Questionado pelos líderes dos hebreus, Moisés sente, pela primeira vez, dúvidas sobre a eficácia daquele projeto libertador e expressa, diante de Deus, a sua perturbação; mas Deus reafirma-lhe a sua vontade de não retroceder, de triunfar sobre os poderes da escravidão e da morte, e de levar para a frente o processo de libertação do seu Povo (cf. Ex 5,22-6,1). Tal facto mostra a decisão de Deus, a firmeza da sua vontade em dirigir um processo de libertação em favor do seu Povo; tal facto mostra que a vontade de salvar o seu Povo é total e irreversível.

### **3. As "pragas" do Egito**

A "via legal" para a libertação dos escravos hebreus faliu; mas Deus – mais do que nunca decidido a oferecer ao seu Povo a vida e a liberdade – não esgotou os seus recursos e vai explorar outros caminhos.

Para nos dizer isto, a catequese de Israel lançará mão das famosas "pragas" do Egito (cf. Ex 7,8-11,10): elas serão o cenário utilizado pelos catequistas do Povo de Deus para "dizer" o empenho de Deus no processo da libertação. Os fenómenos apresentados como "pragas" enviadas por Deus são fenómenos relativamente conhecidos e frequentes, quer no Egito antigo, quer mesmo no Egito recente. As rãs, os mosquitos, as moscas, são "pragas" normais numa terra submetida aos caprichos de um rio, às suas inundações periódicas; a invasão dos gafanhotos é uma realidade bem conhecida de diversos países do norte de África e do sul da Europa; as "trevas" que impediram de ver o sol terão, provavelmente, a ver com os fortes ventos do deserto que, sobretudo

no início da primavera, levantam tempestades de areia e que impedem de ver a luz do sol durante dias; as doenças e as úlceras que atingem homens e animais eram uma realidade, infelizmente, comuns numa terra onde a falta de água ou a presença de águas inquinadas não favoreciam cuidados elementares de higiene.

Trata-se, portanto, de fenómenos naturais, bem conhecidos dos egípcios; contudo, esses fenómenos naturais ficaram na memória dos israelitas que estiveram no Egito e foram, muito tempo depois, interpretados como autênticas catástrofes enviadas por Jahwéh para dizer aos opressores que não tolerava a injustiça e a exploração. As "pragas" passaram assim a ser, na catequese de Israel, "sinais" da intervenção de Jahwéh e da sua decisão em levar a cabo a libertação do seu Povo.

Com esta "catequese", a fé viva de Israel quis sublinhar o poder extraordinário de Jahwéh, que enfrentou com êxito o enorme poderio do faraó; quis mostrar que Jahwéh é um Deus infinitamente superior aos deuses egípcios; quis afirmar a sua confiança num Deus que controla as forças assustadoras da natureza, pois comanda os flagelos e usa-os para concretizar os seus planos; quis sublinhar a solicitude e a intensidade (por isso as pragas são tantas e tão duras) da solicitude e do amor de Deus pelo seu Povo; e, sobretudo, quis afirmar que Jahwéh, o Deus nacional, é o Deus salvador e libertador, que não suporta a injustiça nem a opressão, que não fica de braços cruzados diante do sofrimento do seu povo, que não está do lado dos opressores, mas ama e liberta os oprimidos.

#### **4. A noite da fuga dos escravos e a celebração da Páscoa**

O texto bíblico liga a última "praga" e a saída do Egito com um ritual, conhecido como "Páscoa": na noite em que Deus castiga os egípcios com a morte dos primogénitos, os israelitas celebram a Páscoa; o ritual livra-os da "praga"; e, nessa mesma noite, saem do Egito (Ex 12,1-28).

A "Páscoa" – ou, em hebraico, "Pesah" – era uma festa de pastores nómadas, celebrada muito tempo antes da libertação dos hebreus do Egito. Tinha lugar na primavera e comportava o sacrifício de um animal jovem (nascido no ano anterior), para obter a fecundidade e a prosperidade do gado. O animal era assado nas brasas, modo habitual de confeccionar os alimentos entre os nómadas. Dado o seu carácter de ritual sagrado, não era permitido que sobrasse o que quer que fosse; o sangue era utilizado para marcar as estacas da tenda, sinal sagrado que afastava os espíritos malignos do acampamento. Os outros detalhes acentuavam ainda mais o carácter de festa nómada: comia-se

o animal com pães sem fermento (é, ainda hoje, o pão dos beduínos) e com ervas amargas (plantas do deserto, que os beduínos escolhem e confeccionam para variar o seu frugal alimento). Os convivas deviam ter o cinto posto, as sandálias nos pés e o cajado na mão, como se estivessem preparados para partir em viagem (talvez o ritual antecederesse a partida para a transumância da primavera).

Porque é que esta festa de pastores semi-nómadas aparece ligada ao acontecimento da saída do Egipto? Porque numa certa primavera, muito próximo de 1250 a.C., quando os escravos hebreus estavam a celebrar a antiga festa nómada da "Pesah", aconteceu a libertação da opressão egípcia. A partir dessa altura, a antiga festa passou a celebrar uma intervenção libertadora e salvadora de Deus na vida do seu povo; e, cada ano, pela mesma altura, os israelitas que celebravam a Páscoa faziam "memória" do Deus libertador e da saída do Egipto.

Na linguagem bíblica, "fazer memória" não significa, apenas, "recordar um acontecimento"; mas significa, também, "atualizar" o significado, "repetir" o gesto e o momento, "participar" naquele evento. Portanto, sempre que (hoje, ou no futuro) um israelita celebra a Páscoa, está a atualizar aquele acontecimento libertador, está a revivê-lo, está a receber do Deus libertador o dom da liberdade, está a proclamar a sua certeza de que Deus não deixará jamais de oferecer ao seu Povo a vida e a liberdade.

## **5. A passagem do Mar**

O passo final para o caminho da liberdade é dado pelos hebreus ao atravessar o "Mar". Para trás ficou a terra da escravidão; para a frente abria-se a estrada para a terra da liberdade.

De acordo com o "Livro do Êxodo", os escravos hebreus em fuga chegaram, a dado momento da caminhada, diante do "mar" (cf. Ex 14,8-14). Não é claro de que "mar" se trata: se é o Mar Vermelho ou uma zona alagadiça mais a norte, junto do Mar Mediterrâneo... O que interessa é que o grupo de escravos que fugia e que era perseguida por uma força armada egípcia viu, de repente, a sua fuga para a liberdade cortada por uma extensão de água. Contudo, o grupo de fugitivos conseguiu passar através da água (cf. Ex 14,15-31). Os hebreus viram, nesse facto, a ação do Deus libertador, a lutar pela vida e pela liberdade do seu Povo.

É provável que essa "passagem do mar" não tenha sido um acontecimento sobrenatural e inexplicável... Há quem fale, por exemplo, de um maremoto, que teria feito recuar as águas; ou de um terreno pantanoso, que enredou os

carros militares egípcios mas permitiu aos escravos fugitivos passar com relativa facilidade; ou ainda de uma zona de água pouco profunda, onde era possível, na maré baixa, atravessar com alguma facilidade (o grupo de hebreus fugitivos, chegado primeiro àquele local, encontrou a maré baixa e conseguiu passar, mas os egípcios, chegados algumas horas mais tarde, já não conseguiram passar e perderam de vista os escravos que fugiam)... Mas, a “explicação” do fenómeno não é o mais importante; o que é significativo é o que a catequese de Israel viu naquele acontecimento.

«Os dados são estes: houve um grupo de fugitivos hebreus que deixou o Egito, foi perseguido por tropas bem treinadas; esse grupo de fugitivos encontrou-se, a dado passo, encurralado entre o exército perseguidor e uma extensão de água. Apesar do desespero da situação, os perseguidos conseguiram ludibriar o exército perseguidor e internar-se na segurança do deserto. Numa expressiva atitude de fé, viram nesse facto o dedo de Deus: foi Jahwéh que os salvou, que os libertou das mãos dos inimigos e lhes permitiu alcançar a liberdade.

A partir daqui, a história da “passagem do mar” passou a constituir uma página de catequese em que Israel expressava a sua fé no Deus que salva e a sua gratidão para com esse Deus que luta pela libertação do seu Povo. A narração que chegou até nós, não descreve o facto; interpreta-o numa perspectiva de fé. Para os catequistas de Israel, mais do que fazer a reportagem histórica do acontecimento, o que interessa é gritar a todos esta convicção profunda que, a partir de então, encheu os corações dos israelitas: a libertação da opressão, a fuga da escravidão, a passagem à liberdade, é obra de Deus... Israel deve recordar continuamente – hoje, amanhã e sempre – este facto e confiar neste Deus libertador e salvador, que ama e protege o seu povo e que está permanentemente preparado para intervir em defesa dos oprimidos, dos explorados, das vítimas da opressão dos grandes deste mundo.

A história da maravilhosa libertação do Egito sempre foi vista, pela comunidade do Povo de Deus, como um momento fundamental da sua experiência de fé e da sua descoberta de Deus... Aí, nesse momento concreto do seu caminho histórico, Israel encontrou-se com um Deus que provou, com a sua intervenção e ação, ser o Deus da liberdade e da vida, que não está disposto a virar as costas ao seu Povo e a deixá-lo prisioneiro da opressão e da morte. Israel concluiu que, se Deus era assim, podia continuar a confiar nele e a esperar dele a Vida e a salvação, sempre que se encontrasse em circunstâncias análogas. Assim, a história da libertação do Egito não foi, para os israelitas, um momento único e irrepetível da história da relação de Deus com os homens;

mas foi um acontecimento que estabeleceu um padrão e que mostrou a essência desse Deus que se aproximou do seu Povo para o salvar... Se Deus é assim – concluiu a catequese de Israel – podemos continuar a esperar as suas decisivas intervenções no sentido de nos salvar.

A partir daqui, o “Êxodo” passou a ser a “mãe de todas as libertações” – o processo que explica e garante todas as ulteriores intervenções libertadoras de Deus na vida e na história do seu Povo.

## **OBJETIVOS**

- Reforçar a ideia de que Deus tem um projeto de Vida e de salvação para o seu Povo através do conhecimento mais aprofundado da história maravilhosa da libertação do Povo de Deus, oprimido e escravizado pelo faraó do Egito.
- Perceber que a ação de Deus no sentido de libertar os hebreus não foi uma ação isolada e irrepetível, mas constitui um padrão que define a modo de ser de Deus; e que, portanto, podemos esperar intervenções semelhantes de Deus sempre que a morte e a opressão nos cercarem.
- Confiar neste Deus que salva e liberta, e fazer com que ela se sinta feliz por pertencer a um Povo que Deus acompanha, no seu caminho histórico, com solicitude e amor.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Todas as catequese devem começar pela avaliação do compromisso feito no final da catequese anterior, pois, como se pretende converter as crianças à adoção de uma perspectiva de vida fundada no amor de Deus e na missão em favor do bem, da justiça e da liberdade, tal só é possível se as crianças forem orientadas e acompanhadas na experiência de viver segundo a vontade de Deus e numa atitude real e prática de descoberta do projeto que Deus tem para cada pessoa. Nesta catequese, essa avaliação constituirá, mesmo, a Experiência Humana.
2. O catequista deve procurar ser cuidadoso e hábil na preparação do «poster» a exibir na Experiência Humana porque essa exibição deve ser vivida pelas crianças como uma recompensa pelo seu esforço; a partir dele, constrói a ligação cognitiva e emocional ao texto da Palavra que hoje será apresentado, sempre com o máximo de contributo das crianças.

## MATERIAIS

- Poster – montado numa folha de cenário/cartolinas ou em formato digital – preparado pelo catequista com as folhas do compromisso das crianças (catequese 11);
- Imagens (impressas ou digitalizadas) de situações de injustiça e sofrimento, centradas em crianças, adequadas à ilustração das situações que as crianças decidiram socorrer no seu compromisso;
- Equipamento adequado de projeção ou placar;
- Bíblia;
- Fotos, recortes de jornais ou imagens digitalizadas (no caso de usar um PowerPoint), com crianças e que ilustrem as tristes situações que as crianças procuraram socorrer (indicadas na catequese 11);
- Dístico “MOISÉS”;
- Dístico “Páscoa”;
- Dístico “Deus liberta e salva”;
- Poster com a frase “Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!”
- Cartão ou folha com a oração final, um para cada criança;

## MÚSICA

- “Deus quer a tua ajuda”.

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Lembram-se de na nossa catequese anterior termos pensado em pessoas do nosso tempo que lutam contra a injustiça e que ajudam os seus irmãos e irmãs a serem livres e felizes? (*Deixar as crianças recordarem os nomes ou lerem-nos a partir dos registos feitos na Barra Cronológica*). Também nós tivemos aqui um testemunho especial de alguém que trabalha pelo bem dos outros... (*recuperar a Experiência Humana da catequese 11, recordando os seus aspetos essenciais*).

Como nós vimos, também a cada um de vós, e a mim, Deus chama. E também nos confia tarefas no mundo: por exemplo, a mim, confiou-me a tarefa de ser

vosso(a) catequista. E a cada um de vós, já na semana passada, falando convosco através do que vivemos na catequese, Deus disse-vos que contava convosco, não foi? *(deixar as crianças recordarem-se da Expressão de Fé vivida pelo grupo e prosseguir):*

Deus conta connosco – como contou com Moisés – para ajudarmos os homens e as mulheres que sofrem e que são vítimas das injustiças e do mal, Deus conta connosco para colaborarmos com Ele na construção de um mundo de liberdade, de justiça e de paz. De um mundo feliz! Foi precisamente isso que nós aprendemos na catequese! Mas que grande responsabilidade, não é?

É de tal maneira importante e sério que nós aqui dissemos que compreender que Deus nos chama deve mudar a nossa vida! E nós fomos suficientemente corajosos para lhe responder que aceitávamos esta missão, este desafio? *(deixar as crianças exprimirem-se e encaminhá-las para:)* Dissemos! Até dissemos de uma maneira bonita, que nós queríamos que fosse especial. Não foi logo tudo de uma vez, pois não? Estão recordados?

*O catequista mostra às crianças a corda que usaram na Expressão de fé e relembra, procurando que sejam as crianças a concluir as ideias principais:* Esta corda foi o símbolo que representou a unidade entre todos nós e que também nos ligou ao ... testemunho que aqui recebemos ... esse testemunho foi uma graça especial que o Senhor nos ofereceu como chamamento para a ... missão. Através do nosso(a) amigo(a) N... *(ou, em caso disso, referir)* da história da Margarida, recebemos a força e a bênção de Deus, a quem quisemos agradecer a oportunidade maravilhosa que foi descobrir como é fazer o bem e amar o próximo, no mundo de hoje, rezámos cheios de alegria e gratidão. Podemos rezar de novo, cantando:

**"Deus quer a tua ajuda" (refrão).**

Pois, realmente, pequenos ou grandes, Cristo quer a nossa ajuda para amar! A ajuda do (N...), a ajuda da (N...) ... *(o catequista vai indicando o nome de cada uma das crianças e finaliza:)* ... a minha ajuda, também, tal como quis e pediu a ajuda das pessoas cujos nomes nós registámos.

E foi muito bonito quando nós rezámos para agradecer a Deus o seu amor pelas pessoas, a forma como se opõe à escravatura, aos maus-tratos, à exploração, à opressão, e como nos ensina a escolher a liberdade e a felicidade

para todos. Aqui na catequese, com tantos relatos de pessoas que Deus chamou para proteger, para encaminhar, para ensinar o seu povo, nós fomos aprendendo qual é o desafio que nos coloca a nós, concretamente, na defesa da dignidade das pessoas, do seu direito a uma vida boa, digna e feliz. Cristo quer a nossa ajuda para amar!

2. Ora bem, nós, então, depois de termos aprendido todas as coisas maravilhosas que vimos e escutámos, já fomos fazendo uns progressos. Já fomos crescendo um bocadinho... andando um pouco no caminho que Deus imaginou para nós... E como é que isso foi possível? (*deixar as crianças pronunciarem-se*) Através do nosso compromisso para esta semana!

Pois, nós partimos do texto da Palavra que escutámos... Ora abram lá a página 52 do vosso catecismo. Diz aí que Deus... conta comigo, muito bem! Mas isso às vezes pode ser um pouco aflitivo, não é? Pensamos, se calhar, como Moisés que... muito bem, que não somos capazes! Mas Deus teve uma solução para Moisés, não foi? Está mesmo aí registada: N... , podes ler-nos o que Deus respondeu a Moisés? (*a criança indicada lê no catecismo a frase «Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que deverás dizer»*). E, então, o que é que esta frase nos levou a pensar? N... gostava que nos recordasses como foi o princípio do nosso compromisso. (*auxiliar a criança indicada a recuperar a experiência, permitindo que as demais, com ordem e mostrando respeito, vão completando o relato*):

Cada um escreveu numa folha o seu nome e o compromisso de trabalhar muito bem na vossa família e na escola. E porquê? (*com a colaboração das crianças:*) Porque é na escola que, também, o Senhor vos ensina o que devemos dizer... porque a escola é, com a vossa família e a catequese, as experiências mais importantes para o vosso crescimento e a vossa formação. Tudo o que os professores lá vos ensinam é muito importante e todas as crianças devem ter uma atitude de esforço e compromisso com o trabalho da escola. O Senhor pede isso a cada um de vós.

Agora, sempre com o vosso catecismo na mão, cada um vai explicar como é que tentou cumprir este compromisso (*recorrendo ao registo colocado no catecismo, ouvir cada uma das crianças, procurando incentivá-las a trabalhar e a tornarem-se fortes e sábias para poderem fazer bem o que Deus lhes pede*).

Muito bem! Mas, além disso, na escola também está muita gente que precisa de vós, da vossa ajuda, do vosso amor e sei que pensastes nisso com muita dedicação e carinho. Por isso, preparei-vos uma surpresa *(o catequista mostra, no formato de poster ou no formato digital, o poster que preparou com as folhas do compromisso das crianças)*. Está muito bonito! Não por causa do arranjo que se conseguiu, mas por causa daquilo que vós tentaste fazer. Este poster é *(o catequista mostra o cajado «de Moisés»)* a vara com que vão conseguir fazer o caminho que o Senhor tem para vós, é a vara que vos vai ajudar a manter vivo o vosso compromisso com o bem, a justiça e a liberdade.

Para podermos prosseguir neste nosso caminho, agora gostava que cada um nos contasse porque é que aquela pessoa que quis ajudar realmente precisava da sua ajuda. N... está aqui o nome de...*(o catequista lê uma das folhas)* e o compromisso de ... podes explicar-nos a situação?

*O catequista vai conduzindo as crianças a explicarem as situações de injustiça, maldade, ... , que lhes chamaram a atenção, procurando chegar às seguintes conclusões:*

- *Há pessoas que não são respeitadas pelos outros, os seus direitos são violados, a sua dignidade é maltratada, a sua liberdade não merece consideração...*
- *Há pessoas que vivem isoladas, sós, oprimidas, magoadas, em sofrimento...*

*Conforme as crianças vão relatando as suas experiências, o catequista procura colocar junto do seu compromisso fotos, recortes de jornais ou imagens digitalizadas (no caso de usar um PowerPoint), com crianças, porque se trata da vida na escola, que ilustrem as tristes situações que as crianças procuraram socorrer e pede-lhes para relatarem brevemente que alívio/ajuda procuraram levar a essas pessoas.*

- 3.** *Olhem, todas as situações que nos contaram são muito tristes mas é corajoso e bom o contributo para a sua resolução que cada um procurou dar (o catequista pode partilhar a situação de luta pela justiça e o bem em que se procurou envolver, também, durante esta semana). Ao longo da sua história, o Povo de Deus conheceu situações semelhantes... No encontro de catequese da passada semana, falámos da situação de escravidão dos hebreus no Egito...*

Eles eram como os vossos colegas, amigos ou conhecidos, um grupo de pessoas assustadas e privadas de liberdade por causa de um poder injusto, neste caso, o poder do faraó do Egito...

Lembram-se de dizermos que esse Povo oprimido pediu a ajuda de Deus e que Deus começou a preparar um plano para o libertar?

Como já sabemos, Deus respondeu-lhes escolhendo um homem – Moisés – para dirigir o processo de libertação desse Povo... Deus, como cada um de vós experimentou durante esta semana, preocupa-se quando alguém é maltratado e injustiçado e intervém para corrigir a situação. Com as pessoas que nos rodeiam, interveio fazendo de cada um de nós um instrumento de bondade e liberdade.

Para aprofundarmos a nossa confiança em Deus e para aprendermos, ainda melhor, a ser esse instrumento, hoje vamos ouvir o resto da história: o que é que Deus fez para **devolver a Vida e a liberdade ao seu Povo**. Vamos conhecer como Moisés foi o grande libertador, a figura que nos ensina, a nós, aqui mesmo, a aceitar o desafio da mudança e a não desanimar. Moisés é um modelo para nós.

E, digo-vos, esta é uma história antiga – lembram-se dos trajes que usámos, tão diferentes dos nossos? - mas que está muito próxima de nós, porque quando cada um se decidiu a trabalhar muito na escola e em casa, para crescer mais forte e mais sábio, já estava a aceitar fazer uma importante mudança na sua vida: aprender coisas boas e úteis, que nos tornam mais sábios e mais fortes, é uma mudança maravilhosa em cada um de nós.

## II. PALAVRA

### 1. Agora vamos escutar a história que os catequistas bíblicos nos contaram de Moisés - quem foi e o que fez pelo povo de Deus?

**Moisés**, o libertador chamado e enviado por Deus, foi ao Egito pedir ao faraó (era esse o título dado ao rei do Egito) que deixasse de oprimir e escravizar o Povo de Deus (cf. Ex 4,18-5,3).

Deus, quando quer mudar alguma coisa no mundo, quando quer ajudar as pessoas a serem mais felizes, muitas vezes chama homens ou mulheres e envia-os com essa missão (*O catequista coloca o **dístico** "MOISÉS" no centro do placar*).

Contudo, o faraó do Egito não aceitou o pedido de Deus, feito pela boca de Moisés... Pelo contrário, mandou os seus capatazes (aqueles que dirigiam os trabalhos e que castigavam quem não cumpria as ordens do rei) obrigar o Povo de Deus a trabalhar ainda mais, em condições mais difíceis (cf. Ex 5,4-18).

O Povo de Deus ficou triste e desanimado: até parecia que o faraó era mais poderoso do que Deus... Como é que seria possível vencer um homem tão poderoso e com um coração tão duro?

Mas Deus não tinha sido vencido, nem tinha desistido de ajudar o seu Povo... Deus procurou que o faraó entendesse que a opressão e a maldade não ajudavam ninguém – nem o Povo de Deus, nem os egípcios, nem o faraó...

**É verdade: a maldade, a injustiça, o egoísmo nunca fazem bem a ninguém, nem sequer àqueles que cometem esses atos...**

Ao longo do ano tiveram lugar, na terra do Egito, algumas catástrofes naturais: inundações, invasões de rãs, pragas de moscas e de mosquitos, doenças que afetaram homens e animais, ventos fortes que levantavam o pó do deserto e escureciam o sol (cf. Ex 7,14-10,29)...

Eram acontecimentos naturais, que apareciam de vez em quando; no entanto, quando apareceram dessa vez, o faraó, os egípcios e, também, o Povo de Deus, interpretaram esses acontecimentos como um sinal de Deus – um sinal enviado ao faraó e aos egípcios para os fazer perceber que a opressão, a injustiça, a maldade não estavam certas.

## **2. O faraó e os egípcios perceberam essa mensagem...**

Perceberam que Deus não concordava que eles fizessem mal a outros povos... Aprenderam a lição e o faraó deixou o Povo de Deus sair daquela terra de escravidão e de sofrimento.

Na noite em que saiu do Egito, o Povo de Deus celebrou uma festa, uma festa anual, que era celebrada todos os anos no início da primavera, mas que, dessa vez, coincidiu com a data em que se tornaram livres. Qual o nome que davam a essa festa?

*O catequista dá um espaço ao diálogo, pois as crianças já ouviram em anos anteriores falar na Páscoa. De seguida deve dar continuidade à apresentação do tema:*

A festa da Páscoa (em hebraico, "Pesah"), uma festa em que se comia um cordeiro assado, juntamente com pão especialmente preparado para essa ocasião e algumas ervas (cf. Ex 12,1-28). Nos anos seguintes (após a saída do Egito), quando chegava a data de celebrar essa festa, os israelitas

celebravam e recordavam essa noite em que deixaram a terra do sofrimento e da escravidão para partirem ao encontro da liberdade.

Para o Povo de Deus, a Páscoa significa o momento em que Deus os libertou da opressão, do sofrimento e da morte. Ainda hoje os judeus continuam a celebrar essa festa, todos os anos, e a recordar-se, nessa data, de que Deus não aceita a opressão e quer salvar os seus filhos e filhas...

Os cristãos também celebram essa festa; e celebram, nesse dia, o momento em que Jesus Cristo os libertou da escravidão e da morte...

*(O catequista coloca o **dístico** "Páscoa" sob o **dístico** "MOISÉS").*

Voltaremos, mais à frente, num outro encontro, a falar da Páscoa que os cristãos celebram. Agora vamos verificar o que aconteceu com Moisés e aqueles que ele foi chamado a guiar.

Será que depois de o faraó deixar sair o Povo de Deus, tudo correu bem?

*(Aqui um novo momento para o catequista dialogar e aproveitar os conhecimentos das crianças)* Não. *(O catequista continua):* O perigo ainda não tinha passado completamente... Algumas horas depois de o Povo de Deus ter começado a caminhar, o faraó arrependeu-se de ter deixado partir os seus escravos, pois ia ficar sem o seu trabalho... Enviou um grande grupo de soldados, com os seus carros de guerra, para apanhar esses escravos que caminhavam para a liberdade e para os obrigar a voltar de novo ao Egito, à terra da escravidão (cf. Ex 14,5-9)...

Em dada altura, o grupo que caminhava com Moisés chegou diante de um Mar de água... Ao olhar para trás, os israelitas descobriram, ao longe, os soldados egípcios que vinham apanhá-los... Desanimaram de novo (cf. Ex 14,10-12)...

Será que Deus ia deixar que eles fossem apanhados e tivessem de regressar à escravidão? Será que Deus os tinha abandonado e já não queria ajudá-los?

Por intermédio de Moisés, Deus pediu ao Povo que não tivesse medo e prometeu-lhe que o ia salvar (cf. Ex 14,13-14). O que aconteceu, vamos agora descobrir com a leitura da Palavra.

*O catequista escolhe as crianças que o acompanharão na leitura – também pode entregar os trechos do narrador a uma criança que leia bem - enquanto as restantes seguem pelas suas Bíblias:* Agora vamos ouvir o que Deus fez para salvar o seu Povo (**Ex 14,15-16. 21-31**):

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Êxodo.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/narrador:*

**O Senhor disse a Moisés:**

*Criança 1:*

**«Fala aos filhos de Israel e manda-os partir.**

**E tu, levanta a tua vara e estende a mão sobre o mar e divide-o, e que os filhos de Israel entrem pelo meio do mar, por terra seca».**

*Catequista/narrador:*

**Moisés estendeu a sua mão sobre o mar,**

**e o Senhor fez recuar o mar com um vento forte de oriente, toda a noite, e pôs o mar a seco.**

**As águas dividiram-se, e os filhos de Israel entraram no meio do mar, por terra seca,**

**e as águas eram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda.**

**Os egípcios perseguiram-nos, e todos os cavalos do faraó, os seus carros de guerra e os seus cavaleiros, entraram atrás deles para o meio do mar.**

**E aconteceu que, na vigília da manhã,**

**o Senhor olhou da coluna de fogo e da nuvem,**

**para o acampamento dos egípcios,**

**e lançou a confusão no acampamento dos egípcios.**

**Ele desviou as rodas dos seus carros de guerra, e eles conduziam com dificuldade.**

**Os egípcios disseram:**

*Criança 2:*

**«Fujamos diante de Israel,**

**porque o Senhor combate por eles contra o Egito».**

*Catequista/narrador:*

**O Senhor disse a Moisés:**

*Criança 1:*

**«Estende a tua mão sobre o mar, e que as águas voltem sobre os egípcios,**

**sobre os seus carros de guerra e sobre os seus cavaleiros».**

*Catequista/narrador:*

**Moisés estendeu a mão sobre o mar, e o mar voltou ao seu leito normal, ao raiar da manhã, e os egípcios a fugir foram ao seu encontro.**

**E o Senhor desfez-se dos egípcios no meio do mar.**

**As águas voltaram e cobriram os carros de guerra e os cavaleiros; De todo o exército do faraó que entrou atrás deles no mar, não ficou nenhum.**

**Os filhos de Israel caminharam em terra seca, pelo meio do mar, e as águas eram para eles um muro à sua direita e à sua esquerda.**

**O Senhor salvou, naquele dia, Israel das mãos do Egito, e Israel viu os egípcios mortos à beira do mar.**

**Israel viu a mão poderosa com que o Senhor atuou contra o Egito, o Povo temeu o Senhor e acreditou nele e em Moisés, seu servo.**

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

É uma história maravilhosa, não é verdade?

Este Deus que fez soprar o vento, provocando uma baixa-mar, a fim de que o seu Povo pudesse escapar das mãos dos seus perseguidores mostrou ali quem era: **o Deus libertador e salvador, que não aceita a opressão e a injustiça e que luta para dar ao seu Povo a Vida e a liberdade** (*o catequista coloca sob o dístico "Páscoa" o dístico "Deus liberta e salva".*)

Os israelitas ficaram muito contentes, como devem imaginar, com este presente que Deus lhes fez: a sua libertação da escravidão do Egito... Mais tarde, ao refletirem com calma sobre aquilo que tinha acontecido, eles chegaram a uma conclusão que ainda os alegrou mais (*colocando o dístico "Confiança sob dístico "Deus liberta e salva", prossegue:*)

Se Deus não aceitava a opressão e se preocupava em dar a liberdade a todos os que eram oprimidos e escravizados então, para o futuro, eles podiam confiar sempre nesse Deus e esperar que Ele os ajudasse quando tivessem um problema semelhante.

Diziam os israelitas: "se Deus não gosta daqueles que oprimem e magoam os outros homens e mulheres, Ele estará sempre pronto para combater a maldade, a injustiça, a exploração; se Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Ele estará sempre ao nosso lado para nos ajudar a vencer tudo aquilo

que nos oprime, que nos destrói, que nos faz sofrer... Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!"

*O catequista pede ao grupo que abra o seu catecismo na página 56 e solicita a uma das crianças para ler a frase indicada «Para guardar na memória e no coração»:*

"Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!"

*O catequista coloca no placar o **poster** com a frase, ao lado do **dístico** "Deus liberta e salva", para ser valorizada e recordada ao longo das próximas catequeses.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Assim, sabendo que nada tinha a temer pois Deus estava sempre atento e preparado para salvar o seu Povo – como nós procurámos fazer com as pessoas nossas conhecidas, durante a semana que passou (*o catequista aponta para o poster*) Israel sentia-se feliz, seguro, confiante e livre.

Depois da passagem do Mar, Moisés e os israelitas cantaram um cântico de vitória, louvando a Deus por tudo o que tinha feito para salvar o seu Povo... É assim este cântico (**Ex 15,1-2. 3-4. 6. 13**):

*O catequista convida o grupo a escutar em silêncio a leitura feita por uma das crianças:*

**"Cantarei ao Senhor que é verdadeiramente grande:**

**cavalo e cavaleiro lançou no mar.**

**O Senhor é a minha força e a minha proteção:**

**a Ele devo a minha liberdade.**

**É este o meu Deus, glorificá-lo-ei;**

**O Deus de meu pai, exaltá-lo-ei!**

**O Senhor é um guerreiro:**

**Senhor é o seu nome.**

**Os carros do faraó e o seu exército Ele atirou ao mar;**

**e os seus combatentes escolhidos foram afundados no Mar dos Juncos.**

**A tua direita, Senhor, resplandeceu de força;**

**a tua direita, Senhor, apanhou o inimigo.  
Com o teu amor conduziste este povo que resgataste.  
Com o teu amor o guiaste para a tua morada santa”.**

Agora, com muita calma e silêncio, gostava que abrissem o vosso catecismo na página 55. Está aí registada uma frase que resume como nós nos sentimos, depois de termos escutado como Deus assistiu o seu Povo, o ajudou, perante a ameaça de escravidão e sofrimento que representavam aqueles egípcios. Diz assim (*o catequista lê ou pede a uma criança para ler*): «**Nada temos a temer porque Deus está connosco!**» É isso mesmo: nesta catequese descobrimos, com toda a certeza, de que nada devemos temer Deus nos ama e está connosco. Alguns anos depois do episódio que escutámos hoje na Palavra, um homem do Povo de Deus, referindo-se à ação libertadora de Deus, escreveu um texto muito bonito, que também está registado nesta página do vosso catecismo. É um salmo, uma das muitas orações e poemas que nós, este ano, temos continuado a descobrir: **Sl 98,1-9**. E nós, agora, agradecidos pela proteção e ajuda que o Senhor nos dá, vamos lê-lo seguindo as marcas colocadas junto do texto (o catequista propõe ao grupo uma divisão em dois sub-grupos, conforme melhor lhe pareça; um grupo lê as frases assinaladas com uma gota de água e o outro as frases assinaladas com a vara).

## **2. Compromisso:**

Vamos nós, também, recordar as vezes em que Deus nos ajudou e nos libertou? Vamos agradecer-lhe pelas vezes em que Ele, mesmo sem nós repararmos, cuidou de nós?

Neste sentido, proponho-vos um compromisso para esta semana: na vossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 12, cada dia, vamos registar uma coisa boa que nos aconteceu! Todos os dias, antes de dormirem e de rezarem, pensam um bocadinho na melhor coisa que vos aconteceu nesse dia e registam-na, para não a esquecerem. Depois, rezam como nós vamos agora rezar (*o catequista entrega a cada criança um cartão ou folha com a oração que vai ser feita, conforme se apresenta neste guia:*), agradecendo a ajuda de Deus na vossa vida.

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 1 – Quando eu tive medo, quando estava sozinho ou me senti perdido,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 2 – Quando eu enfrentei dificuldades e não sabia o que fazer,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 3 – Quando eu estive doente e com dores,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 4 – Quando eu dei ouvidos a colegas maus e fiz coisas erradas,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 5 – Quando eu estive em perigo, mesmo sem saber,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Leitor 6 – Quando alguém quis fazer-me mal e tu não deixaste,

**Todos: Obrigado, Senhor, porque me salvaste!**

Depois de ouvir esta maravilhosa mensagem vamos meditar em silêncio levando no nosso coração estas palavras que nos enchem de alegria e esperança num mundo melhor (*levar as crianças a fazer uns minutos de silêncio; pode colocar-se uma música de fundo, se isso ajudar a conseguir o seu sossego*). Finalmente, queria só pedir-vos para, ainda durante a próxima semana, relerem as páginas 86, 87 e 88 do vosso catecismo do ano passado e seria boa ideia se cada um o trouxesse para a nossa próxima catequese.

### *Para guardar na memória e no coração*

“Como Deus não gosta que as pessoas sejam oprimidas e magoadas, está sempre pronto para nos ajudar a combater a maldade, a injustiça, a exploração; como Deus gosta de ver os seus filhos e filhas livres e felizes, Aquilo que Ele fez ontem (no Egito), fá-lo-á hoje, amanhã, sempre!”

## O DEUS DA COMUNHÃO E DA ALIANÇA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. "A montanha" da aliança

Depois de deixarem o Egito, os hebreus internaram-se no deserto. "Na terceira lua-nova depois da saída dos filhos de Israel da terra do Egito, chegaram ao deserto do Sinai. Partiram de Refidim e chegaram ao deserto do Sinai e acamparam no deserto. Israel acampou lá, diante da montanha" (Ex 19,1-2). Será aí que Moisés vai propor ao Povo uma aliança com Jahwéh e que Israel vai aceitar ser o "Povo de Deus". Que monte é este onde os autores bíblicos vão situar a aliança entre Jahwéh e Israel?

No texto bíblico não temos indicações geográficas suficientes para identificar o monte da aliança. Em si, o nome "Sinai" designa uma enorme península de forma triangular, com mais ou menos 420 Km de extensão norte/sul, estendendo-se entre o golfo do Suez e o golfo da Áqaba. A norte, junto do mar mediterrânico, o Sinai apresenta uma faixa arenosa de 25 Km de largura; mas, à medida que descemos para sul, o território torna-se mais acidentado, com montanhas que chegam a atingir 2400 m de altitude. A península inteira é um deserto árido; não há, praticamente, vegetação (exceto em alguns pequenos oásis) e as comunicações são difíceis. Nesta enorme extensão desértica, onde situar geograficamente "a montanha" da aliança?

Não sabemos exatamente. Contudo, uma tradição cristã do séc. IV d.C. identifica a "montanha" com o Gebel Musah ("o monte de Moisés"), um monte com 2244 m de altitude, situado a sul da península sinaítica. Embora a identificação da "montanha da aliança" com este lugar levante alguns problemas, o Gebel Musah é, ainda hoje, um lugar de peregrinação para judeus e cristãos.

Contudo, mais importante do que determinar o lugar geográfico exato da montanha da aliança, é fixarmo-nos neste facto extraordinário que o texto bíblico sugere: o Deus libertador e salvador quer estabelecer laços de comunhão, laços de afeto, laços de família com os homens.

No texto hebraico da Bíblia, a relação que Deus quer estabelecer com o seu Povo é definida pela palavra hebraica "berit" (cf. Ex 24,8), palavra que se costuma traduzir por "aliança". Em que âmbito nos situa esta palavra? O que é que ela define?

## **2. As alianças no mundo antigo**

Antes de referir-se às relações dos homens com Deus, a "aliança" ("berit") é da esfera da experiência social e jurídica dos homens. Estes ligam-se entre si por pactos e contratos que implicam direitos e obrigações, muitas vezes recíprocos.

No mundo antigo, era raro o uso de documentos escritos. Em seu lugar, a palavra falada adquiria uma solenidade ritual e estabelecia compromissos que tinham valor de contrato escrito. As partes contraentes vinculavam-se por meio de um acordo ritual que continha terríveis ameaças contra a parte que, porventura, o violasse. Encontrámos contratos deste tipo ao longo de todo o Antigo Testamento: alianças de paz (cf. Gn 26,28; 31,44ss), alianças de irmãos (cf. Am 1,9), pactos de amizade (cf. 1 Sm 23,18) e mesmo casamentos (cf. Mal 2,14).

As partes contraentes não se encontravam necessariamente ao mesmo nível: o mais forte podia impor a sua vontade ao mais fraco, ou o vencedor ao vencido; também podia acontecer que fosse o inferior ou vencido a solicitar uma aliança ao mais forte: nesse caso, o mais poderoso estabelecia as condições.

O ato de selar o pacto seguia um ritual consagrado pelo uso... As partes contraentes comprometiam-se, em primeiro lugar, por um juramento. Depois, matavam-se animais, cortavam-se ao meio e os dois aliados passavam entre os animais mortos pronunciando imprecações contra os eventuais transgressores. Por fim, estabelecia-se um memorial: plantava-se uma árvore ou levantava-se uma pedra. Esse símbolo passava a ser, daí em diante, testemunha do pacto (Gn 21,33; 31,48ss). Vai ser à luz desta experiência que Israel vai representar a sua relação com Deus.

## **3. A Aliança entre Jahwéh e Israel**

Alguns estudiosos notaram uma grande semelhança entre alguns tratados políticos (por exemplo, os tratados de vassalagem, em que um vassalo se

comprometia com um senhor) e a estrutura literária da aliança do Sinai... Isso significa que Jahwéh é visto, pela catequese de Israel, como um "rei" todopoderoso que impõe ao vassalo um contrato jurídico? A relação "soberano/vassalo" expressa, realmente, a natureza da relação entre Deus e o seu Povo?

Não. A semelhança literária entre os tratados políticos utilizados por vários povos do mundo antigo e o texto do Êxodo que apresenta a aliança do Sinai significa, apenas, que Israel usou formulários jurídicos conhecidos no mundo do Crescente Fértil para exprimir literariamente a sua relação com Deus, o seu compromisso com Deus... Embora o Deus da aliança do Sinai seja, verdadeiramente, um "Senhor" infinitamente poderoso e onipotente, Israel não é o vassalo sem direitos e sem voz, a quem o "senhor" impõe obrigações rígidas e indiscutíveis; mas é o Povo que Deus ama, que Deus elegeu entre todos os povos da terra, que Deus acompanhou a par e passo desde o Egito, ao longo do deserto árido e estéril. A aliança do Sinai não é um contrato jurídico entre dois "partners" desiguais, destinada a regular a colaboração obrigatória do vassalo com o seu "senhor"; mas é um "dom", uma graça, um ato gratuito de Deus, que quer vir ao encontro do seu Povo, que quer estabelecer com ele laços fortes, que quer viver com ele em diálogo e comunhão. A "aliança" é a expressão literária de uma história de amor e relação que Deus começou com Abraão e que agora quer prolongar na história com os descendentes dos patriarcas...

As palavras com que Deus propõe a Israel um compromisso – uma aliança – são bem elucidativas... "Vós vistes o que Eu fiz ao Egito, como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe até mim. E agora, se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque é minha a terra inteira. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,4-6). Ao propor ao seu Povo – através de Moisés – uma "aliança", Deus está a dizer que escolheu Israel para ser o Povo eleito, o Povo que vive uma relação especial com Deus, o Povo de Deus... Está a manifestar a sua vontade de estabelecer com Israel uma comunhão de vida, de criar com Israel laços especiais, laços de comunhão, laços de familiaridade, laços de afeto, laços de amor; está a pedir a Israel que aceite tornar-se um Povo especial, um Povo à parte entre todos os outros povos, um Povo dedicado ao serviço de Deus; está a dizer que quer fazer de Israel uma comunidade cultural dedicada ao seu serviço, regida pela sua Lei, depositária das suas promessas; está a pedir a Israel que aceite ser um "povo de sacerdotes e uma nação santa" (Ex 19,56), isto

é, um Povo encarregado de dar testemunho da vida e da salvação de Deus diante de todos os outros povos da terra. Esta "eleição", não é um privilégio que Deus dá a Israel; mas é um "serviço" que Deus pede ao seu Povo, um serviço que há de concretizar-se numa função profético-evangelizadora (na missão de ser testemunha da salvação de Deus). Percebemos agora que a libertação do Egito não foi apenas para que o Povo alcançasse a liberdade; mas foi para que este Povo pudesse livremente escolher Deus e dar testemunho de Deus no meio do mundo.

Na resposta ao desafio que Deus lhe põe, Israel aceita ser o Povo de Deus – isto é, aceita comprometer-se com Deus, viver em comunhão com Deus e dar testemunho da salvação de Deus diante dos outros povos: "Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos" (Ex 19,8).

Como é que Israel há de viver para ser o "Povo de Deus", para ser o Povo com quem Deus tem uma relação especial e que Deus escolheu para testemunhar o seu projeto diante de todos os povos da terra?

#### **4. O compromisso de Israel: ser o "Povo de Deus"**

Jahwéh apresenta ao seu Povo, por meio de Moisés, um conjunto de indicações práticas que definem o caminho que o Israel deve seguir para ser "Povo de Deus". Como se formulam essas indicações?

*O "Livro do Êxodo" apresenta, antes de mais, o "Decálogo", ou as "dez palavras" que contém o cerne da proposta de Deus (cf. Ex 20,2-17); mas depois desenvolve essas "dez palavras" num conjunto mais extenso de indicações práticas que integram o "código da aliança" (Ex 20,22-23,19), ou o "sefer berit" (Ex 24,7).*

O "Decálogo" abarca dois vetores fundamentais da existência humana (foi, talvez, por isso que a tradição judaica o dividiu em "duas tábuas"): a relação do homem com Deus e a relação que cada homem estabelece com o seu próximo.

No que diz respeito à relação com Deus, os "mandamentos" apresentados são de uma tremenda originalidade, particularmente os que exigem que Israel não tenha outros deuses e não utilize imagens no culto (o que contrasta com tudo o que sabemos sobre as religiões antigas). Por detrás disto está a consideração de que Israel é um Povo dedicado ao Senhor, cuja vocação é servir o Senhor e ser testemunha de Deus e do seu projeto no mundo... Por isso, Israel não deve prescindir de Deus para ir atrás de outras propostas de vida ou de salvação: tudo o que afastar Israel do seu Deus, constitui uma infidelidade à vocação fundamental que este Povo é chamado a viver.

Os “mandamentos” que dizem respeito às relações comunitárias exigem do Povo de Deus uma conduta moral coerente com a santidade de Deus, da qual o Povo de Deus deve ser testemunha... Procuram inculcar no Povo de Deus o respeito absoluto pelo próximo: a sua vida, a sua intimidade matrimonial, a sua liberdade, os seus direitos na comunidade jurídica, as suas possessões. Temos, aqui, a “magna carta” da liberdade e da justiça, do respeito pela pessoa – ou seja, desses valores que o Deus libertador e salvador exige que o seu Povo testemunhe diante de toda a humanidade.

Os “mandamentos” propostos por Deus não são uma limitação, uma forma de manter Israel “controlado”, um conjunto normativo que mantém o Povo “de rédea curta”, escravo de um caminho que é Deus que define? Não. Os “mandamentos” são normas que impedem que tanto o indivíduo como a comunidade se degradem e voltem a ser escravos, adorando deuses que alienam e escravizam, ou destruindo a vida e a liberdade dos outros homens e mulheres. O Deus que dá ao Povo as suas leis é o Deus libertador, o mesmo que escutou o clamor do seu povo oprimido. As suas normas não pretendem levar o povo a uma nova escravidão; mas nascem do inquestionável amor de Deus por Israel. São o caminho que Deus indica para tornar o seu Povo livre e feliz. E Israel deve, com o seu testemunho, mostrar esta realidade a todos os homens e mulheres, a todas as nações.

O “código da aliança” (cf. Ex 20,22-23,19), que aparece logo a seguir ao Decálogo, é um conjunto de prescrições, de disposições justas, sãs e sólidas que solucionam as dificuldades, explicam alguns princípios e ordenam a conduta dos homens nas situações comuns e variáveis da existência humana. Trata-se de uma aplicação do “Decálogo” à vida concreta, de uma concretização da aliança na vida do dia a dia. Mostra, com exemplos, como pode realizar-se a comunhão com Deus na existência. Sugere que a fé de Israel não é uma realidade abstrata ou fantasmagórica, mas é uma realidade que se deve viver em cada setor da vida prática.

## **5. Os acontecimentos do Sinai**

O que é aconteceu, exatamente, diante dessa “montanha” diante da qual Israel acampou, no deserto do Sinai? É possível reconstituir o acontecimento histórico que deu origem às tradições da aliança do Sinai?

Para os estudiosos das tradições sobre a aliança do Sinai, parece claro que o texto que chegou até nós não pretende descrever acontecimentos históricos. Muito provavelmente, o relato do Êxodo foi construído nos moldes de uma celebração cultural de uma época posterior (talvez de uma festa de renovação

da aliança celebrada no tempo do escritor). O "toque da trombeta" (Ex 19,13.16), a separação do Povo do local sagrado (Ex 19,12-13), os rituais de purificação (Ex 19,10.14), a presença de Deus no "monte" (Ex 19,12.18.20), tudo aponta para os rituais litúrgicos celebrados posteriormente nesse "Monte" onde Israel concentrou, muito mais tarde, o seu culto a Jahwéh: no "monte" onde se situava o Templo de Jerusalém.

Aos elementos característicos de um relato cultural, o narrador bíblico junta alguns elementos típicos dos cenários sobre os quais os autores sagrados gostavam de "pintar" as "manifestação de Deus" ("teofanias"): tempestade (Ex 19,16), terramoto e erupção vulcânica (Ex 19,18), "temor" do Povo face ao divino (Ex 19,16-9 20,18). Neste enquadramento teofânico insere-se também o efeito espantoso da "voz" de Deus (Ex 20,19), que fascina e atrai, mas também enche de medo o povo que escuta.

Não são, evidentemente, elementos que descrevem um quadro histórico; são elementos simbólicos muito ao gosto oriental e muito usados no Antigo Testamento para expressar a grandeza, a transcendência, o imenso poderio de Deus, a infinita diferença entre o humano e o divino. Abismado diante desse Deus poderoso, senhor do mundo e da história, que vem ao encontro de Israel e entra em diálogo com ele, o Povo sente "temor": um misto de respeito, de admiração e de reverência, que se traduzirá na obediência e na aceitação incondicional da vontade divina.

Evidentemente o narrador está interessado, não na história, mas na teologia. Através do relato cultural e dos elementos teofânicos, o autor pretende apresentar o Deus da comunhão e do diálogo que, apesar de infinitamente poderoso e onipotente, quer estabelecer uma relação de proximidade com o homem e caminhar com ele. Para isso escolheu Israel, protegeu-o, cuidou dele e fez desse Povo sua propriedade particular (Ex 19,5), um santuário onde o próprio Jahwéh reside e se apresenta a todos os outros povos da terra (Ex 19,6). Israel, aceitando a aliança, torna-se o Povo de Deus e recebe a missão de testemunhar no mundo as maravilhas de Jahwéh. É esta moldura teológica que o narrador – servindo-se de uma linguagem própria e de certas figuras simbólicas – pretende transmitir.

De qualquer forma, podemos aceitar que, depois da libertação, já na segurança do deserto, esse grupo de escravos hebreus libertados do Egito e liderados por Moisés quis agradecer a Jahwéh – o Deus que Moisés lhes apresentou – essa libertação. Algures no deserto do Sinai, diante de uma montanha imponente, os hebreus agradeceram a libertação e comprometeram-se com esse Jahwéh libertador. O rito foi selado com sangue proveniente dos sacrifícios de animais.

Porquê diante de uma montanha? Porque na antiguidade as montanhas eram, com frequência, objeto de veneração. Graças à sua majestade e inacessibilidade, foram consideradas como deuses ou, ao menos, como o local de habitação de uma divindade. “Ir à montanha”, exprime o “ir ao encontro da divindade” e traduz-se, habitualmente, num ato de louvor, de agradecimento ou de comunhão com Deus. Portanto, diante de uma montanha, o Israel libertado do Egito agradeceu a Jahwéh, aceitou o convite para viver em comunhão com Deus e comprometeu-se numa aliança com esse Deus. Recebeu indicações concretas sobre a forma de caminhar com Deus e de ser, para todos os outros povos, testemunha de Deus e das suas propostas para os homens (mandamentos). Israel tornou-se aqui, verdadeiramente, o Povo de Deus.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que o Deus libertador quis convidar Israel para uma “aliança”, isto é, para viver uma relação especial com Deus, para ser um Povo diferente dos outros, um Povo à parte, um Povo comprometido com Deus, dedicado a Deus e capaz de dar testemunho da salvação de Deus no meio do mundo.
- Perceber que aceitar este desafio é exigente e “obriga” a seguir um caminho claro: viver para Deus, na escuta das propostas de Deus, mostrando em gestos concretos a santidade, a bondade, a misericórdia, o amor de Deus.
- Compreender que os “mandamentos” propostos por Deus ao seu Povo não são uma forma de Deus nos escravizar ou controlar, mas são as indicações de Deus para que possamos viver sempre livres e felizes.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Ao longo da sessão, o catequista deve procurar, sempre que possível, dialogar com as crianças recorrendo aos conhecimentos e experiências que elas têm, quer na Experiência Humana, quer na Palavra. As crianças já conhecem parte da história da libertação do Egito, pois esta foi tratada no catecismo 4, embora numa perspetiva ligeiramente diferente da que se pretende abordar agora: no catecismo 4 introduziu-se a questão da Aliança na perspetiva da «articulação» entre os dois Testamentos da Bíblia, e por isso se refere (veja-se a página 86 do catecismo 4) na introdução ao 2º Bloco deste catecismo, «Terminam esta descoberta com uma visão de conjunto de toda a Bíblia, na sua dimensão de Testamentos ou da Aliança que Deus estabelece com os homens e as mulheres do seu povo.» É importante que o catequista reveja a introdução a esta catequese 20 para poder prever as participações das crianças.

2. Por outro lado, é a Expressão de Fé que introduz a maior novidade nesta catequese quando se quer ajudar as crianças a perceber o que significam, hoje, os “mandamentos” que Deus deu ao seu Povo, sendo que, no final da Palavra, se lhes referiu – e deve ser cabalmente sublinhado – que é o seu testemunho de vida, como membro do “povo de sacerdotes” que, hoje, agora, na nossa vida, se mostra aos outros o rosto de Deus, se mostra, pela forma como amamos, como Deus ama. Nesse sentido, e para ajudar as crianças a evoluir na sua vida na fé que se propõe a atividade inicial da Expressão de Fé, para a qual se deixará o tempo necessário e se prepararão os materiais com o devido empenho. Muitas vezes as crianças e, sobretudo, os adolescentes, afastam-se da mensagem que lhes é dada na catequese porque nesta se confunde uma vida boa e a globalidade da mensagem libertadora de Cristo com o cumprimento de umas regras, mais ou menos mal explicadas. Procuraremos aproveitar esta oportunidade para demonstrar que o cumprimento dos mandamentos é uma experiência de liberdade e de amor, de ativo envolvimento na construção do bem e de uma sociedade à medida do amor de Deus pelos seus filhos.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Catecismo 4 das crianças;
- Poster com fotografia de casamento: troca das alianças;
- Alianças de casamento (não sendo possível deve ter-se uma fotografia de alianças, podendo usar-se o poster que está na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 4);
- Dísticos “Aliança”, “Deus” e “Povo”;
- Imagem da aliança no Sinai (no catecismo ou em poster);
- 2 Cartolinas;
- Dísticos: “Mandamentos”, “Relação com Deus”; “Relação com os outros”;
- Posters dos Mandamentos, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 4, catequese 25 e 26.

## **MÚSICA**

- “Tens palavras de vida eterna”.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de recordar o essencial da sessão anterior, o catequista coloca no centro do grupo o poster com a fotografia do casamento de modo a que todos possam ver. Todos serão capazes de reconhecer que se trata de um casamento. Inicia o diálogo com as crianças:*

**Já foram a um casamento?** Claro que sim. Quando as pessoas decidem casar-se é porque se amam um ao outro, não é? (o catequista deve estar atento aos comentários das crianças, ouvindo-as e encaminhando os seus contributos para a ideia fundamental:) se duas pessoas se escolhem uma à outra, e quiseram viver uma com a outra uma história de amor, depois chegam à conclusão de que esse amor vale mesmo a pena, é muito importante para a sua vida e a sua felicidade devendo, pois, ser protegido. É assim que os noivos assumem um com o outro um... um "compromisso" – o compromisso de partilhar a sua vida e o seu amor, para que esse amor possa crescer e tornar-se cada vez mais forte.

Se essa mulher e esse homem são cristãos, provavelmente até quiseram assumir esse compromisso de se amarem e de se darem um ao outro – por toda a vida – diante de Deus e da comunidade cristã. E assim, convidaram os seus familiares e amigos para serem testemunhas desse momento tão bonito e tão solene, foram à Igreja, fizeram o seu compromisso de amor diante de Deus e da comunidade cristã, e receberam a bênção de Deus. Mas, ao decidir assumir este compromisso na sua comunidade de fé, os noivos aceitam também, querem que o seu amor seja sempre, no meio do mundo, um sinal da vida de Deus. Cada um deles disse que se comprometia a amar e respeitar o outro, a partilhar a sua vida e o seu amor com o outro, a ser fiel ao outro, a acolher os filhos e a educá-los na fé cristã... Os casais que fizeram diante de Deus e da comunidade cristã esse compromisso, **receberam o sacramento do matrimónio**, o sacramento que une os casais cristãos.

2. *Neste momento o catequista mostra as alianças, ou a foto destas, de modo que fiquem visíveis a todos.*

Essas pessoas que se comprometeram uma com a outra – que se casaram – passaram a usar no dedo uma "aliança", um pequeno anel. Já sabeis desde o ano passado que esse pequeno anel é o sinal externo de uma "aliança"

(o catequista mostra a página 87 do catecismo 4). O que é que essa palavra significa? (deixar as crianças pronunciarem-se) Muito bem, no vosso catecismo 4, na página 87, diz que (o catequista lê ou pede às crianças para lerem:) «Aliança significa que duas pessoas que se amam prometem ficar juntas e ser amigas uma da outra. As alianças – anéis – que usam um homem e uma mulher casados, mostram que prometem amar-se para sempre. Obrigaram-se assim a serem fiéis um ao outro.»

Agora, como estão mais crescidos, vou explicar-vos que aliança também significa “contrato” ou “compromisso”, ou “acordo”. Como os noivos, que fizeram um “acordo”, um “contrato” um com o outro, comprometendo-se a amarem-se, a partilharem a vida, a ajudarem-se mutuamente, a darem-se um ao outro, a serem fiéis um ao outro em todos os momentos e para toda a vida. A “aliança” que eles passaram a usar no dedo é um sinal visível de algo que é interior, não é? Sim, um grande amor que une duas pessoas e que as leva a comprometer-se uma com a outra, e para sempre, a sua vida.

**3. O catequista coloca o dístico “Aliança” no centro da sala ou no placar. À medida que o diálogo prossegue, coloca as palavras “Deus” e “Povo”.**

Hoje vamos falar de uma “aliança” – de um acordo, de um compromisso, de um pacto – que não foi feita entre um homem e uma mulher, mas entre Deus e o seu Povo (aquele Povo que Deus libertou da escravidão do Egito e que fez passar o Mar, em direção à liberdade, como vimos no nosso encontro de catequese anterior). Podemos voltar à página 87 do vosso catecismo 4 (o catequista pede a uma das crianças para ler o penúltimo parágrafo): «A primeira Aliança entre Deus e o seu povo é contada no Livro do Êxodo (Ex 19, 1-8), que teve lugar no Monte Sinai onde Moisés se tinha encontrado com Deus na Sarça Ardente.»

(O catequista coloca o dístico “Deus” do lado esquerdo e o dístico “Povo” do lado direito do dístico “Aliança” e prossegue:) Trata-se de uma coisa “estranha” mas, ao mesmo tempo, muito bonita: **Deus quer fazer com o seu Povo uma “aliança”;** **Deus quer viver com o seu Povo uma história de amor;** Deus quer convidar o seu Povo para viver com Ele em comunhão, em partilha de vida... É como se disséssemos que Deus ama muito o seu Povo e que, por isso, quer comprometer-se com ele e caminhar juntamente com ele, quer “casar” com ele.

## II. PALAVRA

1. *Como as crianças já conhecem parte da história da libertação do Egito – embora numa perspetiva ligeiramente diferente da que se pretende abordar agora – o catequista deve procurar explorar as memórias das crianças neste diálogo:* Depois de sair do Egito, de atravessar o Mar e de ter fugido ao exército egípcio, o Povo de Deus caminhou algum tempo pelo deserto (o chamado “deserto do Sinai”) e, um dia, acampou diante de uma montanha muito alta.

Foi nesse lugar, diante dessa montanha, que Deus propôs ao Povo, por intermédio de Moisés, a celebração de uma “aliança”. Já sabeis que uma “aliança” é um compromisso, um acordo, pelo qual duas pessoas (ou duas entidades) se ligam e se comprometem uma com a outra.

2. *O catequista apresenta o poster com o quadro que está na página 58 do catecismo 5, «Moisés», ou pede às crianças para abrirem o catecismo nessa página, e prossegue:*

Quando olhamos para este quadro apercebemo-nos de um Deus grandioso e poderoso que quer fazer uma “aliança” com um Povo pequeno, pobre, sem importância, que ainda há pouco tempo estava derrotado diante do poder do faraó do Egito e parecia condenado a desaparecer, ficamos muito surpreendidos... O que é que terá levado Deus a querer fazer uma “aliança” com Israel? Qual o interesse de Deus em ligar-se num compromisso com um Povo que parece não ter nada de especial para oferecer a Deus?

*O catequista incentiva as crianças a querer responder às duas questões.*

Para estas questões parece só haver uma resposta: **Deus quis fazer uma aliança com este Povo porque o amava...** Por isso, Deus veio ao encontro de Israel, salvou-o da escravidão, ajudou-o a fugir, a recuperar a liberdade e, depois, convidou-o para ser o seu Povo especial: ora vejam lá, de novo, o que diz o vosso catecismo 4 na página 87: «Deus queria formar uma família com o povo, a que chama “Nação Santa”, isto é, que pertence a Deus». Como num casamento, em que se escolhe aquela pessoa que se ama para viver com ela, para fazer dela a nossa “pessoa especial”, Deus queria viver com este Povo uma história de amor e de comunhão, Deus queria caminhar de mãos dadas com este Povo. Deus queria que este Povo vivesse para Ele, o amasse só a Ele, o escutasse só a Ele... Deus queria que Israel aceitasse ser o Povo de Deus.

3. Nós agora vamos recordar o texto do Êxodo que já conhecemos um bocadinho... Vamos ler aquelas frases em que a Bíblia descreve o convite que Deus faz ao seu Povo para entrar nessa "aliança" (Ex 19,3-6). Vou-vos ler e vocês vão seguir na vossa Bíblia, Ex 19, 3-6:

**Da montanha, o Senhor chamou Moisés e disse-lhe:**

**«Assim dirás à casa de Jacob e declararás aos filhos de Israel:**

**'Vós vistes o que Eu fiz ao Egito,**

**como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe até mim.**

**E agora, se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos, porque é minha a terra inteira.**

**Vós sereis para mim um povo de sacerdotes e uma nação santa'.**

**Estas são as palavras que dirás aos filhos de Israel».**

**Percebeis o que Deus quer?**

*O catequista aproveita os contributos das crianças e explora as ideias principais de forma organizada:*

**Deus ama Israel** e por isso tirou-o da escravidão do Egito e trouxe-o "sobre asas de águia" – quer dizer, através de um caminho sem muitas dificuldades, onde Israel encontrou comida e água em abundância, até àquela montanha, no deserto do Sinai; Deus quer que Israel seja o seu Povo, um Povo especial entre todos os outros povos que existem no mundo inteiro: "um povo de sacerdotes e uma nação santa".

**Em primeiro lugar**, - e no ano passado, aprendemos porquê, ora vejam lá no último parágrafo da página 87 do catecismo 4: «"nação santa", isto é, que pertence a Deus». - Deus quer que Israel seja uma nação que vive para Deus, que está ao serviço de Deus, que caminha com Deus, que escuta Deus e as suas propostas ("uma nação santa").

**Em segundo lugar**, «"reino de sacerdotes" porque tem a missão de levar a Palavra de Deus a todas as pessoas da terra.» Deus quer que Israel seja um sinal do amor e da salvação de Deus no mundo ("um reino de sacerdotes").

4. Sabeis qual foi a resposta dos israelitas a esta proposta de Deus?

*Verificar se as crianças conseguem intuir a resposta e depois concluir com a citação:*

Foi a seguinte (Ex 19,8), está aqui escrito na página 86, versículo 8: "Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos".

Assim, **Israel aceitou comprometer-se com Deus**, aceitou “casar” com Deus, aceitou viver em comunhão de vida com Deus... Israel aceitou a “aliança” com Deus, aceitou ser o Povo de Deus – isto é, um Povo que se dedica ao serviço de Deus e que está disposto a viver de tal forma que a bondade e o amor de Deus se tornem presentes no meio do mundo.

Como é que este Povo – que “se casou” com Deus e passou a ser o Povo de Deus – deve “responder” a este Deus que o ama tanto? Como é que Israel deve viver para ser o Povo de Deus, para ser um sinal de Deus no mundo?

*O catequista estimula a intervenção das crianças e verifica se alguma delas quer responder à pergunta. Elogiando as intervenções mais aproximadas do essencial, o catequista continua.*

**5. Reparai no que Deus pede ao seu Povo (Ex 20,1-17):**

*Este é o ponto alto desta sessão. Por isso deve dar-se relevo à Bíblia. O catequista deve preparar um ambiente adequado à proclamação da palavra:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do livro do Êxodo.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Leitor:*

**Eu sou o Senhor, teu Deus,  
que te fiz sair da terra do Egito, da casa da servidão.  
Não haverá para ti outros deuses na minha presença.  
Não farás para ti imagem esculpida,  
nem representação alguma do que está em cima, nos céus,  
do que está em baixo, na terra,  
e do que está debaixo da terra, nas águas.  
Não te prostrarás diante dessas coisas e não as servirás,  
porque eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso,  
que castiga o pecado dos pais nos filhos**

até à terceira e quarta geração,  
para aqueles que me odeiam,  
mas que trato com bondade até à milésima geração  
aqueles que amam e guardam os meus mandamentos.  
Não usarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão,  
porque o Senhor não deixa impune aquele  
que usa o seu nome em vão.  
Recorda-te do dia de sábado, para o santificar.  
Trabalharás durante seis dias e farás todo o teu trabalho.  
Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao Senhor, teu Deus.  
Não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha,  
o teu servo e a tua serva,  
os teus animais, o estrangeiro que está dentro das tuas portas.  
Porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra,  
o mar e tudo o que está neles, mas descansou no sétimo dia.  
Por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e santificou-o.  
Honra teu pai e tua mãe,  
para que se prolonguem os teus dias sobre a terra que o Senhor,  
teu Deus, te dá.  
Não matarás.  
Não cometerás adultério.  
Não roubarás.  
Não responderás contra o teu próximo como testemunha mentirosa.  
Não desejarás a casa do teu próximo.  
Não desejarás a mulher do teu próximo, o seu servo, a sua serva,  
o seu boi, o seu burro e tudo o que é do teu próximo.

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

6. Após um breve momento de silêncio, o catequista verifica se as crianças conseguem identificar o conteúdo desta leitura e continua, colocando, na cartolina já posicionada no placard, o **dístico** "Mandamentos" para a construção de um cartaz.

**Foram estas as principais recomendações que Deus fez ao seu Povo.**  
Como é que nós chamamos a estas recomendações de Deus? (deixar as

crianças pronunciarem-se) "Mandamentos". Os "mandamentos" são as indicações de Deus para que Israel possa viver como Povo de Deus...

Alguns destes mandamentos dizem a Israel como é que ele deve relacionar-se com Deus e tratar Deus... *(O catequista coloca sob o dístico "Mandamentos", mas sobre o lado esquerdo, o dístico "Relação com Deus")*. Nós já conhecíamos os mandamentos, mas na formulação de S. Lucas, como a lemos no ano passado. Vamos lembrar... *(conforme vai revendo os mandamentos, sem necessidade de muito aprofundamento porque as crianças já conhecem o seu conteúdo, o catequista vai colocando os posters respectivos)*:

**O primeiro mandamento** pede a Israel que não tenha outros deuses e não obedeça a outros deuses... **Porquê?** Porque se Israel tiver outros deuses, se Israel obedecer a outros senhores, fará o que esses deuses mandarem, deixará de seguir as indicações de Deus e deixará de ser o Povo de Deus

**Também** pede a Israel que não construa imagens de Deus... **Sabeis o que é que isto significa?** Significa que ninguém conhece Deus, ninguém consegue representá-lo numa imagem, pois Deus é muito maior do que qualquer imagem que o homem possa criar. Qualquer imagem que o homem "inventar" de Deus, está errada e não mostra a realidade de Deus, não mostra como Deus realmente é. *(Coloca o poster "Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas")*: hoje, e na história, muitos artistas têm procurado representar Deus, mas aprendemos que somos temos um Deus e que o amamos mais do que a qualquer coisa na nossa vida...

**O segundo** pede a Israel que não use Deus ou, como os israelitas gostavam de dizer, o "nome de Deus", para coisas que não têm nada a ver com Deus, para fins egoístas ou para negócios que os homens inventam *(Coloca o poster: "Não invocar o nome de Deus em vão")*.

**O terceiro** pede a Israel que reserve um tempo – um dia da semana, o sábado – para louvar o Senhor e para lhe agradecer a sua bondade e o seu amor *(Coloca o poster: "Santificar os domingos e as festas de guarda")*. São pedidos também para nós: se Israel, se o seu Povo, os levar a sério estará a mostrar que ama Deus, que está em comunhão com Deus.

*O catequista anuncia o outro conjunto de mandamentos e coloca o dístico "Relação com os outros" (ou o poster "Amar o próximo") sobre o lado direito do cartaz. À medida que os mandamentos forem apresentados coloca-se o respetivo poster no cartaz.*

Mas há, ainda, um **outro conjunto de "mandamentos"** que dizem **como é que o Povo de Deus deve lidar com todos os homens e mulheres** que fazem parte do nosso mundo... Esses "mandamentos" do "Amor ao próximo", pedem aos membros do Povo de Deus que respeitem as outras pessoas, as amem. Particularmente os pais, (*Coloca o poster "honrar pai e , mãe e os outros legítimos superiores"*); que respeitem a vida, dada por Deus (*Coloca o poster: "Não matar nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo"*); que não roubem (*Coloca o poster: "Não furtar nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo"*); que não mintam nem enganem (*Coloca o poster "Não levantar falsos testemunhos nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo"*); que respeitem sempre as outras pessoas (*Colocar os posters "Guardar castidade nas palavras e nas obras" e "Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos" ...*)

*Depois de apresentar todos os mandamentos, o catequista conclui:* Como podem observar na página 59 do vosso catecismo, o **Povo de Deus**, se quer fazer parte da família de um Deus que ama a justiça e a retidão, **tem de respeitar as outras pessoas, tem de defender a justiça, tem de rejeitar a violência, tem de afastar de si a maldade.**

É desta forma – respeitando e vivendo estes "mandamentos" ou indicações de Deus – que o Povo de Deus pode mostrar a todos os homens e mulheres como é que Deus é: que Deus tem um coração bondoso, que Deus respeita os direitos e a dignidade das pessoas, que Deus não quer a injustiça, a violência ou a maldade, que Deus quer um mundo de paz, de amor, de verdade. Quem olha para o Povo de Deus e vê gestos de bondade, gestos de amor, gestos de perdão, gestos de paz, descobre a bondade e o amor de Deus, descobre Deus. O Povo de Deus, povo sacerdotal, é, pela sua vida, testemunha de Deus e da sua bondade, do seu amor.

*O catequista prossegue, procurando explorar os sentimentos das crianças sobre a importância dos mandamentos, como formas viver no caminho de Deus:*

**Achais que estes "mandamentos" nos fazem mal e nos tornam infelizes?** Acham que estes mandamentos representam dificuldades para a nossa vida? Achas que estes mandamentos foram inventados por Deus para nos atrapalhar e para nos estragar a vida? Achas que estes mandamentos nos impedem de sermos livres?

*Depois de um breve diálogo com as crianças, é muito importante reforçar a importância dos mandamentos. O catequista deve fazer esta síntese de forma muito clara, respondendo às perguntas:*

**Claro que não. Estes mandamentos não são para nos fazer mal, ou para nos “controlar”, mas:**

- são os sinais através dos quais Deus nos indica como é que nós podemos ser felizes;
- são as indicações que Deus nos dá para nos dizer como é que nós podemos construir um mundo novo, um mundo onde haja menos sofrimento, menos dor, menos miséria, menos maldade;
- são as propostas de Deus para afastarmos da nossa vida tudo o que nos torna prisioneiros e nos estraga a vida – o egoísmo, a injustiça, a exploração, o sofrimento, as divisões, os ódios.

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

- 1.** *Para ajudar as crianças a perceber o que significam, hoje, os “mandamentos” que Deus deu ao seu Povo, vai-se construir o quadro indicado no Documento 1 – tendo a coluna da esquerda sido previamente preparada pelo catequista – para que as crianças façam uma atualização dos mandamentos, segundo as experiências da sua vida.*

*Se houver condições, podem organizar-se pequenos grupos (3 elementos) distribuindo uma tarefa – mandamento – por cada um dos grupos. O quadro é preenchido no fim, com o contributo de cada grupo.*

*Em alternativa, o catequista pode pedir a cada criança para preencher a coluna da direita do quadro e, depois, interrogando cada uma, pergunta a pergunta, o catequista, ou uma criança, vai anotando as respostas. Colocar o resultado do trabalho ao lado do cartaz construído anteriormente, segundo esquema mostrado no Documento 1 desta catequese e analisar as respostas encontradas pelas crianças de modo a chegar-se às conclusões propostas na coluna da direita do documento 1.*

#### **2. Renovação dos votos da Aliança:**

*O catequista prepara o ambiente para a oração:*

*Deve ensinar, previamente, as crianças a ler de forma muito calma, explicando o que são Salmos, orações muito antigas, escritas pelo povo de Deus. Distribui as leituras pelas crianças, e desafia-as a fazerem como fez o povo de Deus.*

*Com o grupo virado para os cartazes montados durante a catequese, refere: Vamos, nós próprios, renovar esta "aliança" com Deus... Como o Povo de Israel fez diante daquela montanha, no Sinai, vamos dizer a Deus que queremos caminhar com Ele, que queremos acolher as suas palavras, que queremos viver de acordo com os mandamentos que Ele nos propõe. Digamos a Deus que aceitamos os seus mandamentos, porque eles nos ajudam a termos mais vida e a sermos mais felizes.*

Propõe-se que esta renovação se faça cantando o *cântico* "**Tens palavras de vida eterna**", alternando com a leitura do Salmo 119, tal como se indica:

**Cântico:** Tens palavras de vida eterna,  
Senhor, eu creio em ti.  
Teus caminhos de justiça,  
Senhor, eu seguirei.

**Leitor 1** – *Felizes os que seguem o caminho da retidão e vivem segundo a lei do Senhor.*

*Felizes os que cumprem os seus preceitos e o procuram de todo o coração (Sl 119,1-2).*

Cântico.

**Leitor 2** – *Promulgaste os teus preceitos para se cumprirem fielmente.*

*Oxalá os meus passos sejam firmes no cumprimento dos teus decretos (Sl 119,4-5).*

Cântico.

**Leitor 3** – *Meditarei os teus preceitos e prestarei atenção aos teus caminhos.*

*Hei de alegrar-me com as tuas leis; não esquecerei as tuas palavras (Sl 119,15-16).*

Cântico.

**Leitor 4** – *Dá-me entendimento para cumprir a tua lei; hei de obedecer-lhe de todo o coração.*

*Conduz-me pelo caminho dos teus mandamentos, porque neles estão as minhas delícias (Sl 119,34-35).*

Cântico.

**Leitor 5** – *Quanto amo, Senhor, a tua lei!*

*Nela medito todos os dias.*

*Fizeste-me mais sábio do que os meus inimigos,  
porque os teus mandamentos estão sempre comigo  
(Sl 119,97-98).*

Cântico: Tens palavras de vida eterna,

Senhor, eu creio em ti.

Teus caminhos de justiça,

Senhor, eu seguirei.

### **3. Compromisso:**

Hoje vou propor-vos que, depois de termos renovado os Votos da Aliança com o Senhor e de termos rezado tão bem com as palavras lindas do Salmo 119, que cada um de nós pense, já hoje, em dois mandamentos que deseja colocar em prática na próxima semana. Pensam e tomam nota na vossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 13. Depois, cada dia, escolhendo um desenho ou uma palavra, tomam nota, antes de se deitarem, conforme fizeram ou não. Antes de dormir podem cantar um bocadinho do cântico “Tens palavras de vida eterna”. Um mandamento pode ser sobre a vossa relação com Deus, sobre uma forma de O amar melhor, e outro sobre o amor ao próximo. Terminamos cantando, com o coração cheio de alegria o cântico:

**“Tens palavras de vida eterna”.**

### *Para guardar na memória e no coração*

É cumprindo os mandamentos que testemunhamos aos outros que Deus tem um coração bondoso, que Deus respeita os direitos e a dignidade das pessoas, que Deus não quer a injustiça, a violência ou a maldade, que Deus quer um mundo de paz, de amor, de verdade. Assim, somos uma “nação santa” e um “povo sacerdotal”

**DOCUMENTO 1** – Esquema, em cartolina, preparado para a Expressão de Fé

*Os Mandamentos*

<i>Antes</i>	<b>Hoje</b>
O que é hoje “não ter outros deuses” além do Senhor?	Colocar “coisas” no lugar de Deus: jogos; praia; passeio. . . ; dar muita importância aos bens materiais;
O que é hoje “não construir imagens de Deus” que deem uma ideia falsa de Deus?	<i>Inventar Deus à medida da sua vontade: o Deus “benzinho” que me deixou fazer maldades; o Deus que só gosta dos que vão à Igreja. . .</i>
O que é hoje “guardar tempo para a escuta de Deus e o louvor de Deus”?	Compromisso com a eucaristia dominical, tempo para a oração e leitura e estudo da sua palavra.
O que é hoje “não matar”?	<i>Matar não é só tirar a vida com uma arma. Pode-se matar dizendo coisas que não são verdadeiras; recusando amizade; não ajudando; maldizendo.</i>
O que é hoje “não roubar”?	Impedir que alguém tenha acesso a tudo o que tem direito para ter uma vida digna, que passe fome ou frio; recusar-se a ajudar alguém que tem fome ou frio.
O que é hoje “não faltar à verdade”?	<i>Quando se mente; quando se esconde a verdade; quando se tem falta de coragem para assumir os seus erros.</i>

A preparar previamente

Levar as crianças a construir com as suas experiências, procurando que cheguem a estas conclusões ou outras, semelhantes no conteúdo.

## DEUS CONDUZ O SEU POVO PELO DESERTO

### II - INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. O percurso geográfico do Povo de Deus

Os livros do Êxodo e dos Números conservaram diversas tradições sobre a caminhada do Povo de Deus pelo deserto, desde o Egito até às portas da Terra Prometida. Essas tradições, contudo, não estão tanto interessadas em descrever-nos o itinerário geográfico – de um ponto a outro no mapa – percorrido por Israel, quanto em mostrar o percurso espiritual que a comunidade do Povo de Deus vai fazendo à medida que atravessa o deserto.

Se considerarmos as indicações dos livros do Êxodo e dos Números, é praticamente impossível reconstituir com segurança o percurso geográfico feito pelos hebreus que saíram do Egito. Em primeiro lugar, porque são referenciados lugares geográficos que hoje não conseguimos identificar (e que talvez estejam sepultados nas areias do deserto); em segundo lugar, porque os textos apresentam referências contraditórias: enquanto uns textos parecem sugerir um itinerário pelo norte da península do Sinai (pelo chamado “caminho dos filisteus”, um caminho paralelo ao Mar Mediterrâneo, que conduzia diretamente do Egito à faixa costeira da terra de Canaan, onde no séc. XII a. C. se estabeleceram os filisteus), outros textos parecem sugerir um itinerário que desce para o sul da península do Sinai e que contorna toda a península. É possível que estejamos diante de duas ou mais tradições diferentes, que dizem respeito a caminhos seguidos por grupos diferentes: o “itinerário norte” corresponderia ao percurso seguido por um grupo de nómadas que deixou o Egito no séc. XVI a.C. (“êxodo-expulsão”), na altura em que os Hicsos foram derrotados e expulsos do Egito; e o “itinerário sul” corresponderia ao percurso

seguido pelo grupo de Moisés, fugido do Egito em meados do séc. XIII a.C. ("êxodo-fuga"). A fusão das duas tradições (numa fase em que os dois grupos formavam um único povo...), teria dado origem a um itinerário único que, naturalmente, apresenta referências contraditórias.

Admitindo, no entanto, que o grupo de Moisés seguiu para sul da península do Sinai (evitando assim as fortalezas egípcias situadas a Norte e destinadas a defender o Egito das invasões, pacíficas ou violentas, de povos asiáticos), ficaríamos com um percurso geográfico que é mais ou menos possível balizar. O grupo de Moisés partiu de Ramsés (Tanis), em direção a Sucot e dirigiu-se para Etam (cf. Ex 13,20), ao sul do Lago Timsah. Continuou a descer para sul, em direção aos Lagos Amargos. Caminhando através do deserto de Sur (cf. Ex 15,22), o grupo chegou a Mara (cf. Ex 15,23). Depois desceu ainda mais para sul, passou em Elim (cf. Ex 15,27) e chegou a Refidim (cf. Ex 17,1), chamado mais tarde Massá e Meribá (cf. Ex 17,7). Saindo de Refidim, encontraram uma montanha diante da qual acamparam algum tempo (cf. Ex 19,2). Foi aí que celebraram uma "aliança" com Jahwéh.

Depois de celebrarem a aliança com Jahwéh, os hebreus caminharam através do deserto de Pharan e chegaram a Tabera (cf. Nm 11,3). Depois, continuaram em direção a Haserot (cf. Nm 11,35). Deixando Haserot, o grupo dirigiu-se para o norte, acampando algum tempo no oásis de Kadesh (cf. Nm 13,26), de onde enviaram exploradores à terra de Canaan (cf. Nm 13).

A dificuldade em penetrar na terra de Canaan pelo sul (devido à cadeia de fortificações que impedia a passagem dos nómadas), levou os hebreus a seguir em direção a Etzion-Geber, a este, e a subir pelo caminho a oriente do Mar Morto, em direção à terra de Moab. Passaram por Obot, Iyye-Abarim, atravessaram a torrente de Zared e, em seguida, o rio Arnon (cf. Nm 21,10-13). Esse caminho fê-los entrar em rota de colisão com Sehon, rei dos amorreus e Og, rei de Basan (cf. Nm 21,21-35), que foram vencidos. Estabeleceram-se finalmente em Sittim, nas planícies de Moab, preparando a entrada na "Terra Prometida".

## **2. A presença de Deus no meio do seu Povo**

A catequese de Israel ensina que, ao longo desse caminho geográfico percorrido, Israel contou sempre com a presença solícita e amorosa de Deus. Para expressar a presença de Deus, os catequistas bíblicos falam de três elementos: a "nuvem", a tenda da reunião e a arca do testemunho.

De acordo com os livros do Êxodo (Ex 13,21-22; 14,19-24; 24,15b-18; 40,34-38) e dos Números (cf. Nm 9,15-23), havia uma "nuvem" que acompanhava a

marcha dos hebreus em fuga pelo deserto. Nessa "nuvem" estava esse Deus que caminhava com o Povo e o guiava através do deserto.

Porque é que a "nuvem" se torna um elemento simbólico para manifestar a presença de Deus? Porque, pairando a meio caminho entre o céu e a terra, é um símbolo privilegiado para exprimir o Deus poderoso e onipotente, que está acima dos homens mas que, ao mesmo tempo, não desiste de relacionar-se com eles, de caminhar com eles, de estabelecer com eles uma história de diálogo e de comunhão. A "nuvem", simultaneamente, esconde e manifesta: demonstra o mistério do Deus escondido e presente, cujo rosto o Povo não pode ver, mas cuja presença adivinha nas aventuras e desventuras da caminhada. Céu e terra, presença e ausência, sombra e luz, divino e humano, são elementos sugeridos por este símbolo da "nuvem": neste jogo de contrastes, manifesta-se o Deus da aliança, grandioso e onipotente, mas que não desiste de guiar o seu Povo e fazer caminho com a humanidade peregrina.

Um outro elemento de que a catequese de Israel se serve para expressar a presença de Deus no caminho do seu Povo, é a "tenda da reunião" ou "tenda do encontro". Trata-se de uma tenda que, na teologia do "Livro dos Números" corresponderia ao lugar da habitação de Deus. Nas tradições mais antigas, era uma tenda montada fora do acampamento (porque o Deus santo devia estar separado do Povo, num lugar à parte e reservado); na tradição mais recente, a "tenda" estava no centro do acampamento, significando assim o lugar central que Jahwéh ocupava na vida e na história do Povo de Deus: era um Povo organizado e estruturado à volta de Jahwéh, uma comunidade de vida e de fé cujo centro era Jahwéh.

O terceiro elemento que expressava a presença de Deus era a "arca da aliança" ou do "testemunho": a "arca" era um cofre retangular de madeira de acácia, revestido de ouro puro. Nessa "arca", guardavam-se as duas tábuas da Lei (onde estavam escritos os mandamentos do Sinai), um pote com maná e a vara do sacerdote Aarão. Chamava-se "do testemunho" porque continha os sinais ("testemunho") da aliança estabelecida entre Jahwéh e o seu Povo. Era um sinal visível e eterno do Deus libertador e salvador e de tudo o que esse Deus tinha realizado em favor de Israel.

Os três símbolos serviam, portanto, para expressar uma realidade teológica que Israel experimentou com nitidez: Jahwéh esteve presente na caminhada do Povo e foi, em cada passo dessa marcha através do deserto, uma garantia de vida e de liberdade. A "nuvem", a "tenda" e a "arca" lembravam ao Israel

de todas as épocas que Jahwéh é o Deus que está sempre presente e atuante na história humana, caminhando lado a lado com a seu Povo peregrino.

### **3. Momentos marcantes da caminhada do Povo de Deus**

Alguns momentos e acontecimentos marcaram, especialmente, a caminhada do Povo pelo deserto.

Logo no início, após três dias de marcha, os hebreus chegaram a Mara (cf. Ex 15,22-27). Aí, teriam encontrado uma fonte de água amarga, fenómeno muito frequente no deserto sinaítico. Moisés, de acordo com Ex 15,25, atirou à água um pedaço de madeira que tornou a água potável... O pedaço de madeira podia, de facto, ser o "crespino", arbusto de bagas consideradas desinfetantes.

Pouco depois, houve o episódio das codornizes (Ex 16,6-13). Segundo o texto, os hebreus experimentaram os horrores da fome e sentiram saudades do Egito onde se sentavam "diante de panelas de carne" (Ex 16,3). Deus enviou-lhes, então, bandos de codornizes que se espalharam por todo o acampamento... A chegada de bandos de codornizes tem por base um fenómeno que se observa, por vezes, na península do Sinai: a migração em massa de codornizes vindas de África, que chegam ao Sinai muito cansadas pela longa viagem e que se deixam apanhar com facilidade.

Um outro "acontecimento" que ficou na memória do Povo de Deus foi o dom do maná (Ex 16,13b-36). O relato do Êxodo descreve como Deus alimentou o povo com pão que enviou do céu... Ao ver o alimento que, durante a noite, Deus fez cair, o povo perguntou: "o que é isto?" (em aramaico: "man hu?"). De facto, existe no deserto do Sinai uma pequena árvore ("tamarix mannifera") que, após ser picada por um inseto, segrega uma substância resinosa e espessa que logo se coagula. Os beduínos do Sinai recolhem ainda hoje essa substância (que chamam "man"), derretem-na ao calor do sol e passam-na sobre o pão. É, provavelmente, na secreção deste arbusto que tem origem a história do "maná".

Temos, ainda, o episódio da fonte que brotou do rochedo (Ex 17,1-7). O texto bíblico descreve como, diante da revolta dos hebreus sequiosos, Moisés bateu com uma vara num rochedo e dele saiu água em abundância que saciou o povo. É possível que a história aluda à existência no deserto do Sinai de rochas porosas que, quebradas em certo lugar, permitiam o aproveitamento da água que armazenavam dentro de si. Os beduínos conhecem, ainda hoje, esses truques de sobrevivência no deserto.

As peripécias narradas correspondem a episódios que um ou vários grupos de hebreus saídos do Egito recordavam da sua difícil travessia do deserto do Sinai. Esses episódios banais de luta pela sobrevivência (procura de água e comida num ambiente hostil, aproveitamento máximo dos recursos naturais que o deserto podia oferecer) serviram, mais tarde, para elaborar uma catequese (ou várias catequese) sobre o Deus libertador e salvador. Com estes relatos, os teólogos de Israel quiseram expressar a sua fé no Deus que sempre cuidou do seu Povo e que sempre o acompanhou no longo caminho da história. Jahwéh, em todos os momentos, esteve lá; com as suas "maravilhas", proveu o Povo do necessário para sobreviver, deu-lhe vida, levou-o ao colo pelos caminhos, ajudou-o a enfrentar as crises do "deserto". Estes episódios serviram para "dizer" a fé de Israel em Jahwéh, o rochedo seguro em quem o Povo de Deus pode sempre colocar a sua confiança e a sua esperança.

#### **4. O itinerário espiritual**

Ainda mais importante que o itinerário geográfico e as peripécias do caminho, vai ser a caminhada espiritual que o Povo de Deus faz.

Depois da euforia inicial, resultado da maravilhosa libertação do Egito, o Povo começa a confrontar-se com os primeiros desafios da liberdade... E esses desafios fazem vir ao de cima as limitações e as deficiências de um grupo humano ainda demasiado "verde" e sem maturidade, agarrado à mesquinhez, ao egoísmo e ao comodismo, que prefere a escravidão onde há "panelas de carne e pão com fartura" (Ex 16,3), à liberdade que se constrói na luta e no risco... A cada passo, diante de cada dificuldade que o caminho apresenta, o Povo mostra-se desanimado e desiludido, deixa que o cansaço o vença, perde a esperança e "deixa cair os braços"... É um Povo que ainda não superou a sua condição de escravo, que ainda não está preparado para enfrentar o desafio de ser livre. As dificuldades do caminho levam-no, por diversas vezes, a revoltar-se contra Deus e contra Moisés (cf. Ex 17,1-7; Nm 20,1-13; Nm 12,1-16; Nm 16), e a desejar "voltar atrás", à terra da escravatura, pois tem medo de olhar em frente e de enfrentar o risco de construir o seu próprio futuro livre.

Contudo, à medida que o tempo passa e que os obstáculos do caminho vão sendo superados, o Povo de Deus vai-se transformando: cresce, amadurece, transforma-se, purifica-se, torna-se mais consciente da presença e dos valores de Deus. A ação de Deus é, em grande parte, responsável por esta transformação do Povo: se, por um lado, Deus vai mostrando ao Povo a sua bondade, a sua solicitude e o seu amor, por outro lado vai enviando "castigos"

pedagógicos que obrigam o Povo a perceber o sem sentido de algumas das suas atitudes e opções. Esses "castigos" são sempre apresentados pelos catequistas de Israel que escreveram a história desta caminhada como fruto do amor de Deus, o resultado do amor de um pai que castiga o seu filho para o ajudar a crescer e a descobrir o verdadeiro sentido das coisas. Assim, graças à atitude pedagógica de Deus, Israel vai tornar-se um Povo responsável e adulto, capaz de construir a sua própria história, capaz de guiar a sua vida por valores e regras que conduzem à vida e à felicidade. Por outro lado, convivendo diariamente com Deus, sendo testemunha dos "gestos" de Deus, aprendendo a identificar o que Deus aprova e não aprova e, sobretudo, aprendendo a viver em comunhão com Jahwéh, Israel percorre um "itinerário de fé" e torna-se, verdadeiramente, o Povo de Deus. O Povo que alcança a "Terra Prometida", no final da caminhada, é, sem dúvida, um Povo renovado – qualitativamente diferente daquele grupo informe que deixou a "terra da escravidão".

## **5. O deserto, lugar de crescimento e de conversão**

O "deserto" é o cenário que, pelas suas características próprias, tem as condições ideais para que o Povo possa fazer este caminho de conversão, de renovação, de transformação, que lhe permitirá ir em direção a uma vida nova, a uma nova atitude, a uma nova "terra".

A catequese de Israel vai, posteriormente, falar do "deserto" numa dupla perspetiva... Por um lado, o deserto é um lugar desolado, uma terra que Deus não abençoou, onde o homem vê a sua vida constantemente em risco e faz uma experiência radical da sua pequenez, da sua dependência, das suas limitações; as provações aí experimentadas fazem com que, em certos momentos, venham ao de cima a decepção, a desilusão, o pessimismo, o medo, e que tudo isso se transforme em revolta contra Deus, em abandono de Deus, em infidelidade a Deus... Mas, por outro lado, sendo o deserto o lugar onde cada passo é um milagre, onde cada gota de água é um prodígio, onde cada refeição é um dom de Deus, onde o homem descobre a sua pequenez e constata a falência da sua autossuficiência, o deserto pode ser (e foi-o, muitas vezes, para o Povo de Deus) o lugar da descoberta de Deus, do encontro com as "maravilhas" de Deus, da experiência da bondade e da misericórdia de Deus.

No deserto, Israel encontrou o Deus da aliança, que quer viver na comunhão e no diálogo com o seu Povo; no deserto, Israel "topou", em cada passo do caminho, com o Deus da bondade e do amor, que faz "maravilhas" em favor

do seu Povo, que cuida dos seus filhos e que lhes dá vida; no deserto, Israel viu em ação o Deus onipotente, que milagrosamente proporcionava ao seu Povo a água e a comida necessárias para caminhar e para vencer as forças da morte; no deserto, Israel descobriu o Deus exigente, mas sempre disposto a perdoar as infidelidades do seu Povo e a recomeçar com ele um novo caminho; no deserto, Israel aprendeu a confiar em Deus, a entregar-se nas suas mãos, a não duvidar do seu amor e fidelidade; no deserto, ao fazer a experiência da sua pequenez, da sua finitude, da sua debilidade, dos seus limites, Israel descobriu que Deus – e só Deus – é a rocha segura em quem se pode confiar nas crises e dramas da vida... No deserto, Israel viu em ação continuada esse Deus que é pai, que não desiste de educar, de cuidar, de proteger, de amar os seus filhos.

O deserto foi, assim, o lugar e o espaço onde o Povo de Deus pôde crescer, pôde amadurecer, pôde alargar os horizontes, pôde consolidar a sua fé e a sua confiança em Deus... O deserto foi, portanto, a oportunidade para o Povo de Deus se converter e transformar, tornando-se um Povo mais responsável, mais consciente, mais adulto e mais santo.

## **6. A caminhada pelo deserto como “tipo” da caminhada histórica do Povo de Deus**

Na caminhada do Povo de Deus através do deserto do Sinai, podemos encontrar um “tipo” do caminho que o Povo de Deus percorre na vida e na história... O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa época – percorre todos os dias um caminho semelhante, feito de obstáculos, de reveses, de desilusões, mas também de alegrias, de esperanças, de sonhos, de vitórias... Ao longo do caminho, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também desanima, também tem a tentação de se acomodar, também prefere muitas vezes a escravidão que se conhece à liberdade que traz desafios e riscos... À medida que avança em direção à Terra Prometida, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também se revolta, também tem a tentação de prescindir de Deus e da sua graça, também escolhe caminhos errados e escuta deuses errados, também se afasta de Deus e das suas indicações... Mas, em cada passo deste caminho, o Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – também tem a possibilidade de encontrar o Deus da comunhão e da aliança que faz maravilhas em favor do seu Povo, que anima e dá esperança ao seu Povo, que nos pega ao colo quando estamos demasiados cansados para dar mais um passo, que nos abraça sempre que decidimos voltar à sua casa depois de cada fracasso e de

cada infidelidade, que derrama continuamente sobre nós a sua ternura e o seu amor e que nunca desiste de nos ensinar os caminhos que conduzem à vida e à felicidade.

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – precisa, de vez em quando, de voltar ao deserto para aí fazer a experiência da sua debilidade, da sua dependência, do sem sentido das escolhas egoístas e autossuficientes...

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – necessita de voltar ao deserto para fazer uma experiência de despojamento, de humildade, de disponibilidade para prescindir das certezas e seguranças que, tantas vezes, impedem que se encontre Deus e que se escute as propostas e desafios de Deus...

O Povo de Deus de todas as épocas – incluindo o da nossa – precisa, de vez em quando, voltar ao deserto para se reencontrar com Deus, com a sua bondade, com o seu amor de pai e de mãe, com a sua misericórdia...

Todos os anos, na Quaresma – esse tempo privilegiado de conversão, de mudança, de renascimento para a vida nova – é proposto ao Povo de Deus que “volte” ao deserto e que reequacione a sua caminhada, a sua perspectiva das coisas; é proposto ao Povo de Deus que volte a fazer uma experiência forte de reencontro com Deus, de escuta da sua Palavra, de transformação do coração e da mentalidade, a fim de que Deus possa voltar a ser a referência fundamental do caminho que se percorre pela vida e pela história.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que o Povo de Deus que caminha pela história é um Povo peregrino, sempre a caminho, e que, ao longo desse caminho, nunca está sozinho nem entregue a si próprio: Deus acompanha sempre o seu Povo, oferecendo-lhe, a cada momento e a cada passo, a vida e a salvação;
- Perceber que, ao longo desse caminho, temos de crescer – isto é, temos de aprender a deixar o egoísmo, a acomodação, a imaturidade, o medo de avançar, para aprendermos a confiar em Deus, a preocupar-nos com os que caminham ao nosso lado, a sentirmo-nos comprometidos com a construção de um mundo novo;
- Descobrir que a Igreja nos proporciona, em certas alturas da caminhada que fazemos ao longo do ano litúrgico, um “tempo favorável” para repensarmos a nossa vida, para recentrarmos os nossos objetivos, para redefinirmos as nossas metas, para renovarmos a nossa existência, de modo que tenhamos a possibilidade de dar sentido à nossa vida e à nossa caminhada.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Esta catequese parte de uma experiência humana muito rica de simbolismo e que concretiza na realidade do nosso país a experiência do Povo de Deus, pois são muitos os grupos de peregrinos que todos os anos se dirigem para Fátima, ou outros santuários locais. O catequista pode aproveitar para solicitar a colaboração de membros de grupos da paróquia que realizem peregrinações a Fátima ou outros locais, de modo a partilharem com as crianças a sua experiência.
- 2.** A imagem do deserto como lugar inóspito é facilmente percebida pelas crianças, devendo ser usada de forma expressiva para retratar as dificuldades da vida: a imagem do deserto é o cenário da mensagem central da catequese, em processo de apreensão por parte das crianças: por muito inóspita, "seca" ou dura que seja a nossa vida, Deus nunca nos deixa desamparados nem sós.
- 3.** A Quaresma, como tempo de conversão, deve ser apreendida pelas crianças como o tempo favorável à mudança de vida e o objetivo pedagógico que o catequista deve considerar é o de levar as crianças a identificar atitudes pessoais, traduzidas em ações concretas que, no seu dia a dia, precisa de mudar. O catequista velará para que as atitudes e comportamentos a alterar sejam identificados com realismo, pois cada criança deve determinar para si mesma metas de mudança que possa, realmente, atingir. Só assim cada criança cresce e amadurece, descobrindo a beleza de caminhar com Deus a seu lado.
- 4.** Para proporcionar uma visão mais completa da travessia do deserto, vão ser lidos vários textos pelo que, tentando evitar um prolongamento excessivo da catequese (se for planeada nos moldes e tempos habituais, como se prevê para a 2ª e 3ª alternativas da Experiência Humana) ou a distração das crianças (no caso da 1ª alternativa) se sugere, excecionalmente, que cada um dos textos seja lido apenas por uma pessoa: uma criança do grupo, um convidado, um peregrino...
- 5.** Para proporcionar a maior beleza ao momento final de compromisso para a Quaresma, em que se pede aos presentes que procurem mudar de vida, que se esforcem por crescer em bondade e responsabilidade, o cântico proposto deve ser ensaiado no início da catequese.

## MATERIAIS

- Fotografias de peregrinos caminhando, descansando, rezando enquanto caminham;
- Fotografias de celebrações em Fátima (Posters da catequese 27, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo<sup>1</sup>, que inclui vistas do santuário, capelinha das Aparições e uma foto dos Pastorinhos);
- Bíblia;
- Poster com o texto: Deus está sempre ao lado dos seus filhos e filhas que caminham pelos caminhos do mundo e dá-lhes o que eles necessitam para terem vida e para serem felizes;
- Dísticos "misericórdia", "perdão", "confiança";
- Poster com o texto: (em letras vermelhas) Ser menos egoísta, orgulhoso, menos comodista. (em letras verdes) Ser mais responsável, mais atento aos outros, mais atento a Deus;
- Folhas com a oração final, de acordo com os leitores necessários.

## MÚSICA

- "O Povo de Deus".

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

### Alternativa

1. *A escolha da dinâmica pedagógica mais interessante para a catequese é, sempre, poder-se proporcionar às crianças uma experiência relevante e forte, vivida na primeira pessoa e que, depois, é examinada, discutida, interiorizada de acordo com os objetivos definidos.*

*Assim, para esta catequese propõe-se que, sempre que seja possível, as crianças possam efetivamente participar numa peregrinação, acompanhadas pelas suas famílias, ou não, ou, eventualmente integradas num grupo mais alargado de paroquianos. Convém que esta peregrinação seja feita ao longo de um dia ou, pelo menos, uma manhã/tarde, e que as crianças possam*

*passar pelas várias fases de experiência que a peregrinação comporta, desde o seu planeamento, preparação espiritual e avaliação e que tenham a oportunidade de fazer uma bela caminhada nos últimos quilómetros do percurso. Para a sua organização, o catequista poderá solicitar a colaboração de paroquianos com experiência na condução de peregrinações, assim como convidar o pároco ou outro sacerdote para acompanhar o grupo (ou grupos) de catequese do catcismo 5.*

*Toda a catequese pode ser feita durante a própria peregrinação, bastando, para isso, que o catequista adapte os materiais às circunstâncias, o que não será difícil pois os que se indicam para esta catequese são, de qualquer forma, transportáveis e simples. Sugere-se que a Palavra seja lida e meditada após o descanso proporcionado à chegada ao local de peregrinação e que a Experiência de Fé anteceda um período de recreio anterior à viagem de regresso, por exemplo, algum tempo depois do almoço ou do lanche.*

*Se as famílias participarem nesta peregrinação devem ser integradas na própria catequese: é sempre importante que todos possamos ser convidados a viver com profundidade a quaresma e, por isso, aquilo que é pedido às crianças, pode perfeitamente ser pedido aos Irmãos mais novos ou mais velhos, aos pais, aos avós, e as próprias atividades podem ser realizadas no pequeno grupo que é cada família.*

*O local da peregrinação deve ser escolhido de acordo com os interesses, tradições e meios humanos e materiais disponíveis para cada paróquia, e considerando também a questão da distância em função da idade dos participantes, do seu número e do tempo disponível.*

## **2<sup>o</sup>**

### **Alternativa**

- 1.** *No caso de, de todo, não ser possível organizar uma peregrinação com as crianças, o catequista convidará alguns membros da paróquia que tenham feito, recentemente, essa experiência, instando-os a partilhá-la com o grupo, referindo as suas motivações, os episódios ou reflexões mais marcantes, os sentimentos vividos e o contributo da mesma para a sua vida quotidiana e a sua experiência de fé.*

*Para uma formação mais completa das crianças e porque estas precisam de modelos, convém que a partilha da experiência seja feita por um pequeno grupo de peregrinos que integre jovens, adultos da idade dos pais e adultos mais velhos, pois em cada faixa etária variam as motivações e a apreciação da experiência, cuja partilha diferenciada reverte a favor do processo pedagógico pretendido, uma vez que se encontram, também, em fases diferentes do seu peregrinar pela vida.*

*É absolutamente indispensável que o catequista se reúna com os convidados antes da realização da catequese de modo a previamente conversar com estes sobre os objetivos da catequese e as dimensões do testemunho que devem ser invocados: motivação para a peregrinação, preparação material e espiritual, importância da integração num grupo, relevância para a sua vida, sentimentos experimentados, descobertas realizadas, tanto de natureza espiritual como humana, possibilidade de aprofundamento da fé e de conversão, percepção da presença de Deus na peregrinação e na sua vida ... A história indicada para a 3ª alternativa pode fornecer indicações suplementares ao catequista.*

*Para que a transmissão da experiência seja mais realista e emocionante, convém que, sendo possível, sejam mostradas fotografias ou, até, filmes, que registem a peregrinação, se os houver. Também podem ser apresentados alguns dos equipamentos ou materiais usados, pelo seu testemunho silencioso e valor simbólico, como o calçado escolhido por cada um, os chapéus, os cantis, o estandarte do grupo, o terço com o qual se rezou, o cancionero dos cânticos cantados...*

*Convém que as crianças preparem, com o catequista e/ou as suas famílias, uma lembrança para oferecer aos convidados deste encontro. Sugere-se que arranjem e decorem um bastão/cajado, semelhante ao que foi usado nas catequese em que se invocou a figura de Moisés, não só para manter a continuidade simbólica mas, também, pela sua utilidade em futuras peregrinações.*

### **3ª**

#### **Alternativa**

- 1.** *Sendo impossível recorrer a uma das alternativas anteriores, o catequista invocará uma experiência-modelo, vivida por um personagem representativo e adaptando o texto aos interesses e costumes da paróquia e localidade (0*

*que supõe, sendo relevante, escolher outro local de peregrinação para integrar na história), tal como se segue:*

Cá estamos de novo e depois de mais uma semana o que temos a partilhar?  
Como foi esta nossa semana?

Por vezes a nossa vida parece monótona, mas há outros dias em que temos grandes novidades. Assim aconteceu com o Filipe, um jovem um pouco mais velho do que vocês, pois tem quinze anos, que viveu uma experiência inesquecível.

Todos os anos, na sua paróquia, o pároco (o Pe. Manuel) junta um grupo de pessoas que, no mês de maio, faz uma caminhada a pé até Fátima, para participar nas cerimónias que comemoram a aparição de Nossa Senhora aos pastorinhos, no dia 13 de maio. Há já alguns anos que os pais do Filipe participam nessa caminhada, deixando-o com os avós... Contudo, no passado mês de maio, os pais do Filipe deixaram-no, também, fazer essa viagem. Para o Filipe, foi uma experiência muito bonita e que lhe ensinou muitas coisas (*o catequista pode mostrar algumas fotos do santuário de Fátima e dos Pastorinhos, garantindo que todas as crianças reconhecem o local e as crianças - Material Pedagógico Auxiliar do catecismo 1 ou na página 61 e 63 do catecismo 5*).

O grupo em que ia o Filipe partiu no dia 05 de maio, para chegar a Fátima no dia 12. Os dois primeiros dias foram os mais difíceis, pois algumas pessoas não estavam habituadas a andar e queixavam-se frequentemente de bolhas nos pés e de dores nos músculos; outras diziam que sentiam saudades da sua casa, do seu sofá, da sua televisão (alguns, dos mais novos, sentiam sobretudo saudades dos jogos de computador); outras, ainda, achavam que a comida não era muito abundante nem muito boa (quando se vai a pé não se pode transportar muita coisa) ou lamentavam-se porque nem sempre encontravam água para matar a sede; havia, também, quem estava constantemente com medo dos atropelamentos (em certos lugares, as bermas das estradas eram muito estreitas e as pessoas tinham que caminhar quase na faixa reservada aos automóveis). Alguns ainda pensaram em desistir e em voltar para trás... Mas o Pe. Manuel ia-os animando e eles lá iam avançando. Depois, à medida que os quilómetros iam passando, as pessoas "apanhavam o ritmo" e as coisas iam melhorando. Aqueles que mais se queixavam, no início da viagem, deixaram de olhar tanto para os seus problemas e dificuldades e passaram a

encarar de forma mais positiva o esforço, o compromisso, a renúncia, o sacrifício... Passaram, até, a falar mais com os outros, a preocupar-se com os outros, a ajudar os outros.

Todas as noites, antes de descansarem, o Pe. Manuel (que durante o dia ia sempre à frente do grupo, a indicar o caminho, mas por vezes esperava pelos mais atrasados para os animar e ajudar) fazia uma oração. **Todos agradeciam a Deus pela ajuda que lhes tinha dado no caminho e pediam-lhe, também, que os protegesse e cuidasse deles ao longo da caminhada do dia seguinte...** Era engraçado, mas quanto mais rezavam mais lhes parecia que Deus estava com eles e os ajudava nas dificuldades... E, assim, o caminho parecia muito mais fácil e muito mais seguro.

Quando chegaram a Fátima, todos ficaram muito felizes. Claro que estavam muito cansados; mas sentiam, também, que tinham "crescido" no caminho: tinham-se tornado mais resistentes, mais responsáveis, mais atentos aos outros, menos egoístas... E tinham, também, aprendido a confiar mais em Deus – nesse Deus que os acompanhou e que deles cuidou ao longo do caminho.

*O catequista mostra às crianças fotografias de peregrinos a caminho, descansando no meio da caminhada e já em Fátima, numa celebração.*

Estão a ver estas fotografias? Não são do Filipe, nem do seu grupo, mas de outros peregrinos, porque são muitos os grupos que vivem e fazem experiências semelhantes.

## **2. Para as três alternativas:**

Que vos parece esta experiência que o N... (ou) estamos a fazer/fez na sua/nossa caminhada para Fátima (ou outro santuários escolhido)?

Conhecem alguém que já tenha feito alguma peregrinação a pé a (Fátima, outro santuário)? O que vos contam?

E a vós, o que seria que mais vos custaria/ o que é que mais vos custou? *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

E o que é/foi mais bonito? O que é que nunca esquecerão? *(Deixar as crianças exprimirem-se).*

Sabem que esta é uma experiência muito parecida com a caminhada que o Povo de Deus fez, na sua caminhada pelo deserto, depois de sair do Egito? Querem saber o que aconteceu, ao longo dessa caminhada?

## II. PALAVRA

1. Já sabeis que o Povo de Deus, libertado do Egito, pôs-se a caminho da Terra que Deus prometera dar aos seus antepassados – a Abraão e aos seus descendentes. Mas, entre o Egito e a Terra Prometida, havia o deserto – um território desolado e perigoso, onde a comida e a água eram escassas, e onde era difícil sobreviver. Aí aconteceu aquilo que acontece sempre quando há um grupo grande de pessoas a caminhar: alguns arrependem-se de ter começado aquela aventura e queriam voltar para trás; outros queixavam-se pela falta de comida e de água; outros criticavam a falta de segurança do caminho e tinham medo por causa dos perigos da viagem...

Criticavam Deus e criticavam Moisés por os terem trazido para ali. Parece que já não se lembravam de tudo o que Deus tinha feito por eles para os libertar da escravidão do Egito...

Não se portavam como adultos, mas como meninos mimados que não queriam fazer esforços nem estavam dispostos a fazer alguns sacrifícios para alcançar a terra onde seriam livres. Às vezes as pessoas são preguiçosas e comodistas e preferem não fazer esforços, mesmo sabendo que esses esforços as podem ajudar a ser mais livres e mais felizes (*solicitar das crianças alguns exemplos retirados das suas vidas, evitando que falem de terceiros*).

Ainda não tinham percebido que, muitas vezes, temos de caminhar, temos de trabalhar, temos de avançar, temos de nos esforçar para conquistarmos coisas boas, coisas que nos tornam mais felizes e mais livres.

2. Hoje, vamos ler algumas partes da Bíblia que nos relatam estes acontecimentos. Vamos começar por ler o que aconteceu certa vez, num lugar chamado Mara (cf. **Ex 15,22-27**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja conosco.**

*Todos:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do livro do Êxodo.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Leitor 1:*

**Moisés fez partir Israel do Mar dos Juncos,  
e saíram para o deserto de Chur.**

**Caminharam três dias no deserto e não encontraram água.  
Chegaram a Mara, mas não puderam beber a água de Mara,  
porque era amarga. Por isso se chamou àquele lugar Mara.  
O povo murmurou contra Moisés, dizendo:**

**«Que beberemos?»**

**E ele clamou ao Senhor,  
e o Senhor indicou-lhe um tronco que ele lançou à água;  
e a água tornou-se doce.**

**Foi lá que o Senhor deu ao povo um preceito e uma norma;  
foi lá que o pôs à prova.**

**E disse:**

**«Se escutares com atenção a voz do Senhor, teu Deus,  
e se fizeres o que é reto aos seus olhos,  
se deres ouvidos aos seus mandamentos  
e se guardares todos os seus preceitos,  
não farei vir sobre ti nenhum dos flagelos que infligi ao Egito,  
porque Eu sou o Senhor que te cura.»**

**Chegaram a Elim, onde estão doze nascentes de água e setenta  
palmeiras, e acamparam ali à beira da água.**

*O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: Ouviram bem? Quando os hebreus chegaram a Mara, encontraram uma fonte com água que não era muito saborosa (sabes que no deserto é sempre muito difícil encontrar água, e ainda mais água boa para beber); toda a gente ficou desanimada e protestou. Moisés, com a ajuda de Deus, lá conseguiu resolver o problema... Mas, nesse momento, o Povo mostrou que não estava disposto a fazer grandes sacrifícios para chegar à terra da liberdade.*

3. Num outra episódio é-nos contado que começaram a protestar porque queriam comer carne e no deserto não encontravam animais para comer (cf. **Ex 16,6-13**). Vamos ouvir o que se passou dessa vez.

*Leitor 2:*

**Moisés e Aarão disseram a todos os filhos de Israel:**

**«Ao cair da tarde reconhecereis que foi o Senhor que vos fez sair da terra do Egito, e pela manhã vereis a glória do Senhor, porque Ele terá ouvido as vossas murmurações contra o Senhor. Nós, porém, o que somos para que murmureis contra nós?»**

**Disse Moisés:**

**«Quando o Senhor vos der esta noite carne para comer, e pela manhã pão com fartura, então o Senhor terá ouvido as murmurações que vós proferistes contra Ele.**

**Nós, porém, o que somos?**

**Não são contra nós as vossas murmurações, mas contra o Senhor.»**

**Moisés disse a Aarão:**

**«Diz a toda a comunidade dos filhos de Israel: 'Aproximai-vos do Senhor, porque Ele ouviu as vossas murmurações.'»**

**Enquanto Aarão falava a toda a comunidade dos filhos de Israel, eles voltaram-se para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem.**

**O Senhor falou a Moisés, dizendo:**

**«Ouvi as murmurações dos filhos de Israel. Fala-lhes, dizendo: 'Ao crepúsculo comereis carne, e pela manhã saciar-vos-eis de pão, e conhecereis que Eu sou o Senhor, vosso Deus.'»**

**À tardinha caíram tantas codornizes que cobriram o acampamento.**

*O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: **Já repararam como o Povo de Deus se lamentou?** Protestaram e chegaram a dizer que tinham saudades do tempo em que eram escravos no Egito, porque aí, pelo menos, podiam comer carne... **Que é que será preferível: ser escravo, ser maltratado, sofrer maldades e injustiças e ter a barriga cheia de carne, ou comer outras coisas menos saborosas e ser livre?** Estes protestos eram sinal de que o Povo de Deus ainda não tinha "crescido", ainda não*

percebia bem o que era mais importante... No entanto, Deus deu-lhes carne com fartura: pousaram à volta do acampamento bandos de codornizes e eles puderam apanhar esses animais, cozinhá-los e comê-los.

4. Mas o Povo em caminhada também criticava Deus e Moisés porque não encontrava pão para comer (cf. **Ex 16,13b-36**). Vamos ouvir mais este relato.

*Leitor 3:*

**Pela manhã havia uma camada de orvalho ao redor do acampamento.**

**A camada de orvalho levantou, e eis que à superfície do deserto havia uma substância fina e granulosa, fina como geadas sobre a terra.**

**Os filhos de Israel viram e disseram uns aos outros:**

**«Que é isto?», pois não sabiam o que era aquilo.**

**Disse-lhes Moisés:**

**«Isto é o pão que o Senhor vos deu para comer.**

**Foi isto que o Senhor ordenou:**

**'Recolhei cada um conforme o que comer, um gômer por cabeça, segundo o número das vossas pessoas, recolhei cada um conforme os que estejam na sua tenda.'»**

*O catequista vai introduzindo as explicações necessárias: Deus fez aparecer uma substância a que chamaram "maná", com o qual podiam fazer pão...*

5. Numa outra ocasião, o Povo revoltou-se porque tinha sede e não havia água (cf. **Ex 17,1-7**). Protestaram duramente contra Deus e contra Moisés, e chegaram mesmo a perguntar se Deus estava mesmo com eles ou se não queria saber deles para nada... Vamos ouvir.

*Leitor 4:*

**Toda a comunidade dos filhos de Israel partiu do deserto de Sin para as suas etapas, segundo a palavra do Senhor.**

**Eles acamparam em Refidim, mas não havia água para o povo beber.**

**O povo litigou com Moisés, e disse:**

**«Dá-nos água para beber.»**

**Disse-lhes Moisés: «Porque litigais comigo?»**

**Porque pondes o Senhor à prova?»**

**Ali o povo teve sede de água, e murmurou contra Moisés, dizendo:**  
**«Porque nos fizeste subir do Egito para nos fazer morrer à sede,**  
**a nós, aos nossos filhos e ao nosso gado?»**

**Moisés clamou ao Senhor, dizendo:**

**«Que farei a este povo? Mais um pouco e vão apedrejar-me.»**

**O Senhor disse a Moisés:**

**«Passa diante do povo e toma contigo alguns anciãos de Israel;**  
**e leva na tua mão a vara com que feriste o rio, e vai.**

**Eis que estarei diante de ti, lá, sobre a rocha no Horeb.**

**Tu ferirás a rocha e dela sairá água, e o povo beberá.»**

**Assim fez Moisés diante dos anciãos de Israel.**

**Ele deu àquele lugar o nome de Massá e Meribá,**

**por causa do litígio dos filhos de Israel,**

**e por terem posto o Senhor à prova, dizendo:**

**«Está o Senhor no meio de nós ou não?»**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista comenta:* Vejam lá a ingratidão desta gente: depois de tudo o que Deus tinha feito por eles, ainda duvidavam de Deus e da sua vontade em ajuda-los... É como se alguém nos ajudasse em muitas coisas, nos desse muitas coisas boas e nós lhe virássemos as costas, dizendo que essa pessoa não queria saber de nós...

**6.** *À medida que se avança na catequese, o catequista deve procurar sintetizar com as crianças as ideias fundamentais, de acordo com o objetivo 2 desta catequese:*

No entanto, à medida que iam caminhando, o Povo também ia aprendendo coisas... Nessa terra – no deserto – onde não há nada e onde é difícil sobreviver, eles encontraram sempre tudo o que era preciso para sobreviver e continuar a caminhar..

**De onde vinha tudo isso de que o Povo precisava para viver?** Claro, de Deus. Foi aí, no deserto, nesse lugar onde faltava tudo - comida, água - que eles aprenderam essa grande lição: *(o catequista mostra o poster com o*

*seguinte texto e lê-o:)* **Deus está sempre ao lado dos seus filhos e filhas que caminham pelos caminhos do mundo e dá-lhes o que eles necessitam para terem vida e para serem felizes.**

Muitas vezes, como já dissemos antes, eles revoltaram-se contra Deus e disseram que Deus lhes tinha virado as costas e não queria saber deles... Deus podia ter ficado zangado, diante desta ingratidão, e tê-los abandonado, mas **como respondeu Deus?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e, caso se aplique, depois destas, também os adultos:*)

Deus continuou a ajudá-los e a caminhar com eles... E assim eles aprenderam outra grande lição: Deus nunca abandona os seus filhos e filhas, mesmo quando eles se portam mal e dizem disparates... Deus tem um coração grande, um coração bondoso, cheio de misericórdia e de perdão (*o catequista junta ao poster anterior os dísticos "misericórdia" e "perdão"*).

Diante de tudo isto, o Povo de Deus foi aprendendo, aos poucos (ao longo daquele caminho que percorreu pelo deserto), a confiar completamente em Deus, foi aprendendo como era importante ouvir o que Deus dizia e seguir as suas indicações, foi aprendendo que não podemos confiar nas nossas opiniões ou nas nossas ideias (que muitas vezes estão erradas, pois há muita coisa que nós não percebemos), mas que podemos confiar em Deus. Tudo pode falhar, na nossa vida; mas Deus está sempre ao nosso lado e nós podemos confiar n'Ele em todos os momentos (o catequista mostra e coloca sob os dísticos anteriores o **dístico "confiança"**).

Esta viagem pelo deserto acabou, assim, por ser uma viagem durante a qual o Povo "cresceu", aprendeu a ver melhor as coisas; foi uma viagem durante a qual o Povo ficou a conhecer melhor Deus, aprendeu a confiar em Deus, aprendeu a escutar Deus.

## **7. Vocês já fizeram alguma viagem destas? Não estamos, todos os dias, a fazer esta viagem?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Todos os dias andamos por aí, como se estivéssemos a atravessar o deserto... Passamos dificuldades, sentimo-nos cansados e fartos de tudo, corremos perigos, temos medo de muitas coisas, por vezes não conseguimos ter as coisas que gostaríamos (a roupa que queríamos, os jogos de computador, os brinquedos...), ficamos sem vontade de fazer as coisas que nos pedem e que, tantas vezes, nos custam... Protestamos, zangamo-nos, apetece-nos desistir de tudo. **Mas será que estamos sozinhos e perdidos nessa caminhada?**

*(Deixar as crianças exprimirem-se).*

Claro que não. Deus vai connosco, mesmo se não o vemos a nosso lado... Ele cuida de nós, Ele indica-nos caminhos, Ele faz tudo para que nós possamos crescer, encontrar Vida e sermos felizes. O que é preciso é que nós estejamos dispostos a escutar e aceitar as indicações de Deus... E será bonito se, todos os dias, lhe soubermos dizer "obrigado" por tudo o que Ele nos dá.

8. Nós – como o Povo de Deus – à medida que caminhamos pela vida também vamos crescendo, ouvindo esse Deus que nos acompanha e que nos diz como é que devemos caminhar. Aprendemos a ver as coisas de outra forma: tornamo-nos menos egoístas, menos preguiçosos, aprendemos a ir ao encontro dos outros para os ajudar, aprendemos a trabalhar para construir um mundo mais bonito e mais feliz, aprendemos a fazer gestos de bondade, de amor e de paz. Só vale a pena continuar a caminhar se não ficarmos para trás, se aprendermos alguma coisa ao longo desse caminho.

Para nos ajudar nesta caminhada há uma altura do ano em que nós somos, especialmente, convidados a mudar a nossa vida (ou seja, a dar passos em frente no caminho da nossa vida) para sermos pessoas mais bondosas e melhores. **Sabem como se chama esse tempo? Chamamos a esse tempo "Quaresma".** É o tempo em que nos preparamos para a Páscoa, em que procuramos "nascer para uma vida nova"; é o tempo em que somos desafiados a sermos pessoas novas: menos egoístas, menos orgulhosas, menos comodistas, mais responsáveis, mais atentas aos outros, mais atentas a Deus. *(Deixar as crianças exprimirem-se).* Na Quaresma, é como se andássemos através do deserto com o Povo de Deus, e ao longo desse caminho nos fosse dada a oportunidade de "crescer" – isto é, de nos renovarmos, de passarmos a perceber melhor as coisas, de levarmos a vida mais a sério, de confiarmos mais em Deus, de aprendermos a ajudar os outros. **Na Quaresma deste ano todos nós vamos fazer um esforço e percorrer um caminho assim!**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Para estarmos preparados para demonstrar como queremos mudar a nossa vida e, tal como o Povo de Deus, que queremos "crescer", cada um de nós vai fazer um momento de silêncio e pensar em tudo o que hoje vivemos e escutámos na catequese. *(Após alguns minutos de silêncio e sem pressa*

*para o interromper desde que as crianças não comecem a agitar-se, o catequista propõe, mostrando o dístico "mudar a minha vida":)*

E, silêncio, cada um, vai pensar num aspeto da sua vida que queira mudar, algo que mostre que é capaz de crescer, de ser mais crescido, de agir como Deus lhe pede (*o catequista mostra o poster com o texto "Ser menos egoísta, orgulhoso, menos comodista; ser mais responsável, mais atento aos outros, mais atento a Deus." e prossegue:*) O que aqui está escrito a vermelho indica-nos o que devemos esforçar-nos por retirar da nossa vida... somos sempre um bocadinho egoístas, orgulhosos, comodistas! Queremos lá ter trabalho, que maçada ajudar... cumprir o nosso dever! E a verde está o que nunca somos suficientemente, o que devemos ser mais: responsáveis, atentos aos outros e a Deus; podemos sempre ser mais amigos, mais generosos...

Agora, cada um pega na sua **Barra Cronológica**, que tem servido para testemunhar e registar o nosso caminho deste ano, a nossa travessia do deserto, e, no espaço da catequese 14, vai escrever algo de bom e de generoso que quer fazer durante TODA A QUARESMA. Mas vai escrevê-lo de uma maneira muito concreta: (*é necessário dar tempo às crianças, questioná-las uma a uma e, em caso de necessidade, o catequista pode dar alguns exemplos, sabendo que algumas crianças os podem adotar sem verdadeiramente refletirem e, portanto, sem se comprometerem, mas tudo depende da maturidade das crianças e da habilidade do catequista*) eu vou ajudar a minha mãe a ... vou passar mais tempo com... vou estudar todos os dias... vou fazer sempre o trabalho de casa...

*O catequista ajuda as crianças a registarem este objetivo, por exemplo: estudar com mais atenção; ajudar em casa arrumando o quarto; levantar de manhã sem resmungar... Depois de todos terem registado o seu compromisso, prossegue:*

2. Agora, para termos muita força de vontade e coragem para levar para diante este COMPROMISSO de QUARESMA, tão importante, vamos rezar para pedir ao Senhor, Pai de misericórdia, que nos acompanhe e, sobretudo, que nos ajude a perceber que Ele está sempre connosco. Começaremos e terminaremos cantando. Vamos, então, pôr-nos de pé e cantar o **cântico**:

**"O Povo de Deus".**

*Depois, prosseguem com a oração:*

**Leitor 1** – Senhor Deus, nós percorremos todos os dias um caminho cheio de dificuldades e de problemas, que por vezes nos deixam tristes e nos fazem sofrer. Mas nós sabemos que tu caminhas ao nosso lado e nunca nos deixas só. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

**Leitor 2** – Senhor Deus, muitas vezes nós fazemos coisas erradas, magoamos-te a ti e às pessoas que caminham connosco – os nossos pais, os nossos irmãos, os nossos amigos, os nossos professores... Mas tu nunca nos viras as costas; perdoas os nossos disparates e continuas, com toda a paciência, a mostrar-nos os melhores caminho. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

**Leitor 3** – Senhor Deus, ao longo do caminho da nossa vida, tu dás-nos muitas coisas... És tu que nos dás a vida, a saúde, a comida que comemos todos os dias, o amor da nossa família e a amizade dos nossos amigos, a possibilidade de estudar e de nos prepararmos para o futuro... Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

**Leitor 4** – Senhor Deus, quando caminhamos contigo, quando ouvimos as tuas palavras, quando vivemos de acordo com os teus mandamentos, tornámo-nos pessoas melhores, mais bondosas, com mais amor e respeito pelos outros. E, todos os dias, tu continuas a dizer-nos, com as tuas palavras, como é que podemos ser felizes. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

**Leitor 5** – Senhor Deus, todos os anos tu ofereces-nos um tempo – o tempo da Quaresma – durante o qual nos convidas a mudar as coisas que estão erradas na nossa vida e a tornarmo-nos pessoas novas e melhores. Nesse tempo, a tua Palavra diz-nos para sermos menos egoístas e amarmos mais os outros, para sermos menos preguiçosos e cumprirmos melhor aquilo que tu nos pedes. Por isso, nós te agradecemos.

Todos: **Tu és um Pai que cuida de nós. Obrigado, Senhor Deus.**

*Para concluir a oração, canta-se de novo o cântico:*

**"O Povo de Deus"**

### **3. Compromisso:**

Nós hoje já preparámos o nosso compromisso, mas quero recordar-vos que este deve acompanhar-vos durante toda a Quaresma. Faltam (*indicar o número exato*) dias para a Páscoa e, em sinal de cada dia em que cumpriram este compromisso que cada um escolheu, vão pintar uma bolinha de cor na vossa **Barra Cronológica**, junto do texto do compromisso: é o sinal do vosso maná!

#### *Para guardar na memória e no coração*

«Se escutares com atenção a voz do Senhor, teu Deus, e se fizeres o que é reto aos seus olhos, se deres ouvidos aos seus mandamentos e se guardares todos os seus preceitos, não farei vir sobre ti nenhum dos flagelos que infligi ao Egito, porque Eu sou o Senhor que te cura.»

De Ex 15,22-27

## DEUS REINA SOBRE O SEU POVO

1. (1) (2) (3) (4) (5) (6) (7) (8) (9) (10)

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Deus é o rei do seu Povo

Aquele grupo de escravos – descendentes das famílias patriarcais – que foi oprimido no Egito não tinha, nessa fase, consciência de ser o Povo de Deus... Era um conjunto de tribos nômadas, aparentadas entre si mas desgarradas, sem uma “consciência nacional” que lhes desse consistência e que as aglutinasse à volta de um projeto comum.

Um dia, contudo, através de Moisés, Deus apareceu-lhes no caminho. Sob a égide de Deus, esses grupos nômadas viveram a maravilhosa experiência da libertação e colheram os primeiros frutos da liberdade; conduzidos por Deus, eles caminharam pelo deserto e encontraram água, comida e tudo o que era necessário para sobreviver; um dia, diante de uma montanha, foram confrontados com o desafio de se comprometerem com Jahwéh numa aliança de comunhão e aceitaram ser o Povo de Deus... Receberam, então, indicações concretas de como viver para serem o Povo dedicado ao Senhor, o Povo cuja vocação e missão é dar testemunho de Deus diante dos outros povos...

Deus foi, portanto, o cimento que deu consistência e que uniu estes distintos grupos nômadas. Mais do que um Povo unido por laços de sangue ou por interesses e valores culturais e políticos, Israel é uma “comunidade de fé”, uma comunidade reunida à volta de Jahwéh, que tem em Jahwéh a sua referência e o seu polo aglutinador.

Como Povo de Deus – um Povo “separado” dos outros povos, reunido à volta de Jahwéh e dedicado exclusivamente ao serviço de Jahwéh – Israel vê em Deus o seu guia, o seu “pastor”, a sua referência. É Jahwéh, e apenas Jahwéh, que conduz o seu Povo pelos caminhos da história e lhe oferece uma existência livre, harmoniosa, fecunda, feliz; é Jahwéh que dá ao seu

Povo leis justas e boas; é Jahwéh que conduz o seu Povo na luta contra a opressão e a injustiça; é Jahwéh que dá ao seu Povo as instituições que suportam toda a estrutura social e vela para que elas funcionem adequadamente e cumpram a sua missão; é Jahwéh que garante a estabilidade moral, material, social e política do seu Povo... Numa palavra, Jahwéh é o "rei" de Israel. Israel não sentiu, inicialmente, necessidade de ter outro "rei", outra referência, outro guia, outro pastor. Dessa forma, acentuava a sua dimensão de Povo diferente dos outros, de Povo à parte, que vivia para Deus e de Deus, que tinha como missão testemunhar no meio do mundo o rosto e o projeto de Deus.

Mais tarde, o Povo de Deus entrou na Terra Prometida e instalou-se aí, lado a lado com outros povos. O contacto com outras realidades políticas e culturais fez com que Israel se sentisse tentado a questionar as opções até aí feitas. Sobretudo em épocas onde se fazia especialmente notar a pressão militar de outros povos e sempre que essa pressão se tornava opressão e injustiça, o Povo de Deus começou a reclamar a instituição da realeza, à imagem daquilo que acontecia com outros povos (cf. 1 Sam 8,19-20). Não esperavam já um chefe inspirado por Deus e que aparecia em condições especiais (como os "juizes"); queriam um verdadeiro rei que organizasse as tribos e que chefiasse na guerra de libertação.

A exigência de ter um poder central forte e concentrado tornou-se mais premente quando os filisteus – um povo aguerrido, instalado na faixa costeira palestina – começou a fazer pressão sobre os territórios ocupados pelas tribos que constituíam o Povo de Deus.

## **2. Primeira tentativa de instaurar a monarquia: Saul**

Inicialmente, a ideia de instaurar a monarquia não foi consensual. Alguns dos anciãos de Israel – e, entre eles, o profeta Samuel – continuavam a pensar que a escolha de um rei não estava de acordo com os princípios teológicos que deviam reger o Povo eleito, cujo único rei é Deus. No entanto, a pressão popular e as necessidades políticas e militares impuseram essa solução.

O escolhido para essa primeira experiência monárquica foi Saul, um homem da tribo de Benjamim, que se distinguiu pela sua heroicidade e capacidade de liderança, na guerra contra os amonitas (cf. 1 Sam 11). Vencido o combate, as tribos reuniram-se em Guilgal e proclamaram Saul rei de todo o Israel. "Israel", naquelas circunstâncias, era a tribo de Benjamim, as gentes de Galaad e, seguramente, a tribo de Efraim.

Uma tradição um pouco diferente sobre a escolha de Saúl para rei, conservada em 1 Sam 9-10, apresenta-o, preferencialmente, como o homem que Deus elegeu para a realeza: é o profeta Samuel que, mandatado por Deus, consagra e unge Saul como rei de Israel. É uma "tradição" de carácter teológico que apresenta o rei como o "ungido de Jahwéh"... É o rei Deus que escolhe um rei, que o designa e que o unge para o representar junto do Povo e para agir em nome de Deus.

A obra de Saul era muito frágil. Ao seu reino faltavam bases e uma administração organizada. O seu exército, mesmo tendo algum êxito na defesa das colinas, não podia enfrentar-se com os carros de guerra filisteus na planície. Saul e seu filho Jónatas acabaram por morrer em combate contra os filisteus, na batalha de Gelboé, por volta do ano 1010 (cf. 1 Sam 31).

A morte de Saul em Gelboé põe fim a esta primeira tentativa de instaurar a realeza. Saul, no entanto, lançou os fundamentos de um estado e deve ter contribuído para uma ideia que só vai vingiar alguns anos depois: a ideia da unidade das diversas tribos.

### **3. A realeza consolida-se: David**

David nasce por volta de 1040 em Belém de Judá. Um dia, aparece na corte de Saul. Como é que lá foi parar? O "Livro de Samuel" apresenta três tradições sobre a entrada de David em cena.

A explicação mais simples apresenta David como um admirável guerreiro, cuja valentia chamou a atenção de Saul. Sobre este tema escreveu-se a história do combate de David com Golias, um gigante filisteu (cf. 1 Sam 17); provavelmente, esta versão não tem fundamento histórico, já que outra tradição fala do combate singular entre Golias e um herói chamado El-Hanan (cf. 2 Sam 21,19). Este relato deve, pois, ter aparecido mais tarde, quando David se tornou rei: para engrandecer a David, atribuem-se-lhe as proezas de outros heróis.

A segunda tradição apresenta o rei Saul como uma pessoa doente, com frequentes ataques que só o poeta David, com os seus cânticos e a sua harpa conseguem acalmar. O jovem poeta David passou, então, a residir na corte de Saul, onde facilmente conquistou amizades, incluindo Jónatas, o filho de Saul.

Finalmente, a terceira tradição – a menos verificável historicamente, mas a de maior importância teológica – apresenta a realeza de David como uma escolha de Jahwéh: Deus envia Samuel a ungir David como rei em lugar de Saul (cf. 1 Sam 16, 1-13). Desta forma David é apresentado – como já tinha

acontecido com Saul – como o rei escolhido por Deus para o seu Povo. Este dado traduz a forma como o Povo de Deus encarava a realeza: o rei era Deus; mas Deus podia confiar a um homem por Ele escolhido a tarefa de conduzir, em nome de Deus, os destinos do seu Povo.

Seja como for, a verdade é que David teve que deixar a corte por causa da inveja e do ciúme do rei. Perseguido por Saul, David porta-se sempre como um homem de coração magnânimo, que se recusa a atentar contra a vida do rei por fidelidade a Deus (cf. 1 Sm 19-26). Mais tarde torna-se um mercenário, ao serviço dos filisteus (cf. 1 Sm 27).

Por volta de 1012 a.C., David faz-se proclamar rei de Judá (uma tribo do sul) em Hebron e começa a pensar numa aliança entre as tribos do norte e do sul. Pouco depois, Saul e seu filho Jônatas morrem, em combate contra os filisteus (cf. 1 Sm 31), e David é convidado, pelos anciãos do norte, a reinar sobre as tribos do norte, que até aqui integravam o reino de Saul. Passa, então, a reinar sobre Israel e sobre Judá, conseguindo pela primeira vez a união das tribos do norte e do sul.

As qualidades guerreiras de David levam-no a vitórias sucessivas e importantes sobre os filisteus, fazendo-os recuar para a planície e ampliando, assim, as fronteiras dos territórios do seu reino.

Para consolidar a unidade do novo reino (agora constituído por 12 tribos que, até há pouco, não formavam uma unidade política), David propôs-se encontrar uma cidade que fosse aceite, pelas tribos do norte e pelas tribos do sul, como a capital do reino unificado. Escolheu Jerusalém, uma cidade cananea independente e bem fortificada, situada praticamente na divisão entre os territórios do norte e os do sul. A cidade foi conquistada com o esforço de todas as tribos e tornou-se a capital do novo reino (cf. 2 Sm 5, 6-12). Pouco depois, para reforçar essa unidade política, David procurou também a unidade religiosa e fez transportar para Jerusalém a Arca da aliança, com grande pompa (cf. 2 Sm 6).

Depois de ter construído para si, em Jerusalém, um palácio sumptuoso, David pensou em construir um templo para Deus (cf. 2 Sm 7, 1-3); mas o profeta Nathan, inspirado por Jahwéh opôs-se. Encontrámos aqui o eco de uma disputa que dividirá durante muito tempo os israelitas... Para alguns ambientes proféticos, o templo seria uma ofensa a Deus, uma tentativa de encerrá-lo dentro de um espaço fechado, em vez de deixar-se guiar por Ele. Jahwéh é um Deus “nómada”, que acompanha o seu Povo pelos caminhos da vida e da história e que não tem um lugar fixo para se encontrar com os homens. Encerrá-lo num lugar, é negar os atributos de Jahwéh. O Templo não foi,

nesta circunstância, construído... Contudo, para encerrar a discussão, os teólogos de Israel dizem: não é a David que compete construir uma casa para Deus; mas é Deus que construirá para David uma casa (leia-se: “uma descendência”) que reinará para sempre (cf. 2 Sm 7,4-17).

David foi um homem notável. Poeta e músico, são-lhe atribuídos numerosos salmos (orações-poemas do Povo de Deus); grande guerreiro venceu os filisteus, conquistou Jerusalém, e incorporou no seu império territórios de Moab, de Edom e de Amon, povos que tantas vezes inquietaram as tribos do Povo de Deus. Procurou, ainda, dotar o reino de uma administração centralizada, criando um aparelho administrativo que viria, depois, a ser aperfeiçoado pelo seu sucessor, Salomão. Também foi um homem fraco e pecador, que mandou matar Urias para lhe ficar com a mulher (cf. 2 Sam 11-12); mas reconheceu as suas falhas, soube humilhar-se e pedir o perdão de Deus (cf. 2 Sam 12,12-14). David ficou na memória coletiva como um homem que tinha graves falhas, mas que, apesar de tudo, escutava Deus e procurava cumprir as indicações de Deus. Ele não foi perfeito; mas procurou ser um instrumento de Deus, conduzindo o Povo de Deus pela história.

O reinado de David foi uma época de esplendor, que será recordado no futuro como o tempo ideal da monarquia. Daí que os apelos à esperança no futuro façam continuamente referência ao reinado de David e ao rei, descendente de David, que há de vir restaurar o trono de seu pai e devolver a Israel essa época de paz e de prosperidade.

#### **4. A promessa messiânica**

Na sequência da vontade expressa por David de construir um Templo – uma “casa” – para Deus, os catequistas do Povo de Deus apresentam uma afirmação que irá fazer história: jogando com o termo hebraico “bait” (“casa” e “descendência”), eles põem Deus a comprometer-se a dar uma “casa” – isto é, uma descendência – a David; para esse rei que vai nascer de David, Deus será “um pai” e ele será para Deus “um filho”; a graça de Deus repousará sobre ele; Deus protegê-lo-á e ele reinará para sempre (“a tua casa e o teu reino permanecerão para sempre diante de mim, e o teu trono estará firme para sempre” (2 Sam 7,16)).

A promessa de Deus aqui expressa (2 Sam 7) acabará, nos séculos seguintes, por ultrapassar a referência a Salomão, o filho e sucessor de David, adquirindo um alcance e uma dimensão futura... Deixa entrever a aparição de um descendente ideal que dará cumprimento a todas as esperanças e aspirações que o Povo depositava na dinastia davídica.

Este compromisso fundamentará a esperança do Povo de Deus nos séculos posteriores, sobretudo em épocas dramáticas de crise e de angústia nacional. Sempre que as crises e as circunstâncias da história lançavam o Povo de Deus na frustração e na angústia, esta promessa era recordada e aparecia como "uma luz ao fundo do túnel". Acendia a confiança em Deus e fundamentava a esperança no futuro. Dizia ao Povo que Deus não tinha abandonado nem esquecido o seu Povo; garantia ao Povo que o projeto de salvação de Deus é eterno e que, por decisão irrevogável de Deus, esse projeto de salvação estará sempre a desenrolar-se na história dos homens. Para os cristãos, esta promessa encontrará a sua plena realização em Jesus, o "Filho de Deus" que veio instaurar entre os homens o Reino de justiça, de amor e de paz pelo qual todos ansiavam.

## **OBJETIVOS**

- Conhecer David, o homem a quem Deus confiou a missão de unir e de conduzir o seu Povo;
- Aprender, através da figura de David, algumas "qualidades" humanas: a aceitação dos desafios que Deus apresenta, a magnanimidade, o perdão aos inimigos, a humildade diante de Deus, o reconhecimento dos próprios erros e falhas;
- Recordar algo que já foi descoberto em encontros anteriores: Deus salva o seu Povo e age na vida do seu Povo através das pessoas que Ele chama e a quem Ele confia determinada missão;
- Aprender a ver o poder, não como um privilégio, mas como um serviço que, por mandato de Deus, se presta à comunidade.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Nesta catequese, o catequista deve ter a preocupação de transmitir de forma clara que é Deus quem está sempre presente no meio do Seu povo. Ele é quem guia, quem protege, o primeiro sempre a tomar a iniciativa de ir ao encontro do seu povo. Deus escolhe, na história de vida do Seu povo, pessoas a quem confia uma missão. É nesta dimensão do projeto de Deus que surge David. David, escolhido por Deus para ser Rei do seu povo, está, através do seu "sim", e através das suas qualidades, ao serviço de Deus, que é quem reina sobre o seu povo.
2. As crianças, nesta faixa etária, são sensíveis a figuras mítico-históricas, como reis, rainhas, guerreiros, chefes, etc., assim como a noções de poder,

reinos, conquistas, etc. No seu natural percurso escolar, as crianças destas idades adquiriram já conhecimentos de história, o que facilita a aceitação destas questões como, por exemplo: a necessidade de haver quem governe, a comparação entre diferentes tipos de governação, a importância de determinadas qualidades da pessoa que governa, a identificação do que é uma boa governação por comparação com uma má e as suas inevitáveis consequências, etc. O catequista, deverá valorizar, sempre que possível, nesta catequese, os conhecimentos das suas crianças, de forma que o essencial seja assimilado: a ação de Deus junto de todos nós, desde toda a eternidade, apesar das nossas qualidades e fragilidades. Mas, terá em atenção que as crianças não possuem uma competência analítica particularmente apurada e que tendem a fazer uma leitura literal e concreta do que se lhes conta, pelo que os relatos, emocionados, também devem ser simples e claros, sóbrios e contidos, como se propõe na pequena dramatização da história, que deve ser levada a cabo pela vantagem que supõe envolver as crianças na "experiência de ser povo de Deus".

3. Face ao mundo em que vivemos, cuja cultura dominante tanto valoriza a posse do poder, a aparência física jovem e "saudável", a facilidade de se ter sucesso sem esforço e sem respeito pelo outro, a conquista rápida e superficial de objetivos muito centralizados no "eu", ao catequista é dada, nesta catequese, a grande oportunidade para desenvolver com as crianças um sentido adequado e profundo do valor da vida humana, da atenção ao outro, do poder como serviço aos outros, do esforço e dos sacrifícios que todos temos de despender para conseguirmos chegar a metas que, realmente, valorizem a vida humana e a sua dignidade. Também é fundamental ajudar as crianças a refletir sobre a sua vida, e a vida de cada um de nós, como dom de Deus, para o Seu serviço, oferecendo as qualidades e procurando educar e ultrapassar as fragilidades que tocam a natureza humana.

## **MATERIAIS**

### **1. Para a Experiência Humana:**

- Cartolina (de cor à escolha), com o desenho da tabela como exemplificado no Documento 1;
- Um marcador ( de cor à escolha), dependendo da cor escolhida para a cartolina, para não prejudicar a leitura do que for escrito;

## 2. Para a Palavra:

- Bíblia;
- Vela;
- Fósforos;
- Lençol ou pano branco ou, ainda, um pano artesanal típico da região de Israel.
- Quatro baús pequenos ou quatro caixas (preferencialmente dando a ideia de antigo, tesouro);
- Dísticos: "DEUS", "QUERIAM UM REI, COMO OS OUTROS POVOS", "SAUL", "DAVID", "BELÉM", "É Deus que escolhe o rei", "Deus escolhe as pessoas pelo seu coração", "arrepender-se e pedir perdão a Deus", "esperança";
- Quatro Rolos, como exemplificado no Documento 2. Cada rolo deverá ter o texto referente a cada baú/caixa que está destacado na Palavra;
- Flores ou um vaso com uma planta;
- Taça com óleo;
- Cópia do cântico "Cantarei ao Senhor".

## MÚSICA

- "Cantarei ao Senhor" (Taizé).

## III - DESENVOLVIMENTO DA CENA BÍBLICA

### Preparação da sala:

A sala deverá contemplar três espaços distintos:

- a) Espaço 1: uma mesa ao centro com as cadeiras à volta, onde se deverá colocar em cima a cartolina (Cf. Documento 1) e um marcador. No caso de a sala ser pequena ou de não existir uma mesa, a cartolina poderá ser colocada no chão, com as crianças sentadas à sua volta;
- b) Espaço 2: distribuir os três baús/caixas, espaçados uns dos outros, o mais que se puder. Não é necessários serem postos, todos, a um canto da sala;
- c) Espaço 3: escolher o lugar mais bonito da sala e colocar uma pequena mesa, ou caixa ou algo que eleve um pouco os materiais: Bíblia, rolo, vela, flores ou planta, os dísticos "DAVID", "BELÉM", uma taça de óleo, vela e fósforos. A mesa deverá estar coberta com um pano branco ou um tecido de linho ou algodão fiado de modo artesanal.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

- 1. Em Portugal, o Chefe do Estado é o Presidente da República. Sabem qual é o seu nome?** *(deixar as crianças dizerem o nome do atual Presidente da República).*

*O catequista deverá escrever o nome do Presidente da República no espaço da cartolina reservado para o efeito ou pedir a uma criança que o faça. (Cf. Documento 1).*

- 2. Pois é, de acordo com a "Constituição" (o documento fundamental que regula os direitos e garantias dos cidadãos e a organização política de um Estado) de Portugal, é o Presidente da República que representa o nosso país, que garante a independência nacional e o funcionamento das instituições democráticas, que preside às Forças Armadas. Por outras palavras, mais simples, é ele que as pessoas deste país escolheram, em eleições livres, para estar à frente dos destinos do nosso país, para ser responsável pela defesa do nosso país e para fazer com que os órgãos responsáveis pela condução da comunidade portuguesa (governo, tribunais, etc.) funcionem bem, no respeito pelas leis portuguesas.**

- 3. E como funciona nos outros países? Vamos pensar em conjunto. Será que todos os países têm um Presidente da República como nós ou funcionam de forma diferente?** *(deixar as crianças expressarem algumas das suas ideias, preenchendo os restantes espaços previamente preparados na cartolina (Cf. Documento 1)).*

Podemos, então, concluir que noutros países e noutros povos, esta função não é desempenhada por um Presidente, eleito de tanto em tanto tempo, mas por um "rei". Ele poderá desempenhar funções semelhantes às do Presidente (com mais ou menos poderes, de acordo com as leis de cada país), mas não é, normalmente, escolhido pelo povo em eleições periódicas. Em qualquer caso, é a pessoa que preside aos destinos desse Estado, do qual ele é rei... É isso que acontece atualmente na Espanha ou na Inglaterra, por exemplo, tal como vimos há pouco, quando preenchemos a cartolina.

- 4. E na antiguidade? Os povos de então também sentiam a necessidade de ter um rei?** *(deixar as crianças expressarem os seus conhecimentos, podendo o catequista pedir alguns dos nomes dessas figuras antigas,*

*importantes na história de Portugal ou de outros reinos antigos, sem outra preocupação que não a de fazer as crianças pensar a monarquia como uma solução antiga de governo legítimo dos povos).* De facto, na antiguidade, quase todos os povos tinham o seu rei... Ele era, para o seu povo, uma figura de referência, que governava esse povo, que o defendia, que cobrava os impostos, que tomava as decisões e, muitas vezes, que fazia as leis e que julgava e castigava quem as não cumpria. O rei era aquele que presidia aos destinos do seu povo.

Era isso, também, que acontecia com o Povo de Deus, esse Povo que começou com Abraão, que foi libertado por Deus da escravidão do Egito, que fez uma aliança com Deus, que recebeu de Deus os "mandamentos" e que caminhou com Deus pelos caminhos do deserto, como vimos nos nossos encontros anteriores. Vamos conhecer como é que isso se passou, como é que o Povo de Deus escolheu ter um rei e o que é que ele representava para o seu Povo.

## II. PALAVRA

### 1. O catequista propõe às crianças:

Vamos, agora, juntos, caminhar à volta da nossa sala. Façamos como o Povo de Deus, que cresceu na sua fé, enquanto caminhava em conjunto, ouvindo e refletindo na Palavra de Deus e dos seus Profetas. Vamos procurar, desta forma, conhecer e entender melhor mais um pouco da história do Povo de Deus, em especial sobre a forma como o Povo de Deus lidou com esta necessidade de se sentir guiado e protegido por alguém.

*a) O catequista guia as crianças, então, até ao baú/caixa 1, reunindo-as à volta dele (de pé ou sentadas, como preferir) e pede a uma criança para retirar o rolo que está lá dentro. A criança retira, então, o rolo e entrega-o ao catequista, que o lê ou dá a uma criança para que esta o leia:*

#### *Texto do Rolo 1*

*Nos primeiros tempos da sua história, o Povo de Deus não tinha um "rei" humano a governá-lo... Nesses tempos em que o povo de Deus caminhou pelo deserto, – quem conduzia o Povo, quem o protegia contra os inimigos, quem lutava para o libertar, quem lhe dava leis justas e boas ("mandamentos"), quem lhe proporcionava o pão e a água de que o Povo precisava*

*para sobreviver? Claro, era Deus. Deus é que era o "rei" de Israel. E era um rei muito bom e justo, que fazia tudo pelo seu Povo, que cuidava bem do seu Povo e o salvava em todos os momentos de dificuldade.*

*b) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "DEUS". O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico "DEUS" para o colocar em cima da caixa, de forma bem visível.*

*c) Terminada esta primeira etapa, o catequista prossegue:*

*Sigamos, de novo, em conjunto, para o passo seguinte desta história do Povo de Deus. Vamos prestar atenção à forma como o Povo de Deus foi vivendo a sua experiência.*

*O catequista reúne o grupo de crianças à volta do segundo baú/caixa, à semelhança do que fizcram na primeira etapa. O catequista pede a outra criança para retirar o rolo que está lá dentro. A criança retira, então, o rolo e entrega-o ao catequista que o lê ou dá a ler a uma criança:*

#### *Texto do Rolo 2*

*Entretanto, os anos foram passando. O Povo de Deus chegou à Terra Prometida e instalou-se aí. Começou a olhar para outros povos que habitavam à sua volta e começou a ver que eles tinham reis a governá-los... Esses reis nem sempre eram bons, nem sempre eram justos, nem sempre respeitavam os direitos das pessoas... Mas o Povo de Deus começou a achar que devia ser igual aos outros povos e que também podia ter um rei, um rei que os chefiasse na guerra e que os governasse na paz.*

*d) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "QUERIAM UM REI, COMO OS OUTROS POVOS". O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico para a colocar em cima do baú/caixa, de forma bem visível.*

*e) O catequista propõe de novo:*

*A história continua e o povo vai fazendo o seu caminho como sociedade. Mas o que terá acontecido? Que rumo tomou este anseio do povo? Vamos seguir para o terceiro baú/caixa, nele encontraremos a resposta.*

*Reunidos todos à volta do terceiro baú/caixa, o catequista pede a uma outra criança para retirar o rolo que se encontra dentro do baú/caixa e comenta:*

Agora vamos voltar a ouvir falar do profeta Samuel. Espero que se lembrem dele – no vosso catecismo do ano passado até está representado um quadro muito bonito de Samuel em criança... porque Deus o chamou ao seu serviço quando ele ainda era um rapaz! Deus confiou-lhe a missão de servir de "juiz", isto é, tal como os juizes de hoje, que trabalham para resolver os conflitos que as pessoas têm, Samuel, nessa altura, trabalhou para resolver os que surgiam entre algumas tribos do Povo de Deus.

*O catequista lê o texto do rolo 3 ou dá-o a uma criança para que o leia:*

### *Texto do Rolo 3*

*Nessa altura (há cerca de 3.030 anos), os chefes das principais famílias do Povo de Deus foram ter com Samuel e pediram-lhe que arranjasse um rei para os governar, um rei como os dos outros povos. Samuel não gostou muito da ideia, pois achava que o único rei, para o Povo de Deus, devia ser o próprio Deus... Mas depois, por indicação de Deus, foi ter com um homem chamado Saul e, em nome de Deus, sagrou-o rei. Saul tornou-se rei porque Deus o escolheu para essa missão. Samuel, mandado por Deus, derramou óleo sobre a cabeça de Saul, o que significava que Saul tinha sido escolhido por Deus para essa tarefa.*

*a) O catequista, em seguida, pede a outra criança para retirar o dístico "SAUL" do baú. O catequista coloca o rolo dentro do baú/caixa, fechando-o. Depois, pede à criança que tem o dístico "SAUL" para a colocar em cima do baú/caixa, de forma bem visível.*

*b) O catequista convida o grupo a dirigir-se para o lugar mais importante da sala, nesta sessão: a pequena mesa, com o pano branco, com a Bíblia aberta em 1 Sam 16,1.4-13, o rolo, a vela e com as palavras: "Belém", David", taça com óleo, flores ou planta, dizendo:*

A história deste povo, não termina em Saul. Outros acontecimentos tiveram lugar naquele tempo e dão sentido à nossa história de Povo de Deus.

*h) O catequista pega no rolo 4 e lê-o ou dá-o a uma criança para que o leia:*

*Contudo, Saul não foi um bom rei pois nem sempre cumpriu a vontade de Deus, nem sempre respeitou as indicações daquele que era o verdadeiro rei do Povo. Cometeu muitos erros e, em certo momento, estava mais interessado em proteger o seu poder do que em fazer aquilo que Deus lhe indicava...Assim, Deus escolheu outra pessoa para ser rei do seu Povo... Deus escolheu um jovem chamado David.*

2. Nós todos, estamos ligados, pela fé e pela humanidade, a esta história. Para a compreendermos bem e a sentirmos como algo nosso, vamos ouvir, agora, um relato que dá testemunho da eterna presença do Bom Deus na vida do Seu Povo. Para marcar bem a importância deste acontecimento, estamos aqui, juntos, como exemplo vivo do Povo de Deus, num lugar especial que preparámos na nossa sala. Deixemos entrar no nosso coração, estas palavras que vamos ouvir:

*Reunido o grupo à volta deste pequeno altar, o catequista dirige-se às crianças, mostrando a Bíblia e referindo: Vamos, então, ver como é que a Bíblia descreve a escolha de David por Deus (1 Sam 16,1.4-13), um rei que vai ter uma importância enorme na história do Povo de Deus. Depois de organizar uma leitura dialogada do texto – que pode ser feita, também, apenas pelo catequista e uma criança que leia as falas de Samuel – o catequista acende a vela e diz:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro Primeiro Livro de Samuel:**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/narrador:*

**O Senhor disse a Samuel:**

*Leitor 1:*

**«Até quando chorarás Saul,  
tendo-o eu rejeitado para que não reine em Israel?»**

**Enche o teu chifre de óleo e vai.  
Quero enviar-te a Jessé de Belém,  
pois escolhi um rei entre os seus filhos».**

*Catequista/narrador:*

**Ao chegar a Belém, os anciãos da cidade saíram-lhe ao encontro,  
inquietos,  
e disseram:**

*Leitor 2 e 3:*

**«É de paz, a tua vinda?»**

*Catequista/narrador:*

**Ele respondeu:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«Sim. Venho oferecer um sacrifício ao Senhor;  
purificai-vos e acompanhai-me para o sacrifício».**

*Catequista/narrador:*

**Ele mesmo purificou Jessé e os filhos e convidou-os para o sacrifício.  
Logo que entraram, Samuel viu Eliab e pensou consigo:  
«Certamente é este o ungido do Senhor».  
Mas o Senhor disse a Samuel:**

*Leitor 1:*

**«Que te não impressione o seu belo aspeto, nem a sua alta estatura,  
pois Eu rejeitei-o.  
O que o homem vê não importa; o homem vê as aparências,  
mas o Senhor olha o coração».**

*Catequista/narrador:*

**Jessé chamou Abinadab e apresentou-o a Samuel, que disse:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«Não é este o que o Senhor escolheu».**

*Catequista/narrador:*

**Jessé trouxe-lhe, também, Chamá. E Samuel disse:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«Ainda não é este o que o Senhor escolheu».**

*Catequista/narrador:*

**Jessé apresentou-lhe, assim, os seus sete filhos, mas Samuel disse:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«O Senhor não escolheu nenhum deles».**

*Catequista/narrador:*

**E acrescentou:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«Estão aqui todos os teus filhos?»**

*Catequista/narrador:*

**Jessé respondeu:**

*Leitor 5:*

**«Resta ainda o mais novo, que anda a pascentar as ovelhas».**

*Catequista/narrador:*

**Samuel ordenou a Jessé:**

*Leitor 4/Samuel:*

**«Manda buscá-lo,  
pois não nos sentaremos à mesa antes de ele ter chegado».**

*Catequista/narrador:*

**Jessé mandou, então, buscá-lo. David era louro,  
de belos olhos e de aparência formosa.**

**O Senhor disse:**

*Leitor 1:*

**«Ei-lo, unge-o; é esse».**

*Catequista/narrador:*

**Samuel tomou o chifre de óleo e ungiu-o na presença dos seus irmãos.  
E, a partir daquele dia, o Espírito do Senhor apoderou-se de David.  
E Samuel voltou para Ramá”.**

**Palavra da Salvação**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**3.** *Terminada a leitura, o catequista pede às crianças para se sentarem e indica:* Esta história é muito bonita. Para vos ajudar a terem uma ideia da sua beleza, podem ver, na página 66 do vosso catecismo um quadro que representa este episódio: Samuel unge David, o texto que lemos assinala algumas coisas muito importantes, que devemos ter em conta, agora, na nossa vida... e queria que fossem capazes de o escutar com o vosso coração...

**3.1.** Em primeiro lugar, diz-nos que é Deus quem escolhe esse jovem chamado David para ser o rei do Povo de Deus... *(o catequista mostra o **dístico "É Deus que escolhe o rei"** e prossegue)* a ele e não a outro qualquer; é Deus que envia Samuel com o chifre cheio de óleo (o chifre era como um frasco: servia para transportar líquidos) e manda derramar esse óleo sobre a cabeça de David: desde o terceiro catecismo que sabeis o que é a unção, não é? *(deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para a conclusão correta:)* é o gesto através do qual se mostrava que essa pessoa era escolhida para uma missão e tinha um mandato de Deus para desempenhar essa missão. Como ouvimos, é Deus que mostra a Samuel qual dos filhos de Jessé ele devia sagrar rei... Deus, o verdadeiro rei de Israel, é que tudo decide, David é, apenas, o instrumento escolhido por Deus, a pessoa que Deus encarregou de conduzir, em nome do próprio Deus, os destinos do seu Povo.

*Procurando dar ênfase às suas palavras, o catequista refere:* Quando se diz, no texto, que o Espírito do Senhor se apoderou de David, está-se a dizer que ele recebeu a força de Deus para poder cumprir a missão que Deus lhe queria confiar. Tu já sabes que, muitas vezes, Deus atua no mundo – e na vida do seu Povo – através de pessoas que Ele escolhe, que Ele chama e que Ele envia a cumprir determinada missão *(o catequista mostra, na página 3 da catequese 15 o texto que resume estas ideias).*

**3.2.** Em segundo lugar, o texto diz-nos, também, que Deus escolheu para rei precisamente um jovem que Jessé e o próprio Samuel não esperavam... Não escolheu os mais velhos e mais fortes, mas escolheu o mais novo, aquele que parecia menos preparado para essa missão... Deus é assim: Ele não vê as aparências, Ele não escolhe as pessoas pelo seu aspeto ou pela

sua força, como nós tantas vezes fazemos... (o catequista mostra o **dístico "Deus escolhe as pessoas pelo seu coração"**) Deus escolhe as pessoas pelo seu... coração! E, muitas vezes, até aqueles que, na aparência, naquilo que nós vemos com os olhos, são frágeis, pequenos, que não valem nada, que Deus escolhe para fazerem coisas muito importantes no mundo. A história mostra que, muitas vezes, determinadas pessoas sem grandes qualificações, mais modestas do que outras, mais caladas ou tímidas, por quem os outros "não dão nada", realizam tarefas muito importantes. Isso só é possível porque Deus, através dessa pessoa, atua na história e realiza essas coisas boas e bonitas (o catequista mostra, na página 3 da catequese 15 o texto que resume estas ideias).

**3.3.** em terceiro lugar, David – este jovem que Deus escolheu – realmente fez coisas muito bonitas... Ainda antes de ser rei, ele lutou com um gigante chamado Goliás e venceu-o (cf. 1 Sam 17,1-58). David era, inicialmente, um pastor e não um guerreiro; apesar disso, venceu um gigante mau, que estava bem armado e habituado à guerra... Isso mostra como Deus o ajudava e estava com ele.

Noutra vez, David andava a fugir do rei Saul, que o queria matar. Ora, Saul entrou numa caverna onde David estava escondido com os seus soldados, e David teve oportunidade de o matar. Contudo, David não quis matar Saul, porque ele também tinha sido escolhido por Deus para rei, e David achava que não devia fazer mal àquele outro, que era um escolhido de Deus (cf. 1 Sam 24). Este episódio mostra, não apenas que David era capaz de perdoar aos inimigos, mas também que David se preocupava em respeitar a vontade de Deus.

Numa outra ocasião, David (que nessa altura já era rei do Povo de Deus) traiu um dos seus soldados, chamado Urias, e deixou que ele fosse morto... Quando o profeta Natã o acusou desse pecado, David reconheceu a sua falta, pediu a Deus perdão e aceitou o castigo que Deus lhe deu (cf. 2 Sam 11-12). Isto mostra que se David também fazia coisas muito erradas, ele também era capaz de perceber o mal que tinha feito, (o catequista mostra o **dístico "arrepender-se e pedir perdão a Deus"**) de se arrepender e de pedir o perdão de Deus. Esta mensagem é diretamente para nós! Devemos ser reis e rainhas na nossa capacidade de nos arrependermos dos nossos pecados e de pedirmos perdão!

**3.4.** Em quarto lugar, pouco depois de se ter tornado rei de todas as tribos do Povo de Deus, David conquistou uma grande cidade – Jerusalém – para fazer dela a capital do seu reino (cf. 2 Sam 5,6-12). Depois, mandou levar para essa cidade a “arca da aliança”, aquela arca que os hebreus transportaram desde aquela montanha onde fizeram a aliança com Deus e que tinha dentro as tábuas com os mandamentos, dados por Deus ao seu Povo. A arca era o símbolo da presença de Deus no meio do seu Povo e, por isso, David organizou uma grande festa, com cânticos e danças, nas quais ele mesmo participou (cf. 2 Sam 6), para honrar esse sinal. Isto mostra, também, como David estava preocupado em que Deus estivesse sempre perto do seu Povo e que o Povo recordasse sempre a aliança que tinha feito com Deus.

Depois David quis fazer um Templo, uma grande construção, para aí colocar a arca da aliança. Deus, porém, não quis que David fizesse essa “casa sagrada”. Deus disse a David que não queria que ele construísse uma casa para Deus; mas, agradecido pela boa-vontade de David, Deus prometeu que Ele próprio ia construir uma “casa” para David... Deus não falava de uma casa de pedra e cimento (em hebraico, para dizer “casa” e “família” usa-se a mesma palavra), mas da “família” de David... Deus disse-lhe: “Tu vais construir uma casa para mim? Não. Eu é que vou construir uma casa para ti... Eu vou abençoar a tua família e, no futuro, haverá sempre alguém dessa família a governar o Povo de Deus... A tua família e o teu reino nunca acabarão e o teu trono estará firme para sempre” (cf. 2 Sam 7). Isto não quer apenas dizer que Deus abençoa a família de David, mas que Deus estará sempre com o seu Povo e não deixará que ele desapareça, que ele seja destruído.

Esta promessa de Deus deu muita (*o catequista mostra o **dístico** “esperança” e prossegue:*) esperança às pessoas. Quando as coisas corriam mal, quando os inimigos ameaçavam o Povo de Deus, as pessoas nunca perdiam a esperança e a confiança no futuro, pois sabiam que Deus ia salvar o seu Povo, conforme tinha prometido a David. Nos momentos de crise, as pessoas sonhavam com o aparecimento de um rei da descendência de David, conforme a promessa de Deus.

**4.** Conheceis alguém, da descendência de David, que nasceu muitos séculos depois mas que veio restaurar o reino de paz e de justiça que David tinha começado? Sim, foi Jesus. Jesus veio para começar no mundo o “Reino de Deus”. Voltaremos, mais tarde, a este tema.

David foi um grande rei, que fez com que o Povo de Deus vivesse muitos anos em paz e em abundância. Também foi um homem bom... Não era perfeito e fez alguns disparates... Mas era um homem que escutava Deus e que procurava fazer o que Deus lhe pedia; era um homem justo, que não queria que no seu reino houvesse injustiça e maldade; era um homem que era capaz de perdoar os seus inimigos, mesmo quando eles lhe tinham feito muito mal; era um homem que reconhecia, com humildade as suas faltas e que pedia perdão a Deus; era um homem que procurava ajudar o seu Povo a viver a aliança que tinha com Deus; era um homem que rezava, que louvava a Deus pelos seus dons, que lhe pedia perdão quando tinha feito coisas erradas...

David foi um homem a quem Deus colocou num cargo de poder, de grande responsabilidade. No entanto, ele não se agarrou ao poder (como fazem, algumas vezes, aqueles homens que desempenham cargos de importância e responsabilidade), não se serviu desse poder que Deus lhe deu para enriquecer; mas procurou servir o seu Povo o melhor que podia. Teve algumas falhas; mas a sua principal preocupação era cumprir o papel que Deus lhe tinha confiado no sentido de guiar o Povo de Deus.

Assim, podemos dizer que David, embora sendo apenas um homem, foi um bom instrumento de Deus; ele, ao aceitar a missão que Deus lhe confiou, ajudou Deus a governar o seu Povo.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

#### 1. Oração

*Permanecendo no mesmo lugar, o catequista diz ao grupo:*

Sabem que o Rei David era, também, um grande poeta, que escrevia canções e poemas para louvar a Deus.

Diz-se que, certa vez, ele escreveu uma oração na qual reconhecia que Deus fazia tudo para ajudar os seus filhos e filhas; e, ao mesmo tempo, David agradecia a Deus, a sua bondade, o seu amor, o seu perdão... Vamos rezar com uma parte dessa oração (**SI 103,1-13**).

*O catequista pede a uma das crianças para ler, enquanto o catequista e as outras seguem pela página 68 do seu catecismo:*

**"Bendiz, ó minha alma, o Senhor,  
e todo o meu ser louve o seu nome santo.**

**Bendiz, ó minha alma, o Senhor,  
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.  
É Ele que perdoa as tuas culpas  
e cura todas as tuas enfermidades.  
É Ele que resgata a tua vida do túmulo  
e te enche de graça e de ternura.  
É Ele quem cumula de bens a tua existência  
e te rejuvenesce como a água.**

**O Senhor defende, com justiça,  
o direito de todos os oprimidos.  
Revelou os seus caminhos a Moisés  
e as suas maravilhas aos filhos de Israel.  
O Senhor é misericordioso e compassivo,  
é paciente e cheio de amor.  
Não está sempre a repreender-nos,  
nem a sua ira dura para sempre.  
Não nos tratou segundo os nossos pecados,  
nem nos castigou segundo as nossas culpas.  
Como é grande a distância do céu à terra,  
assim são grandes os seus favores para os que o temem.  
Como o Oriente está afastado do Ocidente,  
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.  
Como um pai se compadece dos filhos,  
assim o Senhor se compadece dos que o temem”.**

*Em seguida, o catequista convida as crianças a agradecer a Deus pela sua bondade e pelos seus dons, como fazia o grande rei David e, para isso, todos juntos cantam o **cântico**:*

**“Cantarei ao Senhor”.**

## **2. Compromisso:**

Como estão lembrados, durante esta Quaresma nós temos um compromisso para cumprir todos os dias, sem falhar! (*Se achar conveniente, o catequista pode pedir às crianças para mostrarem a sua avaliação da semana precedente ou, pelo menos, chama a atenção para a responsabilidade de cada um e para o interesse em proceder à avaliação e observar o seu crescimento pessoal!*) Mas, a partir de hoje, o rei David vai dar-nos a sua ajuda. Para isso, proponho-vos que rezem todos os dias esta oração, que

estivemos a rezar juntos e que está na página 68 do nosso catecismo. Na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 15, também nos é recordado tudo o que, hoje, aprendemos com David e ainda podemos registar lá todas as vezes em que rezámos com ele.

### *Para guardar na memória e no coração*

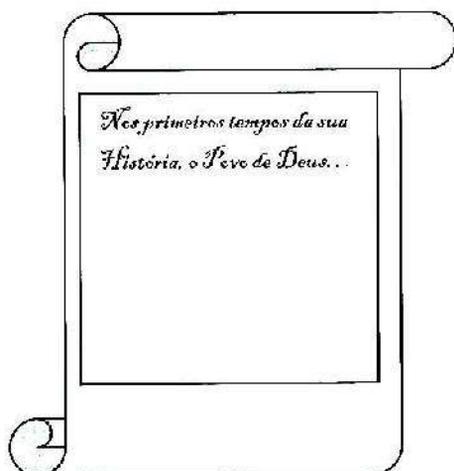
É Deus que perdoa as tuas culpas e cura todas as tuas enfermidades. É Deus que resgata a tua vida do túmulo e te enche de graça e de ternura. É Deus quem cumula de bens a tua existência e te rejuvenesce como a águia. O Senhor é misericordioso e compassivo, É paciente e cheio de amor.

Cf. Sl 103

**DOCUMENTO 1****Modelo da Cartolina, para a parte: Experiência Humana.**

PAÍS	FIGURA DE GOVERNAÇÃO	NOME
Portugal	Presidente da República	

Os espaços em branco são para serem preenchidos com base nas indicações das crianças. Deverão dizer o País, se existe Presidente da República ou Rei e o nome. Ex: Inglaterra - Rei - Nome

**DOCUMENTO 2****Modelo dos Rolos, para a parte: Palavra de Deus**

## DEUS FALA AO SEU POVO

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Os profetas

"Muitas vezes e de muitos modos falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas" (Heb 1,1) – diz-nos o autor da Carta aos Hebreus, no início da sua meditação. Quem são estes "profetas" a quem Deus falou "muitas vezes e de muitos modos" nos tempos antigos? O vocábulo grego "profetes" designava, na cultura grega, a pessoa que interpretava, no santuário de Delfos, as palavras estranhas da sacerdotisa de Apolo... De acordo com as crenças gregas, aquilo que Zeus faz saber a Apolo e este transmite à sua sacerdotisa, esta expressa-o de forma não perceptível, em palavras desconexas; é preciso, então, um interprete (o "profetes"), que articula de forma lógica e coerente a revelação do deus. Assim, o "profetes" é o que comunica ou proclama a mensagem da divindade. No entanto, como esta mensagem se referia, muitas vezes, ao futuro, "profetes" acabou por significar "aquele que fala do futuro".

Este vocábulo grego "profetes" foi utilizado, na versão grega do Antigo Testamento (a chamada "Setenta"), para traduzir diversos vocábulos hebraicos ("ro'eh" – "o vidente"; "hozeh" – "o visionário"; "ish 'elohim" – "o homem de Deus"; "nabi" – "o chamado", ou "aquele que anuncia") que definem o homem e a mulher que Deus chama e envia ao mundo para realizar uma missão. A função desse homem ou dessa mulher é "ver" ou "ler" as indicações de Deus para o mundo e para os homens e ser a "voz" de Deus que ecoa no meio do mundo. Particularmente importante, neste universo, é o termo hebraico "nabi", uma palavra que aparece 315 vezes em todo o Antigo Testamento (é o termo mais frequente e mais clássico para referir-se aos profetas). Poderia significar "aquele que é chamado" (pela divindade); mas poderia, também, traduzir-se

como "aquele que anuncia e proclama". Estão aqui presentes, nesta palavra, os dois aspetos mais importantes da definição do profeta: a questão da vocação (o "profeta" é a pessoa que é chamada por Deus) e a questão da missão (o profeta é aquele que é enviado por Deus a anunciar e a proclamar

## **2. A vocação profética**

O profeta não surge por geração espontânea, nem cai repentinamente do céu para assombrar o nosso mundo; mas é uma pessoa "normal" – com um nome, com uma família, com defeitos e qualidades – a quem Deus chama para lhe confiar uma missão no mundo.

Como é que um profeta se torna profeta? Não é possível particularizar demasiado, pois cada profeta tem a sua "história de vocação", o seu caminho particular. Chegaram-nos, através dos escritos proféticos, diversos relatos de vocação; e todos eles apresentam as suas características próprias e as suas notas pessoais. Isaías conta que tomou consciência de que Deus o chamava enquanto estava no Templo, num cenário onde se lhe manifestou o Deus grandioso e onnipotente, cheio de majestade, e cuja soberania se estende à terra inteira (cf. Is 6,1-13); Jeremias, por sua vez, não fala do momento e do lugar onde tomou consciência do seu chamamento (como se considerasse que esses "pormenores" não eram essenciais), mas limita-se a dizer que recebeu "a Palavra do Senhor" e que foi essa Palavra que o levou a tomar consciência da sua vocação e missão (cf. Jer 1,4-10); Ezequiel descreve longamente a visão que teve, quando se encontrava entre os judeus exilados na Babilónia, e durante a qual tomou consciência de que Deus o chamava e o enviava em missão (cf. Ez 1-3).

Apesar de cada história de vocação ser uma história pessoal e única, há traços que estão sempre presentes. Esses traços definem aquilo que é essencial nessa experiência tão pessoal e, ao mesmo tempo, tão universal, que é a vocação.

Antes de mais, todos os "relatos de vocação" sugerem que a iniciativa é de Deus: é Deus que escolhe o profeta, é Deus que vem ao encontro do Profeta, é Deus que chama o profeta e que lhe confia uma missão. Nenhum profeta se torna profeta por sua própria iniciativa ou pela sua própria opção; nenhum homem assume a missão profética por herança familiar ou por razões de sangue; nenhum profeta se torna profeta por aclamação popular ou por nomeação oficial... Por detrás de um profeta está sempre Deus, está sempre a iniciativa livre e gratuita de Deus que, sem explicações e, às vezes, contra todas as lógicas humanas, escolhe aquela pessoa para determinada missão.

Um outro elemento que aparece, com muita frequência, nos relatos de vocação é a “objeção” do homem. Isaías, antes mesmo de Deus definir a missão que lhe vai confiar, traz à baila a sua indignidade e lembra que é “um homem de lábios impuros, que habita no meio de um povo de lábios impuros” (Is 6,5); Jeremias, confrontado com o desafio que Deus lhe faz, responde que não sabe falar, pois é ainda muito jovem (cf. Jer 1,6)... É a atitude clássica de quem, sem se atrever a recusar abertamente a proposta de Deus, tenta fugir às responsabilidades que lhe são pedidas (ou porque se sente pequeno e incapaz, ou porque não se quer comprometer). Deus não cede diante destes argumentos, pois eles não são verdadeiramente decisivos: sejam quais forem as debilidades ou indignidades do homem, a graça de Deus é suficiente para tudo ultrapassar; e, muitas vezes, Deus escolhe propositadamente a debilidade, pois é na pequenez do homem que sobressai a grandeza de Deus.

Depois da objeção, vem sempre a definição da missão... Isaías recebe a missão de ser “mensageiro” de Deus e é convidado a ir e a dizer ao Povo palavras de Deus (cf. Is 6,8-9); Jeremias recebe na sua própria boca as palavras de Deus e é-lhe dado poder “sobre os povos e sobre os reinos” para arrancar e demolir, para arruinar e destruir, para edificar e plantar (Jer 1,9-10); Ezequiel é enviado a dizer “aos filhos de Israel, aos rebeldes, aos que se insurgiram” contra Deus as palavras e as indicações de Deus... Repare-se como a missão profética tem sempre a ver com dizer aos homens e mulheres palavras, e palavras que vêm de Deus... O profeta é, assim, o porta-voz de Deus, o mensageiro de Deus, aquele que faz ouvir as palavras e propostas de Deus no mundo dos homens, em linguagem dos homens.

Muitas vezes os relatos de vocação dos profetas apresentam, também, palavras de encorajamento e de alento. “Não tenhas medo”; “Eu estarei contigo” – são expressões que garantem ao profeta o acompanhamento e a ajuda de Deus. Ser profeta é um caminho difícil e doloroso, marcado, muitas vezes, por incompreensões e perseguições; e o profeta só terá forças para o percorrer e para ser fiel à sua missão se souber que Deus o acompanha em cada passo do caminho.

### **3. Os profetas, homens de Deus atentos ao mundo**

O profeta tem sempre Deus como referência: ele é um homem de Deus. Mas é, também, um homem do seu tempo, perfeitamente enquadrado com o mundo que o rodeia. O que é que significa dizer que o profeta é um “homem de Deus”?

Significa, em *primeiro lugar*, que Deus está – como vimos atrás – na origem de toda a experiência profética. É Deus que escolhe o profeta, que o desafia, que o seduz, que se apossa do coração do profeta como se fosse um fogo devorador, e que o envia em missão; é também Deus que acompanha a caminhada do profeta, que o protege e que lhe dá a força de testemunhar. Deus está presente em todo o caminho do profeta – no início, no meio e no fim.

Dizer que o “profeta” é um “homem de Deus” significa, em *segundo lugar*, que o profeta tem de viver uma relação muito próxima, muito íntima com Deus, pois só quem vive em comunhão e em diálogo contínuo com Deus é capaz de escutar as propostas e de acolher os projetos de Deus. O profeta tem de ser uma pessoa que descobriu Deus, que se apaixonou por Deus, que interiorizou essa relação, que aceitou essa proximidade e que fez da sua vida um diálogo com Deus. Enamorado de Deus, o profeta vive em comunhão profunda, permanente, com Deus. Esta “comunhão de vida” com Deus faz com que o profeta se aperceba dos planos de Deus para o mundo e para os homens. Ele sabe o que Deus quer e sente-se inquieto quando os homens conduzem o mundo de uma forma diferente. Assim, o profeta sente-se impelido a dar testemunho diante dos homens, a ser Palavra viva de Deus no mundo.

Contudo profeta não é apenas alguém que olha para o céu, mas é também alguém com os pés bem assentes na terra. É alguém que procura conhecer as questões, que está atento à forma como o mundo se constrói, que se deixa interpelar por tudo o que se passa à sua volta e que tem uma atitude consciente e crítica diante do mundo. Diante dos acontecimentos que marcam a história do seu tempo, o profeta intervém para criticar, para aplaudir, para corrigir, para animar. Ele intervém a propósito e a despropósito, como se fosse a consciência crítica dos homens, sempre que os projetos de Deus são violados.

O profeta é uma pessoa comprometida – com Deus e com a construção do mundo. Não pode ser alguém que “não está para se chatear” com as questões que preocupam os seus irmãos; nem pode ser alguém que vive fechado no seu pequeno mundo, ocupado com os seus hobbies, com os seus programas de computador, com os seus livros, com as suas especulações intelectuais; nem pode ser alguém para quem os sofrimentos e angústias dos homens não contam nada... O profeta não se deixa dominar pelo comodismo ou pela preguiça, sente-se desafiado e inquieto com os sofrimentos, com as injustiças, com a violência, com a guerra, com a fome, com o pecado que vê à sua volta e sente, em nome de Deus, a necessidade de intervir.

Conhecendo os projetos de Deus e vendo a forma como os homens edificam o mundo, o "profeta" sente que não pode ficar de braços cruzados. Em nome de Deus, ele vai denunciar as injustiças, as opressões, os egoísmos que desfeziam esse mundo que Deus quis diferente.

O que é que desperta a consciência de um "profeta"? Um sonho? Uma palavra? Uma leitura? Um apelo? Uma necessidade sentida nas contradições da vida? Uma notícia lida no jornal?

Deus "chama" de muitas formas e cada pessoa pode descrever de forma única e pessoal a forma como se sentiu interpelada por Deus. Às vezes descobre-se o apelo de Deus no rosto de um pobre, de um escravizado, ou nos olhos sofredores de uma criança sem pão e sem esperança; outras vezes, nas páginas dos jornais; outras, nas necessidades da Igreja e da sociedade; outras, nos acontecimentos turbulentos do presente; outras, mais simplesmente, nas palavras de um amigo ou de um mestre... Cada profeta terá um momento que considera fundamental na sua experiência vocacional – isto é, na sua consciência de que Deus o chama e de que o envia ao mundo e aos homens com uma missão.

#### 4. Dados sobre alguns Profetas

Vejamos, sucintamente, alguns profetas bíblicos que, em nome de Deus, falaram aos homens e mulheres do seu tempo...

**Amós**, o profeta da justiça social, exerceu o seu ministério profético por volta de 762 a.C.. Era natural de Técuá, uma pequena aldeia situada nas franjas do deserto de Judá, perto da cidade de Belém. Antes de ser chamado por Deus, era pastor de rebanhos e cultivava sicómoros (cf. Am 7,14). Quando descobriu que Deus o chamava, deixou o seu trabalho e partiu para o norte do país (o "Reino de Israel"), onde exerceu o seu ministério durante cerca de dois anos. Vivia-se, então, uma época de relativa prosperidade e riqueza, resultante das conquistas do rei Jeroboão II; no entanto, essa riqueza beneficiava apenas a classe dirigente e não a grande massa do Povo, perdida numa miséria sem esperança. Amós, chocado com um quadro de injustiças gritantes, de violências sobre os mais pobres, de abusos e arbitrariedades cometidos pelos poderosos, anuncia aos injustos, aos opressores, aos corruptos, que Deus está farto das maldades que eles cometem e vai tomar uma posição dura contra quem não respeita os direitos dos seus irmãos.

**Oseias**, o profeta do amor de Deus, exerce o seu ministério no século VIII a. C., no Reino de Israel (ele aparece alguns anos depois de Amós). A sua época é marcada por uma grande instabilidade política: os governantes sucedem-se

uns aos outros e vão sendo sucessivamente depostos e assassinados (juntamente com os seus seguidores...). Há caos, anarquia e violência institucionalizada... Daí as palavras duras de Oseias contra a corrupção (Os 4,1-2), a injustiça, a desordem (Os 7,1-7). Em termos religiosos, a época de Oseias é marcada por graves infidelidades do Povo aos compromissos da aliança... Seduzido pelos deuses cananeus, Israel esqueceu Jahwéh e já não se comporta como o Povo de Deus. Recorrendo à sua experiência familiar (Oseias foi abandonado pela mulher que amava), o profeta vai dizer que esse Povo que esqueceu o seu Deus e foi atrás de outros deuses é como uma esposa infiel, que abandonou o seu marido; Deus, por sua vez, é o marido sempre fiel, que tem pela esposa um amor indestrutível e nunca desmentido. **Isaías** desempenhou o seu ministério profético no sul do país (reino de Judá), em Jerusalém, na segunda metade do séc. VIII e primeiros anos do séc. VII a.C. (entre 740 e 690, aproximadamente, durante os reinados de Jotam, Acáz e Ezequias). De origem nobre, é um homem culto, polido, que frequenta os ambientes da corte e é escutado e consultado pelos reis. A sua pregação tem várias fases... Na primeira, o seu discurso tem uma forte acentuação social (cf. Is 1-5). Isaías denuncia, nessa fase, as injustiças, as arbitrariedades, a exploração dos fracos e dos pobres, o não respeito pelos direitos das viúvas, dos órfãos, dos pobres e dos débeis. Numa segunda fase da sua missão (reinados de Acáz e de Ezequias), Isaías fala insistentemente contra o abandono de Deus por parte de Judá... Desagradado com as alianças feitas pelos reis de Judá com potências estrangeiras, Isaías insiste, sobretudo, na necessidade de o Povo voltar a confiar em Deus, pondo nele a sua segurança e esperança... O futuro e a salvação do Povo de Deus não estão nas alianças políticas com outras nações, mas estão em Jahwéh. Segundo as lendas judaicas, Isaías teria sido torturado e morto durante o reinado do ímpio Manassés (que reinou de 687 a 642 a.C.).

**Jeremias**, o profeta apaixonado pela Palavra de Deus, vive na segunda metade do séc. VII e nos primeiros anos do séc. VI a. C., em Jerusalém. O seu ministério profético começa no reinado do grande rei Josias (642-609 a.C.), e continua na difícil época em que Judá, atacado pelos babilónios, perde a sua independência. Jeremias testemunhou a destruição de Jerusalém pelos babilónios (em 586 a.C.) e a ida dos judeus para o Exílio. Sendo um homem tímido, sensível e bom, Jeremias sente muito a dificuldade de ser profeta, de dizer palavras que as pessoas não gostam de escutar... Magoam-no o abandono a que é votado pela família e pelos amigos, a oposição das autoridades, o desprezo do Povo, pois ninguém gosta do que ele anuncia... No entanto,

Jeremias sente-se completamente “apanhado” pela Palavra de Deus e continua, até ao fim, a cumprir a sua missão e a dizer aos homens palavras de Deus...

**Ezequiel**, o profeta da esperança, desenvolve o seu ministério profético no Exílio da Babilónia, na primeira metade do séc. VI a.C. (entre 593 e 570 a.C., aproximadamente). A sua missão é ajudar o Povo a perceber a catástrofe que se tinha abatido sobre a nação judaica (derrota frente aos babilónios, destruição de Jerusalém e Exílio na Babilónia). Ezequiel convida os seus concidadãos a perceber que foram as escolhas erradas do Povo e dos líderes nacionais – o abandono de Deus, as jogadas políticas e as alianças com potências estrangeiras, a destruição da coesão social com injustiças e arbitrariedades sem fim – que conduziram à catástrofe nacional. Ao mesmo tempo, o profeta procura restaurar a esperança em Deus e fala de um tempo novo que vai fazer surgir, um tempo em que o passado de glória vai ser restaurado e em que Jahwéh vai voltar, de novo, a residir no meio do seu Povo.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir que, ao longo da história da salvação, Deus falou muitas vezes ao seu Povo através de pessoas – os Profetas. Entender que Deus, para comunicar com a humanidade, escolhe pessoas, chama-as, e envia-as a dizer aos homens, com palavras humanas, aquilo que Ele quer comunicar-nos e propor-nos.
- Conhecer alguns profetas de Israel;
- Sentir vontade de ser profeta – isto é, de ser, no mundo, voz de Deus e sinal vivo da vida e da salvação de Deus.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Esta catequese pretende levar as crianças a descobrir que todos somos chamados por Deus a desempenhar uma dada missão, como o demonstra a história do povo Deus, na qual Ele foi sempre comunicando através dos escolhidos do seu povo.
2. É importante que as crianças compreendam que os escolhidos foram sempre os mais puros de coração, humildes, simples, generosos... e que essas são atitudes e imitar e a viver com sabedoria e amor.
3. Para que as crianças se apercebam do significado e da importância dos INTERPETES DE DEUS – profetas – o catequista procure falar um pouco, dos profetas mais conhecidos, referidos nesta catequese, e cujo conhecimento o catequista aprofundou através do estudo da Introdução do Tema, para que

as crianças se possam identificar com a sua missão, tal como se pede no objetivo 3 desta catequese, instando, também, as crianças a explorarem a página 71 do seu catecismo.

4. Mas, a conclusão mais importante da catequese, a que maior relevo pedagógico deve ser dado, é a que se relaciona com o 3º objetivo: a vocação cristã de todo o batizado – incluindo cada uma das crianças, naturalmente – chamamos a ser, também profetas, intérpretes da vontade de Deus no quotidiano da nossa vida.

## **MATERIAIS**

- Bíblia e suporte para a mesma;
- Dípticos com os nomes dos profetas e respetivos posters com as obras de arte que os representam (tal como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese), destacando o profeta Jeremias, cuja história se aprofundará;
- Uma gravação, e respetivo leitor, de uma comunicação feita numa língua estrangeira (por exemplo, recorrendo às edições bíblicas on-line que fornecem os textos – e, por vezes, documentos áudio – numa língua estrangeira, e gravar diretamente ou gravar a sua leitura); pode usar-se uma língua familiar às crianças – como o inglês, que estudam e usam na escola – ou, para aumentar o efeito, preparar e apresentar primeiro uma gravação numa língua menos familiar e depois o inglês; se for possível, usar um excerto do texto da Palavra que vai ser lido nesta catequese;
- Fotos de pessoas a trabalharem como intérpretes, tal como ilustrado na página 69 e 71 do catecismo;
- Dípticos: “Eis que ponho as minhas palavras na tua boca”, “Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade”;
- Foto do Sacramento do Batismo, Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 3;
- Barras Cronológicas, espaço da catequese 16, com a oração final.

## **MÚSICA**

- “O Profeta”.

### **Preparação da sala:**

Colocar a Bíblia em destaque, na mesa, usando, por exemplo, um dos baús/caixa, da catequese anterior.

### **No placar:**

Colocar os dísticos com os nomes dos profetas, e os posters com as respectivas ilustrações (tal como se encontram no catecismo, nas páginas relativas a esta catequese): Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel.

Ter preparados os dísticos "Eis que ponho as minhas palavras na tua boca", "Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade" para poderem ser facilmente utilizados, assim como o leitor da gravação e a gravação e as fotografias indicadas.

## **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

**1.** *O catequista começa por chamar a atenção para a importância da comunicação entre as pessoas : Hoje, vamos começar com uma "pergunta"... e espero que me deis, em troca, isto é... em "resposta", uma verdadeira «chuva de ideias». Ora, vamos lá: O que é que para vós comunicar? ... pois, é isso que nós estamos a fazer... a transmitir ideias uns aos outros, usando, neste caso, "palavras" faladas... a que chamamos discurso oral, não é? Ali no placar também nos são comunicadas ideias por palavras escritas e... por imagens! Muito bem! O fundamentais é... fazer passar as ideias que temos!*

*Após as respostas das crianças, o catequista conduz o seu raciocínio:*

Nós aqui estamos a conversar. Muito bem. Mas, às vezes, torna-se mais complicado! *(o catequista faz as crianças escutar a(s) gravação(ões) preparadas e assinala:)* Bom, eu posso dizer-vos que texto é *(o catequista indica o texto, sendo ou não um excerto da Palavra desta catequese)* mas será que nós conseguimos entendê-lo? Na versão em inglês reconheceis algumas palavras, não é? Mas, se quiséssemos entendê-lo na totalidade, de quem é que nós precisávamos? *(Levar as crianças a descobrir/identificar a profissão de intérprete, mostrando, também, a foto do intérprete).* Precisávamos de um intérprete! Muito bem! E, para compreendermos aquilo que ele/ela faz, embora sem usarmos línguas estrangeiras, vamos fazer o seguinte: sem sair do lugar, cada um vai-se juntar com o menino ou menina que está à sua direita; muito bem. Agora, cada um vai contar ao outro, muito

baixinho, o que é que tomou, hoje, ao pequeno-almoço. ... E, agora, N... vais-nos dizer o que é que o teu amigo tomou... e agora tu N... (*dependendo do número de crianças, convida algumas ou todas a, rapidamente, darem conta da informação que o seu/ a sua colega*). Ora bem, o N... foi um "interprete" de N... «traduziu-nos» nas suas palavras aquilo que ele/ela não pôde dizer!

Então, o que é que faz um interprete? A sua função é fazer com que duas pessoas, ou entidades, comuniquem entre si, mesmo que não usem o mesmo código, ou a mesma linguagem.

Os intérpretes resolvem problemas de comunicação: arranjam maneira de fazer passar as ideias, as palavras, de umas pessoas para outras, em situações importantes em que é fundamental as pessoas poderem entender-se.

Se calhar alguns de vós também conheceis – da televisão ou da escola – a situação que esta foto mostra (*o catequista mostra a foto do interprete de língua gestual*)... Sabeis de que se trata? ... Muito bem, quando as pessoas têm dificuldade ou impossibilidade de escutar sons e, portanto, a linguagem falada, aprendem a comunicar, a transmitir informação, através de um código diferente das pessoas normo-ouvintes, isto é, das pessoas que ouvem bem. Para comunicar com essas pessoas, se nós não conhecemos a língua gestual, precisamos de um intérprete, do mesmo modo que quem não ouve bem pode seguir o que é dito na televisão, por exemplo, nas notícias, através do intérprete. Mas, tal como aconteceu convosco, ainda à pouco, o interprete não transmite as suas ideias: nenhum de vós contou qual tinha sido o seu pequeno-almoço, fê-lo por outra pessoa! Aquilo que o interprete faz é favorecer, possibilitar a comunicação, entre duas outras entidades: quem fala na televisão e quem está lá em casa, por exemplo. Assim, garante que há comunicação entre as duas partes e, no final, as ideias são trocadas entre todos: permite-se a comunicação mesmo que os comunicadores usem línguas diferentes. É excelente!

2. Ora, como já aprendemos na catequese, ao longo da história, Deus, que quer estar presente na nossa vida, comunica com os homens e as mulheres de cada tempo e, para nós podermos escutá-lo bem e compreendermos o que nos quer comunicar, também escolheu vários "intérpretes".

Hoje, vamos falar um pouco mais das pessoas que foram importantes na história do Povo de Deus porque foram **os "intérpretes" de Deus** – das palavras e das propostas que Deus queria fazer chegar à humanidade.

Já sabem, porque temos visto isso ao longo deste ano de catequese, que Deus sempre quis falar aos seus filhos e filhas, sempre quis comunicar connosco, sempre procurou dizer-nos quais eram os melhores caminhos para encontrarmos a vida e a felicidade (ou, se quiseres, para sermos “salvos”) ...

Para isso, Deus precisava de falar connosco, de comunicar connosco numa linguagem que nós escutássemos e percebêssemos... E Deus achou que uma das formas de comunicar connosco passava por escolher pessoas que escutassem as suas propostas e que depois soubessem traduzi-las na linguagem que a humanidade entendia.

Essas pessoas que Deus escolheu para serem, junto da humanidade, os “intérpretes” das suas palavras e propostas, chamaram-se “Profetas”.

## II. PALAVRA

### 1. Quem é, então, um Profeta?

*(As crianças já devem saber explicar bem e até já indicarem o nome de alguns e o catequista recorre ao placar para as ajudar a responder.)*

#### **O que é que faz, exatamente, um profeta?**

Para percebermos melhor o que é um Profeta, vamos ler um texto da Bíblia. Foi escrito por um Profeta chamado Jeremias – que viveu há cerca de 2.600 anos – e que nos conta, ele próprio, como é que se apercebeu de que Deus o chamava a ser Profeta (**Jer 1,4-10**). Vamos ouvir com muita atenção e respeito porque o que aqui se conta é extraordinário!

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Jeremias.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Um único leitor:*

**A Palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos:**

**«Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia;**

**Antes que saíesses do seio da tua mãe,**

**Eu te consagrei e te constituí profeta das nações».**

**E eu respondi:**

**«Ah! Senhor Deus, eu não sei falar, pois ainda sou um jovem».**

**Mas o Senhor replicou-me:**

**«Não digas: 'Sou um jovem'.**

**Pois irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar.**

**Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar»**

**– oráculo do Senhor.**

**Em seguida, o Senhor estendeu a sua mão,**

**tocou-me nos lábios e disse-me:**

**«Eis que ponho as minhas palavras na tua boca;**

**a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos,**

**para arrancares e demolires, para arruinares e destruíres,**

**para edificares e plantares».**

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

2. Este texto é muito belo, escrito numa linguagem muito forte... que nós também precisamos de explorar, de interpretar!

**Então, o que é que Jeremias nos diz sobre a tarefa do profeta?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e, depois, encaminhá-las para:*)

Reparem no texto... Quem é que já "conhecia" **Jeremias** ainda antes de ele nascer, e já o tinha escolhido para ser Profeta?

(*Depois das crianças responderem o catequista continua:*)

Deus, claro está!

Foi Deus que dirigiu a Jeremias a sua Palavra, que falou a Jeremias) para lhe dizer esta frase lindíssima, tão cheia de amor:

**"Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações".**

Quando Deus diz que já conhecia Jeremias, não quer apenas dizer que já sabia, antes de ele nascer, qual ia ser a sua altura, a cor dos seus olhos ou dos seus cabelos, pois não? Mas quer, sobretudo, dizer que Deus já gostava de Jeremias, já o amava...

Quando Deus diz que já tinha consagrado Jeremias, isso significa que já o tinha reservado para o seu serviço, já o tinha escolhido, já tinha planos para ele, já contava com Jeremias para uma missão que Ihe queria confiar: a missão, importantíssima, de ser Profeta entre as pessoas do seu tempo e, as que viveriam depois, como nós, que estamos, hoje, aqui, a receber as suas palavras e a aprender com elas.

Já perceberam, então, que o **Profeta** é uma pessoa que está muito próxima de Deus, é uma pessoa que Deus **"conhece"** – isto é, de quem Deus gosta muito e que, por isso, Deus escolheu para ser seu amigo e para Ihe confiar uma grande responsabilidade.

É, também, uma pessoa que Deus **"consagrou"**, isto é, que Deus **"reservou"** para o seu serviço, para trabalhar para Deus, para fazer o que Deus Ihe pede.

**Quando falamos num Profeta estamos, portanto, a falar de uma pessoa que é amiga de Deus e que está perto de Deus; estamos a falar de uma pessoa que Deus "chamou" para o seu serviço e a quem Deus escolheu para Ihe confiar uma missão.**

### 3. Qual é a tarefa que Deus confia ao Profeta?

No nosso texto, Deus diz a **Jeremias**:

***"Irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar"***.

Descobrimos, assim, que o Profeta é uma pessoa que está ao serviço de Deus; ele vai aonde Deus Ihe pede que vá (muitas vezes para longe da sua terra, da sua família, dos seus amigos) e apresenta às pessoas que o escutam uma mensagem que vem de Deus.

No texto que lemos, Deus ainda diz a **Jeremias** (o catequista afixa no placar o **dístico** "Eis que ponho as minhas palavras na tua boca"):

***"Eis que ponho as minhas palavras na tua boca"***.

E nós percebemos, desta forma, que o Profeta é a pessoa que, quando fala, diz palavras de Deus, transmite aos homens e às mulheres que o escutam aquilo que Deus lhes quer dizer. As pessoas não veem a Deus e, por isso, têm dificuldade em ouvir o que Deus lhes quer dizer; mas veem o Profeta, que lhes diz em palavras que todos entendem aquilo que Deus quer propor-nos (o catequista afixa no placar o **dístico** "Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade" e lê:)

**"Os profetas são «intérpretes» de Deus, das palavras e propostas que Deus quer fazer chegar à humanidade".**

É através da sua boca e da sua pessoa que nós ouvimos – numa linguagem que nós entendemos bem – aquilo que Deus nos quer comunicar.

Quando ouvimos um Profeta, sabemos que não estamos a ouvir uma pessoa apresentar as suas ideias; mas sabemos que, através dele, é Deus que nos está a falar.

Há, ainda, mais uma coisa que é importante aprendermos com o texto do Profeta Jeremias... Coloco-vos esta questão – foi com uma questão que nós começámos hoje e, agora, quase que terminamos com outra questão – Terá sido fácil para Jeremias aceitar aquela tarefa que Deus quis dar-lhe? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:*)

Não, não foi.

Jeremias era ainda muito novo e não tinha experiência de falar em público; tinha medo do que os outros diriam e não sabia se as pessoas iam acolher bem as palavras que ele ia dizer; tinha medo que as autoridades o prendessem e castigassem quando o ouvissem dizer coisas com as quais não concordavam...

Para **Jeremias**, tinha sido muito mais fácil não aceitar aquela tarefa; teria sido mais fácil levar uma vida despreocupada e sem trabalhos, uma vida normal, ter uma família normal e um trabalho normal, como qualquer outro rapaz da sua idade... Por isso, quando Deus lhe deu aquela tarefa, ele assustou-se e tentou arranjar desculpas para não fazer o que Deus lhe pedia.

Mas Deus disse-lhe para não ter medo... **Porquê?**

Porque o próprio Deus estaria sempre ao seu lado para o ajudar, para lhe dar força, para lhe permitir cumprir aquela missão. E, assim, nós percebemos que Deus, quando entrega a alguém uma determinada tarefa, fica ao lado dessa pessoa, ajuda-a, cuida dela, dá-lhe força e coragem para ela fazer aquilo que é chamada a fazer (mesmo que seja uma coisa difícil, uma coisa que as outras pessoas não entendem bem).

4. E, se Deus está ao lado do Profeta a ajudá-lo, o Profeta não precisa de ter medo de nada, nem de ninguém, não é verdade? A **Bíblia** – o livro que nos mostra o “caminho” percorrido pelo Povo de Deus – diz-nos que foram muitos os homens que Deus chamou para serem **seus Profetas**...

*(O catequista convida o grupo a consultar a Bíblia, durante a semana, para ficar a conhecer um pouco mais daquelas pessoas que Deus chamou, seguindo as indicações de texto inseridas na página 71 do seu catecismo).*

*Tendo tempo disponível, e desde que não perturbe o desenrolar da Expressão de Fé, que se seguirá, o catequista, fazendo as crianças acompanhar a explicação com a leitura do resumo indicado no catecismo (página 71 do catecismo) vai apresentando os profetas indicados: **Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel.***

Já ouvistes falar num homem chamado **Amós**?

Foi um homem que, por volta de 760 a.C. foi chamado por Deus para ser Profeta. Ele tinha rebanhos e cultivava árvores que davam fruto numa aldeia chamada Técoa, no sul da Palestina; mas Deus chamou-o e pediu-lhe que fosse para o norte do país apresentar aos homens e mulheres dessa terra as palavras de Deus... Era numa época em que os ricos e poderosos faziam muitas maldades contra os mais fracos e mais pobres... E Amós, mandado por Deus, foi dizendo que Deus não aceitava as injustiças, as violências e as maldades que se cometiam.

Um outro Profeta de quem podes ter já ouvido falar, chamava-se **Oseias**. Por volta de 745 a.C., Deus chamou-o e encarregou-o de pedir ao Povo (do norte do país, uma terra que, nessa altura, se chamava Israel) que não se esquecesse de Deus, nem dos compromissos que tinha assumido com Deus. Era numa época em que o Povo de Deus estava entusiasmado com os deuses dos outros povos e esquecia-se do seu Deus. O Profeta Oseias recebeu a missão de dizer às pessoas que isso era uma traição contra esse Deus tão bom, que os amava tanto (como um marido ama a sua mulher ou como um pai ama o seu filho), e que dessa forma eles não podiam ser felizes.

De um outro Profeta a quem Deus chamou, já nós falámos, este e noutros anos, várias vezes. Conhecemo-lo bem porque Deus lhe confiou uma missão muito importante: chamava-se **Isaías**. Deus enviou-o a falar ao seu Povo, a pedir ao seu Povo que não cometesse maldades nem injustiças... Numa altura difícil, numa época de crise, **Isaías**, em nome de Deus, pedia às pessoas que continuassem a confiar em Deus (e não nos políticos ou nas alianças com as nações estrangeiras), pois só Deus podia ajudar e salvar o seu Povo. Por volta de 740 a.C., Deus disse-lhe que contava com ele para ser Profeta, **Isaías** respondeu, simplesmente:

**“Está bem, Senhor. Eu aceito. Podeis enviar-me”.**

Muitos anos depois de Isaias, nasceu aquele Profeta que escutamos hoje, **Jeremias**. Por volta de 630 a.C., Deus chamou-o a dizer aos habitantes de Jerusalém que precisavam de se voltar para Deus (eles também tinham esquecido Deus e tinham-se voltado para outros deuses). E quando, alguns anos mais tarde, o Povo de Deus foi vencido pelos soldados da Babilônia e a cidade de Jerusalém foi destruída, Jeremias lá esteve, ao lado do seu Povo, sempre a falar-lhe de Deus e a indicar-lhe os caminhos que Deus queria que percorressem.

Por fim, o **Profeta Ezequiel**.

Ele foi chamado por Deus por volta do ano 590 a.C., numa altura em que o Povo de Deus, vencido pelos Babilônios, tinha sido levado prisioneiro para uma terra estrangeira. Ezequiel, mandado por Deus, procurou mostrar a esse Povo que ele devia voltar-se de novo para Deus, abandonar os caminhos errados que tinha seguido e confiar em Deus. Numa altura em que as pessoas estavam tristes e desiludidas (porque estavam prisioneiras numa terra estrangeira), Ezequiel procurou, também, animar as pessoas, dar-lhes esperança, dizer-lhes que Deus não as tinha abandonado e que ia fazê-las regressar à sua terra para viverem um futuro feliz e em paz.

5. *(Quer o catequista tenha referido as informações registadas no ponto 4, ou não, em qualquer caso retoma o diálogo com as crianças aqui:)* Ao longo da história do Povo de Deus, muitos **outros Profetas** – pessoas que Deus chamou, que Deus enviou e que disseram palavras de Deus – nasceram, cresceram e trabalharam com o seu povo.

Esses Profetas, com a sua ação, com as palavras que disseram, tornaram Deus presente no mundo e na vida dos homens e das mulheres.

Foi através desses Profetas que Deus veio ao nosso encontro e nos apresentou as suas propostas; foi através deles que Deus nos indicou caminhos e nos disse como é que nós devíamos viver para sermos felizes e livres.

Todas estas experiências terão alguma coisa a ver connosco? Será que Deus poderia chamar-nos, a cada um, para sermos, também, Profetas?

*(O catequista dá oportunidade e algum tempo para as crianças se pronunciarem e, de seguida, com o maior relevo, chama-lhes a atenção para a importante missão de profeta que cabe a cada cristão, jovem ou velho, mostrando, primeiro, uma foto relativa ao Sacramento do Batismo:)*

**Quando fostes batizados** – quando passastes a integrar o Povo de Deus – foste ungido na cabeça com um óleo (o chamado “óleo do crisma”). Esse gesto serviu para dizer que Deus vos tinha escolhido, a cada um, pessoalmente, com o vosso nome próprio, para uma missão muito importante: a missão de seres Profeta.

Portanto, cada um de nós é, por vocação, Profeta. Todos os membros do Povo de Deus – deste Povo reunido à volta de Deus, que escuta as Palavras e as indicações de Deus e do qual tu também fazes parte – são Profetas, pois foram escolhidos por Deus para uma missão no mundo.

Essa missão é sermos “**sinais de Deus**”... Isso quer dizer que temos de ser pessoas através de quem Deus fala, pessoas através de quem Deus faz gestos de amor, de bondade, de perdão e de paz... Através de nós – das nossas palavras boas, dos nossos gestos bons – é Deus que faz coisas boas e bonitas neste mundo, coisas que ajudam as pessoas e as tornam mais livres e felizes. Nas últimas catequeses, em que vivemos a Quaresma, a preparar a Páscoa, numa atitude de compromisso, temos usado muito a palavra “Testemunha”: é essa a maneira cristã de viver a nossa fé, de ser profeta, testemunhando, na nossa vida, como Deus, agindo sobre ela, é Amor, é Esperança, é Justiça, é Liberdade.

Às vezes ser Profeta – ser um sinal da vida de Deus no mundo – é muito difícil e também nos pode trazer algumas complicações (quando somos pessoas boas, que fazem coisas boas, por vezes não somos entendidos, ou até somos “gozados” e maltratados pelos outros); mas nós sabemos que Deus está ao nosso lado para nos ajudar e para nos dar força...

Mesmo que nem sempre seja fácil, é muito bonito ser Profeta.

**Não vos sentis bem ao saber que Deus vos escolheu, ainda antes de teres nascido, para seres seu amigo e para seres um sinal de Deus neste mundo? Aquelas palavras de Jeremias são as palavras de Deus a respeito de cada um de nós! Que felicidade!**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *(Após um intervalo de silêncio que permita às crianças interiorizar o que se lhes acabou de dizer, o catequista prossegue:)* Hoje fizemos uma descoberta linda sobre a nossa vida e a nossa vocação de cristãos: nós já sabíamos

muitas destas coisas, mas Jeremias traduziu-as, interpretou-as, de um modo muito belo. Assim, e antes de terminar este nosso encontro de catequese, vamos dizer a Deus que queremos escutar as suas palavras, que estamos interessados em ouvir aquilo que Ele nos quer dizer, que aceitamos o desafio que Ele nos coloca.

*(Fazem-se uns instantes de silêncio e o catequista, depois, prossegue, lendo a oração «Pela boca dos teus profetas»:)*

**“Senhor Deus,  
muito obrigado porque tu nunca desistes de vir ao nosso encontro  
e, pela boca dos teus profetas, nos dizes o que queres de nós.  
Senhor Deus,  
nós sabemos que tu gostas muito de nós;  
é por isso que estás sempre a ajudar-nos a descobrir a melhor forma  
de viver  
para sermos felizes e livres, para sermos salvos.  
Muito obrigado.  
Senhor Deus,  
faz com que nós escutemos sempre as palavras que tu nos dizes  
e conduzamos as nossas vidas de acordo com as tuas propostas,  
com alegria e com coragem”.**

*(Depois de mais uns instantes de silêncio, o catequista propõe:)*

Vamos, também, dizer a Deus que, se Ele nos chamar, nós aceitamos ser seus profetas, seus mensageiros no meio dos outros homens e mulheres que vivem ao nosso lado (os pais, os irmãos, os amigos, os colegas da escola...). E, para isso, começamos por cantar o **cântico**:

**“O Profeta”**  
*(duas estrofes)*

*O catequista escolhe três crianças para fazerem a leitura, seguindo as marcas; todos seguem a leitura pelo texto inscrito na Barra Cronológica, Catequese 16, concentrados e atentos:*

**Leitor 1** – Senhor Deus, se tu me chamas, eu aceito ser teu Profeta e ser um sinal de ti junto das outras pessoas.

**Leitor 2** – Senhor Deus, eu estou disponível para dizer a todos as palavras que tu me ensinares.

**Leitor 3** – Senhor Deus, quando quiseres, eu aceito a missão de levar, para o mundo, o teu amor, a tua paz, o teu perdão.

Terminam cantando o **cântico**:

**“O Profeta”**  
(duas estrofes).

## **2. Compromisso:**

Durante a próxima semana vamos continuar a cumprir com o nosso compromisso de Quaresma. Mas, há uma coisa que vos queria pedir: nós já refletimos no nosso compromisso como um testemunho... como, através de nós, as pessoas podem ver o Senhor... Agora, queria que pensásseis no compromisso como uma «missão profética». O que é que cada um de nós foi encarregue, por Deus, de dizer àqueles com quem vivemos, em seu nome? O que é que nós estamos a interpretar? Assim, pedia-vos que pensásseis nisso durante a semana e, rezando ao Senhor, para vos ajudar – e podeis rezar a Oração que acabámos de rezar, usando a vossa Barra Cronológica – o descobrisseis e registásseis na vossa **Barra Cronológica** para, mais uma vez, ela guardar o vosso caminho de quem está a crescer como pessoa e como cristão. E não se esqueçam de cumprir e registar o vosso compromisso de Quaresma!

### *Para guardar na memória e no coração*

Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; Antes que saíesses do seio da tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações. Pois irás onde Eu te enviar e dirás tudo o que Eu te mandar. Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar. Eis que ponho as minhas palavras na tua boca; a partir de hoje, dou-te poder sobre os povos e sobre os reinos.

Cf. Jer 1, 4-5.7

## DEUS CONVIDA O SEU POVO À CONVERSÃO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

Como vimos nos nosso encontro anterior, para se dirigir aos homens e para lhes propor os caminhos da vida e da salvação, Deus escolheu pessoas (pessoas como nós, com uma família, com uma história, com defeitos e qualidades), chamou-as e enviou-as a dizer, em palavras humanas, as propostas que Ele queria apresentar ao seu Povo. Essas pessoas foram chamadas “Profetas” – palavra que, na sua origem, sugere aquele que Deus chama e que envia em missão (uma missão que tem a ver com fazer ecoar no mundo dos homens as palavras e as propostas de Deus).

#### 1. O cenário de fundo da intervenção profética: a “aliança”

A missão profética de dizer aos homens palavras de Deus desenrola-se tendo sempre como cenário de fundo a “aliança”. Quando Israel, no Sinai, aceita a aliança que Deus lhe propõe (“Tudo o que o Senhor disse, nós o faremos” – Ex 19,6), recebe um conjunto de indicações – mandamentos, leis e preceitos – destinadas a orientar o seu caminho pela história. Essas indicações (já o dissemos antes) dizem respeito à relação com Deus e às relações comunitárias, abarcando, portanto, os dois vetores à volta dos quais se estrutura a existência humana. Para ser família de Deus e para estar em comunhão com Deus, Israel deve escutar as indicações de Deus, deve acolher, interiorizar e viver os mandamentos de Deus. Israel será, assim, o Povo de Deus, que vive, anuncia, testemunha e torna presente no mundo as propostas de Deus para a humanidade inteira. Mais, o projeto de vida que Deus propõe a Israel quando com ele se envolve em aliança – e, através de Israel, a todos os

povos da terra – é um projeto de realização e de felicidade, que garante ao Povo de Deus a libertação de todas as escravidões e indica o caminho que conduz à liberdade e à vida.

Cumprir os mandamentos dados por Deus, viver na órbita da “aliança” – isto é, ter Jahwéh como referência, escutar a Palavra de Deus e conduzir a própria vida em coerência com essa Palavra – é a vocação de Israel. É dentro desse cenário que o Povo de Deus deve caminhar... Dessa forma, o Povo de Deus terá vida em plenitude e, ao mesmo tempo, será um sinal de Deus para todas as outras nações... Sendo fiel à sua vocação fundamental, Israel trabalhará, com Deus, para lançar as bases de um mundo que assenta no amor, na paz, na fraternidade e na justiça.

Contudo, Israel rapidamente esqueceu os compromissos que, no Sinai, assumiu perante Deus. Ainda durante a caminhada pelo deserto, Israel assumiu atitudes de rebelião contra Deus e contra a aliança (cf. Ex 32,1-10; Nm 11,1-15; 14,1-12; 16,1-35; 17,6-15; 20,2-13; 21,4-7; 25,1-18): em certos momentos duvidou de Deus, noutros ignorou deliberadamente as indicações de Deus, noutros ainda agarrou-se ao passado de escravidão e recusou assumir o risco da liberdade. Quando, finalmente, se instalou na Terra Prometida, o Povo de Deus não se curou dessa doença da infidelidade. Pelo contrário, as influências de outros povos fizeram com que Israel esquecesse Jahwéh e corresse atrás de outros deuses, de outras propostas ilusórias de felicidade e salvação; aos poucos, o Povo da aliança escolheu e percorreu atalhos sem saída onde já não se ouviam as palavras, indicações e propostas de Jahwéh. A intervenção profética não pode deixar de ter em conta este cenário de infidelidade, de abandono de Deus, de rutura com os compromissos assumidos pelo Povo de Deus no âmbito da aliança. Esses homens que Deus chamou a “falar” em seu nome e a repropor aos homens os caminhos da aliança, vão convidar o Povo de Deus a converter-se – isto é, a repensar as suas opções e a voltar-se de novo para Deus.

## **2. O pecado de Israel**

Portanto, no seu caminho histórico, Israel afastou-se muitas vezes do caminho que Deus lhe tinha proposto. Na perspetiva dos profetas, a infidelidade de Israel traduz-se, fundamentalmente em duas atitudes práticas: idolatria e injustiça social.

A idolatria tem, antes de mais, uma dimensão religiosa. Apresentado aos deuses dos povos cananeus que habitavam a terra, Israel deixa-se contaminar por influências estranhas e passa a frequentar os locais de culto cananeus.

Aos poucos, transfere de Jahwéh para Baal e Asherah (os deuses “da moda” entre os cananeus, na época em que o Povo chega do deserto) a sua adoração e o seu louvor. Embora Jahwéh continue a ser, em teoria, o Deus nacional, é a Baal que os israelitas agradecem os frutos da terra, a chuva que fecunda os campos, a renovação e a fecundidade dos rebanhos. Jahwéh deixa de contar; as suas palavras já nada significam na vida de um povo que, progressivamente, transfere os seus interesses para outros deuses e outras propostas. Alguns profetas – como Oseias – irão dizer, para descrever este quadro, que Israel é como uma mulher infiel, que abandonou o amor do marido para ir atrás dos amantes.

Mas a idolatria tem, também, uma vertente política. Israel afasta-se de tal forma do seu Deus que, progressivamente, deixa de lhe entregar nas mãos a sua segurança e a sua esperança. Quando o futuro da nação parece ameaçado ou quando as crises da história colocam obstáculos no caminho do Povo, os reis de Israel buscam segurança em alianças políticas com outras nações e abrigam-se à sombra do poderio de potências estrangeiras. Essas alianças políticas significam, efetivamente, que Jahwéh está fora dos horizontes do Povo; significam que o Povo da aliança prescindiu desse Deus salvador e libertador que o tirou da escravidão do Egito e que lhe deu essa “terra boa” onde “corre leite e mel”, para entregar a sua salvação e a sua esperança de vida e de felicidade nas mãos dos soldados e dos carros de guerra de potências estrangeiras.

Ao prescindir de Jahwéh, Israel vai também esquecer as indicações, propostas e mandamentos que ele entregou ao Povo. Esse esquecimento traduz-se, rapidamente, em atitudes de egoísmo, de orgulho e de autossuficiência que potenciam as injustiças, as arbitrariedades, a exploração dos pobres e dos fracos. No quadro da social pintado pela denúncia dos profetas, percebemos o pecado de uma sociedade atolada na injustiça e na exploração, que deixa a opulência e o luxo dos ricos contrastar com a miséria dos pobres e a exploração dos mais desfavorecidos (Am 3,15; 4,1; 5,11; 6,4-6), que aceita que os tribunais (tradicionalmente, o lugar onde o pobre vê corrigidas as injustiças de que foi vítima) fomentem novas injustiças contra os mais débeis (Am 5,7.12-14), que admite que o próprio culto floresça à custa das dádivas dos ricos (muitas vezes fruto das rapinas e das injustiças cometidas contra os fracos e os pobres – cf. Am 2,8; 4,4-5; 5,21-25), que aceita que a sociedade se instale num estado endêmico de violência que subverte a harmonia social hipoteca o futuro da nação.

Os profetas bíblicos, embora desenvolvam o seu ministério em épocas diferentes e em circunstâncias históricas diversas, fazem todos a mesma

leitura da história e da vida de Israel: quando o Povo de Deus escolhe ignorar as palavras e indicações de Deus, quando o Povo da aliança escolhe percorrer caminhos à margem de Deus, está a construir um futuro sem perspectivas, um futuro de sofrimento e de infelicidade. Ao perder a sua referência fundamental, que é Deus, ao escolher caminhos de autossuficiência, ao substituir Jahwéh por outros interesses – frequentemente, interesses egoístas e projetos pessoais que apenas geram escravidão e dependência, egoísmo e injustiça – o Povo de Deus caminha à deriva, entregue ao sabor dos interesses pessoais ou de grupos sem um projeto de futuro, sem esperança e sem possibilidade de encontrar vida em plenitude.

### **3. A proposta profética para vencer as crises**

Qual o caminho que os profetas apontam para vencer as crises que afetam os indivíduos e as comunidades?

Esses homens – através dos quais ecoam no mundo as palavras de Deus – são unânimes quanto à solução a adotar para que os israelitas reencontrem os caminhos da Vida e da sua plena realização: o Povo de Deus tem de converter-se a Jahwéh, tem de reencontrar-se com Jahwéh. O verbo hebraico *shub* – que aparece constantemente repetido na mensagem profética – traduz a ideia de mudar de rumo, de fazer marcha atrás, de emendar-se. É “afastar-se do mau caminho” que se vem seguindo (Ez 13,22; 33,9) e que conduz à morte (cf. Ez 33,11); é emendar-se da sua perversidade e má conduta (cf. Jer 23,14; Ez 3,19). Em contexto religioso, contudo, o verbo *shub* inclui sempre a ideia de “voltar para Deus”, quer dizer, reconhecer que só Deus é o Senhor (cf. Jer 3,14), dirigir de novo o olhar e o coração para Jahwéh e estabelecer com o Senhor uma relação de intimidade e comunhão (cf. Jer 24,7), passando a escutar a voz de Deus, a acolher no coração as suas propostas, a trilhar outra vez o caminho dos mandamentos.

Este “voltar para Jahwéh” não é, apenas, um movimento piedoso e beato, sem consequências na vida prática; mas tem, também, uma dimensão social... Implica a mudança de comportamento para com os irmãos e exige a prática do direito, da justiça (cf. Ez 18,27; 33,14.19) e da misericórdia (cf. Os 12,7). “Voltar para Deus” é levar a sério os compromissos assumidos no âmbito da aliança – a nível de pensamento e de querer – e agir em conformidade com os mandamentos, inclusive com aqueles que defendem os direitos e a dignidade dos irmãos.

Cada profeta irá traduzir a realidade do “voltar para Deus” de uma maneira muito particular, de acordo com a sua própria sensibilidade e com os problemas da sociedade do seu tempo.

Assim, Amós, o profeta da justiça social, entende a conversão sobretudo em chave de justiça. Para ele “converter-se” é, não apenas buscar Jahwéh (cf. Am 5,4), mas, sobretudo, respeitar a justiça nas relações comunitárias: recusar viver na opulência à custa dos pobres (cf. Am 4,1-3; 6,1-7); não mascarar as injustiças e arbitrariedades contra os mais débeis com um culto vazio, mentiroso e desligado da vida (cf. Am 4,4-13); não aceitar subornos nem violar os direitos dos pobres em tribunal (cf. Am 5,12); não aumentar a miséria dos pobres especulando com os bens de primeira necessidade (cf. Am 8,4-7).

Para Oseias – que lê a relação entre Jahwéh e o seu Povo em chave matrimonial, como se o Povo fosse a esposa infiel e Deus o marido sempre fiel, que tem pela esposa um amor indestrutível e nunca desmentido – “voltar para Deus” é abandonar os deuses (os amantes) que seduziram o Povo, é reconhecer que só o amor fiel e inquebrantável de Deus é fonte de vida e de felicidade, é deixar-se transformar e cativar por esse amor e correr de novo para os braços do Deus da aliança (cf. Os 2,9).

Para Isaías, o “voltar para Deus” contempla duas dimensões essenciais. A primeira (cf. Is 1-5), desenvolvida na primeira fase do seu ministério, tem uma forte acentuação social... Nessa dimensão, a conversão passa pelo abandono das injustiças, das arbitrariedades, da exploração dos fracos e dos pobres, e por um forte compromisso com a justiça e o respeito pelos direitos das viúvas, dos órfãos, dos pobres e dos débeis. A segunda, desenvolvida numa fase mais tardia da missão profética de Isaías, acentua a dimensão da fé e da confiança em Jahwéh: “voltar para Deus” é abandonar as seguranças humanas e as apostas efêmeras de felicidade, desistir de colocar a segurança e o futuro da nação em pactos políticos com potências estrangeiras; é centrar o olhar e o coração em Deus, voltar a confiar em Deus e a entregar-lhe nas mãos os sonhos e as esperanças de vida, de salvação e de felicidade. “Converter-se” é, fundamentalmente, caminhar tranquilo e atento, construindo toda a vida à volta de Deus, colocando tudo nas mãos de Deus e sabendo que Jahwéh estará sempre presente e não deixará de salvar o seu Povo, sejam quais forem os dramas que os caminhos da história apresentem a Israel.

Jeremias é, provavelmente, o profeta que mais amplamente desenvolve o tema da conversão. Para ele, “voltar para Deus” não é cumprir um rito externo que apenas manifeste arrependimento, mas é mudar completa e radicalmente a maneira de pensar, de sentir, de querer, de agir, de conceber a relação com Deus e com os outros homens e mulheres. Sabendo que o

grande obstáculo à mudança é o facto de os membros do Povo de Deus terem um coração endurecido – isto é, um coração orgulhoso, autossuficiente, egoísta e, portanto, mau e rebelde – o profeta recomenda uma “circuncisão do coração” (Jer 4,1) que transforme os corações e os faça sensíveis e bons, capazes de entender o amor de Deus e de amar os irmãos. Só então será possível voltar a confiar em Deus, escutar a sua Palavra e acolhê-la no coração, deixar que essa Palavra se transforme em gestos de justiça, de misericórdia, de amor e de verdade. O profeta sabe, contudo, que só com a ajuda da graça e da misericórdia de Deus será possível essa mudança; por isso, fala desses tempos novos em que o próprio Jahwéh vai imprimir a sua lei no coração do seu Povo, fazendo com que todos tenham uma nova atitude e sejam capazes de viver em profunda comunhão com Deus (cf. Jer 31,31-34). Ezequiel, o profeta da esperança que desenvolve o seu ministério profético no Exílio da Babilónia, olha para a história recente do Povo e convida-o a perceber que foram as infidelidades à aliança – o abandono de Deus, as jogadas políticas e as alianças com potências estrangeiras, a destruição da coesão social com injustiças e arbitrariedades sem fim – que conduziram à catástrofe nacional. Contudo, o profeta sabe que a história de amor entre Deus e o seu Povo não está condenada a terminar num beco sem saída... Assim, tentando dar um novo alento aos exilados, afogados num mar de frustração, de lágrimas e de sofrimento, o profeta fala de um tempo novo que Deus vai fazer surgir, um tempo em que o passado de glória vai ser restaurado e em que Jahwéh vai voltar, de novo, a residir no meio do seu Povo, derramando sobre a nação uma torrente de vida, de fecundidade e de graça. Desta forma, Ezequiel restaura a confiança e faz com que o Povo de Deus volte a ter razões para olhar o futuro com esperança. A Palavra de Deus que ecoa pela voz de Ezequiel, ao salvaguardar a esperança, permite ao Povo de Deus não desistir de construir a sua história, constitui um convite a caminhar em direção ao futuro.

Esta breve viagem pela profecia de Israel mostra como Deus se recusa a ficar de braços cruzados enquanto o seu Povo resvala por caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência que só conduzem à infelicidade, ao sofrimento, à morte. Por isso, Deus interpela o seu Povo, questiona-o, indica-lhe caminhos. A Palavra de Deus – que se faz presença efetiva no mundo através da Palavra profética – constitui um apelo constante a uma transformação radical, a uma mudança de mentalidade, de atitude, de comportamento que faça o homem reencontrar as suas referências fundamentais, o seu centro de equilíbrio, a realidade que dá sentido a toda a existência: Deus.

## OBJETIVOS

Em tempo de Quaresma:

- Levar a criança a perceber que o apelo à conversão está sempre no horizonte da caminhada do Povo de Deus, pois Deus está sempre a desafiar o seu Povo no sentido de não se acomodar e de ir sempre mais além nos caminhos da vida e da felicidade.
- Descobrir o significado da "conversão": voltar de novo o olhar e o coração para Deus e fazer com que Deus volte a estar no centro da nossa existência; fazer com que as palavras e indicações de Deus influenciem decisivamente as nossas escolhas, os nossos gestos, as nossas atitudes, os nossos valores; prescindir dos deuses e das propostas de felicidade e de realização que nos afastam de Deus e dos seus caminhos.
- Definir, concretamente, o caminho a seguir e as atitudes a tomar para aproveitar a oportunidade de conversão que, neste tempo, é dada ao Povo de Deus.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O catequista deve ensaiar muito bem todo o cenário de colocação dos diversos objetos no centro da sala ao longo de toda a sessão, pois o esquema que se propõe é dinâmico, mas complexo; também é importante treinar o ritmo de apresentação das diversas narrativas, para não prolongar demasiado a sessão e cansar desnecessariamente as crianças; no Desenvolvimento da Catequese – Palavra, apresenta-se um esquema longo, mais adequado a grupos pequenos ou médios, que possam trabalhar num espaço amplo; para a aplicação deste esquema pode ser interessante que trabalhe com o catequista outro adulto, catequista ou pai/mãe, instruído previamente na leitura dos textos e apresentação dos materiais pedagógicos de suporte visual; também pode resultar bem que os materiais propostos e os textos sejam combinados num documento multi-média, pois como este permite uma navegação fluida e rápida, combina o impacto emocional com a economia de tempo e pode ser manobrado confortavelmente por uma pessoa só e a partir de qualquer ponto da sala, caso se disponha do respetivo comando à distância; se não dispuser deste tipo de ajudas, **é preferível** que o catequista oriente a Palavra colocando as crianças a seguir as imagens e textos pelo catecismo (página 74) dando, depois, um destaque especial ao texto do profeta que é apresentado pela primeira vez, Joel, que será lido na íntegra.

2. De qualquer maneira, tenha-se em conta que o objetivo principal da catequese não é a familiarização enciclopédica das crianças com os profetas e seus textos, mas consiste em conseguir levar as crianças a: compreender o que é a conversão; aceitar o desafio de se converter. A coleção de textos constitui a sua inspiração e o seu guia.

## **MATERIAIS**

- Um cesto de vime ou equivalente;
- Seixos da praia ou pedras semelhantes, uma para cada criança, e mais seis pedras, se possível de forma e/ou cor diferentes das demais, para usar com a história;
- Barras Cronológicas das crianças;
- Bíblia;
- Dísticos: "Aliança"; "Mandamentos" (das catequese anteriores); "erro", "injustiça", "opressão";
- *Poster com as seguintes frases: "É preciso mudar de rumo"; "Convertetivovos"; "Voltai para mim"; "Escutai";*
- Posters com imagens dos profetas e dísticos dos respectivos nomes (da catequese anterior) acrescidos dos relativos ao profeta Joel;
- Dísticos com citações dos profetas:
- Oseias: *"Volta, Israel, ao Senhor teu Deus"*
- Isaías: *"Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem"*
- Jeremias: *"Ouví a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo".*
- Ezequiel: *"Convertetivovos e afastai-vos dos vossos pecados"*
- Joel: *"Convertetivovos a mim de todo o vosso coração"*

## **MÚSICA**

- "Eis o tempo da conversão".

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

Nesta catequese sugere-se que todos se sentem no chão, de preferência sobre uma manta ou tapete, de modo a favorecer a comunicação e participação, pela proximidade e maior descontração na atitude (o que deve levar o catequista a esforçar-se mais para manter a concentração).

- o **placar** está vazio, colocado perto do catequista e do grupo e preparado para receber os dísticos e posters necessários;
- a Bíblia está colocada sobre uma caixa (baú das catequeses anteriores), ao lado do catequista, pronta a ser movida para o centro do grupo.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de recordar a sessão anterior sobre o significado de ser profeta, o catequista, colocando um recipiente vazio no centro da sala, lança um desafio ao grupo:*

Cada um de vós vai pensar na sua vida e lembrar-se de alguma coisa que tenha feito que tenha ofendido ou que tenha prejudicado alguém; ou uma atitude ou comportamento que o tenha prejudicado a si próprio. Não importa se só vós o sabeis ou se alguém – pais, professores, catequista – descobriu e vos deu uma reprimenda ou castigo por causa disso.

*Depois de um tempo para todos pensarem, o catequista desafia cada um a colocar uma pedra no cesto e a partilhar, em poucas palavras, alguma das coisas em que pensaram (conforme a dimensão do grupo, o catequista deverá decidir se pode ou não deixar mais tempo para cada um neste momento de partilha).*

*O catequista deve ajudar a concretizar a partilha indicando situações quotidianas das crianças (por exemplo, em casa, com os pais ou com os irmãos; na escola, com os colegas e com os professores, etc.), mas sem induzir as crianças a fazer sua uma sugestão vinda do exterior.*

*Não deverá forçar a partilha se alguma criança não o desejar fazer. Em qualquer caso, todos deverão colocar a pedra no recipiente, que deverá permanecer na sala à vista de todos.*

*Quando todos tiverem terminado a sua partilha, o catequista, sem propor conclusões, declara:*

Podem abrir o vosso catecismo na página 73: Vamos observar essas fotografias, aí colocadas em jeito de pequena Banda Desenhada:

2. **As fotos contam-nos uma história. Qual será?**

*Conforme a sua habilidade, o catequista conta, ou lê, a seguinte história, de forma expressiva e com calma, de modo a criar alguma expectativa nas crianças, fazendo-as seguir pela ilustração:*

Quem aqui vemos é a ... (*deixar as crianças escolher um nome*). Pois a N... era uma boa rapariga. Frequentava a catequese ao sábado, ao domingo ia à missa com os pais e era acólita. Na escola, tirava boas notas, dava-se bem com todos os colegas, participava ativamente nas aulas e os professores gostavam muito dela. Tudo corria bem: os pais sentiam-se orgulhosos e ela era uma rapariga feliz.

As coisas começaram a mudar quando a nossa amiga passou para o 10º ano e encontrou, na sua nova turma, três raparigas mais velhas, que não gostavam de estudar nem de andar na escola... A nossa amiga – que conhecia uma delas, pois vivia num prédio ao lado do seu – achava que essas raparigas eram muito fixes...

*Por cada decisão incorreta do personagem N..., o catequista coloca uma pedra no cesto:*

Começou a dar-se com elas e, depois de algum tempo, andava com elas por todo o lado... Um dia, em lugar de ir às aulas, foi passear com as novas amigas para o Centro Comercial; e, a partir daí, **passou a faltar às aulas** com frequência. **Deixou de estudar e de fazer os trabalhos de casa**; e, nas aulas, ficava junto das suas amigas, **portava-se mal e não estava atenta às lições** dos professores... **Tornou-se mal educada e zangada** e, muitas vezes, **tratava mal os colegas e o pessoal auxiliar da escola, respondendo sem educação, provocando-os...**

A mãe da nossa heroína – que era a encarregada de educação – foi chamada à escola. O diretor de turma apresentou-lhe a situação e disse-lhe que, se a nossa N... não mudasse a sua forma de estar na escola, além de chumbar por faltas, iria ser suspensa da escola. A mãe ficou desolada e não entendia como é que a sua filha tinha mudado tanto. À noite, em casa, a mãe e o pai da N... tiveram com ela uma conversa muito séria. Recordaram-lhe como ela era feliz e estimada quando se portava bem e era boa aluna; mostraram-lhe que, portando-se mal, ela estava a perder tudo aquilo que antes tinha construído: a confiança dos pais, a paciência e interesse dos professores, o respeito dos amigos de verdade, a sua própria alegria e sossego! Pediram-lhe, claro está, que pensasse no seu futuro e na forma como ela queria viver a sua vida.

Inicialmente, a rapariga ficou muito irritada... Achou que os pais estavam a meter-se na vida dela e ela estava farto da interferência dos adultos nas

“suas coisas”. Mas depois, sozinha no seu quarto, reconheceu que as preocupações dos seus pais faziam sentido... Que ia ser dela se continuasse naquele caminho? Que iria acontecer se ela continuasse, todos os dias, a fazer escolhas erradas? Que futuro é que ela estava a construir, com as suas atitudes pouco sérias e a sua irresponsabilidade?

A N..., como podem ver na nossa BD, concluiu que o caminho que estava a seguir não a levaria a lado nenhum, a não ser a uma vida perdida, sem sentido, infeliz... Assim, resolveu que, no dia seguinte, iria ser outra pessoa: decidiu acabar com as atitudes impensadas e ser responsável; decidiu levar a sério a escola e trabalhar muito para aprender; decidiu ouvir os conselhos dos pais e as indicações dos professores; decidiu assumir uma atitude de empenho e de responsabilidade.

A conversa com os pais, nesse fim de tarde, mudou a vida da nossa amiga. Agora, ela procura levar a vida a sério, cumprir os seus deveres, aproveitar o estudo e as aulas... Como é que será que ela se sente? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para:*) Sente-se bem e feliz. Também me parece! E as suas notas? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para:*) As suas notas melhoraram muito, pois é com trabalho e atenção nas aulas que se conseguem boas notas. Olhem, e depois desta mudança, a nossa rapariga até recordou o seu sonho de criança: ela queria ser médica e ajudar as pessoas que sofrem. Mas como ela agora estuda, está atenta e não perde tempo com patéticos, os professores dela e os pais acham que ela vai conseguir entrar na Faculdade de Medicina e tornar-se médica. Valeu, ou não valeu, a pena mudar de vida?

*O catequista, após uma breve pausa, recorda como cada um colocou uma pedra no cesto e conclui:*

Todos nós, ao longo da nossa vida, temos “crises” como a que a nossa personagem N... viveu. Fazemos coisas erradas e infantis, pelos piores motivos. Mas, todos nós, de uma forma ou de outra, também somos chamados à atenção por pessoas que se preocupam connosco, que querem a nossa felicidade, que gostam mesmo de nós e não se conformam quando nos vêm desperdiçar a nossa vida em atitudes e comportamentos errados.

3. O mais interessante é que, como os Povos e as sociedades são compostas por pessoas – que tanto erram como fazem coisas bem feitas – quando nós

olhamos para a história de uma país ou de um povo, descobrimos que esse povo passou por momentos de grande crise, de dificuldade, por problemas importantes (*deixar as crianças pronunciarem-se relatando a sua percepção de situações que conheçam e concluir:*) O Povo de Deus, que nós, este ano, estamos a descobrir, ao longo do seu caminho pela história, também conheceu e viveu situações complicadas, de muitos erros e desgraças.

## II. PALAVRA

### 1. *O catequista coloca a Bíblia no centro do círculo formado pelas crianças e inicia a seguinte reflexão:*

Ao longo da história, o Povo de Deus lutou com muitas dificuldades e, por diversas vezes, também cometeu os seus erros... Já vimos isso na catequese da semana passada, pois, como podem recordar na página 71 do vosso catecismo, cada profeta foi enviado por Deus para chamar a atenção para esses erros e para ajudar o povo a emendá-los.

Depois de ter saído do Egito e de se ter comprometido numa (*o catequista mostra o dístico "aliança" e coloca-o junto da Bíblia ou no placar, conforme lhe parecer mais adequado*) aliança com Deus, Israel era um Povo feliz, que tinha diante dos olhos as indicações de Deus, os seus (*o catequista mostra o dístico "mandamentos" e coloca-o junto da Bíblia ou no placar*) mandamentos, e que parecia decidido a cumpri-los para construir um futuro de felicidade e de paz. Mas, à medida que o tempo foi passando, o Povo de Deus começou a ouvir outras "vozes", outras propostas e esqueceu-se de Deus e dos seus mandamentos, tal como aconteceu com o herói da nossa história, quando mudou de turma e encontrou colegas que não se portavam muito bem e quis imitá-los e segui-los quando eles faziam asneiras (*o catequista mostra o dístico "erro" e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*). Ele foi muito egoísta porque só pensou naquilo que lhe apetecia fazer mas não no trabalho dos professores, no esforço dos pais para o educarem e lhe darem condições para estudar, nos colegas que prejudicava com o seu mau comportamento, até, por não ser capaz de chamar a atenção daqueles rapazes que ele achava fixes... (*o catequista mostra o dístico "egoísmo" e coloca-o junto do dístico "erro".*) Quando se instalou na Terra Prometida, no final da sua caminhada pelo deserto, o Povo de Deus conheceu outros povos (chamados, em geral, "os cananeus" – isto é, os povos que habitavam na terra de Canaan)... Cada um

desses povos tinha os seus deuses, as suas cerimónias religiosas, e mesmo a sua maneira própria de viver. Aos poucos, o Povo de Deus começou a esquecer-se de tudo o que Deus tinha feito por ele – como o tinha libertado do Egito, como o tinha alimentado ao longo da caminhada pelo deserto, como Ihe tinha proposto uma “aliança” – e começou a frequentar as festas religiosas dos povos cananeus e, até, a adorar os deuses dos cananeus.

Em dado momento, já não agradecia ao seu Deus (Jahwéh), a quem tudo devia, como a N..., que, a certa altura, pareceu ter esquecido os seus pais e os seus professores (*o catequista mostra as pedras colocadas no cesto*): a vida, o pão e o vinho, a chuva que fecundava os campos e o sol que amadurecia as colheitas, mas agradecia tudo isso aos deuses mais queridos dos povos cananeus.

Ao abandonar o seu Deus, o Povo de Deus também esqueceu os mandamentos que mandavam respeitar a vida, os direitos e a dignidade das outras pessoas... (*o catequista mostra o dístico “injustiça” e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*).

Os israelitas começaram a cometer injustiças, a maltratar os mais fracos, a roubar os pobres. Dessa forma, estavam a destruir a paz, a harmonia, a tranquilidade, a felicidade que tinham antes. (*o catequista mostra o dístico “opressão” e coloca-o junto da Bíblia, colocando sobre ele uma pedra do cesto*). Quando o Povo de Deus abandonou Deus e se esqueceu dos mandamentos de Deus, **começou a construir uma sociedade egoísta, injusta, opressora, onde muitas pessoas sofriam e eram infelizes.**

**2. E como terá reagido Deus? Terá decidido abandonar esse Povo ingrato, que o tinha traído e esquecido?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para a seguinte conclusão:*) Não. Apesar da traição do seu Povo, Deus continuava a amá-lo e a querer que esse Povo fosse feliz e tivesse vida. Deus agiu como um Pai muito forte e bom, de uma maneira semelhante ao que nós vimos fazer aos pais da N...

**Então, concretamente, o que é que Deus fez?** (*deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar as respostas para a seguinte conclusão:*) **Chamou os seus Profetas** e enviou-os ao encontro do seu Povo com a sua mensagem, as suas indicações... (*colocar o dístico “Profetas” sobre o recipiente das pedras*).

**Que mensagem, que indicações?** Por mandato de Deus, os Profetas foram dizer ao Povo (*colocar o poster com as expressões – “É preciso mudar de rumo”; “convertei-vos”; “Voltai para mim”; “Escutai” no placar e prosseguir*):

“É preciso mudar de rumo, pois esse caminho que seguís só vos vai fazer sofrer... Converti-vos! Voltai para mim! Escutai as minhas indicações, vivei de acordo com os meus mandamentos, pois só eles vos ajudarão a encontrar o caminho da vida e da felicidade”. Foi isso que Deus disse, por intermédio dos profetas, a seu amado Povo. Tal como nós vimos na conversa que os pais do N... tiveram com ele, como nas conversas que os vossos professores e pais e, até eu, temos convosco, quando as coisas não correm bem e precisamos mudar o nosso comportamento

**3. O catequista prossegue, guiando as crianças no processo de interiorização da mensagem de conversão que é o centro desta catequese:**

Esse pedido de mudança, em que nos vamos esforçar muito por ser melhores, por crescer, como temos feito na Quaresma, chama-se **conversão**. “Conversão” quer dizer “transformação”, “troca”, “mudança”. Para nos sentirmos inspirados para transformar, trocar o que está errado e mudar a nossa vida para uma vida melhor, vamos aprofundar o nosso conhecimento de algumas das palavras que os próprios Profetas do Povo de Deus usaram como convite à mudança de vida. Hoje, eles estão a falar para nós...

*Conforme vai apresentando os profetas, o catequista mostra e/ou coloca no placar os posters e dísticos relativos a cada um ou pede às crianças para acompanharem as explicações na página 74, no seu catecismo.*

**Oseias**, um Profeta do séc. VIII a.C., **pedia ao Povo de Deus que se arrependesse e voltasse a ouvir as indicações de Deus...** Utilizando a poesia e recorrendo a imagens de plantas e de árvores, Oseias dizia ao seu Povo que só nos caminhos de Deus (e não dos falsos deuses) Israel encontraria vida em abundância e felicidade duradoura. Eis algumas das palavras de Oseias (**Os 14,2-3.5-9**) são: (*o catequista mostra o dístico: “Volta, Israel, ao Senhor teu Deus”*).

*O catequista promove o ambiente necessário para a escuta da palavra e lê os textos ou pede a uma criança para o fazer, utilizando a Bíblia, de forma expressiva:*

*Leitor:*

**Volta, Israel, ao Senhor teu Deus,  
porque caíste por causa dos teus pecados.**

*(Silêncio)*

**Tomai convosco palavras de arrependimento.**

**E voltai ao Senhor, dizendo-lhe:**

**«Perdoa todos os nossos pecados,**

**e acolhe favoravelmente o sacrifício que oferecemos,**

**a homenagem dos nossos lábios».**

**Então, Eu serei para Israel como o orvalho:**

**florescerá como um lírio e deitará raízes como um cedro do Líbano.**

**Os seus ramos estender-se-ão ao longe,**

**e a sua opulência será como a da oliveira,**

**o seu perfume como o odor do Líbano.**

**Regressarão os que habitavam à sua sombra;**

**renascerão como o trigo,**

**darão rebentos como a videira**

**e a sua fama será como a do vinho do Líbano.**

**Efraim, que tenho Eu ainda a ver com os ídolos?**

**Sou Eu quem responde e olha por ele.**

**Eu sou como um cipreste sempre verdejante;**

**é de mim que procede o teu fruto.**

*(O catequista mostra o dístico: "Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere:).*

O Profeta – **Isaías** – no séc. VIII a.C., por mandato de **Deus pedia ao Povo que deixasse de ser mau** e que, em lugar de provocar injustiças e más ações, **procurasse ajudar aqueles que eram mais pobres e mais débeis (Is 1,16-18):**

*Leitor:*

**Lavai-vos, purificai-vos,**

**tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas ações.**

**Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem;**

*(Silêncio)*

**procurai o que é justo, socorrei os oprimidos,**

**fazei justiça ao órfão, defendei as viúvas.**

**Vinde agora, entendamo-nos – diz o Senhor.**

**Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate,**

**tornar-se-ão brancos como a neve.**

**Mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã.**

*(O catequista mostra o dístico "Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere:).*

O Profeta **Jeremias**, no séc. VII, repetindo as palavras de Deus, analisava assim a situação do Povo de Deus (**Jer 7,23-26**):

*Leitor:*

**A única ordem que lhes dei foi esta:**

**'Ouvi a minha voz e Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu Povo;**

*(Silêncio; o catequista refere:)* Creio que esta frase vos diz alguma coisa de especial! Nós já a tínhamos lido este ano, na catequese 5, e uma parte está escrita... na capa *(o catequista mostra a capa do catecismo)* do nosso catecismo! Esta frase é, hoje, dita para nós! É um convite do Senhor para cada um de nós e para todo o nosso grupo! Todo este ano, ela é para nós, porque nós estamos aqui, na catequese, a caminhar como Povo de Deus, Povo do Senhor. E, como agora já são mais crescidos e sábios, vou-vos explicar uma coisa difícil: quando nós lemos este texto de Jeremias, no início da catequese, estávamos a aprender que Deus, para poder construir na terra dos homens e das mulheres, um mundo bom, precisou de um Povo que colaborasse com Ele, que fosse o seu instrumento de bem, a sua força da paz e da bondade. Mas agora, nós estamos a ler esse texto para aprendermos a viver – a viver – como Povo de Deus, para sabermos ser seu instrumento, sua testemunha, sua força!

*(O leitor prossegue:)*

**seguí sempre a senda que vos indicar, a fim de que sejais felizes'.**

*(breve silêncio)*

**Eles, porém, não me ouviram, não prestaram atenção,  
seguiram os maus conselhos dos seus corações empedernidos;  
viraram-me as costas em vez de se voltarem para mim.  
Desde o dia em que os vossos pais deixaram o Egito até hoje,  
Eu vos enviei todos os profetas, dia após dia.**

**Eles, porém, não me ouviram, não me prestaram atenção;  
endureceram a sua cerviz e agiram pior do que os seus pais.**

Mas, apesar dessa atitude ingrata do Povo, **Deus não desistia e continuava**, pela boca do Profeta Jeremias, a pedir ao Povo que "voltasse", isto é, que mudasse de atitude (**Jer 4,1-4**) (*o catequista mostra o dístico: "se andares na verdade, no direito e na justiça" e o poster correspondente, ou indica no catecismo, e lê:*)

**Se te queres converter, Israel, volta para mim – oráculo do Senhor.  
Se afastares da minha face as tuas abominações, não andarás errante.  
Então jurarás 'pela vida do Senhor',  
se andares na verdade, no direito e na justiça;  
em ti serão abençoadas as nações e em ti se gloriarão.  
Pois assim fala o Senhor aos habitantes de Judá e de Jerusalém:  
Cultivai o vosso campo e não semeis entre espinhos.  
Circuncidai-vos para o Senhor, cortai a maldade dos vossos corações,  
homens de Judá e habitantes de Jerusalém.**

*O catequista mostra o dístico: "Convertetevi-vos e afastai-vos dos vossos pecados" e o poster correspondente, ou indica no catecismo, e refere:)*  
Algumas dezenas de anos mais tarde, na primeira metade do Séc. VI a.C., por intermédio do Profeta **Ezequiel**, Deus dizia ao seu Povo (**Ez 18,30-32**):

**Convertetevi-vos e afastai-vos dos vossos pecados;**

*(Silêncio)*

**que não haja mais entre vós ocasião de pecado.  
Rejeitai todos os pecados que cometestes contra mim  
e criai um coração novo e um espírito novo.  
Porque quereis morrer, casa de Israel?  
Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja  
– oráculo do Senhor Deus.**

*(Silêncio)*

**Convertetevi-vos e vivereis.**

4. O catequista mostra o dístico: "Converti-vos a mim de todo o vosso coração" e o poster correspondente, ou indica no catecismo e refere: Ainda mais tarde (séc. V-IV a.C.), era o Profeta **Joel** que dizia ao Povo, em nome de Deus (**Jl 2,12-13**).

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Profeta Joel.**

*Leitor:*

**Converti-vos a mim de todo o vosso coração**

*(Silêncio)*

**com jejuns, com lágrimas, com gemidos.**

**Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes,  
converti-vos ao Senhor, vosso Deus,  
porque Ele é clemente e compassivo,  
paciente e rico em misericórdia.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

5. O catequista procede à síntese dos textos que foram lidos, encaminhando as crianças para **a interiorização do pedido de conversão que Deus, repetida e incansavelmente faz**. Recorrendo às frases que foram colocadas no centro da sala, reforça as ideias principais, como se segue:

Reparem bem nestes textos que lemos... Em primeiro lugar, **Deus pede ao Povo que se converta**... Já sabeis o que é que significa "converter-se", não é verdade? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Significa

“voltar atrás e mudar a maneira errada de proceder” . **“Converter-se” significa “mudar de atitude”** e passar a viver de outra forma... “Converter-se” é voltar-se novamente para Deus, para o escutar, para perceber os seus sinais, para acolher as suas indicações. É o apelo que Deus faz ao seu Povo, através dos seus Profetas, sempre que o Povo abandona os caminhos de Deus, deixa de escutar Deus e passa a seguir caminhos de egoísmo, de maldade, de injustiça.

6. Em segundo lugar, procuremos perceber, através destes textos, **porque é que Deus faz este apelo ao seu Povo...** Será para “controlá-lo”? Será para impedi-lo de ser livre e de fazer o que lhe apetecer? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Não. Deus pede ao seu Povo que abandone os caminhos errados pois **Ele sabe que esses caminhos não levam o Povo ao encontro da vida e da felicidade**; pelo contrário, são caminhos que só produzem sofrimento, lágrimas, dores, injustiças, maldades, infelicidade. **E não é isso que Deus quer para esses filhos e filhas a quem ama muito.**

Reparai nos textos: temos mais uma pergunta... **Deus alguma vez diz que já não tem mais paciência para aturar esses seus filhos e filhas** que se afastam dele e que se esquecem dos seus mandamentos? (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir*) Não. Deus nunca afasta de si o seu Povo... Nestes apelos – tantas vezes repetidos – nós vemos a bondade e a misericórdia de um **Deus que está sempre disposto a acolher de novo aqueles que querem refazer a sua vida**; nestes apelos, que se parecem com as palavras emocionadas de um pai ou de uma mãe que sofre porque o seu filho está a seguir caminhos errados, vemos um Deus que tem um coração bondoso, clemente, compassivo, sempre disposto a perdoar. Deus não nos condena; Ele pede-nos, apenas, que nós reconheçamos que os caminhos errados não nos levam a lado nenhum; Ele pede-nos, apenas, que escolhamos, de novo, viver de acordo com as suas palavras, indicações e propostas. **Sabeis porquê, não sabeis?** (*verificar respostas das crianças antes de prosseguir, encaminhando as crianças para a conclusão:*) **Porque Ele nos ama e quer ver-nos sempre felizes e cheios de Vida.**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista volta a por em relevo o recipiente das pedras e pede às crianças que fiquem em silêncio e que pensem nas situações e ocasiões em*

que "viraram as costas" a Deus, em que esqueceram as palavras e propostas de Deus e fizeram coisas erradas – coisas que magoaram alguém, que deixaram alguém triste ou infeliz...

O catequista poderá, inclusive, recordar às crianças alguns possíveis "cenários" ou situações onde aconteceram gestos e atitudes de "pecado" mencionados no início da sessão (por exemplo, em casa, com os pais ou com os irmãos; na escola, com os colegas e com os professores, etc.).

O catequista pede às crianças para abrirem a sua Barra Cronológica no espaço da catequese 17 e que nela registem **o que é que querem mudar nas suas atitudes**, na nossa vida de todos os dias, em casa, na escola, com os pais, com os irmãos, com os colegas, com os professores e sublinha: Vamos mudar para sermos pessoas novas, pessoas melhores, pessoas que vivem de acordo com as indicações de Deus. **Procurem escrever o vosso projeto de mudança, de conversão, em forma de oração, pedindo a Deus ajuda para mudar as coisas erradas.** (No momento da oração, todos devem colocar as sua flor no recipiente, de forma a que as pedras fiquem tapadas).

2. Terminado o registo do projeto de mudança de cada um, tendo-se fechado as suas **Barras Cronológicas**, o catequista acrescenta:

Lembram-se do rei David? Uma vez, depois de uma grande asneira que este rei fez, um Profeta – o Profeta Nathan – foi ter com ele e disse-lhe que ele se tinha afastado de Deus e que tinha esquecido as palavras e as propostas (os mandamentos) de Deus. O rei David reconheceu que errara e pediu perdão a Deus. Também pediu a Deus que lhe mudasse o coração, que lhe desse um coração novo, capaz de escutar Deus e de fazer a vontade de Deus. Diz-se que, nessa altura, o rei David disse a oração que nós vamos ouvir e fazer (**Sl 51,1-6.11-14**). Está registada no vosso catecismo, na página 76, e vamos todos ler, em conjunto:

**«Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade;  
pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado.**

**Lava-me de toda a iniquidade;**

**purifica-me de todos os meus delitos.**

**Reconheço as minhas culpas**

**e tenho sempre diante de mim os meus pecados.**

**Contra ti pequei, só contra ti,**

**fiz o mal diante dos teus olhos.  
Desvia o teu rosto dos meus pecados  
e apaga todas as minhas culpas.  
Cria em mim, ó Deus, um coração puro;  
renova e dá firmeza ao meu espírito.  
Não me afastes da tua presença,  
nem me prives do teu santo espírito.  
Dá-me de novo a alegria da tua salvação  
e sustenta-me com um espírito generoso.»**

*Depois de um breve silêncio, o catequista continua:*

Como David, **vamos também nós pedir a Deus que perdoe as coisas erradas que fizemos**; e vamos pedir-lhe, também, que nos dê um coração novo, um coração generoso e bom, que seja capaz de acolher as palavras que Ele nos diz e as indicações que Ele nos dá.

*Terminam o momento de oração cantando o **cântico**:*

**"Eis o tempo da conversão".**

### **3. Compromisso:**

Para esta semana o nosso compromisso vai ser o de continuar a cumprir o compromisso da Quaresma e, todos os dias, depois de fazerem a vossa avaliação, relerem o que escreveram hoje na vossa **Barra Cronológica**, sobre o que querem mudar na vossa vida: amar melhor, ser mais responsável, saber perdoar, arrepende-se dos seus pecados... E, no fim, com o vosso catecismo, rezam a oração do rei David. Não sei se todos conseguiremos aprendê-la de cor, mas pelo menos fixaremos os versos que mais apreciamos e que ficarão registados na vossa Barra Cronológica. Depois, podem enfeitar este espaço, porque ele significa uma promessa segura de alegria e felicidade na vossa vida.

#### ***Para guardar na memória e no coração***

Deus não nos condena: Ele pede-nos que reconheçamos os nossos erros e que escolhamos viver de acordo com as suas palavras.  
**PEDE-ME A CONVERSÃO.**

## DEUS RENOVA O SEU POVO

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Os reinos de Judá e de Israel

Foi o rei David (reinou entre 1012 e 972 a.C.) que, pela primeira vez, uniu as doze tribos do Povo de Deus à volta de um projeto nacional. A conquista de Jerusalém, tornada capital do novo Reino, as vitórias militares contra os filisteus, os amonitas, os moabitas e os edomitas, a instituição de uma administração centralizada, ajudaram a consolidar essa unidade. Contudo, a unidade das doze tribos era mais aparente do que real (as relações entre as tribos do norte e as tribos do sul continuavam marcadas por grandes rivalidades e por concepções bastante diferentes do projeto nacional) e fazia-se, em grande parte, à volta da figura eminente do rei David.

A obra de David foi continuada pelo seu filho, Salomão (reinou entre 972 e 932 a.C.). Salomão não tinha as qualidades militares do seu pai, nem o seu prestígio junto das tribos; mas construiu obras importantes (como o Templo de Jerusalém), desenvolveu a cultura e o comércio e aperfeçoou o aparelho administrativo do novo Reino. Durante o seu reinado começaram, contudo, a manifestar-se alguns sinais preocupantes de desagregação do projeto de unidade nacional. A política social de Salomão (que penalizou muito mais as tribos do norte com impostos e trabalhos) também contribuiu para acentuar as diferenças e as clivagens entre os dois grupos.

Quando Salomão morreu, os anciãos que representavam as tribos do norte avisaram o seu sucessor – Roboão – que não estavam dispostos a suportar a carga que os oprimia... Roboão não lhes deu ouvidos e, assim, as tribos do norte declararam a sua independência em relação à “Casa de David”. Roboão, filho de Salomão, ficou a reinar sobre um pequeno Reino que tinha a sua capital em Jerusalém e que se chamava Judá. As tribos do norte formaram

um outro Reino, a que chamaram Israel (com a capital em Siquém), e cuja condução foi confiada a Jeroboão, um velho opositor do rei Salomão. A partir daqui, os dois reinos seguiram caminhos diferentes e conviveram um com o outro, nem sempre pacificamente.

O Reino do norte (Israel) teve, em geral, uma história de grande instabilidade. Sem uma tradição monárquica forte, os reis sucediam-se uns aos outros, numa história continuamente marcada por assassinatos e violências. Em termos religiosos, os reis de Israel fomentaram a construção de vários locais de culto (uma vez que Jerusalém, onde estava o Templo e a arca da aliança eram, agora, território do Reino de Judá) e introduziram no país cultos estrangeiros (certamente para facilitar os contratos e os acordos políticos e comerciais com os diversos povos da zona). Por outro lado, as políticas dos seus reis fizeram com que Israel estivesse envolvido nos grandes acontecimentos da época, aliando-se sucessivamente com uma ou outra das potências regionais, ao sabor dos interesses políticos do momento ou dos interesses particulares dos líderes. Tudo isto teve como resultado a invasão de Israel pelos exércitos assírios e, no ano 721 a.C., a queda da Samaria nas mãos dos assírios. A partir desta data, o Reino de Israel desapareceu como entidade política.

O Reino do sul (Judá) subsistiu mais alguns anos. A aceitação da monarquia dinástica assegurou-lhe um percurso político mais estável... Por outro lado, a sua situação geográfica (isolado pelas montanhas e à margem das movimentações políticas das potências da região), assegurou-lhe, pelo menos durante algum tempo, um isolamento que o tornava menos permeável às influências de outras culturas e menos exposto à cobiça de outros povos.

Contudo, com o passar do tempo, também Judá tentou "modernizar-se", abrindo-se às influências culturais e religiosas de outras nações. Reis como Manassés (687-642 a.C.) e Amon (642-640 a.C.) introduziram no país cultos estrangeiros e induziram os habitantes de Judá a adorar outros deuses.

No final do séc. VII e princípios do séc. VI a.C., as opções políticas erradas dos reis de Judá (que se aliam com o Egito e realizam políticas pró-egípcias) vão fazer com que o Reino entre em rota de colisão com os interesses do império babilónio. Em 597 a.C., os babilónios conquistam Jerusalém e deportam para a Babilónia as principais figuras de Judá (embora uma grande parte da população de Judá tivesse continuado na sua terra). Mas, alguns anos depois, uma revolta contra os babilónios faz com que Nabucodonosor cerque novamente Jerusalém, destrua a cidade e envie para a Babilónia, para o Exílio, o resto da população de Jerusalém. É o fim do Reino de Judá.

## 2. A crise nacional

A derrota diante dos babilônios e, sobretudo, o envio para o Exílio de uma grande parte da população de Jerusalém, provocaram uma onda de desânimo entre o Povo de Deus. Mais ainda, o fim da realeza davídica e a destruição do Templo de Jerusalém (o lugar da "residência" de Deus no meio do seu povo), ao deitarem por terra as grandes certezas sobre as quais assentava a fé do Povo, criaram uma grande desorientação. Onde está – perguntava-se – o Deus da "aliança eterna" com o seu Povo? Jahwéh não tinha prometido a Abraão e aos seus descendentes uma terra para sempre? E não se tinha comprometido com Israel no Sinai? Que é feito dessa promessa feita a David de uma descendência que reinaria eternamente sobre Israel? Porquê a catástrofe nacional? Jahwéh, o Deus nacional, seria menos poderoso do que os deuses babilônicos?

Nos círculos sacerdotais e proféticos procuram-se respostas para estas questões angustiosas. Profetas como Jeremias (em Jerusalém) e Ezequiel (na Babilónia, entre os exilados) respondem que a catástrofe não resultou de uma traição de Deus, mas do facto de Israel se ter afastado da aliança. Não foi Deus que falhou – dizem os Profetas – mas sim o Povo. A aliança implicava determinadas obrigações para Israel, consubstanciadas nos mandamentos; mas, quando Israel escolheu ignorar Jahwéh e as suas indicações, quando se construiu (contra as indicações de Deus) uma sociedade baseada na injustiça, na corrupção, na violência, quando os reis ímpios construíram santuários a deuses estrangeiros e levaram o Povo a adorar deuses estranhos, a aliança deixou de existir. A catástrofe foi o final lógico de um caminho cheio de opções erradas, de políticas erradas, de apostas em jogadas aventureiras e em acordos duvidosos com potências estrangeiras... Não foi Deus que provocou a catástrofe; ela foi a consequência lógica das escolhas erradas de Israel ao longo da história. Não foi Deus que traiu o seu Povo; foi o Povo que escolheu ignorar Deus e seguir caminhos estranhos, à margem das indicações de Deus. Estará, então, tudo terminado? Já não haverá mais esperança? Não será possível reatar a aliança quebrada? A resposta dos círculos sacerdotais e proféticos deixa aberta a porta da esperança: tudo ainda é possível, se o Povo se converter e voltar a Jahwéh; se Israel reconhecer o seu pecado e se voltar de novo para Deus, Jahwéh revelar-se-á como o salvador e libertador que Israel viu atuar em outros momentos dramáticos da história nacional.

## 3. Do drama do povo nasce uma fé mais forte e mais esclarecida

No entanto, como será possível aos exilados refazer a comunhão com Jahwéh se estão numa terra estrangeira? Aliás, se o Templo (o lugar da "residência"

de Deus) já nem existe, onde é que o Povo se pode encontrar com Deus? E não havendo Templo, nem culto organizado, nem sacerdócio, como é possível entrar em comunhão com Deus? E, além do mais, Jahwéh, o Deus nacional de Israel terá jurisdição também na Babilónia, onde – segundo os habitantes da Babilónia – mandam os deuses babilónios?

Estas graves dúvidas de fé vão obrigar os teólogos, os catequistas e os Profetas do Povo de Deus a um trabalho intenso de reflexão e de procura de materiais que pudessem responder às grandes questões que agora se punham... Muitas tradições antigas são postas por escrito: é nesta altura que a "escola sacerdotal", constituída por pessoas ligadas ao culto, redige o "documento sacerdotal" que virá, mais tarde, a ser um dos documentos fundamentais que integram o Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia); é, também, nesta altura que aparece uma nova edição – substancialmente aumentada e revista à luz da nova situação do Povo – da "história deuteronomista (o conjunto dos livros de Josué, Juízes, primeiro e segundo Samuel, primeiro e segundo Reis), mostrando que o Deus da aliança nunca abandonou o seu Povo e que respondeu sempre com vida e salvação quando o Povo se arrependeu dos seus maus caminhos e se voltou de novo para Deus.

Para além deste labor literário, a reflexão feita leva o Povo de Deus a alargar os seus horizontes e a descobrir perspectivas novas sobre Deus, sobre a aliança, sobre a forma de Deus se manifestar, sobre a forma de prestar culto a Deus e, até, sobre a própria conceção de Povo de Deus...

No que diz respeito a Deus, os exilados descobrem a ideia da universalidade de Deus... Até esta altura, eles consideravam Jahwéh o seu Deus nacional, o Deus que tinha autoridade apenas sobre aquele Povo, mas cuja jurisdição não atingia outros povos e outras terras (os outros povos tinham os seus deuses próprios e obedeciam legitimamente a esses deuses); agora, eles começam a compreender que Jahwéh é o Senhor do universo, o criador do céu e da terra (possivelmente, o relato sacerdotal da criação de Gn 1 nasce neste contexto), que está em toda a parte (também na Babilónia) e que tem autoridade sobre todos os povos. E os deuses dos outros povos? Os catequistas do Povo de Deus chegam à conclusão que eles não existem, que são simples "obras das mãos dos homens" (Is 44,9-23; cf. Is 41,21-29). Só existe Jahwéh, o Deus de toda a terra. O Povo de Deus alcança, aqui, o monoteísmo puro.

Nasce, também, uma nova conceção da aliança entre Deus e o seu Povo... Até agora, o Povo conhecia a aliança do Sinai, uma aliança escrita em tábuas de pedra, com mandamentos que ficavam no exterior do homem mas

não lhe mudavam o coração; a partir de agora, os profetas vão começar a falar de uma nova Aliança, uma aliança interior (cf. Ez 36,24-28; Jr 31,31-34), que será feita no coração de cada crente e que, transformando os corações, provocará a adesão sincera e total do homem ao amor de Jahwéh. Será uma Aliança inscrita nos corações e vivida na fidelidade e no amor.

Muda, ainda, a forma de entender a manifestação de Deus... Como não existe o culto diário no Templo, nem sacrifícios, nem sacerdócio, Deus vai manifestar-se ao seu Povo de outra forma: através da sua Palavra. É nesta altura que se reúnem grande parte das palavras dos Profetas e se põem por escrito muitas tradições orais. A Palavra de Jahwéh passa agora a ser a forma mais simples e mais comum de Deus vir ao encontro do seu Povo e de se lhe manifestar.

Nasce, ainda, uma nova concepção do culto que deve ser prestado a Deus... Não havendo nem Templo, nem culto oficializado, o culto a Jahwéh terá de ser prestado no coração de cada crente e deve concretizar-se como adesão a Deus e às suas palavras, uma adesão que empenha o homem na sua totalidade.

Finalmente, também a própria concepção de Povo de Deus sofre uma transformação, alarga-se e espiritualiza-se... Antes, na época monárquica, o Povo de Deus era o conjunto de indivíduos que viviam dentro das fronteiras geográficas da Terra Prometida; agora, como não existem fronteiras geográficas, a pertença ao Povo de Deus define-se pela adesão à Lei, a Jahwéh: o "Povo de Deus" é o conjunto de indivíduos que aderem à Palavra de Jahwéh e fazem dela vida.

#### **4. O papel do sofrimento**

Podemos perceber, a partir da experiência que o Povo de Deus fez nestes anos em que esteve exilado numa terra estrangeira, que o sofrimento não é, necessariamente, um drama sem razão e sem sentido. É verdade que o Exílio trouxe ao Povo de Deus um imenso cortejo de dores, de angústias, de vexames, de humilhações; mas, também permitiu ao Povo de Deus crescer, alargar horizontes, perceber melhor Deus e o mundo, adquirir uma fé mais profunda, mais madura e mais consistente. O sofrimento amadureceu o Povo de Deus e trouxe-lhe novas oportunidades de crescimento, de renovação; o sofrimento abriu ao Povo de Deus novos horizontes de vida e de esperança. Haverá, aqui, uma resposta (sempre parcial, sempre incompleta, sempre pouco clara, mas uma resposta) para o sentido desse sofrimento que, a par e passo, marca o nosso caminho de todos os dias?

## 5. O final do Exílio

Por volta de 570 a.C., o Profeta Ezequiel – o Profeta da esperança – começa a multiplicar mensagens de consolação para os exilados. Deus vai, diz o Profeta, num futuro não muito distante, apascentar o seu Povo – não como os “pastores/reis que conduziram o Povo por caminhos de sofrimento e morte – e conduzi-lo às pastagens onde há vida em plenitude (cf. Ez 34,12-16); Deus vai pegar nesse Povo que jaz na planície mesopotâmica seco e vazio – como ossos ressequidos – e dotá-lo de vida nova (cf. Ez 37,1-14); Deus vai voltar a residir no meio do seu Povo (Ez 40-42) e derramar sobre toda a terra a água que fecunda e dá vida (cf. Ez 47,1-12).

Alguns anos depois (por volta de 550 a.C.), é um outro Profeta – o Deutero-Isaías – que escreve o “Livro da Consolação” (cf. Is 40-55), prometendo ao Povo que Deus vai libertá-lo, vai conduzi-lo de novo à Terra Prometida (num Êxodo muito mais grandioso do que o Êxodo que trouxe, outrora, o Povo de Deus do Egito, através do deserto) e vai reconstruir essa terra calcinada pelos incêndios e destruída pela guerra.

Finalmente, em 539 a.C., Ciro, rei dos Persas, derrota a Babilónia e autoriza o regresso à sua terra dos exilados que assim o desejarem. Começa, então, uma nova etapa na vida do Povo de Deus.

## OBJETIVOS

- Conhecer a etapa da vida do Povo de Deus que é o Exílio na Babilónia.
- Perceber que Deus nunca abandona o seu Povo e que, mesmo quando parece ausente ou desinteressado, continua a desenrolar o seu Plano de salvação e de vida.
- Entender que o sofrimento pode ser uma oportunidade para crescer, para amadurecer, para renovar-se, para alargar os horizontes e compreender melhor o projeto de Deus para nós e para o mundo.

## OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A eventual ligação das crianças, assim como a das suas famílias, aos grupos de estrangeiros que vão ser referidos na sessão de catequese, deve ser tida em conta na preparação. A referência a estes grupos tem de ser sempre cuidadosa, tendo presente o objetivo de tornar vivencial a experiência de desterro e marginalização do Povo de Deus no Exílio, o que só é realmente possível se o educador, neste caso, o catequista, cuidar de apresentar uma perspectiva sobre a emigração que não seja preconceituosa ou limitada: é sempre útil ter presente que os portugueses, ao longo de toda a nossa

história, e mesmo no momento atual, temos um percurso de migração muito acentuado, o que nem sempre foi bem aceite pelos que nos receberam, o que só aumentou o sofrimento e o desafio de quem parte de casa e para longe dos seus, à procura de uma vida melhor.

O catequista deve valorizar os contributos das crianças, por ventura, culpabilizando os personagens apresentados, pelas suas desventuras, ouvindo-as com calma e com respeito, levando-as a entender os vários pontos de vista que, perante a problemática da emigração, devem ser honestamente tomados em conta. Do ponto de vista psicológico e cultural, não é fácil nem automático, compreender e aceitar a diferença e aquilo que se desconhece pode ser, sempre, assustador. A cultura de cada um, pode, pelo facto de nos ser estranha, trazer reccios que devemos assumir e que só ultrapassaremos se procurarmos entender os outros. Esse entendimento só se torna seguro e definitivo quando temos oportunidade de, realmente, partilhar a nossa vida com o outro, venha de onde vier, aparente ser aquilo que aparentar. Os argumentos de natureza lógica, emocional ou piedosa são insuficientes, mas também podem representar um primeiro passo de abertura e um incentivo leal ao contacto e ao conhecimento mútuo. De qualquer modo, o catequista deve ater-se aos objetivos da catequese e estes não são sobre a emigração e os preconceitos sociais ou raciais: o que se pretende é, usando a experiência de relação que as crianças têm com pessoas vindas de outros países e o seu conhecimento de determinadas notícias veiculadas pelos meios de comunicação, levá-las a perceber, num primeiro passo, o drama intenso que representa uma situação de exílio, e tal como vivido na Babilónia, pelo Povo de Deus.

2. As crianças de hoje vivem, em número demasiado elevado, situações de sofrimento a que todos os adultos esclarecidos e, seja como for, mesmo a mais disfuncional das famílias, gostaríamos de as poupar. Muitas pessoas que, na sua infância, foram expostas a uma dor continuada, emergiram dessa experiência mais fortalecidas e capazes de encontrar sentido na sua vida e felicidade. Os estudos mostram que esta capacidade de resiliência está associada à oportunidade de encontrar um «abrigo» longe da dor: um professor que acompanha, um catequista que entende e orienta, um sacerdote que fornece chaves de interpretação e incentivo, ... adultos que ajudam a criança a abrir o seu coração e o seu pensamento maltratados a novas possibilidades de vida, à bondade e à justiça, à própria presença de Deus. Mas, um número muito maior de crianças não encontra essa ajuda e cresce num modo de

sobrevivência que pode colocar em perigo a sua saúde mental e a formação da sua consciência. Depois de dezassete encontros, o catequista já deve conhecer as crianças e já desenvolveu os esforços necessários para compreender a sua situação familiar e escolar. Se assim for, está preparado para tratar o tema do sofrimento com a devida clareza, delicadeza e eficiência educativa, procurando fornecer novas pistas de interpretação para as crianças que já tenham experimentado situações mais dramáticas e ajudando-as a todas a entender o lugar do sofrimento na vida de um cristão, levando-as a sentir, junto de si, no grupo, na comunidade de fé, esse «abrigo» longe do mal de que se falava.

## **MATERIAIS**

### ***Para a Palavra:***

- Bíblia;
- Poster com a inscrição "Crescer e amadurecer: aprender sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a fé";
- Dístico: "Convertei-vos e vivei".

### ***Para a Expressão de Fé:***

- Um crucifixo para colocar na mesa, preparada como pequeno altar;
- Toalha branca, adequada à mesa;
- Jarra com flores coloridas e variadas;
- Duas velas para colocar junto à cruz e fósforos;
- Três folhas com as leituras.

## **MÚSICAS**

- "Eis o tempo da conversão";
- Uma gravação com uma música instrumental clássica, para a transição entre a Palavra e a Expressão de Fé, se o catequista o achar conveniente.

## **II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE**

### **Preparação da sala:**

No **placar**: *está vazio e preparado para receber os dísticos necessários.*

Na **mesa**: colocar apenas a Bíblia; deixar preparados, antes da catequese, os materiais indicados para a Expressão de Fé que, com a ajuda das crianças, vai usar para preparar a mesa como sendo um altar, tal como se indica mais adiante.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *O catequista introduz a catequese interpelando as crianças:* Aqui nos encontramos de novo para partilharmos a nossa vida e aprendermos a ser uns bons amigos uns para os outros. Mas também temos tido a oportunidade de fazer outros «amigos», não é verdade? Que mais temos procurado? Que caminho já percorremos? De quem já falámos? *(deixar as crianças exprimir-se, ajudando-as a concluir como é importante fazerem um percurso que as leva a conhecer a história do Povo de Deus e, sobretudo, a retirar desta muitos ensinamentos válidos e atuais, para a sua própria vida).*

**2.** *Depois, o catequista prossegue:* Falámos muito do Povo de Deus, mas hoje também conhecemos muitos povos e, de alguns deles, chegam ao nosso país muitas pessoas. Vou falar-vos de algumas dessas pessoas, cujas «fotos» podem ver na primeira página da catequese 18 (página 77) Vamos supor que esse rapazinho que aí está se chama Boris, nasceu na Ucrânia e tem doze anos. Há seis anos, a mãe do Boris veio para Portugal, para trabalhar, pois na sua terra não conseguia encontrar trabalho. Nos primeiros tempos, a vida do Boris e da sua mãe foi muito difícil, pois não falavam português, não tinham casa e, muitas vezes, não tinham comida. Agora, a mãe do Boris já tem um trabalho fixo e a vida é um pouco menos difícil. O Boris frequenta a escola, tem muitos amigos e já fala português com os colegas... Mas, ao ouvir a mãe falar da Ucrânia e da família que lá ficou, o Boris pensa que, quando tiver dinheiro suficiente, gostaria de voltar à terra onde nasceu, pelo menos para ver a família e passear. O Boris pensa que, se calhar, quer estudar em Portugal e, depois, ficar cá ou procurar um emprego num outro país.

A Gordana é uma refugiada de guerra, que agora tem quinze anos. Ela veio do Kosovo com os pais, ainda em bebé, numa altura em que a guerra ameaçava as populações dessa região. A família viveu em casa de um tio, que já estava há alguns anos em Portugal, a trabalhar. Por vezes, os pais da Gordana contam-lhe como era a vida em Prystina, a cidade onde nasceu e onde viveu nos primeiros anos da sua vida. A Gordana sente-se aliviada por viver agora, num país onde há paz... Mas, ao mesmo tempo, pensa que gostava de voltar à terra onde nasceu e ver os avós, os tios e os primos, que ainda vivem no Kosovo.

A Laylah nasceu num país árabe. A sua família é cristã. Mas, há alguns anos, a Laylah e a família tiveram de deixar a sua terra, depois de vários cristãos da sua região terem sido assassinados. A família quis encontrar uma terra

onde pudessem, livremente, viver a sua fé, e escolheram Portugal, onde residiam uns amigos do pai da Laylah há já muitos anos. A Laylah sente-se bem em Portugal; mas acha que não é justo ter sido obrigada a deixar a sua terra, o resto da sua família e as suas amigas da escola para poder praticar, sem correr riscos de vida, a sua religião. Quando, na terra onde a Laylah nasceu, houver mais tolerância e mais respeito pela diferença, a família tentará regressar.

O Boris, a Gordana, a Laylah, são “refugiados” – pessoas que, por razões diversas tiveram de deixar a sua terra e encontraram “refúgio” em Portugal. Todos eles experimentaram as dificuldades de deixar tudo e de vir para uma terra diferente e estranha, onde não tinham trabalho, nem amigos, e onde as pessoas falavam uma língua diferente e tinham uma mentalidade diferente. É sempre muito difícil deixar tudo – a família, a casa, os amigos e colegas da escola, as paisagens que se conhecem – e começar a vida num outro lugar (sobretudo quando se chega e não se tem casa, nem trabalho, nem família, nem condições de vida digna)... E, também é muito duro ter de viver fora do seu país, quando tudo corria bem e, depois, acontece um desastre natural – como nos últimos anos aconteceu com os tsunamis que afetaram o a Indonésia (a 26 de dezembro de 2004) e o Japão (a 11 de março de 2011) – ou um conflito político, tal como tem acontecido em vários países africanos e do médio oriente, o que obriga as populações a fugirem para outros países e, até, a viverem anos a fio internadas em campos de refugiados, como podem ver no vosso catecismo, em condições de grande dificuldade, indignidade e sofrimento. Essas pessoas sentem que foram expulsas de suas casas, dos seus trabalhos, das suas escolas, sem terem responsabilidade nenhuma: parece, simplesmente, que a vida foi muito má para elas e que, agora, não há mais esperança de recuperarem o que possuíam, a vida que tinham e os seus projetos de futuro.

*O catequista deixará as crianças pronunciarem-se, contarem as suas histórias, darem a sua opinião, mais ou menos realista, evitando, também, que façam um campeonato de «sofrimentos» ou que se percam em relatos disparatados, tendo sempre em consideração as crianças que podem ter vivido, ou viveram, situações, mais ou menos graves, de perda, abandono, violência. Terá um cuidado especial com as crianças que não vivem com os seus pais, mas entregues a familiares, adotadas ou institucionalizadas, cuja situação desencadeadora da intervenção e, até, a solução encontrada, se podem revestir de grande ansiedade e tristeza. Procurará ter uma atitude consoladora e orientadora, mas verdadeiramente adulta.*

3. Há, no mundo inteiro, muitos milhões de pessoas que vivem nestas condições – como emigrantes ou refugiados. Muitas vezes, essas pessoas deixaram a sua terra porque o quiseram, como a maioria dos emigrantes; outras, foram obrigadas pela miséria, pela fome, pela falta de liberdade, pela falta de trabalho ou de condições de vida, pela perseguição religiosa; outras, ainda, foram forçadas a deixar a sua terra e levadas à força para terras estranhas... Em qualquer caso, todas as pessoas que tiveram de abandonar a sua terra, a sua família, a sua casa e ir para outra terra estranha, sofreram muito... Talvez até tivessem, na nova terra, ao fim de algum tempo, encontrado melhores condições de vida; mas a situação de “refugiado” é sempre uma situação dolorosa, que provoca sofrimentos sem fim... Tudo é novo, tudo é estranho, está-se muito sozinho, tem-se medo de não conseguir sobreviver, ter uma casa, um trabalho, uma escola... tudo aquilo a que nós estamos habituados e que, sem nos darmos conta disso, faz a nossa segurança e a nossa felicidade. E, depois, também se receiam as novas pessoas com que, agora, é preciso viver... Muitas vezes, as pessoas que emigram para fugir de alguma desgraça, ou que, simplesmente são obrigadas a deslocar-se, sofrem às mãos daqueles que encontram no seu caminho.

O Povo de Deus também conheceu uma realidade semelhante... Depois de muitos anos instalados na Terra que Deus lhes prometera, foram vencidos pelos exércitos de um outro país – a Babilónia. A sua cidade mais importante – Jerusalém – ficou completamente destruída; muitas pessoas foram mortas e as que sobreviveram, foram feitas prisioneiras e levadas para essa terra estrangeira de onde vinham os atacantes, a Babilónia.

A esse período da história do Povo de Deus em que este foi obrigado a viver longe da sua terra, numa terra estrangeira, chamamos o período do “Exílio”. Foi uma época de muito sofrimento, de muita dor, de muitas humilhações e perseguições; mas também foi uma época em que o Povo de Deus “cresceu” e amadureceu (*o catequista coloca no placar o poster com a inscrição “crescer e amadurecer: aprender sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a fé” e refere:*) isto é, aprendeu muitas coisas novas sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida e sobre a sua fé.

## II. PALAVRA

1. Essa experiência do Exílio foi muito dolorosa... À dificuldade de não ter casa nem trabalho, às humilhações e provocações que vinham dos babilônios, à

recordação dos amigos e familiares mortos na guerra, juntava-se a saudade da terra, de Jerusalém... Os membros do Povo de Deus, exilados na Babilónia, não tinham qualquer motivo para estar alegres ou para ter esperança no futuro... Parecia que a vida deles tinha terminado e que não voltariam a sorrir. Um Salmo (um poema) composto nesse tempo, dizia isto mesmo. Vou ler-vos este belo salmo: vamos todos escutar com muita atenção a Palavra de Deus (**Sl 137,1-4**) que nos mostra como se sentiam aquelas pessoas, levadas, à força, para longe de casa:

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Salmos:**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Junto dos rios da Babilónia nos sentámos a chorar,  
recordando-nos de Sião.**

**Nos salgueiros das suas margens  
pendurámos as nossas harpas.**

**Os que nos levaram para ali cativos  
pediam-nos um cântico,**

**e os nossos opressores uma canção de alegria:**

**«Cantai-nos um cântico de Sião».**

**Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor,  
estando numa terra estrangeira?"**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

2. Mas as saudades da sua terra e a falta de confiança no futuro nem eram o pior... **Sabeis o que fazia os membros do Povo de Deus sofrer mais?** Era pensarem que Deus os tinha abandonado, que Deus já não queria saber deles, que já não queria ser o seu Deus. **Como é que esse Deus que os tinha salvo do Egito e que tinha feito com eles uma aliança não os tinha protegido dos exércitos babilónios?** Chegaram mesmo a acusar Deus de ser injusto e de os ter traído...

É estranho, não é? Como nós vimos nas nossas últimas catequeses, antes de acontecer aquela desgraça, eles tinham-se esquecido completamente de Deus, tinham ido atrás de outros deuses, tinham deixado de escutar Deus e de viver de acordo com os mandamentos, tinham preferido colocar a sua esperança e a sua confiança em alianças militares com povos estrangeiros mais do que em Deus... E agora, depois de tudo lhes ter corrido mal, **quando estavam a sofrer as consequências dos disparates que tinham feito, lembraram-se de repente desse Deus que tinha feito uma aliança com eles e achavam que Deus é que era culpado, porque os tinha traído, abandonado e esquecido.**

3. Alguns Profetas – como Jeremias e Ezequiel – explicaram ao Povo que Deus não o tinha traído e abandonado, mas **o Povo é que tinha traído e abandonado Deus**; e aquela desgraça era o resultado de o Povo ter feito escolhas erradas e ter colocado a sua esperança, não em Deus, mas em pessoas que não eram de confiança.

O Profeta Ezequiel respondeu, em nome de Deus, às acusações que o Povo fazia a Deus, (**Ez 18,25-32**) e nós agora vamos ler esse texto (*o catequista organiza a leitura do texto por dois leitores, conforme abaixo indicado, sendo que a divisão proposta visa separar os argumentos do autor e assim, tornar a interpretação mais fácil às crianças*):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Ezequiel.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança 1:*

**Vós dizeis: «O modo de proceder de Deus não é justo».**

**Escutai, pois, casa de Israel:**

**Então é o meu modo de agir que não é justo?**

**Ou é o vosso que o não é?**

**Se o justo se afasta da sua justiça para praticar o mal  
e morre por causa disto,**

**é por causa do mal que praticou que ele morrerá.**

**Se o pecador se afasta do pecado que cometeu  
para praticar o direito e a justiça,  
ele merece viver.**

**Se ele se afasta dos pecados que cometeu,  
viverá certamente, não morrerá.**

**Mas a casa de Israel diz:**

**«O modo de agir do Senhor não é justo».**

**Então, é o meu modo de agir que não é justo, casa de Israel?**

*Criança 2:*

**Não será, antes, o vosso modo de agir que não é justo?**

**Por isso, Eu vos julgarei a cada um segundo a sua maneira de agir,  
casa de Israel – oráculo do Senhor Deus.**

**Convertei-vos e afastai-vos dos vossos pecados;  
que não haja mais entre vós ocasião de pecado.**

**Rejeitai todos os pecados que cometestes contra mim  
e criai um coração novo e um espírito novo.**

**Porque quereis morrer, casa de Israel?**

**Pois Eu não me comprazo com a morte de quem quer que seja  
– oráculo do Senhor.**

**Convertei-vos e vivei.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação**

*Crianças:*

**Graças a Vós, Senhor.**

4. Reparastes na última expressão do texto? (*deixar as crianças pronunciarem-se; depois, o catequista coloca no placar o dístico "Convertei-vos e vivei",*

sob o poster que já lá está): este é o mesmo pedido que Deus vinha fazendo ao Povo, através dos seus diversos Profetas: mudai de vida, escutai-Me, sede justos e bons... isso é o que Deus, ao longo de tanto tempo, tem vindo a dizer ao seu Povo, mas este parece surdo, incapaz de ouvir e de compreender!

Deus não era o culpado desta situação. Deus continuava a querer cuidar do seu Povo e a querer apontar-lhe caminhos de vida... Mas o Povo devia fazer a sua parte: devia voltar-se de novo para Deus, devia ter vontade de o escutar, de acolher as suas palavras e propostas, de seguir os caminhos que Deus lhe indicava. Porque Deus não esquecia nem abandonava o seu Povo, só pedia a sua conversão...

Um dia, através de um Profeta cujo nome não conhecemos, embora se costume chamar-lhe Isaías, Deus disse aos exilados (**Is 49,14-16**) (*o catequista pede a outra criança para ler*):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro de Isaías.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Sião dizia: «O Senhor abandonou-me, o meu dono esqueceu-se de mim».**

**Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebé,**

**Não ter carinho pelo fruto das suas entranhas?**

**Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria.**

**Eis que Eu gravei a tua imagem na palma das minhas mãos.**

**As tuas muralhas estão sempre diante dos meus olhos.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Graças a Vós, Senhor.**

5. Portanto, não eram verdadeiras as acusações que o Povo, sem pensar, lançava a Deus, dizendo que Ele o tinha abandonado... Deus responde: as mães esquecem-se dos seus bebês, a quem amam tanto? Claro que não. **Mas, mesmo que uma mãe se esquecesse do seu filho, Deus nunca esqueceria o seu Povo...** Deus diz, ainda com mais força: eu tatuei o retrato do meu Povo nas palmas das minhas mãos para que ele esteja sempre presente diante de mim: é como os pais, que guardam na carteira a fotografia dos filhos para, ao longo do dia, irem "matando" saudades deles; ou é como os namorados ou os casais, que guardam a fotografia da pessoa que amam e, de vez em quando, olham para a foto, para matar saudades.

Aos poucos, ajudados pelos Profetas, os membros do Povo de Deus foram percebendo a sua situação... Perceberam que Deus continuava a estar com eles, mesmo depois de eles terem abandonado Deus... **Perceberam, com a ajuda dos Profetas, que Deus também estava ali, na Babilónia, a cuidar do seu Povo** e que, portanto, Deus tinha poder em toda a terra e em todas as nações.

Ali, naquela terra estrangeira, puderam ver melhor certas coisas e chegaram à conclusão de que os deuses que os babilónios adoravam não existiam e que só havia um único Deus, que reinava sobre todos os povos. **Também perceberam que não precisavam do Templo de Jerusalém** (que, antes, eles consideravam a "residência de Deus", mas que tinha sido destruído na guerra), pois sempre que se reuniam para ouvir a Palavra de Deus - e faziam isso todos os sábados, numa pequena casa, ou mesmo ao ar livre - **Deus falava-lhes e estava presente no meio deles. Perceberam, ainda, que não precisavam de oferecer a Deus sacrifícios de animais para mostrar a Deus que gostavam muito dele** (como faziam antes, no Templo de Jerusalém), **pois o que interessava a Deus não era o sangue dos animais, mas sim o cumprimento da sua vontade e das suas propostas.** Descobriram, finalmente, que **ser Povo de Deus não era viver dentro das fronteiras de um território** (na Terra Prometida, na Palestina), **mas era aderir a Deus**, aceitar as suas indicações, seguir os seus caminhos, fosse qual fosse a terra onde se vivesse.

Foram muitas coisas novas e importantes que o Povo de Deus descobriu naquela terra estrangeira... Aí, **o Povo de Deus cresceu, amadureceu**, passou a entender melhor as coisas, passou a compreender melhor Deus e o que é que significa ser Povo de Deus.

Afinal, há males que vêm por bem... **Aquela experiência de sofrimento** (a derrota na guerra, o Exílio numa terra estrangeira) **trouxe muitas dores e angústias, mas acabou por trazer também coisas muito boas.** Deus aproveitou essa oportunidade para renovar o seu Povo, para Ihe ensinar coisas novas, para ajudar o seu Povo a conhecer melhor o seu projeto e os seus caminhos.

6. Ao longo da nossa vida nós também vamos percebendo aquilo que é importante e o que é a verdade das coisas: muitas vezes há momentos de dor e de sofrimento que nos fazem crescer, que nos ajudam a ver as coisas de outra forma, que nos ajudam a perceber melhor Deus, o mundo e as outras pessoas, que nos ajudam a ser pessoas com mais fé e mais confiança. As pessoas como o Boris, a Gordana, a Laylah, essas crianças e adultos que vocês veem na página 77 do vosso catecismo, se tiverem fé, podem recuperar a alegria, a esperança, a força... Há imensas pessoas e, nós, também, nalguns momentos difíceis da nossa vida *(se houver confiança e respeito suficiente entre as crianças do grupo, o catequista pode pedir às crianças para relatarem um episódio difícil das suas vidas em que elas tenham aprendido algo de válido e importante, como uma doença, a perda de uma pessoa querida, uma mudança de escola, a ausência dos pais, ...; o catequista dará também o seu testemunho; se tal não for possível ou aconselhável, prossegue:)* na página 79 do vosso catecismo, vocês encontram a inscrição "DEUS RENOVA O SEU POVO" e muitas fotos de pessoas que vivem situações difíceis, de sofrimento, dificuldade mas que... aprendem a ser corajosas, aprendem a viver melhor, a descobrir o que é realmente bom, bonito, importante, aquilo que nos dá a felicidade: e fazem-no também porque aceitam Deus e a sua Palavra nas suas vidas, porque se convertem! *(O catequista aponta para o placar.)* Então, realmente vivem! Olhem, para passarmos para a Expressão de Fé bem preparados, vamos ficar um bocadinho, em silêncio, a olhar e a observar, com os olhos da inteligência e do coração, esta página d catecismo, logo a começar pela frase de Ezequiel que já colocámos no placar, lendo tudo com calma e atenção.

*O catequista pode colocar uma música de fundo, se achar oportuno.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *(O catequista indica, sem elevar a voz:)* Sem falar nem fazer barulho, vamos preparar o nosso altar, aqui nesta mesa *(vai dando a volta ao grupo, colocando os objetos previamente preparados nas mãos das crianças e indicando:)* colocando a toalha branca, o crucifixo, as velas e as flores sobre o tampo, de modo a ficar muito bonito *(o catequista ajuda as crianças a disporem os vários objetos, de modo a ficar um espaço simples e digno e, no fim, acende as velas).*

Agora já temos o nosso espaço pronto. Vamos dispor-nos à sua volta.

*O catequista ajuda as crianças a colocarem-se devidamente e escolhe três crianças, que ainda não tenham lido alto neste encontro, e entrega-lhes a folha com a leitura que lhes está destinada, indicando que deverão ler quando for indicado e na ordem prevista: 1,2,3; todas as crianças leem, a partir da página 80 do catecismo, o salmo indicado.*

Continuamos em silêncio, para que a Palavra de Deus toque o nosso coração e nos ajude a crescer e a mudar para melhor.

Há muitos anos, depois de uma grande derrota e de a cidade de Jerusalém ter sido destruída pelos inimigos, num momento de desânimo e sofrimento, um crente dirigia-se a Deus e pedia-lhe ajuda com a seguinte oração que é mais um belo Salmo (Sl 79,1-4.9.11.13):

**Ó Deus, os pagãos invadiram a tua herança,  
profanaram o seu santo templo  
e reduziram Jerusalém a um montão de ruínas.  
Deram os cadáveres dos teus servos  
em alimento às aves do céu  
e os corpos dos teus fiéis às feras selvagens.  
Derramaram o seu sangue como água em torno de Jerusalém,  
e ninguém lhes deu sepultura.  
Tornámo-nos motivo de escárnio para os vizinhos,  
de irrisão e opróbrio para os que nos rodeiam.  
Socorre-nos, ó Deus, nosso salvador,  
para glória do teu nome,  
livra-nos e perdoa-nos por amor do teu nome.  
Chegue junto de ti o gemido dos cativos  
e, pela grande força do teu braço,**

**salva da morte os que estão condenados.  
Nós, que somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho,  
glorificar-te-emos para sempre;  
de geração em geração cantaremos os teus louvores.**

Como vós imaginais, o autor deste texto, que sofria muito ao ver tantas pessoas mortas e tanta gente a sofrer, continuava a confiar em Deus e a achar que só Deus podia salvá-los e dar-lhes vida... Vamos, também nós, dizer a Deus que confiamos nele e que queremos a sua ajuda quando estamos tristes e desanimados ou quando as coisas não nos correm bem... Todos respondemos: **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

*O catequista faz sinal para que a criança com a folha do leitor 1 comece a ler:*

**Leitor 1** – Senhor Deus, há ocasiões em que estamos tristes e desanimados, e parece que toda a gente está contra nós... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas muito de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

**Leitor 2** – Senhor Deus, às vezes ficamos doentes e temos medo, às vezes sofremos por causa dos problemas da nossa família, às vezes perdemos os nossos amigos e a nossa vida fica mais triste e vazia... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

**Leitor 3** – Senhor Deus, às vezes ficamos muito preocupados ao ouvir falar de tantas coisas más que acontecem no mundo – guerra, fome, catástrofes que matam muitas pessoas... Mas nós confiamos em ti e sabemos que tu gostas muito de todos e de nós.

Todos – **Senhor Deus, nós sabemos que tu estás ao nosso lado e cuidas de nós.**

*O catequista conclui, propondo:* Como sinal de que queremos corresponder ao amor que o Senhor tem por nós, dizemos-lhe que O reconhecemos como um Pai muito bom, em quem confiamos e com quem não temos medo de caminhar pela vida, cantando o cântico que já aprendemos:

**"Eis o tempo da conversão".**

## **2. Compromisso:**

*(O catequista pede às crianças para abrirem a sua **Barra Cronológica** no espaço da catequese 14 e pergunta, seguindo os espaços da catequese 14 à catequese 18:)* Antes de voltarmos para casa, digam-me lá: nós temos estado a viver a nossa Quaresma como um tempo de crescimento e ... *(mudança!)*. Muito bem! Para isso, já algumas semanas, na catequese 14, fizemos um Compromisso especial, de sermos melhores, de querermos amar, e pedimos ao Senhor... *(força de vontade e coragem para mudar)*. Muito bem! Depois, na catequese 15, inspirados pela oração (salmo) de... *(David)*, aumentámos o nosso compromisso porque descobrimos que Deus nos chama e nos confia uma *(Missão!)* ... a nós! A cada um de nós! E rezámos com David, para sermos fortes e corajosos no cumprimento do nosso compromisso... Depois, na catequese 16, chegámos à conclusão – extraordinária – de que nós também somos ... *(interpretes/Profetas)* de Deus, isto é, apesar das nossas fraquezas e limitações, o Senhor tem alguma coisa a dizer que quer dizer através de nós. E, no encontro passado, então, percebemos que todo este compromisso exige a nossa ... *(conversão!)*. E, mais uma vez, David esteve connosco! Ora bem, nós hoje aprendemos algo de difícil e complexo: com o sofrimento, com o exílio que, às vezes, acontece na nossa vida *(mostrar os textos registados no espaço da catequese 18 na Barra Cronológica)*, nós aprendemos sobre Deus, sobre o mundo, sobre a vida, sobre a fé. Por isso, hoje proponho-vos, como o **Compromisso** de meninas e de meninos que estão a crescer e a aprender coisas importantes, que registeis aqui *(indica o espaço adequado na Barra Cronológica)* um momento de sofrimento que vos ajudou a ser melhores pessoas, boas e fortes, como diz David, "para glória do teu nome", do nome do Senhor. Vão fazê-lo para compreenderem bem como o Senhor, de facto, atua, cheio de amor e misericórdia, na vida de cada um de nós. E não se esqueçam de continuar, diariamente, a cumprir o vosso Compromisso de Quaresma, sempre com alegria, sempre com esperança, e por isso usem lápis de cores bonitas para anotar a vossa avaliação!

*Para guardar na memória e no coração*

Ó Deus, os pagãos invadiram a tua herança, profanaram o seu santo templo e reduziram Jerusalém a um montão de ruínas. Deram os cadáveres dos teus servos em alimento às aves do céu e os corpos dos teus fiéis às feras selvagens. Derramaram o seu sangue como água em torno de Jerusalém, e ninguém lhes deu sepultura. Tornámo-nos motivo de escárnio para os vizinhos, de irrisão e opróbrio para os que nos rodeiam. Socorre-nos, ó Deus, nosso salvador, para glória do teu nome, livra-nos e perdoa-nos por amor do teu nome. Chegue junto de ti o gemido dos cativos e, pela grande força do teu braço, salva da morte os que estão condenados. Nós, que somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho, glorificar-te-emos para sempre; de geração em geração cantaremos os teus louvores.

SI 79,1-4.9.11.13

## A LUZ DE DEUS BRILHA NA HUMILDADE

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A época

De entre os Profetas que desempenharam o seu ministério na fase final do Exílio do Povo de Deus na Babilónia, sobressai uma figura anónima e enigmática da qual não temos, praticamente, dados pessoais, mas a quem os biblistas costumam chamar "Deutero-Isaías". Os seus textos e a sua mensagem aparecem nos capítulos 40 a 55 do Livro de Isaías (alguns pensam que este Profeta se chamava Isaías, como o profeta do mesmo nome que atuou em Judá no séc. VIII a.C.). Foi, em qualquer caso, um homem a quem Deus chamou e a quem confiou a missão de consolar e dar esperança aos exilados. Em meados do séc. VI a.C., após a morte de Nabucodonosor, o império babilónio entra em rápida decadência. No horizonte do antigo Médio Oriente, nasce uma nova potência – a Pérsia – que se afirma progressivamente na região e ameaça a hegemonia do enfraquecido império babilónico. Essa ameaça concretiza-se quando, em 539 a.C., Ciro, rei dos Persas, entra triunfalmente na Babilónia.

A atividade do Deutero-Isaías desenvolve-se nos anos anteriores à vitória de Ciro. Apesar da atividade de profetas como Ezequiel entre os exilados, é um período de crise e desorientação. Continua a pôr-se o problema do poder de Jahwéh, da aliança, da fidelidade de Deus às suas promessas: porque é que Deus permitiu a catástrofe? Será que Ele abandonou o seu Povo, esse Povo com o qual Ele se tinha comprometido? Que aconteceu às promessas que Deus fez a David? As palavras continuamente repetidas pelo Povo – "o meu destino é ignorado pelo Senhor, o meu direito passa despercebido ao

meu Deus" (Is 40,27); "o Senhor abandonou-me, o Senhor esqueceu-me" (Is 49,14) – traduzem a desilusão, o desencanto e a frustração de quem duvida de tudo e já não sabe se pode continuar a contar com a ajuda de Deus.

Neste quadro, até as "boas notícias" que vão começar a aparecer nos anos seguintes trazem inquietação e confusão... Chegam, cada vez mais, informações sobre as vitórias de Ciro sobre as forças babilónicas, o que anuncia uma próxima libertação dos exilados. No entanto – pergunta-se o Povo de Deus – quando essa libertação acontecer, a quem deve ser atribuída? A Jahwéh? A Marduk, o deus mais popular na planície mesopotâmica? Ou aos deuses adorados por Ciro e pelos exércitos persas? É neste panorama humano e religioso que vai ecoar a mensagem do Deutero-Isaiás.

## **2. Uma mensagem de consolação e de esperança**

A mensagem desse Profeta a quem se convencionou chamar "Deutero-Isaiás" aparece – como já dissemos – integrada no "Livro de Isaiás" (cf. Is 40-55). O livro que ele nos deixou é chamado "Livro da Consolação", devido às suas palavras iniciais: "consolai, consolai o meu povo, diz o Senhor" (Is 40,1). Este título até nem é desapropriado, pois o tema da consolação volta a cada passo ao longo dos capítulos que o compõem (Is 40,27-31; 41,8-16; 43, 1-7; 44, 1-2), mostrando que Deus não abandonou o seu Povo, mas continua apostado em salvá-lo, em libertá-lo, em dar-lhe um futuro de vida e de felicidade.

Em que consiste este "consolo"? A resposta vem em duas etapas, correspondendo cada uma delas a uma das partes do livro.

Na primeira (Is 40-48), o profeta anuncia a libertação do cativo na Babilónia e o regresso do Povo à Terra Prometida. Desta vez, não há um Moisés – um hebreu, filho de hebreus, a quem Deus chamou para conduzir o processo libertador; mas Deus "encomendou" ao rei persa Ciro (cf. Is 41,1-5; 45,1-8; 48,12-15) a condução do processo e ele tornou-se o instrumento de Jahwéh na libertação do Povo. O "novo Êxodo" (a saída da Babilónia, terra da escravidão, e o caminho até à Terra Prometida) será ainda mais grandioso que o antigo, pois até a própria natureza facilitará o regresso dos exilados, oferecendo-lhes a cada passo do caminho tudo o que eles necessitam para sobreviver. Os milagres da água e da comida (árvores de fruto), tão importantes nas tradições sobre o deserto do Sinai, vão repetir-se neste novo Êxodo que os exilados vão viver (cf. Is 41,17-20; 43,19-21; 48,21). O Deutero-Isaiás vai, ainda, aproveitar para recordar aos exilados que a libertação e os milagres

que acompanharão o novo Êxodo são obra de Jahwéh e não obra dos deuses persas ou babilónios. A cada passo, o Profeta polemiza contra os deuses e ídolos pagãos, impotentes e ineficazes, obra das mãos dos homens (cf. Is 40,12-26; 41,21-29; 44,5-20; 46,1-7). A conclusão é lógica: Jahwéh é o único Deus e a sua jurisdição estende-se a todas as nações – inclusive à Babilónia. Os deuses dos outros povos são “nada”. Logo, é a Jahwéh que os exilados devem agradecer tudo aquilo que, em breve, vai passar-se.

Na segunda parte (Is 49-55), o profeta fala da reconstrução e restauração de Sião. Aí, Jerusalém aparece representada como cidade e também na imagem de uma “mulher”. Como “mulher”, queixa-se da falta dos seus filhos; como cidade, das suas ruínas. Jahwéh assegura-lhe que os filhos regressarão ao seu seio e que voltará a ser uma cidade bela e cheia de vida. Deus não esqueceu a sua cidade; ela está para sempre gravada na palma das suas mãos (alusão ao costume de gravar o nome da amada na palma da mão?). Por isso Deus, como esposo, vai acolher de novo a esposa infiel mas arrependida (Jerusalém), proporcionando-lhe uma alegria, uma felicidade e uma paz sem fim (cf. Is 49,14-50,3; 51,17-52,12; 54,1-17).

### **3. Os cânticos do “Servo de Jahweh”**

Ao longo dos capítulos que compõem o livro do Deutero-Isaías aparecem, contudo, quatro textos – quatro poemas – que fogem ao enquadramento temático e ao esquema literário do resto do livro... São os famosos e enigmáticos cânticos do “Servo de Jahwéh”, que ocupam um lugar à parte na teologia do Deutero-Isaías. A delimitação destes poemas ainda se discute. De uma forma geral, podemos aceitar que os textos em questão são os seguintes: Is 42,1-9; 49,1-13; 50,4-11; 52,13-53,12.

Estes textos – tão diferentes do resto da mensagem do Profeta – vêm do Deutero-Isaías? Não sabemos. Há quem diga que poderão ser textos de um discípulo do Profeta; ou que poderão ser cânticos mais antigos, que o Profeta integrou na sua obra; ou cânticos compostos depois do Deutero-Isaías, que um editor final introduziu na obra do Profeta por considerar que a figura neles descrita fazia lembrar o Deutero-Isaías...

Quem é este “Servo” apresentado nos textos? As hipóteses são variadíssimas. Para alguns, o “Servo” poderia ser o Profeta Jeremias, o paradigma dos profetas que sofreram por causa da fidelidade à Palavra de Deus, mas cujo sofrimento teve um valor redentor para todo o Povo; para outros, o “Servo” pode ser o próprio Deutero-Isaías, um Profeta que deu a vida numa terra estrangeira, para poder levar aos exilados uma mensagem de salvação e de

esperança; ou pode ser uma figura coletiva do Povo de Deus, desse Povo humilhado, esmagado, arruinado, arrastado no desastre, considerado como morto, mas que continua a ser amado por Deus e a ser um testemunho de Deus no meio do sofrimento em que vive; ou pode ser, ainda, a figura desse Messias que, no futuro, há de vir para salvar e libertar o povo de Deus, na humildade, na simplicidade e no sofrimento, odiado pelos poderosos e pelos inimigos da libertação; ou pode ser, até, uma figura complexiva ou integral, que une a recordação de personagens históricas (patriarcas, Moisés, David, Profetas), com figuras míticas, de modo a representar o povo na sua totalidade... A "identidade" do "Servo" destes poemas continua a ser um dos segredos da Bíblia; mas trata-se, em qualquer caso, de alguém que Deus escolheu para servir o seu projeto e a sua intervenção no mundo...

Como é que esta figura – do "Servo" – é definida e pintada nestes textos? Trata-se, antes de mais, de alguém que Deus escolheu ("o meu eleito, que Eu preferi" – Is 42,1), a quem Deus segurou pela mão e formou (cf. Is 42,6), a quem Deus chamou quando ainda estava no ventre materno (cf. Is 49,1). Ele é, portanto, um Profeta que Deus elegeu, desde sempre, para o seu serviço.

O "serviço" – a missão – que Deus quer confiar a este "Servo" tem a ver com levar às nações as palavras de Deus (cf. Is 42,1; 49,2). Essas palavras de Deus que o "Servo" leva serão libertadoras e salvadoras, serão como uma luz que se acende na escuridão do mundo e que ilumina e liberta todos os que estão cegos e prisioneiros (cf. Is. 42,6-7). É uma missão profética com alcance universal, pois a mensagem que este "Servo" vai propor deve chegar "às nações" (Is 42,1), aos "habitantes das ilhas, aos povos de longe" (Is 49,1). Não se trata de uma missão "regional", circunscrita a um espaço geográfico limitado ou a um povo específico ("não basta que sejas meu servo, só para restaurares as tribos de Jacob e reunires os sobreviventes de Israel" – Is 49,6); o "Servo" foi escolhido para ser um sinal de Deus em toda a terra, diante de todos os povos ("vou fazer de ti a luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra" – Is 49,6).

Essa missão não se concretizará de forma majestosa e impositiva, através da força e de gestos poderosos; mas será levada a cabo sem espalhafato, sem alarido, com discrição, de forma simples e humilde ("ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega" – cf. Is 42,2-3). Esse é que é o método de Deus: não impor, mas propor, respeitando a liberdade e as escolhas dos seus filhos e filhas.

A missão do "Servo" não será uma missão fácil e triunfal, concretizada no meio de aplausos das multidões... O "Servo" será maltratado por causa da sua missão ("aos que me batiam apresentei as espáduas, e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o rosto dos que me ultrajavam e cuspiam" – Is 50,6), será desprezado por todos ("vimo-lo sem aspeto atraente, desprezado e abandonado pelos homens, como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento, diante do qual se tapa o rosto" – Is 2-3), mas continuará, sem protestar e sem desanimar, a desempenhar a missão que Deus lhe confiou (cf. Is 53,7). Finalmente, será morto e sepultado entre os malfeitores, como alguém sem honra, como um pecador amaldiçoado por Deus e rejeitado pelos homens, como alguém cuja vida foi perdida e terminou sem êxito e sem glória (cf. Is 53,8-9).

A vida deste "Servo" terá valido a pena? A sua missão e o seu compromisso terão servido para alguma coisa? O seu sofrimento não terá sido em vão? É aqui que aparece uma das respostas mais surpreendentes da reflexão vétero-testamentária: A vida e a missão do "Servo" não terminaram no fracasso e no insucesso porque o seu sofrimento teve um valor expiatório e redentor... O sofrimento do "Servo" foi como o sacrifício desses animais imolados pelos crentes em reparação pelos seus pecados (cf. Is 53,10); e, como os sacrifícios de reparação, também a morte do "Servo" realizou a reconciliação entre Deus e os homens pecadores. Ele "justificou a muitos, porque carregou com o crime deles" (Is 53,10), "tomou sobre si os pecados de muitos e sofreu pelos culpados" (Is 53,12). Assim, o sofrimento do "Servo" não foi em vão, porque trouxe vida a todos os outros, mesmo àqueles que não o entenderam, que o desprezaram e condenaram à morte infamante. A ideia do valor redentor do sofrimento, a ideia de que o sofrimento poder gerar vida e mudar o mal em bem, está aqui claramente esboçada.

E Deus? Deus aceitou a doação do seu "Servo" e garantiu a verdade do seu "sacrifício", da sua entrega, do seu caminho, recompensando-o, elevando-o à vista de todos, fazendo-o triunfar diante dos seus detratores e adversários (cf. Is 50,8-9; 53,10-12). O triunfo final do "Servo" é a garantia de Deus de que o sofrimento do justo nunca é em vão.

#### **4. Caminho de morte, destino de vida**

Os poemas do "Servo de Jahwéh" são um dos pontos altos da reflexão do Antigo Testamento. Correspondem a uma tentativa de resposta a algumas das questões mais difíceis e mais decisivas que os seres humanos já puseram... Qual o sentido do sofrimento, sobretudo o sofrimento dos justos, dos

inocentes, das pessoas boas, das pessoas que procuram escutar Deus e viver de acordo com as propostas de Deus? Será possível que o justo sofra – até por ser fiel a Deus e à sua Palavra – e que esse sofrimento se perca?

O autor dos poemas do “Servo” não tem uma resposta definitiva para dar a estas questões. Contudo, ele tem a certeza de que o sofrimento é fonte de vida e de libertação, quer para aquele que sofre, quer para aqueles que caminham ao seu lado. Esta convicção profunda, ele di-la sem entrar em pormenores ou em explicações claras... Mas, mesmo sem grandes e decisivas explicações, ele está absolutamente convicto de que o sofrimento – sobretudo o sofrimento do justo – é uma fonte de vida e de redenção. O sofrimento, em si, não é um bem; mas ele pode ser uma fonte de vida e de salvação.

Até então, nunca se havia falado tão claramente do valor redentor do sofrimento. Admitiam-se as dificuldades e contrariedades da vida, encontrando-se nelas um sentido educativo, pedagógico, pretendido por Deus. Mas não se podia imaginar que o sofrimento tivesse por si mesmo um valor redentor. O Deutero-Isaías proclama pela primeira vez que se “o grão de trigo cai na terra e morre, produz muito fruto”.

Estes poemas serão totalmente iluminados à luz de Jesus Cristo, da sua vida e do seu destino. Jesus, com a sua entrega, com a sua doação, com a sua morte por amor, veio mostrar que o sofrimento pode ser fonte de vida nova, de vida que ilumina e transforma a humanidade inteira. Não tem, pois, nada de estranho, que os cristãos da Igreja primitiva tenham utilizado estes textos para descrever a Paixão de Jesus e tenham visto neste “Servo” a antecipação de Jesus, o Filho de Deus que vive na fidelidade ao Pai e cuja vida dada pelos homens, deu sementes de salvação e de libertação.

## **OBJETIVOS**

- Confirmar a descoberta fundamental deste ano: Deus acompanha cada passo da caminhada histórica do seu Povo – mesmo que o Povo, de forma leviana, escolha viver à margem de Deus – e nunca desiste de lhe oferecer vida, salvação, esperança.
- Compreender que Deus não se manifesta no poder, na grandeza, nos gestos majestosos e espetaculares; descobrir que Deus se revela nos gestos simples (e, tantas vezes, anónimos) de doação, de entrega, de serviço, de amor.
- Aceitar esta ideia difícil e “incoerente” para a “lógica” do nosso tempo: do sofrimento nasce, muitas vezes, a vida e a libertação.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Esta sessão de catequese colocará frente a frente o Grande Amor de Deus pelo seu Povo - e por todos nós - e as ambições dos seres humanos, ao longo da história, e as nossas próprias ambições. O catequista deverá centralizar a sua proposta em Deus que, pela Sua infinita bondade e misericórdia, porque é amor, como nos ensina S.João (Cf. 1 Jo 4, 9), age numa esfera acima dos nossos pensamentos, vontade, interesses e projetos, sabe melhor o que é bom para nós. Mas, também, que, apesar dos nossos desvios face à Sua vontade, permanece junto de nós e a nossa felicidade acontece sempre que nos aproximamos de Deus e vivemos de acordo com o Seu projeto para nós.
- 2.** Outra questão importante, para esta catequese, prende-se com a noção de "Servo". Esta figura do "Servo" coloca face a face os critérios de Deus e os critérios culturais dos seres humanos. Deus escolhe os humildes, os simples, os mansos, os de coração puro, os fracos, para lhes confiar grandes missões. Os seres humanos, ao invés, parecem apreciar ou, tendencialmente, preferir seguir os poderosos, os ricos, os fortes, os mais belos, na cultura, na política, na governação, na religião, nos hábitos de consumo, ... É importante, pois, que as crianças possam fazer esta reflexão, também porque, na sociedade atual, se por um lado, se dá grande crédito aos padrões sociais construídos em torno da aparência da juventude, também não se protege suficientemente a infância nem se lhe reconhece o seu próprio papel social e eclesial. Não há razão para esta reflexão se manter a um nível teórico, abstrato, pois nem as crianças a compreenderiam. Quando se refere a necessidade de a concretizar em exemplos de santidade, serviço, dedicação, que não faltam na História da Igreja, é também porque as crianças têm já um potencial de santidade, de intervenção na sociedade e na Igreja, de evangelização, que não deve ser negligenciado mas acarinhado e desenvolvido.
- 3.** Uma terceira questão, naturalmente delicada, é, de novo, a problemática do sofrimento. Neste âmbito, o catequista deve ter particular atenção ao facto de alguma das crianças estar a sofrer, de forma mais intensa, devido a qualquer acontecimento na sua vida ou na vida da sua família (um divórcio dos seus pais, um falecimento de um ente querido, algo que a tenha magoado na escola, algo que envolva algum dos seus amigos, ...); a situação por que passa o país, a região, a localidade, como o desemprego, os efeitos da insegurança, algum desastre natural. Como já se referiu em catequeses

anteriores, não é natural nem essencialmente espontâneo que as crianças aceitem o "sofrimento" sem questionar: afinal, Deus criou-nos para a felicidade e, como vimos anteriormente, não criou o mal. Mas ele existe e amachuca as pessoas, podendo mesmo fragilizá-las e destruí-las. Nessa altura, qualquer pessoa coloca a questão: onde está Deus, porque é que permite isto... "se Deus é tão bom, por que permite que haja pessoas más no mundo? Guerras? Destruição? Catástrofes?"; "Por que não age Deus, quando vê alguém a morrer, a sofrer, a ser injustiçado?" É importante que, a este nível, o catequista compreenda algumas questões de natureza pedagógica. As crianças desta idade tendem a fazer uma leitura literal dos factos; aprendem muito e bem, "informações", "descrições" mas aceitam sem compreender profundamente; quando ficam confusas, não colocam questões, guardam para si essa impressão; ainda se assustam facilmente com a problemática do sofrimento e da morte, numa relação estreita com a angústia de perda dos pais e entes mais próximos, sem os quais se sentem perdidas no mundo; esta dificuldade em ultrapassar a angústia de perda e separação pode colocar sérios entraves ao seu futuro desenvolvimento religioso no sentido em que, precisamente, lhes retira liberdade interior e espaço emocional para, na adolescência, resolver o problema da teodiceia (problema do mal e do sofrimento). Esta circunstância torna-se, ainda, mais delicada se, enquanto a criança luta, interiormente, por resolver este problema, vive uma experiência real de perda, morte ou grande sofrimento. O cristianismo, que se constrói a partir da experiência da crucificação, lida continuamente com esta dificuldade pastoral e, por isso, muitas pessoas, aparentemente convertidas, nunca chegam ao momento de descobrir que a "solução" de Deus está, não na morte, mas na ressurreição, isto é, na vitória sobre a morte e o sofrimento.

4. Se é, pois, importante, que o catequista tenha resolvido o seu próprio "problema" da morte e do sofrimento, e seja capaz de usar de delicadeza e um verdadeiro testemunho de fé na sua relação com as crianças, também não se deverá esquecer de trabalhar com estas a noção de que Deus nos fez livres e, portanto, capazes de usar a liberdade para escolher o nosso próprio caminho. As crianças também não têm uma visão muito ampla e correta do que é a liberdade, pois, muito dependentes dos adultos e, quase sempre, insuficientemente orientadas, assimilam a liberdade ao quebrar das regras e ao exercício do egocentrismo que lhes resta. A este nível, deve o catequista ajudá-las a pensar-se e à sua circunstância, a sentir aquilo que são na relação com os outros e com Deus, a aperceber-se dos seus erros mas,

sobretudo, do seu imenso potencial para o bem, ajudando-as a estar “alerta” para a presença de Deus no seu coração e nas suas vidas, que não necessita de um entendimento imediatamente lógico, mas precisa de um coração limpo e bom, delicado, capaz de amar. As crianças ainda creem que os adultos temos as respostas todas, mas é preciso que o educador assuma a sua própria limitação e fragilidade para que a criança ceda a Deus o lugar correto na sua existência. A par destas noções, surge o valor do sofrimento, de um modo natural e saudável, porque o masoquismo não o é e também não é cristão.

5. Se nas proximidades na sua comunidade de fé existir uma comunidade das “Missionárias da caridade”, o catequista pode convidar uma das suas religiosas a participar nesta catequese, já que se começará analisando o testemunho de Madre Teresa de Calcutá. Terá o cuidado de preparar esse testemunho com a convidada e de a fazer participar nos vários momentos da catequese. No final, as crianças devem entregar-lhe uma lembrança em sinal de gratidão, algo que, preparado pelas crianças, possa ser significativo para esta comunidade (por exemplo, uma pequena recolha de bens alimentares, para alguma das suas obras).

## **MATERIAIS**

### **1. Para a Experiência Humana:**

Fotos da Madre Teresa de Calcutá, se possível em vários momentos da sua vida.

### **2. Para a Palavra:**

- Bíblia;
- Pulseira (Cf. Documento 1, em anexo);

### **3. Para a Expressão de Fé:**

- Bíblia;
- Vela;
- Um coração: o catequista deverá utilizar um coração na forma que lhe parecer mais bonita e interessante: algum dos corações que se encontram na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4 ou prepará-lo em cartolina vermelha, cartão, tecido, esferovite, desenhando um coração numa cartolina escura com um fio ou uma caneta fluorescente; deve ser bonito e bem feito para poder simbolizar luz e esperança;
- Mãos brancas: o catequista poderá desenhar as suas próprias mãos, abertas, e recortá-las, ou cobri-las de digitinta (à venda nas lojas de brinquedos ou material para Jardim de Infância) e pressionando sobre o

fundo, utilizando, para isso, o material que lhe for mais acessível: cartolina branca, cartão, tecido, esferovite, um fio ou caneta fluorescente, e colando ou desenhando sobre um fundo de cartolina escura – simbolizando o serviço e a ajuda.

## MÚSICA

- "Para além dos meus medos".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### Preparação da sala:

Nesta sessão será necessário:

- uma mesa;
- cadeiras, colocadas à volta da mesa, uma para cada participante;
- Bíblia, no centro da mesa;
- as fotos da Madre Teresa de Calcutá deverão ser apresentadas apenas quando o catequista necessitar delas;
- o material que será utilizado no Expressão de Fé, deverá ser colocado no centro da mesa apenas nesse momento.

### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1. Será que já ouvistes falar, alguma vez, de uma senhora chamada Agnes Gonxha Bojaxhiu?** *O catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 81 e sugere que descubram a resposta correta através da identificação da pessoa adulta que está na foto.*

*a) Se as crianças identificarem corretamente o nome, o catequista apresenta a história da Madre Teresa de Calcutá, socorrendo-se da síntese que se apresenta a seguir, no ponto 2;*

*b) Se as crianças não identificarem este nome o catequista continua, dizendo:*

Não, com certeza. Mas talvez conheçais o outro nome pelo qual a senhora da foto veio a ser conhecida no mundo inteiro: Madre Teresa de Calcutá.

**2. Em qualquer dos casos, o catequista prossegue:** Vou contar-vos a história desta grande mulher. Escutem como é interessante e bonita! Uma verdadeira aventura de uma pessoa corajosa e cheia de ideias boas!

- Madre Teresa nasceu numa terra chamada Macedónia (em agosto de 1910), de uma família católica de origem albanesa.
- Aos 18 anos, ela **sentiu que Deus a chamava** e pensou em ser freira; entrou para um convento de religiosas (as "Irmãs de Nossa Senhora do Loreto"), para se preparar para essa missão ao serviço dos outros.
- Foi aí que recebeu o nome de Teresa. Algum tempo depois foi mandada para a Índia, para uma cidade chamada Calcutá.
- Começou por trabalhar como professora, num colégio que pertencia a essa família de religiosas.
- Mas um dia, impressionada com a miséria que via nas ruas de Calcutá, Madre Teresa sentiu que Deus lhe pedia que saísse do convento e fosse trabalhar no meio dos mais miseráveis dos pobres de Calcutá.
- Para se integrar melhor, começou a usar o traje tradicional das mulheres indianas – o sari – e passava o dia nas ruas a pedir ajuda para socorrer os pobres, os doentes, os famintos, aqueles que ninguém queria e a quem ninguém ligava. Os seus preferidos eram as crianças abandonadas e os velhos que viviam no meio da rua, especialmente os que estavam a morrer, porque ninguém queria saber deles...
- A sua vida passou a ser **serviço e ajuda** aos pobres, aqueles que não tinham nada, nem ninguém. Com **humildade**, com **simplicidade** e com muito **amor**, Madre Teresa tornou-se a serva de todos. Nunca pensava em si, nos seus projetos e necessidades: pensava apenas em ir ao encontro dos pobres e em servi-los com alegria e com um sorriso. Nesses pobres ela via Cristo e por isso os tratava com amor e dignidade.
- Aos poucos apareceram outras mulheres que quiseram ajudá-la nesse trabalho; e ela fundou as "Missionárias da Caridade", uma família religiosa que tem a missão de se ocupar dos mais pobres de entre os pobres. Os bens de cada "missionária da caridade" resumem-se a um prato de esmalte, uma muda de roupa interior, um par de sandálias, um pedaço de sabão, uma almofada, um colchão e um par de lençóis... Não têm mais nada, para assim se aproximarem dos pobres a quem devem ajudar e amar. O seu dia de trabalho é empregue com as tarefas de ajuda ao próximo e muitos períodos de oração, para que seja Deus quem as guia e não a sua vontade pessoal ou as ideias de cada uma.

**3. Já alguma vez vistes fotografias da vida de Madre Teresa?** Vou mostrar-vos algumas fotos e, certamente que, ao vê-las, recordar-se-ão melhor do seu trabalho, pois é uma pessoa conhecida mundialmente.

*O catequista vai mostrando, brevemente, uma pequena galeria de fotos da Madre Teresa: do seu trabalho, da entrega do Prémio Nobel da Paz, ... procurando sempre mostrar as qualidades mais admiradas na Madre Teresa:*

- Nessas fotografias vemos que ela era uma mulher muito frágil, pobremente vestida, sem nada que mostrasse a sua importância;
- mas essa mulher tão frágil e tão simples trouxe felicidade, amor e alegria a muitos pobres e ajudou a mudar a vida de muitas pessoas;
- nos gestos de amor e de bondade da Madre Teresa, as pessoas viam a bondade e a ternura de Deus. É verdade: naquela mulher tão pequena, tão frágil e tão pobre, aparecia a bondade e o amor de Deus.

**4. Como é que Deus vem ao encontro das pessoas para lhes mostrar que gosta muito delas e quer salvá-las? Já pensaste nisto? (Deixar as crianças pronunciarem-se).**

- Já sabemos que é através de homens e de mulheres, a quem Deus chama, e a quem Deus confia uma missão...

Pensemos, juntos, no que aprendemos este ano, na catequese, até agora. Já reparastes nas pessoas que Deus foi escolhendo ao longo dos tempos e a quem deu uma missão? Que qualidades mais marcantes encontramos em todas elas? *(Deixar as crianças apresentarem duas a três características.)* Pois é! Essas qualidades são, mesmo, aquelas que nós devemos imitar! Vamos já escrevê-las na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 19, para as termos presentes e nunca nos esquecermos delas: o catequista aproveita os contributos das crianças para ditar o registo que vai ficar na Barra Cronológica, chegando a estas características/attitudes, ou a uma formulação semelhante:

- uma fé grande e forte;
- amor;
- ternura;
- compaixão;
- bondade;
- justiça;
- humildade;
- confiança em Deus;
- esperança;
- coragem;
- força de vontade;

- trabalho;
- conversão.

*Depois de as crianças terem realizado a tarefa pedida (deixando a segunda parte para o final da catequese), o catequista resume: Muitas vezes, Deus não escolhe, para essa missão, pessoas que parecem fortes, poderosas, importantes, que todos admiram e aplaudem... Mas escolhe pessoas que são simples e pequenas, mas têm um coração muito grande – um coração que é capaz de amar os outros e de estar ao serviço de todos os que precisam. Essas pessoas são, assim, fortes e poderosas, capazes de grandes coisas, mas no seu coração... porque o amor a Deus e ao próximo nos torna fortes e corajosos, trabalhadores, perseverantes, cheios de força de vontade... tal como nós temos vindo a rezar e a pedir ao Senhor para nos dar. Normalmente, é assim que Deus faz.*

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um Profeta a quem Deus convidou a dizer isto mesmo: que é através dos pequenos, dos humildes, daqueles que aceitam servir os outros, que Deus salva o seu Povo e lhe dá vida. Isto vai-nos ensinar uma coisa imensamente importante: é que nós, se nos abrimos a Deus, mesmo pequenos – e vós sois ainda crianças – mesmo humildes, mesmo não sendo nada importantes... podemos fazer coisas grandiosas e relevantes, se nos deixarmos guiar por Deus. Talvez não seja ir para Calcutá, ou ser religiosa ou sacerdote, o que também pode ser, claro!, mas podemos ser alguém que faz a diferença no sítio onde estamos... sem confusão, sem publicidade, sem barulho, sem aparecer na televisão... basta que seja o que Deus nos pede.

## **II. PALAVRA**

- 1.** *O catequista prossegue:* Estais lembrados do que falámos no nosso anterior encontro de catequese? Tinha a ver com o Povo de Deus! (*Deixar as crianças exprimirem-se e esclarecer:*)

De facto! Falámos de um tempo em que o Povo de Deus estava exilado numa terra estrangeira, a Babilónia... Dissemos que foi um tempo muito difícil, um tempo de muito sofrimento... Os membros do Povo de Deus sofriam com saudades da sua terra e sofriam porque as condições em que viviam eram muito difíceis... Mas sofriam, sobretudo, porque pensavam que Deus os tinha abandonado e já não queria mais ajudá-los e salvá-los.

Também já sabemos que isso não era verdade: Deus nunca abandonou o seu Povo; mesmo naquela terra estrangeira, Deus continuava a interessar-se pelo seu Povo e a querer dar-lhe vida e esperança. Por isso, chamou pessoas – os Profetas – e enviou-as a comunicar ao Povo palavras de esperança. Ao ouvir esses Profetas enviados por Deus, o Povo voltava a acreditar no futuro, a crer na ajuda de Deus, e sentia-se mais alegre e mais forte, capaz de vencer as dificuldades e o sofrimento: tal como acontece connosco, a quem Deus ama e consola, e inspira boas obras!

Ainda vos lembrais de dizermos, no nosso último encontro, que um dos Profetas dessa época (não sabemos ao certo o nome dele; mas os estudiosos da Bíblia pensam que ele podia chamar-se Isaías) garantiu ao Povo que Deus nunca os esqueceria, assim como uma mãe nunca consegue esquecer o seu filho pequenino? No nosso catecismo até está registado junto de um quadro muito bonito, de uma mãe com o seu bebé, para nos ajudar a compreender esta ideia... Vejam lá, na página 79 (*Deixar as crianças observar e pronunciarem-se*).

**2. O catequista prossegue, explicando:** Pois esse mesmo Profeta disse outras palavras boas e animadoras, que encheram de alegria o coração de todos aqueles que as ouviam...

O que é que esse Profeta disse de tão bonito e de tão animador? Escutem como as suas palavras são tão reconfortantes!

- Disse, em primeiro lugar, que Deus ia libertar o seu Povo daquela terra de escravidão e que ia deixá-lo regressar à sua terra, essa terra da qual o Povo tinha sido arrancados e da qual tinha tantas saudades...
- E disse mais: disse que Deus ia reconstruir essas cidades que tinham sido queimadas e destruídas;
- disse-lhes que Deus ia semear os campos, de forma que todos tivessem comida em abundância; disse-lhes que Deus ia passar a morar no meio do seu Povo, para cuidar sempre dele e para lhe indicar, todos os dias, o caminho que o Povo devia seguir para ser feliz e ter vida...
- **Mas esse Profeta, por indicação de Deus, ainda falou de outras coisas muito importantes...**
- Por diversas vezes, falou de um homem que tinha sido chamado por Deus para uma missão: ir por toda a terra falar de Deus a todos os povos...
- Esse homem devia ser como que uma luz que se acende quando tudo está escuro para iluminar os caminhos que as pessoas têm de percorrer...

### **3. E qual era o seu nome?**

- O Profeta nunca disse o nome desse homem, mas costumava chamar-lhe "SERVO" de Deus, pois a sua missão era estar ao serviço de Deus. Escutemos, de pé, e com o coração, o que Profeta, falando em nome de Deus, diz desse "Servo" (**Is 42,1-4.6-7**):

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Livro de Isaías.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Eis o meu servo, que Eu amparo,  
o meu eleito, que Eu preferi.**

**Fiz repousar sobre ele o meu espírito,  
para que leve às nações a verdadeira justiça.**

**Ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas.**

**Não quebrará a cana rachada,  
não apagará a mecha que ainda fumeja.**

**Anunciará com toda a fidelidade a verdadeira justiça.**

**Não desanimará, nem desfalecerá,  
até estabelecer na terra o direito,**

**as leis que os povos das ilhas esperam dele.**

**Eu, o Senhor, chamei-te por causa da justiça,**

**segurei-te pela mão;**

**formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações;**

**para abrires os olhos aos cegos,**

**para tirares do cárcere os prisioneiros**

**e da prisão os que vivem nas trevas.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**4. Antes de mais, sabeis o que é um "servo"?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se brevemente e , usando as suas explicações, elucidar e complementar a elucidação dada:)*

Podemos, então, afirmar que o "SERVO" é:

- aquele "que serve", que está ao serviço de alguém, que faz os trabalhos que alguém lhe manda fazer;
- o nome que antigamente era dado aos escravos, àqueles que estavam completamente ao serviço do seu senhor e que faziam tudo o que o seu senhor mandava. Ora, este homem de quem Deus fala, é o "Servo" de Deus:
- aquele que está completamente ao serviço de Deus, que faz tudo aquilo que Deus lhe manda.

**5. E Deus, o que pensa deste "Servo"? O que vos parece? Gostará dele, ou tratá-lo-á como um escravo que é desprezado?** *(Deixar as crianças discutirem um pouco a questão e, depois, orientá-las:)*

Pelas palavras que Deus diz, vê-se que ama muito o seu "Servo": ele é aquele de quem Deus cuida, é aquele que Deus escolheu, é o preferido de Deus, é aquele que Deus tomou pela mão (como se faz aos grandes amigos). Este "Servo" que faz tudo o que Deus manda é, também, um grande amigo de Deus.

**6. E qual é a missão do "Servo"? Qual o trabalho que Deus lhe confia?**

*É importante envolver as crianças na missão especial do "Servo", que elas admirem o dom deste serviço:*

Deus diz que o trabalho do "Servo" é ser uma LUZ que ilumina os povos de toda a terra, para que todos os homens e mulheres deixem de viver na escuridão e vejam por onde ir, o que fazer, que passos dar para serem felizes. Quem está triste e desanimado, quem faz coisas más e é infeliz, quem sofre e é maltratado pelos outros, é como se vivesse na escuridão... O "Servo" de Deus deve ser uma luz no meio de todos esses que vivem na escuridão – quer dizer, deve dar-lhes alegria e esperança, deve ajudá-los a não seguirem caminhos errados, deve acabar com as injustiças e maldades que fazem sofrer tantas pessoas, deve libertar todos aqueles que estão presos à maldade ou ao sofrimento.

**Vê como esta missão, deste "Servo" de Deus, é uma missão muito bonita e muito importante para o Povo de Deus! E mais!**

- O "Servo" é uma pessoa que Deus envia para Ajudar a Nascer um mundo melhor, um mundo onde não há sofrimento e maldade e onde as pessoas são felizes. Foi, precisamente, isto que fez a Madre Teresa de Calcutá, de quem falámos no início do nosso encontro de hoje.

**Há mais uma coisa muito bonita que precisais de saber sobre este "Servo" de Deus...**

Diz-se no texto que ele "não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fuma".

**Que é que isto quer dizer? Que ele vai gritar muito alto as palavras de Deus para obrigar as pessoas a seguir o caminho de Deus? Que ele vai impor-se pela força e castigar aqueles que não o escutarem? Que ele vai ser duro e exigente e condenar aqueles que se portam mal?**

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e encaminhar o seu raciocínio para:)*

Claro que não! O que estas palavras querem dizer é que esse "Servo" será uma pessoa HUMILDE, CHEIA de BONDADE e MANSIDÃO, que procurará ajudar os pobres e os fracos mas não fará mal a ninguém nem condenará ninguém; o que estas palavras querem dizer é que Deus, quando vem ao nosso encontro, não nos condena nem nos ameaça, mas trata-nos com bondade e com muito amor. A força, o poder, vem do amor! Não é extraordinário?

O "Servo", QUE ATUA EM NOME DE DEUS, mostra-nos, com a sua atitude, a maneira de ser de Deus: ele aponta-nos o caminho para nós sermos felizes, mas respeita a nossa liberdade, respeita as nossas decisões, respeita o nosso ritmo de caminhada.

**7. Se o "Servo" de Deus tem uma missão tão bonita e tão importante, ele deverá ser admirado e aplaudido por todas as pessoas, não é verdade?**

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:)*

Não, isso nem sempre é verdade. Há pessoas que não conseguem escutar a Deus, ou que não querem escutar Deus, nem as indicações que Ele dá. Há pessoas que pensam que é a fazer coisas más que são felizes ... o que nós sabemos ser um erro terrível, pois as nossas escolhas erradas provocam sempre sofrimento e mais erros ... O que o "Servo" nos veio propor não é fácil e, por vezes, as pessoas não têm a coragem necessária para o seguir ... ou a humildade para pensar «se calhar, eu não sei tudo; se calhar, devia pensar melhor». Por isso, o "Servo" será, muitas vezes, incompreendido, "gozado", maltratado, torturado e, até, poderá ser morto. Mas Deus não o abandonará... Deus estará sempre ao lado dele e dar-lhe-á força para continuar com o seu

trabalho, para continuar a ser uma luz acesa no mundo, para continuar a dar alegria, vida e esperança ao coração dos homens.

Num dos textos que nos falam sobre o "Servo" de Deus, e o próprio que nos fala e nos diz assim (**Is 50,6-8**):

*Catequista/criança:*

**Aos que me batiam apresentei as espáduas,  
e a face aos que me arrancavam a barba;  
não desviei o meu rosto dos que me ultrajavam e cuspiam.  
Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio;  
por isso, não sentia os ultrajes.  
Endureci o meu rosto como uma pedra,  
pois sabia que não ficaria envergonhado.  
O meu defensor está junto de mim.**

- 8.** Mesmo tendo o "Servo" Deus ao lado dele, a apoiá-lo, será que vale a pena ele continuar com a sua missão, se muitas pessoas não o escutam, se lhe batem, se o fazem sofrer? Para que serve tanto sofrimento? Ficaré perdido? O que vos parece?

*O catequista estimula as crianças a pronunciarem-se e, depois, propõe que escutem todos a Palavra de Deus, onde está a verdadeira resposta:*

Uma vez mais, voltamos aos textos da Bíblia que nos falam do "Servo" de Deus para responder a estas questões... Vê o que se diz sobre o valor e a importância do sofrimento do "Servo" (**Is 53,2-6.10-11**):

*Catequista/criança:*

**Vimo-lo sem aspeto atraente,  
Desprezado e abandonado pelos homens,  
como alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento,  
diante do qual se tapa o rosto,  
menosprezado e desconsiderado.  
Na verdade, ele tomou sobre si as nossas doenças,  
carregou as nossas dores.  
Nós o reputávamos como um leproso, ferido por Deus e humilhado.  
Mas foi ferido por causa das nossas iniquidades.  
O castigo que nos salva caiu sobre ele,  
fomos curados pelas suas chagas.  
Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas perdidas,  
cada um segundo o seu caminho.**

**Mas o Senhor carregou sobre ele todos os nossos crimes.  
Aproveite ao Senhor esmagá-lo com sofrimento,  
para que a sua vida fosse um sacrifício de reparação.  
Terá uma posteridade duradoura e viverá longos dias,  
e o desígnio do Senhor realizar-se-á por meio dele.  
Ele, o justo, justificará a muitos, porque carregou com o crime deles.**

**9. O que será que aprendemos destas palavras? Já sabeis responder às perguntas que fizemos? O sofrimento do "Servo" não servirá para nada? Ficaré perdido?**

*Depois de as crianças se pronunciarem, o que não lhes será fácil, o catequista ajuda-as a esclarecer e sintetizar com todo o cuidado:*

- De acordo com este texto, o sofrimento do "Servo" não será inútil, mas terá uma finalidade: há de transformar-se em vida nova para muitas pessoas. Em recompensa por aquilo que o "Servo" sofreu – diz o autor deste texto – Deus irá dar vida a muita gente, Deus irá "curar" muita gente que faz coisas erradas...
- **O sofrimento é uma coisa boa? Não.**
- O sofrimento não é, em geral, uma coisa boa e, tanto quanto possível, devemos lutar para construir um mundo sem sofrimento; mas Deus, porque tem por nós um amor ilimitado, pode aproveitar o sofrimento para daí tirar vida e salvação.
- Se o "Servo" tivesse evitado cumprir a sua missão para não sofrer, o Povo de Deus teria continuado triste e desanimado, a arrastar-se sem esperança na terra do Exílio. Mas o "Servo" aceitou cumprir a sua missão, mesmo que para isso tivesse de sofrer; e, assim, através do sofrimento do "Servo", Deus pôde vir ao encontro do seu Povo para o consolar, para o animar, para fazer renascer a alegria e a esperança no coração do seu Povo, para o salvar. O sofrimento do "Servo" tornou-se uma fonte de vida e de salvação para todos.

**10. Além deste "Servo", já ouvistes falar de mais alguém que "serviu" Deus, que cumpriu a missão que Deus lhe confiou, que foi uma "luz" no mundo, que sofreu e morreu por todos os homens e mulheres e que foi uma fonte de vida e de salvação para todos? Sugerindo às crianças que observem a pintura representada na página 83 do catecismo, o catequista pede-lhes para dizerem o Nome:**

- Muito Bem! **Jesus Cristo** – cuja paixão, morte e ressurreição celebramos nestes dias – percorreu o mesmo caminho daquele “Servo” de que falamos no nosso encontro de hoje. Ele aceitou cumprir a vontade de Deus, mesmo que muitas pessoas não o entendessem e que as autoridades do seu país o perseguissem; ele aceitou sofrer e morrer para que nós aprendêssemos a viver bem, a viver segundo o amor, o perdão, a partilha, o serviço; Ele foi o “Servo” de Deus, que fez tudo o que Deus lhe pediu e que veio ao nosso encontro para nos dar vida. E a sua missão, as suas palavras, os seus gestos, a sua morte, a sua ressurreição, foram uma fonte de vida e de salvação para todos os homens e mulheres.

Para que não esqueçais a importância, o valor e a beleza de ser “Servo de Deus”, entrego-vos, hoje, esta pulseira, que podereis levar para casa, para partilhades em casa esta maravilha. Sabeis quando é que usámos pela primeira vez uma pulseira semelhante a esta? Na maternidade. Pois é, a pulseira identificava a nossa identidade, todos sabiam, assim, quem nós éramos, e passavam a tratar-nos logo pelo nosso nome. Quando Deus escolhe alguém, dá-lhe uma missão, uma identidade própria e, a partir daí, a pessoa falará em nome de Deus, e todos saberão quem é, não poderá mais ser confundido. Nesta pulseira tendes escrito o que é ser “Servo”. *O catequista oferece uma pulseira a cada uma das crianças e pede-lhes que também ofereçam um exemplar à religiosa que está, hoje, com elas; depois, dará o tempo suficiente para as crianças lerem a inscrição e as colocarem nos respetivos braços.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

#### 1. Síntese da catequese

*O catequista explica, procurando verificar se todas as crianças acompanham e compreendem:*

Hoje conhecemos esse “Servo” de Deus que um Profeta do tempo do Exílio apresentou ao Povo de Deus. **Ao olhar para este “Servo”, que é que nós descobrimos?**

- Antes de mais, lembramos uma coisa que já sabíamos (temos falado dela muitas vezes ao longo deste ano de catequese): Deus vem ao encontro da humanidade para a ajudar a caminhar, para a salvar e lhe dar vida, através de pessoas – pessoas como nós – a quem Ele chama e a quem Ele confia uma missão. Deus chama pessoas e envia-as ao encontro dos homens e das mulheres para serem uma luz que ilumina, que dá alegria, que dá esperança, que dá vida.

- Ao olhar para esse "Servo" de Deus, também aprendemos outra coisa... Aprendemos que Deus não se serve de gente grande e poderosa para salvar a humanidade. Quando Deus quis iluminar o mundo, não chamou um grande herói, um grande rei, um grande general; mas chamou um "servo", isto é, uma pessoa humilde e pequena, por quem os outros não davam nada, e foi a essa pessoa que Deus confiou a missão de ser uma luz acesa para iluminar os caminhos que os homens e as mulheres percorrem todos os dias...

Na página 82 do vosso catecismo está representado um quadro muito bonito, que nos ajuda a perceber isso mesmo: é uma criança pobre, talvez da vossa idade... na cidade dela, que era Sevilha, em Espanha, vivia-se uma crise económica muito grande e as pessoas passavam fome... o pintor escolheu esse menino para pintar, um rapazinho esfomeado e só, a quem ninguém ligava nenhuma, para chamar a atenção para a situação dos sem abrigo, dos pobres, dos humilhados. Deus chama pessoas assim, simples, normais, humildes, fracas, algumas daquelas a quem ninguém dá importância, e é através dessas pessoas que Deus atua no mundo, que Deus vem ao encontro dos homens e das mulheres e lhes mostra o seu amor e a sua bondade. Esse "Servo" que realiza a missão que Deus lhe confiou, não impõe nada, não obriga ninguém, não grita nem condena; apresenta, com humildade e simplicidade as propostas de Deus, respeitando as pessoas e as suas decisões... Esses é que são os métodos de Deus.

- Vimos, finalmente, que a missão do "Servo" não é fácil e que, muitas vezes, ele tem que sofrer muito (há pessoas que não aceitam o que ele diz, que o gozam, que lhe batem e que até podem matá-lo). Esse sofrimento perder-se-á? Não servirá para nada? Serve, sim. O sofrimento daqueles que cumprem a vontade de Deus não se perde, mas é utilizado por Deus para mudar o mundo. O sofrimento de quem cumpre a vontade de Deus e de quem dá a vida por causa das propostas de Deus é uma fonte de vida para o mundo inteiro, para todos os homens e mulheres.

## **2. Oração**

*O catequista faz um pequeno ensaio do cântico proposto, para permitir o adequado desenrolar da oração e, depois de um intervalo de silêncio, em que o cântico pode ser escutado na sua versão gravada, distribui as folhas com a oração, uma para cada criança, garantindo que todas as crianças participam com uma leitura em voz alta (que pode ser feita aos pares, por exemplo) e explica:*

**Agora, vamos agradecer a Deus por tudo isto que hoje descobrimos e dizer-lhe que Ele é a nossa vida e a nossa luz...** Iniciamos cantando o cântico:

**“Para além dos meus medos.”**

*O catequista pega no coração e, conforme se vai desenrolando a oração, faz com que este passe para as mãos da criança/crianças que acabou/acabaram de rezar alto. Antes de começar, e depois do cântico explica: Este coração simboliza a luz e a esperança.*

**Todos** – *Senhor, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 1** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu caminhas sempre connosco e vens ao nosso encontro para nos ajudar e para nos conduzir nos caminhos do mundo.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 2** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu não estás nos fortes e nos poderosos; mas escolhes os simples, os humildes, os pequenos, aqueles que fazem da sua vida um serviço de amor aos outros, para serem a tua luz a iluminar o mundo.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 3** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque tu aproveitas o sofrimento daqueles que te servem e te amam para daí tirar vida e salvação para os homens e mulheres do mundo inteiro.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

**Criança 4** – Senhor Deus, nós te agradecemos porque enviastes a este mundo o vosso filho, Jesus Cristo, que veio iluminar os nossos caminhos, que veio ser o “Servo” de todos, que veio ajudar todos os homens e mulheres que o conheceram e que hoje continua a dar esperança e vida nova a todos nós.

**Todos** – *Senhor Deus, tu és a nossa vida e a nossa luz.*

O catequista pega no cartaz/mãos brancas e explica: Estas mãos simbolizam o serviço e a ajuda e, agora, também vão passar pelas nossas mãos (*o catequista entrega as mãos a uma das crianças dos pares ou pequenos grupos de crianças conforme estas estão para iniciar a sua leitura: uma criança pega nas mãos e levanta-as e outra pega na folha com o texto da oração*).

### **Criança 5 e 6:**

Senhor Deus,  
nós também somos pequenos, frágeis, simples;  
nós não temos poder nem mandamos nas outras pessoas...

### **Criança 7 e 8:**

Queremos ser teus "Servos",  
se tu quiseres enviar-nos.  
Aceitamos ser a tua luz que se acende no mundo  
e que ilumina a vida dos nossos pais, dos nossos irmãos,  
dos nossos amigos, dos nossos colegas.

### **Criança 9 e 10:**

Nós queremos, Senhor Deus,  
fazer gestos de bondade, de perdão, de ajuda, de amizade, de serviço  
para que a vida das outras pessoas seja mais alegre e mais feliz.  
Estamos aqui, Senhor, podeis enviar-nos como vossos servos.

*Repete-se o cântico.*

## **3. Compromisso:**

A nossa Quaresma está a chegar ao fim! Julgo – e vejo nas vossas **Barras Cronológicas** – que se esforçaram muito para cumprir o vosso Compromisso da Quaresma (*se tiver tempo e houver ambiente de confiança entre as crianças, e com o catequista, que o permita, o catequista pode pedir às crianças para referirem qual foi a sua escolha de Compromisso, registada no espaço da Catequese 14 da Barra Cronológica, e para contarem brevemente como se sentiram ao tentar cumpri-lo; naturalmente, o catequista deve incluir-se nesta partilha*). Tantos pontos coloridos! Que alegria! Hoje, vou só pedir-vos para, no espaço desta catequese, onde, ainda há pouco, registámos as qualidades e atitudes dos Interpretes de

Deus, escrevam também (*indicar o espaço que refere «Para aprender a ser Servo do Senhor, escolho, para experimentar na minha vida:»*) duas dessas qualidades e atitudes que querem começar já a imitar. Para vos ajudar a consegui-lo, sugeria que rezásseis todos os dias, até à Páscoa, o salmo de David que rezámos na última catequese e que está no vosso catecismo (SI 79, 1-4.9.11.13, na página 4 da catequese 18). Quando o fizerdes, registai na vossa Barra Cronológica, no espaço desta catequese, com um símbolo que vos agrade.

E, antes de sairmos, queria lembrar-vos que, na próxima catequese, vamos ter a nossa Celebração Pascal. Para tal, vamos preencher o convite - para as vossas famílias - na página 84 do vosso catecismo: dia... (*indicar*), pelas ... (*indicar*) horas, em ... (*indicar o local*). Mas, atenção, para premiar o vosso esforço de serdes profetas e verdadeiros servos do Senhor, ides convidar, cada um, um amigo vosso, da escola, da vizinhança, da família mais afastada e que habitualmente não vá à catequese, para viver esse dia convosco.

*Depois, o catequista deve dar **todas as indicações práticas** necessárias, conforme o que, com os demais catequistas do catecismo 5, ficou decidido quanto à Celebração - para tal, deve ter-se o cuidado de preparar a Celebração com a devida antecedência, garantindo a presença das famílias e dos amigos. Garante-se, também, os eventuais ensaios que se julguem necessários.*

### **Para guardar na memória e no coração**

O sofrimento daqueles que cumprem a vontade de Deus não se perde mas é usado por Deus para mudar o mundo.

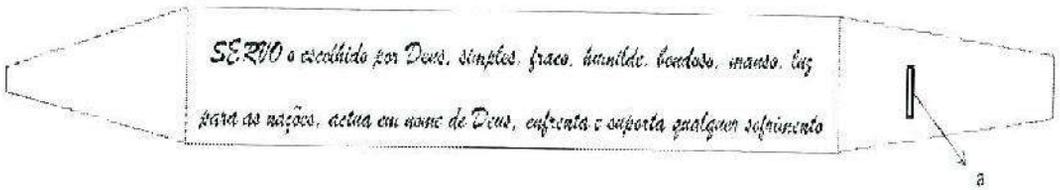
### III – DOCUMENTOS

#### ANEXOS

##### DOCUMENTO 1

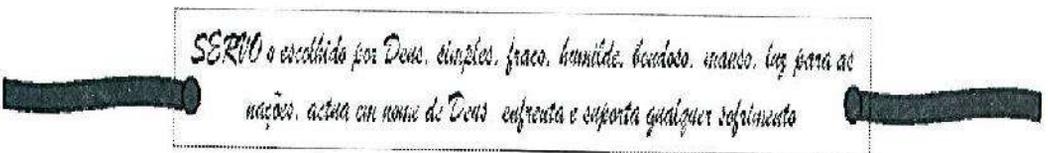
##### MODELO DAS PULSEIRAS

###### MODELO A



Nota: Este modelo de pulseira tem, como inspiração, a pulseira que colocada no braço dos bebés, aquando do seu nascimento para sua identificação, nas maternidades. Poderá ser feita numa simples folha de papel, colorida, ou em papel cartolina, de preferência forrada com plástico autocolante. De um dos lados tem um pequeno recorte (a), para que o lado oposto da pulseira possa ser enfiado e dobrado, segurando, desta forma, a pulseira no braço.

###### MODELO B



Nota: Este modelo de pulseira segue a mesma inspiração da anterior, mas é um modelo mais simples, alternativo, pois a pulseira é apenas atada por duas fitas, que estão de cada um dos lados da pulseira. Os buracos fazem-se com um furador de papel, depois de forrar a pulseira com o plástico autocolante.

## CRISTO, NOSSA PÁSCOA

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. A Páscoa dos hebreus

Há algumas semanas, na catequese número 12, a propósito da libertação do Povo de Deus da escravidão do Egito, falámos, de passagem, da origem da festa da Páscoa... Chegou, agora, a altura de aprofundarmos um pouco mais a nossa reflexão sobre este tema.

O nome "Páscoa" é a nossa versão do grego "paskha", derivado do aramaico "pasha" e do hebraico "pesah". Discute-se a origem desta palavra. A Bíblia, contudo, relaciona-a com o verbo hebraico "pasah", que pode significar "saltar", ou "passar". A palavra é, no livro do Êxodo, relacionada com a "passagem" de Deus pelo Egito, na noite da libertação (cf. Ex 12,12-13): Jahwéh "saltou" por cima das casas dos hebreus, que escaparam incólumes, enquanto os egípcios eram castigados por terem oprimido o Povo de Deus.

Na verdade, a festa da Páscoa era, na sua origem, uma festa de nómadas, celebrada de noite por toda a família, na lua cheia do equinócio da primavera, no dia 14 do mês de Abib (ou "das espigas"; após o Exílio na Babilónia, este mês passou a chamar-se mês de Nisan). Comportava o sacrifício de um cordeiro jovem (nascido no ano anterior), a fim de obter as bênçãos de Deus para o rebanho. O cordeiro devia ser assado inteiro, sem ser quebrado nenhum dos ossos do animal. A carne que não fosse comida devia ser queimada antes de nascer o dia seguinte. Os comensais comiam de pé, vestidos para a viagem. O sangue do cordeiro era recolhido e com ele eram marcadas as estacas das tendas, a fim de afastar do acampamento os espíritos maus que impediam a fecundidade e a vida. É possível que o rito inicial incluísse uma dança ("saltar") à volta do sacrifício ritual.

Esta festa nómada é antiquíssima. Os hebreus já a celebravam quando estavam no Egito. E foi na altura em que se celebrava esta festa que eles conseguiram fugir da escravidão e encontrar a liberdade. Dessa forma, a antiga festa nómada passou a fazer memória, para o Povo de Deus, do acontecimento mais marcante da sua história: a libertação do Egito. Cada ano, ao celebrar a festa da Páscoa, os hebreus reviviam aquele acontecimento fundamental, atualizavam-no e participavam dessa experiência de passagem da escravidão à liberdade.

A celebração desta festa conheceu, ao longo dos séculos, várias transformações. Por exemplo, com o decorrer do tempo, uma festa distinta – a festa dos ázimos, festa primaveril dos povos sedentários em que se comia pão sem fermento e se ofereciam aos deuses os primeiros frutos da terra – será agregada à festa nómada da Páscoa. Mais tarde, por influência dos “catequistas” que escreveram o livro do Deuteronomio, a velha celebração familiar transforma-se numa festa centrada no Templo de Jerusalém (cf. Dt 16,1-8). O rito adapta-se: o cordeiro deve ser imolado pelos sacerdotes, no Templo; o sangue do animal é derramado sobre o altar dos sacrifícios... Depois, o cordeiro já morto é trazido para casa para ser preparado e comido pela família na noite da Páscoa.

A refeição pascal era, contudo, um momento em que toda a família evocava a libertação do Egito e todos os outros momentos da história em que Deus tinha atuado para libertar o seu Povo. Ao “fazer memória” das intervenções libertadoras de Deus no passado, os hebreus afirmavam, também, a sua certeza na intervenção futura de Deus para, de forma definitiva, salvar o seu Povo. A celebração da Páscoa tinha, assim, um tom messiânico: anunciava o tempo novo que iria começar quando o “Messias” surgisse e derrotasse definitivamente todos os inimigos do Povo de Deus.

Como se desenrolava o “Seder” (a ceia pascal)?

Devia começar ao pôr do sol, com a família reunida à volta da mesa. A primeira cerimónia do “Seder” é a bênção do cálice de vinho (“kidush”) que se bebe apoiando o cotovelo sobre uma almofada de seda, símbolo da liberdade. Comem-se os aperitivos – ervas amargas molhadas no “haroset”, um doce feito com maçãs, peras, figos e outras frutas, e que recorda a escravidão do Egito. Depois, uma criança, a mais nova da família, faz as perguntas rituais sobre o sentido do “Pesah” (“Porque é que esta noite é diferente das outras noites?” “Porquê o cordeiro, o pão sem fermento, as ervas amargas?”). As respostas são dadas pelo chefe da família, que descreve em pormenor, num discurso evocador (“haggadah”), a escravidão dos hebreus no Egito e a

intervenção salvadora de Deus. No final da "haggadah", recita-se o Salmo 113. Em seguida, bebe-se uma nova taça de vinho. São colocados na mesa os pães ázimos, que são comidos depois de uma bênção. Come-se alface molhada no "haroset". Depois, é colocado na mesa o cordeiro pascal, que é distribuído pelos comensais. Serve-se uma terceira taça de vinho (o cálice do "azkarah", ou "memorial"), que é abençoada. Canta-se o Hallel pascal (Salmos 114-118). Bebe-se mais uma taça de vinho.

Após a refeição, as crianças vão em busca da sobremesa ("afikoman), um pedaço de pão ázimo escondido pelo pai no início da cerimônia. O pão encontrado é distribuído entre os presentes que, depois de o comer, não poderão tomar nada de sólido até ao final da noite, a fim de manterem na boca o sabor do pão ázimo. Faz-se, em seguida, a bênção de ação de graças e é tomada mais uma taça de vinho (a quinta), dedicada ao profeta Elias. O encerramento formal do "Seder" inclui uma série de canções e melodias que podem continuar pela noite adentro. A última canção, intitulada "No ano que vem em Jerusalém", expressa a esperança de que se estabeleça o Reino de Deus que, segundo a mentalidade judaica, deve irromper em Jerusalém, quando o Messias chegar para dar início a uma nova era, de felicidade e de vida sem fim.

## **2. A Páscoa cristã**

Durante a sua vida terrena, Jesus, como bom judeu, celebrou todos os anos a festa da Páscoa. E, segundo os Evangelhos, a sua vida terrena terminou na altura da celebração da festa judaica da Páscoa.

Marcos, Mateus e Lucas – os autores dos Evangelhos "Sinópticos" – apresentam, na véspera da sua morte, Jesus a celebrar a Páscoa judaica com os seus discípulos (embora nunca refiram o "prato principal" dessa refeição, o cordeiro pascal). O evangelista João tem uma perspetiva diferente e faz da última ceia de Jesus uma simples ceia de despedida, celebrada na antevéspera da Páscoa judaica. Discute-se qual destas duas possibilidades estará mais de acordo com a verdade histórica... Em qualquer caso, é inegável que a última ceia de Jesus foi celebrada tendo como pano de fundo o ambiente pascal e tendo em conta o rico simbolismo teológico da ceia pascal judaica. Toda essa ceia é marcada pela proximidade da morte de Jesus e pela sua interpretação. Os acontecimentos dramáticos que vão seguir-se – a prisão, tortura, crucifixão e morte de Jesus – estão em cima da mesa e condicionam as conversas dos comensais. É esse o cenário que marca a última Páscoa de Jesus com os discípulos.

Jesus tem consciência de que Ele é esse Messias a que os rituais da Páscoa judaica aludiam e que era esperado pelo Povo de Deus para dar início à era messiânica. E, na sua perspectiva, esse acontecimento está associado à sua morte próxima... As palavras que Ele pronuncia sobre o pão e sobre o vinho, identificados com o seu corpo e o seu sangue derramado, interpretam a sua morte iminente como o sacrifício que estabelece uma nova aliança entre Deus e os homens e que marca o início dessa nova era. Ponto alto de uma vida gasta a concretizar no mundo o projeto salvador do Pai, a sua morte na cruz é o momento do nascimento de uma nova humanidade, constituída por homens e mulheres novos, que escutaram e acolheram o projeto de Jesus e são capazes de amar até ao dom total de si mesmos.

Para a catequese primitiva – influenciada por este cenário pascal em que acontece a morte de Jesus na cruz – Jesus é o novo cordeiro pascal, cujo sacrifício anuncia a libertação definitiva da humanidade. O evangelista João, embora não situe a ceia de Jesus com os discípulos num contexto pascal, chega a fazer coincidir a morte de Jesus com a hora da imolação dos cordeiros pascais (que iriam ser comidos ao pôr do sol desse dia, nas casas, na ceia pascal – cf. Jo 19,36), no Templo de Jerusalém. Como, na antiga Páscoa, o cordeiro pascal comido pelos hebreus marcou o momento da passagem da escravidão para a liberdade, agora é a morte de Jesus – o novo cordeiro pascal – que marca o momento da libertação definitiva da humanidade...

E, neste contexto, que significa a Ressurreição? A Ressurreição de Jesus é a prova provada de que o Pai aceitou o sacrifício de Jesus e aprovou a sua proposta. A Ressurreição de Jesus “prova” a verdade do caminho proposto por Jesus como caminho de liberdade, como caminho de vida plena e definitiva. Para os cristãos, a Páscoa judaica desemboca na Páscoa de Jesus... Celebrar a Páscoa é, para os discípulos de Jesus, celebrar o sacrifício desse “Cordeiro” que nos libertou definitivamente do pecado e da morte – com a sua vida, com a sua proposta, com a sua morte e ressurreição – e nos ofereceu a vida em plenitude. Celebrar a Páscoa é celebrar esse dia novo em que nasceu, pelo sacrifício de Cristo, uma humanidade liberta do egoísmo e da maldade, que vive uma relação nova com Deus e que caminha iluminada pela luz que irradia do crucificado/ressuscitado. Celebrar a Páscoa é celebrar o momento mais bonito do projeto salvador e libertador de Deus em favor da humanidade.

### **3. A Páscoa dominical**

Jesus, crucificado numa sexta-feira do mês de Nisan, ressuscitou ao terceiro dia, “no primeiro dia da semana (cf. Mc 16,2). Foi, também, neste dia em que

os discípulos se encontraram com o Senhor ressuscitado (cf. Lc 24,30.42; Mc 16,14; Jo 20,19-26; 21,1-14)... Por isso, pelos tempos fora, os discípulos de Jesus começaram a reunir-se no "primeiro dia da semana", para celebrar a última ceia de Jesus, para celebrar o memorial da morte e da ressurreição do Senhor ("fazei isto em minha memória" – Lc 22,19). Esse dia passará a ser chamado "dia do Senhor", "dies domini" (ou Domingo). Sempre que a comunidade cristã se reúne para a celebração da Eucaristia, está a reviver a Páscoa do Senhor. Regressa àquela sala onde se celebrou a última ceia de Jesus com os discípulos e, em cenário pascal, celebra a entrega de Jesus, a sua morte e a sua ressurreição... Ao mesmo tempo, une-se a Jesus, escuta a sua palavra, proclama a sua adesão a essa vida nova que brota da Páscoa do Senhor e afirma a sua certeza no encontro final com o Senhor e com a vida definitiva. E, nessa altura, a comunidade cristã reunida e agradecida, repete: "anunciamos, Senhor, a vossa morte; proclamamos a vossa Ressurreição. Vinde, Senhor Jesus".

#### **4. A Páscoa anual**

Além da Páscoa dominical, existe também para os discípulos de Cristo a celebração anual que dá à Páscoa judaica um sentido novo... Ao celebrar a sua Páscoa, os judeus celebravam a sua libertação do jugo estrangeiro, aguardando um Messias que os viesse libertar definitivamente da opressão. Ao celebrar a sua Páscoa, os cristãos festejam a sua libertação – por Jesus Cristo, o Messias de Deus – do pecado e da morte; e unem-se a Cristo, crucificado e ressuscitado, para receberem dele vida eterna e definitiva. A festa da Páscoa é, para os cristãos, o centro de todo o ano litúrgico.

A celebração da Páscoa cristã é antecedida de um tempo longo, de cerca de quarenta dias, chamado Quaresma. O número quarenta evoca os quarenta dias e quarenta noites que Moisés passou na montanha, antes de receber as tábuas da Lei (cf. Ex 24,18); evoca os quarenta anos em que o Povo de Deus caminhou pelo deserto antes de entrar na Terra Prometida; e evoca, ainda, os quarenta dias e quarenta noites que Jesus passou no deserto, antes de começar a sua pregação (cf. Mt 4,2). É um número simbólico utilizado para significar o tempo necessário para preparar um acontecimento muito importante. Para preparar a festa cristã por excelência, a mãe de todas as festas, são necessários 40 dias...

Terminada a Quaresma, começa o chamado Tríduo Pascal. É constituído pelos três dias que antecedem o Domingo de Páscoa. Na Quinta-feira Santa, na celebração da Ceia do Senhor, a Igreja faz memória daquele momento em

que Jesus se reuniu com os discípulos para a última ceia e lhes deu o pão e o vinho, sacramento do seu corpo e sangue, sinais sacramentais dessa vida de doação e entrega ao Pai e aos homens que Ele viveu a cada passo. É, também, o dia em que se celebra a instituição da Eucaristia e do sacerdócio ministerial.

Na Sexta-feira Santa, a Igreja celebra a Paixão e Morte do Senhor Jesus, através de uma liturgia centrada na escuta da Palavra e na adoração da cruz. É um dia de contemplação, serena e agradecida, da entrega total do Senhor por toda a humanidade.

No Sábado Santo, a Igreja fica em silêncio a contemplar e a meditar esse mistério de amor que levou Jesus a dar-se na cruz, enquanto aguarda o momento de celebrar, com alegria, a Ressurreição.

No Domingo de Páscoa, celebra-se a Ressurreição, a festa do encontro com Jesus vivo, que liberta o seu Povo do pecado e da morte, que renova a sua Igreja e lhe dá vida plena.

A alegria que a Igreja experimenta ao celebrar a Ressurreição do Senhor é tão grande, que se prolonga durante 50 dias, através do tempo pascal, até à festa do Pentecostes.

## **OBJETIVOS**

- Celebrar o mistério pascal.
- Descobrir o sentido fundamental da festa da Páscoa: celebramos o facto de Jesus Cristo, ao cumprir até à cruz o plano do Pai, nos ter libertado de tudo aquilo que nos escravizava e destruía, oferecendo-nos a possibilidade de encontrarmos uma vida nova e definitiva.
- Sentir a alegria da vida nova que brota de Jesus ressuscitado.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Toda esta catequese pretende ser uma celebração viva do mistério da Páscoa, acontecimento bíblico, para isso, as crianças devem ser envolvidas ao máximo e sentirem-se comprometidas com o fundamental da festa da PÁSCOA. Embora no texto se indiquem seis leitores, cada parágrafo pode ser lido por uma das crianças, ou por pares de crianças, garantindo que, devidamente ensaiadas, todas participam ativamente. A leitura do Evangelho pode ser entregue a um pai ou uma mãe. Estes colaboram no acender das velas, tarefa que não deve ser feita pelas crianças, por razões de segurança. A distribuição das flores também deve ser feita pelas crianças.

2. A catequese tem duas partes iniciais e uma conclusão: na primeira parte reflete-se e celebra-se a Páscoa dos hebreus e aquilo que ela significou para o Povo de Deus, no seio do qual haveria de nascer Jesus, tendo-a, Ele mesmo, celebrado muitas vezes, ao longo da sua vida e, pelo menos no seu contexto teológico, tendo-a vivido uma última vez com os seus amigos e discípulos, na véspera de ser entregue e condenado à morte; na segunda parte, reflete-se e celebra-se, com maior grau de profundidade e compromisso, a Páscoa dos cristãos – a principal festa dos seguidores de Cristo, o cume do Ano Litúrgico – e nunca é demais sublinhá-lo. Por fim, a celebração encaminha-se para que, sobretudo as crianças presentes, possam descobrir e reter que Cristo é a nossa Páscoa e que viver a Páscoa de Cristo, o dom da sua morte e ressurreição, é viver como Ele nos ensinou, experiência de aprendizagem que, como em dado momento da sua celebração, se recorda, as crianças têm vindo a aprender, experimentando e comprometendo-se com um modo novo, e revolucionário, de viver. De facto, desde que estão na catequese que esta é a Quaresma mais exigente com que as crianças foram confrontadas e o seu empenho e esforço deve ser sublinhado, assim como a alegria que essa nova vida lhes proporciona e que, de modo livre e espontâneo, poderão registar na sua Barra Cronológica.

### **PARTICIPANTES E INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO**

- As crianças do grupo, acompanhadas por familiares e amigos por elas convidados. Como anteriormente referido, deve procurar-se que as famílias estejam presentes e participem na Celebração. Também é fundamental receber bem as crianças convidadas pelos vários elementos do grupo, ajudando-as a integrar-se e a participar da melhor forma possível e tendo em conta que estas crianças – assim se indicou – em princípio não frequentam a catequese e poderão não ter qualquer prática religiosa. O acolhimento e as explicações que serão dadas a todos os participantes, mas tendo as crianças convidadas como principal alvo, devem ser preparadas pelo catequista com o grupo e introduzidas, quando necessárias, por alguns elementos do grupo (há sempre crianças mais desenvoltas que podem fazê-lo, sob orientação dos catequistas): procurar-se-á salientar, pois, o papel testemunhal das crianças.
- Logo no princípio da celebração, faça-se uma referência aos convidados, salientando a presença dos «amigos» e a alegria que é, para todos, recebê-los nesse dia. Louvem-se, também, as crianças pelo resultado do seu empenho em querer dar testemunho da presença de Deus nas suas vidas e do

entusiasmo posto em provar a sua capacidade para também serem intérpretes de Deus.

- Desde que todas as crianças estejam acompanhadas pelas famílias (recomenda-se que o catequista contacte as famílias para confirmar as presenças), devem sentar-se junto desta e ter a seu lado a criança convidada.
- Atendendo à temática central deste catecismo, recomenda-se que se reúnam nesta celebração, pelo menos, os vários grupos de catequese do catecismo 5, se os houver, para proporcionar a todos os presentes uma verdadeira experiência de «Povo de Deus», de comunidade de fé.
- Para que tudo decorra bem, procure-se que todos os intervenientes sejam bem preparados (nomeadamente os que participam no cortejo e nas leituras). Se se achar oportuno, faça-se um guião da celebração, não com todos os seus pormenores, mas, ao menos, com os cânticos.
- Além das crianças, familiares e dos seus jovens amigos, pode abrir-se a Celebração a toda a comunidade cristã.

### **LUGAR DA CELEBRAÇÃO**

- Dentro de um salão amplo, que facilite a movimentação;
- Dentro da sala da catequese. Mas só se nenhuma das propostas anteriores for possível e apenas no caso de a sala ter um tamanho que permita a participação das pessoas a convidar.

Em qualquer caso, procurar-se-á sentar as crianças e os seus pequenos convidados em volta de uma mesa, de tamanho adequado ao número dos participantes, ficando os adultos sentados, também à volta, mas numa(s) outra(s) fila.

### **MATERIAL**

- Guiões da celebração;
- Bíblia;
- Barras Cronológicas das crianças;
- Castiçal/Candelabro;
- Velas pequenas;
- Dois arranjos de flores (ou conforme o tamanho da mesa);
- Um pão e cachos de uvas;
- Uma flor para cada pessoa presente.

### **MÚSICAS**

Devem escolher-se cânticos familiares à comunidade, dando-se como exemplo, apenas, os seguintes:

- "Vamos cantar, irmãos" (J. Martins);
- "Senhor, Tu és a Luz que iluminará a Terra inteira";
- "Cantai ao Senhor um cântico novo";
- "**Aleluia... Ele é o Senhor**" (R. Monteiro);
- "Ressuscitou... Aleluia" (F. Acílio).

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### **Preparação da igreja/sala:**

*Decorar a mesa com dois ramos, não muito altos, de flores, se possível brancas e cor de laranja, invocando as cores da Barra Cronológica das crianças. Colocar a Bíblia sobre a mesa, em lugar de destaque. Deixar espaço para os pratos com pão e uvas, que serão entregues por duas crianças, conforme for mais bonito e adequado. Se possível, colocar também uma "menorah" (candelabro de sete braços) com as velas acesas, sempre que se possa garantir a segurança de pessoas e objetos. À volta da mesa, colocam-se também as velas pequenas. Inicialmente, estão apagadas. Serão acesas no momento apropriado, com a ajuda de fósforos.*

### **CELEBRAÇÃO**

*Depois de todos sentados, a assembleia é dirigida no sentido de cantar o cântico de entrada:*

**"Vamos cantar, irmãos".**

*O Presidente (que pode ser o próprio catequista ou alguém por ele convidado, como o Pároco) entra, ladeado por duas crianças, vestidas com umas túnicas brancas e transportando uma, um prato com as uvas, outra, com o pão. Ao chegarem junto da mesa, o Presidente coloca-se no topo desta, sempre ladeado pelas crianças. Depois, estende as mãos para receber os pratos, que coloca na mesa. As crianças vão ocupar o seu lugar, dando-se início à celebração.*

#### **1. Saudação do Presidente**

***Vamos, de pé, iniciar esta celebração.***

*Presidente:*

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo,  
que nos libertou do egoísmo e da morte e nos deu vida nova esteja convosco.

*Todos:*

**Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.**

## **2. Acolhimento**

*Presidente:*

**(Dirigindo-se ao grupo, depois de ter mandado sentar as crianças e os convidados:)**

**Porque é que hoje estamos à volta desta mesa, enfeitada e com ar de festa?**

***Dando oportunidade para que algumas crianças respondam, continua:***

Porque queremos celebrar uma festa... O Senhor Deus convida-nos para celebrar a festa da libertação, a festa da vida.

Nós chamamos a esta festa "a festa da Páscoa".

**"Páscoa"** quer dizer **"passagem"**... Celebramos esse momento – ou esses momentos – em que Deus "passou" pelo meio do seu Povo para lhe oferecer a vida e a libertação.

Para o Povo de Deus, **a Páscoa** é a maior festa, **a festa mais importante de todas festas.**

Daqui a alguns dias, vamos celebrá-la, de forma muito solene, na nossa igreja; mas podemos começar, desde já, à volta desta mesa, a viver e a sentir a importância e o significado dessa festa.

## **3. A Páscoa dos hebreus**

Vós, e mais particularmente as crianças da catequese que hoje aqui se reúnem com as suas famílias e amigos, tendes vindo a fazer um caminho de preparação séria e bonita da Páscoa, a viver uma Quaresma de crescimento e de mudança! Mais concretamente, *(o Presidente mostra aos participantes a Barra Cronológica de uma das crianças)*, o vosso caminho de preparação está aqui registado, numa Barra Cronológica que ides construindo através dos vossos esforços. Nesse sentido, e na catequese 13, haveis renovado a vossa Aliança de amor com Deus, nosso salvador, através de um compromisso sério de amar a Deus e de amar o próximo *(catequese 14)*. Depois, haveis feito um compromisso pessoal de mudança *(catequese 15)* e haveis interiorizado como Deus vos chama e vos confia uma Missão, vos quer chamar a ser profetas, testemunhando a sua Palavra *(catequese 16)*. Para tal, a vossa reflexão, feita na catequese e com o auxílio da oração persistente, haveis decidido converter-vos ao Senhor Nosso Deus e mudar, aprender a

ser uma pessoa melhor (*catequese 17*), a crescer e amadurecer, compreendendo o valor salvífico do sofrimento (*catequese 18*) e esforçando-se por servir (*catequese 19*). Hoje, estamos aqui a celebrar este caminho, esta viagem, que fazéis na catequese, procurando ser aquilo que o Senhor pede a cada um e, com as vossas famílias e amigos, a dar testemunho da vossa fé. Estou muito feliz por isso e espero que essa felicidade seja partilhada por todos os presentes.

*Depois de uma brevíssima apresentação dos familiares e outros convidados, feita pelas crianças, prossegue:*

Vamos, agora, escutar um resumo do que haveis aprendido sobre a História do Povo de Deus e os acontecimentos que levaram à Páscoa.

*O Presidente dá a indicação aos dois primeiros leitores para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva:*

**Leitor 1** (*uma criança*) – Há muitos, muitos séculos, no início da primavera, depois de terem desaparecido o frio e a escuridão do inverno, as famílias de pastores faziam uma festa e agradeciam a Deus a vida nova que começava a aparecer com o nascimento dos primeiros cordeiros dos rebanhos. Era assim a primeira festa da Páscoa.

**Leitor 2** (*um adulto*) – Há muitos, muitos séculos, no início da primavera, no dia 14 do “mês das espigas”, as famílias de pastores assavam e comiam, à volta da mesa, um cordeiro do rebanho. Comiam, também, algumas ervas e pão. À volta da mesa, antes de partir com o rebanho para as novas pastagens, cada família louvava esse Deus que dá vida aos homens e aos animais. Era assim a primeira festa da Páscoa.

**Presidente** – Isso que vós dissestes é verdade... Mas, há muitos séculos, nessa noite em que se celebrava a festa da Páscoa, o Povo de Deus conseguiu fugir da escravidão e tornar-se um povo livre. E assim nasceu a Páscoa dos hebreus.

**Leitor 1** – O que é que aconteceu de especial nessa noite?

**Presidente** – Sabeis que o Povo de Deus esteve muitos anos prisioneiro no Egito, tendo que trabalhar para os egípcios em condições muito duras e difíceis. Os membros do Povo de Deus eram maltratados e sofriam muito.

Toda a gente estava triste, desanimada e sem esperança... Parecia que nunca mais conseguiriam sair daquela situação.

Mas, no início da primavera, precisamente na altura em que estavam a celebrar a **festa da Páscoa, a festa da vida nova**, Deus ajudou-os a fugir aos egípcios e a tornarem-se livres. Deus "**passou**" por ali, para **libertar** o seu Povo; e os hebreus saíram do Egito nessa noite em que comeram o cordeiro assado, com ervas e pão... Quando nasceu a manhã do novo dia, eles já estavam a caminho da liberdade.

A partir dessa data, sempre que celebravam a **festa da Páscoa**, lembravam-se da noite em que Deus os tinha salvo e os tinha posto a caminho da liberdade... Todos os anos, ao celebrar esta festa, eles agradeciam a Deus por os ter libertado e pediam a Deus que continuasse a salvá-los sempre que alguém os oprimisse e lhes fizesse mal.

**A festa da Páscoa passou assim a ser, para os hebreus, a festa da libertação, a festa em que celebravam o Deus libertador e salvador.**

***O presidente envia os leitores para os seus lugares e convida os presentes a pegarem nas velas pequenas que estão sobre a mesa e a acende-las; conforme o número de pessoas presentes, alguns adultos deslocam-se ao longo das filas de cadeiras, proporcionando a todos a chama de um fósforo.***

**Presidente:** Quando acendemos estas velas, passamos a ter mais luz. Este gesto recorda-nos aquela noite em que Deus "**passou**" no Egito e **libertou** o seu Povo, fazendo com que a noite da escravidão se tornasse **um dia novo, um dia cheio de luz, de esperança, de claridade.**

*Com as velas acesas, de pé, cantam todos o cântico:*

**"Senhor, Tu és a luz que ilumina a terra inteira."**

*Acabado o cântico, o Presidente pede para apagarem as velas e as colocarem, de novo, na mesa. Sentam-se para continuar a celebração.*

#### **4. A Páscoa dos cristãos**

**Presidente – Jesus celebrou esta Páscoa dos hebreus?**

*Deixar as crianças exprimir-se por uns momentos para, de seguida, continuar a explicação da Páscoa dos cristãos:*

Claro que sim. Todos os israelitas a celebravam, todos os anos. Mais: no dia em que ele foi preso, tinha estado a celebrar com os seus amigos a **feira da Páscoa...**

Querem saber o que aconteceu durante essa última celebração que Jesus fez com os seus amigos?

Vamos ouvir de pé como S. Lucas que, como haveis aprendido na catequese do ano passado, escreveu um livro, um Evangelho, a falar sobre Jesus, nos conta este episódio (**Lc 22,7-20**):

*Esta leitura deve ser feita diretamente da Bíblia, que está sobre mesa, pelo catequista ou, caso as restantes leituras sejam feitas pelas crianças, em exclusivo, por um pai ou uma mãe.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Todos:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho segundo S. Lucas.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

**Chegou o dia dos Ázimos, em que devia sacrificar-se o cordeiro, e Jesus enviou Pedro e João, dizendo:**

**«Ide preparar-nos o necessário para comermos a ceia pascal».**

**Perguntaram-lhe:**

**«Onde queres que a preparemos?»**

**Respondeu:**

**«Ao entrardes na cidade,**

**virá ao vosso encontro um homem transportando uma bilha de água.**

**Segui-o até à casa em que entrar e dizei ao dono da casa:**

**'O Mestre manda dizer-te: Onde é a sala**

**em que hei de comer a ceia pascal com os meus discípulos?'**

**Mostrar-vos-á uma grande sala mobilada, no andar de cima.**

**Fazei aí os preparativos».**

**Partiram, encontraram tudo como Jesus lhes tinha dito**

**e prepararam a Páscoa.**

**Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os apóstolos com Ele.**

**Disse-lhes:**

**«Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus».**

**Tomando uma taça, deu graças e disse:**

**«Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus».**

**Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo:**

**«Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória».**

**Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo:**

**«Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós».**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Todos:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Ainda com todos de pé:*

**Presidente – Nessa celebração da Páscoa, Jesus disse palavras e fez gestos que não era costume dizer nem fazer na celebração da Páscoa dos judeus.**

Na Páscoa dos judeus, falava-se sobretudo daquele momento em que Deus libertou o seu Povo do Egito; e falava-se, também, de outros momentos da história em que Deus tinha salvo o seu Povo daqueles que o oprimiam e escravizavam...

**Na celebração da última Páscoa de Jesus com os seus discípulos, de que é que se falou? Algum de vós sabe dizer?**

***De novo se dá a palavra às crianças, permitindo avaliar se elas estão a compreender a mensagem da celebração e facilitando a apreensão para os convidados para quem esta mensagem seja uma eventual novidade. Depois, o Presidente prossegue:***

Falou-se, sobretudo, do sofrimento que esperava Jesus e da sua morte, que ia acontecer daí a poucas horas. Jesus disse, claramente, que ia “padecer” – isto é, que ia sofrer muito.

Pegou num pedaço de pão e, depois de convidar os discípulos a comê-lo, disse-lhes que esse pão era o seu corpo, que ia ser entregue à morte; pegou num cálice com vinho e disse que aquele vinho era o seu sangue, que ia ser derramado (ele estava a falar do momento em que o iam matar na cruz e em que o seu sangue ia sair das feridas que lhe fizeram nas mãos, nos pés e no coração...

Algum de vós, meus jovens amigos, sabe explicar porque é que numa festa que celebrava a libertação do Povo de Deus, Jesus falou tanto da sua morte? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para:)*

A resposta a esta pergunta parece difícil, mas é simples: porque **ao morrer na cruz, Jesus estava a libertar o Povo de Deus...** É verdade: a morte de Jesus trouxe vida e libertação para o Povo de Deus.

**Como é que Jesus nos libertou? Como é que Jesus nos salvou?**

Vamos continuar a nossa celebração e assim iremos perceber como JESUS nos salvou.

*O Presidente dá a indicação aos dois próximos leitores para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva:*

**Leitor 3** (criança) – Ele passou toda a sua vida terrena a ensinar-nos como é que nós devíamos viver para sermos livres e felizes... Mostrou-nos que não devíamos ser egoístas, nem fazer mal às outras pessoas;

**Leitor 4** (adulto) – Ele disse-nos que não devíamos odiar ninguém, mas devíamos amar todos os homens e mulheres, mesmo aqueles que nos fazem mal;

**Leitor 3** – Ele disse-nos que devíamos perdoar e acolher as outras pessoas, mesmo quando elas falhavam;

**Leitor 4** – Ele disse-nos que não devíamos esquecer-nos das necessidades dos outros, mas devíamos partilhar o que temos;

**Leitor 3** – Ele disse-nos que não devíamos querer ser servidos pelos outros, mas devíamos estar ao serviço de quem precisasse da nossa ajuda...

**Leitor 4** – E Ele morreu porque alguns homens não concordavam com estas coisas e não queriam que o mundo fosse assim construído...

**Presidente:**

Tudo isso, que dissestes, é verdade: Jesus morreu para nos ensinar a viver bem; Ele morreu para nos libertar do egoísmo e da maldade; Ele morreu para nos ensinar que não devíamos ser escravos do dinheiro ou do poder.. Ele morreu para que nós fôssemos livres e tivéssemos vida, vida verdadeira.

*O Presidente dá a indicação aos dois leitores para voltarem para os seus lugares e aos seguintes para se aproximarem e colocarem, um do seu lado direito, o outro, do seu lado esquerdo, e iniciarem a leitura respetiva continuando a celebração:*

**Leitor 5** (criança) – Cristo é a nossa Páscoa. Ele, com a sua vida e com a sua morte, tornou-nos livres e deu-nos vida.

**Leitor 6** (criança) – Cristo é a nossa Páscoa. Ele gastou a sua vida, até à morte, para nos ensinar o caminho da liberdade e da vida nova.

**Presidente** – Foi isso que Ele nos disse quando nos mandou comer o seu Corpo e beber o seu sangue derramado... Mandou-nos aceitar dentro de nós essa vida de amor, de perdão, de partilha, de entrega, de serviço, que Ele nos veio ensinar a viver.

**Leitor 5** – **“Tomai e comei, isto é o meu Corpo entregue por vós”. As minhas palavras, os meus gestos, acolhei-os no vosso coração e vivei assim.**

**Leitor 6** – **“Tomai e bebei, isto é o meu sangue”. O meu amor, esse amor que me levou a dar a minha vida até à morte, deve estar sempre no vosso coração e levar-vos a ter gestos de amor e de bondade parta com os outros.**

**Presidente** – E, no terceiro dia, o Senhor Deus mostrou que esse caminho que Cristo nos veio ensinar é um caminho de Vida, não de morte: Deus ressuscitou Jesus e Ele apareceu vivo aos seus discípulos.

**Todos:**

Nós sabemos que Jesus está vivo e que veio dar-nos Vida.

**Presidente:**

**Porque Jesus está vivo, vamos voltar a acender as nossas velas mas, desta vez, como sabemos que Ele venceu a morte e que a sua luz nunca mais se extingue, vamos mantê-las acesas, com todo o cuidado, tal como fazemos com a luz da nossa fé.**

*O presidente convida os presentes a pegarem, de novo, nas velas pequenas que estão sobre a mesa, a acende-las e a conservá-las acesas; conforme o número de pessoas presentes, alguns adultos deslocam-se ao longo das filas de cadeiras, proporcionando a todos a chama de um fósforo. O presidente prossegue:*

Cantemos, pois, em sinal de alegria, pois o Senhor está vivo e veio dar-nos a verdadeira Vida.

**Cântico: “Aleluia... Ele é o Senhor”**

**Leitor 5** – Senhor Jesus, Tu aceitaste viver para nós e morrer por nós, para nos ensinar a viver bem, como pessoas livres. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 6** – Senhor Jesus, Tu gostavas tanto de nós, que até deixaste que te matassem para nos ensinar a viver no amor. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 5** – Senhor Jesus, Tu eras um Deus grande e poderoso, mas fizeste-te o servo de todos nós para nos ensinar a servir os nossos irmãos e irmãs. Muito obrigado!

**Todos** – **És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Leitor 6** – Senhor Jesus, a tua ressurreição disse-nos que quem seguir um caminho como o teu não morrerá, mas terá sempre vida. Muito obrigado!

**Todos – És tu, Senhor Jesus, quem nos dá vida. Aleluia!**

**Presidente – Descobrimos hoje, aqui, que Jesus, ao ensinar-nos a viver – a amar, a servir, a perdoar, a partilhar – nos libertou do mal e nos deu vida.**

Vamos lá para fora dizer isto, mostrar isto, com o nosso amor, com os nossos gestos de bondade e de perdão, com a ajuda que vamos dar a todos aqueles que precisam de nós.

**Vamos dar testemunho da vida nova que Jesus nos deu e que nós queremos mostrar a todos os homens e mulheres.**

Como sinal dessa vida nova que aqui descobrimos e que queremos levar lá para fora, vai ser-nos dada uma flor. Vamos levá-la para casa e vamos explicar à nossa família, aos nossos amigos, aos nossos colegas da escola e do trabalho, que esta flor é o sinal da vida nova que Jesus, **a nossa Páscoa**, a todos nos deu.

*O catequista, ajudado por todas as crianças do grupo, distribui uma flor a cada participante e convida os participantes a levar a sua vela para casa ou a colocá-la junto do altar na igreja, a ser possível, sem as apagar.*

**Presidente** (adaptando às circunstâncias dos presentes):

E agora, antes de voltarmos às nossas vidas e aos locais em que o Senhor nos pede para O testemunharmos e o anunciarmos, quero pedir-vos, em primeiro lugar, a vós, crianças deste(s) grupo(s) de catequese, que continueis o vosso caminho, sem hesitação, sem receio, a construção do vosso percurso de fé, simbolizado e retratado na Barra Cronológica que tendes construído, como membros do Povo de Deus. Aos pequenos amigos, que hoje os acompanharam, quero voltar a saudar-vos, com alegria, e manifestar-vos o gosto que todos sentimos de vos acolher aqui e a oportunidade de celebrar o Senhor convosco. Foi com grande entusiasmo que os vossos colegas vos receberam e que, no futuro, abrirão as portas da sua catequese a cada um de vós, quando quiserdes visitar-nos ou ficar connosco. Às famílias, agradeço o empenho na construção desta comunidade através do acompanhamento que dais à catequese dos vossos filhos/netos/educandos, irmãos, afilhados

... é com o esforço de cada um que uma comunidade se faz vida, com a conversão possível dos nossos corações.

Sugeria a todas as crianças da catequese que, na sua **Barra Cronológica**, no espaço desta catequese, registassem as suas impressões sobre este dia, a alegria que aqui se viveu, o amor a Deus e ao próximo que, juntos, experimentámos.

*Antes de convidar os presentes a participar num lanche de convívio – de preferência bem organizado e partilhado – o presidente recorda os horários e convida as várias famílias a participar nas cerimónias que se aproximam, do Triúdo Pascal. É importante que convoque as crianças para a aproximação ao Sacramento da Reconciliação, se não se tiverem confessado, individualmente ou a partir de uma Celebração Penitencial, antes desta celebração.*

*Presidente:*

**Bênção.**

**Cântico final:**

**“Ressuscitou... Aleluia” (F. Acílio)**

***Para guardar na memória e no coração***

O Senhor é a nossa Páscoa, Ele é a luz nas noites do mundo, é a glória do dia, é a estrada da vida. O Senhor é a nossa Páscoa, o Senhor que ama os homens, o Senhor que nos curará. É no Senhor que tu viverás!

(adaptado de R. Monteiro)

## **"DEUS RESSUSCITOU-O" (At 13, 15)**

### INTRODUÇÃO

#### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

#### **1. As primeiras confissões de fé cristãs estão centradas na afirmação essencial da Ressurreição de Jesus:**

"Deus ressuscitou Jesus de entre os mortos". Desse elemento essencial do *kerigma* primitivo (primeiro anúncio sobre Jesus) encontramos ecos em diversos textos paulinos e nos Atos dos Apóstolos... Paulo, por volta do ano 50, na primeira Carta aos cristãos de Tessalónica (que é o documento mais antigo de todos os documentos que constituem o Novo Testamento), convida os cristãos dessa cidade a "servir o Deus verdadeiro" e a "aguardar do Céu o seu Filho, que Ele ressuscitou de entre os mortos" (1 Tes 1,9-10). Por volta do ano 56, na primeira Carta aos Coríntios, Paulo recorda o "credo" que recebeu da tradição. Este "credo" compreende a morte, a sepultura, a ressurreição e as aparições de Jesus ressuscitado: "Lembro-vos, irmãos, o evangelho que vos anunciei, que vós recebestes, no qual permanecéis firmes e pelo qual sereis salvos, se o guardardes tal como vo-lo anunciei; de outro modo, tereis acreditado em vão. Transmíti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos" (1 Cor 15,1-7).

Lucas, descrevendo os acontecimentos do dia do Pentecostes, coloca na boca de Pedro a seguinte confissão de fé: "Jesus de Nazaré, homem

acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa. Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o desígnio da morte. (...) Foi este Jesus que Deus ressuscitou e disto nós somos testemunhas” (At 2,22-24.32). Este mesmo testemunho é repetido por Pedro diante do Povo, no Templo de Jerusalém, sob o pórtico de Salomão (“Destes a morte ao Príncipe da Vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos, e disso nós somos testemunhas” – At 3,15), e mais tarde diante do Sinédrio (“É em nome de Jesus de Nazaré, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos, é por Ele que este homem se apresenta curado diante de vós” – At 4,10).

Não há qualquer dúvida: o facto da Ressurreição de Jesus é o elemento fundamental da fé dos primeiros cristãos e o núcleo do primeiro anúncio cristão. Nem Paulo, nem os Atos dos Apóstolos descrevem a Ressurreição de Jesus. Mas afirmam-na como um facto indiscutível, à volta do qual se constrói a vida e a experiência de fé das primeiras comunidades cristãs; é deste elemento essencial que os cristãos vivem, é por ele que eles morrem, é dele que dão testemunho. Para a Igreja primitiva, só há uma certeza fundamental: Jesus ressuscitou. Como se chegou a este elemento essencial da fé cristã? Os textos dos nossos “Evangelhos” não descrevem a ressurreição de Jesus. Informam-nos, apenas, sobre o sepulcro vazio e referem as aparições do ressuscitado. A Ressurreição, em si, não teve testemunhas. Há quem diga que esta ausência de qualquer relato sobre a Ressurreição de Jesus constitui a melhor garantia de que os Evangelhos não são obra de falsários: se o fossem, teriam inventado um relato cheio de pormenores. O digno silêncio que mantêm sobre o momento da Ressurreição de Jesus, contudo, fala bem alto e remete-nos para o Mistério de Deus.

## **2. O sepulcro vazio**

De forma diferente, mas coincidente, os Quatro Evangelhos afirmam que o túmulo onde Jesus foi colocado foi encontrado vazio na manhã do primeiro dia da semana.

Lucas apresenta um grupo de mulheres a ir ao sepulcro de Jesus, “no primeiro dia da semana”, para ungir o corpo com aromas e perfumes; no entanto, encontram o túmulo vazio e recebem de “dois homens com trajas resplandecentes” a notícia de que Jesus ressuscitou (cf. Lc 24,1-12). Marcos e Mateus, por seu lado, falam de um grupo de mulheres que, antes de entrar

no túmulo, reparam que a pedra da porta do sepulcro foi removida. Um anjo com aspeto “de um relâmpago” e “uma túnica branca como a neve” (Mateus), ou um jovem vestido com uma túnica branca (Marcos), anunciam que Jesus ressuscitou e convidam as mulheres a comprovar que o seu corpo não está ali (Mc 16,1-8; Mt 28,1-7). Que pensar destes relatos?

Há quem considere como não histórico o dado do sepulcro vazio: seria uma construção da comunidade para afirmar a sua fé na ressurreição de Jesus. Há, no entanto, um elemento que aponta no sentido da autenticidade dos relatos: todos eles afirmam que foi um grupo de mulheres a encontrar o túmulo vazio e a dar testemunho desse facto... Se isto não fosse verdade, porque é que alguém se lembraria de invocar o testemunho de algumas mulheres, uma vez que, no ordenamento jurídico da época, o testemunho das mulheres não tinha qualquer valor legal? Por outro lado, se o túmulo vazio não fosse uma realidade, a mensagem pascal não teria sido, pelo menos em Jerusalém, imediatamente desmascarada?

Há, no entanto, quem observe que o facto de o túmulo ter aparecido vazio não é decisivo: o corpo poderia ter sido roubado, trasladado para outro lugar ou, até, reanimado (no caso de a morte de Jesus não ter sido real, mas apenas aparente); também há quem fale no “túmulo errado”: como Jesus foi sepultado à pressa, as mulheres não teriam fixado bem o autêntico túmulo de Jesus e procuraram o corpo no túmulo errado...

Estas objeções não podem ser descartadas sem mais. Aliás, a própria catequese primitiva considerou-as... É por isso que Mateus refere um elemento que, historicamente, parece pouco provável, mas que se insere na polémica com os judeus a propósito do anúncio cristão da Ressurreição de Jesus: as autoridades colocaram guardas ao túmulo de Jesus para que os discípulos não o roubassem e não dissessem, depois, que Jesus teria ressuscitado (cf. Mt 27,62-66). Os próprios discípulos de Emaús (cf. Lc 24,22-24) recusam acreditar que o sepulcro vazio signifique que Jesus ressuscitou.

O sepulcro vazio parece ser um facto; mas, por si só, não pode constituir uma prova da ressurreição de Jesus. “Os discípulos não apelam nunca à descoberta do sepulcro vazio para robustecer a fé da Igreja ou para refutar e convencer os adversários. A fé no ressuscitado é, pois, independente do sepulcro vazio. Tal sepulcro não determina o acontecimento pascal; na melhor das hipóteses, ilumina-o. O sepulcro vazio não é um artigo de fé: não é fundamento nem objeto da fé pascal. Segundo a mensagem neo-testamentária, não é preciso acreditar através do sepulcro vazio e, muito menos, no sepulcro vazio. A fé cristã não convoca o sepulcro vazio, mas o

encontro com o Cristo vivo: «*Porque buscais entre os mortos aquele que está vivo?*» (Lc 24,5).

O túmulo vazio nada prova, nada explica. Remete para o Mistério. Se houvesse apenas o túmulo vazio, jamais teria havido fé pascal. Há fé pascal porque houve aparições. Mas, se o túmulo não tivesse ficado vazio, as aparições não teriam sido críveis.

### **3. As aparições do ressuscitado**

Os relatos sobre as aparições do Ressuscitado estão por todo o lado, nos textos neo-testamentários. Contudo, uma análise minuciosa dos textos mostra discrepâncias e contradições, de autor para autor, quer quanto aos personagens implicados, quer quanto à localização dos factos, quer mesmo quanto à cronologia dos acontecimentos...

Alguns dos relatos de aparição do Ressuscitado pertencem a um género que poderíamos chamar "aparições particulares". São "aparições" a personagens particulares, normalmente a personagens secundários: as santas mulheres (cf. Mt 28,28,9-10), Maria Madalena (cf. Mc 16,9-11; Jo 20,11-18), os discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35; Mc 16-12-13). Trata-se, nesses casos, de relatos únicos, com a indicação do lugar (junto do túmulo, no jardim, no caminho para Emaús) e das palavras que foram ditas. Referem experiências singulares, de um tal personagem, com uma determinada mensagem.

Outros relatos pertencem a um género que se poderia chamar "aparições aos Onze". São relatos que nos colocam em circunstâncias muito diversas, de evangelista para evangelista... Mateus fala de uma aparição aos Onze, num monte da Galileia (cf. Mt 28,16-19); Marcos refere uma aparição aos Onze quando estes estavam à mesa, num local não referenciado (cf. Mc 16,14-18); Lucas fala de uma aparição no Cenáculo, em Jerusalém (cf. Lc 24,36-49); e João refere uma aparição no Cenáculo (cf. Jo 20,19-25), repetida uma semana depois, no mesmo lugar (cf. Jo 20,26-29), e de uma última aparição, na Galileia, enquanto os discípulos pescavam (cf. Jo 21,1-23).

Paulo, por sua vez, evocando a Tradição recebida, fala de aparições "a Cefas e aos Doze", a "mais de quinhentos irmãos, de uma só vez", de uma aparição "a Tiago" e, a seguir, a todos os Apóstolos" (cf. 1 Cor 15,5-7). Alguns dos "casos" referidos por Paulo não aparecem nos relatos evangélicos. Que pensar desta diversidade e desta falta de harmonia? Seria intrigante e estranha, se não soubéssemos que o objetivo dos autores neo-testamentários não é apresentar uma biografia do Ressuscitado, mas sim uma catequese sobre a experiência pascal dos discípulos. Nas "aparições aos Onze", em

concreto, não temos uma reportagem “filmada” dos acontecimentos, mas sim uma esquematização do encontro do Senhor Ressuscitado com os seus Apóstolos, um encontro reiterado num tempo mais ou menos longo (da Ascensão ao Pentecostes) e num espaço físico alargado (da Galileia a Jerusalém). Nesse “encontro” alargado no tempo e no espaço, vão sobressaindo diversos momentos: a dúvida dos discípulos, depois o reconhecimento e a certeza da presença do Ressuscitado vivo e, por fim, a consciência da Missão. Não estamos, evidentemente, a falar de experiências subjetivas ou de alucinações coletivas; estamos a falar de verdadeiros encontros entre Jesus e os seus, de fortes experiências da presença do Ressuscitado, vivo e atuante na vida e no caminho dos discípulos. É essa experiência, fundamental e fundamentada, verdadeira e palpável, que os relatos – cada um de uma forma muito própria – procuram transmitir-nos. Contudo, os relatos que chegaram até nós não são reportagens... O *como*, *quando* e *onde* é, neste contexto, secundário; o essencial é este facto fundamental: Jesus está vivo; Deus ressuscitou-O. “Ninguém duvida que Jesus apareceu aos Apóstolos, mas não sabemos *como* é que apareceu. As narrativas não têm por intenção descrever esse *como*, mas apenas a *verdade* da ressurreição de Jesus” (Carreira das Neves, *Jesus Cristo, História e Mistério*, Editorial Franciscana, Braga 2000, 240-241).

#### 4. A ressurreição de Jesus: um facto histórico?

A ressurreição de Jesus será um facto comprovável com o método experimental da ciência histórica? Objetivamente, não. A Ressurreição de Jesus não foi um acontecimento que pudesse fotografar-se e documentar-se. Estamos diante de algo que é de outro âmbito, um âmbito que escapa à observação histórica e que se situa no âmbito da fé; estamos diante de uma obra de Deus que ultrapassa a história e que tem as dimensões de Deus. A ciência histórica não tem meios para comprovar algo que ultrapassa infinitamente o âmbito humano. A ressurreição não é um facto empiricamente verificável, como foi a crucifixão e a morte de Cristo.

No entanto, dizer que a ressurreição de Jesus não pode ser comprovada pela ciência histórica, não significa que ela não seja um acontecimento *real*. Alguns críticos consideraram que a ressurreição de Jesus, uma vez que não podia ser comprovada pela história, era apenas um produto da imaginação ou da idealização da comunidade crente; mas é um erro crasso considerar que é real apenas aquilo que pode ser objetivamente comprovado pela história. Os relatos de ressurreição, tal como nos chegaram, têm valor histórico? É preciso ter em conta que esses relatos não são obra de *informadores*, mas

sim de *testemunhas* da ressurreição. O *informador* é alguém que procura transmitir uma informação objetiva sobre um acontecimento; a *testemunha*, neste contexto, não é aquele que nos relata de forma objetiva e racional o que viu, mas é um *crente*, cujo testemunho não é neutro: está influenciado pela dimensão da fé.

A ressurreição de Jesus, tal como nos é transmitido pelos textos que chegaram até nós, é um *acontecimento interpretado*, que não se pode atingir a não ser a partir da linguagem própria da fé pascal. É por isso que temos uma multiplicidade de relatos: trata-se de uma experiência de fé, que cada um "diz" na sua linguagem própria. Há, no entanto, um facto que pode ser verificado historicamente: a espantosa transformação operada nos discípulos. De um grupo isolado, com medo, frustrado, desanimado vemos, de repente, nascer uma comunidade viva, decidida, animada, cheia de esperança e que parte pelo mundo a anunciar o projeto libertador de Jesus de Nazaré. É esta transformação que é preciso explicar; e a explicação torna-se mais fácil à luz dos relatos da ressurreição: foi o encontro com Jesus vivo e ressuscitado que transformou os discípulos e os tornou *testemunhas* a partir de Jerusalém e até aos confins do mundo.

## 5. E nós?

E nós? Nós, discípulos de Cristo, caminhamos para a ressurreição, caminhamos para essa Vida nova que Cristo nos abriu e que nos espera. Cristo ressuscitou e também nós ressuscitaremos. "Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé" – dirá Paulo aos cristãos de Corinto, que tinham algumas dificuldades em lidar com a ideia da ressurreição (1 Cor 15,16-17).

Para Paulo, a Ressurreição de Cristo garante a nossa própria ressurreição. A fé em Cristo ressuscitado desemboca inexoravelmente na inquebrantável esperança de que também os cristãos ressuscitarão. "Cristo ressuscitou dos mortos como antecipação dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber vida. Mas cada um na sua ordem: primeiro Cristo; depois aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da sua vinda" (1 Cor 15,20-23). Jesus ressuscitou, não como o único, como um caso esporádico e excecional, mas como o primeiro. Ele é o princípio de uma nova humanidade, uma humanidade que começou com Ele, uma humanidade destinada à Vida. Ele, o homem que venceu a morte, arrasta atrás de si essa humanidade que se solidariza com

Ele e que o segue no caminho do amor e do dom da vida (o caminho que Ele veio indicar e propor).

## **6. O sentido teológico da ressurreição de Jesus**

Qual o significado da Ressurreição de Jesus? O que é que este acontecimento nos sugere, a nós que dele tomámos conhecimento, pela fé?

Antes de mais, a Ressurreição de Jesus Cristo, mostra-nos que Deus é a fonte e a plenitude da Vida. Deus não deixou o seu Filho no túmulo, mas ressuscitou-O ... Porque Ele é o Deus que dá Vida e o seu projeto é dar Vida plena e definitiva a todos os seus filhos e filhas. Esse Deus da Vida manifesta, assim, a sua disposição de frustrar os projetos de morte que roubam a Vida dos homens. Ele tudo fará para que a Vida triunfe sempre sobre a morte.

A Ressurreição de Jesus é, também, a sua proclamação solene como *Filho de Deus*, como *Messias libertador*, como *Kyrios* ("Senhor") dos homens e do universo. Jesus é o Filho que o Pai investiu de uma missão e que veio ao nosso encontro para cumprir o mandato que o Pai lhe confiou. Ao dar Vida ao Filho, o Pai está a garantir a verdade de Jesus e a autenticidade do projeto que Ele veio apresentar à humanidade; está a garantir que o caminho proposto por Jesus é o caminho certo para chegar à Vida.

A ressurreição de Jesus significa, também, a nossa libertação. Ao sair do túmulo na manhã de Páscoa, Ele mostrou que é possível derrotar definitivamente as forças da morte. Com a sua Ressurreição, Cristo mostrou que o fim último do homem não é o desaparecimento no nada, mas uma vida nova – a vida de Deus. A partir daqui, o homem pode enfrentar a vida sem medo, com alegria e com esperança, dando um sentido novo e pleno aos seus atos.

A ressurreição de Jesus mostra, além disso, que faz sentido lutar pela verdade, pela justiça e pela paz, contra os mecanismos de opressão, de violência e de injustiça. Cristo fê-lo e Deus, ao glorificá-lo, deu-lhe razão... Sempre que alguém se esforça – à imagem de Jesus – por construir um mundo novo, pode estar seguro que está a colaborar com o projeto de Vida que Deus tem para o mundo e para os homens.

A ressurreição de Jesus é, finalmente, uma manifestação do "Reino de Deus" na sua plenitude. É a amostragem desse mundo novo de homens novos que Jesus veio semear. Apresenta aquilo que os servidores do "Reino" podem esperar se continuarem a viver nessa dinâmica; anuncia um mundo onde todos – mesmo o pobre, o oprimido, o marginalizado, o injustiçado – terão vida em abundância.

Para terminar, há algo que não podemos deixar de ter em conta: a ressurreição de Jesus não é um acontecimento isolado do passado, que se torna para nós uma simples recordação, celebrada cada ano na Páscoa; mas é algo cuja força sentimos, que transforma a nossa vida e lhe dá sentido, que nos inspira na construção de um mundo de paz e de justiça, que nos transmite confiança e esperança. É, portanto, algo que está vivo, cujo dinamismo atua no nosso coração e que, através de nós, transforma o mundo.

A partir da ressurreição de Jesus, estamos, todos os dias, a ressuscitar – nós, as coisas, o mundo. Porque este dinamismo de vida que Jesus vivo e ressuscitado nos transmitiu, continua a agir em nós e, através de nós, a transformar o mundo.

## **OBJETIVOS**

- Descobrir o “Evangelho” da Ressurreição: esse Jesus que os homens condenaram à morte e crucificaram numa cruz está vivo, porque Deus fê-lo vencer a morte e o túmulo.
- Descobrir que a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade do caminho que Ele veio propor aos homens: ao ressuscitar o seu Filho, Deus disse-nos que a proposta de Jesus é verdadeira e válida para quem quer encontrar Vida.
- Perceber que a Ressurreição de Cristo também nos afeta a nós: quem adere a Cristo e percorre o caminho que Ele indicou, está “condenado” a ressuscitar, como Ele, está destinado à Vida eterna e verdadeira.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Como nesta catequese se pretende ajudar as crianças, mais uma vez, a descobrir a grande vitória sobre a morte (e o pecado) que representa a ressurreição de Jesus, verdadeiro «Evangelho», boa notícia, a real Experiência Humana que se pretende invocar é a vivência que as crianças tiveram da Páscoa, na sua comunidade de fé e aperfeiçoá-la, aprofundá-la, completá-la, sobretudo se os catequistas não conseguirem que todas as crianças sejam integradas nas celebrações do Triúdo Pascal, para todos, as grandes catequese da Igreja. A introdução da imagem do inverno e da primavera serve apenas para as ajudar a fazer uma certa análise dos seus sentimentos, a aprender a ligá-los a determinados acontecimentos, pelo que o catequista pode, também, recorrer à música, nomeadamente a uma gravação musical de Vivaldi, fazendo-as escutar um excerto do “inverno” e, depois, da “primavera”, d’«As Quatro Estações».

2. O catequista terá em conta que muitos dos conteúdos referidos nesta catequese já são conhecidos das crianças; importa, pois, lembrá-los, reforçá-los e, principalmente, introduzir a nova perspetiva apresentada pelos objetivos: a Ressurreição de Jesus garante a verdade e a autenticidade do caminho que Ele veio propor aos homens; a Ressurreição de Cristo também nos afeta a nós, pois nos compromete com um modo de viver e de ver a vida, o "modo" da salvação. Certamente muitas das crianças não poderão perceber inteiramente estas mensagens mas, outras, dependendo da sua maturidade e ambiente de vida, começarão, dentro em breve, a questionar-se sobre a verdade das "verdades" aprendidas na catequese e precisam ser preparadas para as enfrentar numa atitude de busca da Verdade e de compromisso com o Bem.

### MATERIAIS

- Bíblia;
- Uma vela, grossa e bonita ou um círio pascal;
- Posters: inverno; primavera; da Via Sacra da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4, tal como indicado mais adiante, ou o próprio Catecismo 4 das crianças, na catequese 22; Cristo Ressuscitado;
- Dísticos: "O túmulo de Jesus está vazio"; Jesus está vivo"; "Amar como Jesus amou é vencer a morte"; "Seguir Jesus é vencer a morte";
- Folhas com o texto da oração, uma para cada criança.

### MÚSICAS

- Gravação de excerto dos concertos "Inverno" e "Primavera" da coletânea de Vivaldi, «As Quatro Estações» e respetivo leitor;
- "Sou de Cristo, sou feliz".

## II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

### Preparação da sala:

No **placar**: poster com reprodução do quadro «A Última Ceia», da página 90 e 91 do catecismo, ou equivalente.

Na **mesa**: um prato com pão e um prato com uvas, semelhantes aos usados na catequese 20. A seu lado, a Bíblia.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois de recordar, em diálogo com as crianças, o tempo litúrgico que se vive na Igreja e as suas vivências na comunidade, o catequista prepara o ambiente para a descoberta e aprofundamento da experiência dos discípulos de Jesus após a sua morte, recordando, com as crianças, a experiência da catequese anterior, Celebração Pascal, o que fará com cuidado, procurando que as crianças se recordem de como se processou:*

Certamente estais lembrados da nossa última catequese! *(Deixar as crianças exprimir-se)* De facto, foi uma catequese especial porque tivemos aqui *(adequar às circunstâncias)* as famílias, os vossos amigos, o sr. Padre ..., que celebrou connosco ... Mas, apesar de ter sido tudo muito bonito, tal como haveis registado na vossa **Barra Cronológica** *(o catequista pode pedir às crianças para lhe mostrarem o seu registo no espaço da catequese 20)*, o mais importante de tudo foi ...aquela mesa à qual nos sentámos... não a mesa concreta, claro, mas aquilo que ela representava. Ora olhem lá para o placar e para a nossa mesa de hoje, para poderem descobrir o que é que devemos ter guardado daquela experiência... *(deixar as crianças exprimirem-se e encaminhá-las para:)* Sim, nós hoje temos aqui o pão e as uvas, semelhantes às que usámos na nossa outra mesa, muito maior, porque tínhamos os nossos convidados connosco, e usámo-las como símbolo, como representação ... do acontecimento que teve lugar na Última Ceia, em que Jesus se *(despediu dos seus amigos)* e *(lhes entregou o seu corpo – pão, e o seu sangue – vinho)*. Muito bem! Ali no placar também temos uma imagem, um quadro, que retrata aquela refeição tão importante e especial, e que também podem ver no vosso catecismo *(indicar a página 86 e 87 do catecismo)*

E prossegue, *abrindo o catecismo na página 89 ou, em alternativa, mostrando um poster com uma foto do inverno:*

O que é que nós podemos ver nesta foto? *(deixar as crianças exprimirem-se)*

Trata-se de uma foto do inverno: está escuro, vê-se *(descrever a foto escolhida)*. Deixa-nos uma impressão de *(deixar as crianças exprimirem-se)* tristeza, não é?

*De seguida, o catequista mostrar a imagem alusiva à primavera:* E esta foto, de que altura do ano será? Primavera! E que vemos aqui? *(deixar as crianças exprimirem-se)* Alegria, beleza, satisfação, bem-estar... muito bem! O catequista prossegue com o diálogo a partir da seguinte questão:

**Qual é a tua estação do ano preferida? Porquê?**

*Deixar que as crianças expressem os seus sentimentos. Todos, ou quase todos, concordarão que, de todas as estações o inverno é a menos interessante... quando se chegar a esta observação, o catequista prossegue com a seguinte síntese (deverá ser adaptada em função da reflexão das crianças):* Para a maioria das pessoas, **o inverno é a estação menos agradável...** Incomoda-as o frio, a chuva, o vento agressivo, os dias curtos e as noites longas, o céu nublado, as cores escuras das paisagens; mas, sobretudo, incomoda-as e entristece-as a "morte" da natureza: as flores desaparecem, muitas árvores ficam despidas porque as folhas caíram e parece que a terra perdeu toda a capacidade de gerar vida nova. **Não achas que as pessoas, no inverno, estão mais tristes, mais melancólicas, com menos vontade de sorrir?** *(se for o caso, passar aqui o excerto do concerto «inverno» de Vivaldi.)*

Para essas pessoas, a vida só começa a ganhar cor com a chegada da primavera... O sol torna-se mais luminoso e parece aquecer com mais intensidade, os dias vão ficando mais longos, as paisagens parecem mais coloridas; e, sobretudo, a vida ressurge nos campos, as árvores cobrem-se de rebentos novos, a natureza pinta-se de cores diversas, as flores parecem gritos de alegria na paisagem. Há uma nova vida no ar, as pessoas sorriem, ficam mais alegres, mais bem-dispostas e com mais confiança no futuro...

**Nós não apreciamos a morte. A morte deixa-nos sempre tristeza, desilusão e medo.** Nós nascemos para a vida e gostamos de celebrar a vida... É a vida que nos completa e dá sentido à nossa existência.

2. Nestes dias nós, vivemos a experiência do inverno – da morte, da escuridão, do frio, do desaparecimento da vida. **Ouvimos ler, na Sexta-feira Santa, o relato da paixão e morte de Jesus...** *(o catequista mostra às crianças, na página 85 do catecismo, o quadro que representa «Cristo na cruz»), com pena, com tristeza...* *(se for o caso, voltar a passar aqui o excerto do concerto «inverno» de Vivaldi; a música pode manter-se até ao final da explicação:)*

Ouvimos contar como o corpo morto de Jesus foi colocado num sepulcro, e como esse sepulcro foi tapado com uma pedra. Já conhecíamos todos estes acontecimentos dramáticos desde o ano passado... Até o nosso catecismo o mostrava. Ficámos com a impressão de que essa pedra, fria e inamovível, era o ponto final de uma vida da qual a humanidade esperava bem mais. Foi como se o inverno tivesse chegado outra vez, com o frio, a escuridão, as árvores sem folhas, os campos sem flores... Ficámos tristes e desanimados com essa história de sofrimento e de morte...

3. *É importante que o catequista seja capaz de transmitir às crianças os sentimentos de alegria que a ressurreição desperta; para tal, mostra uma imagem de Cristo ressuscitado, que colocará no placar, ou pedindo às crianças para abrirem o catecismo na página 80, e explica: Este quadro representa, com grande beleza, «A ressurreição de Cristo» e mostra-nos como, na manhã da Páscoa, (se for o caso, passar aqui o excerto do concerto «primavera» de Vivaldi e manter este acompanhamento musical até ao final da Experiência Humana) **acordámos com a primavera. Ouvimos o anúncio feliz da ressurreição de Jesus, o anúncio de que a vida tinha vencido a morte.** Percebemos que o frio do inverno não é a última palavra e o sol da primavera acaba sempre por iluminar o mundo e as nossas vidas. Nas nossas aldeias ouviram-se, durante o dia de Páscoa, campainhas de casa em casa, a proclamar que Jesus estava vivo e que a vida tinha brotado novamente no mundo dos homens e das mulheres.*

**Acabámos de celebrar a Páscoa e temos razões para estar felizes,** para olhar para a vida e para o futuro com esperança. **Jesus está vivo** (colocar a imagem da «Ressurreição de Cristo» no placar). Ele continua a caminhar connosco e a dar-nos vida; ele continua a aquecer a nossa vida e a fazer brotar em nós e à nossa volta vida nova. Isso é a Páscoa!

## II. PALAVRA

1. *Em espírito de alegria, o catequista desafia as crianças a recordar os vários passos da Paixão do Senhor, ajudando-as a refazer o caminho de Jesus. Elogia-as, se for o caso, por terem participado nas celebrações pascaís, escutando as respetivas leituras.*

*Depois, faz a síntese, procurando despertar-lhes a inteligência e a sensibilidade. O catequista usará os posters que constam da Via Sacra incluída na Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 4 (Jesus é entregue por Judas e é preso; Jesus é levado ao Sumo Sacerdote e é acusado por falsas testemunhas – (julgamento de Jesus); Jesus é condenado à morte; Jesus é levado para o calvário, e crucificado; o corpo de Jesus é colocado no sepulcro;) ou fará as crianças seguir a através das páginas 94 e 95 do referido catecismo :*

Já sabeis que, depois daquela **última ceia** (indicar a imagem da ceia no placar) com os seus amigos, por alturas da celebração da Páscoa judaica, **Jesus foi preso**, foi **julgado** e foi **condenado** à morte pelas autoridades judaicas.

**Porque é que condenaram Jesus à morte? Não gostavam dele?** (*deixar as crianças exprimirem-se.*) As pessoas que ouviam a proposta de Jesus e que viam os gestos que Ele fazia, ficavam felizes e diziam “nunca vimos nada assim” (Mc 2,12); **mas havia outras pessoas – os chefes, os poderosos – que não gostavam desse mundo novo que Jesus anunciava:** eles preferiam um mundo onde as pessoas continuassem a ser escravas para eles poderem continuar a ser os senhores do poder, que usavam e magoavam os outros apenas para satisfazer os seus projetos. Jesus incomodava essas pessoas quando falava de amor e de justiça, da dignidade das pessoas, das pessoas vistas como irmãos. Foram esses homens que resolveram matar Jesus para poderem continuar a maltratar e a explorar as outras pessoas, sem serem incomodados.

2. Jesus **foi preso** numa Quinta-feira à noite, (*colocar as imagens no placar, seguindo a sequência da narrativa ou fazer as crianças seguir as imagens no Catecismo 4*) depois da ceia com os seus discípulos. Durante a noite, **foi julgado** e na manhã de Sexta-feira foi torturado. Depois, **obrigaram-no a levar uma cruz às costas** até um lugar chamado “Calvário” e lá **pregaram-no numa cruz**. Pelas três horas da tarde desse dia, Jesus morreu. Tiraram-no da cruz e **colocaram-no num sepulcro**, perto do lugar onde ele tinha sido crucificado.
3. **E os discípulos de Jesus, que o tinham seguido desde a Galileia (no norte do país), até Jerusalém (no sul)?** Lembrai-vos, por exemplo, de Pedro? (*verificar se as crianças se recordam da atitude de Pedro, quando Jesus foi preso, que conhecem do Catecismo 3, catequese 18, e dos discípulos, em geral*): **Logo que Jesus foi preso, eles fugiram, cheios de medo.** Ficaram escondidos, mas souberam que Jesus tinha sido condenado e morto. Para eles, foi como se tivesse chegado o inverno, o frio, a escuridão... Assim passou o resto dessa Sexta-feira e todo o dia de Sábado. Eles continuavam escondidos, sem saber o que fazer... Todos os seus sonhos tinham morrido, toda a sua esperança tinha fugido.
4. No entanto, **na manhã de Domingo**, chegou-lhes, de repente, uma notícia espantosa: **o túmulo de Jesus estava vazio** (*colocar, na sequência das imagens, o dístico com frase: “O túmulo de Jesus está vazio”*); e havia quem garantisse que Jesus estava vivo outra vez... Vamos ver como o evangelista Lucas conta o que se passou nessa manhã de Páscoa (**Lc 24,1-12**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho de S.Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/narrador:*

**No primeiro dia da semana, ao romper da alva,  
as mulheres foram ao sepulcro,  
levando os perfumes que tinham preparado.  
Encontraram removida a pedra da porta do sepulcro e,  
entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus.  
Estando elas perplexas com o caso,  
apareceram-lhes dois homens em trajes resplandecentes.  
Como estivessem amedrontadas e voltassem o rosto para o chão,  
eles disseram-lhes:**

*Crianças 1 e 2:*

**«Porque buscais entre os mortos aquele que está vivo?  
Não está aqui; ressuscitou!  
Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia,  
dizendo que o Filho do Homem tinha de ser entregue às mãos dos  
pecadores,  
ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia».**

*Catequista/narrador:*

**Recordaram-se, então, das suas palavras.  
Voltando do sepulcro,  
foram contar tudo isto aos Onze e a todos os restantes.  
Eram elas Maria de Magdala, Joana e Maria, mãe de Tiago.  
Também as outras mulheres  
que estavam com elas diziam isto aos Apóstolos;  
mas as suas palavras pareceram-lhes um desvario,  
e eles não acreditaram nelas.  
Pedro, no entanto, pôs-se a caminho e correu ao sepulcro.**

**Debruçando-se, apenas viu as ligaduras e voltou para casa, admirado com o sucedido.**

5. *A partir desta leitura, o catequista deve conduzir as crianças para a questão que os discípulos se colocaram: que teria acontecido? O catequista deve ajudar as crianças a compreender que, naquele momento, os discípulos não pensaram de imediato na possibilidade da ressurreição. O catequista refaz o percurso da narrativa:*

Para aquelas mulheres, que eram amigas de Jesus, e para os discípulos que tinham andado com Jesus, os acontecimentos daquela manhã do “primeiro dia da semana” (o Domingo) foram muito estranhos... O corpo de Jesus tinha sido colocado naquele sepulcro (os judeus costumavam, nessa altura, sepultar os mortos numas grutas escavadas na rocha e fechar a entrada da gruta com uma grande pedra), mas não estava lá. **Que teria acontecido? Como podia um corpo de uma pessoa morta ter desaparecido assim? Alguém teria roubado o corpo de Jesus? Para quê?**

*Ajudar as crianças a compreender e a sentir a situação dramática, de incerteza e confusão, de fé posta à prova pelo drama e pelo medo, experimentada pelos discípulos ... e, tantas vezes, por nós. Depois prossegue, introduzindo o ponto seguinte:*

Os discípulos de Jesus **começaram a compreender, aos poucos**, o que se passava, quando **começaram a encontrar-se com Jesus, com Jesus vivo**, que falava com eles, que andava com eles, que lhes dava conselhos, que lhes indicava os caminhos a seguir... **Logo no dia da Ressurreição, dois discípulos que tinham resolvido abandonar tudo e ir embora**, encontraram um homem que eles não reconheceram imediatamente e que os acompanhou pelo caminho. Falaram com ele sobre o que tinha acontecido a Jesus, ouviram as suas explicações, mas só se aperceberam de que esse homem que os tinha acompanhado era Jesus, vivo, quando se sentaram à mesa, no fim da tarde, na aldeia de Emaús, e Jesus repetiu o gesto de abençoar e repartir com eles o pão, como o tinha feito na sua última ceia (cf. Lc 24,13-35). Escutámos esta passagem dos Evangelhos logo na primeira catequese do catecismo 4, não foi?

**E os outros discípulos, também encontraram e reconheceram Jesus, vivo?** *(verificar que respostas têm as crianças antes de prosseguir)* Sim. Primeiro, **todos eles estavam desconfiados**, “de pé atrás”, não convencidos... Mas Jesus impôs-se de tal forma, que os convenceu a todos...

Ouvir como o evangelista Lucas descreveu o encontro de Jesus com os seus discípulos (Lc 24,36-43):

*Catequista:*

**“Enquanto isto diziam, Jesus apresentou-se no meio deles, e disse-lhes:**

**«A paz esteja convosco!».**

**Dominados pelo espanto e cheios de temor, julgavam ver um espírito.**

**Disse-lhes, então:**

**«Porque estais perturbados**

**e porque surgem tais dúvidas nos vossos corações?**

**Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo.**

**Tocai-me e olhai que um espírito não tem carne nem ossos,**

**como verificais que Eu tenho».**

**Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés.**

**E como, na sua alegria, não queriam acreditar de assombrados que estavam,**

**Ele perguntou-lhes:**

**«Tendes aí alguma coisa que se coma?»**

**Deram-lhe um bocado de peixe assado; e, tomando-o, comeu-o diante deles”.**

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Deixar as crianças exprimirem-se. Depois, com entusiasmo, o catequista continua:*

**Eis aqui a razão porque o túmulo de Jesus apareceu vazio: porque Jesus não estava lá. A morte não o venceu... Ele está vivo!** (*colocar no placar o dístico: "Jesus está vivo"*) Os discípulos que andaram com Ele fizeram essa grande descoberta! **Para eles é como se tivesse chegado a primavera,** depois de vários meses de inverno, de escuridão, de frio, de medo, de angústia, de sofrimento; é como se eles tivessem visto esses campos mortos e essas árvores sem folhas novamente cheios de vida, de cores, de alegria.

Jesus está vivo! A maldade daqueles que o quiseram calar não conseguiu vencer Jesus! **Deus, o Pai de Jesus, o Deus cheio de força e de poder, não quis que a morte vencesse o seu Filho e deu-lhe vida outra vez!**

6. Nesta fase da catequese, o catequista vai introduzir o terceiro objetivo da catequese, e que oferece uma oportunidade de aprofundamento para as crianças da sua experiência cristã. Deve ser feito com clareza, entusiasmo: **Ora, se uns homens maldosos e injustos mataram Jesus só porque não concordavam com Ele e com o que ele propunha, mas Deus ressuscitou-O e deu-lhe vida outra vez, o que é que isso significa? Que Deus deu razão aos homens que mataram Jesus, ou que Deus deu razão a Jesus?**

*O catequista deve permitir que as crianças respondam: Deus deu razão a Jesus.*

Claro que sabeis a resposta... (omitir esta expressão no caso das crianças terem respondido) Deus, ao ressuscitar Jesus, deu-lhe razão; **ao ressuscitar o seu Filho, Deus disse que tudo o que Jesus tinha vindo ensinar-nos e propor-nos era verdadeiro, era um caminho de felicidade, era um caminho que conduzia à Vida.** Ao ressuscitar Jesus, Deus estava a dizer a todos os homens e mulheres: "Eu sei que a alguns - àqueles que querem viver na maldade, no egoísmo, na injustiça, na escuridão - não agradou aquilo que o meu Filho foi dizer-vos e propor-vos; mas Eu garanto-vos que Ele tem razão, asseguro-vos que Ele vos ensinou um caminho para vós encontrardes Vida e felicidade sem fim". E nós, olhando para esse Jesus que está vivo, **percebemos logo como é importante vivermos como Ele nos ensinou**, como Ele continua, todos os dias, a ensinar-nos... Para quê? Para termos Vida, como Ele.

Isto é muito, muito importante... **Quando nós escutamos o que Jesus nos diz e propõe, quando nós aprendemos a amar com os seus gestos de amor, a perdoar com os seus gestos de perdão, a servir com os seus gestos de serviço... estamos a vencer a morte e a "comprar" Vida** - Vida eterna, Vida verdadeira, Vida que nada, nem sequer a morte, consegue vencer (dístico com frase: "Amar como Jesus amou é vencer a morte").

Como explica um grande cristão dos primeiros tempos, São Paulo, que nos ensinou que nós somos cartas de Cristo, recordais-vos?, Cristo foi o primeiro a vencer a morte; mas, **todos aqueles que o seguirem e que viverem como Ele, hão de vencer igualmente a morte e viver para sempre.** (colocar no placar o dístico: "Seguir Jesus é vencer a morte")

*Agora, o catequista deverá dar relevância à questão que se segue, de modo a levar as crianças a desejar, a sentir necessidade, de seguir Jesus e a compreender que quem segue Jesus, compromete-se e a viver uma vida de entrega aos irmãos, seu próximo.*

**Não achas que é bom saber isso?** Assim podemos encarar a vida sem medo, sem tremer perante a perspectiva da morte... A morte não nos vai vencer, pois nós, como Cristo, estamos destinados à vida para sempre: **este é o desafio de ser cristão.**

*Esta síntese final deve ser transmitida de forma muito clara e com muita convicção:*

E já agora, nesta terra, **sempre que nós percorremos o caminho de Jesus, que procuramos viver como Ele pedia e como Ele vivia, estamos a vencer o egoísmo, a maldade, a injustiça, aquilo que escraviza as pessoas e as torna infelizes; sempre que nós insistimos em seguir o caminho de Jesus, em amar como Ele, em perdoar como Ele, em servir como Ele, estamos a construir vida nova para nós e para todas as pessoas à nossa volta.** *(se o tiver usado anteriormente, o catequista pode colocar agora, de novo, o extrato do concerto «primavera» de Vivaldi, apelando às crianças para sentirem verdadeira alegria com a ressurreição do Senhor e a oportunidade de salvação e felicidade que este nos oferece).*

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

- 1. Para este momento de expressão da fé, o catequista coloca em relevo, sobre o centro do placar, o poster da figura de Cristo Ressuscitado. Acende-se a vela, símbolo da luz de Cristo Ressuscitado.*

*Depois de designar os leitores entre as crianças, o catequista dá início ao momento de oração que se segue, formado um círculo com a imagem de Cristo ressuscitado no centro.*

**Leitor 1** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes temos sede de vida, de amor e de paz. Sê a água que mata a nossa sede de vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 2** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes temos fome de vida, de amor e de paz. Sê o pão que mata a nossa fome de vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 3** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes não sabemos por onde ir para encontrar vida, amor e paz. Sê o pastor que nos conduz às pastagens verdejantes onde podemos encontrar vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Leitor 4** - Senhor Jesus, nós acreditamos que tu estás vivo e caminhas connosco pelos caminhos que nós andamos todos os dias. Às vezes a escuridão não nos deixa caminhar e ser livres. Sê a luz que se acende na noite do mundo e que nos ilumina na nossa procura de vida.

**Todos** - Jesus Ressuscitado, mostra-nos o caminho da Vida.

**Todos** - Senhor Jesus Cristo,  
a tua ressurreição é a nossa esperança  
nos momentos mais difíceis e dolorosos.

Pela tua ressurreição venceste a violência:  
que ela nos leve a acreditar na paz.

Pela tua ressurreição venceste as divisões:  
que ela nos leve a acreditar na fraternidade.

Pela tua ressurreição venceste o ódio:  
que ela nos leve a acreditar no amor.

Pela tua ressurreição venceste a morte:  
que ela nos leve a acreditar na vida.

Cântico:

**“Sou de Cristo, sou feliz”.**

## **2. Compromisso:**

*É importante que o catequista empregue algum tempo a rever com as crianças os registos que estas fizeram na **Barra Cronológica**, dos seus compromissos para a Quaresma, sobretudo a partir da catequese 14 e tendo como grande centro o compromisso dessa mesma catequese, tal*

*como terá sido salientado no final da Celebração Pascal. Mas agora, todo um novo período começa: do Ano Litúrgico, da catequese (Bloco 3), do caminho que estão a fazer... Que deve mudar, agora?*

Depois desta nossa reflexão, do caminho que fizemos hoje, com Jesus, desde que foi preso, até à sua morte e, depois, já ressuscitado, como se revelou aos seus amigos, aprendemos que Jesus Ressuscitado – como rezámos e como está registado na vossa Barra Cronológica – é quem nos ... mostra o caminho de Vida! Mas, será que nós queremos mesmo viver a vida exigente e trabalhosa que Ele nos propõe, uma vida de amor e de entrega aos outros? Pois esta semana, proponho-vos que todos, eu também, pensemos nisso, com muita seriedade mas, também, alegria! Vamos fazer assim: a partir do vosso catecismo e da oração que ainda agora lemos, cada um vai encontrar o que é, para si, no seu coração e na sua inteligência, a verdadeira Vida: e vai tomar nota, para não se esquecer, no espaço da catequese 21 da vossa Barra Cronológica. Mas, para estar preparado para essa reflexão, vai ler a Quarta Parte do Evangelho de S. Lucas, os capítulos 22, 23 e 24, um bocadinho cada dia: depois, toma nota, também na Barra Cronológica, da frase de que mais gostou. Portanto, hoje, o compromisso é ler a Bíblia, retomando esse hábito tão bom do ano passado e das férias do verão, com a ajuda da vossa Agenda, um bom hábito dos amigos de Jesus, do Povo de Deus.

### ***Para guardar na memória e no coração***

Sempre que nós percorremos o caminho de Jesus, estamos a vencer o egoísmo, a maldade, a injustiça, aquilo que escraviza as pessoas e as torna infelizes; sempre que nós insistimos em seguir o caminho de Jesus, em amar como Ele, em perdoar como Ele, em servir como Ele, estamos a construir vida nova para nós e para todas as pessoas à nossa volta.

## A VIDA NOVA QUE NASCE DA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Cristo Ressuscitado, fonte de Vida

Na Vigília Pascal, a liturgia apresentou-nos Cristo, vencedor da morte, como "a luz" que dissipa as trevas do mundo e que derrama sobre a humanidade a sua vida e a sua paz. Ou, se quisermos usar uma fórmula litúrgica sempre repetida neste tempo pascal, Jesus é "o Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo; morrendo, destruiu a morte e ressuscitando restaurou a Vida". Isto é mesmo verdade? A Ressurreição de Jesus é luz que ilumina e fonte de Vida nova para o mundo e para a humanidade?

Os primeiros escritos cristãos – e particularmente o livro dos "Atos dos Apóstolos" – insistem em dizer-nos que a Ressurreição de Cristo traz aos discípulos um dinamismo de Vida nova... E dizem, ainda, que o anúncio da Ressurreição de Jesus, feito pelos discípulos, pode ser fonte de Vida nova, de Vida verdadeira e eterna, para muitos outros homens e mulheres.

Podemos, desde logo, perceber como a Ressurreição de Jesus é fonte de renovação e de Vida nova se olharmos para a comunidade dos discípulos e constatarmos a espantosa transformação sofrida por eles após terem feito a experiência da presença do Ressuscitado, vivo e atuante no meio da sua comunidade... Essa comunidade aparentemente "condenada" a morrer, que até agora não tinha entendido quase nada de Jesus e do seu projeto, que após a prisão de Jesus tinha ficado paralisada pelo medo e pela frustração, depois de se encontrar com Jesus vivo, abre as portas, sai ao encontro do mundo, e anuncia a todos uma verdade escandalosa e incompreensível: "esse Jesus que vós matastes está vivo e continua a querer dar-vos vida".

Ao mesmo tempo, essa comunidade timorata e pouco empenhada, muda decisivamente a sua perspectiva das coisas e torna-se uma família de irmãos e de irmãs "assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações" (At 1,42); descobre o sentido da partilha e da fraternidade, de tal modo que os membros da comunidade "vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um" (At 1,45); "como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo" (At 1,46-47). Porque é que a Ressurreição de Jesus muda tudo? Porque é que a Ressurreição de Jesus faz aparecer este dinamismo de Vida que torna os discípulos "outras" pessoas? Porque a Ressurreição "prova" a verdade do caminho proposto por Jesus. Ao constatarem que Jesus está vivo, os discípulos percebem, finalmente, que esse "caminho" que Ele propôs (e que, em certos momentos, tanto lhes custou a compreender e a aceitar) não é um caminho de morte e de fracasso, mas é um caminho – ou, mesmo, o único caminho – que assegura a Vida verdadeira, a Vida eterna, a Vida de felicidade sem fim. Do encontro com Jesus Ressuscitado nasce, para os discípulos, a certeza de que esse "caminho" que Ele apontou é o caminho proposto pelo Pai; e esse "caminho", se assumido e percorrido, conduz inevitavelmente à Vida. A Ressurreição de Jesus prova que o egoísmo, a maldade, a injustiça, a violência, a mentira – tudo aquilo que escraviza o homem e o priva de Vida – não são vencedores, mas são vencidos por Deus; e garante que a morte nunca derrotará aquele que percorre os caminhos que Deus aponta. É esta fantástica descoberta que leva os discípulos a optarem decisivamente pelo projeto proposto por Jesus.

O dinamismo de Vida que a Ressurreição de Jesus contém, não se esgota, no entanto, no interior da comunidade dos discípulos... Mas, através dos discípulos – que são as testemunhas desta novidade – atinge muitas outras pessoas e realidades... Quem, a partir da Ressurreição de Jesus, começa a viver a Vida nova, torna-se fonte dessa Vida para todos aqueles que com ele se encontram e contactam. Realiza os gestos libertadores de Jesus e é portador de Vida e de libertação para todos os homens e mulheres que encontra no seu caminho... Num dos resumos da vida e do testemunho da primeira comunidade cristã, o autor dos "Atos" diz que "com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e uma grande graça operava em todos eles" (At 4,33). O que era essa "graça" que operava em todos eles e como se expressava? Uma vez mais, o autor dos "Atos" explica que, "por intervenção

dos Apóstolos, faziam-se muitos milagres e prodígios no meio do povo. Reuniam-se todos no Pórtico de Salomão e, dos restantes, ninguém se atrevia a juntar-se a eles, mas o povo não cessava de os enaltecer. Sempre em maior número, juntavam-se, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor, a tal ponto que traziam os doentes para as ruas e colocavam-nos em enxergas e catres, a fim de que, à passagem de Pedro, ao menos a sua sombra cobrisse alguns deles. A multidão vinha também das cidades próximas de Jerusalém, transportando enfermos e atormentados por espíritos malignos, e todos eram curados" (At 5,12-16). Um pormenor especialmente interessante, neste texto, é a atribuição à "sombra" de Pedro de virtudes curativas (cf. At 5,15b). Isto nunca foi dito acerca de Cristo... Significa que Pedro tinha mais poder do que Cristo? É claro que não. Mas significa, certamente, que nada é impossível àquele que se coloca na órbita de Cristo, que adere a Ele e passa, em consequência, a viver de acordo com um dinamismo de Vida nova: esse, além de se tornar testemunha de Jesus ressuscitado, torna-se, para os outros, "dador" de Vida, fonte de Vida verdadeira e abundante.

De resto, e para ilustrar esta realidade, os "Atos" apresentam diversos casos de "prodígios" realizados pelos Apóstolos, em nome de Jesus... Em At 9,31-35 descreve-se a cura, por Pedro, de um paralisado de Lida (ou Lod), em nome do Senhor Jesus Cristo; e, em At 9,36-43, fala-se da ressurreição, pelo mesmo Pedro, de uma mulher cristã, chamada Tabitá, residente em Jope... A Vida nova que os discípulos de Jesus assumem, a partir do seu encontro com o Ressuscitado, é levada ao encontro do mundo, e expressa-se em gestos concretos que libertam aqueles que vivem nas trevas da morte e aguardam a salvação de Deus. A Vida nova com a qual os discípulos se comprometem a partir do seu encontro com o Ressuscitado, enche de esperança e de sentido muitas vidas até aí prisioneiras do egoísmo, da injustiça, da violência, da maldade, da mentira.

O episódio mais emblemático dos "prodígios" realizados pelas testemunhas da ressurreição de Jesus é, no entanto, o da cura de um coxo de nascença, por Pedro e João, à entrada do Templo de Jerusalém (At 3,1-11). O homem está a pedir esmola àqueles que se dirigem ao Templo... É um homem que, desde sempre (é "coxo de nascença"), está privado de Vida e não tem a liberdade de escolher os seus próprios caminhos; é alguém que depende dos outros para sobreviver e tem à frente um futuro sem horizontes e sem esperança. "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda" (At 3,6) – diz-lhe Pedro. E esse homem encontra, a partir da Vida que brota de Jesus, por intermédio

dos discípulos, essa liberdade e essa esperança que, até aí, nunca tinha encontrado... Ao lermos a descrição que Lucas faz deste episódio – quer no que diz respeito aos “gestos” e palavras de Pedro, quer no que diz respeito às reações do povo – impressiona-nos a semelhança desta “cura” com outros relatos de curas realizadas por Jesus... Isso diz-nos, desde logo, que Lucas vê uma continuidade entre a missão de Jesus e a missão da comunidade cristã: a mesma atividade salvadora e libertadora de Jesus em favor dos pobres e dos oprimidos, é continuada agora no mundo pela sua Igreja. Na explicação que, pouco depois, dá ao povo, Pedro deixa claro que a vida dada àquele homem veio de Jesus, vivo e Ressuscitado, através dos discípulos: “Foi a fé que dele nos vem que curou completamente este homem na vossa presença” (At 3,16). Os Apóstolos receberam Vida do Senhor ressuscitado que os transformou e renovou; e descobrem, agora, que lhes compete transportar essa Vida nova ao encontro de todos os outros homens e mulheres que anseiam pela salvação de Deus.

## **2. Jesus está vivo e continua a dar vida**

Para os cristãos, Jesus não é uma figura do passado, que a morte venceu e que ficou sepultado no museu da história; mas é alguém que continua vivo, sempre presente nos caminhos do mundo, e que nunca desiste de oferecer à humanidade uma proposta de Vida verdadeira, plena e eterna.

Os seus discípulos continuam, dia após dia, a fazer a experiência da sua presença e a redescobrir, em cada passo do caminho, que a proposta que Ele fez, garante Vida. É por isso que procuram viver para “as coisas do alto, e não para as coisas da terra” (Col 3,1); que procuram despir-se “do homem velho, com as suas ações” e construir o “homem novo, aquele que, para chegar ao conhecimento, não cessa de ser renovado, à imagem do seu Criador” (Col 3,9-10); que procuram revestir-se de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência; que procuram ser apoio e suporte uns para os outros e perdoar quando algum tem razões de queixa contra o outro; que elegem como valor fundamental o amor, que é o laço da perfeição (cf. Col 3,12-15).

Essa Vida nova que os discípulos do Ressuscitado são chamados a viver, tem condições para renovar o mundo: irá transformar a noite em dia, as trevas em luz, o ódio em amor, o desespero em esperança, o medo em confiança, a tristeza em alegria, a opressão em liberdade, o egoísmo em partilha, a guerra em paz.

### **3. Como é que os homens e mulheres do nosso tempo podem descobrir que Jesus está vivo e fazer uma experiência de encontro com Cristo ressuscitado?**

Através de documentos históricos que demonstrem cientificamente a realidade da ressurreição? O fator decisivo para que os homens descubram que Cristo está vivo, é o testemunho dos discípulos. Jesus está vivo e apresenta-se aos homens do nosso tempo nos gestos de amor, de partilha, de solidariedade, de perdão, de acolhimento que os cristãos são capazes de fazer; Jesus está vivo e continua a dar vida quando os cristãos se comprometem na luta pela paz, pela justiça, pela liberdade, pelo nascimento de um mundo mais humano, mais fraterno, mais solidário; Jesus está vivo e continua a realizar aqui e agora o projeto de salvação de Deus, quando os seus discípulos oferecem aos coxos a possibilidade de avançar em direção a um futuro de esperança, quando os discípulos oferecem aos que vivem nas trevas a possibilidade de encontrar a luz e a verdade, quando os discípulos oferecem aos prisioneiros e marginalizados a possibilidade de ter voz e de decidir livremente o seu futuro.

A Vida nova que resulta da Ressurreição de Jesus tem o poder de recriar, de renovar e de transformar o mundo... O que é preciso é que os discípulos de Jesus não "calem" ou escondam essa vida que dele recebem, mas a anunciem aos outros homens e mulheres nos gestos sempre renovados de amor, de perdão, de entrega, de doação. A Ressurreição não será, assim, apenas uma coisa do futuro; mas será um dinamismo de Vida nova e plena, que vence a morte e o pecado, aqui e agora, e que transforma, em cada momento, o mundo velho em mundo novo.

#### **OBJETIVOS**

- Descobrir que a Ressurreição de Jesus encerra um dinamismo de Vida nova, de uma Vida que nos torna homens e mulheres novos e que constrói a comunidade de Jesus.
- Perceber que essa Vida nova que nos é oferecida deve chegar, através do nosso testemunho, a todos os homens e mulheres, libertando-os da escuridão, do sofrimento, da escravidão.
- Viver na alegria a certeza desta Vida nova.

#### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Nesta catequese, prossegua-se o objetivo, de levar as crianças a descobrir a maravilhosa notícia da Ressurreição de Jesus e como esta realidade transforma radicalmente a perspectiva da vida de cada um de nós. Para tal,

procura-se que as crianças comecem por entender que as nossas dificuldades, a nossa dor, podem transformar-se em felicidade e alegria se a nossa vida mudar, inspirada por Cristo. Para tal, nas duas alternativas da experiência humana devem-se reforçar os contrastes existentes entre uma vida de desânimo e sem futuro, com a alegria de caminhar ao lado de Cristo Vivo e ressuscitado. Saber que Ele não nos deixa sós deve ser fonte de força e confiança para que as crianças sejam, ao seu nível, testemunhas do Senhor.

2. A catequese evolui, depois, para uma questão central, à qual deve ser dado destaque, tempo e reflexão: «O que é Ter fé em Jesus Cristo?» Dentro da perspectiva de transformação existencial que, mais claramente, se começou a propor às crianças desde o início da Quaresma, elas devem compreender e aceitar como orientação, a resposta, a partir dos textos bíblicos: querer viver como Jesus propõe e ensina. E, perguntarão muitos, à luz da cultura atual: «E o que é que eu ganho com isso?» Pois que as crianças compreendam e, antes delas, o catequista, como viver como Jesus ensinou significa torna-se livre, torna-se uma pessoa nova.
3. Finalmente, e depois de semanas de reflexão e experiência, as crianças estão preparadas para se comprometer com uma missão nova – que, de algum modo, já lhes foi sendo sugerida desde o catecismo 1 - a de testemunhar o “milagre” da sua vida transformada pela fé. É esse compromisso que se propõe na Expressão de Fé.
4. Como é conveniente que a catequese sem desenrole com fluidez, mantendo-se bem articuladas todas as suas três etapas, sugere-se que o catequista ensaie com as crianças o cântico proposto logo no início do encontro.

## **MATERIAIS**

### **Para a 2ª alternativa da Experiência Humana:**

Considerando o número de crianças do grupo e uma foto para cada uma ou para duas ou três crianças:

- Fotografias com pessoas em situação de sofrimento;
- Fotografias de pessoas demonstrando alegria, em grupo;
- Cartões com palavras escritas (podem usar-se sinónimos, caso se deseje preparar uma palavra para cada criança):
  - de cor preta: dor, sofrimento, solidão, tristeza, desespero;
  - de cor amarela/laranja: alegria, amizade, esperança, amor;
  - um pedaço de papel de cenário, ou outro, para tapar o placar;

### para a Palavra:

- Poster com a frase: "Podeis ter a certeza de que, se viverdes como o meu Filho vos ensinou, tereis Vida, Vida que ninguém conseguirá derrotar. Até podem prender-vos e decidir matar-vos, como fizeram ao meu Filho; mas não vos assusteis pois, quem vive como Jesus ensina, nunca morrerá";
- Dístico: "TER FÉ EM JESUS CRISTO";
- Lápis de grafite, um para cada criança.

### MÚSICA

- "Eis como alguns de nós."

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

### Preparação da sala:

- Para a **1ª alternativa da Experiência Humana**: o catequista deve preparar a sala colocando as cadeiras das crianças num círculo, de modo a que todos se vejam e o vejam bem, para que a leitura da história decorra de uma forma íntima e de partilha.
- Para a **2ª alternativa da Experiência Humana**: o catequista deve preparar a sala colocando as cadeiras das crianças num círculo com uma **mesa** no meio onde, inicialmente, irá dispor as fotografias; no placar estão colocados os cartões azuis e amarelos, misturados; o placar está tapado com uma folha de papel de cenário..

**1. Para ambas as alternativas:** No nosso último encontro descobrimos que Cristo está vivo, venceu a morte. Aqueles que O quiseram calar, conseguiram atingir os seus objetivos? (*deixar as crianças exprimirem-se*). Não! E lembram-se como o vê-Lo ressuscitado mudou a vida dos discípulos? (*deixar as crianças exprimirem-se*). **Que sentiram os discípulos ao verem Cristo ressuscitado?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Pois, de início sentiram medo e confusão mas, depois, o seu coração mudou e foram contar a toda a gente que Cristo tinha vencido a morte, que tudo o que Ele lhes ensinara e explicara e dissera que iria acontecer era verdade. **E connosco, será que Ele muda a nossa vida?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Já voltaremos a conversar sobre isso... O vosso Compromisso desta semana até foi nesse sentido, não

é, de pensar um pouco no que é a nossa vida depois de descobrirmos que Cristo ressuscitou e que assim nos mostra, ainda melhor, o que é um caminho de Vida com V grande, de Vida verdadeira e com sentido...

1ª  
**Alternativa**

2. Bom, então vou, agora, convidar-vos para ouvir uma história. Fazemos uma roda e cada um vai procurar reter, memorizar, pelo menos uma ideia que lhe pareça importante, para depois conversarmos todos. Mas podem abrir o vosso catecismo na página 93, e observar por um bocadinho a foto que está aí... Vamos usar a nossa imaginação e supor que esse senhor se chama Gaspar e vamos ouvir a história do Gaspar porque ela nos vai ajudar a compreender muitas coisas importantes para a nossa catequese de hoje.

**O catequista conta ou lê a seguinte história, sublinhando bem as passagens mais importantes:** O Gaspar tinha, há alguns anos, uma vida bem organizada... Vivia com os pais e dois irmãos numa pequena cidade do interior. Trabalhava como motorista numa grande empresa de transportes e conduzia o seu camião, transportando as mais diversas mercadorias pelas estradas do país e da Europa. Ele gostava do seu trabalho e de todos os dias partir, ao volante do seu camião, à descoberta do mundo.

Um dia, contudo, o patrão disse-lhe que não podia continuar a dar-lhe emprego, pois não havia trabalho suficiente para tantos motoristas. De repente, o Gaspar viu-se sem trabalho. Tentou encontrar um novo emprego em várias empresas de transporte, mas não conseguiu. Então, ficava todo o dia em casa, sem nada fazer, cada vez mais triste e desiludido. Pensava que era "um peso" para a sua família e que o pai e os irmãos acabariam por cansar-se de o sustentar. Passou a irritar-se facilmente e, quando discutia com alguém, rapidamente se descontrolava.

Um dia, depois de uma violenta discussão com o pai, resolveu sair de casa. Foi para Lisboa. Não encontrou trabalho, nem tinha onde ficar. Passou a dormir debaixo de um viaduto, coberto com um velho trapo que encontrou num caixote do lixo. Pedia esmola à entrada de uma estação de comboio e comia apenas quando tinha dinheiro.

O Gaspar passou sete anos como "sem-abrigo". Sofreu fome, passou frio, esteve doente e não teve ninguém que cuidasse dele... Mas, o que lhe

custava mais, era a solidão: não tinha família nem amigos com quem conversar e com quem partilhar as tristes histórias que, todos os dias, a vida lhe ensinava. Por vezes, o Gaspar sentia-se desesperado... Quando pensava no futuro, só via sofrimento e solidão. Sentia-se à margem da vida, sem futuro e sem saída, mergulhado na escuridão.

Há poucos meses, contudo, o Gaspar encontrou o Luís. O Luís pertence à "Legião da Boa Vontade", uma instituição de solidariedade que dá apoio a pessoas necessitadas. O Luís era voluntário da associação e fazia, com outras pessoas, a "ronda da caridade", um trabalho itinerante de apoio aos sem-abrigo, em que os voluntários percorrem locais da cidade distribuindo pão, sopa quente, calçado, roupas e cobertores. Entre o Gaspar e o Luís nasceu uma grande amizade e o Luís passou a convidar o Gaspar para vir a sua casa em alguns fins de semana.

O interesse e a amizade do Luís mudaram tudo na vida do Gaspar. Pela primeira vez em muitos anos, o Gaspar encontrou um amigo que queria ajudá-lo e queria vê-lo a encarar a vida de outra forma. O Gaspar passou a cuidar melhor de si e da sua aparência, e a sentir vontade de se integrar, outra vez, na sociedade. Mais tarde, com a ajuda do Luís, o Gaspar encontrou trabalho numa oficina de automóveis e a sua vida mudou completamente. Hoje, o Gaspar é uma outra pessoa... Voltou a olhar para o futuro, a ter um objetivo e vontade de viver. "Eu estava morto e voltei à vida. E hoje estou vivo e feliz porque houve uma pessoa que me deu a mão e me ajudou a começar uma vida nova" – costuma dizer o Gaspar.

Há alguns dias, o Gaspar fez ao Luís uma pergunta que, há já muito tempo, o inquietava: "Porque é que tu te preocupaste comigo, porque é que perdeste tempo com uma pessoa da qual todos já tinham desistido, porque é que quiseste ajudar-me a sair daquela situação?" E o Luís – que é cristão e, aos fins de semana, dá catequese na sua paróquia – respondeu: "Eu sei que Deus criou os homens e as mulheres para que eles tivessem Vida; e Jesus Cristo ensinou-me que é preciso estender a mão a todos aqueles que estão prisioneiros, a todos os que vivem na escuridão, a todos os que precisam de encontrar Vida e libertação".

3. Como combinámos ao princípio, que ideia importante guardou, cada um de vós, da história do Gaspar? (*O catequista vai ajudando as crianças a recontarem a história do Gaspar*) O que é que aconteceu de importante que mudou a vida do Gaspar? ...sim, primeiro, uma situação grave e difícil: ficou desempregado, acabou por cortar relações com a família e tomou uma decisão

precipitada: ir para Lisboa sem ter nada preparado... o Gaspar passou a viver como um sem-abrigo... como alguém marginalizado e com uma vida miserável... Mas, depois, o que é que aconteceu? ... *(deixar as crianças exprimirem-se)*. Muito bem, alguém disposto a ajudar veio ao seu encontro... o Luís! E o Gaspar aceitou esta ajuda, não foi? E que aconteceu com a sua vida? *(deixar as crianças exprimirem-se)*. Tudo mudou: voltou a ter uma vida organizada e integrou-se na sociedade. **E como será que ele se sente agora? E o que pensará ao olhar para tudo o que viveu?**

2ª

### **Alternativa**

4. *O catequista introduz a atividade:* Hoje vou convidar-vos a olhar à nossa volta, mas de uma forma um pouco diferente. Não quero que descrevam o que vão ver, mas que partilhem o que vos chama mais à atenção nas várias imagens: como estarão as pessoas que vemos, o que será que elas sentem e também como se sentem vocês quando veem as várias fotografias. Vamos fazer silêncio para que todos se concentrem no que estão a ver.

*O catequista começa a passar as fotografias, misturando as que mostram pessoas em sofrimento, com as que apresentam situações de felicidade, vivida em grupo. As fotos passam de mão em mão pelas crianças e, depois, são colocadas em cima da mesa, que está no meio do grupo.*

*O catequista destapa o placar e prossegue, indicando:* Agora que todos viram as várias fotografias, vamos olhar para as palavras que estão escritas nestes cartões azuis e amarelos e, conforme eu vos for chamando, cada um vai juntar as fotografias com as palavras que estão nos cartões. O N... vais à mesa, escolhes uma foto e, depois, retiras do placar a palavra que parece mais adequada, mais certa, para mostrar o que sente, ou sentem, a pessoa ou as pessoas retratadas. Depois, mostra-nos a sua escolha e coloca a foto e o cartão em cima da mesa.

*O catequista pode pedir para todas as crianças participarem se o grupo conseguir trabalhar com calma; cada foto pode ser associada a um cartão, a dois ou a três; se receia que se gere confusão, pede a grupos de 4 crianças para fazerem uma primeira seleção e depois a mais 4 crianças para continuarem a tarefa, de modo a conseguir a participação de todos.*

5. *Referindo-se às fotos que mostram dor:* Repararem bem como a dor, a tristeza e o sofrimento estão juntos! Muitas vezes, são experiências, na vida das pessoas, que resultam de grandes dificuldades, sentimentos que não deixam que as pessoas descubram como é belo viver. **Mas será assim que Deus quer que vivamos?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). *Referindo-se às fotos que mostram felicidade:* Do mesmo modo, também somos capazes de sentir felicidade, alegria, bem-estar... quando o sentimos, tudo nos parece bom, nos parece possível, nos parece bonito...

#### 6. *Para as duas alternativas:*

Sabem que no caminho da vida muitas vezes é mesmo assim: o desânimo atinge-nos; a tristeza deixa o nosso coração bem pequenino; ficamos sós. A vida não tem sabor e estamos como que parados por dentro, sem movimento, quase sem vida... (*deixar as crianças exprimirem-se tendo cuidado com a necessidade que algumas crianças tenham de partilhar as suas dores e dando atenção àquelas que vivem, ou viveram, experiências dolorosas mas não são capazes de as partilhar*). E nós queremos estar assim? Não! Queremos viver a Vida do V grande, a Vida de quem descobriu, de quem tem a certeza, que Jesus Cristo ressuscitou, está vivo e dá-nos uma Vida de Verdade!

No entanto, **será que temos o coração desperto para descobrir a presença do Senhor na nossa vida? Deixamos que Jesus preencha os nossos dias e oriente as nossas decisões?** (*deixar as crianças exprimirem-se*). Este é o momento adequado para o catequista pedir às crianças para partilharem o que escreveram no espaço da catequese 21 da sua Barra Cronológica, no parágrafo «É vida:». Depois, prossegue: Sim, de facto, haveis todos entendido e sentido bem o que queremos dizer quando afirmamos «Senhor Jesus, só tu és o caminho pr'a seguir». Por isso, vamos continuar a seguir este nosso Cristo Ressuscitado, através da escuta da Palavra...

## II. PALAVRA

1. Temos estado a celebrar a Ressurreição de Jesus... Já sabeis o que isso significa, não é verdade? Sim, Cristo venceu a morte. **Deus não deixou que a vida do seu Filho acabasse naquele dia em que o mataram e ressuscitou-o, deu-lhe vida.** Deus mostrou, dessa forma, que estava do lado de Jesus; mostrou, dessa forma, que Jesus tinha razão e que a maneira de viver que Ele nos veio propor estava certa... Ao ressuscitar Jesus, é como se Deus nos dissesse (*o catequista coloca no placar o poster com a seguinte*

*formulação*): "Podeis ter a certeza de que, se viverdes como o meu Filho vos ensinou, tereis Vida, Vida que ninguém conseguirá derrotar. Até podem prender-vos e decidir matar-vos, como fizeram ao meu Filho; mas não vos assusteis pois, quem vive como Jesus ensina, nunca morrerá" (*deixar as crianças exprimirem-se, procurando verificar o que é que as crianças entenderam da expressão exposta*).

2. *Depois de ouvir e esclarecer as crianças, o catequista prossegue*: Os primeiros discípulos de Jesus, quando perceberam este "segredo", ficaram muito felizes... Sentiram-se animados e cheios de esperança, perderam o medo, e começaram a fazer, o melhor de que eram capazes, as coisas que Jesus lhes ensinara: ajudavam-se uns aos outros, repartiam uns com os outros os bens que tinham, eram amigos de verdade, perdoavam quando alguém os ofendia ou magoava... Tornaram-se pessoas mais bondosas, com um coração capaz de amar os outros, de os aceitar, de os compreender. Porquê? (*deixar as crianças exprimirem-se*). Porque a Ressurreição de Jesus lhes tinha mostrado como se tem Vida, Vida verdadeira e eterna: vivendo como Jesus viveu, fazendo os gestos de Jesus, amando as pessoas como Jesus amava. **A Ressurreição de Jesus trouxe, aos seus discípulos uma Vida nova**; levou-os a deixarem de lado a vida velha do egoísmo e da maldade e a serem outras pessoas.

Vamos colocar-nos de pé, cheios de respeito e interesse, para escutar como o livro dos Atos dos Apóstolos, isto é, da vida dos apóstolos de Jesus, depois da sua ressurreição, nos fala dessa "Vida nova" que os discípulos de Cristo descobriram (**At 2,42-47**):

*Catequista*:

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças*:

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista*:

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças*:

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança*:

**Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos,  
à união fraterna, à fração do pão e às orações.**

**Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos,  
o temor dominava todos os espíritos.  
Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum,  
de acordo com as necessidades de cada um.  
Como se tivessem uma só alma,  
frequentavam diariamente o Templo, partiam o pão em suas casas  
e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.  
Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo.  
E o Senhor aumentava, todos os dias,  
o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue, questionando as crianças: Não é certo que este texto nos explica como os primeiros discípulos de Jesus viviam a sua Vida nova, depois da Ressurreição? (deixar as crianças exprimirem-se, ajudando-as a identificar que:)*

- Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, ou seja, à catequese;
- Eram assíduos à união fraterna, à fração do pão e às orações, isto é, praticavam o mandamento do amor e participavam na eucaristia;
- Viviam unidos e possuíam tudo em comum, isto é, partilhavam tudo o que tinham;
- Frequentavam diariamente o Templo, ou seja, entregavam-se à oração e louvavam a Deus;
- Tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, isto é, viviam com felicidade.

Perceberam, certamente, que eles eram pessoas simples e boas, que se reuniam frequentemente para rezar, para falar de Jesus e daquilo que Jesus lhes tinha dito e ensinado, para repetir aquele gesto que Jesus tinha feito na última ceia e para comer esse pão que Jesus tinha dado aos seus discípulos; perceberam, também, que eles eram muito unidos e que se ajudavam uns aos outros, como se fossem irmãos, como se fossem membros de uma única família; e perceberam, até, que eles deixaram de ser egoístas e passaram a

partilhar tudo o que tinham: vendiam os seus bens e distribuíam por todos o dinheiro que recebiam, a fim de que todos tivessem o necessário para viver dignamente.

Já sabem porque é que eles escolherem viver desta forma tão bonita, não sabem? Porque perceberam que essa forma de viver – esse caminho que Jesus lhes tinha proposto – **era um caminho que os tornava felizes, era um caminho que os conduzia à Vida.**

3. Depois de terem feito esta descoberta e de se terem tornado pessoas novas, ficaram por aí? Não. **Quando alguém tem uma “boa notícia”, uma notícia tão importante que muda a própria vida, sente vontade de a comunicar aos outros.** Ora, os discípulos de Jesus acharam que deviam contar este “segredo” a outras pessoas, para que todos pudessem encontrar essa Vida verdadeira e eterna que eles já tinham encontrado. Então, vieram para a rua e disseram a outras pessoas – pessoas que não andaram com Jesus e não sabiam este “segredo” – que todos podiam ter Vida, Vida abundante, Vida feliz, Vida verdadeira... E, a partir deste anúncio, essa Vida nova de Jesus começou a chegar a muitas outras pessoas e a mudar-lhes a vida.

Querem ouvir uma história sobre uma pessoa de Jerusalém que também descobriu a Vida nova a partir do testemunho de dois discípulos de Jesus, Pedro e João? Como é um texto um bocadinho extenso, eu o lerei. Então escutemos, colocando-nos de pé (**At 3,1-16**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Pedro e João subiam ao Templo, para a oração das três horas da tarde. Era para ali levado um homem, coxo desde o ventre materno, que todos os dias colocavam à porta do Templo, chamada Formosa, para pedir esmolas àqueles que entravam. Ao ver Pedro e João entrarem no Templo, pediu-lhes esmola.**

Pedro, juntamente com João, olhando-o fixamente, disse-lhe:  
«Olha para nós».

O coxo tinha os olhos nos dois, esperando receber alguma coisa deles.  
Mas Pedro disse-lhe:

«Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou:  
em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!»

E, segurando-o pela mão direita, ergueu-o.

No mesmo instante, os pés e os artelhos se lhe tornaram firmes.

De um salto, pôs-se de pé, começou a andar e entrou com eles no  
Templo,

caminhando, saltando e louvando a Deus.

Todo o povo o viu caminhar e louvar a Deus.

Bem o conheciam, como sendo aquele

que costumava sentar-se à Porta Formosa do Templo a mendigar;

ficaram cheios de assombro e estupefactos com o que acabava de  
suceder.

E, como ele não deixasse Pedro e João,

todo o povo, cheio de assombro,

se juntou a eles sob o chamado pórtico de Salomão.

Ao ver isto, Pedro dirigiu a palavra ao povo:

«Homens de Israel, porque vos admirais com isto?

Porque nos olhais, como se tivéssemos feito andar este homem  
por nosso próprio poder ou piedade?

O Deus de Abraão, de Isaac e Jacob, o Deus dos nossos pais,  
glorificou o seu servo Jesus,

que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos,

estando ele resolvido a libertá-lo.

Negastes o Santo e o justo e pedistes a libertação de um assassino.

Destes a morte ao Príncipe da vida, mas Deus ressuscitou-o dos mortos,  
e disse nós somos testemunhas.

Pela fé no seu nome, este homem, que vedes e conheceis,  
recobrou as forças.

Foi a fé que dele nos vem que curou completamente este homem  
na vossa presença».

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue, explicando:* O homem de que se fala neste episódio era coxo desde que tinha nascido... Segundo parece, não conseguia fazer nada sozinho (diz-se, no nosso texto, que era levado por outras pessoas). Era, portanto, uma pessoa que nunca pôde andar e correr, nunca pôde ir para onde lhe apetecia, nunca foi completamente livre; estava prisioneiro do seu problema e dependia dos outros para se deslocar. Se as outras pessoas não cuidassem dele, ele não conseguia sobreviver. Era um homem com uma vida triste e muito limitada.

Foi este homem que pediu ajuda a Pedro e a João, dois dos discípulos de Jesus. E Pedro e João, dois homens cheios dessa Vida nova que vinha de Jesus, vivo e ressuscitado, que é que fizeram? Deram-lhe algum dinheiro, para que ele pudesse comprar um bocado de pão, mas continuasse preso às suas limitações? Não... Fizeram muito mais do que isso... **Transmitiram-lhe essa Vida nova que eles próprios tinham recebido de Jesus.** E esse homem que não andava, que não era livre, que dependia dos outros, que tinha uma vida triste e infeliz, ficou cheio dessa Vida nova e tornou-se outra pessoa... Começou a andar e a correr; deixou de depender dos outros para sobreviver; passou a ser livre de ir para onde lhe apetecesse; passou a poder trabalhar e a poder garantir o seu sustento; passou a ser mais alegre e mais feliz; **passou a ser outro homem, um homem novo.** Porquê? **Porque recebeu de Jesus ressuscitado a possibilidade de viver uma vida nova, uma vida diferente daquela vida triste e vazia que levava.**

**Quem é que deu Vida nova àquele homem?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Claro que foi Jesus. Pedro e João têm o cuidado de explicar às pessoas que foi "pela fé" em Jesus que este homem que não andava nem era livre começou uma vida nova.

**4. O catequista coloca no placar o dístico "TER FÉ EM JESUS CRISTO" e pergunta: Sabeis o que é "ter fé" em Jesus?** É "acreditar" nele, é ouvir as suas propostas e aceitá-las, é querer viver como Jesus propõe e ensina, é aceitar que a proposta de Jesus é muito boa, muito interessante e querer viver dessa forma; é tornar-se discípulo de Jesus e aceitar percorrer esse caminho que Ele nos indica... Quem "tem fé" em Jesus, quem ouve as suas palavras e propostas, quem faz o que Ele diz, tem Vida nova. Torna-se livre, torna-se uma pessoa nova.

Mas essa Vida nova chegou a esse homem através de dois amigos de Jesus, através de Pedro e João... Será que isto é importante? Claro que é... Diz-nos que é através dos seus amigos que Jesus, vivo e ressuscitado, continua a oferecer a todos os homens e mulheres a sua Vida nova. Aquilo que Jesus fazia enquanto andava com os seus discípulos pelas aldeias da sua terra – dar Vida a todos aqueles que estavam doentes, ou que estavam desanimados, ou que eram oprimidos e injustiçados – é feito, agora, pelos seus discípulos.

Às pessoas que rodeiam aquele homem que antes não podia andar e agora é livre, Pedro diz: “nós somos testemunhas disto”. **Sabeis o que é ser testemunha? A “testemunha” é alguém que viu ou ouviu determinada coisa e assegura, diante dos outros, a verdade daquilo que viu ou ouviu.** Os discípulos de Jesus, que andaram com Jesus, que ouviram as palavras de Jesus e viram os seus gestos, são as “testemunhas” dessa Vida nova que Jesus trouxe para oferecer a todos os homens e mulheres... São eles que, agora, a levam ao encontro das outras pessoas, para as libertar, para as ajudar, para lhes dar esperança.

Não vos esqueçais que sois, cada um, cada uma, **um discípulo de Jesus...** Como Pedro, como João, como outros amigos de Jesus, também tendes como missão “dar Vida” às pessoas que estão tristes, que estão cansadas, que não têm esperança, que são magoadas, que sofrem. Quando algum dos amigos de Jesus está a ajudar outra pessoa – a dar-lhe vida – é como se o próprio Jesus estivesse a ajudar e a salvar essa pessoa. **Quando dais “Vida” a alguém, é Cristo que se torna vivo, através de cada um, de cada uma, para salvar e ajudar as pessoas.**

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista prepara, com as crianças, a necessária disponibilidade interior para a oração, convidando as crianças a fazer um momento de silêncio pensando nas leituras que ouviram e no facto de agora serem elas os discípulos de Jesus. O catequista refere:*

Vamos ficar um pouco em silêncio, a pensar como vamos espalhar esta Boa Nova de viver uma Vida com Jesus, tentando descobrir o que podemos fazer para “dar Vida” às pessoas que encontramos todos os dias – os nossos pais e irmãos, os nossos colegas da escola, os nossos professores, os nossos vizinhos...

*Após uns minutos de silêncio, o catequista convida as crianças a registarem a sua reflexão no espaço da catequese 22 da sua **Barra Cronológica**: Ora vejam lá o que está registado na vossa Barra Cronológica: o que é ter fé em Jesus Cristo, tal como nós hoje aprendemos, a partir da experiência verdadeira dos seus discípulos: participar na catequese, praticar o mandamento do amor, participar na eucaristia, partilhar os dons e os bens - porque podeis partilhar as vossas coisas, claro está, um bocadinho da vossa mesada, os vossos jogos, os vossos livros, ... mas, sobretudo, podeis partilhar-vos a vós, as vossas qualidades, as coisas que sabeis fazer, o vosso tempo ...- e, por fim, rezar, muito, todos os dias, seriamente, conversar com Deus e agradecer-lhe - é isso que louvar quer dizer - todas as coisas boas da nossa vida e ... até vos vou dizer uma coisa difícil e complicada: se o nosso coração é bom e é de Jesus, nós até aprendemos a agradecer-lhe as coisas que nos magoam, nos aborrecem, nos agitam, ... porque já aprendemos, também, como o sofrimento nos ensina coisas importantes sobre nós, sobre a vida, sobre Deus... Sabem, é como se nós, e é mesmo!, também tivéssemos os nossos momentos de exílio ... Lembram-se do Povo de Deus, não é? Nós, às vezes, também estamos na Babilónia... mas depois voltamos e encontramos a felicidade junto de Deus. Tudo pode falhar na nossa vida, ser uma confusão e uma tristeza, mas Deus não falha: quem o sabe é a nossa Fé!*

Então, agora, cada um vai escrever, a lápis (*o catequista entrega um lápis a cada criança*), na sua **Barra Cronológica**, com quem e como é que quer testemunhar a Boa Nova da Vida em Jesus Ressuscitado.

*Depois de as crianças registarem o seu propósito, o catequista convida-as a assinar a colocar a data do dia, sentindo-se comprometidas com esta decisão; e prossegue: E, de pé, vamos todos cantar com alegria o cântico que já aprendemos, no início do encontro, e que nos fala desta descoberta maravilhosa que fizemos: Jesus vem-nos trazer uma vida nova e nós temos de transmitir aos outros a nossa alegria por tudo quanto Ele nos trouxe. Cantemos, pois, o cântico:*

**"Eis como alguns de nós."**

*Depois, o catequista convida cada criança a partilhar o seu compromisso de como pode fazer para "dar Vida" aos outros e, depois de todos se pronunciarem, terminam com a oração, lida por três crianças:*

**Leitor 1** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a querer dar vida a todas aquelas pessoas que vivem tristes e não têm ninguém que se preocupe com elas e que as ajude.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

**Leitor 2** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a querer salvar aqueles que são maltratados, magoados, humilhados, e que não têm ninguém que os defenda e que os salve.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

**Leitor 3** – Senhor Jesus, nós sabemos que tu, ainda hoje, continuas a estender a tua mão amiga àqueles que estão doentes, para lhes dar conforto e esperança no meio das suas dores.

Todos: **Eu quero, ó Jesus, ser testemunha da tua Vida nova.**

*Catequista:*

Cristo não tem mãos,  
tem só as nossas mãos para fazer o Seu trabalho hoje.  
Cristo não tem pés,  
tem só os nossos pés para guiar os homens nos Seus caminhos.  
Cristo não tem lábios,  
só tem os nossos lábios para falar aos homens de hoje.  
Cristo não tem meios,  
tem só a nossa ajuda para conduzir os homens para Si.  
Nós somos a verdadeira Bíblia que as pessoas ainda leem!  
Somos a última mensagem de Deus escrita em obras e palavras.

*O catequista conclui:* E cantemos de novo o **cântico**:

**"Eis como alguns de nós."**

## **2. Compromisso:**

Agora, em casa, vão reler o que escreveram no compromisso que está na vossa **Barra Cronológica** e, se necessário, aperfeiçoar o texto, para ficar mais completo e mais bonito. Depois, passam-no a caneta e enfeitam a página. Essa página deve ficar na vossa mesa de cabeceira ou perto da

vossa cama, para, todas as noites lerem o que é «Ter fé em Jesus Cristo» e verificarem se cumpriram com o compromisso. Como é habitual, vão assinalando com um sinal que vos agrada, cada atitude que Jesus Cristo vos pede, o Cristo que está vivo e que vos anima a serem suas testemunhas. Porque é Jesus que vos pede... eu estou só a ser, para vós, a sua testemunha! Pois que, esta semana, vivam como uma pessoa que é presença de Jesus no meio dos outros.

*Para guardar na memória e no coração*

Nós somos a verdadeira Bíblia que as pessoas ainda leem! Somos a última mensagem de Deus, escrita em obras e palavras.

## **IDE POR TODO O MUNDO E ANUNCIAI A BOA NOVA**

### **APROFUNDAMENTO DO TEMA**

#### **1. Para os discípulos de Jesus, não foi fácil adaptarem-se à nova realidade de Jesus ressuscitado...**

Antes, eles viam e tocavam esse Jesus de Nazaré que andava com eles pelos caminhos poeirentos da Palestina, que passeava com eles junto do mar da Galileia, que se sentava com eles sobre a relva a contar histórias sobre o Reino de Deus, que comia e bebia com eles; agora, o Ressuscitado era invisível e eles só faziam a experiência da sua presença em certos momentos... A nova existência do Ressuscitado supõe uma outra realidade, uma outra existência, que se experimenta, mas que as palavras nem sempre conseguem descrever e definir claramente. Contudo, os discípulos sentiram que era importante testemunhar essa nova realidade; e fizeram-no recorrendo a imagens, comparações, símbolos (a linguagem simbólica é, muitas vezes, a única forma para expressar o indizível, aquilo que a nossa linguagem normal, fria e racional, não consegue descrever). As referências à Ascensão de Jesus ao céu inserem-se nesta categoria.

A Ascensão de Jesus ao céu apenas é mencionada nos Evangelhos de Lucas e de Marcos (embora o texto de Marcos pareça ser uma adição posterior, que não constava da primeira versão deste Evangelho). Uma – a de Marcos – é mais sóbria (“Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus” – Mc 16,19); a outra – a de Lucas – é um pouco mais exuberante (“Depois, levou-os até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os. Enquanto os abençoava, separou-se deles e elevava-se ao céu” – Lc 24,50-51). Em ambos, a Ascensão

aparece, mais ou menos explicitamente, ligada a um "envio" dos discípulos ("Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado" – Mc 16,15-16; "Vós sois as testemunhas destas coisas" – Lc 24,48). Em ambos, também, não parece haver qualquer intervalo de tempo entre o dia da Ressurreição e o da Ascensão, o que colocaria a Ascensão no próprio dia da Ressurreição.

Um tanto diferente é a descrição da Ascensão feita pelo mesmo Lucas no seu outro livro, os "Atos dos Apóstolos" (cf. At, 1-3-11). Aí, Lucas começa por referir os quarenta dias, contados a partir da Ressurreição, durante os quais Jesus ressuscitado apareceu aos discípulos, "falando-lhes a respeito do Reino de Deus" (At 1,3). Depois, Lucas menciona uma refeição, durante a qual Jesus deu as últimas instruções aos discípulos e anunciou que ia enviar-lhes o Espírito Santo, para que eles fossem suas "testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria e até aos confins do mundo" (At 1,4-8). É no final dessa refeição e na sequência desse discurso que Jesus se elevou ao céu, até que uma nuvem o subtraiu aos olhos dos discípulos; e o relato termina com a indicação de que dois homens vestidos de branco vieram interpelar os discípulos pelo facto de estarem a olhar para o céu, e lhes anunciaram, também, o regresso de Jesus, no futuro (cf. At 1,9-11).

Talvez cause alguma estranheza as diferenças entre os dois relatos, da mesma pessoa (Lucas), sobre a Ascensão de Jesus... Jesus subiu ao céu no próprio dia da Ressurreição (conforme o relato do Evangelho), ou quarenta dias após a Ressurreição (conforme a indicação dos "Atos dos Apóstolos")? Para percebermos isto, convém recordar que Lucas não está a fazer uma reportagem, mas a apresentar-nos uma catequese sobre Jesus... Faz sentido dizer que Jesus acedeu ao mundo de Deus no próprio instante em que ressuscitou? Ou Jesus terá ficado à espera quarenta dias, talvez refugiado numa gruta de Jerusalém ou numa parte incerta do cosmos, à espera que a porta do céu se abrisse para Ele? É claro que o que faz sentido é dizer que Jesus, no próprio instante em que sai da morte, entra na Vida, junta-se ao Pai na sua glória. Ressurreição e Ascensão/glorificação de Jesus identificam-se, quanto ao momento.

Então, porque é que Lucas refere esses quarenta dias, após a Páscoa, durante os quais Jesus teria aparecido aos discípulos, antes de se ter despedido definitivamente deles? O número "quarenta" é, no cenário bíblico, um número simbólico: define o tempo necessário para alguém fazer uma catequese amadurecida, de forma a preparar-se adequadamente para um importante

momento ou acontecimento (Moisés, antes de receber a Lei, no Sinai, passou quarenta dias e quarenta noites no monte – cf. Ex 24,18; o Povo de Deus passou quarenta anos a caminhar pelo deserto antes de entrar na Terra Prometida – cf. Dt 29,4; Jesus ficou quarenta dias no deserto antes de começar a pregar o Reino de Deus – cf. Mc 1,13). Neste contexto, seria o tempo simbólico durante o qual Jesus Ressuscitado se “mostrou” aos seus discípulos e os preparou para receberem o Espírito Santo e continuarem a missão (construir o Reino de Deus).

De resto, o relato de Lucas está construído sobre outros elementos simbólicos... A “nuvem”, que subtraiu Jesus aos olhos dos discípulos (cf. At 1,9), é um elemento relativamente frequente nos textos do Antigo Testamento. Pairando a meio caminho entre o céu e a terra a nuvem é um símbolo privilegiado para exprimir a presença do divino (cf. Ex 13,21.22; 14,19.24; 24,15b-18; 40,34-38). Ao mesmo tempo, simultaneamente, esconde e manifesta: sugere o mistério do Deus escondido e presente, cujo rosto o Povo não pode ver, mas cuja presença adivinha nos acidentes da caminhada. Céu e terra, presença e ausência, luz e sombra, divino e humano, são dimensões aqui sugeridas a propósito de Cristo ressuscitado, elevado à glória do Pai, mas que continua a caminhar com os discípulos.

Temos, ainda, a indicação de que os discípulos estavam “com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava (cf. At 1,10a): significa a expectativa dessa comunidade que espera ansiosamente a segunda vinda de Cristo, a fim de levar ao seu termo o projeto de libertação do homem e do mundo.

Temos, finalmente, o testemunho dos dois homens vestidos de branco, que interpela os discípulos (cf. At 1,10b). O branco sugere o mundo de Deus – o que indica que esse testemunho vem de Deus. Essas figuras que vêm de Deus convidam os discípulos a continuar no mundo, animados pelo Espírito, a obra libertadora de Jesus: “não fiquéis aí parados, a olhar para o céu; agora, a comunidade dos discípulos tem de continuar, na história, a obra de Jesus, embora com a esperança posta na segunda e definitiva vinda do Senhor.

## **2. O que significa a Ascensão de Jesus ao céu?**

O que é que a Ascensão de Jesus ao céu significa? Que é que ela nos sugere?

Ao “contemplar” o quadro da Ascensão, devemos “ver” o que está para além das palavras, dos pormenores, da descrição plástica que utiliza símbolos para exprimir realidades profundas e indizíveis... Que realidades?

Jesus ressuscitou e não ficou a vaguear num espaço indefinido e obscuro, à espera que a porta do céu se abrisse para Ele poder entrar; mas entrou

imediatamente na glória do Pai. Depois de viver para Deus, Ele recebeu Vida e reentrou na glória da comunhão com o Pai. Ele "subiu" ao mundo divino, penetrou para sempre no mundo espiritual, novo, definitivo, alcançou o mundo inacessível aos nossos sentidos e imaginação, mas mundo soberanamente real; entrou na Glória do Pai e ficou junto do Pai, plenamente glorificado. A sua exaltação atingiu dimensões supra-terrenas... Ressurreição e Ascensão/Glorificação não são dois momentos distanciados no tempo, não são realidades diferentes... Mas são dois aspetos (que não podem ser dissociados) da mesma realidade; são um único momento de um único mistério.

Durante algum tempo ("quarenta dias"), contudo, esse Jesus que "está" na glória do Pai veio ao encontro dos seus discípulos, deu-lhes provas de que estava vivo e preparou-os para continuarem a sua obra no mundo. Depois, acabaram-se as manifestações sensíveis de Cristo aos seus discípulos... Ele continuará a acompanhá-los e a animá-los, através do Espírito Santo; mas não se deixará ver senão na altura da sua segunda vinda, da "Parusia" (a segunda e definitiva "vinda" de Cristo, no final dos tempos).

A Ascensão encerra um capítulo da história da Salvação – o tempo em que o Senhor Jesus caminha sobre esta terra; com a Ascensão, uma nova etapa começa: o tempo da Igreja, o tempo em que a missão salvadora e libertadora do Senhor Jesus é cumprida pelos discípulos, pela comunidade que nasce de Jesus (a Igreja) e que tem como missão continuar, no tempo e na história, o projeto de Jesus.

A nós, a Ressurreição/Ascensão/Glorificação de Jesus garante-nos, antes de mais, que uma vida vivida na fidelidade aos projetos do Pai, é uma vida destinada à glorificação, à comunhão definitiva com Deus. Quem percorre o mesmo "caminho" de Jesus subirá, como ele, à vida plena.

A Ressurreição/Ascensão/Glorificação de Jesus convida-nos, assim, a ver a vida com os olhos da esperança. Diz-nos que o sofrimento, a perseguição, o ódio, a morte, não são a última palavra para definir o quadro do nosso caminho; diz-nos que no final de um caminho percorrido na doação, na entrega, no amor vivido até às últimas consequências, está a vida definitiva, a vida de comunhão com Deus. Esta esperança permite-nos enfrentar os nossos limites humanos, o fanatismo, a maldade, o egoísmo dos fazedores de pecado, sem o medo que nos paralisa e nos impede de nos comprometermos; e permite-nos olhar com serenidade para essa qualquer coisa nova que nos espera, para esse futuro de vida plena que é o nosso destino final.

### **3. Ide por todo o mundo e anunciai...**

A Ascensão/Glorificação de Jesus aparece, nos textos neo-testamentários, sempre associada ao envio dos discípulos em missão. No relato dos Atos dos Apóstolos, por exemplo, imediatamente antes de se elevar em direção ao céu, Jesus diz aos discípulos que irão ser suas testemunhas “em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo” (At 1,8).

Faz sentido. Com o final do “tempo de Jesus” e com o início do “tempo da Igreja”, a proposta de salvação que Cristo veio apresentar à humanidade fica nas mãos dos discípulos. São eles que, nessa nova fase da história da salvação, devem continuar a levar ao encontro dos homens e mulheres do mundo inteiro, em todas as épocas e em todos os lugares, esse projeto de Vida que Cristo começou a cumprir. No tempo e na história, os discípulos são os continuadores da missão de Jesus. Não podem, simplesmente, ficar a olhar para o céu, à espera que Jesus venha; não podem passar a vida num espiritualismo alienado, alheios aos problemas do mundo e às angústias dos outros homens e mulheres... Mas têm de anunciar a proposta de Jesus e comprometerem-se na construção desse mundo novo, previsto no projeto de Deus; têm de sentir-se questionados pelas inquietações, pelas misérias, pelos sofrimentos, pelos sonhos, pelas esperanças dos homens e mulheres que caminham ao seu lado nos caminhos da vida e darem testemunho do projeto de Vida que Deus tem para a humanidade.

#### **OBJETIVOS**

- Descobrir que Jesus, depois de uma vida dada ao Pai e à concretização do seu projeto de salvação da humanidade, reentrou na Glória de Deus, nesse mundo novo e definitivo, e ficou para sempre junto do Pai, plenamente glorificado.
- Perceber que essa é a “meta final” de quem percorre na terra um caminho semelhante ao que Jesus percorreu: está destinado à Vida plena, à comunhão plena com Deus.
- Descobrir que a “partida” de Jesus deste mundo nos deixa como responsáveis pelo testemunho desse projeto de Vida que Jesus veio apresentar à humanidade: os discípulos são as “testemunhas”, no tempo e na história, do projeto salvador de Deus.

#### **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Este encontro de catequese continua a colocar no centro a mensagem de At 1, 8 “Sereis minhas testemunhas” mas, desta vez, a partir da “subida de

Jesus para os céus”, com a qual se reforça o compromisso de cada cristão, e de cada criança, quanto à nossa grande missão de sermos suas testemunhas e evangelizadores da Sua Palavra; central, na mensagem a desenvolver, é a comunhão plena do “Eu estarei sempre convosco” com a resposta: “Senhor, que queres que eu faça”. A ascensão não é, teológica e catequeticamente, um tema simples e fácil, mas é uma oportunidade para se propor uma catequese de maior recolhimento, ensinando também, às crianças, o valor da ESCUTA, da INTERIORIZAÇÃO e do SILÊNCIO que o mistério, o «milagre» invocam. Tanto quanto possível, deve tentar-se favorecer verdadeiros momentos de intimidade com Jesus.

**2.** Propõe-se a utilização de alguns símbolos que possam favorecer a experiência, torná-la mais marcante:

- a) uma tenda, simbolizando a presença de Jesus, a segurança que Ele deu aos discípulos, porque Jesus estava com eles, falava com eles, ensinava-os;
- b) o sol – elemento da natureza, como fonte de vida – é, nesta catequese, símbolo de Jesus na nossa vida;
- c) as sandálias, como sinal do partir, anúncio de Jesus Ressuscitado, da nossa missão, do nosso compromisso de anunciar o Reino de Deus;
- d) a língua de fogo, como imagem da descida do Espírito Santo aos discípulos – memória de que Deus Trino estará connosco até ao fim dos tempos.

Não é necessário dar muitas explicações sobre os símbolos às crianças: o que já sabem e a própria experiência de se reunir em nome de Jesus, serão suficientes para os ajudar a preencher com o coração as eventuais lacunas que tenha a compreensão. Se tudo fosse explicável e demonstrável à maneira da ciência humana, onde ficaria a fé, pois se é da fé que se trata.

## **MATERIAIS**

### **1. Para a Experiência Humana:**

- Uma tenda. Propõe-se algo simples, como um pano ou papel cenário, atando (ou colando), as quatro pontas à parede, ou apenas três pontas, no caso de ser um canto da sala (solução que facilita). Se não for possível atar à parede, o catequista deverá preparar uns suportes, bem seguros, que suportem o pano ou o papel cenário. Poder-se-á utilizar as estruturas que hoje existem de tendas, ou proteções para o sol;
- Bíblia;
- Um sol - construído em papel cartolina ou papel cenário, ou esferovite ou, ainda, outro material à escolha do catequista;

- Havendo possibilidade, o interior da tenda poderá estar muito iluminado - efeito que pode ser conseguido usando uma lanterna forte ou um candeeiro, ou um foco;
- Poder-se-á usar, também, umas plantas, para adorno, mas algo muito simples.

## **2. Para a Palavra de Deus:**

- Bíblia;
- Vela;

## **3. Para a Expressão de Fé:**

- Bíblia;
- Vela;
- Sandálias;
- Folhas com a oração, uma para cada criança;
- Cesto com Línguas de Fogo (línguas de fogo recortadas em cartolina vermelha e com a inscrição: "Vai, Eu estarei contigo até ao fim dos tempos"; as LF devem ter umas dimensões compatíveis com as da Barra Cronológica);

## **MÚSICA**

- "Sois a semente".

## **Preparação da sala:**

- construir, na sala (poderá ser no centro ou no canto), um espaço amplo (o maior que for possível) com a tenda;
- a Bíblia deverá ser colocada em cima de um suporte, no chão, com uma vela.
- perto da tenda, do lado de fora, numa posição mais alta que a própria, tenda deverá estar colocado o sol;
- colocar a iluminação, dando um efeito de muita claridade, no interior da tenda.

## **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

- 1. A catequese inicia-se com todos, sentados, no interior da tenda (lcr com atenção as observações pedagógicas). O catequista introduz a Experiência Humana:*

Sabeis que o Sol é a estrela central do sistema solar. Todos os outros corpos do sistema solar – planetas, asteroides, cometas, poeiras, satélites associados a esses corpos – giram em volta do Sol.

Porque é que o Sol é tão importante? *(deixar as crianças pronunciarem-se).* O Sol é a fonte de luz natural que aquece e ilumina a Terra... é isso mesmo! Podemos então dizer que a radiação emitida pelo Sol é fonte de vida e de energia para a Terra e para todos os seres vivos que a habitam. Sem o Sol, não haveria luz, não existiriam as plantas, os animais, as pessoas; sem o Sol, não teríamos Vida na Terra.

*O catequista pergunta se repararam no sol que estava ao pé da tenda.*

Colocámos o sol ali, porque o Sol aparece no céu, de manhã cedo; e, depois de várias horas (no final da tarde), esconde-se do lado oposto, por detrás do mar, das montanhas, ou do horizonte (na verdade, não é o Sol que anda, como nos parece, mas a Terra que gira sobre si própria, e à volta do Sol). Deixamos de o ver, mas sabemos que ele está lá, e que voltará, noutro dia. Quando o Sol desaparece, o que vemos aparecer no céu? *(deixar as crianças pronunciarem-se).* Muito bem, vemos a Lua. A Lua é um planeta que gira à volta da Terra e também do Sol. A Lua não tem luz própria; mas reflete a luz do Sol, iluminando a Terra à noite. Não é a mesma coisa, nem tem o mesmo brilho do que o Sol; mas a sua superfície reflete, para nós, a luz do Sol

Hoje começámos por falar do Sol. E qual vos parece ser a razão? Quem quer arriscar uma resposta? *(Deixar as crianças pronunciarem-se; o catequista valorizará as respostas dadas e conduzirá para a resposta, caso as crianças não tenham mencionado a razão fundamental: a analogia com Jesus Cristo.)* Porque hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de um outro "Sol": Jesus Cristo. Para nós, Ele é a "estrela" principal da vida e da história dos homens. Um dia, Ele apareceu no horizonte da humanidade para iluminar e aquecer o mundo – como acontece com o Sol todas as manhãs.

Ele, durante algum tempo, aqueceu a nossa Terra, encheu de esperança e de alegria os corações de todos os homens e mulheres que com Ele se cruzaram, e percorreu connosco um caminho. Ao longo desse caminho, Ele deu-nos Vida verdadeira e eterna, mostrou-nos por onde ir, venceu as trevas que nos impediam de caminhar rumo à Vida nova, ensinou-nos a ser felizes. Depois de ter terminada a sua tarefa, a sua missão, Jesus (como o Sol), desapareceu da nossa vista... Ele morreu, mas não deixou de existir. Deixámos de o ver, por algum tempo, mas, podemos ainda perceber a sua luz, a guiá-nos e a indicar-nos caminhos na noite do mundo? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

É mesmo isso, a nossa resposta só pode ser: “Sim, podemos!”. Ficaram cá, no mundo, os seus discípulos, nos quais brilha a luz e a Vida de Jesus. Os discípulos de Jesus não são “a luz”; mas neles brilha a luz de Jesus, e essa luz ilumina os caminhos do mundo e dos homens (como a Lua, que não tem luz própria, mas brilha com a luz que lhe vem do Sol, para iluminar a noite). É sobre este Jesus, a “luz” que ilumina e aquece o mundo – que agora não vemos mas cuja luz brilha através dos discípulos que Ele deixou no mundo – que iremos hoje falar.

## II. PALAVRA

1. *Mantendo-se todos sentados na tenda, o catequista propõe: Alguém sabe dizer o que aconteceu a Jesus depois de ter ressuscitado? Para onde é que Ele foi? ((deixar as crianças pronunciarem-se).)*

Claro que foi para junto de Deus, o seu Pai. No “Credo” – esse resumo da nossa fé, que nós proclamamos na celebração da Eucaristia – dizemos que Jesus, após a Ressurreição “subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai”. É natural que isso tenha acontecido: Ele veio ao nosso encontro a partir de Deus, seu Pai; e, quando terminou a sua vida nesta terra, voltou para junto do seu Pai.

Diversos textos do novo Testamento falam disto, embora cada um o faça à sua maneira. Por vezes, os autores destes textos não sabiam bem como expressar as coisas que experimentavam e sentiam e, então, usavam “imagens” pois, por vezes é, mais fácil dizer certas coisas usando imagens ou comparações, não é verdade? No essencial, os vários autores estão de acordo: Jesus Cristo, o Filho de Deus que foi morto e sepultado num túmulo em Jerusalém, depois de ter ressuscitado, “subiu” para junto de Deus.

*O catequista acende a vela, enquanto refere: Vede como o autor dos primeiros tempos que temos estado a acompanhar no Livro dos Atos dos Apóstolos descreve a Ascensão de Jesus (At 1,3-11):*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Apareceu vivo aos discípulos, depois da sua paixão e deu-lhes disso numerosas provas, com as suas aparições, durante quarenta dias, e falando-lhes também a respeito do Reino de Deus. No decurso de uma refeição que partilhava com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem lá o Prometido do Pai, «do qual – disse Ele – me ouvistes falar.**

**João batizava em água, mas, dentro de pouco tempo, vós sereis batizados no Espírito Santo».**

**Estavam todos reunidos, quando lhe perguntaram:**

**«Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?»**

**Respondeu-lhes: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade.**

**Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo».**

**Dito isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos. E como estavam com os olhos fixos no céu, para onde Jesus se afastava,**

**surgiram de repente dois homens vestidos de branco, que lhes disseram:**

**«Homens da Galileia, porque estais assim a olhar para o céu?**

**Esse Jesus que vos foi arrebatado para o céu virá da mesma maneira, como agora o vistes partir para o céu».**

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 2. O catequista propõe, falando baixo e com calma: Agora, vamos fazer silêncio!** Vamos escutar estas palavras com o nosso coração.

*O catequista dará um minuto de silêncio, e retoma:*

Há, nesta descrição, diversas coisas que é importante ter em conta... Antes de mais diz-se que, durante algum tempo após a sua Ressurreição, Jesus apareceu aos seus discípulos. Isso nós já sabíamos, pois falámos, nas catequeses anteriores, de diversos encontros entre Jesus ressuscitado e os seus discípulos.

Por quanto tempo é que Jesus lhes apareceu? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Sim. No nosso texto diz-se que foi por “quarenta dias”. No entanto, pode ser que não tenham sido exatamente quarenta dias... Naquela altura, quando se queria dizer “o tempo necessário para aprender e perceber uma coisa muito importante”, falava-se em “quarenta dias”.

O autor deste texto está, portanto, a dizer-nos que, após a sua Ressurreição, Jesus ainda esteve algum tempo a ensinar aos seus discípulos coisas muito importantes... **Sabeis de que falava Jesus?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Olhem, podem abrir o vosso catecismo na página 99 ... o que é que está aí destacado? O que é que nos diz? Diz que Ele lhes falava “a respeito do Reino de Deus”...

Já antes, quando andava com os seus discípulos pelos caminhos e aldeias da Palestina, Jesus falava-lhes, muitas vezes, do “Reino de Deus”. O “Reino de Deus” era esse mundo novo de amor, de justiça, de perdão, de serviço que Deus queria propor à humanidade e que Jesus veio ensinar-nos a construir... Depois de ressuscitar, antes de se tornar invisível, Ele quis dar aos seus discípulos as suas últimas indicações e instruções sobre algo muito importante, como quando alguém vai partir em viagem e deixa aos seus amigos ou familiares as suas últimas indicações para que os seus “negócios” e projetos possam continuar a andar: como construir um mundo novo, um mundo de Vida e de felicidade para todos os homens e mulheres.

Depois de ter completado a sua missão no mundo, Jesus – diz o nosso texto – “elevou-se” em direção ao céu. Na página 98, no catecismo, podemos observar uma obra de arte que ilustra esta passagem da Bíblia...e que nos pode ajudar a perceber o que é que isto quer dizer.. (*Deixar as crianças falarem da sua interpretação*).

Podemos afirmar que “elevou-se” em direção ao céu, quer dizer que Ele voltou para Deus e ficou junto de Deus. Não podia ser de outra forma, não é verdade? Ele veio de Deus e, enquanto esteve neste mundo, procurou fazer

sempre a vontade de Deus. Quando terminou a sua vida nesta terra, foi para junto de Deus...

**Ao ir para junto de Deus, sabeis o que é que Jesus nos mostrou?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Mostrou que quando cumprimos a vontade de Deus, quando fazemos o que Deus nos pede, quando ouvimos as indicações de Deus e conduzimos a nossa vida de acordo com elas, estamos destinados a ir para junto de Deus. Tal como está aí escrito no vosso catecismo, para que nunca se esqueçam disso (*o catequista indica no catecismo*), o destino dos "filhos de Deus", que cumprem a vontade de Deus, vivem o Seu projeto, é ir ter com Deus e ficar sempre junto de Deus. Isso aconteceu com Jesus; isso mesmo há de acontecer connosco, também. E sabemos qual é esse projeto, não sabemos (*o catequista indica na Barra Cronológica, no espaço da catequese 22, o que é "Ter fé em Jesus Cristo"*).

Portanto, a partir de certa altura, Jesus deixou de andar com os seus discípulos pelos caminhos do mundo e passou a fazer parte do mundo de Deus. Mas ao ficar junto de Deus, Jesus foi embora e abandonou os seus discípulos? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Claro que não... O facto de os discípulos deixarem de ver Jesus não significa que Ele os tivesse abandonado. Ele continuava presente; só que os discípulos deixaram de o ver. Aliás, Ele disse-lhes que ia enviar sobre eles o seu Espírito – a sua força, a sua Vida; e, dessa forma, continuaria presente, a acompanhar o caminho dos discípulos.

**E os discípulos? Ficavam com alguma tarefa, com algum "trabalho de casa" para fazer?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Claro que sim. Jesus encarregou-os de serem suas testemunhas "em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo". **Sabeis o que isto significa, não sabeis?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se*).

Pois, é isso mesmo. Significa que os discípulos deviam ir ao encontro de todos os homens e mulheres e falar-lhes de Jesus e da sua mensagem: deviam (*indicar na Barra Cronológica*) SER TESTEMUNHAS.

Para quê? Para que essa proposta de um **mundo novo** – que Jesus tinha vindo apresentar – chegasse a toda a gente e a todos os cantos da terra. Ou seja: aquela proposta de um mundo novo, que Jesus tinha vindo apresentar à humanidade, agora ficava nas mãos dos seus discípulos; eram eles que deviam ir pelo mundo e apresentar aos outros homens e mulheres essa proposta de Jesus. Além de apresentar a proposta com um anúncio por palavras, eles deviam também, como o próprio Jesus fez, realizar gestos de amor, de

bondade, de perdão e de paz, para que todos vissem como é que esse mundo novo podia ser construído. Foi essa a tarefa que Jesus, ao ir para junto de Deus, deixou aos discípulos que ficavam aqui na terra.

O texto que lemos diz, ainda, que apareceram “dois homens vestidos de branco”... Que é que eles disseram aos discípulos? Perguntaram-lhes: “Porque estais assim a olhar para o céu?” Sabeis o que é que eles queriam dizer com esta pergunta? Queriam dizer: “Não adianta ficardes aí a olhar para o céu, à espera que Jesus faça tudo e que seja Ele, sozinho, a construir um mundo novo... Jesus disse-vos como fazê-lo e, agora, é convosco.

Ide lá continuar a obra que Jesus começou (*o catequista mostra a inscrição «Continuar a obra de Jesus» no espaço da catequese 23 da Barra Cronológica*). Ide falar a todos desse mundo novo que Deus quer que vós construais; ide ao encontro das pessoas e mostrai-lhes, com os vossos gestos de amor e de bondade, tudo o que Jesus vos ensinou. Um dia, no final dos tempos, Jesus há de vir outra vez ao encontro dos homens; mas, até lá, sois vós que tendes de trabalhar para que este mundo seja um lugar onde há Vida e felicidade para todos os homens e mulheres”.

*O catequista explica, agora, porque estiveram sentados debaixo da tenda:* A tenda tem esse significado de proteção que simboliza a presença de Jesus, tem o sentido de quanto os discípulos se sentiam confiantes quando Jesus estava com eles, em carne e osso. Como os discípulos tiveram de confiar em Jesus, nas suas Palavras, agora que tinha de ir para o Pai. Aquele era momento em que tinham de partir pelo mundo, anunciar o Reino de Deus, dar testemunho de tudo o que tinham visto, ouvido e vivido – portanto, não podiam continuar debaixo da tenda, a sua casa era agora “todas as terras”, “todos os povos”. Nós, tal como os discípulos, não podemos continuar debaixo da tenda, temos de partir, de anunciar este Jesus ressuscitado e o Seu Reino.

*E, neste momento, todos desmancham a tenda e reúnem-se, em silêncio, à volta da Bíblia, onde poderão ficar em pé. O catequista dirá, ainda, que ao pé da bíblia estão umas sandálias, simbolizando o caminho e o anúncio que cada um de nós terá de assumir.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista convida à oração, em que é pedido que se faça silêncio entre cada leitura:*

**Catequista:**

"Senhor Jesus,

Tu vieste ao nosso encontro e, durante alguns anos, caminhaste no meio de nós; sofreste fome, frio, cansaço, dores, angústias, medo; ajudaste homens e mulheres, acolheste bons e pecadores, sentaste-te à mesa com ricos e pobres, curaste os doentes e acolheste os que eram marginalizados; disseste palavras que encheram de esperança o coração de todos e mostraste, nos teus gestos de amor, de bondade e de perdão como é que nós devíamos viver para construir um mundo mais bonito e mais feliz.

**Criança 1:**

Um dia, foste preso e morto numa cruz;  
mas Deus, o teu Pai, não deixou que a morte  
e a maldade vencessem e ressuscitou-te.

Depois, tu foste de novo para junto de Deus, para junto do teu Pai.  
Na terra, ficaram os teus discípulos, a continuar a tua obra.  
E tu, embora eles não te vejam cara a cara,  
continuas a acompanhá-los e a caminhar com eles.

*Silêncio*

**Todos:**

Jesus, tu estás connosco quando nos reunimos para te rezar,  
Tu estás connosco quando escutamos a tua Palavra,  
Tu estás connosco quando partilhamos o teu Pão,  
Tu estás connosco quando repetimos os teus gestos de amor,  
de bondade e de perdão,  
Tu estás connosco quando lutamos contra a injustiça, o egoísmo e a maldade.  
Senhor Jesus, Tu estás sempre connosco nos caminhos do mundo!

*Silêncio*

**Criança 2** – Senhor Jesus, tu disseste: "Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do filho e do Espírito santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28,20).

*Silêncio*

**Todos: Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!**

*Silêncio*

**Criança 3** – Senhor Jesus, tu disseste: “Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado, será salvo; mas, quem não acreditar será condenado” (Mc 16,15-16).

*Silêncio*

**Todos:** Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

*Silêncio*

**Criança 4** – Senhor Jesus, tu disseste: “Está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos, ao terceiro dia; que havia de ser anunciada, em seu nome, a conversão para o perdão dos pecados a todos os povos, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas destas coisas” (c 24,46-48).

*Silêncio*

**Todos:** Senhor Jesus, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

## 2. Compromisso:

*O catequista, com calma e tom de voz suave, sugere:* É no silêncio que somos convidados a aprofundar o nosso compromisso de continuar a Obra de Jesus, tal como está indicado na nossa **Barra Cronológica**, no espaço da catequese 23. Vamos trabalhar para, dentro das nossas possibilidades, daquilo que sabemos e podemos fazer: **Levar amor; Mostrar bondade; Ser Justos.** Em sinal de que aceitamos a presença do Espírito Santo na nossa vida, força capaz de nos inspirar amor, bondade e justiça, um de cada vez, vamos retirar do cesto (*fazer passar o cesto pelas crianças*) uma língua de fogo, mensagem de Jesus, para recordarmos sempre este compromisso. Depois, com a ajuda do Espírito, cada um vai completar a sua Barra Cronológica com uma atitude de amor, de bondade e de justiça que quer viver esta semana.

*No final, pode cantar-se o cântico “Sois a semente.”, enquanto as crianças vão saindo da sala e caminhando “para o mundo”.*

**Para guardar na memória e no coração**

“Estarei convosco até ao fim dos tempos”:

Senhor, faz-nos testemunhas do teu Reino em toda a terra!

## O ESPÍRITO QUE DÁ VIDA

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. Jesus, depois de ressuscitar, foi para junto do Pai.

Ao partir, confiou aos seus discípulos a missão de continuarem a obra que Ele tinha iniciado... Estarão os discípulos à altura de uma tarefa tão importante e decisiva? Esses homens cheios de limites e fragilidades, que tantas vezes manifestaram uma dificuldade extrema em entender Jesus e o seu projeto, serão capazes de acolher e de levar ao mundo a Boa Nova do Reino? Esses homens que tantas vezes mostraram estar mais preocupados com a realização dos seus sonhos e interesses pessoais do que com o programa do Reino, terão a capacidade de se dar totalmente à construção do Reino? Esses homens sempre prontos a fugir e a esconder-se quando apareciam as dificuldades e oposições, serão capazes de se comprometer, sem hesitação, com a construção do Reino?

É aqui que entra o Espírito Santo, esse Espírito de Vida que anima Jesus e que Jesus quis derramar sobre os seus discípulos.

Em hebraico, "Espírito" diz-se "ruah". A palavra pode traduzir-se como "vento" (essa misteriosa deslocação do ar que, por vezes, é violenta e derruba os obstáculos à sua passagem, e outras vezes se insinua como murmúrio suave e acariciante; que por vezes, com o seu sopro tórrido seca a terra e a esteriliza, e outras vezes derrama sobre a terra a água que fecunda e faz germinar a vida) ou como "respiração" (o "hálito" da vida, suave, frágil e vacilante, mas que sinaliza e expressa a vida que anima o homem). Quando se fala no "ruah Elohim" (o "Espírito de Deus"), fala-se desse "sopro" de Deus, desse "hálito" de Deus, dessa "força" de Deus que dá vida ao homem (cf. Gn 2,7), que o santifica, que o liberta, que o transforma e o capacita

para a missão e para ser, no mundo, um sinal de Deus (cf. Jz 3,10; 11,29; 14,6; 1 Sam 11,6).

Para a catequese de Israel, o Messias – o “ungido” de Deus para libertar e salvar o seu Povo – devia ser portador do “Espírito do Senhor”; seria esse Espírito que lhe proporcionaria a sabedoria, o entendimento, o conselho, a fortaleza, a ciência e o temor de Deus (cf. Is 11,2), “qualidades” e atributos necessários para que Ele pudesse levar a cabo a sua missão libertadora e salvadora.

Toda a existência humana de Jesus é vivida sob o signo e a ação do Espírito. O evangelista Lucas refere-o logo no próprio momento da Incarnação, sugerindo que a presença do Espírito remonta às origens do próprio ser de Jesus (cf. Lc 1,35). Jesus é, portanto, esse Messias que Israel esperava e sobre quem repousa, desde o início do seu ser, o Espírito de Deus.

Esse Espírito – presente desde o primeiro instante em Jesus – manifesta-se no momento em que Jesus é batizado por João Baptista nas águas do Rio Jordão: “o Espírito Santo desceu sobre Ele, como uma pomba” (Lc 3,22). O batismo na água torna-se batismo no Espírito. O Espírito como que comunica a Jesus, naquela circunstância, a palavra de complacência, de orgulho e de amor que vem do Pai. Sendo o batismo o momento da investidura do Messias, o momento em que o Pai o apresenta e lhe confia uma missão, a presença do Espírito indica que ele acompanha Jesus nessa missão que o Pai lhe entregou. O próprio Jesus está plenamente consciente disso; por isso, quando vai à sinagoga de Nazaré, Ele aplica a si mesmo o texto de Isaías (cf. Is 61,1-2) que, nesse sábado, era lido na liturgia sinagoga: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4,18-19).

É no Espírito que Jesus sempre age. É o Espírito que o impele na sua ação e no seu ensino (cf. Lc 4,14); é no Espírito que Jesus rejeita todas as distorções do plano de Deus e se afirma disponível apenas para cumprir a vontade e o projeto do Pai (cf. Mt 4,1); é no Espírito e pelo Espírito que Jesus luta contra o mal que oprime o homem e o impede de ter Vida (cf. Mt 12,28); é no Espírito e pelo Espírito que Jesus reconhece a ação de Deus e bendiz o Pai (cf. Lc 10,21-22). Os gestos com que Ele derrota o mal, a força e a verdade da sua Palavra, a sua familiaridade com Deus são a prova de que sobre Ele “repousa o Espírito” (Is 61,1)... E esse Espírito não o “atinge” de forma ocasional, como acontecia com outras pessoas do Antigo Testamento a quem Deus tinha

confiado determinada missão; mas o Espírito “repousa sobre Ele” de forma permanente: o Espírito reside nele e atua nele, em todas as circunstâncias.

## **2. Jesus promete aos discípulos o seu Espírito**

Quando se aproximou o tempo de concluir a sua missão na terra e de partir para o Pai, Jesus prometeu aos discípulos que iam receber esse Espírito Santo que o tinha sempre animado e conduzido, de forma que eles pudessem continuar a obra iniciada... Na última ceia, a esses discípulos desanimados e convencidos de que aquela aventura estava a terminar, Jesus diz-lhes: “Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós” (Jo 14,16-17). Pouco depois, Jesus ainda acrescenta: “Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco; mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há de recordar-vos tudo o que eu vos disse” (Jo 14,25-26). A palavra grega “paráklêtos”, aqui utilizada por João, pertence ao vocabulário jurídico e designa aquele que ajuda ou defende o acusado. Pode, portanto, traduzir-se como “advogado”, “auxiliar”, “defensor”. A partir daqui, pode deduzir-se, também, quer o sentido de “consolador”, quer o sentido de “intercessor”. No Novo Testamento, a palavra só aparece em João, onde é usada quer para designar, quer o Espírito (cf. Jo 14,26; 15,26; 16,7), quer o próprio Jesus (que no céu, cumpre uma missão de intercessão - cf. 1 Jo 2,1).

Esse “Paráclito” que Jesus vai enviar é o Espírito Santo, apresentado aqui como o “Espírito da Verdade”. Enquanto esteve com os discípulos, Jesus ensinou-os, protegeu-os, defendeu-os; mas, a partir de agora, será o Espírito o que ensinará e cuidará da comunidade de Jesus. O Espírito desempenhará, neste contexto, um duplo papel: em termos internos, conservará a memória da pessoa e dos ensinamentos de Jesus, ajudando os discípulos a interpretar esses ensinamentos à luz dos novos desafios; por outro, dará segurança aos discípulos, guiá-los-á e defendê-los-á quando eles tiverem de enfrentar a oposição e a hostilidade do mundo. Em qualquer dos casos, o Espírito conduzirá essa comunidade em marcha pela história, ao encontro da verdade, da liberdade plena, da vida definitiva.

## **3. Os discípulos recebem o Espírito**

Os catequistas do Novo Testamento contam de forma diferente a “entrega” do Espírito aos discípulos; mas, no essencial, a mensagem é a mesma: após a

Ressurreição de Jesus, os discípulos receberam o Espírito e tornaram-se pessoas novas.

Para o evangelista João, foi na tarde do próprio dia da Ressurreição que Jesus cumpriu a promessa que tinha feito aos discípulos e derramou sobre eles o Espírito... Aparecendo na casa onde eles se encontravam fechados, com medo das autoridades judaicas, Jesus disse aos discípulos: "«Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós». Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo»" (Jo 20,21-22). O verbo aqui utilizado é o mesmo do texto grego de Gn 2,7 (onde se diz que Deus soprou sobre o homem de argila, infundindo-lhe a vida de Deus). Com o "sopro" de Gn 2,7, o homem tornou-se um ser vivente; com este "sopro", Jesus transmite aos discípulos a vida nova que fará deles homens novos, capazes de viver uma Vida nova. Agora, os discípulos possuem o Espírito, a vida de Deus, para poderem – como Jesus – dar-se generosamente aos outros. É este Espírito que constitui e anima a comunidade de Jesus.

Lucas, por sua vez, coloca a experiência do Espírito no dia da Festa do *Pentecostes* (cf. At 2,1-12). O *Pentecostes* era uma festa judaica, celebrada cinquenta dias após a Páscoa. Originariamente, era uma festa agrícola, na qual se agradecia a Deus a colheita da cevada e do trigo; mas, no séc. I, tornou-se a festa histórica que celebrava a aliança, o dom da Lei no Sinai e a constituição do Povo de Deus. Ao situar neste dia o dom do Espírito, Lucas está a sugerir que o Espírito é a lei da nova aliança (pois é ele que, no *tempo da Igreja*, dinamiza a vida dos crentes) e que, por ele, se constitui a nova comunidade do Povo de Deus – a comunidade messiânica, que viverá da lei inscrita, pelo Espírito, no coração de cada discípulo (cf. Ez 36,26-28).

Na sua narrativa sobre a manifestação do Espírito (At 2,2-4), Lucas apresenta o Espírito recorrendo a dois símbolos com uma expressividade muito própria: o *vento de tempestade* e o *fogo*. São os símbolos da revelação de Deus no Sinai, quando Deus deu ao Povo a Lei e constituiu Israel como Povo de Deus (cf. Ex 19,16.18; Dt 4,36). Estes símbolos evocam a força irresistível de Deus, que vem ao encontro do seu Povo e lhe apresenta uma proposta (uma Lei) de Vida. Da aceitação dessa proposta nasce a comunidade de Deus, o Povo que, no mundo, dá testemunho de Deus.

O Espírito que desce sobre os discípulos reunidos no Cenáculo apresenta-se, segundo Lucas, em forma de *língua de fogo*. A língua não é somente a expressão da identidade cultural de um grupo humano, mas é também a maneira de comunicar, de estabelecer laços duradouros entre as pessoas, de criar comunidade. "Falar outras línguas" é criar relações, é a possibilidade de superar

o gueto, o egoísmo, a divisão, o racismo, a marginalização... Aqui, temos o reverso de Babel (cf. Gn 11,1-9): lá, os homens escolheram o orgulho, a ambição desmedida que conduziu à separação e ao desentendimento; aqui, regressa-se à unidade, à relação, à construção de uma comunidade capaz do diálogo, do entendimento, da comunicação. É o surgimento de uma humanidade unida, não pela força, mas pela partilha da mesma experiência interior, fonte de liberdade, de comunhão, de amor. A comunidade messiânica é a comunidade onde a ação de Deus (pelo Espírito) modifica profundamente as relações humanas, levando à partilha, à relação, ao amor.

É neste enquadramento que devemos, ainda, entender os efeitos da manifestação do Espírito, segundo Lucas (cf. At 2,5-13): todos “os ouviam proclamar na sua própria língua as maravilhas de Deus”. O elenco dos povos convocados e unidos pelo Espírito, abrange todo o mundo antigo, desde a Mesopotâmia, passando por Canaan, pela Ásia Menor, pelo norte de África, até Roma: a todos deve chegar a proposta libertadora de Jesus, que faz de todos os povos uma comunidade de amor e de partilha. A possibilidade de ouvir na própria língua “as maravilhas de Deus” outra coisa não é do que a comunicação do evangelho, que irá gerar uma comunidade universal. Sem deixarem a sua cultura, as suas diferenças, todos os povos escutarão a proposta de Jesus e terão a possibilidade de integrar a comunidade da salvação, onde se fala a mesma língua e onde todos poderão experimentar esse amor e essa comunhão que tornam irmãos povos completamente diferentes. O essencial passa a ser a experiência do amor que, no respeito pela liberdade e pelas diferenças, deve unir todas as nações da terra

Paulo, nos seus escritos, ensina que **o Espírito é o responsável pelo nascimento do “Homem Novo”**, do homem que deixa para trás as “as obras da carne” (“fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas” – Gal 5,19) e vive uma vida liberta de todas as escravidões. Esse Homem Novo é o homem que vive de acordo com o dinamismo de Vida nova que lhe é dado pelo Espírito, e esse dinamismo é “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio” (Gal 5,22-23). O homem que vestiu as vestes do Homem Novo está revestido de “sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência”; apoia e serve de suporte aos seus irmãos, mesmo quando tem “razão de queixa contra o outro”; é capaz de perdoar em todas as circunstâncias e, acima de tudo, faz do amor – que é o

laço da perfeição – a lei fundamental pela qual conduz a sua vida (cf. Col 12-14). Conduzidos pelo Espírito, diz Paulo, esses Homens Novos (que constroem a sua vida de acordo com esse dinamismo de Vida nova que o Espírito dá) tornam-se filhos de Deus; estão destinados à Vida de Deus, à comunhão com Deus, a integrar a família de Deus: “Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos. É por Ele que clamamos: *Abbá*, ó Pai. Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus” (Rom 8,15-16).

Além disso, é **o Espírito Santo que está na origem da comunidade cristã...**

No relato do Pentecostes vemos como esses discípulos cheios de medo, fechados dentro de uma casa, e que até aí pouco tinham entendido da mensagem de Jesus, depois da chegada do Espírito abrem as portas e as janelas e proclamam, com desassombro e sem medo, com pleno conhecimento de causa, a boa Nova de Jesus. Todos os anteriores sinais de cobardia, de preguiça, de acomodação, de incompreensão desaparecem; o Espírito renova os corações dos discípulos, dá-lhes força, dá-lhes entusiasmo, leva-os ao compromisso, permite-lhes entender, acolher e proclamar a proposta de Jesus... O Espírito faz dos discípulos testemunhas destemidas do Evangelho de Jesus. Mas o Espírito não está só na origem da comunidade cristã; ele **acompanha cada passo dessa comunidade na sua viagem pela história**: é pela ação do Espírito e conduzidos pelo Espírito que os discípulos vão proclamar a proposta de Jesus “em Jerusalém em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo” (At 1,8); é o Espírito que guia os discípulos, que lhes permite encontrar os caminhos do Evangelho e tomar as decisões corretas para que a mensagem possa alcançar todos os povos (cf. At 15,28); é, ainda, o Espírito que faz com que os destinatários do Evangelho acolham a proposta de Jesus e aceitem integrar essa comunidade do Reino, onde todos os homens e mulheres, de todas as raças e culturas, falam a mesma linguagem e vivem no entendimento e na comunhão; é, finalmente, o Espírito que distribui por cada discípulos os dons que devem ser postos ao serviço da comunidade, para que a comunidade seja mais rica e possa cumprir a sua missão (cf. 1 Cor 12,1-11).

Devemos ter em conta que o dinamismo do Espírito não se esgotou na Igreja dos primeiros tempos e na vida dos primeiros cristãos... O Espírito continua hoje, a cada momento, a propor-nos um dinamismo de Vida nova, de forma a que possamos viver como Homens e Mulheres novos, realizando as obras de Jesus e continuando a missão de Jesus. E o Espírito continua, ainda agora, a acompanhar o caminho da comunidade cristã, a construí-la e a renová-la, em cada passo do seu caminho histórico.

## **OBJETIVOS**

- Perceber que Jesus, ao partir deste mundo, deixou aos seus discípulos o Espírito Santo, esse Espírito que sempre o acompanhou e animou na missão que o Pai lhe confiou.
- Compreender que o Espírito faz de nós Pessoas novas, capazes de dizer "não" ao mal e de viver de acordo com as propostas de Jesus, anima a comunidade que nasce de Jesus e a acompanha no seu caminho pela história.
- Aprender a descobrir os sinais da presença do Espírito Santo na nossa vida e na vida do mundo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Pretende-se que as crianças compreendam que o envio do Espírito Santo, acontecimento do Pentecostes e expressão do amor de Deus, se manifestara já na forma como Deus atuara em Jesus e se atualiza na forma como atua em todos os que amam verdadeiramente, mesmo que não tenham ainda disso consciência. A história que lhes será contada pretende mostrar como, mesmo nas ações que mais nos atraem ou motivam, surgem sempre dificuldades e obstáculos, tal como aconteceu com os discípulos. É nesses momentos de confusão, indecisão ou receio que Deus, se a isso estivermos abertos, evidencia o seu amor sob a forma e forças renovadas, consolo, criatividade, assegurando que nós seremos capazes de fazer aquilo que Ele nos pede.
2. Depois de terem percebido que os Apóstolos foram enviados por Jesus, e com a força do Espírito, a anunciar o Evangelho e a ensinar como se vive em Igreja, as crianças são desafiadas a compreender estes acontecimentos e associarem-lhes os símbolos usados por Jesus para os vivenciar, o que lhes permitirá reter melhor os relatos escutados e o fundamental da sua mensagem. No entanto, pretende-se fundamentalmente que compreendam o que é a Igreja e como esta vive no tempo histórico dos homens e das mulheres, conduzida pelo Espírito Santo e convidando-os a tomar parte na sua vida.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Vela/ Círio;
- Gravuras/Imagens
- Dísticos: "os discípulos de Jesus"; "a construção de um mundo de amor, de paz, de liberdade e de vida..."; "Foi este Jesus que Deus ressuscitou e disto nós somos testemunhas."; "Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu

do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis”; “A Igreja”.

- Poster: fogueira;
- Gravação e respetivo leitor do cântico escolhido.

## MÚSICA

- “ Ó Senhor, enviai.”

2. Oração: “Ó Deus, dá-nos a graça de vivermos em tua paz e de nos alegrarmos na tua misericórdia.”

## Preparação da sala:

O **placar** está vazio. As crianças sentam-se em seu redor.

Na **mesa**: a Bíblia e uma vela/círio, apagada. Fósforos para a acender.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O Catequista após o acolhimento inicial, e depois de todas as crianças estarem sentadas de modo a verem bem o placar, começa por recordar com o grupo a importância das mensagens que as últimas catequeses têm transmitido neste Tempo Pascal.*

*Escutadas as opiniões, valorizadas pelo catequista, que deve reforçar sempre as mensagens ou corrigir no caso de sentir algumas dúvidas, o catequista convida o grupo a ouvir a história que hoje lhes vai contar:*

O Vítor é escuteiro. Há cerca de duas semanas, ele foi, com o seu Agrupamento, fazer o acampamento da Páscoa, na Covilhã. Foram três dias passados no meio da natureza e gastos em atividades muito interessantes...

*O catequista questiona as crianças: Quem não gosta de admirar a beleza da Natureza?*

No entanto, nem tudo foi fácil...

Na tarde de sábado, a secção do Vítor fez um jogo de pista com cerca de 15 quilómetros... Quando partiram, todos estavam muito animados, a pensar que tinham pela frente uma bela aventura... E, nos primeiros quilómetros, o jogo decorreu de forma animada: a procura das pistas, a observação da natureza, o convívio, a ajuda que davam uns aos outros, a vontade de superar os obstáculos do caminho, deixaram toda a gente entusiasmada... *(O catequista observa:)* Até aqui tudo estava a correr muito bem e a ser um sucesso... *(E prossegue:)*

No entanto, depois dos primeiros sete quilómetros, o cansaço começou a pesar nas pernas; e, para piorar as coisas, apareceu uma chuva fria e irritante, que parecia nunca mais parar e os molhou até aos ossos. A moral do grupo começou a baixar e alguns estavam tão desanimados que tinham dificuldade em continuar a avançar. Em dado momento, já ninguém estava preocupado com o jogo; só se pensava em chegar ao fim e descansar num sítio quente e seco. Quando chegaram ao acampamento, só se viam rostos desanimados, cansados, fartos daquela aventura em que se tinham metido.

*(O catequista chama a atenção:)* Quando as dificuldades surgiram todo o entusiasmo foi desaparecendo e, tudo o que inicialmente era uma maravilha, foi sendo desvalorizado... *(O catequista continua:)*

À noite, depois do jantar, veio o Fogo de Conselho *(o catequista coloca o poster com a fogueira no placard e explica:)* Para aqueles que não são escuteiros, queria só explicar que o Fogo de Conselho é um tempo que é dado aos escuteiros acampados, e que durante o dia andaram muito ocupados com as suas tarefas e atividades, para pararem, pensarem e analisarem os seus atos, sentados à volta da fogueira, que os ilumina, aquece e aproxima uns dos outros pela sua beleza.

**Qual será o grande objetivo dessa experiência junto do fogo?** *(Deixar as crianças pronunciarem-se, a partir do símbolo do fogo, calor e luz, e encaminhar as suas respostas para as conclusões:)* De facto, muitas vezes é isso que nos acontece: Se nos sentimos bem, aquecidos e iluminados, começamos a ver e a sentir as coisas que nos acontecem de outra maneira ... mudamos de opinião depois de se fazer luz no nosso pensamento ...

*O Catequista abre um pequeno diálogo, escuta e sublinha as intervenções que mais põem em relevo a relação reflexão - mudança.*

**Mas vamos continuar a nossa aventura pois vamos ter algumas novidades:**

Reunidos à volta da fogueira, recordando as peripécias da aventura da tarde, os membros do agrupamento começaram a despertar...

Aquele **fogo** aceso no meio do acampamento, que aquecia os corpos e iluminava a noite, mudava tudo: trouxe bem-estar e começou a acender sorrisos naqueles rostos, sérios e cansados.

O Vítor, sentado ao lado dos outros Exploradores, pensava nesse extraordinário poder que **o fogo** tem de trazer alegria e vida nova a quem está desanimado e abatido.

Voltou a boa disposição e todos se sentiram, outra vez, animados e reconciliados com o escutismo e com as suas exigências.

2. *O catequista introduz a reflexão central desta catequese:* No nosso encontro de catequese de hoje, vamos falar de um grupo de homens – **os discípulos de Jesus** (o catequista coloca no placar o dístico "os discípulos de Jesus" e pergunta:)

"Discípulos de Jesus" é uma expressão, uma designação, que todos já ouviram muitas vezes na catequese, não é verdade? (Deixar as crianças pronunciarem-se.)

Muito bem! Nós hoje vamos aprofundar um bocadinho a história dos discípulos de Jesus e vamos tentar compreender como há algo que nos une a eles.

Em primeiro lugar, nós já sabemos o que Jesus lhes pediu, não é? (O catequista sugere às crianças que observem os espaços da catequese 22 e 23 da sua **Barra Cronológica** e que identifiquem o pedido de Jesus:) Ter fé em Jesus Cristo... SER TESTEMUNHA: tal como nós, os discípulos também descobriram como era bom viver uma Vida com Jesus e comprometeram-se a espalhar a Boa Nova, comprometeram-se em continua a obra de Jesus, trabalhando para um mundo de amor, bondade e justiça. Mas nada disto é fácil, pois não? (O catequista leva as crianças a relatarem um pouco os seus próprios esforços de dar testemunho, e a manifestar as suas próprias dificuldades, fazendo alguma analogia com a história escutada e os obstáculos encontrados pelos escuteiros; depois, tentando escutar todas as crianças e ajudando-as a sentir aquilo que se discute, prossegue:)

Pois é, os discípulos de Jesus já eram adultos e tudo, mas o que é certo é que hoje vamos saber é que estes amigos também desanimaram algumas vezes (e continua):

Eles também foram chamados, e aceitaram, uma missão difícil. Mas, no caminho, acabaram por se perder ou por se sentir muito cansados, ou com medo e, a certa altura, convenceram-se que ia terminar muito mal. Quando regressaram a casa, ao seu acampamento, estavam cansados, desiludidos e abatidos... Só lhes apetecia fecharem-se numa casa, fugir das dificuldades e crises e não sair mais dali...

No entanto, Jesus também lhes enviou um "fogo" (o catequista aponta a *figueira exposta no placar*) que mudou tudo e "acendeu" para eles uma nova esperança, uma Vida nova. Vamos, então, escutar esta experiência dos apóstolos, com muita atenção e respeito.

## II. PALAVRA

1. *Depois de as crianças estarem de pé e preparadas para ler e escutar, o catequista introduz: Os discípulos de Jesus* – aqueles que Ele chamou para o seguirem e para escutarem a sua mensagem e as suas propostas – pensaram sempre que iam viver uma bela aventura. Pensaram, enquanto Jesus estava com eles que Jesus poderia vir a tornar-se uma pessoa muito importante e muito poderosa (um rei) e que eles iam ganhar muito se estivessem ao lado de Jesus, desse rei ... Não compreenderam bem o que Jesus lhes pedia e usaram as suas próprias ideias para imaginar o futuro.

No entanto, a partir de uma certa altura, eles começaram a ficar um pouco apreensivos, preocupados, pois as semanas e os meses passavam e Jesus não fazia nada para se tornar rei ... Pior ainda, a certa altura Jesus começou a dizer-lhes que tinha de ir para Jerusalém e que lá seria preso pelas autoridades judaicas, julgado e condenado à morte.

**Os discípulos não entendiam nada...** Então Deus não estava com Jesus e não lhe tinha dado poder e autoridade sobre os homens? Jesus não mostrava com os seus gestos – gestos que curavam o que davam vida – que Deus estava com Ele? Que sentido é que tudo aquilo fazia?

### 2. Um dia, chegaram com Jesus a Jerusalém.

Como ouvimos no Evangelho de Domingo de Ramos, uma semana antes de Domingo de Páscoa, no início, tudo correu bem e as pessoas aplaudiram a entrada de Jesus na cidade. Agitavam os ramos de palma para o saudar...

Mas, poucos dias depois, **Jesus foi preso** (depois de ter celebrado a Páscoa judaica com os seus discípulos), foi levado diante das autoridades e condenado à morte.

Os discípulos, no seu coração, quase não acreditavam no que estava a acontecer... Fugiram e esconderam-se, cheios de medo e confusão. Quando Jesus morreu, numa tarde de sexta-feira, eles estavam, quase todos, fechados numa sala, a tremer de medo, pensando que poderia acontecer-lhes a mesma coisa que tinha acontecido a Jesus...

No Domingo de manhã, contudo, as mulheres que foram ao sepulcro de Jesus vieram dizer-lhes que o sepulcro estava vazio e que Jesus tinha ressuscitado.

Eles também não acreditaram logo; mas, nos dias seguintes, eles próprios começaram a descobrir que Jesus estava vivo: a maldade dos homens e a força da morte não o tinham vencido.

Eles ficaram contentes: afinal, **a aventura ainda não tinha terminado**. Aos poucos, eles foram percebendo que **Jesus contava com eles** para continuar a construir o seu projeto e a dar Vida a todos os homens e mulheres... Eles deviam continuar aquilo que Jesus tinha começado (*o catequista coloca no placar o **dístico "A construção de um mundo de amor, de paz, de liberdade e de vida..."** e continua:*)

No entanto, eles também sabiam que eram homens frágeis, sem grande preparação para essa grande tarefa; eram homens que tinham medo das dificuldades, que tinham medo de ser perseguidos, que tinham medo de ser mortos, como tinha acontecido com Jesus... **Como é que iam ter forças para continuar a construir esse projeto que Jesus tinha começado?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se e orientar as respostas para a conclusão:*) Era na verdade a grande preocupação destes homens que já estavam decididos a seguir Jesus, mas sentiam que necessitavam da força que Ele lhes tinha prometido, de calor e luz (*o catequista aponta para o poster da fogueira e continua:*)

Jesus tinha-lhes dito que lhes ia enviar a força do Espírito Santo, que lhes ia explicar e ensinar aquilo que eles ainda não tinham entendido e que os tornaria capazes de serem testemunhas de Jesus em toda a terra (**cf. At 1,8**) ... E, porque Deus nunca nos promete nada que não cumpra, um dia, o Espírito Santo – a força de Deus, a Vida de Deus que tinha animado o próprio Jesus, o fogo de Deus que aquece o coração e que transforma gente com medo em gente nova, cheia de coragem e de entusiasmo – foi derramado sobre os discípulos de Jesus. É o livro dos "Atos dos Apóstolos" que nos fala desse momento (**At 2,1-11.14.22-24.32-33**) e que vamos ler:

*O catequista escolhe as crianças para fazer a leitura dos Atos dos Apóstolos. De pé, em silêncio, o grupo escuta:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/Narrador:*

**Quando chegou o dia do Pentecostes,  
encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar.  
De repente, ressoou, vindo do céu,  
um som comparável ao de forte rajada de vento,  
que encheu toda a casa onde eles se encontram.  
Viram, então, aparecer umas línguas de fogo,  
que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles.  
Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras  
línguas,  
conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.  
Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos  
provenientes de todas as nações que há debaixo do céu.  
Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta,  
pois cada um os ouvia falar na sua própria língua.  
Atónitos e maravilhados, diziam:**

*Criança/Leitor 1:*

**«Mas esses que estão a falar não são todos galileus?  
Que se passa, então, para que cada um de nós os oiça falar  
na nossa língua materna?  
Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia,  
da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília,  
do Egito e das regiões da Líbia cirenaica,  
colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes,  
ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!»**

*Catequista/Narrador:*

**De pé, com os Onze, Pedro ergueu a voz e dirigiu-lhes então estas  
palavras:**

*Criança/Leitor 2:*

**«Homens de Israel, escutai estas palavras:  
Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com  
milagres,  
prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio,  
como vós próprio sabeis, este, depois de entregue,  
conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus,  
vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa.**

**Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o desígnio da morte. Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis.»**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

Todos:

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista, após uns momentos de silêncio, questiona as crianças: Deste relato, o que é que vos chamou mais a atenção? O que e que esta narrativa, um bocadinho impressionante, vos diz? (O catequista escuta as crianças procurando que usem os conhecimentos que já possuem, uma vez que não é a primeira vez que lhes é proposta a ação do Espírito Santo e, depois, coloca no placar o **dístico**:*

**«Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis”.**»); prossegue, explicando:)

Reparam que, depois da descida do Espírito Santo sobre eles, o comportamento dos discípulos se alterou: já não estão fechados numa casa, cheios de medo, sem ver ninguém, como estavam antes de receber o Espírito santo, a força de Deus.

Agora, eles abrem as portas e as janelas da casa, olham as pessoas que passam e **anunciam-lhe o Evangelho de Jesus Cristo**, sem medo e sem se preocuparem com aquilo que as pessoas possam pensar ou fazer... Eles estão fortes, corajosos, determinados...

**Sabeis porque é que isto aconteceu?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

*Depois de ajudar as crianças a organizar as suas deduções, concluir: **Porque o Espírito Santo** – essa Vida de Deus que também animou Jesus na sua ação e missão – lhes deu a força de serem testemunhas de Jesus. Com o Espírito Santo, eles perderam o medo e ganharam a coragem de anunciar Jesus Cristo a toda a gente.*

Devem ter reparado, logo a seguir, como é que o Espírito Santo – essa força de Deus que também tinha estado em Jesus e o tinha acompanhado na sua missão – se apresentou: como vento forte e como línguas de fogo. Porquê? Para os antigos, o **vento** era um dos sinais que indicavam **a presença de Deus**. É algo que nós não vemos mas que sentimos, como acontece com Deus, que não vemos com os olhos da nossa cara mas que sentimos no nosso coração; o vento pode ser suave e abraçar-nos, como aquela brisa morna de verão, que é tão agradável ... e o vento pode ter uma grande força, uma força que os homens não controlamos, como acontece com Deus, capaz de realizar as coisas mais extraordinárias, de mover, de movimentar grandes coisas.

*Era, pois, um sinal dessa vida que os homens não dominavam, mas que fecundava a terra e as plantas (é assim que é a Vida de Deus). Assim, quando queriam falar da presença de Deus, os antigos usavam sempre a imagem de um "vento forte".*

*O catequista explica a simbologia do fogo com bastante detalhe e calma pois é uma simbologia muito rica de experiências para as crianças retirarem para a sua vida pessoal e o seu compromisso de evangelização:*

**O "fogo"** era, igualmente, um dos sinais que mostravam a presença de Deus.

- a) **O fogo** aquece aqueles que têm frio, dá-lhes uma vida nova e um novo ânimo (é isso que Deus faz também, não é verdade?);
- b) **o fogo** queima as coisas de que não necessitamos, o lixo, aquilo que está a mais na nossa vida (Deus também faz isso: faz desaparecer aquilo que nos faz mal, que nos escraviza, que nos rouba a vida);
- c) **o fogo** ilumina e permite-nos ver para onde é que devemos caminhar, sem tropeçar (e Deus é a luz que nos conduz, em todos os momentos, em direção à Vida);
- d) **o fogo** derrete os materiais duros, e dá mais força e consistência a outros materiais mais fracos e maleáveis, fazendo com que eles tenham a capacidade de resistir aos golpes (e Deus quer derreter os nossos corações duros e insensíveis, e quer tornar-nos fortes para resistir às contrariedades, às dificuldades e às perseguições).

Compreendeis, então, porque é que essa Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos de Jesus aparece nas figuras do vento e do fogo? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e ajudá-las a sintetizar as ideias mais importantes:*) E porque é que essa Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos de Jesus

se apresenta em forma **de línguas**? **A língua serve para falar, para comunicar, não é verdade?** (*Deixar as crianças pronunciarem-se:*) Já pensaram como seria se não pudessem comunicar com os vossos pais, os vossos amigos e colegas, os vossos professores?

Ficariam fechados em si, sem saber o que os outros pensam ou querem, sem poder dizer aos outros o que sentem, ou como gostam deles... Mesmo as pessoas que têm dificuldades de audição têm de aprender a língua gestual, não é? Se não fosse possível comunicar, estariam mais isolados, mais fechados em vós, mais afastados das outras pessoas...

*Terminado o tempo de reflexão, o catequista convida o grupo a pensar como pode sentir esta força de VIDA NOVA que é transmitida pelo ESPÍRITO SANTO. O catequista continua:*

Ora, essa **Vida nova de Deus** apresenta-se em forma **de línguas** para nos dizer que **Deus não quer que vivamos fechados em nós, isolados, sem comunicar...**

A Vida nova que Deus nos dá leva-nos ao encontro dos outros, a comunicar com os outros, a procurar entender os outros, a dizer palavras de bondade, de perdão, de amor, de esperança que ajudem os outros a serem mais felizes. Vós mesmos haveis feito esta reflexão após a catequese da semana passada: está registado no espaço da catequese 23 da vossa **Barra Cronológica**: escreveram sobre o que é amar, ser bondoso e ser justo, para melhor poderem «Continuar a obra de Jesus», que é aquilo que Ele vos pede e aquilo que aprendemos na catequese: a ser intérpretes de Deus, testemunhas de Jesus, verdadeiramente seus discípulos, na nossa vida ... O facto de ainda serdes crianças não é importante, não é um obstáculo, porque o Espírito Santo também vos assiste, também está convosco ...

*O catequista faz um breve silêncio e prossegue na introdução de uma nova ideia:* E, dessa forma, essa Vida nova que Deus nos dá faz com que todos nos entendamos, como uma grande família (mesmo que pertençamos a povos diferentes, a raças diferentes, a países diferentes). É uma experiência que vós tendes vindo a construir desde o primeiro ano da vossa catequese... Lembrem-se quando fizeram a primeira visita à igreja, ao edifício? Para alguns até seria quase a primeira vez mas não era o edifício, as pedras, que vos acolhia, de facto, mas a família dos crentes em Jesus, dos seus seguidores, dos cristãos, das «pedras vivas», como aprendemos no ano passado. E, depois, nestes anos, todas as pessoas que estiveram convosco na catequese, todas aquelas que vós haveis visitado, todas as que encontráis na eucaristia, todos vós, uns para os outros, sois, somos, a família de Deus.

*(Deixar as crianças pronunciarem-se e falarem da sua experiência de Igreja)*

Com a vida nova que Deus nos oferece, falamos todos a mesma linguagem – a linguagem do amor; acabam-se as inimizades, as guerras, as violências, as incompreensões, as maldades, porque somos capazes de falar uns com os outros, de compreender os outros, de aceitar as diferenças dos outros.

Já compreenderam, certamente, que essa Vida nova que os discípulos de Jesus receberam os torna pessoas novas, pessoas diferentes, pessoas melhores.

E animados pelo Espírito Santo, os discípulos de Jesus deixaram de ser egoístas e passaram a pensar nos outros, a preocupar-se com os outros, a procurar o bem dos outros; deixaram de ser agressivos e violentos e passaram a ser humildes e bondosos, a realizar gestos de acolhimento, de solidariedade e de paz; deixaram de ser maus e rancorosos e aceitaram perdoar e compreender sempre aqueles que lhes fazem mal; deixaram de ser injustos e prepotentes e passaram a ser construtores da justiça e da equidade; deixaram de ser pessoas tristes e abatidas e passaram a ser pessoas alegres e confiantes, que dão testemunho de esperança e de Vida nova.

Também já compreenderam que **esta Vida nova que Deus derrama sobre os discípulos (o Espírito Santo) faz aparecer uma nova família de pessoas:**

- **A família de Jesus,**
- **a família dos que escutam as propostas de Jesus e vivem de acordo com essa proposta que Ele veio trazer.**
- **a família de pessoas que vivem no amor, na partilha, na paz;**
- **a família de irmãos e de irmãs que se entendem, que falam a mesma linguagem (a linguagem do amor), que se aceitam uns aos outros (apesar da diferença de raças, de culturas, de perspectivas, de caminhos).**

Trata-se de uma família sem fronteiras, de uma família que junta todos os povos da terra, que abrange todos os homens e mulheres.

A esta família, nós chamados **"a Igreja"**. *O catequista coloca o dístico "Igreja" no placard e conclui:*

A Igreja nasce dessa força de Deus, o Espírito Santo, que é derramado sobre os discípulos de Jesus e os leva a amarem-se uns aos outros.

A Igreja de Jesus – essa família dos que receberam a Vida nova de Deus – existe, hoje, porque os amigos de Jesus continuam a receber esse Espírito, essa força e essa Vida de Deus.

É esse Espírito que, ainda agora, faz com que os amigos de Jesus se encontrem aos domingos para escutar a sua Palavra e para partilhar o seu Pão; é esse Espírito que os ajuda, ainda agora, a escutar, a entender e a acolher as Palavras de Jesus; é esse Espírito que dá a todos os amigos de Jesus a vontade de se amarem, de se ajudarem e de caminharem juntos, nessa grande família que é a Igreja

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. O catequista sugere: Proponho que rezemos, cantando, pedindo a Deus que nos envie o Espírito Santo, que dá a todos os amigos de Jesus a vontade de se amarem. Vamos, então, cantar o **cântico**:

**"Ó Senhor, enviai."**

*Depois de terem cantado, o catequista coloca no ar a gravação do cântico e pede às crianças para completarem a reflexão que está registada no espaço da catequese 24 da sua Barra Cronológica, ajudando-as a compreender e a anotar como se comportam as pessoas – cada uma das crianças – quando renovadas pelo Espírito Santo – acentuando sempre como os gestos de bondade, de amor, de ajuda aos outros são sinais que mostram a presença do Espírito – **da vida nova de Deus** – no nosso mundo.*

*Depois, o catequista indica: Para sermos capazes de viver no amor, na partilha, na paz e de falar a linguagem dos cristãos, **vamos pedir ao Senhor Deus que nos envie o Espírito Santo.***

*O catequista acende a vela/círio e distribui as folhas com a oração; indica às crianças qual é a sua tarefa, procurando distribuir o texto de modo a todos poderem participar, lendo, mesmo que alguns extratos sejam lidos por um par de crianças. Indica: Todos de pé, em torno da "luz" e do "calor", rezamos:*

#### **Leitor 1:**

Vinde, Espírito Santo,  
enchei os corações dos vossos fiéis  
e acendei neles o fogo do Vosso amor.

#### **Leitor 2:**

Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**Leitor 3:**

Ó Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis  
com a luz do Espírito Santo,  
fazei que apreciemos retamente todas as coisas  
e gozemos sempre da sua consolação.  
Por nosso Senhor Jesus Cristo,  
vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amen.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**Leitor 4:**

Ó Deus, concedei-nos os sete dons do Espírito Santo,  
para sermos vossas testemunhas  
no meio das pessoas que todos os dias encontramos...

**Leitor 5:**

Dai-nos a **Sabedoria** (*silêncio*), que nos permite descobrir, em cada momento,  
o que devemos fazer para encontrar vida plena e verdadeira;

**Leitor 6:**

dai-nos o **Entendimento** (*silêncio*), que nos permite perceber as vossas  
indicações  
e discernir as vossas propostas;

**Leitor 7:**

dai-nos a **Ciência** (*silêncio*), que nos ajuda a perceber, a interpretar  
e a explicar a vossa Palavra;

**Leitor 8:**

dai-nos o **Conselho** (*silêncio*), que nos ajuda a apontar  
caminhos de vida e esperança aos nossos irmãos;

**Leitor 9:**

dai-nos **Fortaleza** (*silêncio*), para resistirmos ao egoísmo, à injustiça, à  
maldade,  
a tudo aquilo que nos rouba a Vida e nos afasta de vós;

**Leitor 10:**

dai-nos a **Piedade** (*silêncio*), que nos permite viver para vós e estar disponíveis para cumprir a vossa vontade;

**Leitor 11:**

dai-nos o **Temor de Deus** (*silêncio*), que nos permitirá viver no vosso amor e nunca nos afastarmos de vós.

**Todos:** Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!

**2. Compromisso:**

Hoje, estivemos com as **pessoas** que encontram dificuldades e obstáculos na sua vida e que, por isso, sentem desconforto, medo, desencorajamento ... Descobrimos como é importante podermos ter um Fogo de conselho na nossa vida quotidiana, um espaço e um tempo para pensar e para ganhar coragem, aquecidos e iluminados ... Depois, "estivemos" no Cenáculo com os apóstolos e "assistimos" ao modo como se transformaram uma vez tocados pelo fogo e pela força do Espírito Santo, capazes de serem testemunha de Cristo ressuscitado e de continuar a obra de Jesus para a construção de um mundo feliz de amor, bondade e justiça.

Como nós também queremos ser testemunhas de Cristo vivo e ressuscitado, queremos participar na construção de um mundo melhor e feliz, esta semana vamos comprometer-nos em abrir o nosso coração e a nossa inteligência à ação do Espírito Santo. Para tal, todos os dias guardamos uns momentos do nosso tempo, talvez antes de ir para a cama, para rezar a oração que fizemos agora, aqui: «Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendeis neles o fogo do Vosso amor». E, para vivermos melhor aquilo que rezamos, cada um vai escolher um papel bonito (*se o catequista verificar a necessidade de o fazer, fornecer às crianças um retângulo com aproximadamente 15X10 cm de um papel bonito*) e um material que lhe agrade, lápis de cor, ceras, guache, ... tal como aprenderam a usar na escola, e fazem um cartão desta oração para oferecer a uma pessoa que também vão escolher. Quando estiver pronto, guardam muito bem o vosso cartão no vosso catecismo – depois de seco, atenção! – e trazem-no para a próxima catequese. Depois, logo veremos como combinamos entregá-lo... De qualquer modo, não se esqueçam de rezar pela pessoa que escolheram... também ela ou ele quer ser uma pessoa nova...

*Antes de saírem, cantam de novo o cântico "Ó Senhor, enviai." e, se as crianças aprenderam pelo menos a primeira estrofe, o catequista sugere que o cantem em casa, antes e depois de rezar.*

### *Para guardar na memória e no coração*

1. Ó Senhor que a minha alma vos bendiga!  
ó Deus, só vós sois grande  
vestido de esplendor e beleza.
2. Enviais vosso sopro que dá vida,  
ó Deus, e tudo é feito  
por vosso eterno amor e bondade.
3. Contemplamos vosso amor pelos homens,  
ó Deus, no universo;  
quão admiráveis são as vossas obras!
4. Ansiosos pedimos vossa luz,  
ó Deus, que nos conforta;  
pedimos vosso amor que nos salva.

## SOMOS A IGREJA QUE ELE FUNDOU

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. A Igreja e o Povo de Deus

Como fruto da ressurreição de Cristo e da ação do Espírito Santo nasce, como vimos nos nossos encontros anteriores, uma nova comunidade, formada por aqueles que escutaram a proposta de Cristo e lhe responderam positivamente. A essa comunidade, foi dado o nome de "Igreja".

A palavra vem do grego "ekklesia", que designava, no mundo grego profano, a assembleia do povo. Os tradutores da Bíblia em grego utilizaram a palavra em sentido religioso, para designar uma assembleia reunida com um objetivo religioso (em Dt 23 a palavra "ekklesia" é repetidamente usada para designar a "assembleia do Senhor"; em 1 Re 8, a palavra designa a assembleia do Povo de Deus reunida para transladar a Arca da Aliança para o novo Templo construído por Salomão; e em Sal 22,26 designa, novamente, a assembleia do Povo de Deus que presta culto ao Senhor). Corresponde ao hebraico "qahal", palavra usada para designar a assembleia do Povo de Deus - quer essa assembleia que fez uma aliança com Deus no Sinai (cf. Dt 4,10), quer a assembleia que renovou a aliança com Deus nas planícies de Moab (cf. Dt 31,30), quer a assembleia que se reúne, já na Terra Prometida, para escutar a leitura da Lei (cf. Jos 8,35). A palavra aparece, ainda, em textos mais tardios para designar a assembleia litúrgica de Israel no tempo dos reis ou depois do Exílio (cf. 1 Cr 28,8; Ne 8,2).

A Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II (*Lumen Gentium*) diz, explicitamente, que a "Igreja" foi "admiravelmente preparada na história do Povo de Israel e na antiga aliança" (LG nº 2) e que tudo o que aconteceu com a nação israelita é "figura" da "nova e perfeita aliança que, em Cristo, havia de ser estabelecida" (LG nº 9).

A comunidade do Povo de Deus do Antigo Testamento "prefigura" a Igreja de Jesus? Sim. Os principais elementos que irão, mais tarde, constituir a Igreja de Jesus já estão, de algum modo, presentes e anunciados na comunidade do Povo de Deus do Antigo Testamento... E, se contemplarmos atentamente o Povo de Deus do Antigo Testamento e a Igreja que nasce de Jesus, percebemos que há uma "continuidade", ou mesmo "identidade", entre as duas realidades: o Povo de Deus da nova aliança está "incluído" e "enxertado" na vocação e missão de Israel.

Na origem do Povo de Deus está, como sabemos, o chamamento de Abraão... Deus chama, o homem escuta e põe-se a caminho para cumprir os projetos de Deus. E, assim, começa a nascer uma família de homens e mulheres que escutam Deus e mantêm com Deus uma relação de especial comunhão.

Mas será mais tarde, na altura em que foram libertados da escravidão do Egito, que os descendentes de Abraão tomaram bem consciência de que eram um Povo especial, um Povo chamado e libertado por Deus, um Povo que se organiza e estrutura à volta desse Deus que os liberta e salva. Quando interiorizou esta realidade, Israel quis celebrar uma "aliança" com Deus e comprometer-se com Deus. Assumiu que era o Povo dedicado a Deus, escolhido de entre todos os povos da terra para o serviço de Deus, cuja vocação era escutar Deus e seguir as suas indicações; aceitou comprometer-se com os caminhos indicados por Deus (os mandamentos) e ser, dessa forma, testemunha e sinal da Vida de Deus no meio do mundo; quis ser uma comunidade cultual, que celebra liturgicamente a sua fé e o seu compromisso com Deus, que louva o Senhor e lhe agradece os dons recebidos; escolheu "seguir" as indicações de Deus, sabendo que dessa forma asseguraria a sua vida, a sua felicidade, o seu futuro, a sua salvação. Ao aceitar ser o Povo de Deus, Israel assumiu que era um Povo diferente dos outros: o que lhe dava consistência e unidade não eram razões étnicas, políticas, culturais e sociais, mas era o facto de ser uma assembleia santa, chamada por Deus e dedicada ao serviço de Deus.

Ao longo do seu caminho histórico, nem sempre Israel conseguiu ser fiel a esta "vocação". Muitas vezes quis imitar os outros povos e prescindiu da sua identidade e especificidade, como Povo dedicado a Deus e construído à volta de Deus, cuja vocação é escutar e amar Deus e seguir os caminhos indicados por Deus... Nesses momentos de desnorte e infidelidade, Deus enviava-lhes "profetas" que estavam encarregados de recordar ao Povo a sua vocação e missão.

Nessa comunidade do Povo de Deus temos já, então, os elementos que “anunciam” e preparam a Igreja? Sim, temos... É uma comunidade de pessoas chamadas por Deus, que são salvas e libertadas por Deus, que são chamadas à comunhão com Deus e respondem positivamente a esse chamamento, que vivem na escuta de Deus e das suas propostas, que aceitam o chamamento de Deus a uma contínua conversão, que celebram Deus e o seu amor no culto, e que são sinais e testemunhas de Deus (e da Vida de Deus) no mundo e na história.

## **2. O Reino proclamado por Jesus**

“Nestes tempos que são os últimos” (Heb 1,2), Jesus Cristo veio ao nosso encontro para nos apresentar o projeto de salvação que Deus tinha para a humanidade. Fez-se homem, falou a nossa linguagem, percorreu os caminhos do mundo, anunciou-nos o amor do Pai, fez-nos uma proposta irrecusável de Vida nova. A Igreja nasce a partir da ação de Jesus.

Jesus veio propor aos homens uma realidade nova a que Ele chamava “Reino de Deus”. “Convertei-vos; o Reino dos céus está a chegar” (Mt 4,17) – é assim que começa a pregação de Jesus. E toda a sua ação e ministério vão no sentido de propor aos homens esse mundo novo, esse mundo construído sobre os valores de Deus (a que Jesus chamava “o Reino”).

O “Reino” é anunciado e proposto nas palavras de Jesus... No “sermão da montanha”, Ele apresenta um mundo novo onde os pobres, os famintos, os que choram, os construtores da paz, os perseguidos, os marginalizados serão felizes e bem-aventurados (cf. Mt 5-7). Nas suas parábolas, Jesus fala dessa realidade (“reinado de Deus”) que é como uma semente lançada à terra a crescer e a desenvolver-se (cf. Mt 13,1-32); ou que é como um tesouro sem preço ou uma pérola preciosa, pelos quais vale a pena tudo deixar (cf. Mt 13,44-46).

O “Reino” é anunciado, também, pelos “milagres” (“sinais”) que Jesus realiza. Ao curar os doentes, os cegos, os coxos, os leprosos, Jesus anuncia um mundo de vida e de liberdade para todos e onde todos têm o direito de sentir-se filhos amados e queridos de Deus.

O “Reino” é anunciado, ainda, pelos gestos de Jesus para com os pecadores, os marginalizados, as crianças, as mulheres. Ao acolher todos e ao manifestar nos seus gestos o amor e a misericórdia de Deus, Jesus propõe um mundo de amor, de partilha, de perdão, de fraternidade.

À proposta de Jesus, o homem pode responder positiva ou negativamente. Quem aceita a proposta de Jesus, sabe que tem de mudar o seu coração e a

sua vida ("convertei-vos"), e passar a conduzir a sua existência pelos valores do Reino. Entra, então, na comunidade do "Reino" e passa a ser seguidor de Jesus. Esses são os "discípulos" de Jesus.

O "Reino" que Jesus anuncia não é uma realidade política ou nacional, mas sim uma realidade religiosa e espiritual. O que é decisivo para pertencer ao "Reino" é a *conversão* e a fé (cf. Mt 25,31-46; 21,43). Trata-se de uma realidade *soteriológica*, na qual todos os povos cabem (desde que acolham o convite à conversão e aceitem a salvação que Deus dá, através de Jesus). Os *discípulos* de Jesus (o grupo dos que acolheram a proposta e seguem Jesus) formam a comunidade messiânica. É a essa comunidade que chamamos "Igreja". Trata-se, pois, de uma comunidade de pessoas que acolheram o apelo de Jesus, aceitaram o seu convite à conversão, aceitaram viver na dinâmica do "Reino", aceitaram seguir Jesus e viver de acordo com o seu projeto.

No entanto, Igreja não se confunde com "Reino de Deus". O "Reino" é bem maior do que a Igreja, pois, o apelo de Cristo está vivo e atuante fora das fronteiras da Igreja. Em qualquer canto do mundo – mesmo naqueles em que os homens ainda não acolheram o apelo de Cristo – está o Espírito de Jesus ressuscitado a transformar o mundo e a torná-lo mais justo e mais fraterno. Aí, temos presente o "Reino", ainda que não tenhamos a Igreja.

### **3. A Igreja e o Espírito Santo**

A comunidade dos discípulos (Igreja) nasce da ação e da pregação de Jesus. Mas é pela infusão do Espírito que os discípulos se tornam testemunhas de Jesus e anúncio vivo da salvação de Deus aos homens.

Antes da infusão do Espírito, a comunidade dos discípulos era uma comunidade amedrontada, escondida, desanimada, que corria o risco de se dispersar de forma inglória. Prisioneiros dos seus medos e das suas hesitações, ainda não tinham assumido de forma plena, diante do mundo, a sua fé em Jesus.

É com a chegada do Espírito, na manhã do Pentecostes, que os discípulos se dispõem a anunciar Jesus ressuscitado e a manifestar ao mundo o seu projeto de salvação (cf. At 2). O dia em que os discípulos de Jesus receberam o Espírito (Pentecostes) é, assim, o dia em que a comunidade cristã toma consciência de si própria, se assume e se apresenta ao mundo e aos homens como a comunidade messiânica da salvação. Sem a presença do Espírito de Deus ou Espírito de Jesus, não teria sido possível essa tomada de consciência. A Igreja é, pois, uma comunidade gerada no Espírito, que continua a obra salvadora de Jesus no espaço e no tempo.

Mais: Espírito não só está na origem da comunidade cristã, mas é também o elemento dinamizador e vivificador de toda a atividade eclesial. Nos "Atos dos Apóstolos, o Espírito está sempre presente como dinamismo que garante o crescimento e a difusão da Igreja (cf. At 9,31). É ele que faz os discípulos darem testemunho (cf. At 4,8-12; 6,5; 11,23-24); que inspira o envio dos missionários que anunciam o Evangelho de Jesus (cf. At 8,29.39; 10,19-20: 13,2-4); que assiste a comunidade nos momentos decisivos, quando é necessário fazer opções de fundo para que o Evangelho chegue a todas as gentes ("o Espírito Santo e nós próprios resolvemos não vos impor mais obrigações, além destas que são indispensáveis..." - At 15,28); que distribui aos crentes os "dons" necessários para a construção da comunidade (cf. At 2,4; 4,31; 6,10; 7,55; 10,46; 19,6).

A Igreja que nasce de Jesus é, portanto, a comunidade dos discípulos que escutaram o apelo de Jesus, que aceitaram converter-se e aderir ao Reino... Essa comunidade é animada e conduzida pelo Espírito e tem como programa e missão continuar o programa de Jesus e levar a salvação de Deus aos homens e mulheres do mundo inteiro.

A primeira comunidade cristã de Jerusalém, tal como nos é apresentada pelo autor dos "Atos dos Apóstolos", é uma espécie de ícone da comunidade cristã ideal. Essa comunidade, nascida da pregação de Jesus e da ação do Espírito, era uma comunidade de discípulos que vivia do testemunho e da pregação dos apóstolos (catequese), que celebrava liturgicamente a sua fé e se reunia para "partir o pão" (Eucaristia), que louvava o Senhor e lhe agradecia os seus dons (oração), que era unida e solidária, que praticava a comunhão e a partilha, que testemunhava com alegria, simplicidade e entusiasmo a sua fé em Cristo Senhor, que anunciava a presença de Jesus Ressuscitado e que dava testemunho, em gestos concretos, dessa Vida nova que Jesus lhes tinha oferecido (cf. At 2,42-47; 4,32-37).

É este "ideal" que as comunidades cristãs de todos os tempos e lugares são convidados a repetir: dessa forma, serão espelho e testemunho desse "Reino" que Jesus veio propor aos homens e mulheres do mundo inteiro.

#### **4. As "imagens" da Igreja, segundo Paulo**

Nos escritos de São Paulo não há uma reflexão exaustiva sobre a Igreja... Contudo, Paulo (que se dirige a comunidades ou "Igrejas" concretas) não pode deixar de aludir a esse tema. Para falar da Igreja, Paulo recorre a três expressões: "Povo de Deus" ou "Ekklesia", "Corpo de Cristo", "Templo de Deus no Espírito".

As expressões **"Povo de Deus"** e **"Ekklesia"** eram expressões utilizadas no Antigo Testamento para falar da comunidade israelita. Ao utilizar essas expressões para falar da comunidade que nasce de Jesus, Paulo está a sugerir que esta está em continuidade com o "Povo de Deus" (a "qahal") do Antigo Testamento... Há um único *plano salvador de Deus*, que se concretiza em várias etapas, e há um único "Povo de Deus", com quem Deus realiza uma única história de salvação. A Igreja de Jesus, continuação do "Povo de Deus" do Antigo Testamento, está inserida no *plano salvador de Deus*. Entre o Antigo e o Novo Israel, há uma continuidade.

Então, o "Povo de Deus" (ou "qahal") do Antigo Testamento e o "Povo de Deus" ("Igreja") do Novo Testamento são uma e a mesma coisa? Não – responde Paulo. A Igreja de Jesus representa uma novidade em relação à "qahal" do Antigo Testamento, pois nasceu de uma nova realidade: Jesus Cristo. Os fiéis da "Ekklesia" foram "santificados em Cristo Jesus" (1 Cor 1,2), "creem em Jesus Cristo" (Ef 1,1) e estão reunidos "no Senhor Jesus Cristo" (1 Tes 1,1; 2 Tes 1,1). O fator de novidade é Jesus Cristo: é a adesão a ele que caracteriza, agora, a vida do novo "Povo de Deus".

Para acentuar as diferenças entre o Povo de Deus do Antigo Testamento e a Igreja que nasce de Jesus, Paulo fala do "Israel segundo a carne" ("Povo de Deus" do Antigo Testamento) e do "Israel segundo o Espírito" ("Igreja" de Jesus Cristo). O "Israel segundo a carne" (cf. Rom 9,6-13) é o Israel fundado na raça, no sangue, nos laços étnicos, nos valores culturais (circuncisão, tabus alimentares...). O "Israel segundo o Espírito" é o "Povo" que acolheu o chamamento de Deus à salvação, aderiu às propostas de Jesus e recebeu o Espírito de Jesus Ressuscitado. A pertença à Igreja de Jesus não está vedada a nenhuma raça ou cultura: judeus e gentios podem aderir à nova comunidade, desde que acolham a proposta de salvação/libertação apresentada por Deus aos homens através de Jesus Cristo. O novo e verdadeiro Povo de Deus é constituído por judeus e gentios. O que é decisivo, agora, é a adesão a Jesus Cristo. Da "Igreja" fazem parte todos os que acolhem o apelo de Jesus à conversão ("metanoia") e seguem a sua proposta ("fé").

Uma outra expressão usada por Paulo para falar da Igreja e do seu mistério é a expressão **"Corpo de Cristo"** (cf. 1 Cor 6,12-20; 12,12-27; Rom 12,3-8). Por detrás desta expressão está presente a ideia de que Cristo é um "Corpo" cujos membros são os cristãos. A comunidade cristã – o "Corpo de Cristo" – é um organismo vivo, formada por muitos membros, unidos pelo mesmo Batismo e pelo mesmo Espírito. Esses membros dependem uns dos outros, necessitam uns dos outros, são solidários uns com os outros, vivem unidos e em comunhão;

embora desempenhem funções diversas, têm todos a mesma dignidade. Há unidade (de vida e de interesses), mas há diversidade (de funções).

E Cristo, que função desempenha neste "Corpo"? Cristo é que dá unidade e Vida a todos estes membros. Para expressar bem esta realidade, Paulo fala de Cristo como "a Cabeça" deste "Corpo" (cf. Col 1,18; 2,19; Ef 1,22; 4,15-16; 5,23)... "A Cabeça", porquê? Porque Cristo é o centro à volta do qual o "Corpo" se articula, a partir do qual e em direção ao qual o "Corpo" se orienta e constrói (cf. Ef 4,15-16; Col 1,17-18; 2,19). A imagem sugere, ainda, que Cristo, como "Cabeça", preside à Igreja, e que a Igreja está submetida à obediência a Cristo (cf. Ef 1,22-23; 5,24; Col 1,18). Só de Cristo a Igreja depende e só a ele deve obediência.

Cristo, a "Cabeça", é o "salvador" de todo o corpo (cf. Ef 5,23). Este corpo recebe de Cristo "salvação", pois é por Cristo que o "Corpo" se santifica, se purifica, se alimenta e se edifica na caridade (cf. Ef 4,15-16; 5,25-27.29-30; Col 2,19). Salvos por Jesus, fomos despojados do homem velho e nascemos como Homens Novos (cf. Ef 4,16-24; Col 2,11-13; 3,9-10). O "Corpo de Cristo" é esta comunidade de Homens Novos, por Cristo reconciliados com Deus e entre si.

Na Igreja, "Corpo de Cristo", reside a "plenitude", a "totalidade" de Cristo (cf. Ef 1,23). Ela é o "recetáculo", a "habitação" onde Cristo se torna presente no mundo; é através desse "Corpo" onde Cristo reside que ele continua a realizar todos os dias o plano salvador/libertador de Deus.

A terceira expressão usada por Paulo para definir a Igreja é **"Templo de Deus"** no Espírito. O que é que esta expressão sugere?

Para o antigo "Povo de Deus", o "Templo" (construído por Salomão), era o centro da vida cultural de Israel. Era aí que Jahwéh residia no meio do seu "Povo". Os profetas do Exílio, longe de Jerusalém e com o "Templo" destruído, dão uma interpretação cada vez mais espiritual do "Templo": Deus reside em qualquer lugar onde está o "Povo de Deus", reunido à volta da Palavra. Ao mesmo tempo, evocam o surgimento de um "novo Templo", um "Templo espiritual", onde se fará um culto espiritual agradável a Deus (cf. Ez 40-43; 47,1-12).

No Novo Testamento, associa-se o cumprimento dessas profecias com Jesus Cristo. No episódio da expulsão dos vendilhões do Templo, o evangelista João liga o desaparecimento do "Templo" com o surgir de um "Novo Templo" que é Jesus (cf. Jo 2,19-22): é nele, a partir de agora, que está Deus no meio do seu "Povo". Quem quiser encontrar-se com Deus, deve aproximar-se de Jesus morto e ressuscitado, pois é nele que Deus está.

Paulo situa-se no seguimento desta tradição do "Templo espiritual" de Deus. Para ele, o "Novo Templo" é Jesus; e os cristãos, como "Corpo de Cristo" são, agora, o "Templo" onde Deus reside no mundo. Deus está presente no mundo através do Espírito que reside nos cristãos. A Igreja, comunidade dos cristãos, animada pelo Espírito, torna-se a "construção" de Deus ou o "Templo" de Deus (cf. 1 Cor 3,16-17; 6,19; 2 Cor 6,16; Ef 2,21-22).

## **OBJETIVOS**

- Descobrir a Igreja como "comunidade" dos discípulos reunidos à volta de Jesus, animados pelo Espírito do Senhor Ressuscitado.
- Perceber qual é a missão da Igreja: dar testemunho da proposta salvadora e libertadora de Jesus em toda a terra.
- Sentir alegria a alegria de, também nós, fazermos parte dessa "família", por sermos membros do "Corpo de Cristo".

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. A exploração da experiência humana desta catequese parte das vivências em família e da relação com os outros. Parte-se da execução da tarefa que constituiu o Compromisso da catequese anterior e, depois, usam-se cartões com a designação dos vários elementos de uma família e tiras de papel para apresentar os laços que os unem apenas para dar uma certa orientação ao diálogo e, também, poupar algum tempo. Atendendo à idade e crescente maturidade das crianças, é a partir do diálogo que se chegará às definições e se suscitará uma experiência significativa, já que a família é a comunidade mais relevante na vida e formação de uma criança. De qualquer forma, como se parte da tarefa que as crianças realizaram – elaborar o cartão com a oração e pensar a quem o querem oferecer – certamente o ambiente será de alegria e motivação.
2. Como se tem referido constantemente, o catequista deve estar informado e atento às situações familiares das crianças e dirigir a conversa de modo a não ferir nem frustrar nenhuma delas. Todas as crianças desejam muito ter/manter uma família e facilmente também imaginam, embora à sua maneira, uma família perfeita. Por outro, estas crianças já não são totalmente ingénuas e são permeáveis aos comentários dos adultos, pelo que poderão ter construído uma perspectiva menos adequada sobre a comunidade de fé, e as suas debilidades humanas. O catequista não deve nem deixar-se impressionar por isso, nem evitar esclarecer as crianças. Há sempre uma visão cristã sobre as

coisas que combina misericórdia para com o erro e o pecador e exigência como nova meta e reconversão.

3. Na Palavra, sugere-se que, na primeira parte, o catequista leia, de novo, o texto **At 2,42-47**, para ajudar a recordar às crianças o essencial do que se tem estado a trabalhar no 3º Bloco deste catecismo: como vivem os cristãos? Assim, e procurando que, apesar da escassez do tempo, as crianças participem, usando as anotações contidas no espaço da catequese 22 (quando foi inicialmente apresentado) da Barra Cronológica, o catequista ajude as crianças a reconhecer esta passagem, a compreendê-la e, sem prejuízo, a memorizá-la, dada a sua importância.
4. O catequista também deve ter consciência do grau de dificuldade de que se reveste, para adultos e para as crianças, a passagem da Carta de S. Paulo aos Coríntios que é sugerida. Mas, tal como no catecismo 4, as crianças poderão ler e compreender, embora superficialmente, passagens complexas desde que o catequista esteja bem preparado, através da adequada leitura das introduções. De resto, este texto já é referido no catecismo 3. As ilustrações do catecismo ajudarão as crianças a visualizar, à sua maneira, mas sem demasiado erro, algo que é abstrato.
5. Pretende-se, com esta catequese, que as crianças também façam a experiência da alegria que significa pertencer à Igreja, à família de Jesus, ter lá um lugar e ser reconhecido por isso – pois que as crianças não sentem facilmente essa pertença se não for reconhecida e valorizada pelos outros – pelo que a breve sessão de fotos sugerida para completar a página do catecismo, deve ser levada a cabo com entusiasmo e interesse.

## MATERIAIS

- Cartões com a oração do Espírito Santo, copiada e decorada pelas crianças (compromisso da catequese 24);
- Folha de papel ou cartolina, para cobrir o placar;
- Marcadores grossos em três cores: preto, verde e vermelho;
- Bíblia;
- Cartões: "Marido", "Esposa", "Filhos", "Primos", "Tios", "Avô e Avó", "Irmãos";
- Tiras de união: "Amor", "Compromisso", "Amizade", "Sangue", "Ajuda", "Solidariedade";
- Dísticos: "Jesus"; "Comunidade"; "Lei do Amor"; "Igreja"; "Corpo de Cristo";
- Máquina fotográfica digital (ou telemóvel com câmara).

## MÚSICA

- "Somos a Igreja de Cristo".



### Preparação da sala:

O **placar** está coberto com uma cartolina de uma cor clara mas bonita ou pelo mesmo tipo de papel com que se prepararam os cartões da catequese 24; estão preparados os materiais (cartões, tiras e dísticos) a afixar nesta catequese, pela ordem adequada, numa caixa ou tabuleiro;

Na **mesa**: a Bíblia, no centro; à volta, o catequista expõe os cartões, pedidos na catequese anterior, e que as crianças prepararam; os cartões são solicitados às crianças antes de estas entrarem.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Após o acolhimento das crianças, o catequista deixa as crianças observarem os cartões que estão sobre a mesa e recupera a tarefa de Compromisso da catequese anterior: Ora aqui estão os cartões que prepararam com a Oração do Espírito Santo! Todos os dias tereis rezado (o catequista pede às crianças para mostrarem a Barra Cronológica no espaço da catequese 24, onde registaram a sua avaliação) e ainda haveis preparado este cartão para oferecer a alguém. Ainda não o haveis oferecido porque todos nós queríamos saber a quem será oferecido cada cartão.*

O catequista dirige-se para o placar e pergunta à primeira criança que se encontra à sua direita: N ... a quem pretendes oferecer a tua oração? (O catequista regista a resposta e, caso a criança tenha indicado o nome da pessoa e não a relação que tem com ela, pergunta-lhe:) E quem é essa pessoa, que relação tem contigo?

*O catequista procede assim com todas as crianças e regista na folha, com o marcador preto, os nomes - numa coluna - e as relações de parentesco ou amizade - noutra coluna - indicadas pelas crianças. Quando tiver terminado, observa: Vejo que muitos de vós haveis escolhido amigos, colegas, professores (indicar o que as crianças referiram), pessoas com quem tendes uma relação de amizade, certamente forte e importante. Muito bem! (o catequista sublinha as palavras que exprimem as relações de amizade com o*

marcador verde). Mas alguns de vós vão oferecer o cartão com a Oração do espírito Santo a pessoas de família, não é? (o catequista sublinha as palavras que exprimem as relações familiares com o marcador vermelho e prossegue, questionando as crianças:).

**A família, e os nossos amigos mais próximos** (o catequista indica uns e outros no placar), **que são como uma família, são muito importantes para nós, não são?** (Deixar as crianças pronunciarem-se.) E, afinal, o que é uma família? (Deixar as crianças pronunciarem-se; depois de as escutar, o catequista faz uma pequena síntese reforçando a ideia de "relações", de "laços", de "comunidade"). ... Claro que sim. **Trata-se de uma comunidade de pessoas ligadas por laços.** Vós conheceis diversas famílias, constituídas por diversas pessoas. Olhem, de algumas já falámos, não foi, porque lhes vamos oferecer o nosso cartão... (o catequista cobre com o cartão respetivo os exemplos de parentesco que as crianças já referiram, com um cartão com a mesma referência, para lhe dar destaque: por exemplo, mãe, pai, avó, irmão, prima, ...) Mas há outras pessoas nas nossas famílias, não há? **À medida que as crianças nomearem outros elementos da família, o catequista colocará os cartões respetivos, como o exemplo que se segue): o marido e a esposa, os filhos, e outros parentes. E prossegue:** Todas essas pessoas têm idades diversas, têm trabalhos diversos, mas **têm qualquer coisa que as une umas às outras...**

Neste ponto o catequista deverá pedir que as crianças expliquem o que une os elementos de uma família. Naturalmente, as crianças falarão do amor e da amizade. Se não conseguirem ir mais longe, o catequista apresenta as tiras de papel com os vários tipos de laços, pedindo que as crianças indiquem o local em que devem ser colocadas a ligar os elementos da família. Durante esta pequena dinâmica, o catequista poderá apresentar as ideias que se seguem ou, se preferir, pode utilizá-la como síntese final:

Os laços que unem as pessoas de uma mesma família podem ser de sangue (por exemplo, entre pais e filhos), de amor (amam-se uns aos outros, têm gestos de ternura e de carinho), de compromisso: por exemplo, o marido e a mulher comprometeram-se, no dia do seu casamento, a partilhar a vida um com o outro, a apoiar-se e a amar-se. Esses laços que ligam as pessoas da mesma família fazem com que todos se sintam próximos uns dos outros, mesmo que vivam a muitos quilómetros de distância (se houver no grupo

*crianças que vivam longe dos seus pais, avós, irmãos, ... deixá-las exprimir-se um pouco sobre isso, para as ajudar a sentir que não estão marginalizadas na dinâmica), pois que se ajudam uns aos outros e são solidários uns com os outros. Assim, a família é um espaço de partilha: do pão, os alimentos e tudo o que faz falta para viver, do espaço (a casa da família), do tempo, dos cuidados... Nós os cristãos gostamos, até, de usar uma palavra muito bonita para explicar isto: um espaço de "comunhão", ou seja, uma família existe onde há uma unidade muito forte e onde há harmonia e entendimento entre as pessoas ... (se as crianças desejarem comentar, deixá-las exprimirem-se e ajudá-las a entender o que é a comunhão, e a importância da família, mesmo quando há dificuldades, separação, eventual conflito).*

Muitas vezes, os diversos membros da família têm um projeto semelhante: quer dizer, têm objetivos semelhantes, veem a vida da mesma forma e têm os mesmos valores e princípios, pois foram educados de forma muito semelhante.

Os membros da família, mesmo que não vivam juntos, encontram-se de vez em quando, celebram juntos certas datas e certas festas, festas que têm a ver com pessoas da família ou com acontecimentos que foram importantes para todo o grupo.

**O amor que a todos une, a comunhão, a entreaajuda, a solidariedade, o apoio que dão uns aos outros, fazem com que a comunidade familiar seja um lugar de Vida, de alegria, e de felicidade, onde as pessoas se sentem bem, se sentem queridas e amadas.** Pertencer a uma família e viver em família é uma das experiências mais bonitas que nós podemos fazer.

2. *Depois de concluída a reflexão sobre a família, o catequista apresenta o tema desta sessão. Mais uma vez se deve reforçar a ideia de "comunidade" como a de pessoas unidas por fortes laços, indicando:*

Hoje, no nosso encontro de catequese, vamos falar de uma "família" muito especial... Trata-se de uma comunidade de pessoas (aliás, uma grande comunidade, formada por muitas, muitas pessoas) ligadas por determinados laços... Essa "família" é constituída por pessoas muito diversas, com funções e trabalhos diversos, de diversas origens, por vezes até de diversas cores, de diversas raças e de diversas culturas... Nessa família, contudo, os laços de sangue não são os mais importantes...

O catequista pede às crianças para abrirem o seu catecismo na página 105 e pede às crianças para observarem, em silêncio, as fotografias. Depois, abre o diálogo e, conforme este se desenrola, levando as crianças a descrever o que cada uma vê, vai colocando os dísticos "Jesus", "Comunidade", "Lei do Amor", "Igreja", sempre que for apropriado. E continua, referindo:

**O laço que liga as pessoas desta família é Jesus (dístico "Jesus")**, por isso essa obra de arte, que o representa, está em destaque: são pessoas que, de uma forma ou de outra, conheceram Jesus, ouviram as suas palavras e propostas e acharam que o que Jesus dizia e propunha fazia todo o sentido. Quiseram, então, "seguir" Jesus, viver com Ele e como Ele (dístico "Lei do Amor"). A grande "lei" desta família é o amor. Jesus dizia aos que queriam integrar esta família: "o mandamento que vos deixo é ...," (procurar que as crianças concluam a expressão correta) que vos ameis uns aos outros".

Esta "comunidade" que nasce à volta de Jesus chama-se "Igreja" (dísticos "Comunidade" e "Igreja"). Os que a constituem sentem-se irmãos. Amam-se uns aos outros, ajudam-se uns aos outros e perdoam-se quando algum membro da família faz coisas erradas. Reúnem-se, mais frequentemente ao (procurar que as crianças concluam a expressão correta)... Domingo para celebrar o momento em que Jesus ressuscitou dos mortos e fazem uma bonita festa: é a (procurar que as crianças concluam a expressão correta) "eucaristia".

E nós sabemos que também fazemos parte desta família! O nosso grupo de catequese é um elemento importante da nossa comunidade de fé, assim como todos os grupos de catequese, as pessoas que têm tarefas especiais, como os responsáveis da catequese, o sr. Padre ... (indicar o nome do(s) sacerdote(s)), todas as pessoas que se juntam para rezar, as que estão lá em casa mas rezam connosco e por nós, e, imaginem, todas as comunidades de fé do mundo inteiro... (O catequista pede às crianças para passarem à página 106 do seu catecismo e, fazendo observar as fotografias, explica:) Todos os batizados e todos os que celebram a fé em todos os cantos da terra!

## II. PALAVRA

1. O catequista propõe às crianças que recordem como tudo começou para a Igreja, ajudando as crianças a recuperar as ideias principais e a solidificá-las. De seguida conta, em tom narrativo, a síntese que se segue:

Já sabeis que Jesus veio ao mundo – há pouco mais de dois mil anos – para nos **propor** o "Reino de Deus" : era assim que Ele chamava a esse "mundo novo" de amor, de perdão, de justiça e de paz que Deus nos convida a

construir. E Jesus, com as suas palavras e com os seus gestos, foi mostrando aos homens o que é que eles deviam fazer para que esse "mundo novo" aparecesse. É tudo isso que nós temos estado a aprender, desde pequeninos, na catequese...

Tal como nós, algumas pessoas que ouviram a mensagem e a proposta de Jesus, acharam que o que Jesus dizia e propunha fazia sentido... E **começaram a andar com Ele**. Tornaram-se os seus (*procurar que as crianças concluam a expressão correta*) ..."discípulos" , os discípulos de Jesus. E que faz um discípulo? Olhem, o que fazemos nós, aqui na catequese? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e concluir:*) Alguém que "aprende" coisas com um "mestre" ou um "professor". E, durante quase três anos, os discípulos seguiram Jesus, caminharam com Ele, viram os gestos de amor e bondade que Ele tinha para com as pessoas que encontravam no caminho, ouviram as suas indicações...

Também já sabeis que, um dia, **as autoridades judaicas se começaram a sentir incomodadas com os ensinamentos de Jesus**, pois não queriam saber desse "mundo novo" que Jesus tinha vindo propor. Não estavam interessados porque, para eles, era mais vantajoso continuar nesse "mundo velho" do egoísmo, da injustiça e da maldade, onde tinham poder e onde atuavam à sua maneira, sem pensar nos outros. Também receavam que Jesus tivesse muitos seguidores e que estes quisessem mudar a maneira de viver daquela sociedade. Então, para evitar mais problemas, pensaram eles, **resolveram matar Jesus**, o que foi uma coisa horrível (*o catequista aponta o crucifixo representado na página 106 do catecismo*). Então, prenderam Jesus, condenaram-no à morte e mataram-no numa cruz.

Como vimos na nossa última catequese, os discípulos não tinham imaginado nada disto... À sua maneira, que não era muito boa, julgaram que Jesus ia pôr toda a gente na ordem, mandar e ser muito poderoso, resolvendo assim os problemas com as autoridades judaicas. Como as coisas não correram como eles pensavam, ficaram muito tristes e desiludidos, pois parecia que esse "projeto" em que eles tinham acreditado, a construção de um "mundo novo", estava perdido... Como é que o "mundo novo" ia ser construído se Jesus estava morto?

Contudo, **a morte não venceu Jesus e Ele ressuscitou**. Aparecendo aos discípulos, Jesus Ressuscitado fê-los compreender que eles podiam e deviam continuar esse projeto de construir o "mundo novo". Os discípulos tinham

medo, não se sentiam preparados para uma tarefa tão importante, achavam que, sem Jesus, não conseguiriam fazer nada de jeito... Mas Jesus garantiu-lhes que ia estar sempre com eles e que ia dar-lhes a sua vida, a sua força, para que eles pudessem cumprir essa grande tarefa. Foi assim que **os discípulos receberam o Espírito Santo**, essa Vida e essa força de Deus que Jesus Cristo derramou sobre eles, tal como vimos na última catequese. E, a partir desse dia, **começaram a falar a toda a gente de Jesus e do "Reino de Deus"**.

*Neste ponto, o catequista deve reforçar a ideia de que, depois de receberem o Espírito Santo, os discípulos saíram a anunciar o "Reino de Deus".*

Os discípulos de Jesus, animados pelo Espírito Santo, que **tinham a missão de anunciar o "Reino de Deus", formaram uma família, uma comunidade**. E, sempre que alguém escutava a mensagem que eles anunciavam a aceitava seguir Jesus e a sua proposta, entrava a fazer parte dessa família.

**Sabeis como é que costumamos chamar a essa "família"?** (o catequista verifica se as crianças ainda se lembram do nome desta família, apresentada no início da sessão, promovendo a participação e o diálogo – se necessário fazem-se notar os dísticos que se encontram no centro do grupo) Chamamos-lhe "Igreja" (dar relevo ao dístico com a designação "Igreja"). **A palavra "Igreja" significa: "a comunidade daqueles que Deus chamou e que formam uma assembleia de Deus"**. A Igreja é o conjunto das pessoas que Deus chamou e que aceitaram integrar a família de Jesus. Essas **pessoas formam uma "assembleia" que se reúne à volta de Jesus para o escutar, para aprender com Ele; e, depois, devem "dar testemunho" diante das outras pessoas desse "mundo novo" que Jesus veio propor a todos** os homens e mulheres.

*O catequista deve ter consciência de que toda esta exposição tem como propósito motivar as crianças para a leitura da palavra em que se mostra o viver dos primeiros cristãos. Por isso, chegado este momento, desafia e prepara as crianças para a escuta da palavra de Deus.*

Lembram-se que na nossa catequese 22, «A Vida nova que nasce da Ressurreição», lemos uma passagem dos Atos dos Apóstolos que nos contava como é que vivia essa família de discípulos de Jesus? *O catequista recorda as crianças, lendo (At 2,42-47):*

**Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos,  
 à união fraterna, à fração do Pão e às orações.  
 Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos  
 Apóstolos,  
 o temor dominava todos os espíritos.  
 Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum.  
 Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos,  
 de acordo com as necessidades de cada um.  
 Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o Templo,  
 partiam o pão em suas casas  
 e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração.  
 Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo.  
 E o Senhor aumentava, todos os dias,  
 o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.**

**Como é que essa "família" vivia, então?** Podeis recordar-vos do mais importante através do que está registado no espaço da catequese 22 da vossa Barra Cronológica...

*O catequista deixa que as crianças participem, ajudando a organizar as ideias. Se conseguirem, o catequista deverá reforçar os pontos essenciais, senão, prossegue com a síntese de forma mais pormenorizada:*

- a) Antes de mais, diz-se que os membros desta "família" **reuniam-se com frequência para ouvir aquilo que os Apóstolos** – aqueles que andaram com Jesus, que ouviram as suas palavras e viram os seus gestos – **ensinavam**, ou seja, ... *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* iam à catequese para aprenderem coisas sobre Jesus e sobre esse "mundo novo" que Jesus veio propor aos homens: como nós fazemos!
- b) Também se **diz que eles se reuniam para** *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ...**rezar em conjunto** e que, mesmo individualmente, iam ao Templo para rezar, ou seja, sentiam que era importante encontrar tempo para falar com Deus, para lhe agradecer os seus dons, para dialogar com Ele e ouvir o que Ele tem para nos dizer: como nós temos estado a aprender e pomos em prática na catequese e com o nosso Compromisso!
- c) Diz-se, ainda, **que eles se juntavam para a "fração do pão"**. Sabeis o que é isto, não sabeis? O texto refere-se à celebração da última ceia de Jesus, ou seja, **esta "família" reunia-se para celebrar** *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ...**a eucaristia**, que é a celebração que repete e atualiza a última ceia de Jesus, a sua entrega na

cruz, a sua morte e a sua ressurreição; é a repetição daquele gesto que Jesus fez nessa ceia de despedida, quando partiu o pão, o abençoou e o deu aos amigos que estavam com Ele à mesa. Tudo isso nós vivemos quando, pelo menos ao Domingo, participamos na eucaristia!

- d) Diz-se, também, que **naquela família havia uma grande união e que todos partilhavam uns com os outros aquilo que tinham**, para que todos tivessem o necessário para viver e que nós registámos como ...*(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* ... partilhar os dons e os bens, ou seja, preocupavam-se uns com os outros, cuidavam uns dos outros, viviam como irmãos que se amam e que se ajudam. Nós também procuramos viver assim! Ainda esta semana preparámos a oração do Espírito Santo para oferecer a alguém que é importante para nós, porque queremos que essa pessoa possa descobrir a importância e a força do Espírito na sua vida, como nós, que tivemos a oportunidade de vir à catequese.
- e) Diz-se, ainda, que **realizavam gestos que deixavam todos impressionados e que provocavam a admiração de toda a gente**, ou seja, repetiam aqueles gestos que Jesus tinha feito, gestos de bondade e de amor que ajudavam e davam Vida àqueles que estavam doentes, desanimados, sem esperança. Sabiam ... *(procurar que as crianças concluam a expressão correta)* amar! De facto, também é isso que nós vimos fazer na catequese: aprender a amar como Jesus amava!
- f) Diz-se, finalmente, que **eles eram alegres e tinham um coração bom e simples, o que fazia que tivessem a simpatia de todas as pessoas**, isto é, eram pessoas boas, que criavam um bom ambiente, que eram felizes e mostravam aos outros a sua felicidade, que não se "armavam" em orgulhosos e importantes, mas estavam sempre disponíveis para aceitar, para conviver e para acolher os outros.

*Depois da leitura e interpretação da passagem do livro do Atos do Apóstolos, o catequista avança para um novo desafio muito importante para os cristãos de todos os tempos. Poderá fazê-lo da seguinte forma, preparando as crianças para a escuta da palavra de Deus:*

Há, ainda, um outro texto que eu queria convidar-vos a ouvir... Fala dessa "família" (que é a Igreja), constituída por muitos homens e mulheres, reunidos à volta de Jesus; mas **fala da Igreja utilizando uma "imagem" ou uma comparação...** Quem o escreveu foi um grande amigo de Jesus – chamado Paulo – que conhecia bem muitas comunidades cristãs, algumas delas

fundadas, constituídas depois do anúncio de Jesus feito pelo próprio Paulo. Numa carta – lembrem-se que S. Paulo escreveu muitas cartas ... e até nos ensinou que nós somos (*procurar que as crianças concluam a expressão correta*) uma carta de Cristo! Esta carta, que é muito bonita, foi escrita aos cristãos de uma cidade da Grécia chamada Corinto. Paulo fala assim da "Igreja" (1 Cor 12,12-27):

*Depois de se assegurar que se criou o ambiente necessário para a escuta da palavra, o catequista prossegue:*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura da Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros,  
e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos,  
constituem um só corpo, assim também Cristo.**

**De facto, num só Espírito,  
fomos todos batizados para formar um só corpo,  
judeus e gregos, escravos ou livres,  
e todos bebemos de um só Espírito.**

**O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos.**

**Se o pé dissesse:**

**«Uma vez que não sou mão, não faço parte do corpo»,  
nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.**

**E se o ouvido dissesse:**

**«Uma vez que não sou olho, não faço parte do corpo»,  
nem por isso deixaria de pertencer ao corpo.**

**Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?**

**Se todo ele fosse ouvido, onde estaria o olfato?**

**Deus, porém, dispôs os membros do corpo,  
cada um conforme lhe pareceu melhor.**

**Se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?**

Há, pois, muitos membros, mas um só corpo.  
Não pode o olho dizer à mão:  
«Não tenho necessidade de ti»,  
nem tão pouco a cabeça dizer aos pés:  
«Não tenho necessidade de vós».  
Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo,  
tanto mais são necessários,  
e aqueles que parecem ser os menos honrosos do corpo,  
a esses rodeamos de maior honra,  
e aqueles que são menos decentes, nós os tratamos com maior decoro;  
os que são decentes, não têm necessidade disso.  
Mas Deus dispôs o corpo, de modo a dar maior honra ao que dela  
carecia,  
para não haver divisão no corpo  
e os membros terem a mesma solicitude uns para com os outros.  
Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros;  
se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria.  
Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro.

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

Todos:

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista deve ter consciência do grau de dificuldade desta palavra para as crianças. Para cada pergunta, deixará que as crianças participem para manter o seu nível de motivação e para poder verificar o seu entendimento.*

**A que é que Paulo se refere quando fala deste "corpo" formado por muitos membros?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

É verdade: **refere-se à Igreja**, à família dos discípulos de Jesus. **Ela é um "corpo"** (antes, dissemos: "uma família"), formada por muitos membros.

**Esse "corpo" é o "corpo" de quem?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

S. Paulo fala do **"corpo" de Cristo**. **Porquê?** Porque essas pessoas são a família que nasce a partir de Cristo, são aqueles que se juntam à volta de Cristo. **A Igreja é o "corpo de Cristo"** (*catequista coloca no placar o **dístico "corpo de Cristo"***): A Igreja é o "corpo de Cristo". Quem quiser olhar para

Cristo, quem quiser ver Cristo, **quem quiser encontrar Cristo**, para onde é tem de se dirigir? Para a "família" de Cristo, para a Igreja. É através dos seus discípulos que Cristo hoje está presente no mundo.

**Este "corpo" é formado por muitos membros**, isto é, por muitas pessoas, por pessoas muito diferentes. Cada um desses membros tem uma função, tem uma tarefa, tem uma missão, como acontece num corpo humano: os ouvidos são para ouvir, a boca para falar, o nariz para cheirar e para respirar.

Todos os membros deste "corpo" são importantes, pois todos eles estão encarregados de tarefas que são contribuem para o bem, para a saúde, para o bem-estar de todo o "corpo". Não há uns que são importantes e outros que não valem nada: **todos são muito importantes para que o "corpo" funcione**. Mas é importante que cada um cumpra o seu papel, a sua tarefa. Vós também sois importantes e tendes o vosso lugar! Sem vós, sem a vossa vinda à catequese, sem a vossa oração, sem a vossa participação na eucaristia, a Igreja e o mundo ficavam mais pobres.

*Se necessário, o catequista poderá recorrer aos cartões que ainda se encontram no centro do grupo para realçar a importância da união, dos laços sem os quais não há família, nem Igreja. Estaríamos isolados, sem capacidade de agir, ou de desempenhar alguma missão.*

**Esses "membros" do "corpo" estão todos unidos uns aos outros...** Nenhum deles pode sobreviver sozinho... Cada "membro" precisa dos outros e necessita dos outros para ter vida. Na "família" dos discípulos de Jesus, também é assim: nenhum dos discípulos de Jesus estará bem e será feliz se estiver isolado, se estiver à margem dos outros, se se afastar da comunidade e não quiser colaborar com os outros.

**Neste "corpo", há uma grande unidade... Porquê?** Porque todos estão ligados uns aos outros, porque todos fazem parte de um mesmo "corpo", porque todos se alimentam da mesma Vida. **Todos eles receberam o mesmo Batismo** (quer dizer, a mesma Vida que vem de Deus) e **todos eles são alimentados pelo mesmo Espírito** (isto é, pela mesma força que vem de Deus, o Espírito Santo).

*O catequista termina esta reflexão utilizando a forma interrogativa que se segue, procurando criar uma situação de diálogo que permita aferir o grau de compreensão que as crianças atingiram. Deve ser reforçada a ideia de pertença a este corpo que é a Igreja, de que todos têm um papel, uma tarefa e que essa tarefa é importante para que se cumpra a vontade de*

*Jesus. Pode usar como ponto de partida a página 107 do catecismo, levando as crianças a observar as imagens e a ler os textos.*

Não achais que esta imagem – do “corpo” que tem muitos “membros” – é **uma imagem muito bonita para falar da “família” dos discípulos de Jesus?** Estas palavras de S. Paulo estão ilustradas no nosso catecismo (página 106) e, depois, na página seguinte (p. 107) podemos observar como **cada pessoa que faz parte da comunidade de Jesus é um “membro” que tem um papel, uma tarefa a desempenhar?** E já pensaste que **essa tarefa que cada um tem é uma tarefa muito importante para todo o “corpo”,** para que este “corpo” (a Igreja) esteja bem e cumpra a sua missão de levar Jesus Cristo a todos os homens e mulheres?

*Depois do diálogo a partir das ilustrações e das questões das crianças, o catequista faz a síntese que se segue:*

Acho que, depois destes textos que ouvimos ler, já todos nós **percebemos o que é a Igreja...** É uma “família” muito grande, que junta pessoas de todas as raças e culturas, que estão dispostas a escutar as propostas de Jesus e a segui-lo; e **essas pessoas que “aderem” a Jesus e o querem seguir, recebem o Espírito Santo** (a força, a Vida de Deus) para continuarem no mundo a obra que Jesus começou. Poderíamos dizer, ainda, que **a Igreja é como um “corpo”** – o “Corpo de Cristo” – no qual há muitos membros, que vivem unidos, que se ajudam e apoiam uns aos outros. Têm todos funções diferentes e tarefas diferentes; mas todos os membros e tarefas são importantes para que o “corpo” esteja bem e para que Cristo possa continuar a ir ao encontro de todos os homens e mulheres do mundo para os libertar e salvar.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A partir deste momento o catequista procura criar um ambiente de intimidade com Jesus, que nos liga uns aos outros. O discurso que se segue é um convite às crianças para que sintam que pertencem a este corpo de Cristo e experimentarem como isso nos faz felizes.*

**Cada um de vós também faz parte do “Corpo de Cristo”,** da família de Jesus, da Igreja. O/A N... (indicar o nome de cada uma das crianças) faz parte do “Corpo de Cristo”, sois um dos muitos membros desse “Corpo”. **Tendes, nessa família, o seu lugar, o seu papel, a sua tarefa a desempenhar.**

*Tendo possibilidades de usar uma câmara fotográfica, o catequista tira uma foto do grupo que, depois de impressa em papel comum, cada criança colocará no espaço reservado para o efeito, na 107 do catecismo. Se tal não for, de todo, possível, o catequista sugere às crianças que façam um desenho do seu grupo para colar no mesmo espaço.*

**É bom fazer parte de um "corpo" como este;** é bom integrar uma família constituída por muitos irmãos e irmãs, de todas as raças, de todas as cores, de todas as culturas, de todos os cantos da terra, que se juntam à volta de Jesus e da sua mensagem; **é bom pertencer a uma comunidade de pessoas que se amam, que caminham juntas, que têm os mesmos objetivos;** é bom fazer parte de uma família onde **todos são chamados a construir**, em nome de Deus, um mundo de amor, de entendimento, de paz, de compreensão... Já pensaste que tens irmãos e irmãs no mundo inteiro? (*se as crianças reagirem à pergunta, o catequista deixa que se expressem sem que se perturbe o ambiente criado*).

*O catequista convida todos a agradecer o dom de pertencer a Cristo e a comprometer-se a aceitar o convite que ele nos pedir.*

Vamos dizer obrigado a Deus por nos ter chamado a fazer parte desta família; e vamos dizer-lhe, também, que estamos dispostos a desempenhar, nessa família, o papel que Ele quiser confiar-nos.

*Depois de criado o ambiente necessário para o momento de interiorização e oração que se segue, o catequista distribui as folhas com a oração, indica os leitores e prossegue: Vamos cantar o cântico:*

### **"Somos a Igreja de Cristo"**

*Depois do cântico, o catequista orienta a oração:*

**Leitor 1/catequista:** Senhor Deus, obrigado porque nos chamaste a fazer parte dessa grande família dos que seguem Jesus, dos que o escutam, dos que aprendem com Ele o amor e a paz, dos que se sentam com Ele à mesa para receber o seu Pão, dos que procuram construir, com Jesus, um mundo mais bonito e mais feliz.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

**Leitor 2** – Senhor Deus, obrigado porque nos chamaste para sermos membros do “Corpo de Cristo” e para ocuparmos o nosso lugar na comunidade cristã, à volta desse Jesus Cristo que nos dá Vida.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

**Leitor 3** – Senhor Deus, obrigado porque fizeste de cada um de nós uma pedra mais na construção dessa “casa” que é a Igreja de Jesus, e quiseste que cada um de nós fizesse parte dessa comunidade onde tu estás vivo e presente, para salvar e dar Vida aos homens e mulheres do mundo inteiro.

**Todos:** Juntos como irmãos, membros de uma Igreja, vamos caminhando ao encontro do Senhor.

Canta-se novamente o refrão da música:

**Somos a Igreja de Cristo, As pedras vivas do templo do Senhor!**

## **2. Compromisso:**

Hoje, o nosso compromisso vai começar pela entrega da oração que preparastes na semana passada, à pessoa que haveis escolhido e que cada um referiu, aqui na catequese. Depois, cada um vai ler muito bem a página 108 do nosso catecismo e assinar a declaração que aí está registada (*no centro da página*): «Eu, o vosso nome, sou membro do Corpo de Cristo e tenho na Igreja o meu papel e a tarefa que devo desempenhar.» Muito bem! Então, para saberdes ouvir a proposta do Senhor e acolher as tarefas que ele tem para vós, ides continuar a ler a oração do Espírito Santo, desta vez pensando, também, na pessoa a quem oferecestes uma cópia da oração – toda bonita, enfeitada com o vosso carinho e trabalho – e ao longo da semana refletindo, pensado, que tarefas haverá no Corpo de Cristo para cada um. Vão registar as vossas conclusões no espaço da Catequese 25 da vossa **Barra Cronológica**. Depois, falaremos disso.

*Para guardar na memória e no coração*

Juntos, como irmãos, membros de uma Igreja,  
Vamos caminhando ao encontro do Senhor.

## UMA COMUNIDADE QUE NASCE DA ÁGUA



### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. O Batismo, o momento da escolha

Quando Jesus Ressuscitado se despediu dos discípulos, disse-lhes: "Ide, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado" (Mt 28,19-20). O Batismo aparece, assim, ligado à adesão a Jesus e ao seu projeto.

Pedro, no dia de Pentecostes, no momento em que a Igreja de Cristo, de Jesus se assume e se apresenta a essa multidão que representa os povos do mundo inteiro, diz: "Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo" (At 2,38). Também aqui o Batismo aparece como elemento primordial no caminho cristão: é o momento em que se escolhe Jesus e se recebe o dom do Espírito Santo – esse dom que capacita o crente para viver a Vida nova de Deus.

O que é o Batismo O que é que ele traduz e significa? O que é que ele faz? O nome "batismo" deriva do verbo "baptein/baptizein", que significa "submergir", ou também "lavar". O Batismo é, pois, uma imersão, ou uma ablução. A água é o elemento fundamental deste rito.

#### 2. A água na história da salvação

A água é um elemento imprescindível à vida. Sem ela, os seres vivos não podem sobreviver. Foi na água que, há cerca de 3800 milhões de anos, surgiu a vida na Terra. Foi na água que os seres vivos encontraram o ambiente

favorável para o seu desenvolvimento e evolução. A água entra em percentagem muito significativa na composição de todos os seres vivos e é um componente essencial para o bom funcionamento geral do organismo – inclusive o organismo humano – ajudando em algumas funções vitais, tais como o controle de temperatura do corpo. Sem ela, os seres vivos desapareceriam em pouco tempo e a terra ficaria deserta, estéril e vazia. Por tudo isto a água é, em todas as culturas, em todos os tempos e lugares, um símbolo universal de vida. Olhamos para um rio ou ouvimos a música da água de uma fonte e pensamos em vida, em fecundidade, em abundância.

É água é, também, um elemento que lava, que limpa, que purifica. Por isso, ela é usada como símbolo de transformação, de renúncia à vida velha (“suja”), de recomeço, de purificação.

A confluência desta rica simbologia fez que a água aparecesse, com bastante frequência, associada a diversos momentos da história da salvação, como elemento que simboliza a criação, a vida nova, a libertação. No livro do Génesis, a água aparece ligada ao desaparecimento da humanidade pecadora (dilúvio) e ao nascimento de uma humanidade nova, que escolhe Deus e aceita viver em aliança com Deus (cf. Gen 6-9); no livro do Êxodo, a passagem do Mar Vermelho marca o momento em que o Povo de Deus deixa para trás a vida de escravidão e nasce para uma vida nova de liberdade e de paz (cf. Ex 14,15-15,21); no culto de Israel, a água aparece ligada ao culto, como elemento que purifica e capacita para se aproximar, novamente, do mundo de Deus (cf. Lev 15; Num 8,5-7.21; 19,7-22); os profetas de Israel anunciam o dom de uma água pura, que purificará o Povo das suas maldades e o habilitará a receber um coração novo, capaz de viver no amor a Deus e ao próximo, e a receber o Espírito de Deus (cf. Ez 36,25-27). Mais tarde, o judaísmo multiplicará os ritos de lavagem, como sinal de purificação e mesmo de conversão. Em alguns casos, os rabis de Israel batizavam com água os pagãos que se juntavam ao Povo judeu (prosélitos).

### 3. O Batismo cristão

**João Baptista**, aquele que anuncia a presença de Jesus no mundo, propunha um Batismo, no rio Jordão, àqueles que iam ter com ele e que manifestavam a vontade de se converter. É um gesto de purificação, que consagra o arrependimento do penitente e que anuncia a sua vontade de começar uma vida nova.

Um dia, o próprio **Jesus** apareceu junto do rio Jordão, para receber o Batismo (cf. Mc 1,9-11). É um gesto que situa Jesus entre os pecadores: Ele é

aquele que não tem pecado, mas vem ao encontro da humanidade pecadora e solidariza-se com ela, para a ajudar a vencer o pecado. Ele assume-se, assim, como o Cordeiro de Deus que toma sobre si o pecado do mundo (cf. Jo 1,29.36).

No entanto, no Batismo de Jesus aparecem elementos que são novos em relação ao Batismo tradicional que João oferecia: O Espírito Santo desce do céu e repousa sobre Jesus e ouve-se a voz vinda do céu que consagra Jesus como o Filho amado de Deus, cuja proposta deve ser escutada e acolhida pelos homens. A descida do Espírito Santo consagra Jesus como "o Ungido" anunciado pelas profecias, aquele que tem o mandato do Pai para "levar a Boa Nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros, para proclamar um ano da graça do Senhor" (Is 61,1-2); e, ao mesmo tempo, anuncia o Pentecostes, o dom do Espírito para essa Igreja que vai nascer da progação e da ação de Jesus. A "voz do céu" confirma a verdade da proposta que Jesus vai fazer (é uma proposta que tem o aval de Deus) e, ao apresentar Jesus como "o Filho", anuncia esse momento que vai chegar e em que os discípulos de Jesus se tornarão filhos adotivos de Deus.

Após a Ressurreição de Jesus, os discípulos recebem o Batismo do Espírito Santo. No dia do Pentecostes, eles são inundados por essa Vida nova de Deus que os transforma e os capacita para serem testemunhas do Ressuscitado e do seu projeto em todos os cantos do mundo. Nesse dia, Pedro pede aos homens e mulheres que o ouvem, que recebam o Batismo "em nome de Jesus Cristo para a remissão dos pecados", assegurando-lhes que receberão, então, o Espírito Santo (cf. At 2,38). Os discípulos começam, assim, a cumprir o mandato de Jesus, ao despedir-se deles: "fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19).

O **ritual do Batismo** com água foi assumido e praticado pela Igreja primitiva (cf. At 8,36-39; 10,48; 19,5). Aqueles que, depois de escutar a Boa Nova, queriam aderir à proposta de Jesus, recebiam o Batismo "em nome de Jesus" (cf. At 2,38; 8,16; 10,48; 19,5), passando assim a fazer parte da comunidade de Jesus. O Batismo situa o crente na órbita de Jesus, orientado para Jesus, em união com Jesus.

A linguagem utilizada sugere a existência de um ritual de imersão na água (cf. At 8,39; 1 Cor 6,11 - "fostes lavados"; Ef 5,26). Quando Paulo diz (Rom 6,4) que, pelo Batismo, os cristãos foram "sepultados" com Cristo na morte estará, muito provavelmente, a referir-se a esse banho de imersão que "afoga" na água a vida antiga e que faz os discípulos de Jesus ressurgir, a partir da

água, como criaturas novas, destinadas a uma vida nova. Tal ritual resulta da simbólica da água como expressão de criação, de vida, de fecundidade, de renovação, de purificação, de limpeza, como vimos atrás.

Qual o **significado teológico** que os cristãos atribuem ao rito batismal?

Nos "Atos dos Apóstolos" e, muito especialmente, nos escritos de Paulo, encontramos elementos para entender o sentido e o significado que a Igreja dá ao ritual do Batismo. Fundamentalmente, sugere-se que, pelo Batismo, o cristão é transformado e passa a viver uma vida nova. Para expressar essa transformação, Paulo utiliza palavras como "lavar", "santificar", "purificar": "Fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor 6,11).

Que significa, exatamente esta transformação? Quais são as suas várias dimensões?

O Batismo tem, antes de mais, uma dimensão cristocêntrica: o crente despreza as roupagens do homem velho (o homem do egoísmo, da injustiça, da violência, da autossuficiência, da maldade) e reveste-se de Cristo (cf. Gal 3,26-27). Com Cristo, morre para o pecado e com Cristo ressuscita para uma vida nova (cf. Rom 6,4-6; Fil 3,10; Gal 2,19). Por isso o Batismo é feito "em nome de Jesus Cristo" ou "em Cristo Jesus", fórmulas que significam, por um lado, que é Cristo quem acolhe e toma posse do batizado; e, por outro que este passa a ser um com Cristo, que a sua vida inteira fica definitivamente orientada para Cristo. Torna-se membro de Cristo, vivendo intimamente da sua vida e destinado a partilhar a sua glória.

O Batismo tem, depois, uma dimensão pneumocêntrica (de "pneuma" - "Espírito"): ser batizado "em Cristo" é ser batizado no Espírito. No Batismo, o cristão recebe o Espírito de Jesus ressuscitado, através do qual Cristo é comunicado ao cristão e passa a residir, de forma permanente, no cristão. O cristão torna-se, então, "Templo de Deus, no Espírito". Esse Espírito, recebido no Batismo e que permanece no crente, torna-o filho adotivo de Deus, opera a sua santificação e leva-o a viver a vida nova do Homem Novo.

O Batismo tem, depois, uma dimensão eclesiológica: ao revestir-se de Cristo e ao ser um com Ele, o cristão passa a fazer parte do "Corpo de Cristo" (a Igreja), integrando uma comunidade - a comunidade do Povo de Deus - onde não há judeus ou gregos, escravos ou homens livres, porque todos estão unidos num único Espírito (cf. 1 Cor 12,13). Fica, então, ligado aos outros membros do "Corpo de Cristo", formando com eles uma unidade, plenamente integrado numa família que recebe Vida de Jesus e do Espírito. O Batismo torna-se, assim, a porta de entrada na comunidade de Jesus, o

sacramento que constitui a Igreja. Para Paulo, assim como a passagem do mar Vermelho deu origem ao Povo de Deus, assim o novo "mar Vermelho" do Batismo faz nascer o novo Povo de Deus que é a Igreja (cf. 1 Cor 10,1-2). Pelo "Batismo", o cristão escolhe fazer parte da comunidade messiânica e é incorporado na Igreja; não de modo jurídico, mas a partir de uma comunhão vital com Cristo, no Espírito: passa a ser membro do "Corpo de Cristo" na unidade do Espírito e na diversidade de carismas (cf. 1 Cor 12,13; 12,4-11), convertendo-se numa pedra viva do Templo de Deus, a Igreja de Cristo (cf. 1 Cor 3,16-17). A Igreja nasce dessa fonte batismal a partir da qual os batizados escolhem Jesus e a sua proposta e passam a integrar a comunidade dos discípulos.

O Batismo tem, finalmente, uma dimensão existencial. Incorporado em Cristo e alimentado pelo Espírito, o batizado passa a viver uma existência de acordo com esse dinamismo de santidade e de vida nova. É "santo" e é chamado a traduzir essa santidade numa conduta de vida santa. Em termos mais concretos, Paulo explica que isso significa deixar o homem velho (cuja vida é marcada pela ira, pela cólera, pela maledicência, pela mentira, pelas palavras grosseiras) e revestir-se do Homem Novo (que vive na misericórdia, na humildade, na mansidão, na tolerância, no perdão, na caridade) (cf. Col 3,5-14). Dito de outra forma: significa deixar as trevas para ser filho da luz (cf. Ef 5,8-9) ou morrer para o pecado de uma vez para sempre e viver para Deus, em Cristo (cf. Rom 6,10-11).

## **OBJETIVOS**

- Recordar que, pelo Batismo, nascemos para uma vida nova: escolhemos viver por Cristo, com Cristo, em Cristo e para Cristo; e recebemos esse mesmo Espírito que animou Jesus, a fim de vivermos de acordo com a sua proposta.
- Descobrir que o Batismo é a porta de entrada na comunidade cristã, o rito através do qual passamos a ser membros da Igreja.
- Sentir-se feliz por ser batizado e por integrar a comunidade de Jesus.
- Sentir vontade de viver de acordo com essa Vida nova recebida no Batismo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Neste encontro as crianças vão aprofundar a sua compreensão do Batismo que já lhes foi referido em anos anteriores, como um sacramento pelo qual entram na grande família dos cristãos. Agora vão perceber que, pelo Batismo somos novas criaturas em Cristo e nascemos para uma vida nova. Nesta

fase da sua vida vai-se tornando possível a compreensão dessa transformação porque a criança começa a ter algum sentido do tempo e da história e a ver-se a si mesma como alguém que “já foi”: mais pequena, mais ignorante, ...

2. A simbologia da água, fonte de vida e de purificação, mostrará às crianças de uma forma concreta como o Batismo é esta vida nova, limpa do pecado, sem mancha, que devemos preservar sempre.
3. É importante que as crianças cheguem ao momento da Expressão de Fé com uma vontade interior de responder pela afirmativa, aos compromissos assumidos no seu Batismo. Desta forma, as respostas que forem dadas às perguntas do credo, feitas pelo catequista, serão fruto da presença do Espírito Santo nelas.

#### **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Um garrafão com água potável e copos de plástico, um para cada criança e o catequista, de preferência transparentes;
- Uma flor, colocada num outro copo, com água;
- Um peixinho, colocado num outro copo, com água;
- Folha grande de papel, se possível papel de cenário;
- Marcadores de várias cores;
- Massa aderente para prender papel;
- Fotografias com cenários da natureza com água, por exemplo rios, lagos, mar e fotografias com imagens de deserto e de falta de água;
- Uma vela de batizado e velas pequenas, uma para cada criança;
- Fósforos, para acender as velas;
- Água para aspergir o grupo das crianças e, se possível, uma calderinha para fazer, de forma mais solene, este gesto.

#### **MÚSICA**

- “Formamos um só corpo”.

### **Preparação da sala:**

No **placar**: ou presa na parede, colocar a folha grande de papel ou o papel de cenário e dispor os marcadores de modo que todos os possam ver.

Na **mesa**: a Bíblia, rodeada pelos copos de plástico para as crianças, sem água; um dos copos tem água e uma flor e um outro contém um peixinho e água. Também se coloca na mesa a caldeirinha que será usada para aspergir as crianças, assim como a vela de batismo e as velas pequenas, apagadas.

## **I. EXPERIÊNCIA HUMANA**

*Quando as crianças entram, o catequista encaminha-as logo para a mesa, e coloca-as em redor da mesma. O catequista introduz de imediato:*

1. Sabem bem que a água é a fonte da vida. Sem ela, não seria possível a vida dos homens e das mulheres, dos animais (*o catequista mostra o copo com o peixinho e passa-o às crianças, para que o observem*) e das plantas (*o catequista mostra o copo com a planta e passa-o às crianças, para que o observem*). Que seria deste peixinho se lho retirássemos a água? E desta flor, não é certo que murcharia e morreria, sem água? (*o catequista vai deitando água nos copos e entregando cada copo a uma das crianças, enquanto explica:*) Como haveis aprendido na escola, todos os seres vivos são constituídos por células, e estas são constituídas em grande parte, por água; por isso, se não houver água, se eles não integrarem a água na sua alimentação, a vida das células desaparece (*o catequista bebe um pouco de água do seu copo e convida as crianças a fazerem o mesmo e prossegue:*). Agora, nesta folha grande vou escrever a palavra **água** e depois cada um de vocês, vai escrever na vertical ou na horizontal uma palavra de que se lembre ao ouvir ou pensar na palavra "água", mas sempre usando uma letra que esteja numa palavra já escrita. Fazemos, desta forma, uma espécie de palavras cruzadas. Vem um de cada vez, depois de pensar na palavra que quer escrever e usa um dos marcadores.
2. *As palavras irão ficando na vertical ou na horizontal, unidas por uma letra comum. Algumas palavras podem ser: vida, animais, rio, lago, peixes, mar... Quando as crianças começarem a ter alguma dificuldade em encontrar*

*palavras, o catequista passa a ajudar referindo também palavras que são associadas a água pela negativa, como: deserto, catos, sede, areia...*

Agora que temos tantas palavras ligadas a água, vou mostrar-vos algumas fotografias que podem colocar junto às palavras do nosso puzzle. São uma forma de visualizarmos o que vimos anteriormente quando escrevemos as várias palavras.

*Usando a massa aderente, as crianças vão colando as várias fotografias representando quer a água, quer a sua falta.*

E as imagens do deserto que colámos, que vos parecem? Não são impressionantes, com aquelas longas imensidões secas, áridas, desoladas, sem árvores e sem plantas (ou com pouquíssima vegetação)? A falta de água impede que aí haja vida em abundância; aí a vida não é possível, ou está reduzida ao mínimo. E como contrastam com as fotografias cheias de água, plenas de vida.

**Mas será que a água só é fonte de vida? A água é, também, importante para lavar e purificar.** Já pensaste como seria não poderem lavar as mãos depois de brincarem na terra? Ou como seria não poderem tomar banho depois de andarem duas horas de bicicleta, num dia de calor? Ou se não tivessem água para limparem o chão da casa ou da escola?

**A água é, em todas as culturas e em todos os povos, um símbolo de vida** (*o catequista mostra o copo com o peixinho*), **de fecundidade** (*o catequista mostra o copo com a flor*), **de transformação** (*o catequista mostra o seu copo com a água e bebe um pouco*), **de renovação, de purificação** (*o catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 109 e observa com elas as fotos; depois, conclui:)* Por isso, a água foi usada muitas vezes pelas diversas religiões para falar dessa vida nova que os crentes esperam e que todos os dias procuram encontrar. Já alguma vez viram os indianos a banharem-se no rio Ganges? São centenas os que se deslocam diariamente para este rio para aí se banharem, purificando-se, deixando para trás a vida que tinham até aí.

## II. PALAVRA

1. Também o Povo de Deus utilizou a água como expressão dessa Vida nova que Deus está sempre a oferecer-nos. Lembrem-se, por exemplo, daquela passagem do livro do Êxodo em que o Povo de Deus, perseguido pelo exército do faraó, entrou na água do Mar Vermelho e escapou das mãos dos seus perseguidores (cf. Ex 14,15-31), não é verdade? É como se, ao passar através dessa água, aquele Povo tivesse deixado lá todo o lixo que os afligia e sujava – a escravidão do Egito, o sofrimento, a violência, a maldade do faraó, o desespero em que viviam – e tivesse aparecido do outro lado completamente limpo – livre, confiante, novo, capaz de viver uma nova vida de felicidade e de paz. **Para trás ficou a vida velha do sofrimento e da opressão e, do outro lado da água, estava a vida nova da liberdade.**

A água é, portanto, expressão de Vida nova – de vida limpa, purificada, renovada. Jesus Cristo usou a imagem da água para exprimir a realidade dessa Vida nova que Ele nos veio oferecer. Um dia, ao falar com uma mulher da Samaria que encontrara a tirar água de um poço, Jesus disse que tinha, para dar, uma água viva, uma água tão boa que faria com que as pessoas nunca mais voltassem a ter sede. “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter mais sede” – pediu-lhe a mulher (**Jo 4,13-14**). Jesus, ao dizer que trazia a água que dá a vida para sempre, estava a dizer que, com as suas palavras, com os seus gestos, com o seu amor, com a sua bondade, oferecia-nos a possibilidade de matarmos a nossa sede de Vida, de paz e de felicidade.

**Podemos, assim, dizer que, para termos Vida, temos de beber a água que Jesus traz, temos de mergulhar nela.** Beber a água que Jesus traz ou mergulhar nela, será o quê? Será escutar muito atentamente Jesus e a sua mensagem, será aprender com Ele a viver, a amar, a fazer o bem; será seguir Jesus e sermos discípulos dele (já sabes que os “discípulos” são aqueles que ouvem as lições de um mestre e que aprendem, com esse mestre, como é que devem viver).

2. Quando Jesus se despediu dos seus discípulos, pouco antes de subir ao céu, disse-lhes: *“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado”* (**Mt 28,19-20**).

**E os discípulos de Jesus tomaram o gesto de mergulhar uma pessoa na água – chamamos-lhe “Batismo” – como um gesto que significa que essa pessoa escolheu pertencer a Jesus, escolheu ouvir as palavras de Jesus e viver de acordo com aquilo que Ele veio ensinar. Esse rito (esse gesto) de mergulhar a pessoa na água passou a ser, na Igreja de Jesus, a forma de expressar uma coisa muito bonita: que, agora, essa pessoa pertence a Cristo, quer seguir a Cristo e quer fazer parte da comunidade dos que seguem Cristo – os cristãos.**

*Depois de todos estarem de pé e as leituras distribuídas, o catequista introduz o texto:* Vamos ver um episódio do livro dos Atos dos Apóstolos em que um homem – um etíope que tinha vindo de visita a Jerusalém – quis ser batizado para mostrar que tinha escolhido Jesus Cristo e que queria fazer parte da comunidade de Jesus Cristo (**At 8,26-39**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista/Narrador:*

**O anjo do Senhor falou a Filipe e disse-lhe:**

*Criança 1:*

**«Põe-te a caminho e dirige-te para o sul, pela estrada que desce de Jerusalém para Gaza, a qual se encontra deserta».**

*Catequista/Narrador:*

**Ele pôs-se a caminho e foi para lá.**

**Ora, um etíope, eunuco e alto funcionário da rainha Candace, da Etiópia, e superintendente de todos os seus tesouros, que tinha ido em peregrinação a Jerusalém,**

regressava, na mesma altura, sentado no seu carro, a ler o profeta **Isaiás**.

**O Espírito disse a Filipe:**

*Criança 2:*

«**Vai e acompanha aquele carro**».

*Catequista/Narrador:*

**Filipe, acorrendo, ouviu o etíope a ler o profeta Isaiás e perguntou-lhe:**

*Criança 3:*

«**Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler?**»

*Catequista/Narrador:*

**Respondeu ele:**

*Criança 4:*

«**E como poderei compreender, sem alguém que me oriente?**»

*Catequista/Narrador:*

**E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele.**

**A passagem da Escritura que ele estava a ler era a seguinte:**

«**Como ovelha levada ao matadouro, e como cordeiro sem voz diante daquele que o tosquia, assim Ele não abre a sua boca.**

**Na humilhação se consumou o seu julgamento,**

**e quem poderá contar a sua geração?**

**Da face da terra foi tirada a sua vida!**»

**Dirigindo-se a Filipe, o eunuco disse-lhe:**

*Criança 4:*

«**Peço-te que me digas: de quem fala o profeta?**

**De si mesmo, ou de outra pessoa?**»

*Catequista/Narrador:*

**Então, Filipe tomou a palavra e, partindo desta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Boa Nova de Jesus.**

**Pelo caminho fora, encontraram uma nascente de água, e o eunuco disse:**

*Criança 4:*

**«Está ali água! Que me impede de ser batizado?»**

*Catequista/Narrador:*

**Filipe respondeu-lhe:**

*Criança 3:*

**«Se acreditas com todo o teu coração, isso é possível».**

*Catequista/Narrador:*

**O eunuco respondeu:**

*Criança 4:*

**«Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus».**

*Catequista/Narrador:*

**E mandou parar o carro.**

**Ambos desceram à água, Filipe e o eunuco, e Filipe batizou-o.**

**Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe e o eunuco não o viu mais, seguindo o seu caminho cheio de alegria”.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

- 3.** Aquele homem que Filipe encontrou no caminho (na estrada para Gaza), depois de ouvir falar de Jesus, quis “aderir” a Jesus, quis tornar-se seguidor de Jesus. Ele “acreditava” em Jesus. **Sabeis o que significa “acreditar”?** Significa ter a certeza de que Jesus veio de Deus com uma proposta de Vida para nós; significa querer ouvir essa proposta que Jesus traz e querer realizá-la na própria vida; significa querer seguir Jesus, querer fazer parte da família de Jesus.

**Quem é batizado, escolheu Cristo e passa a ser de Cristo.** Fica ligado a Cristo, pertence a Cristo e vive a Vida nova que Cristo lhe trouxe e lhe propôs. Aquele que é batizado, é alguém que escolheu ser de Cristo.

Ninguém é obrigado a esta escolha. A opção por Jesus é uma opção livre. Mas, quem a fizer, encontra Vida nova, encontra Vida sem fim.

**Quando alguém “escolhe” Jesus, adere a Ele, se torna seu discípulo e é batizado, essa pessoa diz “não” ao egoísmo, à maldade, ao pecado.**

Escolher Cristo é dizer que não queremos passar a vida a fazer coisas erradas, mas queremos viver dessa forma que Cristo nos ensinou. São Paulo diz que ser batizado é como que sepultar a nossa vida de maldade e de pecado e ressuscitar (como Cristo) para uma Vida completamente nova (cf. Rom 6,4-14).

Quando alguém é batizado recebe, também, o Espírito Santo, essa força de Deus que desceu sobre Jesus no dia do seu batismo, no rio Jordão, e que sempre o acompanhou na sua missão no meio dos homens. Pedro, discípulo de Jesus, ao falar às pessoas de Jerusalém, no dia do Pentecostes, dizia-lhes:

**“Convertei-vos e peça cada um o batismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo”.**

O Espírito Santo – já sabeis – foi enviado aos discípulos de Jesus, após a Ressurreição. Ele faz com que os discípulos entendam a proposta de Jesus e tenham a força para a viver (isto é, tenham a força de amar como Jesus, de servir como Jesus, de perdoar como Jesus, de fazer o bem como Jesus). O Espírito Santo também faz com que os discípulos de Jesus tenham a força e a coragem para serem testemunhas e sinais de Jesus no meio do mundo, diante de todos os homens e mulheres (já sabes o que são as testemunhas: são aqueles que garantem a verdade de determinado facto... As “testemunhas” de Jesus são aquelas pessoas que falam de Jesus e que garantem a verdade da proposta que Jesus nos veio fazer).

**4. Quando alguém é batizado fica, ainda, a pertencer a uma grande família...** Já sabeis qual é, não é verdade? Sim, é a **Igreja, a comunidade de Jesus**. Ao dizer “sim” a Jesus, ao tornarmo-nos discípulos e seguidores de Jesus, juntamo-nos a muitas outras pessoas que fizeram a mesma escolha e se ligaram a Jesus. É como se passássemos a ser membros de um grande “Corpo” (o “Corpo de Cristo”), formado por aqueles que escolheram Cristo e pertencem a Cristo.

O Batismo é como que a "porta de entrada" para essa família de Jesus que é a Igreja. Quem é batizado, passa a ter muitos irmãos e irmãs – os outros batizados, os outros membros do "Corpo de Cristo", os que pertencem a Cristo e recebem Vida de Cristo.

**Podemos dizer que a Igreja de Jesus é a comunidade que nasce da água: da água do Batismo.**

*Como conclusão desta reflexão fundamental, o catequista sugere que observem as ilustrações – pintura e foto – das páginas 110 e 111 do catecismo, fazendo-as reler os textos anotados.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Tendo em consideração a eventual presença de crianças catecúmenas, o catequista pergunta, adaptando-se às circunstâncias: Todos nós somos batizados, não é verdade? (Se houver no grupo crianças que se preparam para o seu batismo, salientar este acontecimento importante na vida de todo o grupo).*

Já sabemos o que isso significa: **pertencemos a Cristo, recebemos Vida de Cristo, somos discípulos de Cristo; recebemos o Espírito Santo, essa força de Deus que nos anima a viver de acordo com o que Cristo nos ensinou e nos envia a sermos testemunhas de Jesus; entramos numa grande família, a Igreja, e somos membros do "Corpo de Cristo".**

Provavelmente fomos todos batizados há já alguns anos (se calhar, quando ainda éramos muito, muito pequeninos). Já não nos lembramos daquilo que então aconteceu... Mas, nesse dia, os nossos pais e os nossos padrinhos disseram, em nosso nome, que íamos viver como cristãos e íamos partilhar a fé desta família que é a Igreja. Trata-se de algo tão importante que vou já pedi-vos para, em honra desse dia e como recordação muito querida, colocardes no espaço previsto para isso, na página 112 do vosso catecismo, uma foto do vosso batizado, de preferência aquela que mostra o sr. Padre a derramar a água sobre a vossa cabeça. Se não for possível, pois que cada um ilustre este momento, com um belo desenho.

*Chamando as crianças a uma atitude de oração, o catequista proclama, pedindo às crianças para seguirem pelo resumo inscrito na página 112 do seu catecismo:*

- Hoje já sabemos que queremos ser amigos e discípulos de Jesus, queremos estar com Ele e aprender com Ele a viver.
- Hoje já sabemos que temos em nós o Espírito santo, a Vida e a força de Deus que Jesus Ressuscitado nos deixou.
- Hoje já sabemos que fazemos parte, pelo rito do Batismo, da Igreja de Jesus e que fazemos parte do "Corpo de Cristo".
- Hoje já sabemos que queremos deixar de lado o mal e escolher a Vida de Deus.

*Depois de um breve silêncio, o catequista entrega a cada criança uma vela pequena e acende a vela de batismo; depois, propõe: Vamos, então, recordar o nosso Batismo e aquilo que, nessa altura, os nossos pais e padrinhos disseram, em nosso nome.*

Vamos dizer que recusamos o mal.

Vamos dizer que acreditamos e aceitamos Deus, Jesus Cristo, a Igreja e o Espírito Santo. É isto que nos faz pertencer à Igreja, a essa família constituída por todos os homens e mulheres que seguem Jesus.

*O catequista passa pelas crianças e acende a vela de cada uma delas; depois, explica às crianças que devem responder-lhe dizendo, em voz clara e firme: «Sim, renuncio». Explica que cada um responde no singular, porque é uma resposta pessoal de cada um a Deus. O catequista pede às crianças para escutarem com atenção as perguntas e a responder-lhes com o maior entusiasmo do seu coração:*

**Catequista:**

Renunciais ao egoísmo e ao pecado que nos impedem de caminharmos nos caminhos de Deus?

Todos: **Sim, renuncio.**

**Catequista:**

Acreditais nesse Deus que criou este mundo para o dar a todos os homens, sem distinção de raça, cor, religião ou estatuto social e que ama e quer ver felizes os homens e mulheres que criou?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais em Jesus Cristo, o Filho de Deus,  
que passou pelo mundo fazendo o bem;  
que anunciou aos homens - com palavras e com gestos -  
um mundo de amor, de partilha, de perdão e de paz;  
que foi morto numa cruz por causa da mensagem que propunha;  
mas que continua vivo, caminhando connosco pelos caminhos do mundo?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais no Espírito de Deus,  
que nos lembra a cada momento a proposta de Jesus,  
que nos anima na construção de um mundo novo  
e que nos dá força para escolhermos os caminhos de Deus?

Todos: **Sim, creio.**

**Catequista:**

Acreditais na Igreja,  
a comunidade dos seguidores de Jesus de Nazaré,  
que tem como missão anunciar Jesus  
e concretizar no mundo o seu projeto?

Todos: **Sim, creio.**

**Esta é a nossa fé,  
a fé da Igreja de Jesus a que todos nós pertencemos.**

*(O catequista asperge as crianças com água, se possível usando uma caldeirinha).*

E agora cantemos todos com alegria o cântico:

**"Formamos um só corpo".**

## 2. Compromisso:

Hoje, já temos o nosso compromisso preparado! Acabamos de nos comprometer com a nossa fé! Para nos ajudar a viver esse compromisso, a responder sempre ao chamamento de Jesus, no espaço da catequese 26 da nossa **Barra Cronológica** está registado, para completardes, aquilo em que cada um Acredita, Escolheu, Agora diz, Pede e Pertence (*o catequista mostra às crianças e pede a uma delas para ler; depois, conclui:*) Vamos viver de acordo com o que agora respondemos: crendo em Deus, no Seu Filho Filho Jesus Cristo, no Espírito Santo que nos guia e na Igreja que Ele nos deixou. Peço-vos, pois, que continueis a rezar ao Espírito Santo para que vos ajude a por em prática estes propósitos de renascimento, de Vida Nova, em que recusais o mal e procurais fazer o bem, com determinação e força, com entusiasmo. Não vos esqueçais, também, de completar o compromisso da catequese anterior e de procurar descobrir a que tarefas o Senhor vos chama.

---

### *Para guardar na memória e no coração*

Para termos Vida, temos de beber a água que Jesus traz, temos de mergulhar nela: escutar Jesus e a sua mensagem, aprender a viver, amar, a fazer o bem; ser seu discípulo. É pelo batismo que somos chamados a esta Vida Nova e a nascer de novo para a comunidade dos Filhos de Deus, a Igreja.

## UMA COMUNIDADE QUE SE ALIMENTA DA PALAVRA E DO PÃO

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. A Palavra que alimenta

Todos os seres vivos necessitam de alimento como fonte de matéria e energia para poderem realizar as suas funções vitais, incluindo o crescimento, o movimento e a reprodução. Um ser vivo que não se alimenta, definha e morre. Esta "lei" também vale para as instituições: elas necessitam de encontrar as fontes de energia para que possam subsistir, crescer, ter forças para enfrentar os desafios sempre novos que o tempo e a história apresentam. A Igreja – essa comunidade que nasce de Jesus e que tem como missão testemunhar o projeto de salvação que Deus tem para a humanidade – é uma instituição viva, que caminha na história e que, em cada passo desse caminho, tem necessidade de um dinamismo de vida que a leve a estar sempre preparada para cumprir a sua missão. De que é que a Igreja se alimenta? Quais são as fontes de energia que lhe permitem subsistir na história e encontrar forças sempre renovadas para ser "sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano" (*Lumen Gentium, 1*)?

É o Espírito do Senhor Ressuscitado que anima e conduz a Igreja ao longo do seu percurso histórico. O Espírito age na Igreja e alimenta a Igreja através da Palavra – proclamada e escutada – e dos Sacramentos. Todos os Sacramentos são fonte de Vida para a Igreja; mas, entre eles, há um que é justamente considerado a "fonte e cume de toda a vida da Igreja": a Eucaristia, o pão do céu para a Vida do mundo. Detenhamo-nos um pouco sobre estas

duas realidades que alimentam o dinamismo da Igreja: a Palavra e o Pão do céu.

O nascimento da Igreja está umbilicalmente ligado à Palavra de Jesus. Enviado ao mundo pelo Pai para anunciar o Reino (cf. Lc 4,43-44; Mc 1,38), Jesus percorreu as vilas e aldeias da Palestina propondo aos homens esse mundo novo que Deus quer oferecer-nos. Fê-lo com palavras humanas, com comparações simples tiradas da vida diária, que os pobres e humildes escutavam e entendiam. E as suas palavras tornaram-se, para muitos homens e mulheres, a mais bela das esperanças.

As palavras de Jesus não deixavam ninguém indiferente... Quem as escutava tomava posição e, ou a aceitava, acolhendo-a na fé e na conversão (cf. Lc 10,9; Mc 1,15), ou a rejeitava (cf. Lc 8,9-10; Mc 4,12). Aceitar ou rejeitar a Palavra é aceitar ou rejeitar a proposta de Jesus e é, em última análise, aceitar ou rejeitar o próprio Jesus. Para definir as várias atitudes dos ouvintes face à Palavra que anuncia, Jesus utiliza a parábola do semeador (cf. Lc 8,4-15): quem quer aderir ao Reino, acolhe a Palavra sem restrições e deixa que ela cresça e dê frutos abundantes. Quem responde positivamente ao desafio da Palavra que Jesus proclama, torna-se discípulo. Nasce, a partir daí, uma comunidade que é a "casa da Palavra", o "lugar" onde a Palavra de Deus reside no mundo e de onde ela é proclamada e testemunhada diante do mundo.

Após a partida de Jesus para o Pai, os discípulos tornaram-se os mensageiros da Palavra. Animados e conduzidos pelo Espírito (cf. At 1,8; 2,4; 4,8.33; 9,31; 11,24; 18,21), eles assumiram o mandato de Jesus ("Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura" – Mc 16,15) e tornaram-se arautos da Palavra.

O anúncio feito pelos discípulos:

- é um anúncio sobre Jesus e a Boa Nova que Jesus veio propor aos homens;
- é Palavra salvadora, pois propõe o plano salvador de Deus apresentado por Jesus (uma vez aceite, liberta o homem de uma dinâmica de egoísmo e de injustiça, para o inserir numa dinâmica de amor, de partilha, de serviço, de fraternidade);
- é, portanto, Palavra que faz aparecer o *Homem novo*, o homem que adere a Jesus e opta por seguir esse caminho de amor que Ele veio propor;
- é Palavra livre e corajosa, que não tem medo de interpelar, de encorajar, de sugerir, de aconselhar, de admoestar, em qualquer circunstância;

- é Palavra missionária, que tem chegar a todos os cantos da terra (o apóstolo é a "boca de Deus", porque através dele a salvação proposta por Jesus deve atingir todos os povos);
- é Palavra que edifica a comunidade.

Da **proclamação da Palavra**, a Igreja nasce, cresce, edifica-se, renova-se dia após dia... É a partir da proclamação da Palavra e da resposta à Palavra que a Igreja é dotada de novos membros; é a Palavra que convida continuamente à conversão, à renovação, à fidelidade a Cristo e ao seu projeto; é a Palavra que ilumina os caminhos a percorrer e propõe, a cada passo, novos caminhos e novos desafios; é a Palavra que alimenta a esperança e dá aos que a escutam a coragem para continuar a caminhar...

**A Igreja vive da Palavra** e alimenta-se da força que lhe vem da Palavra.

## 2. O Pão que dá a Vida

Ao pôr do sol de uma quinta-feira do mês de Nisan do ano 30, Jesus reuniu-se com os seus discípulos numa ceia de despedida. Ele sabia que ia ser preso daí a poucas horas e que, no dia seguinte, seria julgado e condenado à morte. Aos discípulos, Ele quis deixar, resumida num gesto, toda a sua vida: o seu projeto, os seus valores, os seus ensinamentos, a sua proposta...

Enquanto comiam, Jesus pegou num pedaço de pão, partiu-o e deu-o aos que discípulos que estavam com ele à mesa, e disse-lhes: "Tomai, comei, isto é o meu corpo" (Mt 26,26). Depois, tomou um cálice com vinho, deu graças e entregou-o aos discípulos, dizendo: "Bebei todos dele, porque este é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para o perdão dos pecados" (Mt 26,27-28). E acrescentou: "Fazci isto em minha memória" (Lc 22,19).

Ao dar a comer aos discípulos o pão/corpo, Jesus estava a oferecer-lhes a sua Vida, essa Vida que a sua Pessoa, as suas palavras, os seus gestos de bondade, de acolhimento, de perdão e de serviço testemunharam a todos aqueles com quem Ele se cruzou nas vilas e aldeias da Palestina. Ao dar-lhes a beber o vinho/sangue, Jesus estava a deixar-lhes esse amor total, sem medida, que na cruz alcançou a sua expressão máxima e se fez dom completo, até à última gota de sangue... Comer o pão/carne é, assim, acolher essa Vida e deixar que ela se transforme em gestos concretos de amor partilhado, de Vida oferecida, de serviço humilde aos irmãos; beber o vinho/sangue é acolher e deixar-se transformar por esse amor vivido "até ao extremo" e que leva a fazer da própria Vida um dom total ao Pai e aos irmãos.

E os discípulos de Jesus, cumprindo o mandato que lhes tinha sido dado, passaram a encontrar-se regularmente (pelo menos no "dia do Senhor", o dia em que celebravam a Ressurreição de Jesus) para "fazer memória" da Paixão, morte e Ressurreição do Senhor. Sentavam-se à mesa e repetiam as palavras e os gestos de Jesus na Última Ceia". Sabiam que, ao "fazer memória" desse acontecimento, estavam a atualizar a vida de Jesus, a reviver os acontecimentos da sua paixão, morte e Ressurreição; estavam a sentar-se novamente à mesa com Jesus, a consolidar a sua comunhão com Ele, a aprofundar os laços de intimidade com Ele, a receber dele Vida. Ao mesmo tempo, os discípulos de Jesus constataram que, ao reunirem-se à mesa da Ceia do Senhor com outros irmãos e irmãs, estavam a potenciar os laços de amor, de comunhão e de unidade que ligavam os discípulos de Jesus; estavam a construir uma família de muitos irmãos e irmãs – uma família formada por pessoas muito diferentes, mas que vivem da mesma Palavra, que se alimentam da mesma fonte de Vida, que são animadas pelo mesmo Espírito, que caminham juntas em comunidade de fé e de vida.

Diz-se que a Eucaristia edifica a Igreja e alimenta-a... Sim, a Eucaristia faz a Igreja e vivifica continuamente a Igreja no seu caminho histórico. O Pão da Vida que os discípulos aí recebem, renova e consolida a união e a comunhão de cada um deles com esse Cristo que é o centro de toda a existência cristã; o Pão da Vida é o alimento espiritual que lhes permite viver como discípulos, no amor, na partilha, no perdão, no serviço, no dom da vida; o Pão da Vida consolida a unidade do "Corpo de Cristo", fortalecendo os vínculos de unidade e de comunhão que unem os diversos membros da comunidade de Jesus; o Pão da Vida dá aos discípulos a força para anunciarem em toda a terra o Evangelho do Reino e para serem testemunhas corajosas e entusiastas de Jesus e da sua proposta.

A Eucaristia é o centro e a fonte de toda a vida da Igreja. A Igreja de Jesus não poderia viver e caminhar sem o alimento eucarístico.

### **3. Uma comunidade que se reúne à mesa da Palavra e do Pão**

Todos os dias, a Igreja de Jesus que caminha na história reúne-se à mesa da Palavra e do Pão. A Eucaristia cristã reúne e oferece esses dois alimentos que dão Vida e que constroem a comunidade dos discípulos. "Em cada Missa, a liturgia da Palavra de Deus precede a liturgia Eucarística, na unidade das duas «mesas», a da Palavra e a do Pão" (Carta Apostólica *"Mane nobiscum domine"*, de João Paulo II, nº 12).

Na liturgia da Palavra, é o próprio Deus que fala à comunidade convocada e reunida. Sem essa Palavra que ilumina, que consola, que transforma, que faz perceber o sentido das coisas e que aponta os caminhos onde há Vida em abundância, não é possível caminhar, seguir em frente, reencontrar-se com uma esperança sempre renovada. O "ícone" dos discípulos de Emaús demonstra a verdade desta afirmação.

Na liturgia Eucarística, Jesus senta-se à mesa com os seus e reparte com eles o Pão que dá a vida. É aí que os discípulos o reconhecem, que se apercebem da sua presença e do seu amor, que redescobrem a comunhão e a unidade da Igreja, que reencontram novamente o sentido da aventura cristã, que sentem vontade de retornar rapidamente aos caminhos para testemunhar a todos os homens e mulheres a presença de Cristo Ressuscitado. O "ícone" dos discípulos de Emaús, uma vez mais, ilustra esta realidade.

A Igreja de Jesus, em marcha pela história, encontra na Palavra e no Pão este dinamismo de Vida que lhe permite sempre ir em frente e cumprir a sua missão; a comunidade de Jesus, ocupada na missão de apresentar ao mundo e aos homens uma proposta de salvação e de libertação, caminha sempre na presença desse Ressuscitado que lhe aparece de madrugada, lhe indica para que lado lançar as redes, e lhe oferece, para retemperar as forças, o pão e o peixe que ele mesmo preparou (cf. Jo 21,1-14).

## **OBJETIVOS**

- Aprofundar a ideia de que, ao longo da sua caminhada pela história, a comunidade dos discípulos é alimentada pela Palavra de Deus e pelo Pão descido do céu para dar a Vida ao mundo.
- Perceber em que sentido essa Palavra e esse Pão edificam a Igreja e ajudam os discípulos na caminhada.
- Descobrir a importância de participar na celebração eucarística, de escutar essa Palavra e de receber esse Pão.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

- 1.** Esta sessão de catequese centraliza-se na importância da Palavra de Deus, do Pão de Jesus Cristo e, portanto, na Eucaristia. O catequista deverá, ao longo da sessão, ter estas dimensões cristãs bem presentes e transmiti-las de forma viva e alegre. Não faz sentido um crente cristão viver à margem da Palavra que dá Vida, do Pão que alimenta e da celebração eucarística como plena comunhão, realizada sempre pela Palavra e pelo Pão recebidos. É certo que esta reflexão e este apelo tem estado presente na catequese das

crianças, de forma central, desde o Catecismo 1, e tal como se recorda na página 117 do catecismo. No entanto, parece sempre difícil, para as comunidades de fé, que as crianças participem, plena e constantemente, na chamada do Senhor a partilhar a Sua mesa. Assim, esta catequese, que tem uma estrutura simples e clara, deve ser precedida ou continuada por uma eucaristia preparada com estas crianças e para elas e as suas famílias (encontra-se um convite na página do catecismo anteriormente indicada). Para que a eucaristia pode ser vivida por todos como uma experiência de fé e compromisso com esta, e uma vez que estamos a chegar ao fim deste ano de catequese, deve ser antecedida por uma Reunião de Pais (onde se preparará, também, a catequese 29, de retiro, e a catequese 30, Celebração da Esperança) ou realizar-se antes da Reunião de Pais, tendo-se em atenção que se deve manter as crianças ocupadas com alguma atividade, durante esse tempo. Na Reunião de Pais facultar-se-á aos educadores uma catequese sobre a eucaristia.

2. A partir da riqueza desta específica experiência cristã, o catequista deve ajudar cada criança a redescobrir a importância da proximidade com a Palavra, do dom do Pão e do alimento eucarístico. Longe da Palavra, do Pão e da Eucaristia seremos como uma planta sem terra, sem água, sem sol – morreremos. É deste facto que o catequista conduzirá a criança a um compromisso, a uma alteração de hábitos ou atitudes porventura distantes desta vida cristã.
3. Neste sentido, o texto de Lc 24,13-35 é central e de crucial importância. Ler devagar esta passagem do Evangelho e retirar dela a experiência vivida destes discípulos e aproximá-las da nossa vida pessoal, ajudará as crianças a uma interiorização mais rica da Palavra do Evangelho e o despertar de uma verdadeira vontade de assumir uma nova atitude face à vida pessoal e comunitária.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Toalha branca;
- Duas velas grandes e bonitas;
- Fósforos;
- Um pão grande, inteiro, colocado num prato;
- Texto fotocopiado "Uma carta de Jesus para Ti" (é conveniente levar 2 ou 3 cópias a mais), (Cf. Documento 1); O texto poderá estar enrolado em forma de rolo, num papel bege, ou a imitar o papiro.

- Um pequeno envelope (pode usar-se envelopes de cores variadas), para cada criança, contendo um cartão, também colorido e bonito, com a frase: «*Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?*»  
(É conveniente levar 2 ou 3 envelopes a mais).

## MÚSICA

- "Não podemos caminhar".

### Preparação da sala:

- Dispor a **mesa** no centro da sala; cobri-la com uma bonita toalha branca, a modo de altar e colocar a Bíblia num suporte, o pão num prato bonito e vistoso e as vela, uma de cada lado da Bíblia, como símbolos centrais da sessão caquética.
- Se for possível dispor de espaços que permitam algum isolamento, dentro ou fora da sala, para o momento do preenchimento da "Uma carta de Jesus para ti"; se esta possibilidade não se verificar, as crianças poderão escrever sentadas à volta da mesa ou sentadas no chão, a uma certa distância umas das outras.

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

### Alternativa

1. *A Experiência Humana que, fundamentalmente, se propõe, consiste em levar as crianças a participar, junto com as suas famílias, e tal como se refere nas Observações Pedagógicas, numa eucaristia preparada por estas e para estas (e que pode incluir todos os grupos do Catecismo 5). Se não for possível prepará-la **antes da catequese 27**, deverá realizar-se logo após esta catequese.*

*De qualquer modo, quando reunido com as crianças, neste encontro, o catequista começa por rever, com elas, essa Experiência central da vida cristã:*

- *como se fez a preparação, com que entusiasmo, com que cuidados...;*

- como se desenrolou a Eucaristia, quem participou;
- quais as leituras, que escutaram ao sr. Padre, nas explicações e indicações dadas na homilia (tanto na preparação como na reconstrução da Experiência, o catequista pode seguir com as crianças as explicações contidas nas páginas do Catecismo 3, sobre a eucaristia), que proposta de vida ele lhes fez;
- que experimentaram durante a liturgia eucarística; que cânticos escolheram e porquê; que orações recordam particularmente; quais são os momentos mais importantes, e porquê;
- que palavras usou o sr. Padre no envio final;

*Para enriquecer o diálogo, o catequista pode fornecer às crianças um pequeno guião da eucaristia em que estas encontram alguns espaços para preencher com anotações, ou perguntas, anotações e respostas estas que serão recuperadas e referidas durante a catequese.*

## 2º

### Alternativa

1. *Depois do acolhimento, o catequista propõe às crianças o seguinte diálogo: Sabeis que todos os seres vivos precisam de se alimentar, não é verdade? (Deixar as crianças exprimirem-se). É a alimentação que nos permite mantermo-nos vivos e de boa saúde. Os alimentos são compostos por nutrientes com diversas funções, tais como dar energia, construir os nossos músculos e ossos, regular a temperatura do corpo, etc. Já experimentastes fazer um esforço exigente – por exemplo, uma caminhada, ou um jogo de futebol – sem vos terdes alimentado bem? Será possível correr muito ou ser muito rápido? (Deixar as crianças exprimirem-se). Quando não comemos, às vezes até nos sentimos mal, fracos ... e se vamos para a escola sem tomar o pequeno-almoço, só nos apetece dormir!*

Há alguns dias, estive a ver na televisão uma etapa de uma corrida de ciclismo. Em dado momento, havia um corredor que tinha quase 20 minutos de vantagem em relação aos outros e que parecia ter tudo para ganhar a etapa. Mas, na parte final, começou a perder terreno e foi ultrapassado. Quando os outros corredores passaram por ele, as câmaras da televisão mostraram que havia uma grande diferença de andamento entre ele e os outros. Pouco depois de a corrida ter terminado, ouvi uma entrevista feita a

esse corredor. Perguntaram-lhe porque é que ele não tinha aguentado o ritmo e tinha sido ultrapassado por quase todos os outros... Ele respondeu: "Porque não me alimentei como devia, durante a etapa, e por isso não tive forças para manter um ritmo forte, que me permitisse vencer". É assim em tudo... Para caminhar, para fazer esforços, para vencer as dificuldades que a vida nos apresenta, precisamos de nos alimentar.

**O que esta realidade tem a ver com a nossa catequese de hoje?** (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Sabem, é que isto também é verdade no que diz respeito à caminhada que o Povo de Deus vai fazendo pela vida e pela história... Não podemos caminhar, não podemos enfrentar as dificuldades, não podemos cumprir os nossos objetivos, não podemos corresponder à missão que Deus nos confiou, se não nos alimentarmos convenientemente. Como sabes, não estou só a falar do pão, da carne, do peixe, dos vegetais, do leite que todos os dias comemos e bebemos; mas estou a falar de tudo aquilo que nos "alimenta", de tudo aquilo que nos dá vida, de tudo aquilo que nos dá esperança, de tudo aquilo que nos dá força para cumprirmos o nosso papel e a missão que Deus nos confiou.

Para compreendermos isto muito bem, para o sentirmos em nós, vamos (*escutar/cantar*) um **cântico** que fala disto mesmo. (*O catequista faz escutar o ensaia o cântico indicado:*)

**" Não podemos caminhar "**

*Após a escuta/ensaio do cântico, o catequista conclui:* Como cantámos, para os discípulos de Jesus, que somos nós, há dois alimentos muito importantes, que os sustentam e apoiam no caminho que eles todos os dias percorrem: a Palavra de Deus e o Pão que Jesus nos deixou.

## **II. PALAVRA**

1. Conta o evangelista Mateus (cf. **Mt 4,1-4**) que Jesus, pouco depois de ter sido batizado por João Baptista, no rio Jordão, esteve algum tempo no deserto, a preparar-se para a missão que ia desempenhar. Esteve sem comer quarenta dias; e, quando lhe foi proposto que transformasse as pedras em pão, para poder matar a fome, Ele respondeu: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4,4).

2. Nós vivemos da Palavra de Deus? A Palavra de Deus é pão que nos “alimenta”? O que vos parece? (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Sim, a Palavra de Deus alimenta-nos – quer dizer, faz aquilo que os alimentos fazem: dá-nos força para caminhar pela vida, sem desistirmos, sem perdermos o ritmo, sem nos irmos abaixo.

Quando Deus nos fala e nos diz que gosta de nós, sentimo-nos mais felizes, mais animados, com mais forças para trabalhar, para estudar, para cumprir a nossa missão no mundo; quando Deus nos fala e nos mostra como devemos viver e como devemos ser, sentimo-nos mais confiantes, mais capazes de encontrar o caminho para sermos felizes; quando Deus nos fala e nos mostra o que está bem e o que está mal, sentimo-nos com mais forças para fazer escolhas certas, e para vencer o egoísmo, a maldade, a violência ...

3. Conta o evangelista João (cf. **Jo 6**) um episódio que já haveis estudado muito bem no Catecismo 4, mas contado por Mateus (Mt 14, 13-21, na catequese 5) no ano passado, que, certa vez, Jesus andava com os seus discípulos pela Galileia (a região a norte do país de Jesus). Seguiam-nos muitas pessoas que gostavam de ouvir Jesus, que “tinham fome” das suas palavras e dos seus gestos de bondade e amor. A essa multidão, Jesus resolveu dar de comer; mas só havia cinco pães de cevada e dois peixes... Contudo, Jesus fez com que essa pouca comida se multiplicasse e chegasse para todos.

É claro, no dia seguinte, todas aquelas pessoas vieram, mais uma vez, ter com Jesus. Jesus disse-lhes: “Vós procurais-me porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que desaparece, mas pelo alimento que perdura e dá a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará” (Jo 6,26-27).

As pessoas estavam um bocado baralhadas e perguntavam qual seria esse “alimento” a que Jesus se referia... Sabeis de que “alimento” é que Jesus falava? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Pouco depois, Ele explicou:

(O catequista lê) **“Eu sou o pão vivo, o que desceu do céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que eu hei de dar é a minha carne, pela vida do mundo. Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna e Eu hei de ressuscita-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue uma verdadeira bebida”** (Jo 6,51.53-55).

Pouco antes de morrer, naquela ceia de despedida que fez com os seus amigos, na véspera da sua morte, Jesus voltou a falar do mesmo tema... Pegou em pão e disse aos seus discípulos (*o catequista lê*):

**"Tomai e comei, isto é o meu corpo" (Mt 26,26); e, logo a seguir, pegou num cálice com vinho e disse: "Bebei todos dele. Porque este é o meu sangue, o sangue da aliança que vai ser derramado por todos, para a remissão dos pecados" (Mt 26,27-28).**

Aquele pão que é Corpo de Jesus, é a sua vida, as suas palavras, os seus gestos de bondade e de amor; aquele vinho que é o sangue derramado de Jesus, é o seu amor, esse amor que ele mostrou ao morrer por todos os homens e mulheres.

E sabeis o que significa "comer" a vida, as palavras e os gestos de Jesus? Sabeis o que significa "beber" o seu amor, esse amor que Ele mostrou ao morrer por nós? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Significa acolher no nosso coração, no nosso interior essa Vida que Ele viveu, esse amor que o animou e que Ele mostrou ao morrer por nós...

Acolhê-los dentro do nosso coração, para quê? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). Para vivermos essa Vida e esse amor nos nossos gestos de todos os dias – com os nossos pais, com os nossos irmãos, com os nossos amigos, e com todas as pessoas que caminham connosco na vida. Quem acolhe esta Vida dentro do seu coração e vive como Jesus propôs, nunca morrerá: terá Vida para sempre.

É esta Vida que Jesus nos deixou – no pão e no vinho que são o seu Corpo e o seu sangue – que nos "alimenta", que nos dá força para vivermos bem e para termos gestos de bondade e de amor.

Nós recebemos este "alimento" sempre que nos reunimos para celebrar a Eucaristia, não é verdade? (*Deixar as crianças exprimirem-se e partilharem a sua experiência de participação na eucaristia*).

*O catequista prossegue:*

Há, no Novo Testamento, uma história muito bonita que mostra como os discípulos de Jesus que caminham pelo mundo e pela vida são alimentados pela Palavra de Deus e pelo Pão de Jesus (cf. **Lc 24,13-35**) É o mesmo texto que nós lemos logo na primeira catequese do Catecismo 4, para recordarmos em nome de quem e porquê nos reunimos, nós, os cristãos, nós, os que estamos na catequese: «Em nome de Cristo»!, tal como se chama essa catequese: porque vimos à catequese em nome de Cristo, chamados por

Ele, com vontade de O seguir e para sermos suas testemunhas! Agora, como já passou muito tempo desde esse dia, vamos escutar essa palavra e aprofundar, com o coração e a inteligência, o que ela nos diz. Pois muita atenção!

*Depois de todos estarem de pé e preparados para fazer a leitura, o catequista lê em voz alta, pausadamente, destacando os vários episódios do relato com breves silêncios:*

*Catequista*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Evangelho de Lucas.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Catequista:*

**Dois dos discípulos iam a caminho de uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de duas léguas de Jerusalém; e conversavam entre si sobre tudo o que acontecera.**

**Enquanto conversavam e discutiam, aproximou-se deles o próprio Jesus e pôs-se com eles a caminho; os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer.**

**Disse-lhes Ele:**

**«Que palavras são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais?» Pararam entristecidos. E um deles, chamado Cléofas, respondeu: «tu és o único forasteiro em Jerusalém a ignorar o que lá se passou nestes dias!»**

**Perguntou-lhes Ele: «Que foi?»**

**Responderam-lhe: «o que se refere a Jesus de Nazaré, profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; como os sumos-sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e crucificado.**

**Nós esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel, mas, com tudo isto,**

**já lá vai o terceiro dia desde que se deram estas coisas.**

**É verdade**

**que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram perturbados,**

porque foram ao sepulcro de madrugada e, não achando o seu corpo, vieram dizer que lhes apareceram uns anjos, que afirmavam que ele vivia.

Então, alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres tinham dito.

Mas, a ele, não o viram».

Jesus disse-lhes, então:

«Ó homens sem inteligência

e lentos de espírito para crer em tudo quanto os profetas anunciaram!

Não tinha o Messias que sofrer essas coisas para entrar na sua glória?

E, começando por Moisés e seguindo por todos os Profetas,

explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito.

Ao chegarem perto da aldeia para onde iam,

fez menção de seguir para diante.

Os outros, porém, insistiam com Ele, dizendo:

«Fica connosco, pois a noite vai caindo e o dia já está no ocaso».

Entrou par ficar com eles.

E, quando se pôs à mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.

Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no;

mas ele desapareceu da sua presença.

Disseram, então, um ao outro:

«Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»

Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém

e encontraram reunidos os Onze e os seus companheiros,

que lhes disseram:

«Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!»

E eles contaram o que lhes tinha acontecido pelo caminho

e como Jesus se lhes dera a conhecer, ao partir do pão.

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

4. Leram com muita atenção, não foi? Como é que estes discípulos de Jesus se sentiam depois de terem deixado Jerusalém, a caminho de Emaús? (*Deixar as*

*crianças exprimirem-se*). É verdade. Estavam tristes e desanimados, como se tivessem perdido tudo... Já não tinham vontade de continuar. Eles pensavam que Jesus ia fazer coisas muito bonitas, ia fazer nascer um mundo novo, mas Jesus tinha sido preso e morto. Eles sentiam-se como nós nos sentimos quando a vida nos corre mal, quando temos desilusões, quando perdemos a esperança, quando estamos a sofrer e parece que já não temos forças para fazer mais nada...

Entretanto, sem eles se aperceberem, Jesus apareceu ao lado deles e começou a caminhar com eles. E que é que Jesus fez, para lhes dar ânimo, para lhes dar força, para os fazer vencer a tristeza? (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Sim, foi isso mesmo... Explicou-lhes a Palavra de Deus, os projetos de Deus para o mundo e para a humanidade. E eles sentiram o seu coração ficar animado, cheio de esperança, cheios de alegria, era como se os corações deles estivessem a ... (*Deixar as crianças exprimirem-se*). ... a "arder", dirão eles depois. É isso que a **Palavra de Deus** que nós ouvimos - que Jesus nos apresenta e nos faz ouvir todos os Domingos - faz (*o catequista sugere às crianças que sigam pelo texto registado no espaço da catequese 27 da*

**Barra Cronológica**):

- anima,
- conforta,
- dá esperança,
- dá alegria,
- dá entusiasmo,
- dá forças para caminhar.

*Depois, o catequista prossegue:*

Apesar de a Palavra de Deus - que Jesus lhes apresentou e explicou - os ter animado, ainda faltava qualquer coisa, qualquer coisa que eles só encontraram quando se sentaram à mesa... (*Deixar as crianças exprimirem-se*).

Faltava-lhes encontrar Jesus, faltava-lhes receber Vida de Jesus, faltava-lhes receber esse Pão que dá Vida e com o qual Jesus nos alimenta na nossa caminhada. Quando Jesus lhes deu esse Pão, tudo se tornou mais claro, tudo fez sentido. Eles perceberam que Jesus estava com eles, que os acompanhava sempre, que Ele nunca desistia de lhes dar Vida. Os seus corações ficaram cheios de força e de entusiasmo, como nós nos sentimos quando nos acontece uma coisa muito boa, uma coisa que nos faz muito felizes... E esses homens cansados pela caminhada daquele dia, não quiseram

mais saber do descanso, não ficaram com medo da noite que já tinha caído: voltaram para trás, cheios de força, a dizer a todos os outros que Jesus estava vivo, que estava com eles e que não tinha deixado de lhes oferecer Vida.

5. A história dos discípulos de Emaús, é uma história muito bonita, não é verdade? *(Deixar as crianças exprimirem-se; depois, o catequista sugere que as crianças continuem a seguir a escuta das conclusões através do texto registado na Barra Cronológica e prossegue:)*

Mostra-nos que a escuta da Palavra de Deus e a **partilha do Pão** que Jesus oferece permite aos seus discípulos vencer o desânimo, a desilusão, o cansaço, o medo; e permite-lhes sentirem-se sempre cheios de Vida, de confiança, de alegria, de forças, de vontade de caminhar e de anunciar a presença de Jesus no mundo e no caminho dos homens.

6. Antes de nos prepararmos para a nossa oração de hoje, queria que me lembrásseis de algo importante! Sabeis que **os discípulos de Jesus se reúnem todos os Domingos**, não é verdade? Foi por isso, também que nós fomos/iremos à Missa todos juntos, no dia ... *(indicar o dia)*.

O que é que eles fazem, o que é que nós fazemos, quando nos reunimos para a celebração da Eucaristia? *(Deixar as crianças exprimirem-se)*. Fazem a mesma experiência dos discípulos de Emaús: ouvem a proclamação da Palavra de Deus e a sua explicação e "sentam-se à mesa" com Jesus para receberem esse Pão que Jesus deixou e que lhes dá Vida.

É aí – na Missa – que a comunidade dos discípulos de Jesus encontra, juntos, estes dois "alimentos" que dão Vida: a Palavra de Deus e o Pão de Jesus. Depois de os receberem, os discípulos de Jesus sentem-se mais unidos a Jesus, sentem-se mais fortes, com mais entusiasmo, com mais esperança, com mais forças para viver e para fazer coisas boas (para amar os outros, para os ajudar, para os servir, para lhes perdoar, para construírem um mundo de justiça e de paz).

**E nós? O que esta passagem tem a ver connosco? Vamos pensar em conjunto.** *Em seguida, num momento de reflexão pessoal, o catequista entrega a todos, incluindo-se a si, o documento: "Uma Carta de Jesus para ti" (Cf. Documento 1). Trata-se de um conjunto de questões de reflexão para o grupo, como se fosse Jesus a querer conversar com todos os que*

*estão ali. Estas questões decorrem do texto de Lucas que acabaram de escutar. O catequista alertará o grupo que esta carta é individual e que ninguém lerá o que lá está escrito, a não ser que queiram partilhar. As respostas deverão ser sucintas, só para deixar a ideia principal escrita, presente. No final do preenchimento, o catequista poderá perguntar se alguma criança quer partilhar algo do que tenha escrito. O catequista conhece o grupo e nesse sentido ele mesmo fará a melhor gestão deste momento. No final, havendo ou não partilha, é fundamental que o catequista deixe dois minutos para cada um falar com Jesus, em silêncio, agradecendo-Lhe a carta e confiando-lhe as respostas dadas.*

### **III. EXPRESSÃO DE FÉ**

- 1.** É muito importante participar na Eucaristia, aos Domingos, com todos os outros amigos de Jesus, não é? (*Deixar as crianças exprimirem-se*). É que é aí que recebemos o alimento que nos dá Vida, Vida verdadeira, Vida eterna, Vida que vale a pena; é aí que nós encontramos a força para caminharmos pelo mundo, para fazermos o bem, para sermos verdadeiras testemunhas de Jesus.

**O que é importante e o que nos faz sentir próximos de Jesus, Eucaristia?**  
(*Deixar todas as crianças exprimirem-se e levá-las a integrar o essencial*).

*O catequista faz uma pequena síntese da importância da Palavra de Deus, do alimento que é o Pão e da comunhão que todos vivemos na Eucaristia e prossegue:* Por isto mesmo, temos fazer Festa, Dar Graças e dizer a Jesus que nós também queremos prometer estar sempre com Ele e que não O vamos deixar só, à nossa espera. Vamos cantar o **cântico** que já conhecemos:

**"Não podemos caminhar".**

*Depois de o catequista distribuir as folhas com a oração, em dois coros, recitam:*

**Coro 1** (meninas) - Bendito, bendito sejas, Cristo meu Senhor, pela Eucaristia. És força no caminhar, luz no entardecer, estrela que nos guia.

**Coro 2** (meninos) - A Ti vão matar a sede, fonte de água viva, para a vida eterna.

Os pobres e oprimidos encontram em Cristo a sua cisterna.

**Coro 1** - Quem bebe de qualquer fonte sempre terá sede no seu caminhar.  
Quem bebe de Jesus Cristo, torna-se nascente para sempre a jorrar.

**Coro 2** - Bendito, bendito sejas, pastor que nos levas às águas da vida.  
Abristes o coração, dele saiu a Igreja, nossa mãe querida.

**Coro 1** - Vós todos que tendes sede, vinde às águas puras, mesmo sem pagar.

Jesus quis morrer na cruz para todo o homem de graça salvar.

**Coro 2** - Bendito, bendito sejas, rocha do deserto, salvação do povo.  
Que a nossa Eucaristia dê frutos de vida, frutos de amor novo.

### **Criança:**

Senhor Jesus Cristo,  
Tu és o Pão que vivifica,  
Tu és o Pão que nos faz irmãos,  
Tu és o Pão que nos dá o Pai.  
Tu és o Caminho que nós escolhemos,  
Tu és o Caminho que conduz através do sofrimento,  
Tu és o Caminho que conduz à alegria.  
É digno e justo dar-Te graças, louvar-Te,  
bendizer-Te e adorar-Te  
em toda a terra.

*Terminam cantando o cântico:*

**"Não podemos caminhar".**

## **2. Compromisso:**

*O catequista, no fim, entrega a cada criança um pequeno envelope, agora enviado pelos discípulos de Emaús, onde estão escritas as palavras deles:*

**«Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?»**

*Depois, conclui:*

Vamos levar connosco estas palavras, que também encontramos no nosso catecismo (página 114) para que fiquem registadas no coração e na nossa inteligência. Com a inspiração destas palavras, que vamos reler ao longo da semana, seremos capazes de concluir o texto da catequese 27, na nossa **Barra Cronológica**: para que é que a Palavra me dá forças ... o que é que o

Pão que Jesus repartiu no meu caminho me oferece? Cada um vai responder e registrar, para não mais o esquecer e o por em prática, cada dia.

E, naturalmente, o compromisso mais importante, não só para esta semana, como para toda a nossa vida, é a de participarmos na eucaristia. Para vivermos como Jesus nos pede, precisamos da Sua ajuda e da Sua presença ... somos um bocadinho fraquinhos, fazemos disparates, esquecemos o que é mais importante, mas na eucaristia Jesus fortalece-nos e ilumina-nos. Precisamos de Jesus, precisamos de viver unidos a Ele!

*Se possível, o catequista convida as crianças a participarem, regularmente, juntamente com ele/ela, numa eucaristia de um determinado horário e local de culto, procurando que o façam em conjunto e se unam e se animem a crescer na fé e a trazer consigo as suas famílias e amigos.*

### ***Para guardar na memória e no coração***

Na Eucaristia, alimento-me da Palavra e do Pão de Jesus. Nesse momento, sinto arder o meu coração, e ele torna-se fonte de vida, fortaleza, comunhão, testemunho e solidariedade.

**DOCUMENTO 1**

*De Jesus Cristo*

*Olá ... N... (nome de cada criança)!*

*Como estás? Feliz por estares aqui, hoje, a falar de Mim e Comigo?*

*Quando foi a última vez que falaste sobre Mim com alguém?*

*Já le sentiste triste, com a sensação que Eu te tinha esquecido, de que Tu não estava ali contigo? Quando foi isso?*

*Apesar deste sentimento, tu acreditas em Mim e na Minha Ressurreição e que Eu prometi estar sempre convosco até ao fim dos tempos!*

*Já alguma vez Me pediste para ficar contigo, bem pertinho de ti? Quando?*

*Já sentiste uma alegria enorme no teu coração, difícil de explicar, com a Minha presença? Nomeia a mais especial.*

*Gostarias de ser como estes Meus discípulos, com o coração a arder, com uma vontade enorme de falar sobre Mim, de estar bem pertinho de Mim na Eucaristia? Então o que pensas que te falta fazer? Queres dizer-Me, hoje, algo importante?*

*Eu estarei sempre contigo!*

## TU CAMINHAS CONNOSCO, SENHOR!

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. "Nestes tempos que são os últimos" (Heb 1,2),

Deus falou-nos por meio do seu Filho e apresentou à humanidade o seu plano de Vida e de salvação. E Jesus, o Filho que Deus enviou ao nosso encontro, cumprindo integralmente o projeto do Pai, fez-se pessoa humana, caminhou no meio dos homens, falou-lhes com palavras humanas e mostrou-nos, com a sua vida e a sua morte por amor, a proposta de Deus. Do anúncio feito por Jesus nasceu uma comunidade de discípulos, a quem Jesus, no momento de regressar para junto do Pai, encarregou de continuarem a sua obra e de darem testemunho, no tempo e na história, desse projeto salvador de Deus... Quando Jesus os deixou para reentrar na comunhão do Pai, os discípulos ficaram a olhar para o céu, como se tivessem dificuldade em encarar o mundo e em construir a história sem a presença constante e visível de Jesus... Mas rapidamente perceberam que tinham de continuar a caminhar, com os pés bem assentes na terra, lutando para que o projeto de Vida proposto por Jesus se tornasse uma realidade na história do mundo e dos homens. Deixando de lado os seus medos e inseguranças, eles partiram ao encontro do mundo a levar a todos os homens e mulheres a Boa Nova que receberam de Jesus.

Há mais de dois mil anos que esta bela aventura continua, "entre cansaços e esperanças", entre sombras e luzes, entre lágrimas e sorrisos, entre desilusões e entusiasmos... Por vezes, o caminho torna-se mais íngreme e mais lento, e os discípulos de Jesus interrogam-se sobre o sentido da sua luta e da sua caminhada; outras vezes, tudo parece mais claro e luminoso, e a presença amorosa de Deus é palpável.

O último livro da Bíblia, o livro do "Apocalipse", constitui uma reflexão sobre esse caminho que a Igreja de Jesus percorre, no tempo e na história. Tendo

como cenário de fundo um acontecimento histórico concreto – a primeira grande perseguição organizada contra os cristãos, no tempo do imperador Domiciano, por volta do ano 95 – o autor deste escrito apresenta, recorrendo à linguagem dos símbolos, uma reflexão profética sobre a história humana (uma história que, na perspectiva dos crentes, conta sempre com a presença paternal de Deus), e tira conclusões que nos permitem encarar com esperança esse caminho que somos chamados, todos os dias, a percorrer.

Quais são, na perspectiva desse “profeta” chamado João (o autor do livro do Apocalipse) as grandes coordenadas dessa história que a comunidade de Jesus todos os dias percorre?

## **2. A presença vencedora de Jesus Cristo**

Logo no início do livro (cf. Ap 1,9-20), o autor apresenta Jesus Cristo Ressuscitado, “o Primeiro e o Último”, aquele que esteve morto mas está vivo pelos séculos dos séculos, que tem “as chaves da Morte e do Abismo”. Portanto, Ele é o Senhor da História, que preside aos destinos do mundo. Nem a morte nem o mal têm qualquer poder sobre Ele.

Nele reside a plenitude da divindade (“a sua cabeça e os seus cabelos eram brancos, como a brancura da lã e da neve”; “o seu rosto era como o sol resplandecente em toda a sua força”); por isso, Ele é digno de toda a confiança.

Ele é, ainda, o sacerdote (“estava vestido com uma túnica comprida, até aos pés”) e o rei cheio de poder (“cingido com um cinto de ouro em torno do peito”), que preside à sua Igreja (“tinha na sua mão direita sete estrelas”). Conhece a Igreja por dentro e por fora (os seus olhos eram como chamas de fogo”), fala à Igreja com autoridade divina (“a sua voz era como o rumor de águas caudalosas”) e a sua Palavra chega aos corações sem que ninguém a consiga calar (“da sua boca saía uma espada de dois gumes”). Ele dá firmeza à sua Igreja (“os seus pés assemelhavam-se ao bronze incandescente numa forja”), conserva-a na sua mão, sustenta a sua marcha pela história, conforta-a e assegura-lhe um destino de Vida.

Ao longo do livro, o autor apresenta Jesus Cristo com outras imagens... Ele é, por exemplo, “o Cordeiro” que tem nas mãos “o livro” onde se narra a história da salvação (cf. Ap 5), ou “o cavaleiro” montado num cavalo branco a quem foi dada uma coroa e que parte sempre vencedor para novas vitórias (cf. Ap 6,2). Mas, todas elas apontam no mesmo sentido: Jesus Cristo Ressuscitado, o Senhor da história, está presente neste caminho que todos os dias percorremos, lutando ao lado dos seus e ajudando-os a caminhar ao encontro

de um destino de Vida. Ele preside à sua Igreja, protege-a, caminha no meio dela, conforta-a, condu-la a um destino feliz de Vida e de glória.

A primeira grande certeza que temos, ao contemplar com olhar crente a história da salvação, é esta: **Cristo é o Senhor que preside à história dos homens**. Ao ir para junto do Pai, Ele não abandonou os seus; mas continua envolvido connosco, caminhando e lutando ao nosso lado, como presença Viva e reconfortante, apontando-nos os caminhos através dos quais podemos chegar à Vida.

### 3. A presença do mal no caminho dos homens

E o mal que todos os dias nos atinge, que nos magoa e desfeia o mundo? É uma ilusão? Não, não é uma ilusão. É uma realidade – uma triste realidade – com a qual os seres humanos todos os dias se defrontam.

Ao olhar à sua volta, o autor do livro do Apocalipse identifica a presença, na história humana, da guerra, da violência, das quais resultam injustiça e sangue derramado (o “cavalo vermelho” – cf. Ap 6,3-4); da fome e da miséria, que obrigam tantos homens e mulheres a passar necessidades (o “cavalo negro” – cf. Ap 6,5-6); da doença e da morte que provocam dores e lágrimas em todos os cantos da terra (o “cavalo esverdeado” – cf. Ap 6,7-8). E vê finalmente, para além de tudo, o sofrimento dos “santos”, dos que pertencem a Cristo e o anunciam, mas que muitas vezes são torturados e martirizados por causa da sua fé e do seu testemunho (cf. Ap 6,9-11).

Em muitos momentos da história dos homens, a violência e a maldade atingem graus absolutamente dramáticos... Os sistemas políticos e económicos – que se apoiam em doutrinas egoístas, violentas, geradoras de opressão e de exclusão – condenam à escravidão e à morte muitos milhões de pessoas. Esses sistemas são o rosto vivo do “mal”. No seu tempo, o autor conhece as injustiças e arbitrariedades cometidas pelo imperialismo romano (o autor chama-lhe, entre outras coisas, “a Besta” – cf. Ap 13; “a grande prostituta” – cf. Ap 17; e “a Babilónia” – cf. Ap 18); mas ele sabe que, no tempo e na história, não deixarão de suceder-se outras “instituições” que erigem a violência e a maldade como forma de vida, aumentando assim no mundo o imenso cortejo de sofrimento, de miséria e de morte. E sabe que, inevitavelmente, a intolerância e a violência se dirigirão contra todos aqueles que não se conformam com esse estado de coisas, que propõem uma nova ordem, um novo dinamismo, uma lógica diferente. Os seguidores de Cristo propõem uma lógica diferente e outros valores; logo, serão perseguidos e humilhados por todos os poderes de morte, interessados em escravizar os homens.

A maldade, o orgulho, o egoísmo, o pecado acompanham sempre a história humana. Esse "mal" resulta, por um lado, da liberdade do homem; e, por outro, da fragilidade e debilidade que estão associadas à nossa condição humana. Em qualquer caso, o mal desumaniza a história, profana-a, afasta-a do projeto original de Deus.

Os discípulos de Jesus não estão livres desse mal que invade a história e desfeia o mundo; mas eles sabem que a sua missão é combater as forças da morte que se opõem à vida e à salvação que Deus quer oferecer a todos os homens e mulheres. Nessa luta – diz-nos o "profeta" que nos ofereceu o livro do "Apocalipse" – não estamos sozinhos, abandonados à nossa sorte. Deus, através do "Cordeiro" que venceu o pecado e a morte, combate do nosso lado.

O campo de batalha onde se defrontam estas duas forças – as de Deus, que quer salvar e libertar; e as do mal, que escravizam e oprimem – é o mundo e o coração do homem. É um combate sem quartel, que todos os dias recomeça e que nunca está definitivamente vencido.

A grande notícia que o "profeta" dá aos crentes a quem destina a sua mensagem de consolação e esperança, é esta: Deus não fica de braços cruzados enquanto os seus filhos sofrem... As forças de Deus e do Cordeiro combatem decididamente o mal, a fim de reconduzir o mundo e a história ao projeto original de Deus.

A Igreja está envolvida neste combate... No livro do "Apocalipse", a Igreja é apresentada como uma "mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça" (cf. Ap 12,1). Essa "mulher" está para dar à luz; mas o "dragão" persegue-a e quer destruí-la, a ela e ao filho que vai nascer (cf. Ap 12,3-6). Representa-se, desta forma, a comunidade cristã, que todos os dias faz nascer Jesus no mundo e na vida dos homens, mas que o mal procura vencer e silenciar, porque não está interessado na salvação que Deus oferece pelo seu Filho. Contudo, o "dragão" não consegue os seus objetivos, pois Deus guarda essa "mulher", esconde-a, protege-a e salva-a ("à mulher foram dadas duas asas de água real, a fim de voar para o seu refúgio, no deserto" – Ap 12,14).

O resultado final deste "combate" é a vitória de Deus e daqueles que estão do lado de Deus (cf. Ap 18-19). Trata-se de uma vitória em toda a linha, que se traduzirá no aniquilamento definitivo das forças que escravizam e destroem os homens. Dessa vitória resultará uma ordem nova, uma nova realidade, "um novo céu e nova terra" (cf. Ap 21,1-22,5).

O autor do livro do "Apocalipse" não pretende descrever factos concretos que irão acontecer neste ou naquele momento da história humana; mas está

a apresentar a sua reflexão de crente sobre as grandes linhas desse caminho que a humanidade percorre todos os dias sob a égide de Deus.

Com um olhar realista, ele vê a situação “atual” do mundo (que é sempre a mesma, sejam quais foram as circunstâncias concretas de cada época histórica) e descreve-a (recorrendo à linguagem simbólica): o mal está lá, no caminho dos homens, e apresenta-se como guerra, violência, fome, miséria, doença, morte... Esse mal procura tomar conta do mundo e dos corações dos seres humanos. Os crentes – que pela sua postura e valores contestam o egoísmo e o pecado – são especialmente odiados e perseguidos, pagando com a própria vida o seu testemunho e ousadia profética.

Contudo, seja qual for o poder do mal, os crentes não estão sozinhos nesse caminho e nessa luta... Deus está com eles, acompanha-os a cada passo, luta com eles contra as forças da opressão e da morte, protege-os e guarda-os. Jesus Cristo, o vencedor do pecado e da morte, acompanha a sua comunidade e não deixa que ela seja derrotada. A vitória final será sempre de Deus e daqueles que escolheram fazer parte da família de Deus.

Os discípulos de Jesus, cientes da presença de Deus ao lado deles, caminham na esperança, fiéis ao projeto de Jesus, sem se deixarem abater ou desanimar. As forças do mal podem persegui-los, podem caluniá-los, podem prendê-los e até matá-los; mas nunca conseguirão roubar-lhes a Vida definitiva, essa Vida que está sempre no horizonte dos que escolheram fazer parte da família de Deus.

## **OBJETIVOS**

- Perceber que os discípulos de Jesus não estão sozinhos no seu caminho pela história: Deus acompanha-os, oferecendo-lhes a cada passo a Vida e a salvação.
- Perceber que o mal que encontramos no caminho, esse mal que nos magoa e faz sofrer, não é a última palavra, nem deve condicionar as nossas escolhas e opções.
- Aprender a olhar o mundo e a vida com a esperança que vem da presença de Deus na nossa vida e da certeza da nossa vitória sobre o mal.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Nesta catequese, e porque já estamos numa fase final do ano pastoral, em que os principais temas já foram abordados, é muito importante pedir ao grupo que valorize a sua capacidade de ser testemunha de Jesus e continuar a motivar cada criança para o anúncio do Evangelho. É mais fácil falar do que

deve ser, em termos abstratos, uma vida cristã mas, aproveitando o imenso interesse que as crianças desta idade colocam na ação, todas as experiências que fazem deles anunciadores da Boa Nova, têm um grande valor pedagógico. Por outro lado, é a mudança do coração – conversão – que permite uma escolha mais constante do bem mas também é praticando o bem que se descobre a felicidade e o entusiasmo da vida boa e se ganha a força necessária para enfrentar as dificuldades futuras. Essa conversão foi, neste catecismo, uma proposta constante, a partir dos testemunhos que os vários autores bíblicos foram dando do caminho do Povo de Deus, tantas vezes convidado por Deus ao bem e à reconciliação com o seu Criador, tantas vezes ingrato e perdido, tantas vezes arrependido. Resta preparar as crianças para a prática, deixar nelas este fundamental desejo de superação e de arrependimento perante o pecado. Para isso, a Experiência Humana vai levar as crianças a rever todos os passos do caminho que foi feito, em conjunto, à procura do Deus Uno e Trino, que as ama e as conduz na sua vida, cheia de fé.

2. Assim, culminando um processo, um caminho, que está inscrito na Barra Cronológica das crianças, catequese a catequese, e de um modo cada vez mais visível, a partir do início da Quaresma, esta catequese pretende fazer evoluir as crianças na sua prática de discípulos de Jesus e procura ensiná-los a contar com a Sua ajuda e com o Seu apoio, condição essencial para que, com um mundo interior em grande ebulição e crescimento, e num mundo exterior em plena transformação e crise, se possam erguer vitoriosas, esperançosas, libertas, capazes de viver a caridade de forma plena e radical. Não é preciso esperar pela adolescência nem pela idade adulta: é agora que se constrói um discípulo, um crente, um convertido, alguém que se arrepende quando peca e que trabalha pelo sonho, possível, de um mundo melhor.

## **MATERIAIS**

- Bíblia;
- Imagens representando cenas de guerras, violência, fome, pobreza, exploração de crianças...
- Dísticos: *"Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos."*  
*"A sua Ressurreição é uma vitória sobre o mal e sobre a morte."*
- Poster: *"Não vos deixarei órfãos; eu voltarei a vós!  
Ainda um pouco e o mundo já não me verá;  
vós é que me vereis, pois eu vivo e vós também haveis de viver".*

## MÚSICA

- "Nada temo".

### III - DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

#### Preparação da sala:

Na **mesa**: a Bíblia e uma vela grande e bonita, apagada. Fósforos para a aceder. O **placar** está vazio.

#### I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *Depois do acolhimento, catequista inicia a catequese propondo que se recorde e recapitule a catequese anterior, referindo adequadamente – como ponto de partida para essa catequese ou como culminar da mesma, qual tenha sido a escolha do catequista – a eucaristia em que todos participaram: Na última catequese falámos daquele Pão que nos transmite a força que todos nós necessitamos para ser bons cristãos, pessoas empenhadas num mundo melhor e que ainda nos socorre quando necessitamos ultrapassar as dificuldades da nossa vida, as situações complicadas que fazem parte do quotidiano de cada um de nós. Aquelas que temos que resolver na escola, em casa, com os amigos, vizinhos e familiares e os grandes problemas que nos são dados a conhecer através da comunicação social.*

*Continuando a sua conversa com o grupo, o catequista, dando espaço ao diálogo, aguarda o relato de alguma situação pessoal, o conhecimento de um problema ou o relato de alguma notícia que seja preocupante para as crianças. Se as crianças tiverem dificuldade em apresentar alguma situação de dificuldade ou de conflito, o catequista convida-as para observarem as fotos que mostram dificuldade e/ou sofrimento no seu catecismo, reunidas na página 116. Como complemento, o catequista pode mostrar, ainda, imagens de situações recentemente referidas na comunicação social e que podem ir passando de mão em mão, nuns momentos de silêncio. Depois, o catequista continua, com realismo mas sem morbidez:*

Todos os dias ouvimos notícias que nos assustam e entristecem, não é verdade? *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)* Ligamos a televisão e vemos imagens que nos arrepiam e chocam... notícias de guerras, de violências, de mortes, causadas por atentados terroristas; outras, são notícias de fome, de pobreza,

de miséria, de doenças ainda sem cura; outras, ainda, são notícias de crises, de desemprego, de exploração de crianças, ...

*O catequista deve estar atento às reações das crianças, para as fazer pensar nestes problemas sem as assustar desnecessariamente e sem as fazer sofrer por aquilo que as toca diretamente: Percebemos, ao ver isto, que não é fácil, para a humanidade, caminhar, ir em frente, olhar para o futuro com alegria e confiança: o mal está presente no nosso mundo, estraga o nosso mundo e faz sofrer muitos homens e mulheres, muitas crianças. E tudo isto preocupa-nos, faz-nos ter medo do futuro, faz-nos perder a esperança.*

Por vezes, esse "mal" atinge pessoas boas, pessoas que fazem o bem, pessoas que querem construir um mundo melhor e mais bonito... Nós este ano, fomos fazendo esta descoberta... já na nossa vida, mesmo vós, que ainda sois crianças, sois surpreendidas pela dor e o sofrimento. Não percebemos porque é que o sofrimento nos atinge e às pessoas que nós amamos ... É sempre terrível descobrir uma doença grave numa criança pequena, que não faz mal a ninguém ... ou o isolamento de um velho, que toda a sua vida foi bom para os outros ... ou, simplesmente, quando a bomba de uma guerra incompreensível cai sobre uma escola, uma fábrica, uma igreja ... Não percebemos.

Mas nós, este ano, fizemos um caminho que nos ajuda a perceber melhor como, apesar de todas estas confusões, o Senhor, nosso Deus, está connosco na história, amando-nos, querendo a nossa felicidade, dando-nos toda a ajuda que precisamos para nos salvarmos e para ficarmos com Ele por toda a eternidade, sempre bem-aventurados ...

*De seguida, para situar a temática deste encontro, o catequista apresenta às crianças o percurso que foi feito ao longo do ano. Em sendo possível, e seguindo as imagens e legendas que se encontram nas páginas indicadas, procura que as crianças se envolvam na recuperação deste percurso:*

Para vós verdes bem o caminho que fizemos com o Senhor, peço-vos para abrirem o catecismo na página 126 e 127: ainda não chegámos aí, mas não tem importância! Assim já estamos a preparar a nossa Celebração.

Ora vejam, estão lá todas as catequeses que tivemos: como descobrimos que Deus tem um projeto para a humanidade (catequese 1), como Ele criou para nós um mundo bom e bonito (catequese 2), como criou o ser humano

para viver nesse mundo (catequese 3) e, depois, como Deus criou tudo o que era bom, mas não criou o mal, nem o sofrimento ou a dor, que resultam simplesmente do pecado, do facto de as pessoas não escutarem Deus nem quererem obedecer-lhe (catequese 4).

Depois, descobrimos, tal como o título do nosso catecismo indica, que Deus nos fez seu Povo, uma nação santa, reino de sacerdotes, incumbido da tarefa de mostrar ao mundo qual é o único caminho para a felicidade e a salvação (catequese 5): acolher a Deus no nosso coração e ser dócil à sua ação e à sua palavra, que é vida eterna. De seguida, e durante algumas catequeses, caminhámos com esse Povo, não na atualidade, mas na História, para percebermos como é que o Povo chegou à Terra que Deus lhe prometera: com Abraão, pai do Povo de Deus (catequese 6), com José, que era sábio e bom e tinha a força de quem é capaz de perdoar (catequese 7), os colaboradores que Deus escolheu (catequese 8), para o ajudarem a orientar o Povo e a mais especial colaboradora da história da Salvação, Maria, mãe de Deus e nossa mãe (catequese 9).

No Natal (catequese 10) celebrámos o nascimento do Salvador, Jesus e nas seguintes (catequese 11) descobrimos como Deus intervém no nosso mundo, como Ele liberta o seu Povo da escravidão (catequese 12), porque é um Deus da comunhão e da aliança (catequese 13), que nos convida a amar. Este Deus permanece connosco mesmo quando tudo nos parece correr mal (catequese 14), cuidando de nós e reinando sobre o seu Povo (catequese 15) através dos bons líderes e comunicando connosco através dos seus intérpretes (catequese 16). Estas catequeses (14 a 16 e seguintes, até à 20), foram muito importantes porque nós, que estávamos a preparar a Páscoa, na Quaresma, fomos vendo melhor que aquilo que aconteceu ao Povo de Deus, nos diz, diretamente, respeito.

*O catequista mostra às crianças as inscrições da **Barra Cronológica**, da catequese 14 a 25 conforme vai indicando: Como Deus nos convida a uma mudança de vida, uma Missão que Deus nos confia, de sermos Profetas, de continuarmos a obra de Jesus, de com o Espírito Santo nos tornarmos pessoas novas, de construirmos, em nome de Deus, um mundo melhor. Acompanhámos também o convite que Deus faz à conversão (catequese 17), como Ele age para renovar o seu Povo («Convertet-vos e vivei», lemos na catequese 18), como brilha na humildade ... (catequese 19), o que é uma descoberta maravilhosa porque se nós somos pequenos e um bocadinho incapazes, ainda assim somos úteis a Deus e ao mundo!*

E na catequese 20 Celebrámos Cristo, nossa Páscoa e fomos aprendendo a descobri-Lo vivo entre nós: Deus ressuscitou Jesus (catequese 21), e Jesus mostra-nos o caminho para o seu Pai. Dessa ressurreição vem uma nova Vida, com letra grande (catequese 22), uma Vida de fé, que tudo cura e transforma. Assim, sabendo todas estas coisas maravilhosas, já sois muito sábios!

Agora, trata-se de espalhar a boa notícia, de ensinar a Boa Nova: Cristo ressuscitou e tudo o que Deus nos prometera, aconteceu! (catequese 23) Nós, apesar de fracos e limitados, humildes e sem grande valor, também estamos destinados a voltar para Deus, que nos criou. Mas, tudo isto é-nos possível – a nossa conversão, a construção do Reino de Deus, de um mundo bom e justo – porque Jesus não nos deixou sozinhos: ficámos cheios do Espírito Santo (catequese 24) e somos Corpo de Cristo na Igreja que Ele fundou (catequese 25). E como a fundou? Fazendo-a nascer da água do nosso batismo, da água que limpa e cura, que nos livra do pecado (catequese 26) e a partir da qual nós trabalhamos pela justiça e pelo amor.

Mas, a Igreja, e cada um de nós, ficaria fraquinha e desamparada se não se alimentasse (catequese 27) da Palavra e do Pão, isto é, da eucaristia. Queremos sentir aquele ardor no nosso coração, não queremos, ao escutar sempre a Palavra? Vós já tendes uma bonita experiência disso, pois há um ano, na Celebração da Palavra, vos haveis comprometido a ler a Bíblia pela vossa vida fora e nas férias haveis continuado a lê-la, com a ajuda da vossa Agenda. E, depois, aqui na catequese e em casa, haveis persistido nessa leitura e descoberta. De certeza que essa leitura até vos ajudou na escola, pois agora sois capazes de ler um texto como gente grande! E, hoje, aqui estamos, na catequese 28: “Tu caminhas connosco, Senhor!”, já a preparar a nossa Celebração.

E se são tantas as situações de sofrimento e injustiça que, na história e na vida das pessoas, como vimos em todo este grande caminho de catequese, e que também acontecem connosco, temos de aprender – em Jesus – (em quem mais poderia ser, se Ele foi crucificado e morrendo, ressuscitou?) a não desanimar, a não perder as forças, a viver com esperança ... Sabeis o que significa “**esperança**”? (*Deixar as crianças pronunciarem-se e, depois, aproveitando o seu contributo, explicar:*)

Olhem, para os autores bíblicos que escreveram a história do Povo de Deus até ao nascimento de Jesus (o Antigo Testamento), a esperança dizia exatamente respeito àquilo que nós, este ano, aprendemos na catequese – que aquilo que o Deus da Aliança prometeu se vai cumprir na vida daquelas pessoas: a instalação na terra prometida, a libertação dos inimigos, o regresso do exílio ... Depois, o Livro do Apocalipse, no Novo Testamento – e que nós hoje vamos ler – é o livro que fala da **esperança da Igreja**. Para a nossa vida, significa que, vivendo com fé e praticando o bem, podemos confiar naquilo que Cristo nos prometeu e na força do Espírito Santo que nos leva a colocar Deus, a sua vontade, o seu ensinamento, no centro da nossa vida e, assim, a ser felizes, mesmo quando tudo nos corre mal! ... Só porque Deus está connosco e o Seu amor vive no nosso coração!

2. Posto isto, agora é-vos fácil entender como é que os amigos de Jesus – os discípulos de Jesus – **convivem com a dor e o sofrimento e, ainda assim, têm um desejo muito forte de felicidade...**

Como é que eles devem encarar esse mal que encontram no seu caminho? Devem desanimar? Devem esconder-se? Devem cruzar os braços (como se não valesse a pena) e desistir de cumprir a missão que Jesus lhes confiou no sentido de construir um mundo novo e melhor? Que vos parece? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*) Vamos, então, escutar ...

## II. PALAVRA

1. **A primeira coisa que os amigos de Jesus devem ter sempre presente é que não estão sozinhos...** No seu caminho, eles contam sempre com Jesus, com a presença de Jesus, com a ajuda de Jesus, com o amor de Jesus.

Lembram-se, que na noite em que foi preso (na véspera da sua morte), Jesus fez uma ceia de despedida com os seus discípulos. Eles estavam tristes, pois sabiam que Jesus ia deixá-los; e sentiam-se como crianças pequeninas, que vão ficar sem o seu pai ou a sua mãe: não sabiam o que haviam de fazer, tinham medo das dificuldades e dos perigos que iam enfrentar, tinham medo de não conseguir continuar a obra de Jesus, tinham medo do futuro... Sabeis o que Jesus lhes disse? Disse isto (**Jo 14,18-19**):

*O catequista coloca no placar o poster com a citação ou, se preferir, pede à crianças para abrirem o catecismo na página 118 e lê ou pede a uma criança para ler:*

**"Não vos deixarei órfãos; eu voltarei a vós!**

**Ainda um pouco e o mundo já não me verá;**

**vós é que me vereis, pois eu vivo e vós também haveis de viver".**

*O catequista vai explicando:*

**"Não vos deixarei órfãos"** – disse-lhes Jesus. É como se lhes dissesse: "Podeis ficar descansados que nunca estareis sozinhos; Eu estarei ao vosso lado para vos ajudar a caminhar, para vencer convosco as dificuldades que a vida vos trazer, para vencer os perigos, para vos dar amor e paz, para não deixar que nenhum mal vos aconteça, para vos conduzir pela mão ou pegar ao colo quando vós estiverdes cansados de andar".

E, alguns dias depois, numa das últimas vezes em que apareceu aos discípulos, antes de voltar para junto de Deus, disse-lhes (**Mt 28,20**):

*O catequista coloca no placar o dístico com a citação ou, se preferir, pede à crianças para seguirem pelo catecismo, na página 118, e lê ou pede a uma criança para ler: "Sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos".*

*O catequista sublinha:* É bom saber que **Jesus estará sempre connosco...** Podemos não o ver; mas sabemos que Ele está ao nosso lado, a cuidar de nós e a não deixar que nos aconteça nenhum mal.

Se Ele vai connosco, se Ele nos acompanha em cada passo, não temos medo de nada. A única coisa verdadeiramente importante na nossa vida **é não O perder de vista, é ouvir as suas palavras, é fazer o que Ele nos diz, é viver de acordo com aquilo que Ele nos ensina e nos propõe.**

Há uma outra coisa que nos ajuda a caminhar e que os discípulos de Jesus nunca podem esquecer: É que Jesus é mais forte do que o mal que faz sofrer tantos homens e mulheres...

Sabem que Jesus, enquanto andou pelos caminhos da sua terra, com os seus discípulos, encontrou muitas vezes pessoas que sofriam – por causa de doenças ou por causa da maldade de outros homens. Nessas situações, o que é que Jesus fazia? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Sim, curava as pessoas, ajudava-as a sair daquela situação de sofrimento e morte.

**Dessa forma, Jesus estava a mostrar que era mais forte do que o sofrimento, do que o mal; e estava a mostrar que Ele queria começar a fazer um mundo novo, no qual o mal fosse vencido.**

2. Mais tarde, foi a cegueira, a estupidez, a maldade dos dirigentes judeus que levou Jesus a ser preso, a ser condenado à morte e a ser morto numa cruz...  
**Mas, quando parecia que o mal tinha vencido, Jesus saiu do sepulcro e apareceu vivo aos seus discípulos.**

**A sua Ressurreição é uma vitória sobre o mal e sobre a morte.**

Um cristão chamado João (aquele que nos deu o Livro do Apocalipse), por volta do ano 95, **escreveu umas palavras de Jesus (Ap 1,17-18)** que são um grande consolo e uma grande inspiração para nós. **Vamos colocar-nos de pé, em redor na Bíblia, com o maior respeito e amor.**

*O catequista acende as velas e pede a duas crianças para pegarem nelas e ladearem a criança que vai ler o texto. O catequista segura a Bíblia. Como o texto é curto, as demais crianças escutam, apenas.*

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Não tenhas medo!**

**Eu sou o Primeiro e o Último;**

**aquele que vive;**

**estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Depois de um breve silêncio, as crianças voltam aos seus lugares, as velas são colocadas sobre a mesa e o catequista questiona: Sabeis o que significam estas palavras? Ora vamos voltar a lê-las, cada um em silêncio, na página 118 do nosso catecismo. Que vos dizem, então, estas palavras? (Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

Significam, ante de mais, que Jesus é tudo e está presente em toda a história dos homens, desde o primeiro momento, até ao seu final (“o Primeiro e o Último”). Ele está no princípio e no fim, Ele acompanha cada passo do nosso caminho, **Ele está sempre presente na vida da humanidade, oferecendo-lhe a salvação.** Nunca ficaremos perdidos e abandonados porque Jesus acompanha-nos em todos os nossos passos: Ele é a razão da nossa esperança!

*O catequista continua:*

Significam, também, que Jesus venceu o mal e que a morte não conseguiu destruí-lo, não conseguiu fechá-lo naquele túmulo onde o colocaram em Jerusalém (“estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo”). Nem sequer essa realidade que assusta tanto os homens – a morte – conseguiu derrotar Jesus, pois Ele passou pela morte, mas tinha “a chave” para sair da morte e voltar à Vida.

Então, se esse Jesus que caminha connosco e vai ao nosso lado venceu o mal e a morte, nós não precisamos de viver com medo: sentimos-nos em segurança quando caminhamos ao seu lado. Ele não deixará que nenhum mal nos aconteça; Ele, que venceu a morte, não permitirá que a morte nos vença.

Nesse livro do “Apocalipse” de que falámos acima, diz-se que a história da humanidade é, desde o princípio ao fim, uma história onde existe o mal... (*O catequista mostra, de novo, as fotos ou as imagens do catecismo, com que iniciou a catequese e aponta:*) A guerra, a fome, a doença, o sofrimento estão sempre presentes no nosso mundo.

Muitas vezes atingem pessoas boas, as pessoas que fazem o bem, que ajudam os outros, que lutam por um mundo melhor... como já falámos tantas vezes, atingem e magoam os inocentes, as crianças pequenas, que não fizeram nada de errado e, ainda assim, sofrem ... Isto é demasiado para nós, não é? Mas – diz-nos João, o autor do “Apocalipse – o mal não vai ganhar... Sabeis porquê? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Porque Deus está sempre presente ao lado das pessoas boas a ajudá-las e a salvá-las; Deus combate o mal e vai vencê-lo. Deus é muito mais forte do que o mal:

Jesus Cristo, que venceu o mal e a morte já nos mostrou a qualidade da força de Deus. E nós, que somos “Povo de Deus” e que fazemos parte da família de Deus, o que devemos fazer enquanto caminhamos nesta terra? (*Deixar as crianças pronunciarem-se.*)

Devemos colaborar com Deus e lutar contra o mal que aflige o mundo e as pessoas.

Devemos fazer tudo para que a maldade, a violência, a mentira, a injustiça não tomem conta deste mundo e não façam as pessoas sofrer. Cada um de nós tem uma missão, estão lembrados? Tem um papel na história, tem uma palavra a dizer ... e com os nossos atos, com as nossas obras, vamos dizer que queremos um mundo de amor, de bondade, de verdade, de justiça, de paz, como Jesus nos ensinou... Lembrem-se que há poucos dias recordávamos S.Paulo que dizia que nós somos uma carta de Cristo? “ Sois uma carta de Cristo e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração.” (Cf. 2 Cor 3, 3). Não é absolutamente maravilhoso?! Pois é, essa carta, escrita com a carne do coração, vai viver para contar a todos que Jesus nos veio salvar do mal e que nós, com a ajuda do Espírito Santo, vamos construir um mundo belo e bom, tal como Deus no-lo criou, para nós.

Foi precisamente essa a missão que Jesus confiou a todos os seus discípulos, a nós também. E tudo isso é possível porque não estamos sozinhos... Porque Jesus caminha connosco e luta ao nosso lado.

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Depois de um momento de silêncio, o catequista sugere: Se olharmos à nossa volta, *somos* capazes de notar facilmente a presença do “mal”: sinais de

egoísmo, de maldade, de violência, de sofrimento. Mas também encontramos **sinais de Deus**: gestos de bondade e de amor, pessoas que se preocupam com os outros e que ajudam os outros, pessoas que procuram construir um mundo melhor. De facto, todas as coisas boas que nos acontecem são sinais de Deus. Será que vos lembrais de algumas coisas boas que vos aconteceram ontem? *(Deixar as crianças pronunciarem-se e revelar as suas pequenas alegrias. O catequista também partilha a sua experiência mais recente de algo de bom que lhe aconteceu e, depois, pode terminar referindo:)*

Olhem, eu sinto-me muito afortunado de ser vosso catequista! Penso sempre que, apesar do trabalho que é preciso fazer para preparar a nossa catequese, e de vós, por vezes, não estardes tão atentos como eu gostava, vós sois um sinal de Deus na minha vida, cada um ... com o vosso esforço, a vossa amizade, a vossa presença, as vossas histórias ... e pela oportunidade que eu tenho de ser para vós uma Carta de Cristo! *(Deixar as crianças pronunciarem-se.)*

*O catequista prossegue:*

*Já sabeis que Deus age no mundo através das pessoas a quem Ele chama e a quem Ele confia determinada missão ou tarefa. Vós já haveis refletido sobre isso: está aqui, na vossa **Barra Cronológica**! (O catequista pede às crianças para mostrarem os espaços das catequese 14 ou 15). Assim, quando alguém – quando vós – fazeis coisas boas, em favor dos outros, isso é um sinal de Deus; é um sinal da presença de Deus no nosso mundo a lutar contra o mal. E mesmo os sinais do mal que vemos, são chamadas de atenção para nós (o catequista mostra uma imagem de guerra) Isto é um sinal para nós? *(Deixar as crianças pronunciarem-se; o mais certo é as crianças dizerem que não ou responderem afirmativamente, mas sem convicção, pois podem não entender totalmente esta pequena provocação; o catequista explica:)* São, sim! A guerra não é só uma coisa de governos, de exércitos, de terroristas ... há guerra na nossa vida ... quantas brigas sem razão ... com os irmãos, com os amigos, com os pais ... Essas são as vossas guerras, o vosso mal! Essas são as guerras que tendes de terminar! Olhem, e vou-vos dizer mais uma coisa ... é em pequeno que aprendemos a amar a paz, o diálogo, o entendimento, a partilhar. Se fordes crianças boas e pacíficas, sem guerras, sois uma promessa de futuro com paz. E, um dia, se algum for um político, um militar com responsabilidades, de certeza que vai escolher a via do entendimento e da paz.*

## 2. Compromisso:

*O catequista pede às crianças para abrirem o catecismo na página 120 e explica:*

Estais a ver o que o catecismo vos pede? Muito bem: vamos agora indicar aqui sinais da presença do mal que vós identificais no mundo que vos está próximo (*o catequista explica que devem observar o seu quotidiano e as suas situações de vida; deve estar atento a alguma situação familiar ou escolar que possa afligir uma criança que se sinta, de algum modo, vitimizada*). Que podeis fazer para emendar esse mal? Isso é que é o mais importante: tomai nota! O que é que está nas nossas mãos! Depois, em casa, com vagar, ides anotar alguns, dos muitos, sinais de bem que forem tendo lugar na vossa vida, ao longo da semana. Já é um bocadinho do vosso compromisso. O resto do compromisso será o trabalho de **ilustrarem** o espaço da catequese 28 na vossa **Barra Cronológica**. Está lá registado parte do texto do Livro do Apocalipse que acabámos de ler. Sabeis que o autor do Livro do Apocalipse usa muitas imagens, muitos símbolos, para nos explicar a esperança da Igreja, de que vos falava. Por isso, ao longo da história e, até, recentemente, este livro inspirou muitos artistas. Ora vejam lá na página 118 do vosso catecismo. E, se quiserdes inspirar-vos, também tendes uma magnífica obra de arte na página 83 do vosso Catecismo 3, inspirada pelo Livro do Apocalipse. Mas é no vosso coração, em tudo o que haveis aprendido – e hoje recordámos – durante este ano, que vos inspirareis. A arte é uma ótima Carta sobre Cristo: fala direto ao nosso coração porque a beleza é capaz de nos ensinar coisas importantes e difíceis. Pois, fareis o vosso trabalho com a inteligência e o coração, falando da vossa fé e da vossa esperança. Será uma obra de caridade, de amor para com as pessoas a quem quereis mostrar quem é Jesus e porque confiais nele e na sua mensagem.

*O catequista explica que podem usar os métodos e instrumentos de artes plásticas que aprenderam na escola, como desenho a lápis, guache, pastel, cera, recorte e colagem, ... assegurando-se que as crianças conseguem realizar a tarefa; nalguns casos, pode aconselhar as crianças a fazer o trabalho sobre um outro papel e, só no fim, a colar a obra terminada na Barra Cronológica. Da mesma maneira, nada impede, salvo a vontade própria, que o grupo se reúna para trabalhar as suas obras de arte.*

3. *Depois de todos esclarecidos e alertados para necessidade de trazerem a obra feita na próxima catequese, o catequista convida ao silêncio e, depois, à escuta da oração de ação de graças que recitam todos, em união:*

*Crianças:*

**Senhor Deus,**

**obrigado porque estás sempre ao nosso lado**

**quando caminhamos por este mundo;**

**obrigado porque nos ofereces sempre a tua vida e a tua salvação.**

**Senhor Deus,**

**Obrigado porque és como um pai ou uma mãe,**

**que cuida de nós e nos protege dos perigos;**

**obrigado porque lutas contra o mal e nos dás forças para vencê-lo.**

**Obrigado porque és aquele que nos guarda**

**em todos os passos que damos pela vida.**

*O catequista recorda novamente e todo o grupo repete:*

**Senhor eu não vou esquecer que**

**a primeira coisa que os amigos de Jesus**

**devem ter sempre presente**

**é que não estão sozinhos ...**

**Pela oração, pela eucaristia, pela prática do bem,**

**Contigo, eu construo uma vida de esperança.**

*Segue-se com a recitação do **Salmo 121** (120), tendo o catequista escolhido quatro crianças para leitores. De pé o grupo participa escutando atentamente e respondendo.*

**Leitor 1 – Levanto os meus olhos para os montes:**

**de onde me virá o auxílio?**

**O meu auxílio vem do Senhor**

**que fez o céu e a terra.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 2 – Ele não deixará que vacilem os teus pés;  
aquele que te guarda não dormirá.  
Pois não há de dormir nem dormirar  
aquele que guarda o seu Povo.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 3 – O Senhor é quem te guarda e está ao teu lado.  
Ele é a tua proteção.  
O sol não te fará mal durante o dia,  
nem a lua durante a noite.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

**Leitor 4 – O Senhor protege-te de todo o mal  
e vela pela tua vida.  
O Senhor protege-te nas tuas idas e vindas,  
agora e para sempre.**

**Todos – Obrigado, Senhor, porque caminhas connosco!**

*E terminam cantando todos o cântico:*

**" Nada temo".**

*Para guardar na memória e no coração*

O Senhor é o meu auxílio.

O Senhor protege-me de todo o mal e vela pela minha vida.

O Senhor protege-me nas minhas idas e vindas, agora e para sempre.

Cf. Sl 121 (120)

*Nota:* Durante a semana que se segue, o catequista deve procurar verificar se todas as crianças fazem a sua ilustração do excerto do Livro do Apocalipse, telefonando às crianças, pois este trabalho será recuperado para a preparação da Celebração (catequese 30). Em caso de necessidade, deve procurar a ajuda dos pais/encarregados de educação, não para a elaboração, mas para garantir a realização da tarefa.

## A NOVA JERUSALÉM QUE DESCE DO CÉU

- UM DIA DE RETIRO NA CATEQUESE -

INTRODUÇÃO

### APROFUNDAMENTO DO TEMA

#### 1. O sonho da imortalidade

Temos estado a ver, ao longo deste ano, vários momentos e passos dessa “peregrinação” que o Povo de Deus vai fazendo pela história; e temos constatado a presença salvadora de Deus em cada passo e em cada momento do caminho percorrido.

Já quase no final do nosso percurso de reflexão deste ano, chega, agora, a altura de perguntarmos: para onde conduz esse caminho? Qual é a meta final dessa caminhada? Essa salvação que Deus insiste em oferecer ao seu Povo é, apenas, para “o caminho”, ou diz respeito, também, ao que nos espera no final desse caminho? E em que moldes?

Desde sempre, a humanidade sonhou com a imortalidade e buscou a imortalidade. Algumas vezes esse sonho foi plasmado em reflexões muito belas (como a “Epopéia de Gilgamesh”, um antiquíssimo poema mesopotâmico que narra a busca de um herói chamado Gilgamesh no sentido de encontrar a “planta da vida”, capaz de assegurar ao homem a vida eterna); outras, em custosos esforços no sentido de eliminar a doença e de vencer as debilidades que ameaçam a vida humana.

Os esforços da ciência têm revelado algum êxito no que diz respeito ao prolongamento da vida, quer no tempo, quer na qualidade. As descobertas e avanços no campo da medicina, os novos medicamentos, a melhoria geral das condições de vida e de saúde, têm contribuído para que a esperança de vida aumente e para que essa vida seja vivida com mais qualidade.

O que não conseguimos, ainda, foi eliminar a morte biológica. Assim, a nossa experiência de todos os dias diz-nos que o nosso caminho nesta terra – seja ele mais ou menos longo, mais ou menos feliz – há de ter um fim. A morte parece ser, para todos os homens e mulheres uma triste inevitabilidade, que destrói e enterra os nossos sonhos e a nossa aspiração à vida.

Como é que a humanidade lida com esta realidade? De muitas e variadas formas... Uns aumentam os esforços científicos e técnicos para “parar” a morte, procurando soluções que prolonguem a vida; outros barricam-se atrás de teorias que asseguram novas vidas para além da morte (como, por exemplo, a reencarnação); outros, ainda, conformam-se, tentam acomodar-se à ideia da morte e consideram que, com a morte biológica tudo termina para os homens...

E nós, crentes, que estamos certos da existência de um Deus criador e salvador, que quer que os seus filhos e filhas tenham Vida e a tenham em abundância, como lidamos com isto? Como olhamos para a realidade que nos espera para além da morte biológica?

## **2. A resposta da nossa fé**

A fé cristã garante-nos que o nosso destino final não é um destino de morte, mas é um destino de vida.

Na época de Jesus, os fariseus e os saduceus discutiam a possibilidade ou a impossibilidade da ressurreição. Certa vez, os saduceus (que não acreditavam na ressurreição) vieram trazer a Jesus o caso hipotético da mulher que casou, sucessivamente, com sete irmãos, e perguntavam de quem seria ela esposa, no mundo que há de vir (Lc 20,27-40). Jesus, não se limitou a responder à questão (dizendo-lhes que esse mundo que há de vir não será construído e ordenado de acordo com os nossos esquemas e lógicas humanos porque, então, os homens e as mulheres serão “filhos de Deus”), mas quis também reafirmar a certeza da ressurreição: o nosso Deus, “o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob não é um Deus de mortos, mas de vivos; pois, para Ele, todos estão vivos”.

Sim, o Deus em quem acreditamos é um Deus de vivos. Ele provou isso ao ressuscitar Jesus, o Filho que os homens condenaram à morte, que pregaram na cruz e que sepultaram num túmulo, em Jerusalém. Cristo ressuscitou, venceu a morte, está vivo, porque Deus, seu Pai, que é o Deus da Vida, não deixou que a morte o vencesse. Se Cristo não ressuscitou, diz-nos Paulo de Tarso, a nossa fé é uma mentira e para nada serve (cf. 1 Cor 15,14).

Ora, se acreditamos na Ressurreição de Cristo, temos de acreditar também na nossa própria Ressurreição. "Cristo ressuscitou dos mortos" – continua Paulo – "como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida" (1 Cor 15,20-22). O próprio Cristo disse: "Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá para sempre" (Jo 11,25-26). Noutras circunstâncias, Ele reafirmou: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não atrair; e Eu hei de ressuscita-lo no último dia... Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê tem a vida eterna" (Jo 6,44.47). E ainda: "Quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna" (Jo 4,14). Quem adere a Jesus, quem escuta e acolhe as suas palavras, quem vive de acordo com as suas propostas, quem percorre com Ele o caminho do amor, da entrega, da doação a Deus e aos outros, não morrerá; como Jesus, está destinado à Vida. Essa "Vida" é-nos dada já neste mundo; mas alcançará a sua plena maturidade quando nos libertarmos definitivamente desses limites que a nossa realidade humana nos impõe.

É isso que nos espera no final do nosso caminho nesta terra. Iremos, inevitavelmente, passar pela morte biológica; mas, aí, daremos o salto definitivo para essa Vida plena e eterna que Deus tem para oferecer àqueles que aderiram a Cristo, que o seguiram, que se tornaram membros do seu Corpo. Sabemos, portanto, que não temos nesta terra a nossa "morada permanente". Enquanto caminhamos nesta terra, empenhamo-nos em cumprir a missão que Deus nos confiou, comprometidos com a construção do mundo sonhado por Deus, solidários com as dores e dificuldades, as alegrias e as esperanças dos nossos companheiros de "viagem"; mas o nosso olhar crente não se fixa nas estreitas margens deste mundo: olha para além da fronteira da morte, para esses horizontes ilimitados da Vida verdadeira e eterna.

### **3. O mundo que há de vir**

Como será essa realidade que nos espera, para além das fronteiras da morte física? Podemos, desde já, conhecê-la?

Trata-se de uma realidade que está absolutamente para além daquilo que é a nossa experiência e compreensão humana... Não podemos falar dela com a nossa linguagem banal, pois esta apenas reflete a realidade deste mundo onde vivemos e que conhecemos. Do mundo que há de vir, só podemos falar

por aproximação, usando figuras e imagens. É assim que a Bíblia faz: utiliza imagens para levantar a ponta do véu que nos separa e nos esconde essa realidade última para a qual caminhamos...

Uma das descrições mais bonitas e mais sugestivas do mundo que há de vir (e que recorre, precisamente, à linguagem dos símbolos para nos "sugerir" algo desse mundo novo para o qual caminhamos) aparece no final do livro do "Apocalipse" (cf. Ap 21,1-8; 22,9-22,5): é a "visão" da "nova Jerusalém que desce do céu". Essa "nova cidade" é apresentada como o culminar das aspirações humanas, o ponto de chegada da caminhada dos homens, a meta da história da salvação.

Antes de mais, diz-se que ela desce do céu, "de junto de Deus" (Ap 21,2). É uma forma de expressar o facto de essa "nova cidade" ter origem divina, ser uma criação absoluta de Deus. Não está marcada, nos seus fundamentos, pela debilidade da intervenção humana, mas pela perfeição de Deus. Sendo uma realidade "santa", que resulta de Deus e pertence a Deus, não contará com os cenários onde, até então, se desenrolou a história de uma humanidade marcada pela debilidade e pelo pecado (por isso, "o primeiro céu e a primeira terra" desapareceram, e o mar, símbolo dos poderes maléficos que se opõem à vida de Deus, "já não existia" – Ap 21,1). Outras consequências do pecado e da debilidade humanas – as lágrimas, o luto, a dor, a morte – não farão parte dessa "nova cidade" (cf. Ap 21,4-5): são coisas do mundo "velho", que refletem a realidade desse mundo imperfeito que a humanidade já conhece, mas que não têm lugar nesse mundo novo que Deus nos quer oferecer.

Aí será "a morada de Deus entre os homens" (Ap 21,3): Deus aí habitará com o seu Povo. Por isso, essa "cidade" será a "nova Jerusalém" (Ap 21,10), uma vez que era em Jerusalém que Jahwéh vivia no meio do seu Povo e o Povo se encontrava com o seu Deus. Deus e o seu Povo viverão juntos, em comunhão total de vida.

Essa "nova Jerusalém que desce do céu" apresenta-se "como noiva adornada para o seu Esposo" (Ap 21,2). A imagem das "núpcias" do Povo (a noiva) com o seu Deus (o noivo) reforça e completa a ideia da comunhão total, da união completa, do amor ilimitado que existirão, então, entre Deus e o seu Povo. Sugere, também, a ideia de que o Povo de Deus (a noiva) estará totalmente consagrado a Deus (o noivo). Essa "nova cidade" corresponderá, portanto, à situação de uma humanidade em total comunhão com Deus, unida a Deus por um amor eterno e indestrutível, consagrada a Deus, que vive de Deus, com Deus e para Deus.

Dessa “nova cidade” diz-se, ainda, que estará “marcada” pelo número doze (cf. Ap 21,12-14): doze portas (cada uma tem gravado o nome de uma das tribos de Israel), doze alicerces (em cada um deles está gravado o nome de um dos apóstolos): é a cidade do Povo de Deus (as doze tribos do Antigo Testamento, os 12 Apóstolos que estão na origem da comunidade de Jesus). Contudo, as portas estarão orientadas em direção aos quatro pontos cardeais, mostrando que nela têm lugar todos os povos da terra, sem exceção. A forma da cidade (um quadrado perfeito) é a forma do “Santo dos Santos” (o lugar mais sagrado do antigo Templo de Jerusalém, o lugar onde Deus residia no meio do seu Povo): indica que toda a cidade é o Templo onde Deus reside, em todo e qualquer lugar da cidade estar-se-á na presença de Deus. Não haverá Templo, pois “o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, e o Cordeiro são seu Templo” (Ap 21,22).

Essa “nova cidade” recriará esse paraíso original de que fala o livro do “Gênesis” (cf. Gen 2,8-14): as pedras preciosas, o ouro, a água abundante, a árvore da Vida são imagens que sugerem beleza e felicidade sem fim, vida em abundância (cf. Ap 21,18-20; 22,1-2). Contudo, aí não haverá, como no jardim primitivo (cf. Gen 3,16-22), nem ameaça, nem culpa, nem dores, nem condenação... Aí não haverá nada que possa obscurecer a feliz existência de uma humanidade renovada, que vive face a face com Deus.

Os habitantes desta cidade “hão de trazer gravado nas suas frentes o nome do Cordeiro” (Ap 22,4): significa que pertencem definitivamente a Deus, que a sua vocação é ser de Deus e que Deus será sempre o horizonte para o qual olham e para o qual vivem.

Aquí nunca haverá noite, nem trevas (cf. Ap 22,5). A luz brota de Deus (“a cidade não necessita de sol nem de lua, pois a glória de Deus a ilumina e a sua lâmpada é o Cordeiro” – Ap 21,23).

Como será, então, essa “cidade” que nos espera e para a qual caminhamos? Apenas podemos dizer – utilizando a nossa “pobre” linguagem humana – que será a cidade iluminada pela presença de Deus e de Jesus, onde a humanidade que aceita a Vida de Deus viverá em total comunhão com Deus, dando culto e louvor a Deus, e vivendo uma existência de felicidade sem fim.

## **OBJETIVOS**

- Compreender que a nossa existência não se esgota nesta terra: somos um Povo que caminha pela vida e pela história ao encontro da “nova Jerusalém”, a cidade onde está a nossa “casa” definitiva.

- Perceber que não temos dados para “pintar” com pormenores o cenário dessa “casa” que nos espera, mas sabemos que aí viveremos em total comunhão com Deus, numa felicidade que não terá fim.
- Olhar com naturalidade e serenidade para esse horizonte último, sentir vontade de começar, desde já, a prepará-lo.

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

1. Esta catequese, para além dos seus objetivos próprios, conforme se indicam, pretende preparar as crianças e com as crianças, a Celebração da Esperança, 30ª e última catequese deste ano de «peregrinação», pois aquilo que se lhe propôs foi uma longa viagem no tempo, na Bíblia e na sua experiência religiosa, tendo como meta a possibilidade de um encontro mais pleno e mais profundo com Deus Pai, criador, que as ama e lhes pede amor.
2. Para se conseguir atingir a meta da preparação para a Celebração, que tem, também, os seus importantes objetivos, propomos **uma catequese organizada como um dia de retiro**: as crianças e os catequistas (e, no caso de a paróquia ter mais do que um grupo de Catecismo 5, sugere-se que todos os grupos sejam encaminhados para uma Casa de Retiros e que realizem algumas partes da catequese em conjunto) disporão de um dia para se preparar e para organizar a referida Celebração, num ambiente diferente e especial, que convide à oração, à reflexão, à partilha, ao convívio e ao trabalho. Neste Guia, sugerem-se as várias atividades que permitem atingir os objetivos determinados para a catequese 29 e ainda se fornecem sugestões concretas para a preparação da **Celebração da Esperança** mas os catequistas podem, e devem, prever e animar outros momentos de oração e animação musical que lhes pareçam poder enriquecer o dia.
3. Todas as atividades ou preparativos da Celebração que possam ser decididos, combinados, organizados e executados pelas crianças, devem sê-lo; os catequistas farão o seu determinante papel de orientadores, de facilitadores, de conselheiros. É importante, para a preparação deste dia e a sua implementação, que de todas as ações se retire o devido dividendo espiritual e educativo.
4. Como se propõe um dia de retiro, é sempre necessário que o catequista conte com a ajuda de outras pessoas (um jovem ou adulto para cada oito crianças) assim como das pessoas que vão colaborar, especificamente, nas

várias atividades. Também é fundamental fornecer às crianças e suas famílias a lista do material a transportar na mochila de cada um; o material que serve de base às atividades deve ser verificado antes da saída, garantindo que toda agente tem tudo o que faz falta.

5. Nesta catequese e na catequese final, pretende-se que as crianças se comprometam com a **construção da comunidade eclesial e com o projeto que Deus tem para cada uma**; a concretização desse objetivo, tão importante para o crescimento das crianças e da sua vivência como membros plenos do Corpo de Cristo, supõe um esforço de toda a comunidade paroquial, pois os vários grupos, cujas tarefas são, mesmo de modo limitado e muito orientado, acessíveis às crianças, têm de se preparar para as acolher de forma permanente e concreta: é importante que as crianças possam fazer um ano dessa experiência (o ano do Catecismo 6) e continuar, se for o seu desejo.
6. Dentro do que é a pedagogia do dia de retiro, propomos três momentos para a Expressão de Fé:
  - 1) Um primeiro momento de oração, que coroa a leitura da Palavra;
  - 2) A descoberta da «razão da sua esperança», síntese de um ano de caminhada em catequese;
  - 3) Preparação da Celebração da Esperança, com uma celebração penitencial (seguida do sacramento da reconciliação, no próprio dia ou em dia a combinar).
7. É evidente para um adulto que esta catequese propõe uma reflexão sobre a vida eterna, sobre a vida que se atinge após a morte. O conceito de morte, na sua radicalidade e permanência, é difícil de entender por crianças mesmo já bastante crescidas. Mesmo sobre a vida, como já se referiu anteriormente, só nesta idade começam a ter uma certa ideia de passado mas ainda não têm ideia de futuro: o futuro é o próximo fim de semana em que se vai à praia pela primeira vez neste verão! De qualquer modo, o catequista, que se guiará pelas indicações e reflexões propostas pelo Aprofundamento do Tema, deve considerar que: a) numa cultura tão centrada na juventude, beleza física e saúde, como a nossa, a morte é algo que se quer longe da vista, como se se tratasse de um acidente fortuito e desagradável e não de um destino digno e concreto de cada pessoa; assim, a maioria das crianças é mantida longe dessa experiência pois, também, são poucas as pessoas que

falecem em casa, junto dos seus; b) Isso não significa que as crianças, algumas delas, não tenham vivido a perda de alguém próximo: dos avós, até dos pais ou de um irmão ou colega da escola; algumas separações mais brutais de pessoas vivas também podem assumir este peso de «morte» e com a agravante de facilitar poucas oportunidades de luto; mas, tendo em conta o que se referiu, hoje é sempre mais difícil fazer o luto, também porque a promessa de salvação e de felicidade eterna diz cada vez menos numa sociedade materialista como a nossa; portanto, o catequista deve operar com delicadeza e estar certo de que, o próprio, resolveu já esta questão, pensou maduramente nela e, em caso de necessidade, procurou conselho junto de um sacerdote ou catequista mais experiente; c) Se não deve ignorar as preocupações e dores das crianças, também não deve ridicularizar as suas impressões: atualmente, para uma criança e, às vezes, até um adulto, a perda de um animal que foi uma fiel mascote canaliza muitos sentimentos que não se tem a oportunidade de viver com outras pessoas e, se bem que seja uma atitude potencialmente perturbada, merece todo o respeito porque se tratam de sentimentos reais das pessoas; há que ouvir e procurar elevar. Para a maioria das crianças será a sua grande experiência de perda e pode ser real, vivida, agora aprofundada e amadurecida pelas propostas que se lhes fará.

## MATERIAIS

- Todo o material necessário para um dia passado fora de casa: alimentos, bebidas, creme solar, chapéus, estojo de primeiros socorros...
- Catecismo, Barra Cronológica e Bíblia das crianças e dos catequistas;
- Uma resma de papel e lápis de carvão;
- Lápis de cor, de cera e marcadores, em número suficiente para todas as crianças;
- Folhas de papel colorido com a frase «**Qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos?**» e pequenos alfinetes de ama/dama, em número suficiente para todas as crianças;
- Folhas com a Oração do Espírito Santo;
- Câmara fotográfica digital (do telemóvel ou outra semelhante), computador, projetor, CDs com cânticos e leitor de CD, conforme os catequistas organizarem as atividades e os intervalos;

## **COLABORADORES**

**Para que a catequese, em dia de retiro, se possa desenvolver plenamente, o catequista, além das pessoas que o vão ajudar a orientar e a cuidar das crianças, necessita de mais alguns colaboradores:** são leigos ou religiosos, representantes das várias atividades e responsabilidades da comunidade paroquial, que vão explicar às crianças em que consiste a sua atividade: Conselho Pastoral e Conselho Económico, Coros, Confrarias, Associações, Grupos de Oração e Apostolado, Acólitos, Leitores, Grupos de Apoio Humano (rouparia, farmácia, Banco Alimentar, ...), Decoração e limpeza, Preparação de Adereços, Jornalistas, Catequistas e Animadores Pastorais, responsáveis pelo site na Internet ...

Se participarem no dia de retiro vários grupos de crianças, pode fazer-se a apresentação em grande grupo e a reflexão no grupo habitual de catequese mas, neste caso, convém providenciar alguns instrumentos de apoio à apresentação, como a projeção digital de fotos e/ou filmes que mostrem as atividades desses grupos. Os colaboradores também podem dividir-se em pequenos grupos e ir circulando entre os grupos de crianças após um dado intervalo de tempo, a combinar previamente.

Primeiro fazem a sua apresentação aqueles cujas tarefas não são acessíveis às crianças (por exemplo, o Conselho Económico) e, depois, os grupos que vão acolher as crianças: por exemplo, o coro, os acólitos, o Banco Alimentar, ...

## **MÚSICAS**

- Sugere-se que o catequista escolha, para cantar ao longo do dia, as músicas que, aprendidas pelas crianças, elas mais apreciaram; também deve ter em conta a necessidade de ensinar e ensaiar os cânticos sugeridos para a **Celebração da Esperança (Catequese 30. Deus ama-nos!)**.
- "O Senhor conduz a marcha";
- "Ide amigos, pelo mundo".



## **Preparação do espaço:**

Sugere-se que seja escolhido um espaço cómodo, amplo e versátil, capaz de acolher crianças sem constrangimentos, pois estas devem estar seguras, poder conversar, trabalhar e brincar – cada coisa em seu momento – livremente e sem uma excessiva necessidade de supervisão. É necessário poder contar com um espaço interior confortável e adaptável às atividades e às refeições, onde

também seja possível sentar no chão, assim como um espaço exterior para brincar e conviver. Também será importante poder usar uma capela para a Expressão de Fé.

O material necessário para as dinâmicas deve acompanhar o grupo, assim como a água e o devido farnel para os lanches, da manhã e da tarde, e o almoço, que deve ser repartido sob a indicação do catequista, isto é, este combina previamente com as famílias, na Reunião de Pais, aquilo que cada criança deve levar para colocar em comum e que material lhe faz falta (pratos, copos, ...).

## I. EXPERIÊNCIA HUMANA

**1.** *A catequese tem início com o acolhimento, no local de partida. Antes de entrarem no transporte, o catequista explica:*

Hoje vamos ter um dia diferente! A nossa catequese vai começar aqui mesmo, mas onde e quando irá terminar? Vamos ver! Um bocadinho de aventura não faz mal a ninguém! Olhem, apesar de voltarmos para dormir nas nossas casas, logo à noite, levamos aqui a nossa «tenda», isto é, todo o material e toda a alimentação que nos vão permitir viver o nosso dia noutro espaço, um espaço novo para nós, bom, confortável, bonito, ... um espaço onde vamos, por exemplo, dispor de uma zona exterior (*ou jardim, ou pinhal, ...*) que não temos tido nas nossas outras catequese (*salvo, se for o caso, de terem realizado a peregrinação anteriormente sugerida, experiência que o catequista pode aqui relembrar*). Muitas vezes, só nas férias é que podemos usar um espaço assim, gozar o convívio dos amigos ao ar livre, brincar e correr ...

*O catequista instala as crianças no transporte e, antes de partirem, refere: Lembram-se de termos falado de Abraão, não lembram? (Deixar as crianças pronunciarem-se). Pois, ele fez um grande caminho e andava sempre com a «casa às costas», não era? De facto, para fazer a vontade de Deus, aquilo que Ele lhe pediu, Abraão esteve disponível para montar e desmontar a sua tenda tantas vezes ... Podem tirar da mochila o vosso catecismo e recordar na página 29 como seriam as caravanas em que Abraão viajava. Ora bem, pode não ser tão longo e complicado como o caminho de Abraão, pode, até, ser apenas o nosso caminho habitual de sair de casa e ir para a escola, depois para catequese, ir dar uma volta, regressar a casa, ou ser um passeio como o de hoje, que vamos iniciar, mas, o que é certo, é que todos os dias montamos e desmontamos a nossa "tenda" e partimos, outra vez, a percorrer um caminho novo, até chegarmos a outro lugar, a outra paragem, a outro ponto da nossa vida...*

Mas, enquanto caminhamos, **sentimos que estamos em viagem e que, embora gostando da viagem, não pertencemos aqui, a este sítio ...** Estamos para trabalhar, estamos de férias, mas espera-nos a nossa casa ... Caminhamos, caminhamos, caminhamos, até chegar à nossa casa "definitiva", à nossa casa verdadeira, a tal que vai durar para sempre e que não será preciso cada dia montar e desmontar. Como logo à noite, quando estivermos de regresso...

*Depois de um breve silêncio, o catequista propõe que se cante o cântico:*  
**"O Senhor conduz a marcha".**

Agora, que já recordámos, cantando, que o Senhor está presente, está connosco, aqui.. cada dia, cada instante, vamos partir para a pequena viagem que nos vai levar ao nosso local de «retiro»: porque hoje vamos ficar «retirados», isto é, um bocadinho mais longe da nossa vida de todos os dias, para pensarmos no grande caminho que fizemos este ano e no caminho, mais curto, que nos vai levar à nossa Celebração, no dia ... (*indicar o dia*). Será a nossa Celebração da Esperança e hoje vamos pensar no que isso significa. Lembrem-se de como, na última catequese, explicámos o que era a Esperança? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Muito bem: esperança quer dizer, como nós fomos descobrindo ao longo deste ano, que o Povo de Deus vivia numa atitude em que esperava ver o cumprimento das promessas do Deus da Aliança nesta vida: a instalação na terra prometida, a libertação dos inimigos, o regresso do exílio ... Esta esperança aparece cantada em muitos Salmos e, alguns deles, nós rezámos com eles, na nossa catequese, unidos a essa Esperança: Deus tem um projeto de felicidade para nós, propõe um caminho e apoia-nos enquanto nós vamos de viagem! Depois, mais tarde, descobrimos que o Livro do Apocalipse é o livro da esperança da Igreja; na última catequese, percebemos isso mesmo: apesar das dificuldades e do sofrimento, das nossas limitações, do nosso pecado, do nosso medo, Deus está connosco aconteça o que acontecer ... Ele é a promessa, a esperança, da nossa felicidade, mesmo na tristeza e na dor. Lembrem-se daquelas palavras que lemos no Livro do Apocalipse? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Em **Ap 1,17-18** dizia assim (*o catequista lê*):

**Não tenhas medo!**

**Eu sou o Primeiro e o Último;**

**aquele que vive;**

**estive morto; mas, como vês, estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da Morte e do Abismo.**

Pois, Ele está connosco e leva-nos para a felicidade: isso esperamos, com a nossa fé! Isso procuramos, vivendo com amor a Deus e ao nosso próximo! Mas para onde nos leva? Agora, vamos de viagem e, quando lá chegarmos, vamos descobrir!

2. *À chegada, o catequista reúne as crianças à entrada e diz: Já chegámos à casa que será a nossa casa durante este dia especial ... mas, qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos? É uma grande pergunta e eu até vos vou deixar com ela! (O catequista entrega a cada criança a folha de papel com esta questão e um alfinete, para que prenda a folha à sua mochila). Enquanto as crianças colocam os alfinetes, canta-se o cântico:*

**"O Senhor conduz a marcha".**

3. *Depois de uns momentos de recreio e do lanche da manhã, o catequista reúne as crianças numa sala ampla e onde se possam sentar no chão. Sentam-se em círculo e o catequista pede: Gostava que cada um tirasse da mochila a sua Barra Cronológica. (Depois de todos a terem na mão) Vamos abrir no espaço da catequese 25. O que é que nós temos aí? (convidar as crianças a ler a inscrição:)* «Deus chama-nos a construir, em seu nome, um mundo de Amor, Entendimento, Paz, Compreensão. A que tarefas me chama?» Muito bem! Na catequese 25 nós estivemos a refletir sobre a Igreja que Cristo fundou, onde nós somos Corpo de Cristo, cada um com o seu lugar e a sua tarefa e, muito importante, lembrámos/descobrimos que foi no Espírito Santo que nós fomos batizados para, como dizia S. Paulo, "formar um só corpo" (cf. 1 Cor 12, 12, 27). De facto, e recordo-vos, a Igreja é a grande família daqueles que escutam e seguem Jesus, pessoas, como nós, que ... podem ver na página 107 do vosso catecismo ... "recebem o Espírito Santo para continuarem no mundo a obra que Jesus começou".

Por isso mesmo, cada um tem, na sua **Barra Cronológica**, uma anotação, feita na sequência dessa catequese, em que explica como gostava de participar na vida da Igreja. Agora, vamos ouvir o que cada um escreveu e conversar um bocadinho sobre como é que as vossas escolhas se podem tornar realidade.

*Se o catequista verificar que nem todas as crianças responderam à questão «A que tarefas me chama?», pede a um colaborador que se reúna com as crianças que já responderam, a alguma distância do espaço escolhido para trabalhar, e as oriente no ensaio de uns cânticos e o catequista organiza-se*

*para ajudar as crianças restantes a resolver a tarefa. É natural que as crianças deem respostas vagas e indeterminadas, ou que muitas delas queiram ser catequistas, que é a atividade que melhor conhecem. Para as encaminhar, se preparou a atividade seguinte.*

*Depois de todos a terem realizado, volta-se a reunir o grupo e procede-se à leitura das respostas, começando pela criança que está à direita do catequista e terminando com este. Se estiverem presentes outros adultos, também indicam as suas responsabilidades na comunidade de fé.*

*O catequista prossegue:*

*As vossas ideias são muito boas e revelam um grande desejo de colaborar na construção da Igreja! É uma grande responsabilidade mas também é uma alegria! Posso partilhar convosco como é importante para mim ser catequista, apesar do trabalho e da preocupação que me dá, mas o que eu ganho com isso é superior a tudo o mais! Estão de parabéns e eu estou muito orgulhoso! MAS, não quero que essas ideias fiquem, para sempre, guardadas na nossa Barra Cronológica! É preciso passar à ação! Somos o Povo de Deus e temos de viver como tal! Por isso mesmo, tenho uma surpresa para vós!*

- 4. O catequista chama os seus colaboradores deste dia, os representantes das várias atividades e responsabilidades da comunidade paroquial, que vão explicar às crianças em que consiste a sua atividade. Depois de as crianças ficarem totalmente esclarecidas, podendo colocar as suas questões, retiram-se e o catequista retoma as tarefas do grupo:*

*Agora, cada um já sabe o que pode fazer para realizar o seu sonho de assumir uma tarefa na Igreja. Eu escolhi ser catequista ... (O catequista pode partilhar um pouco mais da alegria, empenho, compromisso e responsabilidade da sua escolha.) Para vos ajudar a fazer a vossa escolha, vamos rezar a oração do Espírito Santo, também pare que este continue a guiar-me e a ajudar-me a ser um catequista muito responsável e competente e para ajudar cada um de vós a fazer a escolha que Deus imaginou para vós...*

*De pé, rezam todos:*

**Vinde, Espírito Santo,  
enchei os corações dos vossos fiéis  
e acendei neles o fogo do vosso amor.  
Enviai, Senhor, o Vosso Espírito,  
e tudo será criado, e renovareis a face da terra.  
Dai-nos, Senhor, o vosso Espírito de Vida!  
Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis  
com a luz do Espírito Santo,  
fazei que apreciemos retamente todas as coisas  
e gozemos sempre da sua consolação.  
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,  
na unidade do Espírito Santo.  
Amen.**

*Depois da oração, o catequista pede a cada criança para exprimir a sua escolha e depois de todas estarem esclarecidas e certas daquilo que desejam fazer, registam a sua escolha concreta (qual o grupo em que se desejam integrar) na **Barra Cronológica** (espaço da catequese 25).*

*Finda a tarefa, o catequista explica:*

Na nossa Celebração, no final, ides mostrar à nossa comunidade paroquia qual é a vossa escolha e exprimir o vosso compromisso de levar por diante, com entusiasmo e responsabilidade, este projeto que Deus tem para vós.

*A partir do esquema da catequese 30, inscrito neste Guia (a consultar nas páginas seguintes), e das decisões tomadas pelo grupo de catequistas do Catecismo 5, relativamente à Celebração da Esperança, o catequista explica como se procederá e pode, até, fazer um pequeno ensaio.*

*Depois de um ensaio dos cânticos escolhidos, o almoço é preparado e apreciado. Segue-se um período de recreio livre e/ou animado por jogos.*

## **II. PALAVRA**

- 1. Após o recreio que se seguiu ao almoço, o grupo volta a reunir-se e leva as mochilas consigo. Para ajudar as crianças a concentrarem-se, pode-se*

*começar por ensaiar um cântico. Depois, o catequista, após uns momentos de silêncio, introduz a atividade:*

Nós hoje começámos o nosso dia com dois motivos de reflexão: a primeira tinha a ver com viagem, caminho, peregrinação ... assim como nós fizemos ao longo deste ano e estamos hoje a fazer, no nosso dia de retiro ... saímos de casa, fomos de viagem, e isso é uma imagem da nossa vida, onde caminhamos em direção a algo melhor e maior... Está aí pregado na vossa mochila, ora leiam lá! *(As crianças leem a inscrição que foi fixada nas suas mochilas)* **«Qual será a casa definitiva, verdadeira, que não se monta e desmonta cada dia, para a qual caminhamos?»** A nossa segunda reflexão é sobre esta atitude de esperança, que nos anima no caminho ... esperamos algo desta viagem ... como o Povo de Deus esperou, tal como nós lemos ao longo de todo este ano ...

Para nos ajudar a fazer esta reflexão, vamos, agora, como sempre, ler e meditar a Palavra de Deus, escutá-lo a falar ao nosso coração e à nossa inteligência. Deus, hoje, tem algo para dizer a cada um ... Vamos preparar-nos para escutar, em silêncio.

*Depois de um breve silêncio, o catequista introduz:*

Alguns anos depois de Jesus ter morrido, um cristão cujo nome não conhecemos apresentou, certa vez, uma reflexão (ou uma "homilia", semelhante às homilias que os sacerdotes fazem, ao Domingo, na Missa) dirigida "aos Hebreus" – isto é, aos cristãos de origem judaica, que tinham descoberto Jesus Cristo e se tinham tornado seus seguidores. Nessa reflexão esse cristão, depois de apresentar os exemplos de alguns homens e mulheres importantes na história da salvação (como Noé, Abraão, Sara), que foram pessoas boas, de muita fé, que cumpriram na terra a missão que Deus lhe confiou, diz o seguinte (**Heb 11,13-16**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro da Carta de S. Paulo aos Hebreus.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Foi na fé que todos eles morreram,  
sem terem obtido os bens prometidos,  
mas tendo-os somente visto e saudado de longe,  
confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra.  
Ora, os que assim falam, mostram que procuram uma pátria.  
Se eles tivessem pensado naquela que tinham deixado,  
teriam tido oportunidade de lá voltar;  
mas agora eles aspiram a uma pátria melhor, isto é, à pátria celeste.  
Por isso, Deus não se envergonha de ser chamado «o seu Deus»,  
porque preparou para eles uma cidade.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

2. Diz-se, neste texto, que essas pessoas – pessoas que fizeram o bem e que procuraram cumprir as tarefas que Deus lhes confiou – eram “peregrinos” sobre a terra. **Sabeis o que é um “peregrino”**, não sabeis? Podeis ver algumas imagens de peregrinos ... de alguém que está de passagem por um sítio, na página 121 do catecismo. Até os peregrinos em Jerusalém (o catequista indica a foto, no canto superior direito da página 121 e deixa as crianças pronunciarem-se). É uma pessoa que anda em viagem, que vai percorrendo caminhos, que se desloca todos os dias de um lugar para o outro sem fixar a sua morada em nenhum desses lugares. Ele não “pertence” a esses lugares; apenas passa por eles, na sua viagem, mas não tem lá a sua casa. Como nós, hoje. Agora, neste dia, esta é a nossa casa, mas, logo, faremos uma viagem para a nossa Casa com letra grande ... Ora, Noé, Abraão e Sara foram “peregrinos sobre a terra”... Eles caminharam pela terra, andaram pela vida, foram de um lugar para o outro (como nós andamos todos os dias), mas a “terra” não era o lugar da sua morada, não era a sua casa para sempre.

Diz-se, também, que eles aspiravam “a uma pátria melhor, isto é, à pátria celeste”. **Sabeis o que é uma “pátria”**, não sabeis? (Deixar as crianças pronunciarem-se). É o lugar onde cada um nasceu, onde cada um se sente bem, é o lugar a que cada um sente que pertence. Assim, o texto diz-nos

que Noé, Abraão e Sara caminhavam na terra, mas sentiam que aquela não era a sua pátria, o lugar onde se sentiam melhor, o lugar a que pertenciam... Então, qual **seria o lugar a que eles pertenciam, a que eles aspiravam?** O texto diz: é a "pátria celeste". Portanto, Noé, Abraão e Sara sentiam que não pertenciam à terra e que o "seu lugar", a sua morada definitiva e mais querida, o lugar a que eles sentiam pertencer era o céu (a "pátria celeste"). Diz-se, finalmente, que Deus – esse Deus em quem eles acreditaram, esse Deus que os acompanhou no seu caminho e lhes deu Vida e salvação – "preparou para eles uma cidade". Quer dizer, **Deus preparou para eles uma "casa" definitiva, uma morada para sempre numa "cidade" especial, nessa "pátria" com que eles sonhavam.**

Noé, Abraão e Sara não foram um "caso especial" e único... Eles representam todos os homens e mulheres que são amigos de Deus, que são chamados por Deus a uma missão, que caminham pelo mundo e pela vida, como peregrinos, mas não vão ficar na terra para sempre... Para os amigos de Deus, a terra não é a sua morada definitiva... Um dia, eles vão deixar de andar na terra e vão para essa "pátria" onde se sentem bem, a que pertencem verdadeiramente, e que será a sua morada para sempre. **Nós usamos a palavra "céu" para designar o lugar para onde os amigos de Deus caminham, a "cidade" onde Deus preparou a "casa" definitiva onde os seus amigos vão morar para sempre.** É para aí que todos os amigos de Deus caminham, é com essa "casa" que todos sonham.

### **3. Como será essa "pátria melhor", essa "casa" que Deus preparou para os seus amigos e para onde todos nós caminhamos?**

É difícil dizer, pois nós, enquanto caminhamos nesta terra, não podemos ver essa nossa "pátria" futura, essa nossa casa para sempre. E, como sabeis, é difícil falar de coisas que não podemos ver..

Um cristão chamado João, que viveu alguns anos depois da morte de Jesus, chamou a essa "cidade" a "nova Jerusalém" que desce do céu (**Ap 21,2**). Sabeis o que era a cidade de Jerusalém para os judeus, não sabeis? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*). Era uma cidade muito bonita, uma cidade que pertencia a Deus, uma cidade onde Deus morava (no seu Templo) e onde Ele se encontrava com o seu Povo... Por isso, o livro do "Apocalipse" fala assim desta "cidade" (**Ap 21,3**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja connosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Esta é a morada de Deus entre os homens.**

**Ele habitará com eles;**

**eles serão o seu Povo**

**e o próprio Deus estará com eles.**

**Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;**

**e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*O catequista prossegue:* **Nessa tal "cidade" que Deus prepara para nós e onde encontraremos a nossa casa para sempre, estaremos sempre com Deus. Moraremos com Ele e Deus estará sempre connosco.**

Mais ainda: Deus não deixará que o mal, o sofrimento, a dor, que nos apoquentam e magoam enquanto caminhamos na terra onde somos peregrinos, entrem nessa nova "cidade" para onde vamos. Seremos, portanto, totalmente felizes: porque não seremos atingidos pelo mal e porque estaremos sempre com Deus, ao lado de Deus.

**Seremos uma humanidade reunida à volta de Deus, que vive em harmonia e em paz, formando um único Povo** – o Povo de Deus, que se reúne à volta de Deus e que recebe Vida de Deus.

Será uma cidade bonita? Será, certamente (para dizer isso, o tal cristão chamado João que escreveu o livro do Apocalipse usa "imagens" que nós entendemos: diz que ela estará cheia de ouro e pedras preciosas, e que será uma cidade cheia de luz, de uma luz que vem de Deus). Mas, sobretudo, será uma "cidade" onde seremos plenamente felizes (cf. **Ap 22,1-3**):

*Catequista:*

**O Senhor esteja conosco.**

*Crianças:*

**Ele está no meio de nós.**

*Catequista:*

**Leitura do Livro do Apocalipse.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

*Criança:*

**Mostrou-me, depois, um rio de água viva,  
resplendente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro.  
No meio da praça da cidade e nas margens do rio está a árvore da Vida  
que produz doze colheitas de frutos;  
em cada mês o seu fruto, e as folhas da árvore  
servem de medicamento para as nações.  
E ali nunca mais haverá nada maldito.**

*Catequista:*

**Palavra da salvação.**

*Crianças:*

**Glória a Vós, Senhor.**

4. *O catequista continua a sua explicação:* Quem escreveu este texto está a usar "imagens" para nos dizer algo sobre essa "cidade". Quando ele fala de "um rio... que saía do trono de Deus e do Cordeiro" (que é Jesus), ou quando ele fala de uma árvore que dá Vida e que produz frutos novos todos os meses, o que é que ele estará a querer dizer, com essas imagens? Já sabeis que a água é fonte de Vida, não é verdade... E, depois, a árvore da Vida que dá muito fruto, completa a ideia... É evidente, não é?

Claro. Ele está a dizer-nos que **nessa nova "cidade" que nos espera, nessa pátria onde iremos viver para sempre, nesse lugar onde estaremos sempre com Deus, teremos Vida em abundância, Vida para sempre.** Isto é, seremos plenamente felizes, viveremos – juntamente com Deus e com todos os nossos irmãos e irmãs que escolheram fazer parte do Povo de Deus – uma felicidade e uma alegria que nunca terão fim.

**Agora, reparem muito bem, como muita atenção:** Nós não sabemos quando chegará a nossa vez de entrar nessa “cidade” onde está a nossa “casa para sempre”. Por agora, ainda somos peregrinos que caminham pelo mundo, no meio de dores e dificuldades, de alegrias e tristezas, de êxitos e de fracassos, lutando a cada passo contra a injustiça, a maldade, a doença, a morte e, até, por vezes conseguindo fazer o bem, fazer a diferença, mudando o mundo à medida das nossas possibilidades, sobretudo se estivermos dispostos a escutar Deus e a realizar o projeto que Ele tem para nós ... **Enquanto andamos neste mundo, procuramos escutar e acolher as indicações de Deus que Deus nos vai dando, a fim de não nos perdermos no caminho.** Dia a dia, passo a passo, olhamos para Deus, acolhemos as suas propostas – como haveis feito hoje de manhã; ora mostrai lá, nas vossas Barras Cronológicas! (*As crianças são convidadas a mostrar o registo que fizeram ao final da manhã*) Muito bem! Pois é assim mesmo, procuramos levar a sério a missão que Ele nos confiou... **Avançamos entre alegrias e tristezas, entre sonhos e desilusões, sabendo que nos espera, no final deste caminho, a nossa verdadeira “casa”...** E, um dia, chegaremos a essa “cidade” da Vida eterna que Deus preparou para os seus amigos, para aqueles que querem viver com Ele para sempre. Deus estará lá, à nossa espera, para nos acolher de braços abertos e para nos oferecer a Vida eterna. **Essa é a nossa esperança!** Que um dia, depois de vivermos uma vida boa, sejamos convidados a ficar junto de Deus para sempre, salvos, felizes, sem mais dor nem limitação.

*É muito possível que as crianças tenham questões a colocar sobre como é essa vida, sobre o que lá se pode fazer, quem lá estará ... O catequista deve procurar ouvir e responder sem alimentar fantasias, mas sublinhando as promessas dos textos lidos. Quaisquer que sejam as esperanças imaginadas por cada criança, o que importa é que esta compreenda que o Senhor a ama, a conhece, a acompanha e tudo fará para lhe oferecer uma vida eterna de felicidade. É fundamental que as crianças compreendam e aceitem esta radicalidade do amor de Deus e como a ressurreição de Cristo sanciona todas as suas promessas. Como se diz no início desta catequese, a fé cristã garante-nos que o nosso destino final não é um destino de morte, mas é um destino de vida: esta é a conclusão a que as crianças devem chegar.*

### III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O catequista orienta um primeiro momento de oração, que coroa a leitura da Palavra: Agora estamos prontos para compreender melhor o que é esta nossa caminhada, por isso, vamos, de pé, cantar com alegria o cântico:*

**"Ide amigos, pelo mundo".**

*Depois, o catequista conduz a oração com o seguinte esquema:*

**Criança 1** – Senhor Deus, nós caminhamos todos os dias pelo mundo. Às vezes estamos tristes, às vezes estamos contentes, às vezes estamos cansados, às vezes sentimo-nos com força... Mas sabemos que esta não é a nossa casa para sempre.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

**Criança 2** – Senhor Deus, nós queremos, um dia, encontrar essa "cidade" de Vida e de felicidade sem fim que tu queres oferecer a todos os teus filhos e filhas... E nós queremos aí viver contigo para sempre.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

**Criança 3** – Senhor Deus, continua, todos os dias, a dizer-nos por onde devemos andar para chegar a essa "cidade" da Vida sem fim... Continua falar-nos, a corrigir os nossos passos quando nos desviarmos do caminho, a pegar em nós ao colo quando estivermos cansados e desanimados.

Todos: **Não temos nesta terra uma casa para sempre; caminhamos para ti, Senhor!**

*O catequista termina esta etapa, propondo: Cantemos de novo o cântico:*

**"Ide amigos, pelo mundo".**

*Depois do cântico, o catequista indica:*

Agora, podemos voltar a sentar-nos. E vamos pegar, de novo, nas nossas **Barras Cronológicas**. Este ano, trabalhámos com o nosso catecismo e com as Barras, onde fomos registando as nossas reflexões e os nossos

compromissos. Agora – e o catequista abre a Barra virando a face que contém as catequese 16 a 30 para as crianças – podemos ver muitas coisas que conseguimos pensar, sentir e fazer, podemos compreender como, depois deste ano de catequese estais mais crescidos, mais fortes, mais sábios e sois melhores, sois mais capazes de amar. Mas, toda esta experiência tem um segredo ... qual será? (*Deixar as crianças pronunciarem-se*) ... não sei muito bem se é exatamente isso, mas já vos irei propor uma tarefa que nos vai ajudar a ter ideias claras! Tudo começa com o trabalho de arte que haveis feito, com quanto empenho e carinho, depois da catequese 28 (o catequista pede às crianças que mostrem a sua obra de arte, colocada na **Barra Cronológica**, espaço da catequese anterior, 28).

*Se eventualmente algumas crianças não tiverem feito o trabalho, o catequista divide o grupo e procede como se explicou anteriormente, dando oportunidade a que todos o possam concluir.*

*Depois, sugere-se que, (e explicando às crianças o objetivo) para poder partilhar estes trabalhos com os participantes da Celebração, se fotografem as crianças com os trabalhos entre as suas mãos, uma a uma, para estes poderem ser montados numa apresentação multimédia, a mostrar na referida Celebração. Também podem ser fotocopiados a cores, junto com o nome da cada criança, e montados numa folha de cenário, mas esta opção, embora evite o recurso à máquina fotográfica e ao computador e projetor, implica maiores gastos materiais.*

*Depois de tiradas as fotografias, o catequista prossegue:*

Estas obras de arte mostram como não tendes medo de viver fazendo o bem porque Deus está convosco, está connosco, os seus filhos! Está connosco desde o princípio até ao fim da nossa vida! Agora, sugeria que cada um lesse, para si, o texto da Primeira Carta de S. Pedro que também está registado na vossa Barra Cronológica, no espaço seguinte, e ficasse, em silêncio, a pensar naquilo que S. Pedro nos quer dizer e no que isso significa para a nossa vida.

2. O catequista propõe uma atividade de descoberta da «razão da nossa esperança», síntese de um ano de caminhada em catequese;

O texto indicado é: "E quem nos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de

vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar, mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça” (1 Pe 3, 13-15).

*O catequista indica:*

Proponho que pensels na parte final do texto, escrito com letras coloridas ... (o catequista distribui lápis de carvão e folhas de papel de rascunho às crianças e indica:) Cada um, neste papel de rascunho, vai escrever, com o coração e a inteligência, qual a razão da sua esperança, porque é que sabe que, um dia, daqui a muito tempo, vai estar junto de Deus, feliz para sempre, na eternidade.

*Depois de dar algum tempo às crianças para resolverem a tarefa por escrito, procurando garantir que todos exprimem o seu sentir e pensar, e de rever algumas falha na ortografia e/ou construção das frases, pede às crianças para lerem para os colegas e, de seguida, facultando lápis de cor ou de cera, pede às crianças para registarem os seus textos na **Barra Cronológica**, espaço da catequese 29.*

*Para a preparação da Celebração o catequista, depois, recolhe as Barras Cronológicas. Os textos também podem ser fotografados ou serão copiados (em fotocópia, digitalizados no scanner ou datilografados para o computador) para se juntarem aos trabalhos da catequese 28. Serão montados no placar a preparar, e que será exposto durante a Celebração, ou na apresentação montada em computador (PowerPoint), que será igualmente mostrada durante a Celebração.*

*Depois de um intervalo para lanchar e conviver, o catequista volta a reunir as crianças para concluir a Expressão de Fé e, depois, terminar de preparar e ensaiar a Celebração.*

- 3. Preparação da Celebração da Esperança, com uma celebração penitencial (seguida do sacramento da reconciliação, no próprio dia ou em dia a combinar).**

*O catequista, tendo preparado previamente a Celebração Penitencial, condu-la, se possível juntamente com o sacerdote que irá presidir à Celebração da Esperança e que, depois, poderá confessar as crianças. Se for este o caso,*

*as crianças podem começar por lhe mostrar os seus trabalhos da Barra Cronológica correspondentes às catequeses 25 a 29, que foram trabalhadas durante este dia de retiro. Se as confissões não poderem ter lugar neste dia, devem ficar agendadas com as crianças.*

*Também é importante reservar um tempo final, antes da viagem de regresso, para escolher os cânticos e ensaiar, explicar a Celebração, preparar os leitores e combinar o arranjo do espaço (disposição, arranjos florais, ...) e do lanche que se lhe seguirá. As crianças devem preencher o Convite que está na página 129 do catecismo e mostrá-lo em casa. Caso ainda não se tenha feito a Reunião de Pais, deve ter lugar de imediato, para se conseguir a melhor colaboração das famílias.*

**4. Compromisso:** Celebração do Sacramento da Reconciliação e preparação da Celebração da Esperança.

***Para guardar na memória e no coração***

Esta é a morada de Deus entre os homens.

Ele habitará com eles;

eles serão o seu Povo

e o próprio Deus estará com eles.

Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos;

e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor.

Ap 21,2

**DOCUMENTO 1**

**Propostas de apresentação dos trabalhos das crianças, na Celebração da Esperança.**

**1. Em placar** (uma folha de cenário mantida erguida por suportes - um placar grande, um quadro, ...) - para grupos pequenos

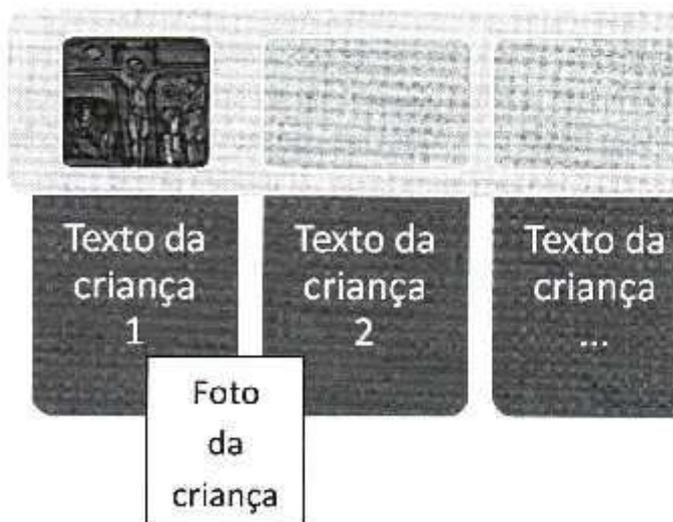
Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança
Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte	Transcrição do texto Nome da criança	Trabalho de Arte

**2. Em slides digitais (PowerPoint)** - esquema possível para cada slide - para grupos grandes.

Optando por esta solução, a identificação das crianças pode ser feita com a digitalização da sua assinatura, colocada depois do texto, ou com uma foto da criança, tal como se indica.

Caso o PowerPoint seja apresentado sem que se faça a leitura dos textos,

é preferível introduzir música, como seja um *medley* de alguns dos cânticos que as crianças cantaram ao longo do ano, gravando-se estas a cantar ou usando a gravação do CD da Pasta de Material Pedagógico Auxiliar do Catecismo 5.



## «DEUS AMA-NOS!» (Celebração da Esperança)

### I – INTRODUÇÃO

#### APROFUNDAMENTO DO TEMA

##### 1. Uma “história de salvação”

Ao longo deste ano, **olhamos para o projeto de Vida e de salvação que Deus tem para a humanidade** e que tem vindo a concretizar ao longo da história e do caminho dos homens. Detivemo-nos a **refletir sobre alguns dos momentos e passos mais significativos dessa história, conhecemos algumas figuras de homens e de mulheres a quem Deus confiou um papel importante** na concretização desse projeto, **olhamos para a meta** para onde se dirige esta humanidade que caminha de mãos dadas com Deus... E sentimos-nos felizes por fazer parte desta incrível história de amor. Sempre que olhamos, através do nevoeiro do tempo, para a história dos homens e do mundo, percebemos a presença salvadora de Deus que nos tranquiliza, acalma e aquieta... Ele já estava lá, no grande momento em que o nosso mundo começou, como presença criadora, preparando uma “casa” bonita e acolhedora para nós; com amor, Ele criou os homens e mulheres à sua própria imagem e semelhança, deu-lhes dignidade, confiou-lhes a tarefa de colaborar com Ele na contínua criação do mundo, apontou-lhes os caminhos que deviam percorrer para encontrarem Vida e felicidade (embora lhes tenha também dado a liberdade de escolher, e os homens e as mulheres tenham, muitas vezes, preferido caminhos de egoísmo, de orgulho, de autossuficiência que só geram sofrimento, dores e morte).

Numa etapa ulterior dessa história de amor, vimos Deus a escolher e a chamar uma família – a de Abraão – a convidá-la para fazer uma caminhada de descoberta do rosto e do projeto de Deus. Quando essa família, por

circunstâncias históricas, conheceu a opressão e parecia condenada à morte, Deus estendeu-lhe a mão e salvou-a, mostrando-se definitivamente como o Deus salvador e libertador, que não aceita a injustiça e a exploração pois o projeto que ele tem para os seus filhos e filhas é um projeto de Vida e de liberdade. Quando essa família teve que percorrer os caminhos desolados do deserto, Deus estava ao seu lado, apontando-lhe o rumo certo, dando-lhe a comida, a água e o ânimo necessários para que as distâncias e as dificuldades fossem vencidas... Com essa família Deus fez, depois, uma "aliança": propôs que ela formasse um Povo dedicado ao serviço de Deus e que aceitasse viver de acordo com as indicações de Deus. Aceite essa "aliança", a família de Abraão passou a ser o "Povo de Deus", o Povo que vive numa especial relação de comunhão, de proximidade e de familiaridade com Deus e que caminha na história dando testemunho do rosto e das propostas de Deus. Essa história de comunhão e de familiaridade (ou de "aliança") continuou pelos séculos fora, mesmo quando o Povo de Deus esquecia os seus compromissos e escolhia caminhos de egoísmo, de injustiça, de orgulho, de pecado... Para ajudar o seu Povo a caminhar, Deus enviou-lhe "juízes", que libertaram Israel quando ele sofreu a agressão de outras nações; enviou-lhe profetas, que recordaram a Israel a necessidade de não esquecer as propostas e indicações de Deus; enviou-lhe reis, que conduziram e animaram o Povo em nome de Deus... Em certo momento do caminho, Deus até permitiu que o seu Povo fizesse a experiência do cativo numa terra estrangeira, a fim de se renovar, de crescer, de descobrir novos horizontes de futuro e de esperança... O que nunca faltou, ao longo deste longo e acidentado caminho, foi a presença constante de Deus, o seu cuidado, a sua ternura e o seu amor de Pai e de Mãe...

Na altura prevista no seu plano, Deus avançou para uma nova etapa neste "caminho de salvação": enviou ao mundo o seu próprio Filho, a fim de apontar à humanidade caminhos de Vida... Jesus Cristo, o Filho de Deus, nasceu de Maria, "montou a sua tenda no meio de nós", caminhou connosco pelos caminhos do mundo, falou-nos de um "Reino" que Deus nos queria propor, anunciou a libertação aos pequenos, aos pobres, aos marginalizados, e ensinou-nos que o mundo sonhado por Deus é possível quando aprendemos a fazer da nossa vida um dom de amor. À volta de Jesus e da sua proposta juntou-se um grupo de discípulos, que caminharam com Ele desde a Galileia até Jerusalém. Mas, um dia, as autoridades judaicas, incomodadas com a proposta libertadora que Jesus trazia, condenaram-no à morte e crucificaram-no numa colina fora das muralhas de Jerusalém. Porém, a morte não o venceu:

Deus ressuscitou-o; e, dessa forma, Jesus venceu o egoísmo, a violência, o pecado e a morte...

Depois de Jesus, o Filho de Deus, ter reentrado na comunhão do Pai, os discípulos que tinham andado com Ele e testemunhado as suas palavras e gestos formaram uma comunidade, que passou a intitular-se "Igreja", ou "assembleia reunida à volta de Deus". Conduzidos e animados pelo Espírito de Jesus Ressuscitado, esses discípulos foram pelo mundo inteiro propor a todos os homens e mulheres o projeto salvador que Jesus lhes tinha apresentado. E, pelos séculos fora, esta "Igreja" (a comunidade que nasce da água do Batismo e que se alimenta do Pão da Eucaristia), sempre animada pelo Espírito do Ressuscitado, continua a tornar presente no mundo a salvação de Deus.

Para onde é que a humanidade caminha? O que é que nos espera no final dessa caminhada? Certamente, espera-nos esse Deus que ama, com amor de pai e de mãe, a humanidade que criou e que, desde o primeiro instante da história dos homens, tem em marcha um projeto de salvação e de Vida. Nós acreditamos que, no final da nossa peregrinação por esta terra (que não é a nossa "casa" definitiva") encontraremos uma "cidade" de luz e de paz onde Deus preparou, para nós, uma "morada permanente". Então, encontrar-nos-emos com Ele, receberemos dele Vida plena, viveremos dele e com Ele, numa felicidade sem fim.

Esta é a "história da salvação", uma história de amor infinito que Deus inventou e que Ele não desiste de viver com os seus filhos e filhas.

## **2. Quem é o nosso Deus?**

Quem é o nosso Deus? Como é que Ele é? Como é que Ele atua? O que é que o move?

Da contemplação da história da salvação, brota uma certeza que responde a todas estas interrogações: Deus é amor. É uma afirmação que se nos impõe de forma clara, inquestionável, lógica, definitiva, absoluta...Ao longo da história da humanidade, de mil e uma formas, Deus nunca cessou de mostrar o seu amor, de nos "dizer" o seu amor, de nos oferecer o seu amor... Por isso, a história da salvação é, antes de mais, uma maravilhosa história de amor.

Esse amor ficou logo expresso naquele ato criador que fez aparecer o universo, o mundo, a vida e, sobretudo, o homem e a mulher, criados à Imagem e semelhança do próprio Deus; esse amor foi, mais tarde, reafirmado quando Deus chamou uma família – a de Abraão – e começou com ela um caminho de revelação, de aproximação e de encontro; esse amor foi manifestado quando

Deus veio ao encontro do seu Povo oprimido para o salvar da escravidão do Egito e para o pôr a caminho da liberdade; esse amor foi solenemente confirmado quando Deus propôs a Israel uma “aliança”, um compromisso, uma comunhão de vida e de caminho; esse amor foi repetidamente provado em gestos concretos que refletiram, na história e no tempo, a bondade, o cuidado, o dom, o perdão, a solicitude de Deus pelo seu Povo... Esse amor alcançou a sua plena expressão quando Deus enviou o seu próprio Filho ao encontro dos homens para lhes dar a conhecer a sua proposta de salvação, quando Ele aceitou que o seu Filho fosse morto por esses homens que queria salvar, e quando Ele ressuscitou o seu Filho para oferecer aos homens a vitória sobre a maldade, o pecado e a morte... Esse amor continua a manifestar-se, na história do mundo, na vida dessa comunidade de discípulos que, animada pelo Espírito, tem como missão testemunhar em toda a terra a Vida e a salvação de Deus.

**Deus é amor...** Eis o belo resumo de toda a história da salvação. Diante desta certeza – que ilumina a nossa vida e que alimenta a nossa esperança em cada dia da nossa vida – resta-nos aceitar embarcar nesta história de amor que Deus nos convida a viver com Ele, aceitar a Vida e a salvação que Ele nos oferece... e manifestar-lhe a nossa gratidão e o nosso louvor em cada passo e em todo o momento do caminho que com Ele fazemos.

## **OBJETIVOS**

- Tomar consciência da caminhada de fé feita ao longo do ano.
- Constatar que a história da salvação é uma história onde, em cada momento e a cada passo, se manifesta o imenso amor de Deus pela humanidade.
- Celebrar e louvar Deus, que nos ama, reconhecendo as «razões da nossa esperança».

## **OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS**

**1.** A Celebração da Esperança é aqui apresentada na sua versão mais singela mas é de todo o interesse que seja adaptada para a sua integração na Eucaristia. Se tal for o caso, sugere-se:

1ª Leitura – 1 Pe 3, 13 – 17;

Salmo responsorial – 136 ou algum dos que as crianças rezaram durante o ano e seja para estas particularmente significativo;

Evangelho – do dia.

2. Nesta celebração, conclusiva de um ano de catequese dedicado a um percurso histórico - salvífico, as crianças, à semelhança do que aconteceu na Celebração da Palavra, no final do 4º Catecismo, vão dar o seu testemunho de fé e pedir à comunidade, Corpo de Cristo fundada no Espírito Santo através do batismo, que os receba ainda mais plenamente, que aceite o concurso da sua fé, da sua caridade e que as ajude a aprofundar, pelo trabalho e pela colaboração, a razão da sua esperança. Assim, a colaboração da comunidade de fé, não só no dia, mas nos que se lhe seguirão, é imprescindível e requer o empenho dos catequistas.
3. Como é habitual, procure o catequista colaborar com o sacerdote na preparação da homilia, não só seguindo os passos que aqui se propõem, mas partindo das reflexões que as crianças registaram na sua Barra Cronológica e que, tal como no final do Catecismo 4, depois de digitalizadas, lhe podem ser oferecidas e, ainda, ficar disponíveis no site da paróquia na Internet, acompanhadas de um texto introdutório.
4. As crianças são convidadas a fazer a oferta simbólica da sua **Barra Cronológica** – que para elas representa o caminho de um ano, a «viagem» que a leitura da Bíblia lhes proporcionou, do crescimento que, assim foi conseguido – ao grupo paroquial com o qual desejam colaborar; esta oferta é partilhada pela Assembleia, que «recebe» o seu esforço artístico de traduzir em beleza a proposta de Jesus no Livro do Apocalipse, «Não tenhais medo!» (Apo 1, 17) e o seu compromisso com a Esperança, através do enunciado das suas razões pessoais e que, afinal, é um modo de as levar a testemunhar a sua fé. Na catequese 29 deixaram-se algumas sugestões práticas para a preparação deste momento, que se deve revestir de beleza, de solenidade e de empenho. Depois, recebem o caderno dos «Exploradores de Deus», preparados, como estão para, já durante as férias, descobrir a presença de Deus no mundo, identificar os espaços e os tempos de onde parece ausente e empenhar-se, trabalhar, para o tornar visível e atuante. É muito importante que, no pensamento e na vida das crianças, a catequese e o empenho cristão que desenvolve, não vão de férias!
5. Para uma maior participação, procure-se que sejam as crianças a fazer as leituras, depois de uma preparação cuidada, com a ajuda do catequista e, se possível, dos pais. Se os textos bíblicos o permitirem, a leitura pode ser feita de um modo dialogado, como foi sendo sugerido para os encontros de catequese e o catequista manterá o seu papel de narrador.

6. Depois da celebração, é aconselhável que se organize um convívio.

## **MATERIAIS**

- O que é habitualmente necessário para a celebração da Eucaristia, se a Celebração se integrar nesta;
- As Barras Cronológicas das crianças;
- Mesa, ou outro móvel, para expor as Barras Cronológicas das crianças, durante o convívio;
- Cesto com cerca de 30 cm de diâmetro (ou bandejas), uma para cada grupo da paróquia em que as crianças se irão integrar;
- Grande placar ou ecrã, computador e projetor, para a apresentação das obras de arte e dos textos com as «razões da esperança» das crianças;
- Caderno do «Explorador de Deus», um para cada criança;
- Diploma, uma para cada criança;
- Comida e bebida para o convívio;
- Folhas de inscrição das crianças para o próximo ano;
- Folhas com a transcrição das orações, conforme o catequista julgue necessário.

## **MÚSICAS**

- As indicadas no desenvolvimento da celebração ou outras, mas, tanto quanto possível, que tenham sido usadas nos encontros de catequese deste 5º ano e preparadas com as crianças no dia de retiro.

II - AD - SEN - MO - W - M - EN - IO - PA - CY - AN - E - O - BI - E - SE

## **CELEBRAÇÃO**

### **1. Cortejo de entrada**

*O Presidente da celebração, juntamente com as crianças, o catequista e os pais das crianças, reúnem-se fora da Igreja, num local apropriado. Depois, caminham para o local da celebração, de mãos dadas. Cantam:*

### **2. Cântico de entrada**

### **3. Saudação e acolhimento**

*Presidente:*

A graça de Deus, nosso Pai, que nos ama e quer salvar-nos,

e de Jesus Cristo, o Filho que veio ao nosso encontro para nos mostrar o amor de Deus, estejam connosco.

*Todos:*

Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

*Presidente:*

Ao longo deste ano fizemos uma caminhada...

E, ao longo dessa caminhada, fomos olhando para vários momentos da história da humanidade... O que é que descobrimos? Descobrimos que, em todos os momentos, Deus aparecia nessa história, Deus estava lá a acompanhar todos os passos desse caminho que os homens e as mulheres percorriam. E Deus estava lá, a fazer o quê? A vigiar os seres humanos para os castigar pelos seus disparates? Não, claro que não... Deus estava lá a ajudar os homens e mulheres a caminhar, Deus estava lá a dar-lhes vida, Deus estava lá a indicar-lhes os caminhos para chegar à felicidade...Podemos dizer que Deus esteve sempre presente na história dos homens para lhes oferecer a salvação.

Hoje, no final do nosso caminho deste ano, vamos recordar alguns passos desta história de salvação.

#### **4. Evocação da História da salvação**

*As crianças deslocam-se ao ambão, para proceder à leitura; caso haja texto para todas as crianças do grupo, leem e colocam-se atrás do ambão, a um metro de distância, até à última leitura, lado a lado; no fim da leitura, escutam a apresentação feita pelo Presidente e voltam, em fila, para os seus lugares. Se o grupo (ou grupos) tiver muitas crianças e as leituras forem feitas apenas por alguns representantes, as crianças chegam ao ambão por um lado e saem pelo outro, dando a vez ao leitor seguinte; dirigem-se de imediato aos seus lugares.*

**Cântico:** "O Senhor conduz a marcha"

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo  
cada dia, cada instante.

Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 1* – No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era, então, um espaço vazio e fumegante, e a Vida ainda não tinha brotado da terra desolada... Mas Deus já estava lá a preparar, com amor, uma "casa" para os seres humanos habitarem.

*Criança 2* - Depois, milhares e milhares de séculos correram no rio do tempo e, por ordem de Deus, surgiram a terra e os oceanos, as plantas e os animais que povoaram toda a superfície terrestre. E Deus estava lá, a preparar uma "casa" bela e harmoniosa para os seres humanos habitarem.

*Criança 3* – Milhares e milhares de anos correram no rio do tempo quando, por ordem de Deus, apareceram os homens e as mulheres. Deus criou-os para se amarem, para se ajudarem, para partilharem a vida, para serem felizes... Confiou-lhes o universo que tinha criado e indicou-lhes em que caminhos deviam andar para terem Vida. E Deus amou os seres humanos que criou.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 4* – Correram mais alguns milhares de anos no rio do tempo...E Deus chamou um homem – Abraão. Convidou-o a percorrer os caminhos que conduziam à Terra da Vida, à Terra de Deus. Abraão fez o que o Senhor Deus mandou... E assim começou a nascer o Povo de Deus.

*Criança 5* – E correram mais alguns séculos no rio do tempo... A família de Abraão viveu tempos difíceis, sofreu muito e pediu a Deus que a libertasse da escravidão do Egito... E Deus salvou-os da morte, fê-los fugir das tropas egípcias através do Mar e tornou-os livres. E esse Povo que foi salvo agradeceu a Deus e disse-lhe: "Tu és o Deus libertador, tu és o nosso Deus!"

*Criança 6* – E Deus convidou o Povo a fazer com Ele uma aliança, um compromisso de amor... E o Povo de Deus aceitou comprometer-se com Deus, aceitou viver de acordo com as indicações de Deus e aceitou ser um sinal de Deus e das suas propostas no meio de todos os outros povos.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Criança 7* – Correram mais alguns séculos no rio do tempo... Deus viu que o seu Povo caminhava por caminhos errados e ficou triste... Então, enviou ao seu Povo os profetas, para o ajudar a redescobrir o caminho certo. E os profetas, por indicação de Deus, disseram ao Povo que não seria feliz se escolhesse a maldade, a violência, a exploração dos mais pobres...

*Criança 8* – Ao longo da história, Deus chamou muitas outras pessoas e deu-lhes a missão de ajudar o Povo a caminhar... Através dessas pessoas, Deus estendia a mão ao seu Povo e mostrava-lhe o que devia fazer para ser um Povo feliz, para viver em paz, para encontrar Vida abundante.

*Criança 9* – Certa vez, o Povo foi derrotado pelos seus inimigos e foi levado prisioneiro para uma terra estrangeira... Apesar da ingratidão do Povo, Deus não o abandonou: acompanhou-o, cuidou dele, consolou-o, deu-lhe esperança... E até aproveitou esse tempo e essa experiência para ajudar o seu Povo a crescer, a renovar-se, a ser mais responsável e adulto.

Coro: O Senhor conduz a marcha deste mundo,  
cada dia, cada instante.  
Ele está presente, está connosco aqui,  
porque unidos no amor.

*Presidente:*

Até aqui, recordámos esses tempos muito antigos de que nos falam os livros do Antigo Testamento... Foram os tempos em que Deus atuou na vida e na história do seu Povo através de pessoas que chamou e enviou como agentes e testemunhas da sua salvação.

Agora, contudo, vamos dar um passo em frente e vamos recordar uma outra etapa desta história... Vamos recordar o que aconteceu quando o próprio Deus veio ter connosco e fez a sua casa no meio de nós, mostrou, radicalmente, como tínhamos razão para ter esperança e em quem deveríamos colocá-la.

**Cântico:** "Cristo dará a liberdade".

Coro: Cristo dará a liberdade  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

*Criança 10* – Mais alguns séculos correram no rio do tempo... E, um dia, Deus enviou ao mundo o seu Filho, Jesus Cristo, que nos veio mostrar o amor de Deus, que nos olhou nos olhos e nos disse palavras de Deus. Ele reuniu à sua volta um grupo de discípulos e mostrou-lhes, com as suas palavras, com os seus gestos, com o seu amor, como se constrói esse mundo de Vida, de verdade, de paz que Deus quer oferecer-nos.

*Criança 11* – Os homens maus, aqueles que gostavam do egoísmo, da violência, da mentira, da escravidão, combinaram entre si dar a morte de Jesus para que as propostas de Deus não vencessem. E Jesus foi morto numa cruz. Morreu porque nos amou e quis ensinar-nos os caminhos de Deus, os caminhos da Vida, os caminhos da felicidade.

*Criança 12* – Mas o mal não venceu... Deus ressuscitou o seu Filho e, assim, Ele venceu a maldade, a violência, a injustiça, o pecado, a morte. E Jesus Cristo mostrou-nos, ao ressuscitar, que a maldade e a morte não vencem aqueles que vivem de acordo com as indicações e propostas de Deus.

Coro: Cristo dará a liberdade,  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

*Criança 13* – Depois de Jesus ter ressuscitado e ter voltado para junto do seu Pai, os seus discípulos receberam o Espírito Santo – a força e a Vida de Deus. E partiram pelo mundo a mostrar, com as suas palavras e com os seus gestos, as propostas que Jesus tinha vindo trazer aos homens e mulheres do mundo inteiro.

*Criança 14* – É através da comunidade dos discípulos de Jesus – a Igreja – que Deus vem ao encontro do mundo para lhe oferecer a Vida e a salvação. E os discípulos de Jesus sabem que não estão sozinhos, pois Jesus vai sempre com eles, ajuda-os nas dificuldades, dá-lhes forças, luta com eles contra a maldade que existe no mundo.

*Catequista* – Os discípulos de Jesus caminham ao encontro de Deus, pois sabem que esta “casa” que é o mundo não será a sua casa para sempre. Eles caminham ao encontro de uma “cidade” onde viverão sempre com Deus, numa vida de felicidade que não terá fim.

Coro: Cristo dará a liberdade,  
Cristo dará a salvação,  
Cristo dará a esperança,  
Cristo dará o amor.

Presidente:

*Se as crianças estiverem alinhadas por detrás do ambão, indica-as e faz-lhes uma referência, saudando o percurso – o caminho – na história e na vida, que foi este ano de catequese. Se já estiverem nos seus lugares, faz a mesma referência mas tendo em consideração que as crianças já estão sentadas.*

Nós – e as crianças que estiveram este ano estiveram a preparar o 5º catecismo, a vivê-lo, a construí-lo no seu dia a dia, sabem-no muito bem – fazemos parte deste Povo que, desde o princípio da humanidade, caminha com Deus e recebe Vida de Deus... Nós fazemos parte dessa comunidade constituída a partir das palavras e das propostas de Jesus... Nós somos membros dessa Igreja que é animada pelo Espírito que Jesus enviou e que é chamada a dar testemunho da salvação de Deus no meio do nosso mundo.

*Todos de pé, recita-se o seguinte cântico, em dois coros, crianças e adultos:*

*Todos:* Somos a Igreja de Cristo,  
as pedras vivas do templo do Senhor.

*Crianças* - Povo em marcha para a casa do Pai,  
com Cristo amigo, com Cristo irmão.  
Abre caminho na Fé e na Esperança,  
de mãos nas mãos e num só coração

*Adultos* - Povo de irmãos em redor do irmão,  
Fogo alastrando em fraternidade.  
A mesa posta e lugar para todos,  
é o convite para a liberdade.

*Todos: Somos a Igreja de Cristo,  
as pedras vivas do templo do Senhor.*

*Crianças - Povo que aceita na sua viagem  
que cada um seja igual e diferente,  
mas sem haver nem mais cor nem mais raça,  
todos fazendo a chama mais quente.*

*Adultos - Povo aberto em cada manhã  
ao sol da Fé e ao novo da Graça;  
Povo que encontra no tudo da história,  
o Deus que chega, que vem e que passa.*

**5. Apresentação dos trabalhos das crianças** (*suportes preparados conforme se indica nos documentos da catequese 29*) sobre Apo 1, 17-18 e 1 Pe 3, 15. *O catequista dirige-se ao ambão. Duas crianças, com uma **Barra Cronológica** trabalhada sentam-se no chão, à frente do ambão, mostrando uma face da Barra aberta.*

*Catequista:*

Acabámos de rezar que somos um Povo que encontra no tudo da história o Deus que chega, que vem e que passa. Estas palavras evocam todo o caminho que fizemos na catequese, quando começámos um percurso de descoberta e de amor a Deus ... A nossa introdução foi feita com Deus criador, que nos oferece a vida e um mundo bonito e bom, para viver e sermos felizes. Depois descobrimos como o ser humano, dotado de vontade e de liberdade, às vezes não faz boas escolhas, erra com alguma frequência, vive no egoísmo e no isolamento, longe de Deus e dos outros homens ... Mas Deus nunca nos abandona! Deus caminha connosco e oferece-nos todas as oportunidades para nos convertermos, sermos justos e bons. ... Explorando a história de amor de Deus para com a humanidade, fomos descobrindo o seu projeto para nós:

*O catequista afasta-se ligeiramente do ambão e dá lugar ao(s) leitor(es): Mãe/pai ou casal: sermos seus intérpretes (uma criança avança com o dístico "intérpretes de Deus", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras duas), descobrimos em Jesus o nosso caminho (uma criança avança com o dístico "Jesus é o caminho", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras três), continuarmos a sua obra (uma criança avança com o*

*dístico "continuar a obra de Jesus", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras quatro), tornarmo-nos, pelo Espírito Santo (uma criança avança com o dístico "tornarmo-nos pessoas novas", mostra-o à assembleia e senta-se junto das outras cinco), pessoas novas. Sem medo, e com esperança, recusamos o mal e aprendemos a ...*

*As crianças que têm os dísticos levantam-se, erguem-nos acima da cabeça e em coro:*

*Aprendemos a construir um mundo novo!*

*Depois, introduzido pelo catequista, procede-se à apresentação do painel/ Powerpoint com os trabalhos das crianças, sublinhando-se que essa amostra do que foi aquele grande caminho de um ano, se pode resumir no que as crianças aprenderam e assumiram desta Palavra:*

*Criança 1: Lê Apo 1, 17-18.*

*Ou então, apenas:*

*Criança 2: Lê 1 Pe 3, 15, enquanto a mostra começa.*

## **6. Homilia:**

*Presidente:*

Acabamos de recordar alguns momentos desse caminho que Deus fez com a humanidade, desde o início... Evocamos as ações de Deus, a sua bondade e misericórdia, a sua preocupação com a vida e a salvação do seu Povo, a sua ternura para com todos os seus filhos e filhas.

Ao ver tudo isso, ocorre-nos perguntar: Porquê? Porque é que Deus sempre nos acompanhou? Porque é que Deus sempre nos ajudou? Porque é que Deus sempre esteve ao nosso lado, a dizer-nos onde estava a Vida e a felicidade? Só há uma resposta para isto: Deus ama-nos com um amor sem limites, com um amor de pai e de mãe... Por isso, preocupa-se com a vida e a felicidade de todos os seus filhos e filhas. Deus fez todas estas coisas boas e bonitas em favor da humanidade, porque nos ama. Toda a história da relação entre Deus e a humanidade é uma história de amor.

Este ano de catequese mostrou-nos isto: Deus ama todos os homens e mulheres que criou... Por isso, está sempre presente no nosso caminho, no caminho que percorremos todos os dias, dando-nos Vida e conduzindo-nos ao encontro dele. Nada temos a temer, ainda que muitas vezes encontremos, ao longo da nossa vida, situações difíceis, que nos afligem e trazem angústia.

Deus ama-nos, Deus vai connosco, Deus dá-nos Vida, Deus cuida de nós,  
Deus espera-nos de braços abertos na sua cidade de Vida plena e de felicidade  
sem fim. Ele é a garantia da nossa esperança!  
Vamos louvá-lo pela sua bondade e pelo seu amor...

## **7. Louvemos o Senhor Deus – Recitação, em forma de litania, do Salmo 136**

*Presidente:* Louvai o nome do Senhor porque Ele é bom,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Louvai o Deus dos deuses,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Louvai o Senhor dos senhores,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Só Ele faz grandes maravilhas,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Fez os céus com sabedoria,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Estendeu a terra sobre as águas,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Criou os grandes luzeiros,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: O sol para presidir ao dia,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: A lua e as estrelas para presidirem à noite,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Feriu os primogénitos dos egípcios,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Tirou Israel do meio deles,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Com a sua mão forte e o seu braço estendido,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Dividiu ao meio o Mar dos Juncos,

Todos: Porque é eterno o seu amor.

Pres.: Fez passar Israel através dele,

Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Afundou o Faraó e o seu exército,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Conduziu o seu Povo pelo deserto,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Feriu grandes reis,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Matou reis poderosos,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Seon, rei dos amorreus,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: E Og, rei de Basan,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Deu a terra deles em herança,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Como herança a Israel, seu servo,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Não se esqueceu de nós na nossa humilhação,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: e livrou-nos dos nossos opressores,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Ele dá alimento a todo o ser vivo,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.  
Pres.: Louvai o Deus do céu,  
Todos: Porque é eterno o seu amor.

## **8. Compromisso das crianças na comunidade e entrega do caderno dos «Exploradores de Deus» e do diploma.**

*O catequista explica que as crianças: (Pode referir o nome de todas elas)*  
Depois de caminharem um ano com Deus e de terem interiorizado o que é ser seu Povo, aprenderam a importância do compromisso com a comunidade de fé, o seu lugar, digno e ativo, no Corpo de Cristo que é a Igreja e que, nesse sentido, se vão comprometer, perante a assembleia aqui reunida, a dar o seu esforço, o seu tempo, o seu coração, o seu trabalho, para que a comunidade

seja Vida, construída por muitas pedras vivas, que a amam e a cuidam, como Deus nos pediu. Fazem-no, como já mostraram, na consciência e na vontade de proclamar, por palavras e por obras, que sabem qual a razão da sua Esperança: Cristo foi morto e ressuscitou, mostrando que tudo o que Deus prometera, desde a aurora da humanidade, já era uma promessa em cumprimento e que agora estava demonstrada pelo facto de o bem ter vencido o mal, pela Vida, e vida eterna, ter vencido a morte, pela ressurreição do Senhor Jesus. A **Barra Cronológica** com que cada um trabalhou este ano simboliza o empenho e o conhecimento com que este compromisso com a comunidade é feito. Depois, cada um vai receber, entregue por (*catequistas ou Presidente da Celebração*) o seu **diploma e o caderno de notas dos «Exploradores de Deus»**, para, durante as suas férias, continuarem a procurar Deus na sua vida e na vida daqueles que os rodeiam.

*O catequista chama os representantes dos diversos grupos da paróquia (tal como explicado na catequese 29 deste Guia) que se alinham perante a assembleia. Cada um tem na mão um pequeno cesto, ornado com uma fita e um cartão colorido em que se refere o nome do grupo: acólitos, catequistas, ... Depois, uma a uma, as crianças vão passando e depositam no cesto do grupo escolhido, a sua **Barra Cronológica**. Depois, passam pelo ambão e fazem, de olhos postos na assembleia, o seu **Compromisso público**:*

*Criança, lendo de um cartão previamente preparado com os catequistas: Eu sou a/o (Nome) e escolhi empenhar-me com as tarefas do(s) ... (indica o grupo) porque quero amar sempre a Deus, seguir o caminho de Jesus e, com a ajuda do Espírito Santo, participar ativamente na construção da sua Igreja. Com as minhas obras darei razão da minha esperança.*

*Depois, a criança que já procedeu à leitura recebe o seu caderno dos «Exploradores de Deus», o diploma e a ficha de inscrição para o 6º catecismo e regressa ao seu lugar. O catequista, após a distribuição, pode explicar brevemente o sentido e a forma como o caderno será trabalhado ao longo das férias, sobretudo para sensibilizar os pais, e refere a inscrição para o 6º catecismo (procedimentos e datas expectáveis).*

## 9. Cântico e bênção final:

*Presidente:*

Meninos e meninas,

tende-vos comprometido a colaborar ativamente na construção de uma Igreja Viva; assim esta comunidade se compromete a receber-vos, a guiar-vos, a dignificar o vosso contributo que, com a ajuda da vossa família, dos vossos amigos, dos vossos catequistas e dos que vos recebem no seu grupo, irá crescendo e tornando-se um instrumento essencial de bem, de bondade, de justiça e de beleza. Bem-vindos, pois, mais uma vez!

E, tal como haveis sempre aprendido com aqueles que vos amam e com a catequese, o Senhor estará convosco na leitura da Palavra – ainda há um ano haveis prometido lê-la sempre, pela vossa vida fora –, na oração, na prática dos sacramentos – em que a eucaristia ocupa um lugar especial: assim, estareis sempre preparados para trabalhar bem e com o maior amor! Sereis sempre capazes de dar a razão da vossa esperança! Que o Senhor realize em vós aquilo com que hoje vos comprometeis.

*Crianças:*

Amen.

### **Bênção.**

**Cântico final:** escolhido pelas crianças dos cânticos aprendidos este ano, de preferência de louvor.

### ***Para guardar na memória e no coração***

“E quem nos poderá fazer mal, se fordes zelosos em praticar o bem? Mas, se tiverdes de padecer por causa da justiça, felizes de vós! Não temais as suas ameaças nem vos deixeis perturbar, mas, no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça”

1 Pe 3, 13-15.